

# Feminismo & Deuda Feminismo & Dívida

Organizadoras

Carolina Pereira Lins Mesquita

Juliana Teixeira Esteves

Nathalia Lipovetsky



LA CITTÀ DEL SOLE

*“Yo no soy un vientre, soy un ser”*  
(Jhoana Patiño)

*“Hasta que la dignidad se haga costumbre”*  
(Jacinta Francisco Marcial)

*“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”*  
(Clarice Lispector)

*“Hay alguien todavía más oprimido que el obrero,  
y es la mujer del obrero”*  
(Flora Tristan)

*“Enquanto mais um jovem negro e pobre é preso só por existir, mais  
uma mãe negra e pobre sofre com a solidão”*  
(Marielle Franco)

*“Escrever é realmente uma forma de pensar – e não apenas sobre  
sentimentos, mas também sobre coisas que são díspares, não resolvidas,  
misteriosas, problemáticas, ou apenas doces.”*  
(Toni Morrison)



Esta publicação es producto de los esfuerzos del *Grupo Internacional, Interinstitucional e Interdisciplinario de Estudios e Investigación en Derecho, Economía y Finanzas Públicas* (GIDEF UFMG/RICDP), fruto de las acciones de Cooperación Académica Internacional iniciadas con el Convenio Marco entre la UFMG y la RICDP.

Esta publicação constitui o produto dos esforços do *Grupo Internacional, Interinstitucional e Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Direito, Economia e Finanças Públicas* (GIDEF UFMG/RICDP), fruto das ações voltadas à Cooperación Acadêmica Internacional iniciadas com o Acordo Marco entre UFMG e RICDP.



Centro de Estudos Internacional Interinstitucional  
Interdisciplinar em Direito, Economia  
e Finanças Públicas (CEDEF-UFMG/RICDP)

**Universidade Federal de Minas Gerais**

Faculdade de Direito da UFMG

Programa de Pós-Graduação em Direito

Programa Universitário de Apoio às Relações de Trabalho e à  
Administração da Justiça (PRUNART-UFMG)

**Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades  
sobre el Estudio de la Deuda Pública**



**m** PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM DIREITO



**UFMG**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

**INSTITUTO  
prunart**

PRUNART

Série Administração da Justiça

Volume XIV



Red Internacional de Cátedras,  
Instituciones y Personalidades  
sobre el estudio de la Deuda Pública

# Feminismo & Deuda Feminismo & Dívida

Organizadoras:

*Carolina Pereira Lins Mesquita*

*Juliana Teixeira Esteves*

*Nathália Lipovetsky*



LA CITTÀ DEL SOLE

---

F329

Feminismo & Deuda = Feminismo & Dívida [recurso eletrônico] / Carolina Pereira Lins Mesquita, Juliana Teixeira Esteves, Nathália Lipovetsky (Org.). [Editoração: Giordano Manes; Colaboração técnica: Angela Colman Collado...[et al.]; Ilustração: Lorena Oliveira Costa (capa) e Gabrielle Braga e Silva (contracapa)]. Napoli – Italia: La Città del Sole, 2020.

441 p. – Inclui bibliografia

ISBN: 978-88-8292-530-7

1. Feminismo 2. Direito das mulheres 3. Mulheres – Condições de trabalho 4. Femicídio I. Mesquita, Carolina Pereira Lins II. Esteves, Juliana Teixeira III. Lipovetsky, Nathalia IV. Título

CDU 396

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Meire Luciane Lorena Queiroz CRB 6/2233.

---

---

Ficha técnica – Feminismo & Deuda / Feminismo & Dívida

Publicación / Editoração: Giordano Manes.

Organización / Organização:

Carolina Pereira Lins Mesquita, Juliana Teixeira Esteves e Nathália Lipovetsky.

Imagen de la portada del libro / Imagem da capa do livro: *A união que floresce* (guache e acrílica sobre papel canson), da artista Lorena Oliveira Costa.

Imagen de la contraportada del libro / Imagem da contracapa do livro: pintura sem nome em óleo sobre tela, da artista Larissa Gabrielle Braga e Silva.

Revisión de texto / Revisão do texto:

- Español: Angela Colman Collado, Gabriela Martínez Leiranes, Graciela Porta Sicardi, Xochitl Citlali Ponce Basaldua.
- Português: Nathalia Lipovetsky e Sarah Campos.

Traducción de presentación/ Tradução da apresentação: Monica Fernandez

Traducción de introducción / Tradução da introdução: Rebeca Oliveira

Revisión final / Revisão final: Angela Colman Collado, Carolina Pereira Lins Mesquita, Gabriela Martínez Leiranes, Juliana Teixeira Esteves, Lucrezia Maria Pisano, Nathália Lipovetsky e Xochitl Citlali Ponce Basaldua.

---

*Edizioni*

LA CITTÀ DEL SOLE

*di Giordano Manes*

redazione@lacittadelsole.net – www.lacittadelsole.net

Napoli/Potenza – Italia

Novembre 2020

# Índice / Sumário

## *Presentación*

- Feminismo, igualdad de género y deuda pública  
*Sandra Regina Goulart Almeida*  
Traducción de *Monica Fernandez* 9

## *Apresentação*

- Feminismos, igualdade de género e dívida pública  
*Sandra Regina Goulart Almeida* 15

- Agradecimientos* 21

- Agradecimentos* 22

- Sobre las autoras / Sobre as autoras* 23

## *Introducción*

- Quiénes somos, qué investigamos y qué queremos  
*Carolina Pereira Lins Mesquita*  
*Juliana Teixeira Esteves*  
*Nathalia Lipovetsky*  
Traducción de *Rebeca Oliveira* 36

## *Introdução*

- Quem somos, o que pesquisamos e o que pretendemos  
*Carolina Pereira Lins Mesquita*  
*Juliana Teixeira Esteves*  
*Nathalia Lipovetsky* 42

PARTE I  
Invisibilidad, lucha y emancipación  
Invisibilização, luta e emancipação

A potencialidade do conceito de interseccionalidade <i>Pâmela Guimarães-Silva</i> <i>Olivia Pilar</i>	52
Feminismos de(s)coloniales <i>Karina Ochoa</i>	70
Feminismo, psicoanálisis y emancipación <i>Nora Merlin</i>	84
Voci non ascoltate di donne: eguaglianza e diritti attraverso la letteratura femminile <i>Lucrezia Maria Pisano</i>	92
Epistemologia subalterna e o protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos direitos originários: experiências do acampamento terra livre (2016-2019) <i>Alessandra Marchioni</i>	102

PARTE II  
Feminismo y deuda pública  
Feminismo e dívida pública

O sistema da dívida e os direitos das mulheres no Brasil <i>Maria Lucia Fattorelli</i> <i>Juliana Teixeira Esteves</i> <i>Priscila Martins de O. Santana</i> <i>Sarah Campos</i>	119
Dívida pública e justiça intergeracional: desafio para as instituições jurídicas <i>Larissa Gabrielle Braga e Silva</i>	161

Dívida Pública e Feminização da Pobreza <i>Lúisa Santos Paulo</i> <i>Sarah Campos</i>	177
Vossa excelência, uma mulher negra: interseccionalidade entre raça e gênero na magistratura brasileira <i>Adriana Avelar Alves</i>	210

### PARTE III

## Feminismo y política Feminismo e política

Ideología, hegemonía y comunidad: la rebelión de las mujeres como una lucha incesante entre la política y lo político <i>Mónica Fernández Braga</i>	228
Las feministas estamos tomando el cielo por asalto <i>Yesica Yanina Leyes Navarro</i> <i>Seyla Jaqueline Riera Bauer</i>	248
A política para o macho: uma crítica feminista ao sistema eleitoral e sua política afirmativa de promoção da representatividade do gênero feminino <i>Adriana Campos Silva</i> <i>Sabrina de Paula Braga</i>	264
De los derechos a la libertad: la discursividad neoliberal <i>Gabriela Martínez Leiranes</i>	278

### PARTE IV

## Feminismo y trabajo Feminismo e trabalho

Salarios para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados: hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas <i>Xochitl Citlali Ponce Basaldua</i> <i>Rosangela Lizette Santana Belmont</i>	298
---	-----

As desigualdades no mercado de trabalho: apontamentos sobre o hiato salarial entre mulheres e homens <i>Nathalia Lipovetsky</i> <i>Aurélia Neves</i>	314
La plusvalía del trabajo no remunerado: la doble explotación que sufren las mujeres, por ser obreras y por ser mujeres <i>Angela Colman</i> <i>Natália Franco</i> <i>Rebeca Oliveira</i>	329
Nós, mulheres: entre trabalhos, lutas e tensões <i>Carolina Pereira Lins Mesquita</i> <i>Carla Appollinario de Castro</i>	344

## PARTE V

### Feminismo y violencia

### Feminismo e violência

Existirmos, a que será que se destina? Cultura do estupro: a naturalização da violência contra as mulheres na mídia <i>Marcella Furtado de Magalhães Gomes</i>	362
Feminicidio en territorios históricamente racializados y contextos violentos en el estado de Guerrero, México <i>Rosa Icela Ojeda Rivera,</i> <i>Frida Hernández Ojeda</i> <i>Aleyda Hernández Ojeda</i>	375
Feminicidios e impunidade em Guerrero, México <i>Frida Verence Hernández Ojeda</i>	413
Mujeres privadas de libertad en el Uruguay: acceso a la justicia <i>Graciela Porta Sicardi</i>	425

PRESENTACIÓN

# Feminismo, igualdad de género y deuda pública

*Sandra Regina Goulart Almeida*  
Rectora de la Universidad Federal de Minas Gerais

*“Puedes cerrar todas las bibliotecas  
si quieres, pero no hay barrera,  
cerraduras, ni cerrojos, que puedas  
imponer a la libertad de mi pensamiento”*  
Virginia Wolf, *Un techo todo tuyo*

Cuando Virginia Wolf escribe *Un techo todo tuyo*, en 1929, que se convertiría en una de las obras más celebradas para discutir el tema de la mujer, su condición en la sociedad y su inserción en el mercado laboral, la escritora inglesa presentó un escenario desolador para mujeres y escritoras, pero también ofreció una visión poderosa y liberadora que inspiró a generaciones de mujeres a luchar por la emancipación y la igualdad de derechos. Abogando por la necesaria libertad física de las mujeres, por el derecho a tener su propio espacio y el acceso a la propiedad, y por la esencial libertad financiera que nos permitiera definir nuestro propio destino, Wolf fue categórica al alentar también la libertad imaginativa y la libertad de pensamiento, junto con la incitación a la reflexión crítica, como lo demuestra el título que abre este texto.

Esta colección de artículos, resultado de las reflexiones de muchas mujeres participantes de la Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública, incluso sin mencionar a Wolf, sigue su inspiración, al traer una serie de discusiones críticas y agudas para reflexionar sobre el feminismo en sus diversas facetas y la deuda pública, así como en sus impactos sociales en la vida de las mujeres en muchas partes del mundo.

Es importante enfatizar que uno de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) de la ONU a ser alcanzado por la humanidad en los próximos diez años, es la igualdad de género. Una sociedad

preocupada por la igualdad de género es una sociedad más diversa e inclusiva y, por tanto, más abierta a pensar en el bienestar y la calidad de vida de su comunidad. Es una sociedad que valora los derechos humanos y la vida de sus ciudadanos y ciudadanas.

Aún con los esfuerzos internacionales para erradicar la violencia contra las mujeres, la dinámica de las relaciones de género en nuestras sociedades, revela un escenario preocupante que nos impide permanecer pasivamente ante los alarmantes datos y constataciones. En Brasil, por ejemplo, más del 50% de la cantidad de estudiantes que ingresan a la Universidad son mujeres, pero como sabemos, ese caudal de ingreso no está distribuido equitativamente por áreas de conocimiento. En ese sentido, es notoria la ausencia de mujeres en carreras vinculadas a las ciencias exactas. Es que circula un infame discurso sobre la “aptitud del área”. Además, la segregación ocupacional hace que las carreras más elegidas por mujeres estén cada vez más devaluadas. También es bien sabido que, a medida que subimos la pirámide académica en posiciones destacadas, el número de mujeres disminuye considerablemente. Se trata de un fenómeno conocido como “efecto tijera”, tal como nos recuerda la profesora Márcia Barbosa, estudiosa de la situación de las mujeres en ámbitos científicos en Brasil.

También es preocupante el resultado del Índice de Desigualdad de Género de Naciones Unidas (IGI), que se obtiene a partir de investigar en dimensiones tales como: salud reproductiva, autonomía, empoderamiento y actividad económica. Dicho índice muestra un panorama desolador a nivel mundial, puesto que vislumbra: una escasa participación de mujeres en puestos de responsabilidad y liderazgo, una enorme desigualdad salarial entre hombres y mujeres, y una pavorosa ausencia de mujeres en cargos políticos y en los parlamentos.

Vivimos una época de contradicciones. Si por un lado los datos sobre violencia nos dan miedo y en algunos contextos geopolíticos, vivimos momentos de incertidumbre y posibles retrocesos en la agenda de demandas de las mujeres por la igualdad de derechos; por otro lado, nunca nos enfrentamos a un fenómeno en el que tantas mujeres se hermanaron con la agenda en defensa de sus derechos, la igualdad de género, y en el que hubo tanta producción académica sobre el tema.

En este sentido, esta colección juega un importante papel crítico y reflexivo, que nos permite vislumbrar alternativas futuras

para la construcción de sociedades más igualitarias, en las que los derechos de las mujeres sean efectivamente respetados. Las autoras de los artículos que componen esta colección son todas mujeres de fibra, como diría la poeta de Minas Gerais, Adélia Prado, mujeres “desdoblables” que se comprometen a “cumplir un destino, inaugurar linajes, fundar reinos”. Las reflexiones aquí realizadas parten de perspectivas inter y transdisciplinarias, ancladas en teorías que argumentan desde el Derecho, las Ciencias Sociales, las Ciencias Políticas, la Filosofía y el Psicoanálisis, entre otras áreas; y avanzan críticamente por los campos teóricos más recientes y variados de los feminismos contemporáneos. A partir de cinco ejes centrales - Invisibilidad, lucha y emancipación; Feminismo y deuda pública; Feminismo y política; Feminismo y trabajo; Feminismo y violencia -: las autoras abordan el universo del feminismo, y la lucha de las mujeres por la igualdad de género, así como los impactos sociales de la deuda pública en las relaciones humanas y de género.

La primera parte, “Invisibilización, lucha y emancipación” aborda el tema del feminismo y las estrategias desarrolladas por los movimientos sociales y feministas en la lucha por el empoderamiento y la igualdad de género. Simone de Beauvoir diría que “no naces mujer, te conviertes en mujer”, es decir, no es el determinismo biológico lo que construye la imagen de la mujer, sino una construcción social y cultural que dice cómo debemos ser o cómo debemos comportarnos, y que opera a través de una red de estereotipos, muchas veces crueles. Seríamos mucho más felices, más libres de ser quienes realmente somos, si no tuviéramos el peso de las expectativas de género”. No creo que sea necesario subrayar que no existe tal cosa en los análisis culturales o científicos que pueda llamarse “ideología de género”. Si la ideología es un conjunto de creencias específicas de determinadas comunidades, la supuesta ideología de género, si existiera, demarcaría precisamente las creencias en los atributos innatos de los géneros. Reconocer algo como innato al género significa desacreditarlo como construcción social, agencia discursiva y reproducción cultural.

Esta primera parte también trae una significativa reflexión sobre la diferencia inherente que existe entre nosotras las mujeres. Por eso es importante hablar de “mujeres”, siempre en plural, resaltando la diversidad y diferencia entre nosotras. Existe toda una dinámica relacional de poder e interseccionalidad, como señalan los artículos

de esta colección, que incluye diferencias significativas de clase, raza y etnia, sexualidad, edad, y áreas de conocimiento, que no podemos desconocer. No podemos hablar por las muchas mujeres que hoy son silenciadas. No podemos clamar por una supuesta hermandad e igualdad cuando sabemos que algunas son menos iguales que otras. Por tanto, hay que allanar el camino, en términos de una reflexión sobre los feminismos descoloniales; y cómo llama la atención Gayatri Spivak en *¿Puede hablar el subalterno?*, para que ellas puedan hablar, para que ellas puedan expresar sus experiencias, esas vivencias que, a menudo, desconocemos. Tal como nos sugiere la filósofa india, tenemos que entender que no podemos reclamar el derecho a hablar en nombre de otras mujeres, porque existen razones éticas para ello. Por eso, lo que tenemos que reconocer es que es necesario crear condiciones de escucha, para que cuando estas mujeres busquen hablar, puedan ser escuchadas. Esa es nuestra responsabilidad ética, porque es un compromiso que nos atañe a todas.

En la segunda parte se aborda el tema del feminismo y la deuda pública desde varias perspectivas, en particular, los derechos de las mujeres y la interseccionalidad de género. Se ha mencionado repetidamente, que la correlación entre la diferencia de género de un país y su desempeño social y económico, están directamente relacionados. El informe global de género señala que, dado que las mujeres representamos la mitad de la base de talento potencial de un país, la competitividad a largo plazo de una nación, depende significativamente de cómo educar y cómo invertir en cuestiones de igualdad de género. No sin razón, algo ya se mencionó hace mucho tiempo, especialmente durante esta pandemia: la feminización de la pobreza, un tema importante que también se discute en esta colección, en relación a la deuda pública. Cuando hablamos de la pobreza, sobre todo en el marco de esta pandemia, descubrimos que todo tiene color de piel y género. La pobreza es femenina y negra; porque afecta con más fuerza a las mujeres pobres y a las indígenas, entre otras.

En la tercera parte, el feminismo y la política, son temas que se discuten a partir de la representación de género. Cuando oímos lo que se dice sobre el liderazgo femenino, especialmente durante la pandemia, nos enfrentamos a viejas cuestiones que vienen siendo abordadas desde hace mucho tiempo por los estudios de género y feministas. Me refiero a lo que se ha dicho sobre el éxito de las mujeres en puestos de liderazgo, y que hoy se destacan en el tratamiento de

la pandemia. Este es el caso de las primeras ministras de Alemania, Noruega, Dinamarca, Islandia, Nueva Zelanda y el presidente de Taiwán. Sobre este tema en particular, se plantearon muchas hipótesis: suerte, diversidad de perspectivas y, principalmente, el hecho de que son mujeres y tienen más experiencia en ocuparse del “cuidado”. Poco se ha dicho sobre sus cualidades como gerentas y administradoras, como mujeres que desafían el *status quo* y toman una brillante posición de liderazgo. Es importante llamar la atención sobre el riesgo asociado con este estereotipo. Al relegar a la mujer al lugar que tradicionalmente ocupaba como cuidadora, se borra la acción, la igualdad y los atributos personales como gestoras y se establece la diferencia de género, conservando lo masculino como estándar. El cuidado es una tarea tradicionalmente femenina, que está siempre devaluado, incluso cuando tiene éxito como estrategia de gobierno, y a pesar de que estas líderes han utilizado métodos completamente diferentes. Esta visión estereotipada borra el liderazgo y los valores de estas mujeres como gestoras, contribuyendo a encerrarlas en espacios que históricamente les ha asignado la tradición patriarcal, es decir, en el hogar, realizando tareas como cuidadoras y no como líderes. Esta es solo otra faceta de la lucha diaria que las mujeres debemos enfrentar; muchas de las cuales son abordadas por las autoras de este importante libro.

El eje cuatro transita cuestiones sobre el feminismo y el trabajo, apuntando temas que, a lo largo de los años y siglos, han afectado a las mujeres en todo el mundo como, por ejemplo, el trabajo doméstico, la doble jornada, el trabajo sexual, la ética del cuidado (que mencionamos anteriormente) las mujeres operarias y la desigualdad salarial.

La última parte aborda un problema que nos toca bien de cerca: el feminismo y la violencia contra las mujeres. Los artículos discuten, con mucha propiedad, temas centrales para las mujeres que, a pesar de las leyes que existen en varios países, continúan experimentando sistemáticamente actos de violencia de género y sus derechos son drásticamente violados. El feminicidio es un crimen hediondo e inexplicable, que continúa ocurriendo con una frecuencia aterradora en muchos países, y que desafía a quienes creemos en la construcción de sociedades más justas y equitativas. Igualmente preocupante es la naturalización de la violencia y la cultura de la violación sexual en nuestras sociedades.

Como mujeres que luchamos por la igualdad de género, venimos recorrido un largo camino. Muchas fueron las conquistas logradas gracias al esfuerzo conjunto: la igualdad de derechos, el respeto y la lucha contra la violencia. Pero hay prejuicios que aún prevalecen. Por eso, dados los alarmantes datos sobre desigualdad y violencia que aún azotan nuestra realidad, aún queda mucho por hacer. Hay una larga batalla por delante, para la que busco inspiración, una vez más, en Simone de Beauvoir: “Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujete” Así, espero que los textos que componen esta relevante colección sirvan de ejemplo, fuente de inspiración y objeto de investigación para muchas mujeres y tantas jóvenes e investigadores en la necesaria lucha continua por la emancipación, la libertad y la igualdad de condiciones, y contra los prejuicios y la violencia que todavía sufrimos muchas de nosotras.

Traducción de *Monica Fernandez*

APRESENTAÇÃO

# Feminismos, igualdade de gênero e dívida pública

*Sandra Regina Goulart Almeida*  
Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais

*“Tranque as bibliotecas, se quiser;  
não há portões, nem fechaduras,  
nem cadeados com os quais você  
conseguirá trancar a liberdade do  
meu pensamento”*

Virgínia Wolf, *Um teto todo seu*

Quando Virgínia Wolf escreveu o ensaio *Um teto todo seu*, em 1929, que viria a se tornar uma das mais celebradas obras a discutir a temática das mulheres, sua condição na sociedade e sua inserção no mercado de trabalho, a escritora inglesa apresentou um cenário desolador para as mulheres e para as escritoras, foco central de seu ensaio, mas também ofereceu uma visão potente e libertadora que inspirou gerações de mulheres na luta pela emancipação e pela igualdade de direitos. Advogando pela necessária liberdade física das mulheres, pelo direito a ter um espaço todo seu e de acesso à propriedade, e pela imprescindível liberdade financeira que lhes permitissem definir seu próprio destino, Wolf foi categórica ao incentivar, de igual maneira, a liberdade imaginativa, a liberdade de pensar e de reflexão crítica, como demonstra a epígrafe que abre este texto.

Esta coletânea de artigos, fruto das reflexões das participantes da Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades sobre o Estudo da Dívida Pública, segue, mesmo sem que haja essa referência, a inspiração de Wolf ao trazer uma discussão crítica e arguta sobre questões centrais para pensarmos o feminismo, em suas várias facetas, e a dívida pública, bem como seus impactos sociais para a vida das mulheres em muitas partes do mundo.

É importante ressaltar que, hoje, não sem razão, um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, a serem atingidos pela humanidade nos próximos dez anos, é a igualdade de gênero, que figura de maneira central, como o quinto ODS. Uma sociedade que se preocupa com a igualdade de gênero é uma sociedade mais diversa e mais inclusiva e, por isso, mais aberta para pensar o bem-estar e a qualidade de vida de sua comunidade. É uma sociedade que preza pelos direitos humanos e pela vida de seus cidadãos e cidadãs.

No entanto, a dinâmica atual das relações de gênero em nossas sociedades descortina um cenário preocupante que não nos permite permanecer em situação passiva e cômoda diante dos dados e das constatações. No Brasil, por exemplo, se hoje mais de 50% das estudantes que entram na Universidade são mulheres, elas não estão, como sabemos, igualmente distribuídas pelas áreas de conhecimento. São notórios a ausência das mulheres nas áreas de ciências exatas, o infame discurso da “aptidão das áreas”, e a segregação ocupacional – na qual carreiras majoritariamente femininas são mais desvalorizadas. É também de conhecimento de todos e todas que à medida que alçamos a pirâmide acadêmica em cargos de destaque, o número de mulheres diminui consideravelmente – é o conhecido “efeito tesoura”, como nos lembra a Professora Márcia Barbosa, estudiosa da situação das mulheres na ciência no Brasil.

Igualmente preocupante é o Índice de Desigualdade de Gênero (GII) das Nações Unidas que, gerado a partir de dimensões como saúde reprodutiva, autonomia e empoderamento, e atividade econômica, mostra um cenário desolador em todo o mundo, com pouca participação feminina em cargos de chefia, predominância de enorme desigualdade salarial entre homens e mulheres e assustadora ausência de mulheres em posições políticas e nos parlamentos.

O tempo atual, entretanto, é carregado de contradição. Se, por um lado, os dados são assustadores e vivemos, em alguns contextos geopolíticos, momento de incerteza e possíveis retrocessos na agenda de demandas das mulheres por igualdade de direitos; por outro lado, nunca estivemos diante de um fenômeno em que tantas mulheres se identificassem com a pauta em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero e em que houvesse tanta produção acadêmica em várias áreas do conhecimento que abordam a temática.

Nesse sentido, esta coletânea cumpre um importante papel crítico e reflexivo que nos permite vislumbrar alternativas futuras para a construção de sociedades mais igualitárias, nas quais os direitos das mulheres possam ser efetivamente respeitados. As autoras dos artigos que compõem esta coletânea são todas mulheres de fibra, como diria a poeta mineira Adélia Prado, mulheres “desdobráveis” que assumem o compromisso de “cumprir a sina, inaugurar linhagens, fundar reinos”. As reflexões aqui conduzidas partem de uma indispensável perspectiva inter e transdisciplinar, ancorada em teorizações a partir do Direito, das Ciências Sociais, da Ciência Política, da Filosofia, da Psicanálise, entre outras áreas, e se movem de forma crítica pelos campos teóricos mais recentes e variados dos feminismos contemporâneos. A partir de cinco eixos centrais – Invisibilização, luta e emancipação; Feminismo e dívida pública; Feminismo e política; Feminismo e trabalho; Feminismo e violência – as autoras abordam o universo do feminismo, da luta das mulheres pela igualdade de gênero, bem como os impactos sociais da dívida pública sobre as relações humanas e de gênero.

A primeira parte, “Invisibilização, luta e emancipação” aborda aspectos históricos dos feminismos e as estratégias desenvolvidas por movimentos sociais e feministas na luta pelo empoderamento e igualdade de gênero. Diria Simone de Beauvoir que “não se nasce uma mulher, se torna uma mulher”, ou seja não é o determinismo biológico que constrói a imagem das mulheres, mas sim uma construção social e cultural que diz o que devemos ser ou como devemos nos comportar e que opera por meio de uma rede de estereótipos, muitas vezes cruéis. Assim se coloca a escritora nigeriana Chimamanda Adiche em um importante ensaio recente que tem o emblemático título de *Sejamos todos feministas*: “O problema da questão de gênero é que ela descreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”. Creio não ser preciso destacar que não existe, nas análises culturais ou científicas, algo que possa ser denominado como “ideologia de gênero”. Se ideologia é um conjunto de crenças específicas de determinadas comunidades, a suposta ideologia de gênero, se existisse, demarcaria justamente as crenças em qualidades ou atributos inatos dos gêneros. Reconhecermos algo como inato ao gênero significa desacreditá-lo

como construto social, agência discursiva ou repetição cultural, para compreendê-lo como característica natural.

Esta primeira parte também traz à tona uma reflexão importante com relação à inerente diferença que existe entre nós mulheres. Por isso é importante falarmos de “mulheres”, sempre no plural destacando a diversidade e a diferença entre nós. Há toda uma dinâmica relacional de poder e de interseccionalidade, como os artigos desta coletânea observam – que inclui diferenças significativas de classe, raça e etnia, sexualidade, idade, áreas do conhecimento – à qual não podemos estar alheias. Não podemos falar pelas muitas mulheres que hoje são silenciadas. Não podemos clamar por uma suposta irmandade e igualdade quando sabemos que umas são menos iguais do que outras. Assim, precisamos abrir caminho, nos termos de uma reflexão sobre os feminismos decoloniais, e como chama atenção a crítica indiana Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?*, para que elas possam falar, para que elas possam se manifestar sobre suas experiências sobre as quais nós muitas vezes desconhecemos. Temos que entender que não podemos nos arvorar no direito de falar pelas outras mulheres que não temos como representar por questões éticas. O que precisamos reconhecer é que é necessário criar condições de escuta para que quando essas mulheres falarem possam ser ouvidas como uma responsabilidade ética de todas nós.

Na segunda parte, o tema do feminismo e da dívida pública é abordado a partir de várias perspectivas, em especial dos direitos das mulheres e da interseccionalidade de gênero. Tem sido reiteradamente mencionado que a correlação entre a diferença de gênero de um país e seu desempenho social e econômico estão diretamente relacionados. O relatório global de gênero aponta que, como as mulheres representam metade da base potencial de talentos de um país, a competitividade de uma nação a longo prazo depende significativamente de como se educa e como se investe na igualdade de gênero. Não sem razão desvelou-se, em especial durante esta pandemia, algo já mencionado há bastante tempo: a feminização da pobreza, importante tema discutido nesta coletânea com relação à dívida pública. A pobreza, descobrimos todos e todas com esta pandemia, tem cor e gênero. Ela é feminina e negra; afeta de forma mais contundente as mulheres mais vulneráveis, pobres, indígenas, quilombolas, entre outras.

Na terceira parte, o feminismo e a política são discutidos a partir da temática da representatividade de gênero. Quando ouvimos o que se está dizendo sobre as lideranças femininas diante da pandemia, nos deparamos com questões antigas tratadas, há tempos, pelos estudos de gênero e feministas. Este é o caso do que tem sido dito sobre o sucesso das mulheres em cargos de liderança que se destacam ao lidar com a pandemia – é o caso das primeiras-ministras da Alemanha, Noruega, Dinamarca, Islândia, Nova Zelândia e a presidenta de Taiwan. Muitas foram as hipóteses aventadas: sorte, diversidade de perspectivas, e, principalmente, o fato de serem mulheres e terem mais experiência com “o cuidar”. Pouco foi dito sobre suas qualidades como gestoras e administradoras, como mulheres que desafiam o *status quo* e assumem uma posição de liderança. É importante chamarmos atenção para o risco associado a mais este estereótipo. Ao relegar as mulheres ao lugar tradicionalmente ocupado por elas como cuidadoras, apaga-se a ação, a igualdade e os atributos pessoais como gestoras e se estabelece a diferença de gênero preservando o masculino como o padrão. O cuidar é feminino, é tradicionalmente desvalorizado, mesmo quando é supostamente bem-sucedido como estratégia de governo, mesmo que essas líderes tenham usado métodos completamente diferentes. Essa visão estereotipada apaga a liderança e os valores dessas mulheres como gestoras, contribuindo para confiná-las em espaços historicamente alocados a elas pela tradição patriarcal – no espaço do lar, como cuidadoras e não como líderes. Essa é apenas mais uma faceta da luta diária que como mulheres precisamos enfrentar, muitas das quais são abordadas pelas autoras deste importante livro.

O eixo quatro transita entre as questões do feminismo e do trabalho, apontando para questões que têm, ao longo dos anos e séculos, afetado as mulheres de todo o mundo, como o trabalho doméstico, a dupla jornada, o trabalho sexual, a ética do cuidado, que mencionamos acima, as mulheres operárias, e, de maneira marcante, a desigualdade salarial.

Por fim, a última parte aborda um tema que nos toca de perto que é a questão do feminismo e a violência contra as mulheres. Os artigos discutem com propriedade temáticas centrais para as mulheres que, apesar das legislações em vários países, continuam a sofrer uma violência sistêmica de gênero e tendo seus direitos

drasticamente violados. O feminicídio, um crime hediondo que continua ocorrendo com frequência assustadora e inexplicável em muitos países, desafia a todas nós que acreditamos na construção de sociedades mais justas e equânimes. Igualmente preocupante são as temáticas da naturalização da violência e da cultura do estupro em nossas sociedades.

Como mulheres que lutam pela igualdade de gênero, viemos de muito longe. Muitas foram as conquistas e o esforço conjunto pela igualdade de direitos das mulheres, pelo respeito e contra a violência e o preconceito que ainda imperam. Porém, diante dos dados de desigualdade e violência que ainda assolam nossa realidade, há ainda muito a ser feito. Há uma longa batalha pela frente, para a qual busco inspiração, mais uma vez, em Simone de Beauvoir: “Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite”. Assim, espero que os textos que compõem esta relevante coletânea sirvam de exemplo, fonte de inspiração e objeto de pesquisa para muitas mulheres e tantas jovens e pesquisadoras na necessária luta contínua por emancipação, liberdade e igualdade de condições, e contra o preconceito e a violência que ainda vitimam tantas de nós.

# Agradecimentos

Registramos os nossos sinceros agradecimentos à Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades sobre o Estudo da Dívida Pública (RICDP) por oportunizar o encontro de mulheres feministas que (se) abraçam (n)a mesma luta.

# Agradecimientos

Registramos nuestro más sincero agradecimiento a la Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP) por brindar la oportunidad a mujeres feministas que abrazan(se) (en) la misma lucha.

## Sobre las autoras / Sobre as autoras



*Adriana Avelar Alves*

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense/UFF-RJ. Bolsista Associada do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA Brasília (2019). Possui graduação em Direito pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ (2016). Advogada; Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão/UFMA (2011). Assistente Social; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Direitos Fundamentais, Relações Privadas e Políticas Públicas (UFRRJ/CNPq); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Direito, Justiça e Pluralismo Étnico Racial (UFF/CNPq); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Constituição e Cidadania (UNB/CNPq).

Brasília, Distrito Federal, Brasil  
a.avelar\_alves@hotmail.com



*Adriana Campos Silva*

Doutora em Direito Constitucional com ênfase em Direito Eleitoral. Mestre em Direito Econômico. Professora Associada da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Decana - Direito Constitucional. Professora de Direito Eleitoral e Educação em Direitos Humanos da Pós-Graduação e da Graduação. OEA/UNITAR/IIDH - Negociação Multilateral. CEP/UFMG - Comitê de Ética em Pesquisa - Comissão Especial do covid-19. LLB, LLM, LLD in electoral Law. <http://lattes.cnpq.br/8283209959095168>. Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
adrilaw100@gmail.com



### *Alessandra Marchioni*

Doutora em Direito, área de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil. Professora de Direito Internacional e Direito Ambiental na Faculdade de Direito de Alagoas (FDA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Alagoas, Brasil. Coordena o Núcleo de Estudos em Direito Internacional e Meio Ambiente (NEDIMA), UFAL, Alagoas, Brasil. Pesquisadora da Rede Internacional de Cátedras e Estudos sobre Dívida Pública (RICDP).

Maceió, Alagoas, Brasil  
alemarchioni@hotmail.com



### *Aleyda Alejandra Hernández Ojeda*

Maestra en ciencia política por la Universidad Autónoma de Guerrero, doctorante de educación, licenciada en Psicología. Profesora – investigadora de la Escuela Superior de Psicología de la Universidad Autónoma de Guerrero. Feminista, tallerista y capacitadora en perspectiva de género, con experiencia en asesoría psicológica a más de 5,000 mujeres y niñas víctimas de violencia en la Unidades Móviles de la Secretaría de la Mujer en el estado de Guerrero. Primera coordinadora del Programa de Reeducción para mujeres víctimas de violencia y agresores. Responsable estatal de los módulos de atención a mujeres y niñas víctimas de violencia y aplicación de la NOM - 046 en la Secretaría de Salud. Coordinadora del Programa Educativo y parte del Comité de diseño curricular para la actualización del Plan de Estudios 2019 con la propuesta de transversalización de la perspectiva de género en la licenciatura de psicología. Ha participado como ponente y comité organizador en diversos diplomados de Género, derechos humanos y educación. Colabora en el Observatorio de violencia contra las mujeres Hannah Arendt.

Acapulco, Guerrero, México  
17466@uagro.mx



***Angela Colman Collado***

Feminista, Estudante avanzada de Sociologia, Facultad de Ciencias Sociales (UdelaR). Militante del Frente Amplio, Integrante del Colectivo Periferia. Integrante de la Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP).

Chuy, Rocha, Uruguay  
angeecolman.28@gmail.com



***Aurélia Nicolau do Carmo Teixeira Neves***

Formada em Direito pela UFMG e em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Relações Internacionais pela PUC Minas. Pesquisadora do Programa Universitário de Apoio às Relações de Trabalho e à Administração da Justiça (PRUNART-UFMG). Coordenadora discente do Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero, Trabalho e Desigualdade.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
aurelianeves@gmail.com



***Carla Appollinario de Castro***

Doutora e Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais, Graduada em Direito, professora do Departamento de Direito Privado da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, ambos da Universidade Federal Fluminense.

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
carla\_appollinario@id.uff.br



*Carolina Pereira Lins Mesquita*

Professora Adjunta de Direito do Trabalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF). Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP) e pesquisadora do “Programa Universitário de Apoio às Relações de Trabalho e à Administração da Justiça (PRUNART/UFMG)”.

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
clinsmesquita@hotmail.com



*Frida Verónica Hernández Ojeda*

Maestra en Ciencia Política, Licenciada en Ciencia de la Comunicación, Diplomada en Derechos Humanos y Feminismos Latinoamericanos. Profesora investigadora en la facultad de Ciencia Política de la Universidad Autónoma de Guerrero (UAGro), investigadora en el Observatorio de Violencia Contra Mujeres Hannah Arendt (OVICOM), Cofundadora del colectivo Mujeres Jóvenes Feministas de Guerrero. Encargada del diseño curricular de los Diplomados de Educación en Igualdad de Género y Derechos Humanos para el área de Igualdad de Género de la Universidad Autónoma de Guerrero. Colaboradora e impulsora en la creación del protocolo contra acoso y hostigamiento sexual de la UAGro aprobado en 2020.

Acapulco, Guerrero, México  
fridavh1@gmail.com



***Gabriela Martínez Leiranes***

Profesora de Educación Cívica-Derecho-Sociología egresada del Instituto de Profesores Artigas (IPA). Magister en Educación, Sociedad y Política por FLACSO. Diplomada en Didáctica para la Educación Media en Sociología de UdelaR-ANEP y en Epistemologías del Sur de CLACSO. Profesora efectiva en el Consejo de Formación en Educación y Consejo de Educación Secundaria.

Pinamar, Departamento de Canelones, Uruguay  
gabrielamleiranes@gmail.com



***Graciela Porta Sicardi***

Doctora en Derecho y Ciencias Sociales. Doctora en Diplomacia. Posgraduación. Profesora Historia del Derecho- Facultad de Derecho- UdelaR. Directora del Instituto de Historia del Derecho y Derecho Romano. Integrante por el orden docente de la Comisión de la Carrera de Abogacía. Vínculo institucional: Facultad de Derecho, Universidad de la República - Uruguay. Ejercicio de la docencia: Profesora G.4 de Historia del Derecho e Introducción al fenómeno jurídico - Área socio jurídica metodológica Profesora G. 4 de Práctica Profesional – Área Práctica. Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Montevideo / Punta del Este, Uruguay  
gramaporta@hotmail.com



***Juliana Teixeira Esteves***

Doutora em Direito e mestre em Ciência Política. Professora Adjunta de direito do trabalho na Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora do Núcleo Pernambuco de Auditoria Cidadã da Dívida, da Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades Sobre Estudos da Dívida Pública (RICDP) e do Comitê Pela Anulação das Dívidas Ilegítimas (CADTM).

Coordenadora do GP/CNPQ/UFPE 'Direito, Economia e Política que integra a Rede Nacional de Pesquisa e Extensão em Direito do Trabalho e Seguridade (RENAPEDETS).

Recife, Pernambuco, Brasil  
juliana.esteves@ufpe.br



*Karina Ochoa Muñoz*

Estudió la licenciatura en Sociología en la Universidad Autónoma Metropolitana, unidad Azcapotzalco; la Maestría y Doctorado en Desarrollo Rural en la Universidad Autónoma Metropolitana, unidad Xochimilco. Profesora-investigadora de la Universidad Autónoma Metropolitana-Azcapotzalco, Departamento de Sociología, División de Sociales y Humanidades. Colabora como docente en el Doctorado en Estudios Feministas de la Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, División de Sociales y Humanidades. Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Ciudad de Mexico, Mexico  
kom@azc.uam.mx



*Larissa Gabrielle Braga e Silva*

Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara. Professora da Graduação e da Pós-Graduação da Una de Divinópolis e Una Bom Despacho. Coordenadora do Núcleo de Práticas Jurídicas da Una Divinópolis. Advogada. Bolsista da graduação e do mestrado. Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Bom Despacho, Minas Gerais, Brasil  
larissabragadv@gmail.com



***Lucrezia Maria Pisano***

Studentessa al dipartimento di giurisprudenza presso l'Università di Napoli - Federico II. Attivista sul debito pubblico a Napoli. Membro di Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP)

Napoli, Italia  
lucreziamaria.pisano@gmail.com



***Luisa Santos Paulo***

Bacharel em Direito pela UFMG. Mestranda em Filosofia do Direito pela UFMG. Advogada na Sarah Campos Sociedade de Advogados.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
is.paulo@hotmail.com



***Marcella Furtado de Magalhães Gomes***

Mestre e Doutora em Filosofia do Direito. Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora da Escola de Direitos Humanos do Programa Pólos de Cidadania da UFMG. Coordenadora de Eventos do Programa Universitário de Apoio às Relações de Trabalho e à Administração da Justiça (PRUNART-UFMG). Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
marcellafmgomes@gmail.com



***Maria Lucia Fattorelli***

Coordenadora Nacional da Auditoria Cidadã da Dívida [www.auditoriacidada.org.br](http://www.auditoriacidada.org.br); e membro titular da Comissão Brasileira Justiça e Paz da CNBB. Atuou na Comissão de Auditoria Oficial da dívida Equatoriana (2007/2008) e na Comissão de Auditoria da Dívida da Grécia realizada pelo Parlamento Helênico (2015). Assessorou a CPI da Dívida Pública na Câmara dos Deputados Federais no Brasil (2009/2010), e a CPI da PBH Ativos S/A realizada pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, na investigação do esquema de Securitização de Créditos Públicos (2017). Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP)

Brasília, Distrito Federal, Brasil  
[marialuciafatorelli@gmail.com](mailto:marialuciafatorelli@gmail.com)



***Mónica Fernández Braga***

Pedagoga, Magister en Derechos Humanos y Doctora en Filosofía. Docente - Investigadora en el Programa Discursos, Prácticas e Instituciones Educativas del Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Quilmes, Buenos Aires Argentina. Profesora en grado y posgrado: área disciplinar Educación y Formación del profesorado. Participación en redes internacionales: Cátedra Internacional de Interculturalidad y Pensamiento Crítico (CIIPC). Cátedra Intercultural: Rodolfo Kusch; Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP); Red Latinoamericana y Caribeña de Educación en Derechos Humanos (ReLyCEDH); Coordinadora de la línea de investigación: Educación Intercultural, de la Cátedra Internacional de Interculturalidad y Pensamiento Crítico (CIIPC); Integrante del Consejo Internacional de la Revista Latinoamericana de Derechos Humanos.

Quilmes, Buenos Aires, Argentina  
[mbfernandez62@gmail.com](mailto:mbfernandez62@gmail.com)



***Natalia Franco Parra***

Feminista. Estudiante avanzada de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Sociales (UdelaR). Militante del Frente Amplio, Cooperativista. Integrante del Colectivo Periferia. integrante de la Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP).

Montevideo, Uruguay  
pnatalia.franco17@gmail.com



***Nathalia Lipovetsky***

Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e Doutora em Direito. Coordenadora Adjunta do Programa Universitário de Apoio às Relações de Trabalho e à Administração da Justiça (PRUNART-UFMG). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero, Trabalho e Desigualdade.

Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP)

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
nathaliailipovetsky@gmail.com



***Nora Merlin***

Psicoanalista, docente e investigadora de la Universidad de Buenos Aires. Magister en Ciencias Políticas. Autora de *Populismo y psicoanálisis* (Letra Viva, 2014) y de *Colonización de la subjetividad. Medios masivos de comunicación en la época del biomercado* (Letra Viva, 2017). *Mentir y colonizar. Obediencia inconsciente y subjetividad neoliberal* (Letra Viva, 2019). En prensa *La reinención democrática. Un giro afectivo* (Letra Viva, 2020). Autora de innumerables publicaciones en revistas especializadas y capítulos de libros en el país y en el exterior. Columnista de El Destape. Integrante da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP).

Buenos Aires, Argentina  
noramerlin21@gmail.com



***Olívia Pilar***

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha Processos Comunicativos e Práticas Sociais, pós-graduada em Marketing Digital pela PUC-MG e graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo também pela PUC-MG.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
oliviapilarsouza@gmail.com



***Pâmela Guimarães-Silva***

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, dentro da linha de Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Mestre pelo mesmo programa, com entrada em 2014 e defesa em 2016. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio Ensino Superior (2012). Pesquisa, orienta e publica trabalhos que compreendem as matrizes do pensamento feminista negro e epistemologias que abordem a interseccionalidade.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
pamelaguimaraes14@gmail.com



***Priscila Martins de O. Santana***

Mestra em Economia pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Instituto Federal da Bahia. Integrante da Auditoria Cidadã da Dívida (ACD), da Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades Sobre Estudos da Dívida Pública (RICDP) e do Comitê Pela Anulação das Dívidas Ilegítimas (CADTM).

Juazeiro, Bahia, Brasil  
prisciila\_@live.com



*Rebeca Oliveira Santana*

Licenciada en Economía (UEFS), estudiante de maestría en Historia Económica, Facultad de Ciencias Sociales (UdelaR), integrante de la Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP).

Feira de Santana, Bahia, Brasil  
rebeca.oli89@gmail.com



*Rosa Icela Ojeda Rivera*

Doctora en Ciencia Política, Derecho Constitucional y Administración Pública. Master en feminismo y políticas de igualdad, Maestría en Ciencias Sociales. Licenciatura en Derecho y Ciencias Sociales. Diplomada en Derechos Humanos y Feminismos Latinoamericanos.

Autora de más de 14 libros entre los que se cuentan: *Feminicidios en Guerrero* (2006), *Informe de feminicidios 2005-2015* (2018), *Benita Galeana mujer indómita* (año), *50 años de participación política de las mujeres en Guerrero* (año). *La Secretaría de la Mujer del gobierno del Estado, origen y contexto* (año). Autora de más de 100 artículos sobre política, género y democracia. Fundadora del Observatorio de Violencia contra Mujeres Hannah Arendt (OVICOM). Directora fundadora del Instituto Internacional de Estudios Políticos Avanzados Ignacio Manuel Altamirano. Profesora-investigadora de la Universidad Autónoma de Guerrero (UAGro). Asesora de ONU Mujeres México. Feminista. Integrante de la Alianza Feminista solicitante de la Alerta de Violencia de Género para Guerrero.

Acapulco, Guerrero, México  
rosaicelaojedarivera@gmail.com



***Rosângela Lizette Santana Belmont***

Doctora en Antropología y posdoctorado en Ciencias Sociales y ambientales, Profesora Investigadora Asociada de Tiempo completo en Facultad de Economía- UNAM, Activista defensora de derechos humanos

México, Ciudad de México  
ipacti@yahoo.com.mx



***Sabrina de Paula Braga***

Graduada em Direito pela UFMG. Mestranda em Direito Político no Programa de Pós Graduação em Direito da UFMG. Analista Judiciário do TRE-MG. Chefe de Cartório Eleitoral.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
sabrina.paula78@gmail.com



***Sarah Campos***

Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutoranda em Ciências Jurídico-Políticas pela Universidade de Lisboa, Portugal. Advogada, Sócia do Sarah Campos Sociedade Advogados. Coordenadora Discente de Relações Institucionais e Sindicais do PRUNART/UFMG. Presidente do Instituto PRUNART/UFMG. Presidente da Comissão de Direito Administrativo da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Minas Gerais (OAB/MG). Integrante das Comissões Especiais de Direito Administrativo e de Autonomia Universitária do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (CFOAB). Integrante do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP). Integrante da Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades sobre o Estudo da Dívida Pública (RICDP).

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
sarah@sarahcampos.adv.br



*Seyla Jacqueline Riera Bauer*

Profesora de Psicología (UNSL). Estudiante de Diplomatura Universitaria en Género y Gestión Institucional (UNDEF). Militante feminista.

Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina  
seylariera@gmail.com



*Xochitl Citlali Ponce Basaldua*

Maestra en Economía por la Facultad de Economía UNAM, Coordinadora del Área de Igualdad de Género del Campus Regional Llano Largo, Acapulco de la Universidad Autónoma de Guerrero, Feminista y Activista

Acapulco, Guerrero, México  
citlali\_ponce@hotmail.com



*Yesica Yanina Leyes Navarro*

Profesora de Psicología (UNSL), estudiante de la Licenciatura en Psicología, militante feminista e integrante del Centro de Estudios Feministas.

San Luis, Argentina  
yeyitgo@gmail.com

## INTRODUCCIÓN

# Quiénes somos, qué investigamos y qué queremos

La colección que presentamos aquí es el resultado de un esfuerzo colectivo y supranacional para reunir el trabajo intelectual de las mujeres, feministas en su vida personal y profesional, para abordar temas actuales y relevantes que nos afectan diariamente. Nuestro objetivo es arrojar luz sobre la inmensa deuda histórico-social en nuestro disfavor, en los diversos aspectos de nuestra existencia, incluyendo el financiero, pero también en nuestras resistencias y luchas.

Concebidos y organizados conjuntamente por mujeres vinculadas a la *Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública* (RICDP), los artículos recogidos son interdisciplinarios y tienen como denominador común la denuncia de las diversas formas de violencia de que hemos sido objeto las mujeres a lo largo de la historia, violencia que mantiene una estructura patriarcal, sexista, racista e imperialista propia del capitalismo, que perpetúa la desigualdad social y la explotación de la clase trabajadora, y, de manera potenciada, de la femenina.

Somos un colectivo de 33 escritoras, de Argentina, Brasil, Italia, México y Uruguay, que resisten y luchan contra la desigualdad de género.

La obra está estructurada en cinco partes: *i) Invisibilidad, lucha y emancipación; ii) Feminismo y deuda pública; iii) Feminismo y política; iv) Feminismo y trabajo; y v) Feminismo y violencia*. El orden del libro no fue al azar. Por el contrario, surgió del intento de agrupar los temas por ejes temáticos y a partir de amplias reflexiones sobre el feminismo para luego pasar a perspectivas analíticas específicas: la demostración de cómo la

deuda pública y su sistema contribuyen a perpetuar la explotación de género; la crítica a la falta de representatividad y participación política de las mujeres; la dinámica del mundo del trabajo como perpetuación del patriarcado y de las mujeres como responsables del trabajo reproductivo y relativo al cuidado; y finalmente, en lo que es quizás el más extremo de este viaje para captar nuestra subjetividad, la violencia física.

La primera parte, *Invisibilidad, lucha y emancipación*, tiene cinco artículos. En “*La potencialidad del concepto de interseccionalidad*”, Pamela Guimarães Silva y Olívia Pilar trabajan sobre la historicidad del concepto y la lucha política de las mujeres negras en el Brasil, presentando el potencial de la interseccionalidad como herramienta metodológica que hace más visibles las injusticias sociales, correlacionadas, lo que potencia las luchas políticas y las reivindicaciones contra las desigualdades y las opresiones.

En “*Feminismos de(s) coloniales*”, Karina Ochoa describe algunos aportes de las intelectuales latinoamericanas que forman parte del grupo *Colonialidad y Modernidad*, en el sentido de revelar la ausencia inicial de producción crítica de las mujeres feministas latinoamericanas dentro del pensamiento descolonial, para luego percibir las miradas que forman parte de los debates de los feminismos descoloniales. Nora Merlin, en el texto “*Feminismo, psicoanálisis y emancipación*”, aborda, dentro de una perspectiva interdisciplinaria, la ruptura del silencio de las mujeres en la lucha contra la concentración del poder patriarcal, observando que las mujeres entendieron antes que todos los demás ámbitos sociales que el patriarcado y el neoliberalismo constituyen un dispositivo de poder que se ha apropiado de la vida. En la secuencia, en “*Voces de mujeres no escuchadas: igualdad y derechos a través de la literatura femenina*”, Lucrezia Maria Pizano cuenta historias de mujeres, escritas en páginas en blanco, como si se transmitieran a lo largo del tiempo y estuvieran marcadas por el silencio. Finalmente, para concluir el eje temático, Alessandra Marchioni, en “*Epistemología subalterna y el protagonismo de las mujeres indígenas en la defensa de los derechos originarios: experiencias del campo de Terra Livre (2016-2019)*”, busca identificar la colonialidad organizada por un conjunto de jerarquías interseccionales conferidas a partir de la dominación y explotación del racismo indígena.

En la segunda parte, *Feminismo y deuda pública*, cuatro artículos se centran en el análisis de la relación entre la deuda, los fondos públicos, la desigualdad y la colonialidad. En el artículo suscrito por María Lucía Fattorelli, Juliana Teixeira Esteves, Priscila Martins de Santana y Sarah Campos, “*El sistema de la deuda y los derechos de la mujer en Brasil*”, las autoras correlacionan el sistema de la deuda y los derechos de la mujer en Brasil, demostrando los resultados de cómo este sistema de la deuda se profundiza en las relaciones económicas y su relación con las cuestiones de género, lo que perjudica a las políticas afirmativas de la mujer. A continuación, Larissa Gabrielle Braga e Silva, en “*Deuda pública y justicia intergeneracional: un desafío para las instituciones jurídicas*”, establece las conexiones entre la ausencia de conocimiento público sobre la deuda pública en las esferas jurídica, legal y política, buscando soluciones a los problemas de la deuda y afirmando que sólo se logrará la eficacia si se consolida la educación jurídica de manera interdisciplinaria. A su vez, Luisa Santos Paulo y Sarah Campos, en “*La deuda pública y la feminización de la pobreza*”, demuestran cómo la financiarización de la economía contribuye a la reproducción de las desigualdades de género, así como la forma en que la fiscalidad regresiva potencia la feminización de la pobreza. Por último, en el artículo “*Su Excelencia, una mujer negra: interseccionalidad entre raza y género en el poder judicial brasileño*”, Adriana Avelar Alves se centra en el análisis de cuestiones que ponen de relieve el racismo estructural presente en el poder judicial brasileño, teniendo en cuenta la baja representación de la población negra en el poder judicial, según el censo de 2014.

La tercera parte, *Feminismo y política*, que consta de cuatro artículos, propone un debate sobre la intersección entre la legislatura y el mantenimiento de la exclusión de las mujeres en los espacios políticos. Mónica Fernández Braga abre el eje temático con “*Ideología, hegemonía y comunidad: la rebelión de las mujeres como una lucha incesante entre la política y lo político*”. En este artículo, la autora destaca la importancia de la voz de todas y todos los miembros de la comunidad política latina en las luchas políticas de un mundo globalizado: colonial, capitalista y patriarcal. En el artículo “*Las feministas estamos tomando el cielo por asalto*”, Yesica Yanina Leyes Navarro y Seyla Jaqueline Riera Bauer presentan líneas de acción para seguir construyendo un

feminismo revolucionario, negro, descolonial y antipatriarcal, en el sentido de construir una sociedad justa e igualitaria, a partir de un debate sobre el feminismo y asumiendo la existencia de una crisis orgánica del capital. En “*La política para el macho: una crítica feminista del sistema electoral y su política afirmativa de promoción de la representación femenina*”, Adriana Campos Silva y Sabrina de Paula Braga analizan críticamente la legislación electoral en lo que respecta a sus políticas de promoción de la representación femenina en la política, basadas en teorías feministas. Cerrando la tercera parte, Gabriela Martínez, en “*De los derechos a la libertad: la discursividad neoliberal*”, reflexiona, desde una perspectiva de género y desde el contexto uruguayo, sobre el discurso del gobierno de derecha sobre los derechos humanos y su relación con el neoliberalismo, que implícitamente construye una falsa dicotomía entre la agenda de derechos y la libertad individual.

La cuarta parte, *Feminismo y trabajo*, consta de cuatro artículos y tiene por objeto reflexionar sobre el trabajo en las esferas productiva y reproductiva, los derechos laborales y las desigualdades a las que están expuestas las mujeres, incluida la remuneración. Xochitl Citlali Ponce Basaldua y Rosangela Lizette Santana Belmont abren este eje con el texto “*Salarios para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados: hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas*”. Aquí las autoras realizan una revisión de la teoría marxista y feminista de los procesos de trabajo, mostrando que el trabajo doméstico, sexual y de cuidados es la piedra angular del desarrollo del capitalismo, porque representa la base de la reproducción de la fuerza de trabajo y sin contar con la remuneración. En “*La plusvalía del trabajo no remunerado: la doble explotación que sufren las mujeres, por ser obreras y por ser mujeres*”, Angela Colman, Natália Franco y Rebeca Oliveira analizan la desigualdad de género en el mercado laboral latinoamericano, con la problemática del trabajo remunerado y no remunerado en Uruguay y Brasil. En la siguiente sección, “*Desigualdades en el mercado laboral: notas sobre la brecha salarial entre los géneros*”, Nathália Lipovetsky y Aurélia Neves analizan el género sobre la base de datos de la Organización Internacional del Trabajo, utilizando las nociones de interseccionalidad y trabajo decente para analizar el trabajo femenino remunerado y no remunerado. Por último, en la cuarta parte, Carolina Pereira Lins

Mesquita y Carla Appollinario de Castro reflexionan sobre las tensiones entre la esfera pública (trabajo productivo) y la privada (trabajo reproductivo), arrojando luz sobre los papeles sociales que desempeña la mujer en relación con la sexualidad, la reproducción y el cuidado, así como sobre la “cultura de la violación femenina”, como otra forma de dominación. El artículo se titula “*Nosotras las mujeres: entre trabajos, luchas y tensiones*”.

Por último, la quinta parte, *Feminismo y Violencia*, tiene por objeto abordar la cuestión de la violencia física contra las mujeres y su naturalización. Marcella Furtado de Magalhães Gomes abre el eje temático, analizando la cultura de la violación, las más variadas formas de violencia practicadas contra la mujer y las circunstancias relativas a la normalización de esta violencia, la objetivación femenina en los medios de comunicación y la culpabilidad de la víctima. El texto se titula “*Existente, ¿a qué se refiere? La cultura de la violación: la naturalización de la violencia contra la mujer en los medios de comunicación*”. En la secuencia, en “*Feminicidio en territorios históricamente racializados y contextos violentos en el estado de Guerrero, México*”, Rosa Icela Ojeda Rivera, Frida Hernández Ojeda y Aleyda Hernández Ojeda presentan datos sobre feminicidios ocurridos entre enero de 2005 y diciembre de 2015 en espacios geográficos ocupados por pueblos indígenas en el estado de Guerrero, México. El siguiente artículo, “*Feminicidios e impunidad en Guerrero, México*”, también firmado por Frida Ojeda, revisa los conceptos para entender la violencia contra la mujer y describe la cronología de los avances en la revisión de estos conceptos en la legislación mexicana. Cerrando la quinta parte, Graciela Porta Sicardi contribuye con el texto “*Mujeres privadas de libertad en el Uruguay: acceso a la justicia*”. En este artículo, la autora da visibilidad a la injusticia social que se refleja en las mujeres que ingresan al sistema penitenciario uruguayo, centrándose en los derechos humanos y el acceso a la justicia, así como con el apoyo de datos de organizaciones especializadas y experiencias recogidas como docentes.

El libro no pretende agotar la investigación, las luchas, el trabajo y el activismo feminista contra la desigualdad de género, aunque también resume los rasgos de nuestras personalidades, de nuestro encanto. Si bien se destaca por su originalidad y coherencia teórica, se traduce valientemente en un grito contra las injusticias y

las barbaridades contemporáneas, y sitúa su creencia, su esperanza, en los albores de una sociedad centrada en la equidad, la igualdad, la solidaridad y la justicia distributiva.

Esperamos que este tomo contribuya a las reflexiones sobre el género y a la construcción de una comunidad internacional más feminista, justa e igualitaria.

Noviembre de 2020.

Carolina Pereira Lins Mesquita  
Juliana Teixeira Esteves  
Nathalia Lipovetsky  
Traducción de *Rebeca Oliveira*

## INTRODUÇÃO

# Quem somos, o que pesquisamos e o que pretendemos

A coletânea que ora apresentamos resulta do esforço coletivo e supranacional de reunir o trabalho intelectual de mulheres, feministas em sua vida pessoal e profissional, para abordar temas atuais e relevantes que nos afetam cotidianamente. Nosso objetivo é lançar luzes sobre a imensa dívida histórico-social em nosso desfavor, nos variados aspectos da nossa existência, inclusive o financeiro, mas, também, sobre nossas resistências e lutas.

Concebido e organizado conjuntamente por mulheres ligadas à *Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública (RICDP)*, os artigos colecionados são interdisciplinares e possuem como denominador comum a denúncia às diversas formas de violências pelas quais nós, mulheres, vimos sendo submetidas ao longo da história, violências essas mantenedoras de uma estrutura patriarcal, sexista, racista e imperialista típica do capitalismo, que perpetua a desigualdade social e a exploração da classe trabalhadora, e, de forma potencializada, a feminina.

Somos um coletivo de 33 escritoras, da Argentina, do Brasil, da Itália, do México e do Uruguai, que resistimos e lutamos contra a desigualdade de gênero.

A obra é estruturada em cinco partes: *i) Invisibilidade, luta e emancipação; ii) Feminismo e dívida pública; iii) Feminismo e política; iv) Feminismo e trabalho e; v) Feminismo e violência*. A ordenação do livro não foi aleatória. Ao contrário, decorreu do intento de agrupar os temas por eixos temáticos e partindo de reflexões amplas sobre o feminismo para, então, avançar em direção a perspectivas analíticas específicas: a demonstração de como a dívida pública e seu sistema contribuem para perpetuar a

exploração de gênero; a crítica quanto à falta de representatividade e de participação política das mulheres; as dinâmicas do mundo do trabalho como forma perpetuação do patriarcado e das mulheres como responsáveis pelo trabalho reprodutivo e relativos ao cuidado e; por fim, sobre o que talvez seja o mais extremo deste percurso de captura da nossa subjetividade, a violência física.

A primeira parte, *Invisibilidade, luta e emancipação*, conta com cinco artigos. Em “A potencialidade do conceito de interseccionalidade”, Pamela Guimarães Silva e Olívia Pilar trabalham a partir da historicidade do conceito e da luta política das mulheres negras no Brasil, apresentando o potencial da interseccionalidade como uma ferramenta metodológica que torna as injustiças sociais mais visíveis, correlacionadas, o que aprimora as lutas e reivindicações políticas contra as desigualdades e as opressões. Em “*Feminismos de(s)coloniales*”, Karina Ochoa descreve algumas contribuições de intelectuais latino-americanos que integram o grupo *Colonialidade e Modernidade*, no sentido de revelar a inicial ausência de produção crítica de mulheres feministas latino-americanas dentro do pensamento descolonial para, em seguida, perceber os olhares que compõem uma parte dos debates dos feminismos descoloniais. Nora Merlin, no texto “*Feminismo, psicoanálisis y emancipación*”, trata, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, da quebra do silêncio das mulheres na luta contra a concentração do poder patriarcal, observando que as mulheres compreenderam antes de todas as outras áreas sociais que o patriarcado e o neoliberalismo constituem um dispositivo de poder que se apropriou da vida. Na sequência, em “*Voci non ascoltate di donne: eguaglianza e diritti attra verso la letteratura femminile*”, Lucrezia Maria Pizano narra histórias de mulheres, escritas em páginas em branco, como que transmitidas ao longo do tempo e marcadas por silêncios. Por fim, para encerrar o eixo temático, Alessandra Marchioni, em “Epistemologia subalterna e o protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos direitos originários: experiências do acampamento Terra Livre (2016-2019)”, busca identificar a colonialidade organizada por um conjunto de hierarquias interseccionais conferidas a partir da dominação e exploração do racismo indígena.

Na segunda parte, *Feminismo e dívida pública*, quatro artigos são voltados para a análise relacional entre dívida, fundos públicos,

desigualdade e colonialidade. No artigo subscrito por Maria Lucia Fattorelli, Juliana Teixeira Esteves, Priscila Martins de Santana e Sarah Campos, “O sistema da dívida e os direitos das mulheres no Brasil”, as autoras correlacionam o sistema da dívida e os direitos das mulheres no Brasil, demonstrando os resultados de como esse sistema de dívida se aprofunda nas relações econômicas e em sua relação com as questões de gênero, trazendo danos às políticas afirmativas femininas. Na sequência, Larissa Gabrielle Braga e Silva, em “Dívida pública e justiça intergeracional: desafio para as instituições jurídicas”, estabelece as conexões entre a ausência do conhecimento público sobre a dívida pública nas esferas legal, jurídica e política, buscando soluções aos problemas da dívida e afirmando que a efetividade será alcançada apenas se o ensino jurídico se consolidar de forma interdisciplinar. Por seu turno, Luisa Santos Paulo e Sarah Campos, em “Dívida pública e feminização da pobreza”, demonstram como a financeirização da economia contribui para a reprodução das desigualdades de gênero, bem como de que modo a tributação regressiva potencializa a feminização da pobreza. Por fim, no artigo “Vossa excelência, uma mulher negra: interseccionalidade entre raça e gênero na magistratura brasileira”, Adriana Avelar Alves se debruça sobre a análise de questões que evidenciam o racismo estrutural presente no Poder Judiciário brasileiro, considerando a baixa representação de pessoas negras na magistratura, conforme censo de 2014.

A terceira parte, *Feminismo e política*, que conta com quatro artigos, propõe-se ao debate sobre a intersecção entre a legislatura e a manutenção da exclusão feminina nos espaços da política. Mônica Fernández Braga abre o eixo temático com “*Ideologia, hegemonia y comunidad: la rebelión de las mujeres como una lucha incessante entre la política y lo político*”. Neste artigo, a autora põe em relevo a importância que tem a voz de todas e todos os integrantes da comunidade política latina nas lutas políticas de um mundo globalizado: colonial, capitalista e patriarcal. No artigo “*Las feministas estamos tomando el cielo por asalto*”, Yesica Yanina Leyes Navarro e Seyla Jaqueline Riera Bauer apresentam linhas de ação para seguirmos construindo um feminismo revolucionário, negro, descolonial e antipatriarcal, no sentido de construção de uma sociedade justa e igual, a partir de um debate sobre o feminismo e assumindo a existência de uma crise orgânica do capital. Em “A

política para o macho: uma crítica feminista ao sistema eleitoral e sua política afirmativa de promoção da representatividade do gênero feminino”, Adriana Campos Silva e Sabrina de Paula Braga analisam criticamente a legislação eleitoral, no tocante a suas políticas de promoção da representatividade feminina na política, a partir das teorias feministas. Encerrando a terceira parte, Gabriela Martinez, em “*De los derechos a la libertad: la discursividad neoliberal*”, reflete, a partir de uma perspectiva de gênero e do contexto uruguaio, sobre o discurso do governo de direita acerca dos direitos humanos e sua relação com o neoliberalismo, que constroi implicitamente uma falsa dicotomia entre a agenda dos direitos e a liberdade individual.

A quarta parte, *Feminismo e trabalho*, conta com quatro artigos e destina-se às reflexões sobre o trabalho nos âmbitos produtivo e reprodutivo, os direitos trabalhistas e as desigualdades a que estão expostas as mulheres, inclusive, remuneratórias. Xochitl Citlali Ponce Basaldua e Rosangela Lizette Santana Belmont abrem este eixo com o texto “*Salarios para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados: hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas*”. Aqui as autoras realizam uma revisão da teoria marxista e feminista dos processos de trabalho, evidenciando que o trabalho doméstico, sexual e de cuidado consiste em pedra angular do desenvolvimento do capitalismo, por representar a base da reprodução da força de trabalho e sem contar com remuneração. Em “*La plusvalía del trabajo no remunerado: la doble explotación que sufren las mujeres, por ser obreras y por ser mujeres*”, Angela Colman, Natália Franco e Rebeca Oliveira debruçam-se na análise sobre a desigualdade de gênero no mercado de trabalho latino-americano, com problematização sobre o trabalho remunerado e não remunerado no Uruguai e no Brasil. Na sequência, em “As desigualdades no mercado de trabalho: apontamentos sobre o hiato salarial entre mulheres e homens”, Nathália Lipovetsky e Aurélia Neves promovem a discussão de gênero baseadas em dados da Organização Internacional do Trabalho, valendo-se das noções de interseccionalidade e de trabalho decente para analisar o trabalho feminino remunerado e não remunerado. Finalizando a quarta parte e contribuindo para o início das reflexões da quinta, Carolina Pereira Lins Mesquita e Carla Appollinario de Castro refletem sobre as tensões entre a esfera pública (trabalho produtivo) e a privada (trabalho reprodutivo), lançando luzes sobre os papéis sociais

que recaem sobre as mulheres no que concerne à sexualidade, à reprodução e ao cuidado, além da “cultura do estupro feminino”, enquanto mais uma forma de dominação. O artigo é intitulado “Nós, mulheres: entre trabalhos, lutas e tensões”.

Por fim, a quinta parte, *Feminismo e violência*, destina-se a abordagem da temática da violência física contra a mulher e sua naturalização. Marcella Furtado de Magalhães Gomes abre o eixo temático, analisando a cultura do estupro, as mais variadas formas de violência praticadas contra as mulheres e as circunstâncias concernentes à normalização desta violência, a objetificação feminina na mídia e a culpabilização da vítima. O texto recebe o título “Existirmos, a que será que se destina? Cultura do estupro: a naturalização da violência contra as mulheres na mídia”. Na sequência, em “*Feminicidio en territorios históricamente racializados y contextos violentos en el estado de Guerrero, México*”, Rosa Icela Ojeda Rivera, Frida Hernández Ojeda e Aleyda Hernández Ojeda apresentam dados de feminicídios ocorridos entre janeiro de 2005 a dezembro de 2015 em espaços geográficos ocupados pelos povos originários no estado de Guerrero, no México. O artigo seguinte, “*Feminicidios e impunidad em Guerrero, México*”, assinado também por Frida Ojeda, faz uma revisão de conceitos para se compreender a violência empregada contra a mulher, além de descrever a cronologia dos avanços derivados da revisão destes conceitos na legislação mexicana. Encerrando a quinta parte, Graciela Porta Sicardi contribui com o texto “*Mujeres privadas de libertad en el Uruguay: acceso a la justicia*”. Neste artigo, a autora dá visibilidade à injustiça social refletida nas mulheres que ingressam no sistema prisional uruguaio, por meio da atribuição de enfoque nos direitos humanos e no acesso à justiça, bem como com apoio em dados de organismos especializados e em experiências coletadas como docente.

O livro não tem a pretensão de esgotar as pesquisas, as lutas, o trabalho e o ativismo feminista contra a desigualdade de gênero, muito embora resuma também os traços de nossas personalidades, do nosso encanto. Ao mesmo tempo em que ele se destaca pela originalidade e consistência teórica, traduz-se, corajosamente, num grito contra as injustiças, as barbáries contemporâneas e deposita a sua crença, a sua esperança, no alvorecer de uma sociedade centrada na equidade, na igualdade, na solidariedade e na justiça distributiva.

Esperamos que este tomo contribua para as reflexões sobre gênero e para a construção de uma comunidade internacional mais feminista, justa e igualitária.

Novembro de 2020.

Carolina Pereira Lins Mesquita

Juliana Teixeira Esteves

Nathalia Lipovetsky

Feminismo & Deuda  
Feminismo & Dívida

PARTE I

Invisibilidad, lucha y emancipación

Invisibilização, luta e emancipação

*Mujer  
Un ser  
que aún no acaba  
de ser.  
No la remosa rosa  
angelical  
que los poetas cantaron.  
No la maldita bruja  
que los inquisidores quemaron.  
No la temida y deseada  
prostituta.  
No la madre bendita.  
No la marchita y burlada  
solterona.  
No la obligada  
a ser buena.  
No la que vive  
porque la dejan vivir.  
No la que debe siempre  
decir que sí.  
Un ser que trata  
de saber quién es  
y que empieza a existir.*

**(Alaíde Foppa)**

*Somos filhas da ribanceira  
Netas de velhas benzedoras,  
Deusas da mata molhada,  
Temos no urucum a pele encarnada,  
Lavando roupa no rio, lavadeiras,  
No corpo o gigado de carimbozeiras,  
Temos a força da onça pintada,  
Lutamos pela aldeia amada,  
Mas, viver na cidade não tira o direito de ser,  
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,  
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy  
O Brasil começou bem aqui...  
Não nos sentimos aculturadas,  
Temos a memória acesa,  
E vivemos na certeza de que nossa aldeia  
Resistirá sempre ao preconceito do invasor,  
Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!  
(Márcia Wayne Kambeba)*

*Ao viver como vivíamos, na margem, acabamos desenvolvendo uma  
forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para  
dentro quanto de dentro para fora... compreendíamos ambos  
(Bell Hooks)*

# A potencialidade do conceito de interseccionalidade<sup>1</sup>

*Pâmela Guimarães-Silva  
Olívia Pilar*

**Resumo:** Neste artigo, nosso interesse reside em expor um panorama sucinto dos debates acerca da ferramenta teórico-metodológica denominada interseccionalidade, bem como seu potencial. Embora o termo tenha sido cunhado no final da década de 1980, por uma intelectual, negra e norte-americana, a abordagem interseccional das opressões que atingem grupos marginalizados está na gênese do movimento de mulheres negras no Brasil, que tem sua origem no final dos 1970 e início dos anos de 1980. Assim, a partir da historicidade desse conceito e da luta política das mulheres negras no Brasil, apresentamos o potencial da interseccionalidade como uma ferramenta que torna as injustiças sociais visíveis e aprimora as lutas e reivindicações políticas contra as desigualdades e as opressões.

**Palavras-chave:** interseccionalidade; movimento de mulheres negras; desigualdades; opressões.

## *1. Introdução*

Neste artigo, nosso interesse reside em expor um panorama sucinto dos debates acerca de uma ferramenta teórico-metodológica: a interseccionalidade. Embora o termo tenha sido cunhado em 1989, por uma intelectual negra norte-americana, Kimberlé Crenshaw, a abordagem interseccional das opressões que atingem grupos marginalizados está na gênese do movimento de mulheres negras no Brasil, que tem sua origem no final dos 1970 e início dos anos de 1980.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Neste momento histórico, não apenas as mulheres negras se organizaram politicamente, como também realizaram a politização das desigualdades as quais eram submetidas. Isto é, elas dissecaram o contexto em que estavam inseridas e, assim, perceberam que era preciso complexificar as propostas de tratativas das opressões, para que fossem mais assertivas nas soluções apresentadas. Esse deslocamento, resultou em uma visão mais apurada da realidade social, na qual observaram que, não raramente, as opressões se entrecruzavam, portanto, as propostas para mudanças precisavam contemplar esse entrecruzamento. O que corresponde a ideia central da interseccionalidade.

O conceito de interseccionalidade se apresenta, então, não somente como um aparato teórico para que possamos apreender os sentidos sobre as opressões que atuam em conjunto sobre esses sujeitos, mas também como uma lente que permite um olhar mais apurado para grupos marginalizados. Esse olhar, por sua vez, pode acarretar em soluções mais precisas sobre as problemáticas que os atingem.

Antes de prosseguirmos, cabe ressaltar que nem sempre essas abordagens das opressões foram nomeadas como interseccionais e não é nosso objetivo categorizar, ao modo colonial, as ações de *outrem* sem levar em conta a autodefinição e a capacidade cognoscente do objeto observado. Exatamente por isso, apresentamos aqui um recuo histórico do surgimento do movimento de mulheres negras no Brasil, em seguida, a historicidade e o significado do conceito de interseccionalidade, para só então, mostrar como as mulheres negras usaram tal abordagem, antes mesmo que ela fosse nomeada dessa forma. Com esse percurso, ainda que brevemente, apresentamos o potencial do conceito nas lutas contras as desigualdades e opressões.

## 2. *Mulheres negras: o reconhecimento de si como* Outro do Outro

Em meio a ditadura militar, em 18 de junho de 1978, surge uma das entidades de resistência mais relevantes do país, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial. Esse tem como primeiro ato público a manifestação nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em 07 de julho do mesmo ano, com o objetivo de denunciar a tortura e o assassinato de Robson Silveira

da Luz, nos 44° Distrito Policial de Guaianazes e a discriminação racial sofrida por jovens negros do Clube de Regatas Tietê.

Segundo Alberti e Pereira (2004), as mobilizações do grupo tinham caráter educador e emancipatório de forma ampla: poetas franceses eram lidos, o *apartheid*, em vigor na África do Sul entre 1948 e 1992, era debatido, bem como a independência dos países africanos de colonização portuguesa – Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, ocorrida entre 1974 e 1975. Para os autores, essas discussões e debates foram cruciais em uma dinâmica que tratava não apenas de militância política, mas da descoberta de si como negro. É nesse sentido que a mobilização também abrangia “a adoção do penteado afro, a produção de audiovisuais, jornais e panfletos, a difusão de informações em feiras e locais públicos, a montagem de peças de teatro e a organização de grupos de dança e de blocos afro” (ALBERTI; PEREIRA, 2010, n.p).<sup>2</sup>

Mais tarde, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial passou a se chamar apenas Movimento Negro Unificado (MNU). Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes, ele teve sua atuação centralizada em publicizar 1) que a noção de raça é uma construção social que pode ser resignificada; e que 2) essa construção está imbricada nas desigualdades sociais (GOMES, 2012, p.734). Não obstante, de acordo com Domingues (2009) e Moreira (2007), o MNU tinha como parte de sua agenda, as pautas das mulheres negras, desde a sua criação, reconhecendo, assim, a subjetividade feminina negra. Um exemplo é a manifestação e a passeata ocorridas em 1979, em São Paulo, para denunciar a discriminação contra as mulheres negras, homossexuais e prostitutas.

Entretanto, Moreira (2007) e Hanchard (2001) afirmam que, no interior do MNU, os homens reproduziam práticas de desigualdades de gênero em especial em relação a divisão de trabalho: a eles cabia o debate político e às mulheres as tarefas internas e domésticas. Dessa forma, internamente, persistia o sistema patriarcal que determinava às mulheres os papéis de esposas e mães, razões pelas quais, era vetada a elas, por exemplo, a ocupação de cargos de liderança dentro das organizações (DOMINGUES, 2009).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/>. Acesso em 01 de jul. 2020.

Nesse processo de afirmação das diferenças étnico-raciais e de subjetivação, as mulheres negras também passam a entender que suas identidades são uma sobreposição de raça e gênero, não apenas um ou outro. Essa sobreposição gerava demandas específicas que não estavam sendo completamente contempladas pelo movimento negro. Segundo Sueli Carneiro (2003), na década de 1980, no Brasil, as pautas das mulheres eram apresentadas publicamente e politicamente apenas pelo Movimento de Mulheres, que já vinha se tornando referência mundial desde o início do século XX, lutando a favor da educação e do voto feminino.

Para ilustrar tal potência, a autora cita como a Constituição de 1988 contemplou cerca de 80% das propostas de tal movimento. Além disso, é também uma conquista das feministas a criação de órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. Nesta seara, é mérito de tal movimento, ainda, o deslocamento da tratativa da violência doméstica para a dimensão pública<sup>3</sup>; a conquista dos direitos sexuais e reprodutivos; a reserva de 20% das legendas dos partidos para as candidatas mulheres; a crítica sobre as desigualdades no mercado de trabalho, em relação aos homens, entre outras diversas lutas e conquistas.

Entretanto, mesmo com tantas excelentes conquistas, as questões raciais não eram pautadas pelo movimento feminista. Rosália Lemos (1997) cita uma fala da fundadora da organização Criola, Jurema Werneck, para ilustrar as diferenças primordiais em relação ao movimento feminista, ela diz: “tem o subemprego, as questões do trabalho, o direito à procriação que é diferente, porque se a mulher branca reivindica o direito de evitar filhos, a mulher negra reivindica o direito de tê-los, criá-los e vê-los vivos até a velhice” (WERNECK *apud* LEMOS 1997, p.125).

Diante desse cenário, nas décadas de 1970 e 1980, as mulheres negras brasileiras estavam, inicialmente, ilhadas entre os dois movimentos sociais, o feminista e o negro (BAIRROS, 1995;

---

<sup>3</sup> Esse deslocamento faz com que a administração pública introduza novos organismos, como: as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (Deams), os abrigos institucionais para a proteção de mulheres em situação de violência; e outras necessidades para a efetivação de políticas públicas voltadas para as mulheres (CARNEIRO, 2003, p.1).

CARNEIRO, 2005). Assim, elas vivenciam uma experiência de se perceber, politicamente e socialmente, como o *Outro do Outro* (RIBEIRO, 2017). Concepção que explicamos a partir das filósofas Simone de Beauvoir e de Sueli Carneiro. Segundo Beauvoir, a mulher é considerada o *Outro* absoluto, independentemente de qualquer atributo que tenha, ela é o outro do homem, não existe de forma autônoma. Essa concepção tem como base construções culturais, históricas e sociais, mas não biológica. Isto é, a posicionalidade social da mulher em relação aos homens resulta em desigualdades, discriminações e supressões de direitos ao longo dos séculos.

Em relação a raça, para Sueli Carneiro (2005), os sujeitos negros cumprem papel semelhante. Para Carneiro, a sociedade brasileira está engendrada pelo dispositivo de racialidade, uma engenharia social que cria “uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a branca será a sua representação” (CARNEIRO, 2005, p.42). Assim, socialmente, o corpo, e mais precisamente, a cor da pele, se torna um signo. O negro é a oposição ao branco, ao normal e ao humano.

Dessa forma, por serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras apresentam uma dupla alteridade, a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Tornam-se, assim, o *Outro do Outro*, posição que as coloca num local de mais difícil reciprocidade (RIBEIRO, 2017, p.35). Diante do contexto exposto até aqui, as mulheres negras passam a construir “territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que [foram e] são impelidas, ou dos territórios de miséria a que foram [e são] relegados” (PELBART, 2003, p.23). De acordo com Petrônio Domingues (2009, p. 46),

na medida em que se inscreveram, no panorama político, as contradições de raça e gênero, as mulheres negras catalisaram as bandeiras de insurgência edificadas historicamente pelos movimentos negros e das mulheres no Brasil, enegrecendo, de um lado, as reivindicações das mulheres e, por outro, impulsionando a feminização das propostas e aspirações do Movimento Negro (DOMINGUES, 2009, p.46).

Isto é, elas reconhecem a identidade de *Outro do Outro* não como prisão, mas como uma forma outra de viver. Forma que as posiciona em um lugar de desfavorecimento social, mas que também orienta a sua criatividade, as suas forças, as suas crenças, suas invenções e as suas lutas. E, a partir desses tensionamentos e do

reconhecimento de si, as mulheres negras começam a se organizar coletivamente.

Um exemplo do tensionamento supracitados são dois artigos: um redigido por Sueli Carneiro (2003), filósofa negra, e outro pela juíza federal Mônica Sifuentes, uma mulher branca. No artigo *Direito e justiça*, publicado no Jornal Correio Braziliense, em 18 de fevereiro de 2002, Sifuentes argumenta contra a adoção das políticas de cotas para os negros, nos seguintes termos “(...) para nós mulheres não houve necessidade de se estipular quotas. Bastou a concorrência em igualdade de condições com os homens para que hoje fôssemos maioria em todos os cursos universitários do país” (SIFUENTES, 2002 *apud* CARNEIRO, 2003, p.122).

Diante do uso do pronome pessoal plural, Sueli Carneiro redigiu um artigo no mesmo jornal, intitulado *Nós?*, publicado na semana seguinte com a seguinte reflexão:

O argumento da juíza não leva em conta o fato de os homens entrarem mais cedo do que as mulheres no mercado de trabalho com prejuízos para a sua permanência no sistema educacional e que apesar disso, os estudos recentes sobre a mulher no mercado de trabalho revelam que elas precisam de uma vantagem de cinco anos de escolaridade para alcançar a mesma probabilidade que os homens têm de obter um emprego no setor formal. Para as mulheres negras alcançarem os mesmos padrões salariais das mulheres brancas com quatro a sete anos de estudos elas precisam de mais quatro anos de instrução, ou seja, de oito a onze anos de estudos. Essa é a igualdade de gênero e de raça instituídas no mercado de trabalho e o retorno que as mulheres, sobretudo as negras, tem do seu esforço educacional (CARNEIRO, 2003, p.122).

Por situações como a exposta acima, o corpo coletivo de mulheres negras iniciou um processo de subjetivação marcado pela crescente necessidade em criar a própria agenda de demandas políticas e de estabelecer “novos territórios e autorrepresentações de si próprias” (LEMOS, 1997, p.123).

### *3. A interseccionalidade como vetor de autovalorização*

A potência do corpo coletivo de mulheres negras, que surge a partir das décadas de redemocratização do país e dura até os dias atuais, é o reconhecimento e a valorização das diferenças – em

relação ao homem e ao branco – e a multiplicidade de formas de vida/viver. Trata-se, portanto, de um movimento político de autodefinição e autovalorização.

A (auto)valorização das diferenças e o ato de agir a partir dessa consciência é o princípio do conceito de interseccionalidade. Uma ferramenta teórico-metodológica que ganha força entre mulheres negras militantes e/ou acadêmicas negras, norte-americanas e brasileiras na década de 1980, e é fundamental no processo de desvelar a interação entre as opressões que incidem, especificamente, sobre mulheres negras.

Em relação a historicidade do conceito, não raramente, as narrativas vão atribuir à intelectual feminista, afro-americana e advogada Kimberlé Crenshaw a existência desse conceito, tomando os artigos “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*”, publicado em 1989, e “*Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*”, publicado em 1991 como a gênese da interseccionalidade. Neles, em síntese, a autora vai trabalhar a ideia de que é preciso “(...) capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p.177) para a promoção da justiça social.

Há, contudo, como mostraremos mais à frente, críticas sobre essa historicidade que resgata apenas a concepção do conceito no ambiente acadêmico, desconsiderando vivências e experiências que trazem essa noção muitos antes. No Brasil, em 1984, anos antes de Crenshaw, Lélia Gonzalez já constatava em seu artigo *Racismo e sexismo na cultura Brasileira*, fruto de sua atuação nos movimentos sociais, que “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira (...) e sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra” (GONZALEZ, 1984, p.224).

Essa exposição dos danos ocasionados pela articulação entre o racismo e o sexismo (podendo haver outros marcadores), entretanto, só é levada à sério, a partir da formulação de Crenshaw. Esse fenômeno revela uma curiosidade: não apenas existe um espaço legitimado para a produção de conhecimento, como aqui no Brasil a articulação entre esses dois espaços – o da experiência e da academia – não foi bem aceita. Lélia Gonzalez era uma intelectual,

tal qual Crenshaw, mas seu texto trouxe sua experiência militante e, assim, sua fala não encontrou uma escuta qualificada.

Guardadas essas ressalvas, o termo interseccionalidade se refere a como os marcadores sociais – tais como raça, gênero, classe, sexualidade e outros – têm uma natureza interligada e podem gerar opressões de natureza, igualmente, interligadas. Cunhado há pouco mais de 30 anos, o conceito veio da falta de entendimento sobre o entrecruzamento das opressões e para eliminar a ideia de que há uma hierarquia de opressões a ser considerada.

No primeiro artigo sobre o tema, escrito em 1989, a Crenshaw faz uma crítica aos movimentos sociais (em especial ao Movimento Negro e ao Movimento Feminista), que enfocavam a necessidade de tratativa para opressões para o racismo e para o sexismo, como categorias separadas e isoladas. Para ela, dessa forma, havia uma promoção da marginalização de identidades com diversos marcadores.

Para ilustrar sua tese, em uma palestra veiculada em 2016, Crenshaw apresenta uma metáfora, também utilizada por Akotirene (2018): segunda as autoras, os marcadores são como avenidas e os sujeitos/as sujeitas, ao longo de suas vidas, são posicionados nos cruzamentos dessas avenidas de acordo com suas identidades e subjetividades (na “rua da raça”, na rua “da classe” e “na rua do gênero”, por exemplo). Sujeitos posicionados em cruzamentos, se encontrariam em locais mais suscetíveis a “atropelamentos” individuais e simultâneos – do “carro do racismo”, do “carro do sexismo”, do “carro do classismos” e de outros “carros”. Portanto, quanto maior o número de opressões que se sobrepõem na vida de um sujeito, maior a situação de vulnerabilidade desse sujeito.

Para embasar sua argumentação, a professora revisou dezenas de casos jurídicos e verificou que, em sua maioria, as intersecções dessas categorias são negadas ou desconsideradas. A partir de tal revisão, ela elencou três desses casos emblemáticos: *DeGraffenreid* contra *General Motors* (1976), *Moore* contra *Hughes Helicopter* (1980) e *Payne* contra *Travenol* (1972), os quais apresentaremos aqui: o mais conhecido é o primeiro, em que Emma DeGraffenreid, uma mulher negra, se candidatou para uma vaga de emprego na *General Motors* e pouco tempo depois recebeu a notícia de que não havia sido contratada. Acreditando que não conseguira o emprego por ser uma mulher negra, DeGraffenreid entrou com uma ação judicial contra a fábrica.

No parecer jurídico, o juiz se recusou a aceitar alegação de discriminação de raça e de gênero argumentando que o empregador contratava afro-americanos e contratava mulheres. Entretanto, o que o juiz não considerou é que todos os afro-americanos contratados pela *General Motors* eram homens e todas as mulheres contratadas eram brancas. Ou seja, ele não reconhecia que “muitos dos problemas de justiça social, como racismo e sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos níveis de injustiça social” (CRENSHAW, 2016, n.p.).

Para Crenshaw, apenas se o tribunal fosse capaz de ver como as duas dinâmicas opressivas ocorriam juntas, ele poderia perceber a dupla discriminação enfrentada por DeGraffenreid e, assim, atuar de forma a promover justiça social. A argumentação do juiz foi a de que se Emma entrasse com as duas petições, ela teria tratamento preferencial, isto é, ela teria a vantagem de ter dupla oportunidade, enquanto homens afro-americanos e mulheres brancas teriam apenas uma (CRENSHAW, 1989).

No segundo caso, Moore, que era empregada da *Hughes Helicopter*, entrou na justiça por acreditar que havia discriminação racial e de gênero na promoção para níveis superiores e para cargos de supervisão na empresa. Ela apresentou estatísticas que indicavam que tais cargos eram ocupados, em sua maioria, por homens brancos. Ao analisar o caso, o tribunal questionou as provas de Moore quanto à questão de raça, visto que ela defendeu que havia discriminação por ser mulher negra, e não por ser apenas mulher.

O tribunal rejeitou o caso “de Moore para representar todas as mulheres aparentemente porque sua tentativa de especificar sua raça foi vista como estando em desacordo com a alegação padrão” (CRENSHAW, 1989, p.144). Para Crenshaw, tal decisão demonstra, por exemplo, como a discriminação contra uma mulher branca é a única que possui qualquer possibilidade de ser aceita, posto que esse parece ser “o sexo padrão de reivindicação de discriminação; reivindicações que divergem deste padrão aparecem apresentar algum tipo de reivindicação híbrida” (CRENSHAW, 1989, p.145).

Por fim, a autora apresenta o caso de Willie Mae Payne contra o *Travenol*. Payne, que trabalhava no laboratório farmacêutico citado, alegou judicialmente que 48 pessoas negras sofriam discriminação racial nesse ambiente de trabalho. O tribunal permitiu que somente fosse incluída a discriminação racial das mulheres negras, por

entender que Payne, por ser mulher negra, não poderia representar também os homens negros. Ao final do processo, “(...) o tribunal distrital entendeu que houve extensa discriminação racial (...) e concedeu indenização para a classe de funcionárias negras” (CRENSHAW, 1989, p.147). Segundo Crenshaw, esse último caso gerou duas questões para as mulheres negras envolvidas: ter que escolher entre articular especificamente os aspectos interseccionais de sua subordinação, arriscando assim sua capacidade de representar homens negros, ou, ignorar a interseccionalidade, a fim de afirmar uma alegação, o que não levaria à exclusão de homens negros (CRENSHAW, 1989, p.148).

Com esse trabalho de revisão dos casos, a professora demonstrou que as interpretações legais sobre cada caso foram definidas tomando como padrão as experiências de mulheres brancas, homens brancos e até mesmo homens negros. Ou seja, as decisões ou invisibilizavam as mulheres negras ou as contemplavam parcialmente. Havia, portanto, uma deficiência na forma de enxergar a realidade social de uma identidade com múltiplas características e dimensões. Mesma constatação que levou as mulheres negras brasileiras a se organizarem politicamente, como apresentado na seção anterior.

Por seu turno, no segundo artigo sobre o tema, o *Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color*, publicado em 1991, a autora faz uma discussão mais aprofundada, na qual ela aborda a interseccionalidade estrutural, para refletir sobre como a posicionalidade das mulheres não-brancas na intersecção entre raça e gênero, torna as experiências reais de violência doméstica, estupro e estupro corretivo diferentes das experiência de mulheres brancas. É também um dos seus pontos de discussão, a interseccionalidade política, na qual ela analisa como a política feminista e antirracista, paradoxalmente, muitas vezes ajudaram a marginalizar a questão da violência contra as mulheres não-brancas. Posto que desconsideravam no nível mais simples que

raça, gênero e classe estão implicados juntos porque o fato de ser uma mulher de cor correlaciona-se fortemente com a pobreza. Além disso, o acesso desigual a habitação e emprego - isto é, o fenômeno da discriminação - é reproduzido através da sua raça e identidade de gênero (CRENSHAW, 1991, p.3).

Outro tópico que a autora aborda é a interseccionalidade representacional, pela qual se refere à construção cultural de mulheres não-brancas. Isto é, ela considera como as controvérsias sobre a representação das mulheres não-brancas na cultura popular também podem se tornar mais uma fonte de falta de poder interseccional. Seus tópicos fomentam diversos trabalhos nos anos seguintes, inclusive legislações.

Ainda que apresentado aqui de forma breve, fica claro que Crenshaw sistematizou e nomeou uma perspectiva que estava presente na caminhada de subjetivação e emancipação das mulheres negras há séculos. Para se ter uma ideia a manifestação da noção de que raça e gênero não deveriam ser pensadas como categorias isoladas aparece mais de cem anos antes da tese de Crenshaw no famoso discurso da ex-escravizada Sojourner Truth, *“Ain’t I a woman?”*, proferido na Convenção de Mulheres de 1851, em Ohio, nos Estados Unidos, a saber:

(...) aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu ari e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? (TRUTH, 1851 *apud* GAGE, 1863).

Truth colocou em perspectiva a ideia de que os processos de sociabilidade de pessoas pertencentes a um mesmo grupo, definido por uma única categoria, são idênticos. O discurso reivindica a existência de um lugar em que há opressões cruzadas e que carece de ser reconhecido. Ao questionar “eu não sou uma mulher?”, ela está reivindicando, em última análise, sua existência.

Outro momento marcante na historicidade da perspectiva interseccional, e que antecede a década de 1980, é o manifesto do *Combahee River Collective* (1977), uma organização feminista negra e lésbica ativa em Boston, entre 1974 e 1980. Ela tinha como líderes as irmãs Barbara Smith e Bervely Smith, que, em 1977, divulgaram um documento permeado pela noção do entrecruzamento das opressões sofridas pelas mulheres negras e lésbicas. O manifesto enfocou na ideia de que entrelaçamentos identitários podem gerar opressões e também resultar em hierarquias sociais, em lugares sociais marginalizados.

No Brasil, conforme apresentamos aqui, inicialmente, a intersecções entre as categorias de raça e gênero e a escolha por ignorar os efeitos dessas intersecções configuraram, com exatidão, o início do movimento político de mulheres negras. Nesse sentido, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Edna Roland, Luiza Bairros e outras tantas intelectuais e militantes negras produziram uma quantidade considerável de artigos científicos importantes e que pavimentam todo o pensamento do movimento político de mulheres negras no Brasil. Entretanto, ainda hoje, esses são conteúdos que pouco circulam nos espaços de legitimados de produção do saber.

Assim, enquanto a partir da década de 1980, em todo o mundo o termo interseccionalidade passava por uma contínua apropriação por feministas dos mais diferentes matrizes, no Brasil isso não aconteceu. Aqui, depois de aceito, o conceito passou por três grandes fases, ou encruzilhadas teóricas, para usar as palavras de Carla Akotirene (2018): 1) a primeira foi a guetificação, isto é, o termo passou a ser usado por feministas negras e tão somente por elas. Essa atitude, principalmente por parte do movimento negro e do movimento feminista reforçou a errônea ideia de que opressões sobrepostas é um problema exclusivo das mulheres negras; 2) em um segundo momento, o termo passou por um esvaziamento; e, por fim, 3) a expressão entrou em uma disputa acadêmica em que há um “saqueamento da riqueza conceitual e apropriação do território discursivo feminista negro para o feminismo interseccional, retirando o paradigma afrocêntrico” (AKOTIRENE, 2018, p. 51). Tais problemas são complexificados, ainda hoje, pela baixa participação de mulheres negras na academia brasileira (RIBEIRO, 1995), em qualquer posição do fazer intelectual – docentes, discentes e/ou pesquisadoras.

Isto posto, embora o conceito seja exaustivamente atribuído Kimberlé Crenshaw, é preciso reconhecer que se trata de algo muito anterior a década de 1980 e muito mais amplo que um conceito acadêmico. Trata-se de uma chave de leitura da vida social que os diversos movimentos políticos de mulheres negras tentaram inculcar em cada um de seus encontros, manifestos, discursos, colunas em dispositivos midiáticos, propostas de políticas públicas, enfim, em cada uma de suas ações. A nosso ver, a interseccionalidade é a própria lógica de interação das mulheres negras que lutam por emancipação e justiça social.

#### 4. *À guisa de conclusão*: a interseccionalidade como ferramenta que torna visíveis as injustiças sociais

Passamos agora à tentativa de verificar a potencialidade da interseccionalidade, a partir do que essa abordagem tornou visível e enunciável, para o movimento de mulheres negras, ao longo dos anos. Acreditamos que mais do que um termo ou uma ferramenta de usabilidade apenas jurídica, a interseccionalidade é uma proposta que pode se efetivar em uma rede, um conjunto “heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2000, p.244). Abaixo, ainda que brevemente e à guisa de conclusão, listamos os principais vetores que nortearam as propostas do movimento negro de mulheres negras no Brasil cuja as reivindicações só foram (e são) possíveis sob uma lente interseccional.

##### 4.1 Mercado de trabalho

O primeiro tópico em que há uma colisão das estruturas de identificado pelo movimento de mulheres negras é o *mercado de trabalho*. Em pesquisa anterior mostramos como a intelectual e militante Lélia Gonzalez, uma das únicas colonistas negras da década de 1980, aborda, em todas as suas colunas no *Jornal Mulherio*, veículo midiático de grande relevância para o movimento feminista nacional, a situação da estrutura

ocupacional que apresenta uma sabida e contínua desigualdade nesse espaço (GUIMARÃES-SILVA, 2020). Para as mulheres negras são reservados lugares de subalternidade e, em sua maioria, serviços braçais ou ligados ao cuidado – dinâmica que, na sociedade brasileira, tem sua origem na escravidão.

A pesquisadora Akotirene levanta outras questões para complementar o tema: a primeira é que essas mulheres além de vítimas de subempregos também sofrem uma *dupla infantilização*, em que na casa de suas patroas são tidas como “burros de carga e ao chegar em casa tem seus salários tomados pelo marido” (AKOTIRENE, 2018, p.27). A esse respeito, é pertinente lembrar Gonzalez, para quem a infantilização é uma estratégia para cercar o direito a voz, posto que *infans* são aqueles que “não têm fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque é falada pelos adultos” (1984, p.225). O debate é pertinente quando se fala em interseccionalidade, na medida em que se trata de uma dinâmica social que se retroalimenta revitimizando e afastando essas mulheres das atividades intelectuais e da autonomia financeira.

A autora lembra ainda que o problema é tão complexo que é possível interseccionar com a questão geracional, posto que a “marcação de raça garantirá às mulheres brancas seguridade social, pois [em sua maioria, no Brasil] estas tiveram emprego formal, e a marcação de classe irá mantê-las na condição de patroas” (AKOTIRENE, 2018, p.27), o que não se aplica às mulheres negras. Isto é, o mercado de trabalho visto sobre o prisma interseccional se revela um lugar inóspito às mulheres negras em qualquer tempo de suas vidas.

#### 4.2 Violências doméstica, sexual e simbólica

Um segundo ponto que se torna visível e é enunciado pelo movimento de mulheres negras são as *violências doméstica, sexual e simbólica*. Segundo Crenshaw, em relação às duas primeiras, as mulheres negras não são apenas as maiores vítimas como também são as que menos recebem solução ou acolhimento nos instrumentos do Estado (CRENSHAW, 2001). Essa noção de que o *Outro* é descartável está intrinsecamente ligada à base do racismo, que cria uma divisão entre os sujeitos, colocando-os em subgrupos que podem ser caracterizados entre os que possuem

algum valor para o Estado e os que são objetos e, portanto, não precisam necessariamente estar vivos ou de proteção (MBEMBE, 2016, p.123).

Para exemplificar, basta pensar que, embora atualmente existam a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, segundo informações do Atlas da Violência 2019<sup>4</sup>, entre 2007 a 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu em 29,9%, ao passo que para mulheres não negras o crescimento foi de 1,6%. Em números absolutos a diferença é mais notória, já que as estatísticas vão para 60,5% e 1,7%, respectivamente. Esse cenário torna evidente que, embora as taxas de feminicídio digam de todas as mulheres, há uma disparidade em quem é mais atingido.

Já a violência simbólica, segundo Carneiro, se dá na medida em que há um constrangimento por falta de representações positivas em diversos âmbitos. As características fenotípicas marcadas pela pele escura e representadas de forma estereotipada, que Sodré (2015) define como a espinhosa questão estética, acarreta em desvantagens objetivas na luta pela inserção social. Em última instância, esse contexto reforça os processos de racialização que cumprem o objetivo de fixar, o mais precisamente possível, os limites em que eles podem circular e determinar, o mais exatamente possível, os espaços que podem ocupar (MBEMBE, 2016).

#### 4.3 A saúde da mulher negra

A terceira pauta que pavimenta o movimento de mulheres negras no Brasil, bem como sua necessidade de ter a interseccionalidade como principal estratégia de interação, trata da *saúde da mulher negra*. Há nesse nicho, duas subpautas específicas: os direitos reprodutivos, posto que as mulheres negras e de baixa renda foram vítimas da esterilização compulsória por décadas; e a atenção ao tratamento de doenças predominantes sobre a população negra.

Na década de 1990, a maternagem das mulheres negras é cerceada com a esterilização forçada e em massa. Fenômeno ocorrido na década de 1990 e que originou, na década de 1990, uma CPI, presidida pela primeira senadora negra do país, Benedita

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2ktuaQB>. Acesso em: 21 set. 2020

da Silva, que comprovou a prática indiscriminada da laqueadura e o uso eleitoreiro da cirurgia. Nesse sentido, a década de 1990 é pela preparação III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, em Durban, África do Sul que seria realizada em 2001. Como parte da preparação para esses encontros, em dezembro de 1994, na edição de número 22, começou-se no *jornal Fêmea*, a coluna *Mulher Negra e Pequim 95 – da Informação à Ação | Geledés - Instituto da Mulher Negra* (publicada de dezembro/1994 a julho/1995), cujo uma das pautas principais era a saúde da mulher negra.

Isto posto, podemos inferir que o que movimento de mulheres negras enuncia e torna visível a partir de uma abordagem interseccional são elementos que – se vistos, ouvidos, considerados e resolvidos – podem proporcionar mudança social. Nesse sentido, a interseccionalidade emerge uma lente para que seja possível encontrar melhores e mais eficazes remédios sociais para as injustiças, opressões e desigualdades.

### *Referências bibliográficas*

- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.
- ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral. In: III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros “Pesquisa Social e Políticas de Ações Afirmativas”, 2004, São Luís. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.
- ALMEIDA, L. C. Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: Geledés e Criola. In: Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Santa Catarina. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, n. 02, p. 458-463, 1995.
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/33Sgdo>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *The University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, p. 139-167, 1989.
- CRENSHAW, K. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), p.1241-1299, 1991.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- CRENSHAW, K. *A urgência da “interseccionalidade*. Vídeo da palestra da escritora estadunidense no evento Technology, Entertainment and Design (TEDWomen 2016). Disponível em: <http://bit.ly/2CvSrOa>. Acesso em: 7 set. 2020.
- COMBAHEE RIVER, C.; PEREIRA, S.; GOMES, L.. Tradução: Manifesto do Coletivo Combahee River. *Plural*, 26(1), 197-207, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3csgEDr>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2EzuAio>. Acesso em: 20 jul. de 2020.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.
- GUIMARÃES-SILVA, P. Emancipação política por meio de práticas comunicativas alternativas: Lélia Gonzalez no Jornal “Mulherio”. *Revista Dispositiva*, v. 9, p. 194-214, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2EzDo7W>. Acesso em: 20 set. 2020.
- HANCHARD, M. G.. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LE MOS, R. O. *Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- MBEMBE, A. Necropolítica. *Artes & Ensaios*, v. 32, p. 123-151, 2016.

- MOREIRA, N. R. *O Feminismo Negro Brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, M. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga e Beijing. *Revista Estudos Feministas*, n. 02, 1995, p. 446-457.
- PELBART, P. P. *Vida capital – ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

# Feminismos de(s)coloniales<sup>1</sup>

*Karina Ochoa*

**Resumen:** El presente ensayo hace un recorrido por los procesos que posibilitaron la emergencia del llamado Grupo Colonialidad/Modernidad (GCM) y describe brevemente algunas de las contribuciones generadas por intelectuales latinoamericanos que lo integraron. Dicho recuento es la vía de entrada para revelar la inicial ausencia de la producción crítica de mujeres y feministas latinoamericanas dentro del pensamiento descolonial, para luego dar cuenta de las diversas miradas que componen una parte del debate de los feminismos descoloniales.

**Palabras clave:** modernidad; globalización neoliberal; pensamiento descolonial; feminismos descoloniales

## *1. Introducción*

En las últimas dos décadas del siglo XX, la región latinoamericana vivió un intenso proceso de liberalización de las economías nacionales que se vio acompañado de importantes acciones dirigidas al desmantelamiento de las dictaduras militares (donde todavía prevalecían) y al empuje de los llamados procesos de “transición democrática” que posibilitaron la inserción de los

---

<sup>1</sup> El artículo de OCHOA, Karina es “Feminismos de(s)coloniales” publicado el libro de MORENO, Hortensia - ALCÁNTARA, Eva (coordinadoras), (2018) *Conceptos claves en los estudios de género. Volumen 2*. México: Universidad Nacional Autónoma de México - Centro de Investigaciones y Estudios de Género, abril 2018, pp. 109 a 121, ISBN de la colección 978-607-30-0196-0, ISBN del Volumen 978-607-30-0198-4.

Estados en las nuevas reglas del juego global. Lo anterior a partir de presiones y negociaciones con instancias transnacionales que llevaron a los gobiernos “democratizadores” a implementar las llamadas políticas de ajuste estructural. De tal forma que, como señala Breny Mendoza:

la década de los ochenta, considerada la década perdida para América Latina en términos económicos y sociales, se caracterizó paradójicamente por un sucesivo retorno de las democracias electorales. La democracia retorna en Argentina, en 1983; en Uruguay y Brasil, en 1985; en Chile, en 1988; y hasta en Paraguay, en 1989. En países como Perú y Honduras, la democracia electoral había retornado unos años antes (1980) dando ya algunas luces de cómo la democracia electoral podía conservar las mismas funciones que los regímenes militares autoritarios y al mismo tiempo imponer el proyecto neoliberal. (MENDOZA 2014a, p. 243)

Para la década de 1990, lo que se conoció como *neoliberalismo* alcanzó su más álgida expresión tanto en el ámbito económico como en el político. Fue el inicio de una etapa que traería consigo la implementación de políticas de apertura comercial, de libres aranceles y de reajuste estructural, lo que implicó el retraimiento de los estados nacionales y el reordenamiento de la política social con importantes efectos en las poblaciones rurales y urbanas: indígenas, mestizos/as empobrecidos/as y afrodescendientes, que configuran el mapa de la estratificación racial de nuestro continente.

Sin duda, el cambio de rumbo de los Estados nación latinoamericanos impactó notablemente en sectores populares racializados que no tardaron en organizarse y articularse alrededor de movimientos sociales, como el movimiento indio y afrodescendiente a nivel continental (aglutinado en la Campaña Continental de los 500 Años de Resistencia Indígena, Negra y Popular, 1992); en expresiones de resistencia y protesta popular de carácter regional o nacional, como la insurrección del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) en México; las revueltas encabezadas por la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE); las acciones y movilizaciones *Por la Paz* en Colombia (coordinadas fundamentalmente por organizaciones de mujeres); la emergencia y fortalecimiento del movimiento negro en Brasil; la revuelta y lucha por la defensa de

los recursos naturales en países como Bolivia, Ecuador, Chile, Argentina, Venezuela, Guatemala, etc. (ESPINOSA et al., 2014); y en expresiones civiles urbanas y antisistémicas, como las acciones de los llamados globalifóbicos, entre muchas otras que desafiaron el proyecto neoliberal y neocolonizador.

Así, nuestro continente habría de convertirse en un laboratorio geopolítico de la radical reconfiguración del orden global, pero también en terreno fértil para nuevas expresiones de protesta y resistencia que convocaban a pensar y accionar alternativas a la **globalización** neoliberal. Las manifestaciones contra el nuevo orden global provocaron reacciones de diversa índole, tanto protestas sociales como la producción de reflexiones que configuraron importantes apuestas de pensamiento, entre las que destaca el denominado “giro decolonial”. Dicha tendencia de pensamiento remite a un conjunto de contribuciones críticas generadas por intelectuales latinoamericanos que fueron reconocidos, inicialmente, como el Grupo Colonialidad/Modernidad (GCM), integrado por Edgardo Lander, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo, Fernando Coronil, Agustín Lao-Montes, Santiago Castro-Gómez, Zulma Palermo, Catherine Walsh, Oscar Guardiola-Rivera, Nelson Maldonado-Torres y María Lugones.

Vale señalar que, desde principios de la década de 1990, el sociólogo peruano Aníbal Quijano ya enunciaba una crítica radical a la racionalidad moderna europea mediante la formulación del problema de la colonialidad del poder, que se refiere fundamentalmente a las jerarquías y desigualdades que se establecen con la experiencia colonial, a partir del criterio de raza como eje articulador de la clasificación y ordenamiento de la población mundial. En este sentido, el desafío de(s)colonial perfilaba el desbordamiento del imaginario moderno y sus patrones de dominación, que mantienen un *continuum* histórico impreso tanto en los cuerpos como en los territorios de las poblaciones colonizadas hace más de quinientos años.

Las apuestas que quedan englobadas en lo de(s)colonial no tienen una raigambre única; lo que sostengo en este texto es que forman parte de una diversidad epistémica que logra cristalizar con mayor profundidad en la última década del siglo pasado y en la primera de este, pero – como diría Mignolo (2007)

– tiene su expresión desde el momento mismo de la conquista y colonización de nuestra América como contrapartida al orden moderno/colonial.

En este breve documento interesa hacer un acercamiento al debate de(s)colonial en Abya Yala<sup>2</sup>, a manera de una suerte de reconocimiento de los principales problemas implicados en esta tendencia de pensamiento, ya que representa un referente fundamental de la crítica a la modernidad- colonial-occidental realizada desde la “periferia” latinoamericana y caribeña. Se presentarán algunos de sus principales planteamientos, además de su articulación con el debate feminista de nuestra región, que sin duda ha llevado a sus límites este pensamiento de por sí radical.

No se intentará hacer una genealogía, pues se parte de que el debate sobre la de(s)colonialidad no tiene un origen único, sino que ha sido desarrollado y planteado desde una multiplicidad de contextos y líneas reflexivas que hacen de la de(s)colonización un universo diverso, disperso y complejo, con un potencial epistémico y político de gran envergadura para los pueblos y sujetos de las periferias que fueron colonizadas.

## *2. La de(s)colonización como un proyecto de las periferias globales*

La oleada neoliberal que se desarrolló en América Latina durante las décadas de 1980 y 1990 tuvo como contraparte un conjunto de luchas, resistencias y movimientos sociales que:

evidenciaron el fracaso del paradigma civilizatorio occidental, pues este había demostrado que las expectativas de “desarrollo” en los países del “Tercer Mundo” eran imposibles de cumplir. Pero no solo eso, pusieron el dedo en la llaga ante la pretensión de universalidad de los “Derechos Humanos”, desenmascarando la falsa inclusión de las “minorías” olvidadas. También develaron las

---

<sup>2</sup> Abya Yala es el nombre con que se conocía al continente hoy denominado América antes de la conquista española. Literalmente significa “tierra en plena madurez o tierra de sangre vital”. Quien le dio ese nombre fue el pueblo kuna de las actuales Panamá y Colombia (LÓPEZ HERNÁNDEZ 2004, p. 4).

jerarquías visibles e invisibles que se sostienen sobre la dicotomía fundante de las sociedades latinoamericanas: civilización *vs* barbarie; perfilearon el cuestionamiento a la pretendida exclusividad de “verdad” por parte del saber científico y reivindicaron la validez de los conocimientos populares producidos por fuera de los cánones occidentales; evidenciaron que las mujeres racializadas son invisibilizadas y violentadas sistemáticamente por los sistemas políticos, estatales y sociales. (ESPINOZA *et al.* 2014, p. 21)

Pero la embestida neoliberal tuvo también implicaciones para el Norte global. Esa nueva etapa de “desarrollo” que se abrió con la caída de la Unión Soviética, el fin de la guerra fría, y el establecimiento de un orden mundial único liderado por una franja de países capitalistas como Estados Unidos, Inglaterra, Francia, Alemania, etc., impactó en los debates que en ese momento se desenvolvían en los países centrales. Así, el denominado *posmodernismo* se fue perfilando como uno de los paradigmas que –desde el pensamiento occidental– trazó una ruptura con lo moderno y formuló los límites y la imposibilidad de este proyecto civilizatorio; es decir, explicitó el problema de la promesa incumplida de la modernidad y el fin de los metarrelatos. Sin embargo, cayó en una suerte de pesimismo tal que terminó por avalar el nuevo orden global del capitalismo tardío.

Desde Abya Yala, en esos momentos se pusieron en cuestión las implicaciones y consecuencias de la empresa civilizatoria colonial moderna a partir de la experiencia de conquista y colonización de las poblaciones originarias de estos territorios. Así que antes de pensar si la modernidad ha llegado a su fin o no, se comienza a formular la pregunta: ¿qué tipo de modernidad tenemos? Y ¿cómo llega la modernidad occidental a América Latina?

De esta forma, hacia finales de la década de 1990 se intensificaron las reflexiones sobre la herencia colonial. Los debates teóricos desarrollados se articularon, de inicio, alrededor del autodenominado Grupo Modernidad/Colonialidad, el cual estableció un diálogo constante con distintas tradiciones del pensamiento crítico, pero sobre todo interpeló los posicionamientos del pensamiento hegemónico, haciendo uso de “las categorías ‘decolonialidad’ y ‘colonialidad del poder’, así como los debates entablados con algunas corrientes de pensamiento social, tales como la teoría de la dependencia, el análisis del sistema-mundo, el

marxismo contemporáneo y los estudios poscoloniales” (CASTRO-GÓMEZ, 2013, p. 13).

La importancia de esas contribuciones reside en que se inscriben en el giro que adquieren los análisis sobre la modernidad y su empresa civilizatoria. Así, para autores como Enrique Dussel, la modernidad (como posibilidad) se origina en los burgos libres europeos del Medioevo, pero la modernidad (“como tal”) nace en el momento en que Europa se autoconstituye a sí misma con un *ego* unificado, de tal forma que las exploraciones y la conquista de América son parte fundamental del proceso de constitución de la subjetividad moderna (DUSSEL, 2001).

En este mismo sentido, el sociólogo peruano Aníbal Quijano plantearía que la experiencia que surge de la conquista de América marca el desarrollo posterior del poder mundial capitalista, pues crea las condiciones para que se configuren patrones de dominación colonial fundados en una clasificación étnico/racial de la población mundial que sigue operando en múltiples ámbitos de la existencia material y subjetiva de los pueblos.

A estas afluencias de reflexión se sumarían otros análisis de corte descolonial, como el de Edgardo Landier, quien plantearía que durante el primer periodo de la modernidad se producen los cambios pertinentes para dar paso hacia la “articulación de las diferencias culturales en jerarquías cronológicas” y a lo que Johannes Fabian llama la negación de la simultaneidad” (LANDIER, 1993, p.16); los aportes del colombiano Santiago Castro-Gómez en torno a la colonialidad del saber a partir de su análisis sobre el *hybris del punto cero*; la formulación del caribeño Ramón Grosfoguel en torno a los cinco epistemicidios que cambian la geografía de la razón y la concentran exclusivamente en el “universal descarnado” de Occidente, y el aporte de Nelson Maldonado sobre la colonialidad del ser. Por su parte, Arturo Escobar abona a la reflexión sobre la colonialidad global, los movimientos sociales y los conocimientos “otros”.

A esta corta lista de pensadores latinoamericanos se suman otro/as que por ahora no se van a mencionar; baste decir que el denominado Grupo Modernidad Colonialidad (GMC) logra capturar de manera muy elocuente el debate sobre el sistema-mundo que resulta de este complejo proceso colonial (donde se intersectan etnocentrismo, esclavitud, racialización, etc.,

cuya columna vertebral es la pretensión de universalidad de la experiencia europea) y posiciona la ruta de la descolonización como proyecto de las periferias globales. Aunque, también hay que mencionarlo, los que forman parte del autodenominado GMC no son los únicos que debatieron estas temáticas.

### *3. Las miradas feministas en torno al problema colonial*

Pese a la potencialidad del pensamiento descolonial, lo cierto es que los aportes de los feminismos latinoamericanos se han convertido en los grandes ausentes en la producción intelectual que se inscribe en la tendencia de pensamiento denominada “giro decolonial”. Esta invisibilidad de la producción crítica de mujeres y feministas latinoamericanas (indígenas, afros y/o mestizas racializadas) tira por la borda un conjunto de reflexiones y apuestas que son fundamentales frente al escenario de avasallamiento del capitalismo global de impronta colonial.

Si bien la crítica latinoamericana a la modernidad y la colonialidad es radical y original, lo cierto es que, como señala Breny Mendoza:

sometida a un escrutinio feminista, esta nueva corriente de pensamiento latinoamericano revela aún grandes limitaciones en su comprensión del lugar que ocupa el género en su objeto de investigación. Es notoria a su vez la ausencia de referencias a escritos feministas procedentes de América Latina [...] Llama, sin embargo, la atención que cuando se hace un gesto hacia el feminismo se haga pensando exclusivamente en feministas chicanas, como Gloria Anzaldúa y Chela Sandoval, y no en el feminismo latinoamericano. Esta omisión amerita nuestra atención y reflexión (MENDOZA, 2014c, p. 74).

El debate feminista que se ha desarrollado en las últimas décadas en Abya Yala es fundamental para una “comprensión situada del conjunto de relaciones estructuradas por el orden colonial” y poscolonial (SEGATO, 2010, p. 2), pues ofrece contribuciones que no solo quedan en una argumentación capaz de develar los múltiples mecanismos que operan en la subordinación de mujeres y hombres que habitamos el mal llamado “tercer mundo”, sino que

genera alternativas desde la concreción misma de las realidades que vivimos en nuestra región.

En este sentido, los trabajos de algunas feministas van más allá de la sola deliberación argumentativa, y quizá lo más valioso es que se articulan con procesos y eventos que nos indignan y preocupan a las mujeres y a las poblaciones indígenas, mestizas y afrodescendientes.

#### *4. De la colonialidad de género a los feminismos descoloniales*

Recientemente, las teóricas e intelectuales feministas de Abya Yala han logrado posicionar el debate relativo al “cruce entre colonialidad y patriarcado, y las organizaciones que de este se derivan: el patriarcado colonial moderno y la colonialidad de género” (SEGATO, 2010, p. 1).

La feminista de origen argentino María Lugones hace una revisión escrupulosa de los postulados de Quijano, y en su texto “Colonialidad y género” realiza un análisis respecto al cruce entre las categorías **género/raza** y colonialidad del poder (término acuñado por el peruano Aníbal Quijano), para explicar la configuración del “sistema moderno-colonial de género”. Así lo describe la propia autora:

En este proyecto, llevo a cabo una investigación que acerca dos marcos de análisis que no han sido lo suficientemente explorados en forma conjunta. Por un lado, se encuentra el importante trabajo sobre género, raza y colonización que constituye a los feminismos de mujeres de color de Estados Unidos, a los feminismos de mujeres del Tercer Mundo, y a las versiones feministas de las escuelas de jurisprudencia Lat Crit y Critical Race Theory. Estos marcos analíticos han enfatizado el concepto de interseccionalidad y han demostrado la exclusión histórica y teórico-práctica de las mujeres no-blancas de las luchas liberatorias llevadas a cabo en el nombre de la Mujer. El otro marco es el introducido por Aníbal Quijano y que es central a sus análisis del patrón de poder global capitalista. Me refiero al concepto de la colonialidad del poder [...], que es central al trabajo sobre colonialidad del saber, del ser, y decolonialidad. Entrelazar ambas hebras de análisis me permite llegar a lo que estoy llamando, provisoriamente, ‘el sistema moderno-colonial de género’. Creo que este entendimiento del género está presupuesto en ambos

marcos de análisis en términos generales, pero no está expresado explícitamente, o en la dirección que yo considero necesaria para revelar el alcance y las consecuencias de la complicidad con el que motiva esta investigación. (LUGONES, 2008, p. 77)

En la interpretación de Lugones encontramos una importante crítica a la falta de profundidad con que Quijano trata el concepto de **género**, pues su idea tiene un carácter fuertemente biologicista, lo que a decir de la feminista hondureña Breny Mendoza (a partir de la lectura que hace de Lugones),

hace preconcebir la existencia de un dimorfismo sexual donde no lo hay, a naturalizar la heteronormatividad ahí donde no existe como categoría sexual ni social, y a presuponer una dominación del poder patriarcal donde predominan relaciones igualitarias entre hombres y mujeres. Para corregir el error en que ha incurrido Quijano, Lugones recurre a las teorías feministas indígenas de ee.uu., como las de Paula Gunn Allen y la nigeriana Oyeronke Oyewumi, para demostrarnos cómo en etapas de preintrusión colonial, algunas sociedades habían desarrollado sistemas de género muy distintos a los de Occidente, y en algunas ni siquiera se contaba con el género como un principio ordenador del poder (MENDOZA, 2014b, p. 49).

En este sentido, como señalaría Mendoza, en el fondo de estos planteamientos –llevadas de la mano por Oyewumi– lo que se postula en el planteamiento de Lugones es que “tanto el género como el patriarcado son categorías sociales que solo tienen sentido en las epistemologías occidentales” (MENDOZA, 2014b, p. 57); el patriarcado o sistema de **género** se impone con la conquista española. Siguiendo esta línea de análisis, el **género** representaría la vía por la cual tanto hombres como mujeres de Abya Yala fueron deshumanizados en el proceso colonial. Es decir, la generización y la feminización, en su imbricación con la racialización, configuran la ruta por la cual los pueblos amerindios son subhumanizados y dominados por el nuevo orden colonial<sup>3</sup>.

Así, junto con Rita Segato, podemos decir que:

---

<sup>3</sup> Sobre este debate, véase OCHOA, Karina. (2014). El debate sobre las y los amerindios: entre el discurso de la bestialización, la feminización y la racialización, En: *El Cotidiano* núm. 184, marzo-abril, pp. 13-22, disponible en <<http://www.redalyc.org/pdf/325/32530724005.pdf>>.

A pesar de que la colonialidad es una matriz que ordena jerárquicamente el mundo de forma estable, esta matriz tiene una historia interna: hay, por ejemplo, no solo una historia que instala la *episteme* de la colonialidad del poder y la raza como clasificador, sino también una historia de la raza dentro de esa *episteme*, y hay también una historia de las relaciones de género dentro mismo del cristal del patriarcado. (SEGATO, 2010, p. 9)

Por supuesto, este debate forma parte de una larga reflexión que incorpora a feministas latinoamericanas (indígenas y no indígenas) de diversas trayectorias, formaciones y activismos.

A continuación, se reseñan algunos postulados que giran en torno a la articulación entre colonialidad, género y patriarcado, no sin advertir que quedarán fuera muchas pensadoras que han hecho aportes a la reflexión, debido a que la extensión de este ensayo nos impide incorporar a todas las voces.

Iniciaremos con Julieta Paredes, de origen aymara. Como parte de las “feministas comunitarias”<sup>4</sup>, presenta la tesis del *entronque de patriarcados*, que postula la articulación de los patriarcados originarios con el patriarcado occidental en el momento colonial (o sea, desde el momento de la conquista), lo que generaría una complicidad entre varones occidentales e indígenas para garantizar el sometimiento de las mujeres por parte de los hombres indígenas y no indígenas.

Estos planteamientos han sido fuertemente cuestionados, ya que aluden a un patriarcado transhistórico que no da cuenta de la diversidad de las experiencias históricas en el mundo previo

---

<sup>4</sup> El término “feminismo comunitario” surge en Bolivia en el contexto de la movilización del pueblo boliviano en contra del neoliberalismo, el capitalismo, el patriarcado y el sistema colonial que aún prevalece en nuestra región. Para Adriana Guzmán, integrante del colectivo de mujeres que en Bolivia se autonombran feministas comunitarias, “El feminismo comunitario no es una teoría, es una acción política que se nombra, pero por supuesto hemos aprendido que además de luchar por el territorio, además de luchar en las calles, hay que luchar en el territorio de las palabras, hay que disputar la hegemonía de los sentidos y significados del pensamiento eurocéntrico” (disponible en <<http://conlaa.com/feminismo-comunitario-bolivia-feminismo-util-para-la-lucha-de-los-pueblos/>>). De igual forma, en Guatemala, hay un movimiento de mujeres xincas en defensa de los territorios y del cuerpo de las mujeres que se han nombrado “feministas comunitarias”.

a la intrusión española, es decir, universaliza la condición de sometimiento de las mujeres indígenas en todas las civilizaciones llamadas prehispánicas, sin considerar la particularidad de las experiencias de los pueblos originarios de Abya Yala.

Si bien la idea de los patriarcados originarios podría dar cuenta de la experiencia imperial de los incas o de los aztecas, no necesariamente da cuenta de las usanzas de pueblos y comunidades no imperiales antes de la conquista y colonización española. De ahí que pensadoras como Aura Cumes, indígena maya kaqchikel de Chimaltenango, Guatemala, haga una interesante reflexión sobre el patriarcado y la dominación masculina. La intelectual maya se pregunta si un hombre indígena que es castigado en la picota por los representantes del orden colonial (hombres blancos europeos o criollos) puede ser un patriarca. Cumes problematiza la dominación masculina en las comunidades indígenas desde la experiencia colonial impresa en el cuerpo de las mujeres guatemaltecas, sin perder de vista otro tipo de jerarquías que generan privilegios a los varones indígenas por encima de las mujeres indígenas, en el marco histórico del desarrollo colonial en Guatemala.

Sin duda, este debate seguirá derramando tinta, y así señala Mendoza: “como en el caso de las africanas, no hay un consenso claro entre las feministas indígenas y no indígenas que cuestionan la existencia de un patriarcado y del género en las sociedades indígenas y aquellas que rechazan esa tesis” (2014b, p. 61).

En otras coordenadas de la discusión, encontramos aportes muy relevantes de pensadoras feministas indígenas, afrodescendientes y mestizas que si bien no se constriñen al debate puntual de la *colonialidad de género*, sí ofrecen miradas que abren brecha en el ámbito de la reflexión en torno a la colonialidad y la jerarquización de género de las poblaciones racializadas. Tal es el caso de compañeras como Lorena Cabnal –de origen maya–, quien, desde los postulados del feminismo comunitario (vinculados con la cosmovisión maya y la cuestión de la dualidad) y su experiencia de lucha en defensa de los territorios xincas de Guatemala, plantea que la defensa de los recursos naturales y los territorios indígenas no puede estar separada de la defensa de los cuerpos/territorios de las mujeres.

También están las contribuciones de Sylvia Marcos, que problematiza la dicotomía cuerpo-mente (formulada desde la modernidad de Occidente) para posicionar en su lugar la

ecuación dual del sentir-pensar proveniente de las cosmovisiones mesoamericanas, a fin de formular la corporización de la dualidad fluida que contiene (por sí misma) una alternativa a la modernidad colonial. Esta es una de tantas voces de mujeres mestizas que han aportado al debate, desde la línea de las cosmovisiones originarias, saberes ancestrales y éticas políticas “otras”.

No podemos dejar de mencionar a dos grupos (o redes) de feministas latinoamericanas que han hecho (desde posiciones muy diferentes y hasta divergentes) importantes contribuciones. Se trata, por un lado, de las compañeras de la Red de Feminismo Descolonial en México, integrado, entre otras personas, por la propia Sylvia Marcos y por Márgara Millán, Aída Hernández, Mariana Mora, Verónica López, Mariana Favela y Óscar González, quienes desde el cisma abierto por el zapatismo en México iniciaron la ruta que las llevaría a encontrarse/construirse con apuestas del “feminismo descolonial” a partir de reflexiones vinculadas con la acción política de mujeres indígenas de México, Ecuador, Bolivia, Guatemala, etcétera.

Y, finalmente, el Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAF), integrado por compañeras como la afrodominicana Bienvenida Mendoza Benítez, educadora y activista comunitaria, política y social por los derechos de las mujeres, y las compañeras indígenas Carmen Cariño, originaria de la mixteca oaxaqueña, y Aura Cumes, maya kaqchikel; las compañeras mestizas Teresa Garzón –académica y activista feminista de origen colombiano– y María Lugones –pensadora argentina residente en Estados Unidos–, así como por las activistas afrocaribeñas Ochy Curiel y Yuderkys Espinosa, cuyos planteamientos sobre la heteronormatividad y su crítica a la razón moderna encuentran un punto de inflexión en el debate descolonial.

## *5. A manera de conclusión*

Como se ha señalado en otros manuscritos, quienes hoy asumimos los debates que se incluyen dentro del cruce entre **feminismos** de Abya Yala y pensamiento descolonial no provenimos necesariamente de los mismos procesos de militancia/acción, formación y/o

trayectorias personales que nos permiten enunciar problemáticas que pueden estar vinculadas con lo que hoy llamamos “feminismo descolonial”. Somos un “conjunto” muy heterogéneo de pensadoras y activistas, por lo que resulta imposible explicar los feminismos descoloniales de Abya Yala a partir de una sola y única coordenada.

Valga decir, entonces, que no hay una sola propuesta en torno a lo que se ha dado por llamar “feminismo descolonial”. Por el contrario, habría primero que pluralizar su enunciación, así como abrir las grietas para reconocer la diversidad de voces que configuran las apuestas que se inscriben en la intersección entre **feminismos** y descolonialidad o anticolonialismo. Y a partir de allí tender puentes hacia otras tantas miradas alternativas al orden moderno-colonial que no necesariamente se anuncian ni como feministas ni como descoloniales. Quizá las feministas que nos autonombramos “descoloniales”, o que hemos contribuido a esta discusión, deberíamos atrevernos a vivenciar el desgarramiento de pasar de miradas “únicas” y prototípicas a la posibilidad de existir en la heterogeneidad, aunque ello signifique perder certezas, desconocernos y abrirnos a la vulnerabilidad que implica verse filtrados/as por “otro/as”.

### *Referencias bibliográficas*

- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. (2013). “Descolonizar la universidad. La Hibrys del punto cero y el diálogo de saberes”, en GROSFOGUEL, R. y CASTRO-GÓMEZ, S. (eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo*, Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana/Instituto Pensar/iesco-Universidad Central/Siglo del Hombre Editores, pp. 79-91.
- DUSSEL, Enrique. (2001). “Eurocentrismo y modernidad (Introducción a las lecturas de Frankfurt)”, en MIGNOLO, W. (comp.), *Capitalismo y geopolítica del conocimiento. El eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*, Buenos Aires, Ediciones del Signo/Duke University, pp. 59-70.
- ESPINOSA, Yuderky, GÓMEZ, Diana y OCHOA, Karina. (2014). “Introducción”, *Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*, Bogotá, Editorial Universidad de Cauca, pp. 15-40.

- GROSFUGUEL, Ramón. (2010). *La descolonización de la economía política*, Bogotá, Universidad Libre.
- LANDER, Edgardo. (1993). “Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos”, en LANDER, E. (comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*, Buenos Aires, UNESCO/Flacso, pp. 11-40.
- LÓPEZ HERNÁNDEZ, Miguel Ángel. (2004). *Encuentros en los senderos de Abya Yala*, Quito, Ediciones Abya Yala.
- LUGONES, María. (2008). “Colonialidad y género”, en *Tabula Rasa*, núm. 9, julio-diciembre. pp. 73-101.
- MENDOZA, Breny. (2014a). “Los feminismos y la otra transición a la democracia en América Latina (2009)”, *Ensayos de crítica feminista en Nuestra América*, México, Herder, pp. 235-270.
- MENDOZA, Breny. (2014b). “Colonialidad del género y epistemología del Sur”, en *Ensayos de crítica feminista en Nuestra América*, México, Herder, pp. 45-71.
- MENDOZA, Breny. (2014c). “La epistemología del sur, la colonialidad del género y los feminismos latinoamericanos (2010)”, *Ensayos de crítica feminista en Nuestra América*, México, Herder, pp. 72-96.
- MIGNOLO, Walter. (2007). “El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto”, en CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSFUGUEL, R. (eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo*, Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana/Instituto Pensar/iesco-Universidad Central/ Siglo del Hombre Editores, pp. 25-46.
- OCHOA MUÑOZ, Karina. (2014). “El debate sobre las y los amerindios: entre el discurso de la bestialización, la feminización y la racialización”, *El Cotidiano* núm. 184, marzo-abril, pp. 13-22, disponible en <<http://www.redalyc.org/pdf/325/32530724005.pdf>>.
- QUIJANO, Anibal. (2001). “Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina”, en MIGNOLO, W. (coord.), *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: el eurocentrismo y la filosofía*, Buenos Aires, Ediciones del Signo, pp. 117-131.
- SEGATO, Rita. (2010). “Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial”, en QUIJANO, A. y MEJÍA NAVARRETE, J. (comps.), *La cuestión descolonial*, Lima, Universidad Ricardo Palma. Disponible en <[http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/09/genero\\_y\\_colonialidad\\_en\\_busca\\_de\\_claves\\_de\\_lectura\\_y\\_de\\_un\\_vocabulario\\_estrategico\\_descolonial\\_\\_ritasegato.pdf](http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/09/genero_y_colonialidad_en_busca_de_claves_de_lectura_y_de_un_vocabulario_estrategico_descolonial__ritasegato.pdf)>.

# Feminismo, psicoanálisis y emancipación

*Nora Merlin*

**Resumen:** Al patriarcado se le sumó el neoliberalismo y esa concentración de poder trajo como consecuencia el aumento de las desigualdades, la estimulación del odio, la denigración de los cuerpos. El patriarcado implica el abuso del cuerpo de las mujeres y el neoliberalismo un descuido y desprotección de los cuerpos, ecuación que conduce a la enfermedad singular y social. No resulta casual que en esta coyuntura en la que convergen el patriarcado y el neoliberalismo descarnado haya surgido, con una fuerza intempestiva, el colectivo de mujeres denunciando los abusos machistas sobre un cuerpo que resulta utilizado y sometido. Ellas rompieron el silencio del cuerpo abusado y avanzan desconcentrando el poder masculino. Las mujeres comprendieron antes que el resto del campo social que patriarcado y neoliberalismo constituyen un dispositivo de poder que se apropió de la vida. Que sólo habrá democracia si somos capaces de emanciparnos del patriarcado y de toda forma de concentración del poder capitalista.

**Palabras clave:** feminismo; psicoanálisis; sexualidad; política

## *1. Introducción*

El feminismo de esta última época irrumpió en la cultura como un nuevo agente político, vino a cambiar un orden. A partir del impacto en la política, la subjetividad y las relaciones sociales que trajo este movimiento, se plantea como necesaria una conversación entre feminismo y psicoanálisis. A pesar de las diferencias, ambos campos teóricos comparten preocupaciones como la sexualidad, el deseo y el amor.

## *2. Patriarcado y feminismo*

Para explicar el origen de la cultura, la moral y la religión, Freud (1912) inventó un mito patriarcal que desarrolló en su escrito “Tótem y tabú”: en los tiempos primordiales, los hombres vivían en hordas salvajes dominados por un padre violento, único poseedor de las mujeres y los bienes. Para terminar con ese absolutismo, los hermanos decidieron asesinarlo y luego, a los efectos de no repetir el crimen, se sometieron a un pacto que consistía en dos prohibiciones: nadie ocupará el lugar del padre y no se podrá tener relaciones sexuales con las mujeres del clan. La cultura comenzó con el asesinato del padre de la horda.

Del mito freudiano se puede extraer como conclusión que intentar erradicar la violencia mediante la muerte y un contrato fraterno que deja afuera a las mujeres no resuelve el problema del patriarcado y la violencia social. El acto criminal fundante es postulado como una conspiración realizada por hombres, las mujeres no contaron en la organización y establecimiento de la cultura.

La fraternidad, uno de los principios en los que se basa la democracia, se presenta como un sueño imposible si se fundamenta exclusivamente en un pacto que responde al patriarcado y a la concentración de poder propia del neoliberalismo y la cultura de masas.

Freud (1985) afirmó en el capítulo XII de “Psicología de las masas y análisis del yo” que en las formaciones de masas la diferencia de los sexos no desempeña papel alguno, no hay lugar para la relación amorosa y que su condición de existencia es la exclusión de las mujeres. Ellas van en contra de la masa, dado que el amor femenino se opone al cemento que une libidinalmente a los hombres.

La política de las mujeres, la rebelión de las que no contaban, vino a interrumpir la lógica de dominación fálica o machista, resultando una oportunidad para deslegitimar el poder establecido. La acción del colectivo feminista desconcentra el poder, desarma el monopolio instalado hasta ahora de la palabra masculina y abre un espacio democrático y horizontal.

### 3. *Patriarcado y neoliberalismo*

Al poder patriarcal se sumó la acumulación capitalista, la ciencia al servicio del mercado y la desregulación neoliberal, generando un sistema de producción de esclavitud y exclusión sin precedentes. Como saldo de esta demencial concentración de poder se obtuvieron inmensas desigualdades sociales, guerras, carrera armamentista, explotación, enfermedades y muertes. En ningún caso se cumplieron las promesas de autorregulación de los mercados, los consensos ni la igualdad garantizada por la ley y amparada por la Declaración de Derechos.

Lo social organizado por la combinación thanática de patriarcado, fraternidad fracasada y neoliberalismo condujo a la violencia, al racismo y a una segregación en aumento contra todo aquello que no entre en el conjunto de los hombres. Una serie de iguales constituye una psicología de las masas e inevitablemente segrega lo que se presenta como heterogéneo: las mujeres, los extranjeros y diversas formas de excluidos que no cuentan ni siquiera como cifras. En la masa no hay lugar para el prójimo como “otro diferente”, sino solo para individuos identificados entre sí, que funcionan como dobles. La fraternidad, una sociedad de hombres caracterizada por la presencia de celos, rivalidad y agresividad, representa la lógica de la cultura patriarcal.

¿Qué se puede esperar de una cultura que no es hospitalaria con la alteridad, en la que las mujeres no valen sino como resto segregado y el diferente es humillado, maltratado y explotado? Una hermandad de hombres uniformados y atontados que excluye a las mujeres constituye un sistema de concentración de poder jerárquico, antidemocrático, que busca dominar. Una cultura establecida por el poder y la obediencia a una supuesta potencia, en realidad es el ejercicio de una violencia que encubre la propia impotencia. Un orden así es incapaz de generar lazos amistosos en el tejido social y pacificar las relaciones, como se evidencia en el incremento planetario de la hostilidad al que asistimos. Es necesario asumir que la sociedad organizada desde la fraternidad condujo a un callejón sin salida y decidirse a experimentar nuevas formas.

Al patriarcado se le sumó el neoliberalismo y esa concentración de poder retroalimentada trajo como consecuencia el aumento de las desigualdades sociales, la estimulación del odio, la denigración

de los cuerpos, la producción de excluidos, abusados y violentados. El patriarcado implica el abuso del cuerpo de las mujeres y el neoliberalismo un descuido y desprotección de los cuerpos, ecuación que conduce a la enfermedad singular y social. El neoliberalismo aumentó los índices de pobreza y hambre, dejando a los sujetos a la intemperie, casi sin Estado. Al carecer de mecanismos sociales protectores, quedaron amenazados en sus condiciones de existencia sin saber cómo hacer para subsistir, desestabilizados en su identidad. Ante la incapacidad de escuchar el grito de la urgencia y la necesidad, se produce en los sujetos un avasallamiento por la angustia, afecto que toma el cuerpo.

No resulta casual que en esta coyuntura en la que convergen el patriarcado y el neoliberalismo descarnado haya surgido, con una fuerza intempestiva, el colectivo de mujeres denunciando los abusos machistas sobre un cuerpo que resulta utilizado, cosificado y sometido. Ellas rompieron el silencio del cuerpo abusado y avanzan desconcentrando el monopolio naturalizado de la palabra y el poder masculino. Las mujeres comprendieron antes que el resto del campo social que patriarcado y neoliberalismo constituyen un dispositivo de poder que se expandió por todo el planeta y se apropió de la vida. Que sólo habrá democracia si somos capaces de emanciparnos del patriarcado y de toda forma de concentración del poder capitalista.

“No es no” es una consigna que expresa la asunción del derecho al respeto y dignidad del cuerpo, significa un límite a la manipulación machista y un cambio en la posición de las mujeres. Manifiesta el cansancio por la mordaza resignada, el secreto del padecimiento solitario y hacerse cargo de la vergüenza ajena. Lo novedoso es que no se trata de un pedido a las instituciones para que se reconozca la igualdad de género, sino de una decisión colectiva que sin pedir permiso plantea un nuevo pacto social: nunca más ser tomadas como objeto de uso y abuso de los hombres.

El feminismo se convirtió en un nuevo agente político, una potencia que se interroga sobre asuntos cruciales que la política hasta ahora no tuvo en cuenta: el cuerpo, el amor, el deseo, la sexualidad, la relación con el otro, la igualdad, la maternidad como una opción y no una obligación, el derecho al aborto y a la dignidad.

Las mujeres decidieron salir del lugar de víctimas – que es también el de objeto – politizando el sufrimiento singular, poniéndolo en juego en una ética emancipatoria no ajena a la

lucha contra el neoliberalismo; encontramos varios puntos de convergencia entre patriarcado y neoliberalismo, uno de ellos es el desprecio del poder hacia los cuerpos.

Una por una y colectivamente las mujeres salieron de la minoría de edad, se hicieron cargo de un deseo emancipatorio asumiendo el compromiso de cuidarse entre todas. Están dispuestas a crear y volver a construir lo común a partir de un sentido profundamente libertario hacia la vida, una nueva forma de entender el mundo y de habitarlo de manera menos hostil, más amistosa y amorosa.

“No es no” expresa una fuerza plebeya que irrumpe restituyendo la dignidad del cuerpo maltratado: abusado, cosificado por el patriarcado y angustiado por el neoliberalismo. El feminismo propone un nuevo contrato social y tal vez sea una posibilidad de inventar de nuevo la vida en común.

#### *4. Feminismo: restitución del cuerpo y politización de lo íntimo*

Una de las grandes novedades que trajo el feminismo a la cultura es dejar de lado el cuerpo idealizado para alojar la inscripción del cuerpo abusado de la mujer. En la cultura hasta ahora sólo hubo lugar para la madre-amada-idealizada, que tiene el hijo en el lugar del falo, o para la mujer deseada cosificada y degradada. Comienza a visibilizarse el “volverse mujer”: la mujer-deseante en tanto sujeto que encarna la falta. En esto consiste la feminización del mundo que se incorpora a la vida republicana y se presenta como un componente que plantea el pasaje de un discurso a otro.

Lacan en el *Seminario Aún* (1972) afirma que la emergencia del amor es un signo que indica un cambio de discurso. El amor para Lacan se inscribe a partir de la falta estructural del sujeto: dar lo que no se tiene, lo que no entra en ninguna contabilidad ni cálculo, no se compra ni se vende; resiste la lógica del discurso capitalista que consiste en un rechazo del amor.

La sororidad, nueva relación de amor entre mujeres, implica un cambio de discurso. Rechaza las distintas formas del poder machista, relaciones violentas de abuso-sometimiento, proponiendo vínculos igualitarios y solidarios. Constituye un nuevo amor, una forma política del amor que configura y politiza lo íntimo.

El psicoanalista François Jullien, (2016) en su texto *Lo íntimo*, afirma que lo más profundo de un ser es lo que configura una relación y reúne desde lo más secreto; lo íntimo no necesita probarse, sólo se comparte, hace entre dos o más personas lo que no se puede hacer solo. Cuando algo que era secreto se exterioriza no como exhibicionismo sino como liberación, al romper el solipsismo hace que lo privado devenga público, es un acontecimiento que crea y abre un campo común. Lo íntimo deja de ser propiedad privada de alguien y se cooperativiza, ya no es de ninguno, se vuelve de todos, que se desapropian igualmente. La “privacia” se transformó en “nosotras”, no como identidad sino como una fecundidad que va de lo individual a lo relacional y colectivo. Se trata de un adentro que desborda “mi” frontera, desea compartir y, rompiendo el encapsulamiento, arriesga, porque requiere de un gran coraje atreverse a lo íntimo dejando de lado pudores y convenciones. La intimidad a la que accedimos compromete, apunta a una puesta en común y a un compartir cuyo contenido es lo humano y cuyo horizonte puede volverse humanidad.

## *5. Deseo de emancipación*

El feminismo, nuevo agente político, avanza y se presenta como un deseo de emancipación que ya no está dispuesto a sacrificarse por una seguridad garantizada por la lógica masculina. Un mundo más femenino se presenta contra todas las formas del poder, sometimiento y violencia, porque un mundo menos fálico será posiblemente más amoroso, menos capitalista.

Las mujeres inauguran una política no sacrificial como el signo de una nueva fraternidad: sin jerarquías, basada en la libertad de decir y pensar, sometiendo la palabra exclusivamente a la verificación colectiva. El amor se convierte en un afecto político privilegiado y la sororidad comienza a recuperar su dignidad elevándose al rango de categoría política.

La política femenina aparece en el campo social irrumpiendo como un deseo activo, una inteligencia común y una fuerza productiva de comunidad. La mujer tiene un valor político emancipatorio en el que “volverse mujer” se presenta como un componente fundamental que se incorpora a la vida republicana.

## 6. ¿Qué es una mujer?

Se preguntó Freud (1985) y respondió, un *dark continent*; era su manera de referirse al enigma que no tiene representación en el inconsciente. Años más tarde, en su *Seminario Aún* (1972) Lacan destacó que la mujer se inscribe en la lógica fálica, pero no toda. Hay un suplemento en la posición femenina que no tiene inscripción, por participar la mujer de un conjunto abierto que carece de límite. El feminismo es un colectivo de mujeres que designa varias significaciones simultáneamente. Por una parte, refiere a las reivindicaciones concretas de la mujer: rechazo a la violencia de género, ley de aborto, igualdad salarial, reconocimiento del trabajo de las mujeres por fuera del mercado, etc. Sin embargo, ellas no están del todo representadas allí, algo desborda y excede el locus de las reivindicaciones. El movimiento feminista afecta los “patrones” mismos del orden social, porque se dirige contra la jerarquía, la sumisión y toda forma de explotación, sea económica, sexual o de otra índole. El feminismo no consiste en un movimiento que reúne individualidades aisladas, sino que se trata de un modo cooperativo y sin jerarquías, una democracia que, partiendo de la igualdad, maximiza la libertad como potencia colectiva. “Nadie sabe lo que puede un cuerpo”, afirmaba Spinoza; agregamos, nadie sabe lo que puede un cuerpo femenino organizado. El feminismo irrumpió como una fuerza intempestiva, causa un movimiento y muestra un camino de politización del deseo.

Las mujeres nos interpelan y hacen que nos preguntemos: ¿cómo librarnos del patriarcado? ¿Cómo expulsar el fascismo incrustado en nuestro discurso y en nuestros actos? Una invención efectiva y decidida de luchar contra el poder patriarcal y capitalista ocupó la calle, puso un límite que opera como un “ajuste de cuentas” en las relaciones entre igualdad y comunidad, abriendo una inédita configuración del espacio político, una nueva realidad.

## 7. Palabras finales

El salto del feminismo, la rebelión de las que no contaban, produjo un corte acorde con la afirmación de Freud (1985) en *Psicología de las masas*: el amor de la mujer, hoy denominado

sororidad, se opone a la masa de hombres y la puede interrumpir. Suponer que este movimiento consiste en la realización de una nueva identidad femenina diferente a la tradicional es vaciarlo de contenido, banalizar su apuesta emancipatoria y asimilarlo al mercado.

Estamos ante un movimiento libertario que abre nuevas preguntas en vez de clausurar con respuestas dogmáticas establecidas. Implica una ética, ya que expresa un deseo de emancipación de las mujeres, y es instituyente porque interrumpe el fracasado orden patriarcal-fraternal establecido. Vino a reconfigurar un orden social naturalizado y promete una nueva forma de hacer comunidad basada en vínculos horizontales, amistosos, solidarios y democráticos.

### *Referencias bibliográficas*

- BUTLER, Judith. (2007). *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Buenos Aires: Paidós.
- FREUD, Sigmund. (1985). *Psicología de las masas y análisis del yo*. En Obras Completas, t. XVIII (pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- FREUD, Sigmund. (1985). *La organización genital infantil*. En Obras Completas, t. XIX (pp. 141-150). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- FREUD, Sigmund. (1985). *Análisis terminable e interminable*. En Obras Completas, t. XXIII (pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- JULLIEN, François (2016). *Lo íntimo*. Buenos Aires: El cuenco de plata.
- LACAN, Jacques. (1972). *Seminario XX*, Aún. Buenos Aires: Paidós.

# Voci non ascoltate di donne

Eguaglianza e diritti attraverso la letteratura femminile

*Lucrezia Maria Pisano*

*Estratto:* Questo articolo vuole raccontare storie di donne scritte sulle pagine bianche, una serie di storie che si tramandano fra donne e che si tramandano nel silenzio (Blixen, 1988). Attraverso questo scritto si percorreranno sentieri e si attraverseranno luoghi dominati dall'assenza, in quell'assenza si vorrà riscoprire la presenza. Si porrà un freno alla dispersione delle parole e si illumineranno le donne che vivono nell'ombra.

*Parole chiave:* incontro; trauma; femminismo; dominazione; esclusione; potere; liberazione

## *1. Spazi di donne*

I luoghi sono spazi di relazioni, terreno di accadimenti e di incontri, che permette la scoperta di sé e dell'altro da sé. Quello stesso spazio, però, può presentarsi anche come un non-luogo, un terreno di assenza e impossibilità alla relazione. Questa seconda strada è quella che da sempre ha obbligato le donne a percorrerla; abbiamo assistito ad un dominio incontrastabile della figura maschile, che si è appropriata del mondo politico, di quello economico, del mondo giuridico e anche della sfera più intima della donna, generando un "trauma di non essere viste" come definito da Johanna Hedva. La società moderna si è originata a partire da una violenza compiuta dall'uomo ai danni della donna, da una sottrazione che ha portato quest'ultima ad essere completamente invisibilizzata. L'uomo nei secoli ha egemonizzato culturalmente e fisicamente l'intero terreno, rigettando il femminile in tutte le sue dimensioni viventi; ha iniziato a radicare il femminile da sé, cancellando l'alterità e ponendosi come unico fondamento, stigmatizzando una visione

del proprio io che si manifesta come pura costruzione. L'ideale maschile si è eretto a partire dal concetto di virilità che ha nella "vis" la sua radice. La costruzione di un uomo forte, indistruttibile, che non cede al sentimento, che da nulla si fa piegare e scalfire, anima l'immaginario passato e moderno. Il concetto di forza si avvicina a quello di sopraffazione, seguendo una linea di demarcazione labile, si apre uno scenario in cui l'incontro si tramuta in scontro e non lascia possibilità alcuna alla reciproca contaminazione.

La violenza impositiva dell'uomo traspare anche nel linguaggio, custode dell'immaginario comune.

L'orizzonte culturale parla al maschile, quest'ultimo prevale sempre nella dimensione collettiva, il semplice "nominare" diventa escludere. Il linguaggio preserva il pensiero dominante e la donna vive schiacciata dalla presenza troppo invadente del maschile. I secoli trascorsi non hanno portato tanto lontani. Le lotte per imporre la parità di genere sono tante e sono faticose, i progressi in tal senso hanno subito un'evoluzione estremamente lenta. Si pensi semplicemente alla Grecia, culla della cultura europea e del linguaggio. Questa viene spesso citata come riferimento primario del processo democratico, esempio di civiltà e pensiero. Che posto occupava la donna all'interno della dimensione ateniese? Non era neanche considerata una cittadina, la donna era totalmente messa da parte rispetto alla dimensione politica e quindi decisionale della città. Per quanto avanzata fosse la politica ateniese, modello di democrazia diretta, il sistema ruotava attorno ai soli individui di sesso maschile, escludendo totalmente la donna dalla dimensione pubblica. Questo elemento storico funge da punto di partenza per avviare una riflessione sulla posizione della donna all'interno della società. Si pensi al fatto che ancora oggi non tutti i paesi del mondo riconoscono la donna come titolare del diritto di voto, diritto di voto riconosciuto per la prima volta nel 1945 in Gran Bretagna e solo dopo questa data nel resto d'Europa.

Cosa significa essere donna oggi?

Sicuramente avere una vita più difficile, sebbene questa difficoltà non sia uguale per tutte le donne del mondo. Molte donne sono costrette a lottare per un salario più alto, altre per la possibilità di poter accedere ad un lavoro dignitoso, altre ancora per la libertà di parola. Le battaglie con il passare dei secoli sono aumentate, perché la coscienza delle donne è accresciuta e oggi il panorama femminile accoglie una riflessione estremamente lucida circa la con-

dizione della donna. Essere donna oggi significa doversi liberare da una cultura che pesa millenni, terreno di differenze in cui essere una donna nera o una donna bianca, essere una donna orientale o essere una donna occidentale non è la stessa cosa. Quest'ultimo dato si lega, oltretutto, ad un diverso sviluppo economico e ai bisogni che questo sistema ha creato. Il capitalismo viaggia a velocità differenti, a seconda che ci si trovi nel sud o nel nord del mondo ma i morti che miete, sebbene in quantità variabili, vedono le stesse ragioni di fondo. È interessante indagare il legame fra questo modello economico e il diritto come struttura, ormai totalmente asservito e funzionalmente orientato al soddisfacimento dei bisogni del mondo economico. Se l'economia nasceva come gestione della casa (dal termine greco: oikos) e il diritto come strumento di regolazione e partecipazione alla vita della casa comune (o anche comunità), oggi non può dirsi lo stesso. L'economia è diventata strumento di potere ed affermazione di sé, sopraffazione che si è esercitata tramite l'accumulazione della ricchezza nelle mani di un solo "figurato" individuo e tramite l'utilizzo del modello della crisi, della continua "perturbazione", come mezzo per legittimare privatizzazioni delle terre, dei diritti sociali, per legittimare la dislocazione delle persone, divenute veri e propri ingranaggi di una fabbrica politica. Il meccanismo creato è semplice: il diritto regola l'economia, l'economia crea la crisi, la crisi economica rende necessaria una manipolazione del diritto. In questi casi ciò che subisce tagli sono i diritti dei più fragili, perché quelli si sottraggono più facilmente: le voci dei fragili, delle minoranze non fanno rumore, alitano un flebile suono, difficilmente comprensibile e udibile. Ed è così che il potere economico finisce per privatizzare ogni bene, portando quella stessa privatizzazione anche nella vita non economica. L'individualismo regna sovrano all'interno del modello capitalista, quest'ultimo è riuscito a creare un sistema per cui anche tutto ciò che attiene alla sfera più intima della persona, come il dolore e la sofferenza, viene privatizzato. La conseguenza è un indebolimento della dimensione politica e il rafforzamento del potere economico. Se l'individuo non viene preso in carico dalla società, la relazione si deteriora e si frantuma giorno dopo giorno fino alla desocializzazione. A ciò si aggiunga che il mondo economico ha subito una notevole finanziarizzazione con la conseguenza che il meccanismo del debito è divenuto il principale strumento di generazione di capitale. Il termine debito, derivante

dal latino *debere*, porta il significato di dovere, l'impianto ormai stabilizzato utilizza il "dovere", l'"esser obbligati" come nuovo strumento di coazione e di potere. Dalla dimensione pubblica a quella privata, l'obbligo coinvolge ogni aspetto della vita. Gli studenti, gli uomini e le donne sono oggi costretti ad entrare nella trappola del debito dal momento che l'indigenza economica e l'abbandono statale gli impongono di finanziare servizi che dovrebbero essere erogati gratuitamente e che, invece, sono stati lentamente privatizzati. Lo scenario attuale accoglie da un lato studenti costretti ad indebitarsi per pagare i propri studi, con la speranza di un futuro migliore, dall'altro precari, sempre in aumento, costretti ad indebitarsi per pagare cure sanitarie, una casa per vivere e talvolta anche i mezzi per la ricerca di un lavoro. La donna anche qui è posta sullo sfondo di un teatro i cui attori sono solo uomini; la sua esistenza viene completamente oscurata, dal momento che, se per un uomo vi sono difficoltà ad entrare nella scena lavorativa e deve contrarre debiti per sopravvivere, per una donna quelle difficoltà raddoppiano: questa non riesce ad affacciarsi nel mondo maschile, restando nel retroscena e affonda nel tentativo di liberarsi dalla morsa dei debiti. Il gap fra l'esperienza maschile e femminile si configura in quell'elemento storico-culturale che spinge la donna affinché resti sempre un passo indietro. La donna, nell'immaginario maschile e quindi nell'immaginario dominante, è stata dipinta da sempre come madre. L'uomo ha immaginato una donna che gli stesse a fianco, come un oggetto, che si prendesse cura dei figli e della casa e che si occupasse di tutte quelle attività "appendicolari" nella vita maschile. L'uomo ha modellato una donna a suo uso e consumo, che potesse dominare, che non fosse indipendente nel pensiero e nella mente, una donna che necessitasse di un uomo per tutte le piccole azioni quotidiane, una donna priva del diritto all'autodeterminazione. La donna nasceva e nasce tutt'oggi in alcuni Stati, senza essere considerata soggetto di diritti; dalla casa paterna veniva trasferita alla casa del marito, senza alcuna possibilità di scelta, come una merce di scambio, uno dei vari beni dati in dote al marito. La donna cresceva e cresce ancora, troppo spesso, privata dei suoi sogni o anche privata della capacità di sognare. Una bambina cresceva e cresce con una mamma che le dice che deve sposarsi; una bambina gioca con i giochi da "femmina" pensando ai lavori che potrà fare da grande, un ventaglio di opportunità piuttosto stretto. Una donna in crescita percorre il suo

cammino non conoscendo il suo valore, se non attraverso gli occhi di un uomo; passeggia dovendo subire il giudizio di tante donne e tanti uomini, perché alla donna non è data quella libertà di agire, le si riconosce un perimetro d'azione e dentro quel cubo deve trovare la sua realizzazione. Una donna si sveglia ogni giorno sentendo la morsa di quelle quattro mura invisibili all'interno delle quali è frenata. E, quando e se riesce a liberarsi da quelle quattro mura invisibili, sa che le difficoltà sono appena iniziate. Cerca di alzarsi nella vita e si accorge che una lunga catena invisibile la stringe alla terra e le impedisce di volare, ci prova e ci riprova, urla ma nessuno la sente. L'esperienza femminile è un'esperienza non autonoma, che passa sempre dalla relazione con l'uomo.

Una sola domanda resta al termine della rottura di questa relazione: "cosa sono io senza te?". In questa domanda il patriarcato si insinua, invade il pensiero. Il patriarcato ha generato una credenza: che la donna non possa sopravvivere senza la presenza di un uomo, che viaggiare da sola sia pericoloso, che la vita senza essere sposati non abbia alcun senso, che una donna che torna a casa in una casa dove non ci sia un uomo ad attenderla per la cena, sia una donna triste, che una donna non può crescere i figli senza un uomo e che anche se dovesse farlo quei figli avvertiranno sempre un vuoto. Il patriarcato ha voluto creare una relazione che potesse essere letta solo in termini di dipendenza, senza pensare al fatto che quella stessa dipendenza che l'uomo ha voluto imporre nella sua relazione con la donna pesa in realtà anche su di lui, laddove la volontà di dominazione l'ha distratto dalle sue fragilità, creando una dimenticanza in lui, che lo assale ormai sempre più spesso, quando il dolore svela la dipendenza.

## *2. Corpi e donne*

Il concetto della relazione viene qui ripreso in una prospettiva che vuole indagare la relazione che vige fra la donna e il suo corpo e l'uomo e il corpo della donna. La riflessione sorge dalla necessità di mettersi in ascolto di quello che i corpi dicono, delle loro sofferenze e delle loro potenzialità inesprese. Indagare il corpo vuol dire indagare le fragilità e le difficoltà dello stare nel mondo, dell'essere presente. Il corpo può essere percepito come elemento in stretta

connessione con il pensiero ma anche come un'entità totalmente distaccata da ciò che il pensiero sente. La relazione fra il corpo e il pensiero è una relazione controversa, che subisce l'influenza della considerazione maschile di quel corpo femminile. È difficile partire dalla costruzione del rapporto "mente-corpo" dalla prospettiva femminile, in quanto la costruzione di quella consapevolezza corporea, mentale e sessuale molto spesso viene interrotta dal sesso maschile, che si impone sul corpo femminile causando una frattura fra ciò che la donna sente e la percezione di quel sentire.

Mahaswta Devi, scrittrice indiana in lingua bengali, nel suo racconto "Coei che dà il seno" narra di una donna indiana che aveva fatto della maternità la sua unica gioia. Jashoda, la protagonista, viene dipinta come una donna *pienamente* indiana, devota al marito e ai figli. Ciò che il racconto rivela, mai in modo esplicito, se non in talune affermazioni, è l'interiorizzazione della visione patriarcale che la donna ha subito. La narrazione ruota attorno al seno di Jashoda e alla sua eccezionale fertilità che le dà la possibilità di essere riconosciuta dalla società. Il seno, parte di un corpo femminile, diventa uno strumento di sostentamento per sé e la sua famiglia, la sua fertilità diviene la sua più grande fortuna, fortuna che le permette di assumere notorietà e prestigio. La Devi descrive Jashoda come una donna amata e per cui tutti provavano devozione ma in maniera subliminale lascia dei messaggi che fanno comprendere che la realtà è ben diversa rispetto a quella che appare. "Gli ammiratori" non hanno una relazione con la protagonista e quest'ultima non ha una relazione con il proprio corpo. Senza rendersene conto è stata costretta a vendere il proprio seno, divenuto oggetto indipendente rispetto alla sua persona e questo la Devi lo fa dire proprio a Jashoda, che «Pensò al suo seno come al più prezioso degli oggetti». Questa "non-consapevolezza" sarà ciò che porterà Jashoda alla rovina; quella che lei considerava la sua più grande fortuna diverrà la sua più grande sventura che la farà morire di cancro al seno in solitudine. L'interiorizzazione del patriarcato si presenta come un fenomeno così prepotente che la protagonista di questa storia è in tal modo assorbita dal meccanismo da alimentarlo fino all'autodistruzione. Il seno si distacca dal suo corpo e diviene autonomo apparato riproduttivo, simbolo dell'oppressione maschile: una parte del suo corpo viene utilizzata come strumento di alimentazione della stirpe di un gran padrone.

Il segno di questa oggettivizzazione si ritrova espresso nel momento di rottura o meglio, di ribellione del corpo allo sfruttamento della società maschile. Non appena il suo seno si ammala la vita viene colpita dalla sventura, Jashoda si rende conto che tutta l'ammirazione che generalmente le era rivolta non la vedeva come reale destinataria. La sua vita si sgretolava con l'avanzare della malattia e la scrittrice descrive il percorso che Jashoda vive durante questo cammino solitario verso la morte. La protagonista si tormenta, incredula si domanda come fosse possibile che proprio lei, che aveva allattato l'intero mondo donandogli la vita, potesse morire abbandonata da tutti. I dubbi si tramutavano man mano in consapevolezza, quella stessa che viene così riassunta: «Jashoda capì che nessuno avrebbe prestato attenzione alle parole che diceva».

Altre storie sono raccontate da Julie Otsuka nel romanzo “Venivamo tutte per mare”, un racconto corale che narra il percorso di donne giapponesi offerte in moglie agli immigrati giapponesi in America. La prospettiva di racconto è tutta femminile, viene raccontato un viaggio vissuto con gli occhi di molte donne, sono raccontate le paure, le gioie, la sorpresa per le novità ma soprattutto emerge chiaramente la sofferenza e la mancanza di libertà che le donne sono costrette a vivere. Queste giovani fanciulle vengono *date* in moglie ad uomini che non hanno mai visto, di cui forse hanno solo una foto di un passato sfocato, sono spinte in viaggio da un sogno di libertà promessa che nella realtà non sarà mai tale; queste donne passano dalla casa paterna a quella del marito attraverso violenze e lavori logoranti. È interessante analizzare una serie di dettagli sparsi all'interno del testo che descrivono la condizione di subordinazione della donna, posta ai margini della società. È la stessa J. Otsuka che racconta di queste donne che «Restavano sullo sfondo», che recavano con sé piccoli manuali come “Dieci modi per far felice un uomo”, che venivano *prese* dagli uomini, donne che «[...] Non si sarebbero mai abituate a stare con un uomo» e che «Se ci fosse stato un modo per andare in America senza sposarsi, lo avrebbero trovato».

La testimonianza presente all'interno del libro è estremamente coinvolgente ed inedita, l'autrice non solo racconta della difficile condizione relativa agli immigrati, mai realmente integrati, costretti a lavori di “second'ordine” e a subire pregiudizi razziali ma mette in risalto l'ulteriore disparità di condizione fra l'uomo e la donna.

Quest'ultima non è libera di decidere della sua vita, il contesto sociale le impone delle scelte: partire, sposarsi, non poter ritornare indietro.

Nella stessa prospettiva guarda la scrittrice nigeriana Chiamanda Ngozi Adichie, autrice della raccolta di racconti "Quella cosa intorno al collo". In questo libro Chiamanda mette in luce le contraddizioni della sua società. La Nigeria è un paese all'interno del quale non vi è alcun riconoscimento della figura femminile e delle sue libertà, oltretutto la donna viene sottoposta ad una serie di violenze fisiche e psicologiche legittimate dal fatto che l'uomo è concepito come un padrone. La crudeltà che si abbatte sulle donne nigeriane le spinge, sempre più spesso, ad emigrare in cerca di una condizione di vita quanto meno dignitosa. Pur di emigrare le donne sono disposte a qualunque cosa e questa necessità le porta in condizioni altrettanto degradanti. L'autrice in uno dei racconti, che prende il nome dal titolo della raccolta, narra di questa giovane donna che viene mandata in America affinché potesse studiare e avere prospettive più floride rispetto a quelle che aveva nel suo paese d'origine africano. La giovane è ospitata da uno zio che risiede in America e che si offre di aiutarla finché ne avesse bisogno. Le speranze della fanciulla si infrangono di fronte la crudele realtà che guarda alla vita come un "dare per avere". Vittima di un abuso ad opera del proprio zio è costretta a scappare dalla casa in cui risiedeva per non continuare a subire quel trattamento e ad abbandonare l'idea di poter studiare, dal momento che ora doveva lavorare per poter sopravvivere. L'autrice descrive quella sofferenza come un "qualcosa" intorno al collo, che tutte le sere, prima di addormentarsi, quasi soffoca la giovane protagonista del racconto. La sensazione della mancanza d'aria è estremamente significativa, i dolori e i sogni infranti si fanno corpo e stringono la gola della giovane, che non riesce a liberarsi di questa sensazione.

In un altro racconto, "l'imitazione", è narrata la storia di una donna nigeriana sposata con un uomo anch'egli nigeriano, di alta estrazione e piuttosto facoltoso. I due coniugi vivono in America con i propri figli e il marito ha un lavoro che svolge prevalentemente in Nigeria con la conseguenza che costui trascorre la maggior parte del proprio tempo lontano dalla famiglia, riservando a quest'ultima pochi mesi estivi. Il racconto ruota attorno al vissuto della donna, abbandonata e sola in un paese che non è il proprio. La narrazione inizia in *medias res*, nel mezzo di una conversazione telefonica fra

la protagonista e una sua amica, che le comunica che suo marito, quando si trova in Africa, si accompagna di una donna molto giovane. La protagonista, Nkem, inizia a ricordare piccoli aneddoti vissuti con il marito; ricorda l'entusiasmo iniziale, l'orgoglio per essere la moglie di uno di quei «Ricchi nigeriani che mandano le mogli a partorire in America». La voce narrante, fra un sentimento di dolcezza e l'altro, pone una serie di riflessioni sul fatto che, durante il cammino verso la vita insieme, le decisioni siano state sempre prese da Obiora, marito di Nkem e che lei rimaneva sempre in silenzio e, prima, le piaceva quando lui «parlava al plurale, come se lei avesse voce in capitolo». Dopo la spiacevole scoperta, la consapevolezza della protagonista muta totalmente, si accorge che durante l'intero rapporto ha sempre compiuto una serie di azioni al solo fine di compiacere suo marito che, però, non le aveva mai dato la considerazione che, ad oggi, pensava di meritare. Nkem decide poi di confidarsi con la propria domestica che resta quasi sorpresa per la sua reazione, dando per scontato che suo marito avesse altre donne e che lei lo avrebbe perdonato, dal momento che gli uomini «sono fatti così».

Queste storie sono legate da un filo rosso: nessuna di queste donne può dirsi libera. La struttura patriarcale impedisce alle donne di avere un'indipendenza economica e del pensiero, legandole indissolubilmente agli uomini, da cui devono necessariamente dipendere per sopravvivere. Il pensiero dominante le costringe sotto il giogo di un'ideale *impossibilità*. Queste donne condividono un dolore, il dolore di non essere viste, di non esser realmente presenti, di non poter realmente scegliere.

### 3. Donna e cura

Johanna Hedva nel suo romanzo "On Hell" scrive: «La protesta più anticapitalista è prendersi cura degli altri e di se stessi. Adottare la pratica storicamente femminile e quindi invisibile di prendersi cura, assistere, nutrire. Prendere sul serio le vulnerabilità e le fragilità e le precarietà di ognuno e appoggiarle, onorarle, emanciparle. Proteggerci, diffondere e praticare comunità. Una affinità radicale, una socializzazione interdipendente, le politiche della cura».

Il riconoscimento della vulnerabilità assume un valore essenziale affinché l'uomo riconosca la donna e viceversa. Il riconosci-

mento della vulnerabilità crea l'incontro e pone le basi per una relazione di ascolto reciproco che vuole eliminare le violenze della sopraffazione, un ascolto che è corporeo e spirituale.

Per una liberazione bisogna recuperare il tempo dell'ascolto, recuperare le differenze e lasciarle essere nella relazione, bisogna che il momento di incontro sia un momento in cui l'uomo e la donna si guardino realmente.

Per una liberazione è necessario rivivere le fratture della discriminazione femminile, riprendere la sofferenza e condividere quel dolore al fine di recuperare una comunità politica che guardi realmente alla donna come parte di essa.

### *Bibliografia*

ADICHIE, Chiamanda Ngozi, 2017, "Quella cosa intorno al collo",  
*Einaudi*

BLIXEN, Caren, 1988, "Ultimi racconti", *Adelphi*

BUTLER, Judith, 2004, "Vite precarie", *Meltemi Editore*

FEDERICI, Silvia, 2019, "Le capitalism patriarcal", *La fabrique éditions*

OTSUKA, Julie, 2011, "Venivamo tutte per mare", *Bollati Boringhieri*

# Epistemologia subalterna e o protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos direitos originários: experiências do acampamento terra livre (2016-2019)

*Alessandra Marchioni*

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivos: identificar a “colonialidade”, desde a abordagem epistemológica moderna/colonial/patriarcal, organizada por um conjunto de hierarquias interseccionais, conferidas a partir da dominação e exploração do racismo indígena. Também busca apresentar o contra-ponto de um “pensamento fronteiriço” e de uma “epistemologia decolonial” (Grosfoguel, 2006; Mignolo, 2017; Fanon, 2009), que contradite aquelas narrativas e propósitos tomando como referência a voz da mulher e liderança indígena (Sônia Guajajara, Carolina Rewaptu, Marcivana Paiva, Ro’Ôtsitsiana) em seu processo histórico de conquista por representação política.

**Palavras-chave:** pensamento decolonial; epistemologia subalterna; mulheres indígenas; Acampamento Terra Livre.

## *1. Introdução*

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI, 2018) divulgou no início de 2019, o Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil. Ao longo do Relatório, dados explicitam o histórico de violências, e seu caráter sistemático, praticado contra os povos indígenas do Brasil por particulares e pelo próprio Estado brasileiro.

Recentemente o Governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-...) vem institucionalizando a violência e a intenção de extermínio dos povos indígenas, objetivando favorecer os interesses de grupos e setores da sociedade que pretendem explorar indiscriminadamente a terra e seus bens naturais. Esses interesses econômicos privados se encontram representados nas

esferas de poder e estão relacionados à exploração da madeira, da mineração e da garimpagem, e ao esbulho de terras para fins de divisão e loteamento, em terras indígenas. Esse protagonismo tem tomado a forma de medidas legislativas, dentre as quais se destacam: a proposta de Medida Provisória 870/2019, os Decretos 9667 e 9673 ambos de 2019, entre outros.

Esse artigo tem como objetivos: identificar a “colonialidade”, desde a abordagem epistemológica moderna/colonial/patriarcal, organizada por um conjunto de hierarquias interseccionais, conferidas a partir da dominação e exploração do racismo indígena. Também busca apresentar o contra-ponto de um “pensamento fronteiriço” e de uma “epistemologia decolonial” (Grosfoguel, 2006; Mignolo, 2017; Fanon, 2009), que contradite aquelas narrativas e propósitos tomando como referência a voz da mulher e liderança indígena (Sônia Guajajara, Carolina Rewaptu, Marcivana Paiva, Ro’Otsitsiana) em seu processo histórico de conquista por representação política.

Nesse estudo será utilizada a metodologia jurídica, com enfoque para o método observacional que difere do experimental, porque nesse estudo o cientista observa algo que acontece ou já aconteceu (GIL, 2008). Será utilizada uma pesquisa descritiva, em que a pesquisadora registra e descreve os fatos observados, no caso concreto, três níveis de descrição deverão ocorrer: a) situações da chamada “ofensiva contra os direitos indígenas” no Governo Bolsonaro; b) principais elementos discursivos da epistemologia fronteiriça e do pensamento alternativo; c) a atividade de mobilização política das mulheres indígenas do Brasil, organizada a partir do espaço do Acampamento Terra Livre (ATL). Para tanto, será utilizada a pesquisa documental de normas internas, bem como quaisquer materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que possam ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. A técnica utilizada será a da documentação indireta (BITTAR, 2007), que ocorre mediante a coleta de dados, restringindo-se aos documentos escritos. Já a pesquisa bibliográfica, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema do estudo, desde livros, artigos científicos, jornais e revistas.

## *2. Governo colonializador: a ofensiva contra os direitos indígenas no Brasil de Bolsonaro*

Nos últimos anos a ofensiva contra os direitos dos povos indígenas vem se aprofundando no que Ailton Krenak chamou de naturalização da “rotina da catástrofe” (2020, p.06). Somente no primeiro ano da gestão do Presidente Jair Messias Bolsonaro (jan.2019-...) já se promoveu uma série de discursos e de práticas que variaram entre a “integração do índio à sociedade” até a “exploração privada das terras indígenas”.

Trata-se de uma “política estruturada” de obstrução dos procedimentos de demarcação, estimulando a “reanálise” nas diferentes fases dos processos, e nos distintos órgãos federais com competência para a tramitação da demarcação de terras indígenas. Assim, uma série de adiamentos, entraves e novas solicitações passaram a se suceder, tanto na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) quanto no Ministério da Justiça. em diversos processos de demarcação de terras indígenas.

Primeiro, seguindo a normativa do Parecer nº 001/2017 da Advocacia Geral da União (AGU)<sup>1</sup>, o Ministro da Justiça passou a devolver à FUNAI diversos processos de demarcação de terras indígenas, que estavam no órgão à espera de aprovação. Com a nova orientação, os casos deveriam ser reavaliados, à luz da tese do “marco temporal”<sup>2</sup>, contrariando a concepção da “posse imemorial da terra” garantida pela Constituição.

---

<sup>1</sup> Segundo o Parecer nº 001/2017 da Advocacia Geral da União, “a Administração Pública Federal deve observar, respeitar e dar efetivo cumprimento à decisão do Supremo Tribunal Federal que, no julgamento da PET n. 3.388/RR, fixou o conjunto de ‘salvaguardas institucionais às terras indígenas’.

<sup>2</sup> O Caso Terra Indígena Raposa/Serra do Sol (Petição nº 3.388/RR. Relator: Ministro Carlos Ayres Britto. DJe 01.07.2010) que estabeleceu 19 “condicionantes” ou “salvaguardas” para a definição da demarcação de terras indígenas, além de aplicar para o caso concreto o “marco temporal de ocupação indígena”. Segundo essa tese, no entendimento do Ministro Relator, Carlos Ayres Britto, o direito ao usufruto de uma terra indígena só deve ser reconhecido em relação à área ocupada no momento da promulgação da Constituição (05/10/1988). Nesses termos, o STF interpretou a expressão do artigo 231 da Constituição Federal: “terra que tradicionalmente ocupam”, como “terras que tradicionalmente ocupam na data de 5 de outubro de 1988”. Sob essa perspectiva, os povos indígenas não possuem direito algum sobre as terras por eles ocupadas antes da promulgação da Constituição, ou àquelas que venham a ocupar em momento futuro.

Depois, com a publicação da Medida Provisória 870/2019 (01/01/2019)<sup>3</sup>, que reorganizava e redistribuía as atribuições ministeriais, transferiu-se a competência da demarcação das terras indígenas e quilombolas ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), historicamente ligado aos interesses de ruralistas e de setores do agronegócio, retirando a competência originária da FUNAI.

Ainda no sentido de rearranjar as competências do procedimento demarcatório, em prejuízo à garantia dos direitos indígenas, publicaram-se o Decreto nº 9.667 (02/01/2019), que corroborava com a atribuição do MAPA para demarcações de terras indígenas (art. 1º §2º, I), e, em sentido semelhante, o Decreto nº 9.673 (02/01/2019), que, assim como a Medida Provisória 870/2019, propunha a transferência da gestão da FUNAI do Ministério da Justiça (MJ) para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH)<sup>4</sup>.

Outras medidas adotadas, nesses primeiros dezesseis meses de governo, expõem a ofensiva sistemática contra as populações indígenas e o desrespeito à política do “não contato” ou do “isolamento voluntário”, que foi instituída na década de 1980, após o fracasso de inúmeras missões evangelizadoras, responsáveis por dizimar populações inteiras. No Brasil, existem atualmente, 115 registros de grupos em situação de isolamento voluntário, 28 deles confirmados (CIMI, 2018).

A política do “não-contato” e do respeito à autonomia e à autodeterminação desses povos foi formulada em âmbito de política pública pelas Portarias da FUNAI 1900 e 1901, de 06 de julho de 1987, e 1047, de 29 de agosto de 1988, e pela Portaria Conjunta, entre a FUNAI e o Ministério da Saúde, nº 4.094 de 20 de dezembro de 2018, todas estabelecendo diretrizes e ações de proteção territorial e ambiental aos territórios indígenas ocupados.

Não obstante, em fevereiro de 2020, houve a nomeação de um missionário evangelista<sup>5</sup> da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB)

---

<sup>3</sup> MP 870/2019, os artigos 21, XIV, §2º, I e 43, I, “i”.

<sup>4</sup> A MP 870/2019 foi convertida na Lei nº 13.844 (18/06/2019), momento em que foram vetados o art. 21, Inciso XIV da Seção II, que conferia ao MAPA as atribuições de demarcação de terras indígenas, bem como os art. 43, no tópico em que a MMFDH assumiria a tutela da FUNAI, no lugar do MJ.

<sup>5</sup> Constatando risco de contato e genocídio, sobretudo diante da pandemia de COVID-19, o Ministério Público Federal (MPF) solicitou à 6ª Vara da Justiça Federal em Brasília (08/04/2020) a suspensão imediata da nomeação do missionário

para a Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC), da FUNAI.

Diante de tais fatos, em abril de 2020, o Documento Final do Acampamento Terra Livre (ATL), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), junto a organizações e lideranças indígenas de todas as regiões do país, denunciaram, perante a opinião pública nacional e internacional, o “projeto genocida” do atual governo de Jair Messias Bolsonaro.

O Documento descreveu a destruição de políticas públicas e de órgãos federais de assistência aos indígenas com o “aparelhamento” do sistema de proteção, principalmente através da “nomeação de pessoas assumidamente anti-indígenas” para os cargos de liderança. Ademais, protesta contra o incentivo governamental às práticas ilegais de ocupação em território indígena, tais como: o garimpo, o desmatamento, a exploração madeireira, a pecuária, a monocultura e a grilagem, assim como a grande mineração e a realização de obras de infraestrutura ou agroindustriais, “numa clara tentativa de transformar as terras públicas em mercadoria”. Desvela, ainda, o descaso do Poder Público para com a integridade dos povos indígenas diante da pandemia de COVID-19 (ATL, 2020).

### *3. Epistemologia decolonial e pensamento fronteiriço*

Se a colonialidade equivale a uma “matriz ou padrão de relações de poder”, um complexo de relações que se oculta na chamada “retórica da modernidade” e que se justifica na violência colonial<sup>6</sup>, a descolonialidade ocupa o lugar de resposta às falácias da modernidade e às ficções prometidas pelo progresso e desenvolvimento às custas da violência colonial (MIGNOLO, 2017).

---

Ricardo Lopes Dias para o cargo de coordenador-geral de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC).

<sup>6</sup> Aqui, toma-se a compreensão de colonialismo de Franz Fanon, para quem os processos pelos quais o colonialismo se constitui, bem como as suas implicações traumáticas para a subjetividade do colonizado, só se tornam inteligíveis quando tomados em suas determinações historicamente concretas: a modernidade capitalista e a sua necessidade de converter o que é genuinamente humano em objeto de sua acumulação (FAUSTINO, 2018).

“A descolonialidade não consiste em um “novo universal” apresentado como verdadeiro”(MIGNOLO, 2017, p.14), mas apresenta-se como um modo alternativo de pensar, que se desvincula das cronologias construídas pelas *epistemes* ou paradigmas (moderno, pós-moderno, etc), ao mesmo tempo em que promove um fazer comunal na diversidade histórica dos tempos locais.

Nesse contexto, cabe ao pensamento fronteiriço propor a singularidade epistêmica do projeto decolonial, em que a epistemologia do *anthropos* não se submeta mais à *humanitas*, enquanto razão moderna universal. Segundo Mignolo (2017, p.17) a descolonialidade e o pensamento/sensibilidade/fazer fronteiriços estão estritamente interconectados, porque buscam transformar os “termos do discurso” e não só do conteúdo. “Se nos dirigirmos ali, permaneceremos presos à ilusão de que não há outra maneira de pensar, fazer e viver” (MIGNOLO, 2017, p.18).

Assim é que, o que se pretende subverter é o racismo moderno/colonial, ou seja, a lógica de racialização<sup>7</sup> surgida no século XVI com suas dimensões: ontológica e epistêmica, que classificam como inferiores e alheios ao domínio do conhecimento sistemático todas as línguas (que não o grego, o latim, ...), todos os homens e todas as categorias de pensamento (que não as de origem renascentista ou ilustrada,...) numa construção discursiva do/sobre o “outro”.

Não por acaso, a afirmação de um *anthropos* inferior, que se dá por meio do discurso do/sobre o “outro”, necessita da “invenção” do agente enunciativo, autoridade com competência de fazer crer no enunciado, que nomeia e descreve uma entidade, com o propósito de produzir efeitos distintivos junto ao imaginário coletivo.

Dessa forma, é possível reconhecer a existência de uma “epistemologia territorial e imperial” que inventou e estabeleceu categorias e classificações, cuja percepção de inferioridade<sup>8</sup> é

---

<sup>7</sup> O racismo para Fanon é tanto um “produto” quanto um processo pelo qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus “valores, sistemas de referência e panorama social”: uma vez “desmoralizadas, as linhas de força já não ordenam. Frente a elas, um novo conjunto, imposto, não proposto, mas afirmado, com todo o seu peso de canhões e de sabres”. (FANON, 2009, p. 38).

<sup>8</sup> Para a análise fanoniana do colonialismo a inferioridade rática se dá por um processo de “interiorização subjetiva” decorrente das experiências do colonizado e sua relação com o

resultado de uma ficção criada para a finalidade de dominação. Como alerta Grosfoguel (2006), essa epistemologia imperial, situada teoricamente no Norte, é praticada desde os objetos de estudos localizados no Sul, subestimando em seus trabalhos as perspectivas étnicas ou raciais provenientes dessa região<sup>9</sup>.

Nesse contexto, a “sociogênese” de Fanon (2009) contribui para a construção de uma alternativa de reconhecimento civilizacional, que se dá a partir do desprendimento da *humanitas*, da mobilização para o pensamento fronteiriço, passando pela desobediência epistêmica, até alcançar a ruptura com as opções filogenéticas e ontogenéticas, da dicotomia do pensamento territorial moderno.

#### *4. A construção de uma epistemologia subalterna: o protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos direitos originários (acampamento terra livre)*

Em 2016, pela primeira vez, as mulheres indígenas construíram uma pauta nacional comum, incluindo demandas femininas de 104 povos e populações indígenas do país. A pauta, que incluía entre os pontos de debate: a violação dos direitos das mulheres indígenas, o empoderamento político e a participação política, além do direito à terra e aos processos de retomada, foi apresentada no XIII Acampamento Terra Livre (ATL)<sup>10</sup>, organi-

---

mundo e consigo mesmo, promovendo-lhe uma autoimagem distorcida da realidade. Isso significa que a “racialização” ocorre pela “epidermização” dos lugares e posições sociais, definidora das oportunidades e barreiras vividas pelos indivíduos, mas também se desenvolve pela “interiorização subjetiva” propriamente dita, na medida em que os indivíduos deixam de se reconhecer mutuamente e reciprocamente como humanos para se enxergar com as lentes distorcidas do colonialismo. (FAUSTINO, 2018)

<sup>9</sup> Segundo Grosfoguel (2006), nada escapa às estruturas de poder de classe, sexo, gênero, espírito, língua, geografia e hierarquias raciais do sistema mundo moderno/colonial capitalista/patriarcal. Ou, como apresenta Quijano (1991), um sistema organizado desde uma totalidade heterogênea histórico-estrutural com uma matriz de poder específica que se relaciona a uma interseccionalidade de hierarquias globais e múltiplas de dominação e exploração, a partir da ideia de raça.

<sup>10</sup> O Acampamento Terra Livre (ATL), organizado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), acontece anualmente, desde 2004, se constituindo

zado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)<sup>11</sup>, e resultou num documento chamado de “Carta das Mulheres Indígenas”.

Um ano depois, no XIV Acampamento Terra Livre (2017)<sup>12</sup> durante o primeiro ano do Governo Temer (2017-2018), a pauta principal objetivava “unificar as lutas indígenas, em defesa da garantia dos direitos originários, mobilizando temas como: a paralisação das demarcações indígenas, o enfraquecimento das instituições e políticas públicas indígenas e as proposições legislativas anti-indígenas que tramitavam no Congresso, incluindo, aí, o debate sobre o “Marco Temporal”.

Nas plenárias femininas, mais de mil mulheres indígenas reuniram-se para debater sobre direitos e igualdade de gênero, com a ênfase ao acesso à saúde, participação política, violência e empoderamento feminino.

Segundo a liderança política da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Sônia Guajajara: “Essa é a segunda vez que estamos na programação oficial” (...) “Com o avanço das mulheres em todos os segmentos sociais, nós não poderíamos deixar de fora esse espaço no ATL”<sup>13</sup>.

---

como palco de mobilização para discutir as violações dos direitos dos povos indígenas e para exigir do governo federal o cumprimento das leis existentes no Brasil e dos compromissos internacionais dos quais o país é signatário.

<sup>11</sup> Segundo o art. 231 da Constituição Federal: “são reconhecidos aos índios sua organização social”. Atualmente são 240 associações em todo o Brasil, para além das lideranças locais. Entre as mulheres existem as seguintes associações: Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia, União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira, o Movimento de Mulheres do Xingu.

<sup>12</sup> ONU MULHERES. Mulheres indígenas organizam plenária na programação oficial do Acampamento Terra Livre. 24/abr/2017. ONU MULHERES BRASIL. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-indigenas-organizam-plenaria-na-programacao-oficial-do-acampamento-terra-livre/>

<sup>13</sup> ONU MULHERES. Mulheres indígenas organizam plenária na programação oficial do Acampamento Terra Livre. 24/abr/2017. ONU MULHERES BRASIL. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-indigenas-organizam-plenaria-na-programacao-oficial-do-acampamento-terra-livre/> Acesso em 10/jul/2020.

Em 2018, a pauta do XV Acampamento Terra Livre foi: “Nosso clamor contra o genocídio dos nossos povos”<sup>14</sup>, para o qual se encontraram mais de 3 mil indígenas em Brasília. Durante a maior concentração feminina da história do Encontro, Carolina Rewaptu, cacique da aldeia Madzabzé, da Terra Indígena Marãiwatsédé (MT), frisou a importância das mulheres indígenas ocuparem os espaços de decisão política: “A gente tem que falar na presença dos políticos. Eles querem acabar com a nossa cultura, as nossas religiões, as nossas histórias. A gente tem que falar na presença deles”<sup>15</sup>.

No primeiro ano do governo Bolsonaro (2019- ...), a edição do Acampamento Terra Livre, reuniu cerca de 4 mil indígenas sob o “chamado” coletivo: “**Resistimos há 519 anos e continuaremos resistindo**”. No encontro, as lideranças e os representantes dos 305 povos denunciaram a política de “terra arrasada” contra os direitos indígenas:

O nosso veemente repúdio aos propósitos governamentais de nos exterminar, como fizeram com os nossos ancestrais no período da invasão colonial, durante a ditadura militar e até em tempos mais recentes, tudo para renunciarmos ao nosso direito mais sagrado: o direito originário às terras, aos territórios e bens naturais que preservamos há milhares de anos e que constituem o alicerce da nossa existência, da nossa identidade e dos nossos modos de vida.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> MOBILIZAÇÃO NACIONAL INDÍGENA. Participação na política e luta pela terra: mulheres indígenas abrem ATL 2018. **Conselho Indigenista Missionário (CIMI)** 24/abr/2018. Disponível em: <https://cimi.org.br/2018/04/participacao-na-politica-e-luta-pela-terra-mulheres-indigenas-abrem-atl-2018/> Acesso em 10/ jul/2020.

<sup>15</sup> MOBILIZAÇÃO NACIONAL INDÍGENA. Participação na política e luta pela terra: mulheres indígenas abrem ATL 2018. **Conselho Indigenista Missionário (CIMI)** 24/abr/2018. Disponível em: <https://cimi.org.br/2018/04/participacao-na-politica-e-luta-pela-terra-mulheres-indigenas-abrem-atl-2018/> Acesso em 20/ jul/2020.

<sup>16</sup> ACAMPAMENTO TERRA LIVRE. DOCUMENTO FINAL DO XV ACAMPAMENTO TERRA LIVRE. 2019. Disponível em: <https://mobilizacaoacionalindigena.wordpress.com/2019/04/26/documento-final-do-xv-acampamento-terra-livre/> Acesso em 21/jul/2020.

Na plenária feminina, as mulheres indígenas discutiram temas pertinentes ao movimento indígena em geral, como a luta pela proteção e manutenção dos territórios e do meio ambiente, saúde e educação foram consenso entre as regiões e etnias. Segundo a liderança Marcivana Paiva da etnia Saterè Mawé:

O movimento indígena está muito organizado atualmente, com Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) e Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), por exemplo, em busca de políticas públicas. Não pedimos privilégios, mas respeito ao que está previsto na própria lei brasileira. Desde que o Brasil foi ocupado, a questão é nosso direito à terra -- e nossos direitos dentro dos territórios. (...)

Nos últimos anos, avançamos bastante, em algumas políticas inclusivas nas áreas de educação e saúde, com as escolas indígenas e o reconhecimento da medicina tradicional dos povos originários. Foram conquistas das lideranças passadas. Agora, vivemos um momento mais difícil e precisamos descobrir como caminhar juntos.<sup>17</sup>

Para Marcivana Paiva, a participação das mulheres indígenas na política já é uma realidade:

Hoje há indígenas nas universidades, indígenas advogados, antropólogos, médicos. E, dentro do movimento, no Amazonas, temos muitas lideranças femininas, em ocupações e cargos que, antigamente, eram praticados por homens apenas. Mulheres indígenas também estão protagonizando encontros e empreendendo, por exemplo, no artesanato. Discutimos de igual para igual<sup>18</sup>.

Foi nesse XV Encontro que pela primeira vez, a pauta acolheu, de forma específica, a temática da violência contra a mulher e a menina indígenas.

---

<sup>17</sup> SAYURI, Juliana. A questão indígena em 2019, segundo esta liderança. In: **Jornal Nexo**. 18/abr/2019. <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/04/18/A-quest%C3%A3o-ind%C3%ADgena-em-2019-segundo-esta-lideran%C3%A7a> Acesso em 21/jul/2020.

<sup>18</sup> SAYURI, Juliana. A questão indígena em 2019, segundo esta liderança. In: **Jornal Nexo**. 18/abr/2019. <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/04/18/A-quest%C3%A3o-ind%C3%ADgena-em-2019-segundo-esta-lideran%C3%A7a> Acesso em 21/jul/2020.

Em agosto de 2019, a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas<sup>19</sup> levou a Brasília cerca de três mil mulheres de origem indígena vindas de todas as regiões do Brasil, desta vez o tema em debate era: “Território: nosso corpo, nosso espírito”, a marcha colocou em pauta o debate sobre a “existência da mulher nas comunidades indígenas”, refletindo o protagonismo feminino na defesa dos direitos dos povos originários e o crescimento das pautas de gênero<sup>20</sup>.

Segundo Sonia Guajajara, coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil: “O território é o que garante a nossa vida. O nosso corpo é o que está em jogo, é o que está sendo alvo de violência. E o espírito é a nossa identidade, nossa conexão com a ancestralidade que garante a força da cultura para seguir na resistência”<sup>21</sup>.

Para Ro’Otsitsina, conhecida liderança política xavante, a participação das mulheres nas comunidades indígenas e na sociedade em geral se faz cada vez mais necessária:

Eu acredito que é preciso falar sobre isso. Mas vejo como um processo. A cultura é dinâmica, não é estática. Talvez há 100, 500 anos, quando não existia o trabalho assalariado, o estudo fora da aldeia, falar sobre isso seria estranho até. Mas

---

<sup>19</sup> As discussões e o planejamento que deram origem à Marcha das Mulheres Indígenas foram iniciados em 2014, a partir do projeto Voz das Mulheres Indígenas em colaboração com as Nações Unidas. O projeto “Voz das Mulheres Indígenas” foi criado visando à elaboração de uma agenda que defendesse as necessidades e interesses das mulheres indígenas em consideração à diversidade entre os povos e aos seus interesses comuns.

<sup>20</sup> Sobre a pauta territorial, assim respondeu Ro’Otsitsina, liderança política xavante: “Acredito que a questão territorial. A gente só vai conseguir ter educação e saúde se a gente tiver o nosso território e se tiver a sustentabilidade desse território. Não adianta ter o território demarcado se a gente não tiver segurança para viver nele”. (SAYURI, Juliana. A questão indígena em 2019, segundo esta liderança. *Jornal Nexo*. 18/abr/2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/04/18/A-quest%C3%A3o-ind%C3%ADgena-em-2019-segundo-esta-lideran%C3%A7a>). Acesso em 25/jul/2020.

<sup>21</sup> LIMA, Juliana. O que querem as mulheres indígenas do Brasil In: *Jornal Nexo*. 14/ago/2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/08/14/O-que-querem-os-movimentos-de-mulheres-ind%C3%ADgenas-no-Brasil> Acesso em 25/jul/2020.

hoje, nós mulheres precisamos ter oportunidades iguais no processo educacional, no conhecimento. Precisamos ter o direito de escolha.<sup>22</sup>

Sobre tornar-se porta-voz das mulheres indígenas de seu povo<sup>23</sup>, Ro'Otsitsina explica:

Há mulheres que se destacam. Eu não me vejo como uma liderança. Me vejo como uma porta-voz. Porque há contextos culturais internos onde para ser líder é preciso passar por alguns processos. (...) não me vejo como uma liderança de fato. Para mim, uma liderança feminina do meu povo é aquela que detém todo o conhecimento familiar de maneira geral, além do conhecimento político e estratégico. Eu tenho esse lado mais político, mas não tenho esse lado mais interno e familiar. Por isso me considero uma porta-voz para aquelas que não falam português<sup>24</sup>.

Diante da narrativa e dos discursos femininos nesse contexto de histórico de lutas indígenas é possível observar uma resposta epistêmica subalterna ao projeto eurocêntrico e de modernidade encartado nas instituições e personalidades do Estado brasileiro. Não de outra forma, o movimento das mulheres indígenas tem procurado redefinir a retórica emancipadora<sup>25</sup> da modernidade desde as

---

<sup>22</sup> ROSSI, Marina. “Dizer que nós mulheres indígenas não enfrentamos violência de gênero é mentira” In: *El País*. 28/abr/2019. [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/26/politica/1556294406\\_680039.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/26/politica/1556294406_680039.html) Acesso em 25/jul/2020.

<sup>23</sup> “Quando eu levo a palavra como primeira mulher indígena formada no Brasil, é justamente para dar um incentivo, para que essa minha imagem possa ser reproduzida, multiplicada dentro dos povos indígenas”, afirmou Joênia Wapichana (Rede-RO), primeira indígena eleita para o cargo de deputada federal, em 2018. (AGÊNCIA BRASIL. Indígena brasileira eleita deputada federal, vence prêmio da ONU. 27/out/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-10/indigena-brasileira-eleita-deputada-federal-vence-premio-da-onu> Acesso em 25/jul/2020).

<sup>24</sup> ROSSI, Marina. “Dizer que nós mulheres indígenas não enfrentamos violência de gênero é mentira” In: *El País*. 28/abr/2019. [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/26/politica/1556294406\\_680039.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/26/politica/1556294406_680039.html) Acesso em 25/jul/2020.

<sup>25</sup> Nas eleições de 2018, um grupo pluripartidário chamado de Frente Parlamentar Indígena lançou 130 candidaturas. Dessas, 23 foram candidaturas femininas e o principal nome lançado foi Sônia Guajajara, candidata a vice-presidente na chapa

cosmologias e epistemologias subalternas, a partir das sensibilidades das populações oprimidas e das etnias exploradas, através de uma luta pela liberação descolonial.

## 5. *Considerações finais*

Em 27 de julho de 2020, foi noticiado, pela BBC Brasil<sup>26</sup>, a circulação de áudios e mensagens de texto, em que indígenas, pertencentes aos povos bororo e xavante, foram apontados por moradores do município mato-grossense de General Carneiro, como os principais responsáveis pela propagação da Covid-19:

Ô, companheiro, isso daí só é índio, rapaz... não é gente, não (...).  
Dentro de General (Município de General Carneiro/MT) mesmo, o número de infectados é muito pouquinho, graças a Deus. Agora os índios... esse povo aí é sem cultura, sem religião, quem dá conta desse povo aí?

O encaminhamento do caso ao Ministério Público Federal e à Fundação Nacional dos Índios (Funai), não fizeram desaparecer as características epistemológicas da narrativa moderna/colonial capitalista/patriarcal, as quais em quase tudo coincidem aos já expostos atos e decisões do Executivo Federal recentemente, como também aos argumentos discursivos do atual governante do país: “O índio mudou, tá evol... Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós. Então, vamos fazer com que o índio se integre à sociedade” (Jair Bolsonaro, 24/jan/2020)<sup>27</sup>.

Ao longo do texto, foi possível observar as trajetórias percorridas pela “colonialidade”, a qual equivale a uma “matriz ou padrão de

---

encabeçada por Guilherme Boulos, pelo PSOL.

<sup>26</sup> LEMOS, Vinicius. ‘Isso não é gente’: os áudios com ataques a indígenas na pandemia que se tornaram alvos do MPF. In: **BBC Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53541373> Acesso em 25/jul/2020.

<sup>27</sup> G1. ‘Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós’, diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. 24/jan/2020. In: **G1** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml> Acesso em 26/jul/2020.

relações de poder” (não necessariamente poder estatal). No mesmo sentido, caracterizou-se o “racismo” como sendo um processo (e um resultado) de desarticulação e de destruição de “valores, sistemas de referência e panorama social” de grupos inferiorizados, desde a lógica da “epidermização” dos lugares e posições sociais, até a “interiorização subjetiva” e o (des) reconhecimento mútuo (FANON, 2009).

O ensaio também evidenciou a atividade do pensamento fronteiriço e da epistemologia alternativa (MIGNOLO, 2017; GRO-SFOGUEL, 2006), a partir da redefinição/subsunção da cidadania, da democracia e dos direitos humanos, desde o movimento das mulheres indígenas do Brasil, por meio da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), nos encontros do Acampamento Terra Livre (2016) e na Marcha das Mulheres Indígenas (2019).

Nesse contexto, verificou-se o compromisso das lideranças femininas indígenas com a sobrevivência de suas populações (.... “nós mulheres não somos parte do povo, nós somos o povo”, Sônia Guajajara) e sua sensibilidade para com as demandas dos seus povos e etnias (... “A gente só vai conseguir ter educação e saúde, se a gente tiver o nosso território e se tiver a sustentabilidade desse território”, Ro’Otsitsina).

Os espaços políticos foram evidenciados como lugares de acolhimento e denúncia (... “violência não foi deixada pelos ancestrais. Violência não é uma herança. Isso não pode ser visto como algo normal”, Elisa Pankararu), mas também, para “dar voz às parentes”, redefinindo a democracia ocidental, conforme as percepções, práticas e cosmologias indígenas (... “Precisamos ocupar espaços institucionais para que as mulheres indígenas possam ampliar esse lugar para além de sua própria aldeia”, Célia Xakriabá).

E suas vozes, mais uma vez, ecoaram em Brasília: “Nosso dever como mulheres indígenas e como lideranças, é fortalecer e valorizar nosso conhecimento tradicional, garantir os nossos saberes, ancestralidades e cultura, conhecendo e defendendo nosso direito, honrando a memória das que vieram antes de nós. É saber lutar da nossa forma para potencializar a prática de nossa espiritualidade, e afastar tudo o que atenta contra as nossas existências”. (Documento Final da Marcha das Mulheres Indígenas: Território: nosso corpo, nosso espírito, 10 a 14 de agosto de 2019, participaram 2.500 mulheres indígenas do Brasil).

## Referências bibliográficas

- ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Documento Final (XVI Acampamento Terra Livre 2020)**. Disponível em: <<http://apib.info/2020/05/01/acampamento-terra-livre-2020-documento-final/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- BITTAR, Eduardo C. B. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática da monografia para cursos de direito**. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (Cimi). **Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil (dados de 2018)**. Disponível em: <<https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2019/09/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2018.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- FANON, Frantz. *Piel negra, máscaras blancas*. Madrid: Ediciones Akai S/A, 2009.
- FAUSTINO, Deivison M. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. In: **SER Social**. Brasília. v. 20 n.42 jan-jun/2018, p. 148-163.
- GIL, Antonio C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROSFUGUEL, Ramón. *La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global*. In: *Tabula Rasa*. Bogotá, Colombia. N.4, enero-junio de 2006, p. 17-48.
- KRENAK, Ailton, **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu/PR 1(1) 2017. p. 12-32.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142.

PARTE II  
Feminismo y deuda pública  
Feminismo e dívida pública

*"(...)non ci può essere una lotta davvero vincente, se, contemporaneamente, non riorganizza la vita di tutti i giorni. Questo è stato uno dei più grandi contributi del movimento femminista: non separare la lotta contro il capitale dal problema della riproduzione della nostra vita".*  
**(Silvia Federici)**

*“Existe muita coisa que não te disseram na escola  
Cota não é esmola  
Experimenta nascer preto na favela pra você ver  
O que rola com preto e pobre não aparece na TV  
(...)  
São nações escravizadas  
E culturas assassinadas  
É a voz que ecoa do tambor  
Chega junto, venha cá  
Você também pode lutar  
E aprender a respeitar”*  
**(Bia Ferreira)**

# O sistema da dívida e os direitos das mulheres no Brasil

*Maria Lucia Fattorelli*

*Juliana Teixeira Esteves*

*Priscila Martins de O. Santana*

*Sarah Campos*

**Resumo:** O sistema da dívida está legalmente presente em diversos países. Por este motivo, o estudo volta-se para este sistema e seu consequente impacto no orçamento público e nas políticas públicas sociais, tendo em vista o corte de verbas para esses setores e a destinação da verba ao pagamento de juros da dívida. No caso brasileiro, investiga-se como viabilizar políticas públicas sociais diante da previsão da Emenda Constitucional nº 95/2016, que impõe, por 20 anos, um limite de direcionamento de recursos públicos para investimentos sociais e outras alterações legislativas realizadas nos últimos três anos, além de outros dispositivos legais que normatizaram a financeirização da economia. O objetivo do artigo é verificar e demonstrar os resultados de como esse sistema de dívida se aprofunda nas relações econômicas e sua relação com as questões de gênero trazendo danos às políticas afirmativas femininas. Com metodologia dedutiva e partindo de dados oficiais verificou-se que os recursos gastos nos diversos programas de combate à violência contra as mulheres alcançaram apenas 26% dos poucos recursos destinados. Toda essa “sobra” não destinada, apesar das grandes necessidades, acaba configurando um “superávit financeiro” das respectivas rubricas orçamentárias e podem ter sido aproveitados para o pagamento de amortizações da dívida.

**Palavras-chave:** sistema da dívida; violência; auditoria da dívida pública; mulheres.

## *1. Introdução*

A dívida pública tem funcionado como um instrumento contínuo de desvio de recursos públicos em direção ao sistema financeiro nacional e internacional, mediante a utilização de diversos mecanismos que serão mencionados neste artigo. Assim, ao contrário de aportar recursos ao orçamento público e viabilizar investimentos de

interesse da população, o endividamento público sangra os cofres públicos e exige contínuas privatizações de patrimônio público, contrarreformas, como a da Previdência, e cortes de investimentos em todas as áreas sociais, afetando toda a sociedade, mas prejudicando também as políticas públicas direcionadas ao combate à violência e à promoção de direitos sociais para as mulheres.

A identificação, compreensão e denúncia desta dinâmica envolvendo a geração de dívida pública sem correspondência em bens e serviços públicos são iniciativas que estão na gênese do movimento pela Auditoria Cidadã da Dívida. Ao longo dos seus 20 anos de rigoroso trabalho, a Auditoria Cidadã da Dívida tem identificado uma sofisticada arquitetura (econômica, política, jurídica e midiática) internacional que acompanhou o processo de financeirização da economia, cujo papel tem sido viabilizar, a qualquer custo social, a rentabilidade e os interesses do capital financeiro através de mecanismos de geração de dívida pública sem contrapartida para o bem-estar social.

Esta arquitetura, denominada de Sistema da Dívida, está presente em vários países do mundo, mas no Brasil a sua atuação tem atingido patamares que ameaçam gravemente o atendimento aos direitos humanos, a estrutura do Estado e até a própria democracia. Afinal, como viabilizar um conjunto de necessidades, direitos sociais e humanos numa sociedade que se vê diante de um dispositivo jurídico, inserido no texto constitucional por meio da Emenda Constitucional nº 95/2016, que impõe, por 20 anos, um limite de direcionamento de recursos públicos para investimentos sociais?

A recente aprovação da Emenda Constitucional nº 106/2020 pelo Congresso Nacional agravará ainda mais esse quadro, pois permite que o Banco Central compre derivativos privados e qualquer tipo de papel privado de alto risco, sem limites, às custas do erário e gerando mais dívida pública, sem nenhuma contrapartida.

Ainda, com a aprovação da Lei Complementar nº 173 de 2020, passa a ser formalmente previsto no ordenamento jurídico brasileiro o mecanismo de Securitização de Créditos Públicos, que nada mais é do que uma nova forma de gerar dívida pública disfarçada, constituída mediante o desvio de recursos públicos, que sequer alcançarão os cofres públicos, pois ainda na rede bancária são desviados aos rentistas.

Nesse contexto, a consolidação da dívida para com as mulheres ganha destaque, pois nem mesmo as obrigações estatais de adoção de programas de combate à violência contra a mulher, previstas na

Lei Maria da Penha (Lei Federal nº 11.340/2006), têm sido efetivadas: dos pífios recursos destinados ao seu cumprimento, apenas uma ínfima parcela tem sido executada de fato.

Enquanto toda a população brasileira, em especial as mulheres, sofrem as consequências perniciosas do Sistema da Dívida, o lucro das instituições financeiras bate sucessivos recordes de dezenas de bilhões a cada ano, escancarando a evidente transferência de recursos públicos em benefício do setor financeiro privado.

A saída desse círculo de morte e atraso dependerá da popularização do conhecimento do Sistema da Dívida e de grande mobilização social, e o papel das mulheres nesta tarefa é imprescindível. O atendimento aos direitos das mulheres e dos direitos humanos em geral depende do enfrentamento ao Sistema da Dívida, tendo em vista que a garantia de recursos para os serviços públicos é condição necessária para os avanços em matéria de igualdade de gênero, razão pela qual é fundamental que os movimentos feministas abracem essa causa.

A auditoria é a ferramenta capaz de comprovar os desvios do Sistema da Dívida, e permite ampla participação cidadã, servindo ao mesmo tempo para empoderar a sociedade, reforçar a exigência da devida transparência do gasto público, e desmascarar os mecanismos que alimentam o pernicioso Sistema da Dívida.

Países que já implementaram a auditoria da dívida pública, como o Equador, entre 2007 e 2008, comprovaram a eficiência e a eficácia da auditoria da dívida. A auditoria equatoriana permitiu a anulação de 70% da dívida externa em títulos, o que possibilitou expressivo avanço nos investimentos sociais naquele país, priorizando-se inclusive as questões de gênero.

A auditoria da dívida, prática democrática que concretiza o princípio fundamental de transparência pública, constitui importante instrumento de controle social, sendo mais do que um dever estatal, mas um verdadeiro direito fundamental diretamente relacionado aos pilares da democracia e do exercício da cidadania. Quanto maior for a efetividade da auditoria da dívida, maior será o grau de conquista democrática.

No contexto democrático, é fundamental que instituições e sociedade civil estejam comprometidas com a efetivação de mecanismos de controle da gestão estatal. A auditoria da dívida pública certamente representa um desses essenciais instrumentos de controle da gestão pública, constituindo fator determinante para

garantir que os poderes públicos não se desviem de sua finalidade: a realização do bem comum.

## *2. Dívida Pública e Direitos Sociais no Brasil*

Do ponto de vista econômico, o Brasil é considerado uma das maiores economias do mundo, classificado atualmente - com base no indicador PIB – como a 9ª economia mundial. Apesar disso, o país aparece nas piores posições quando o assunto é o nível salarial da classe trabalhadora, e ocupa a 79ª posição no ranking do IDH mundial – índice utilizado pela ONU, que mede a atenção de cada país aos direitos humanos. É também um dos países mais desiguais, conforme relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - PNADC do IBGE, o rendimento médio mensal do 1% mais rico da população brasileira equivaleu, em 2018, a 33,8 vezes do ganho dos 50% mais pobres.

Uma das principais razões para essa disparidade é o modelo econômico vigente no país, que privilegia os gastos financeiros com a chamada dívida pública, principalmente por meio da política monetária praticada pelo Banco Central, totalmente subordinada aos movimentos de capitais especulativos em detrimento do desenvolvimento econômico.

Outro fator preponderante é o sistema tributário brasileiro que, em vez de servir como veículo de distribuição de renda, tributando os mais ricos para que esses recursos cheguem aos cofres públicos e sejam canalizados para programas e investimentos sociais, onera os mais pobres por meio da tributação sobre o consumo e alivia as grandes fortunas, atividades financeiras, tornando o modelo altamente regressivo e concentrador de renda.

De acordo com pesquisa realizada pela UHY, no comparativo de 30 países, em 2019, o Brasil demonstrou as piores performances na tributação das altas rendas. Enquanto a média de tributação das altas rendas pelos países que integram o G7 é de 47,9%, o Brasil tributa a mesma faixa de rendimento em apenas 27,5%, estando na 27ª posição do ranking.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.uhy.com/wp-content/uploads/UHY-International-in-depth-study-on-income-taxes.Report-2019.pdf>

O resultado desse modelo é uma gigantesca dívida social que se expressa em números contundentes: são 11 milhões de analfabetos, ou 6,6% da população brasileira com mais de 15 anos<sup>2</sup>; 13 milhões de desempregados<sup>3</sup>; um déficit habitacional de 6,4 milhões de moradias, além de 7,2 milhões de domicílios inadequados<sup>4</sup>; 52,5 milhões de pobres e 13,5 milhões de famintos<sup>5</sup>; Recentemente, foi divulgada pesquisa do IBGE denunciando que metade dos brasileiros sequer tem acesso a saneamento básico<sup>6</sup>.

Somam-se a essa imensa dívida social as enormes carências na área da saúde pública, com as constantes filas nos hospitais, insuficiência de médicos e demais profissionais de saúde, salários baixos, falta de condições de trabalho e instalações inadequadas, problemas que tomaram uma dimensão mais dramática no atual contexto da pandemia da Covid-19. Na área da educação, também convivemos com a má qualidade do ensino básico, salários irrisórios para professores, apesar da sobrecarga de trabalho, e a falta de vagas nas Universidades Públicas, enquanto o Estado assume uma política de financiamento público de megaempresas na área de educação superior.

Devido ao elevado montante de recursos destinados aos pagamentos da dívida financeira, o Brasil tem violado o disposto no art. 6º da Constituição da República de 1988 e também a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois grande parte da população não tem acesso aos direitos assegurados nos referidos dispositivos:

**Constituição Federal, Art. 6º** - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança,

---

<sup>2</sup> IBGE – 2019 - <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> .

<sup>3</sup> IBGE – PNAD Contínua – Dados do segundo trimestre de 2020 – Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques> - .

<sup>4</sup> Fundação João Pinheiro – dados de 2015 – disponível em: [www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=76871&codUsuario=0](http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=76871&codUsuario=0)

<sup>5</sup> IBGE – Síntese de Indicadores Sociais – 2018 - <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf> - pág 58 e 59. O número de famintos foi estabelecido a partir do limite de US\$ 1,9 por pessoa por dia (pobreza extrema).

<sup>6</sup> <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/12/10/metade-da-populacao-brasileira-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto-diz-ministerio.ghtml>

a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Declaração Universal dos Direitos Humanos - Artigo XXV

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. (...)

A análise da destinação de recursos financeiros da União, bem como do aparato legal que sustenta o atual modelo econômico, leva à conclusão inequívoca de que a Dívida Pública é o centro dos problemas nacionais.

A Emenda Constitucional nº 95 de 2016, ao instituir o “Novo Regime Fiscal” no âmbito dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União, estabelecendo um “limite”, por até 20 anos, para as despesas correntes e investimentos sociais, agravou a situação, criando mais um mecanismo de controle das despesas primárias, sem, no entanto, aplicar a mesma “prudência” para as despesas financeiras.

De acordo com a Emenda, o crescimento das despesas primárias da União, no âmbito dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem assim para o Ministério Público e Defensoria Pública, se limitará, nos próximos 20 exercícios financeiros, à variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA referente ao exercício anterior.

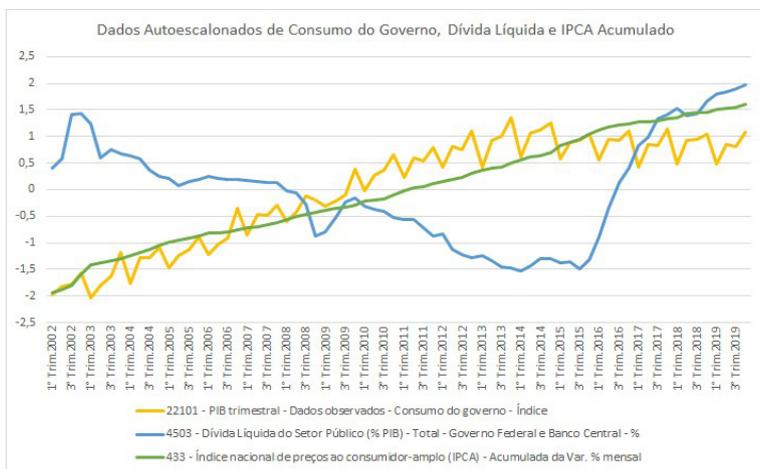
O resultado é o direcionamento de cada vez menos recursos para a previdência, saúde e a educação, bem como serviços públicos em geral, e a disponibilização de um percentual muito maior do orçamento público para garantir o pagamento da dívida.

O gráfico abaixo demonstra que o consumo do governo<sup>7</sup>, representado pelos gastos com a manutenção da estrutura admini-

---

<sup>7</sup> Em consonância com o *System of National Accounts - SNA*, o IBGE define o “consumo do governo” como sendo as “despesas com serviços individuais e coletivos prestados gratuitamente, total ou parcialmente, pelas três esferas de governo, deduzindo-se os pagamentos parciais (entradas de museus, matrículas etc.) efetuados pelas famílias” (CYSNE, 2017).

strativa e com o atendimento das necessidades da população, nas três esferas de governo, teve um crescimento muito aproximado à curva do IPCA no período de 2002 a 2019. Por outro lado, após a aprovação da Emenda Constitucional nº 95 de 2016, verificou-se um crescimento exponencial da dívida líquida do setor público<sup>8</sup>, que, se antes estava em queda, a partir de 2017, passou a aumentar em ritmo acelerado:



Fonte: MULLER, Rafael Gonzaga, com dados de (BCB, 2020a).

Os dados apresentados evidenciam o real objetivo da alteração constitucional provocada pela EC nº 95/2016, o de priorizar os recursos orçamentários para garantir a manutenção do Sistema da Dívida Pública.

É preciso, contudo, deixar registrado que o parâmetro “dívida líquida”/PIB não revela o comportamento efetivo do estoque da dívida pública, que historicamente nunca diminuiu. O parâmetro

<sup>8</sup> A Dívida Líquida do Governo Geral corresponde ao endividamento líquido (balanceamento de débitos e créditos) do Governo Federal (inclusive Previdência Social), dos governos estaduais e dos governos municipais, junto ao sistema financeiro público e privado, setor privado não-financeiro e resto do mundo. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/4536-divida-liquida-do-governo-geral-pib>. Acesso em 10.5.2020.



O privilégio de direcionamento de recursos para pagamento da dívida pública sobre todos os demais gastos é alarmante, e tem impedido o atendimento aos direitos humanos e sociais no Brasil, apesar da imensa riqueza do país.

As sucessivas (de)formas do ordenamento jurídico constitucional, justificadas por crises financeiro-orçamentárias, agravam esse quadro, na medida em que consolidam um projeto neoliberal de desconfiguração do Estado Social e Democrático desenhado na Constituição Cidadã de 1988.

### *3. O sistema da dívida se aprofunda diante das crises capitalistas*

Em tese, a dívida pública deveria aportar recursos ao Estado, complementando o volume arrecadado por meio dos tributos. Na prática, as investigações têm demonstrado que o endividamento público se transformou em um mecanismo que absorve os recursos públicos de forma contínua e crescente, ao invés de provê-los. Tal fato ocorre devido à exacerbação do poder das instituições financeiras e à utilização do instrumento de endividamento público às avessas, funcionando como um mecanismo de contínua transferência de recursos para o setor financeiro nacional e internacional, o que se denomina “Sistema da Dívida”<sup>9</sup>.



<sup>9</sup> Sistema da Dívida: Expressão criada por Maria Lucia Fattorelli em 2008, a partir das diversas experiências à frente da Auditoria Cidadã da Dívida, investigando dívida pública do Brasil e de outros países, o que permitiu constatar a geração de dívida pública sem contrapartida alguma, ou seja, em vez de servir para aportar recursos ao Estado, a dívida tem funcionado como um instrumento que promove uma contínua e crescente subtração de recursos públicos, que são direcionados principalmente ao setor financeiro.

O Sistema da Dívida conta com conjunto articulado de ações que envolvem os setores econômico, político e financeiro para garantir os privilégios financeiros e favorecer a destinação de recursos públicos para alimentar os instrumentos do endividamento público. A corrupção é intrínseca ao Sistema da Dívida, que opera desviando recursos continuamente para alimentar seus mecanismos. O poder econômico localizado principalmente nas instituições financeiras também controla a grande mídia, financia campanhas políticas e interfere em diversas áreas.

A crise financeira internacional iniciada nos Estados Unidos da América do Norte, em 2007, e na Europa, em 2010, escancarou o funcionamento do Sistema da Dívida e a usurpação do endividamento público pelo sistema financeiro internacional. Os bancos foram os responsáveis pela crise ao criarem volumes imensuráveis de derivativos – papéis financeiros que podem ser definidos como meras apostas – sem respaldo, gerando uma “bolha”. O procedimento dos bancos pode ser comparado às pirâmides ou correntes que só funcionam enquanto os atores prosseguem continuamente comprando. A inadimplência no mercado imobiliário norte-americano foi um elo dessa corrente que se rompeu, provocando um efeito dominó nessa atividade bancária altamente especulativa. Diante da crise instalada nos bancos do Norte, esta rapidamente se transferiu para as nações que, em seguida, passaram a transferir fortemente o ônus para o conjunto da sociedade, mediante duros programas de ajuste fiscal, como ficou comprovado na auditoria da dívida grega<sup>10</sup>. Grande parte do passivo dos bancos, decorrente da criação dos derivativos sem lastro, foi escandalosamente transformada em dívida pública, evidenciando a atuação do Sistema da Dívida nos Estados Unidos e na Europa, com gravíssimos impactos econômicos e sociais.

O Brasil, em virtude de sua posição subalterna na divisão internacional do trabalho – economia caracterizada pela dependência tecnológica e financeira – não ficou imune à dinâmica da crise de 2007/2008. No entanto, indubitavelmente, a sua situação se agravou mais ainda devido à política monetária praticada internamente pelo

---

<sup>10</sup> Tragédia grega esconde segredo de bancos privados internacionais <https://auditoriaciada.org.br/conteudo/tragedia-grega-esconde-segredo-de-bancos-privados-2/>

Banco Central, bem como pela agenda agressiva de cortes orçamentários. Em 2014, o setor público brasileiro (que inclui governos federal, estaduais, municipais e empresas) registrou, pela primeira vez, desde o início do cômputo desse dado em 2001, um resultado primário deficitário da ordem de R\$ 32,5 bilhões (0,57% do PIB). A contabilização do resultado primário não inclui a despesa financeira com a dívida pública. No entanto, este resultado deficitário representou, do ponto de vista da economia política, uma ameaça para o capital financeiro em relação ao *modus operandi* do modelo econômico vigente que estava alicerçado no chamado tripé macroeconômico (metas de inflação, superávit fiscal primário e câmbio flutuante). Neste sentido, a partir de então, instalou-se no Brasil outra crise protagonizada por uma articulação de frações do capital, especialmente a fração financeira, que aprofundou a política monetária do Banco Central (que elevou a taxa de juros básica Selic ao patamar de 14,25% a.a., permanecendo nesse elevadíssimo patamar durante mais de um ano, e aumentou o volume das “operações compromissadas” para cerca de 20% do PIB), e impôs uma agenda violenta de mais cortes orçamentários, situação que vai evoluir até a imposição acelerada de contrarreformas estruturais (teto dos gastos públicos - EC nº 95/2016, contrarreforma trabalhista – Lei Federal 13.467/2017, contrarreforma previdenciária – EC nº 103/2019 e, mais recentemente, o orçamento de guerra - EC nº 106/2020). Esta agenda fiscal aliada com a política monetária conservadora do Banco Central, resultou na queda do PIB em cerca de 7%, fechamento de milhões de empresas e desemprego recorde, que afetou principalmente as mulheres<sup>11</sup>.

Mais recentemente, no grave quadro de pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, antes de qualquer apoio às pessoas, em 23.3.2020, primeiro dia útil seguinte ao reconhecimento do estado de calamidade pública em decorrência da Covid-19 pelo Congresso Nacional, o Banco Central autorizou um pacote de apoio de R\$ 1,2 trilhões às instituições financeiras<sup>12</sup>. Em seguida, o Congresso apro-

---

<sup>11</sup> Crise fabricada expande o poder do mercado financeiro e suprime direitos sociais <https://auditoriacidadada.org.br/conteudo/crise-fabricada-expande-o-poder-do-mercado-financeiro-e-suprime-direitos-sociais/>

<sup>12</sup> Vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4plBTtoPhD8w&feature=youtu.be>>, referente às medidas detalhadas em relatório do Banco Central disponível em <<https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/ref/202004/>>

vou a PEC nº 10/2020, transformada na Emenda Constitucional nº 106/2020, cujo art. 7º evidencia o funcionamento do Sistema da Dívida<sup>13</sup> e o processo de financeirização da economia.

A partir da aprovação da Emenda Constitucional nº 106 de 2020, que institui regime extraordinário fiscal, financeiro e de contratações para enfrentamento da calamidade pública, o Banco Central do Brasil passou a poder comprar e a vender títulos de emissão do Tesouro Nacional, nos mercados secundários local e internacional, e qualquer tipo de ativos privados, em mercados secundários nacionais no âmbito de mercados financeiros, de capitais e de pagamentos. Tais medidas permitem que o Banco Central assumira os riscos do mercado de crédito, atuando como comprador de última instância, contudo, sem qualquer limitação ou controle. Conforme declarado pelo presidente do Banco Central ao Senado<sup>14</sup>, o valor dos ativos a serem negociados pelo Banco Central será de R\$972,9 bilhões, como também noticiado pela agência Reuters<sup>15</sup>, cifra que coincide com o levantamento realizado poucos meses antes da aprovação da emenda pela *IVIX Value Creation*, assessoria especializada em reestruturação de empresas em crise, que apontou o mesmo volume de créditos inadimplentes acumulado nas carteiras dos bancos no Brasil<sup>16</sup>.

Ainda, aproveitando o contexto de urgência no enfrentamento da crise econômica provocada pela pandemia da Covid-19, foi editada a Lei Complementar nº 173 de 2020, normatizando a prática de securitização da dívida pública como mecanismo de reestruturação de dívida no Brasil. Este modelo internacional de ne-

---

RELESTAB202004-secao2\_2.pdf >, e resumidas em notícia publicada pelo Correio Braziliense <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/vicente/banco-central-detalha-pacote-de-r-1216-tri-contra-a-criese-do-coronavirus/>>.

<sup>13</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/pec-10-2020-escancara-sistema-da-divida-por-maria-lucia-fattorelli/>

<sup>14</sup> Página 12 da apresentação em power-point feita pelo presidente do BC aos senadores, disponível em [https://www.bcb.gov.br/conteudo/home-ptbr/TextosApresentacoes/Ap\\_RCN\\_Senadores\\_9.4.2020.pdf](https://www.bcb.gov.br/conteudo/home-ptbr/TextosApresentacoes/Ap_RCN_Senadores_9.4.2020.pdf)

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.moneytimes.com.br/ativos-privados-que-bc-pode-comprar-caso-pec-seja-aprovada-somam-r-9729-bilhoes/>

<sup>16</sup> Fonte: <https://www.ivixvaluecreation.com/single-post/2019/11/21/Retomada-da-economia-pode-destravar-carteira-de-R-1tri-em-cr%C3%A9ditos-podres>

gício permite que investidores adquiram debêntures emitidas por empresa estatal criada para operar o esquema da securitização (SPE ou fundo financeiro FDIC), sendo que tais debêntures passam a ser pagas por fora dos controles orçamentários, mediante a cessão do fluxo de recebimento de recursos públicos - créditos tributários, recursos advindos da exploração de recursos minerais, tarifas públicas e até royalties do petróleo<sup>17</sup> – os quais são desviados durante o seu percurso pela rede bancária e antes de alcançar os cofres públicos, diretamente aos investidores que adquirem as referidas debêntures. Tal mecanismo, contudo, não garante a redução dos custos, como tem apontado relatórios do Tribunal de Contas da União e do Tesouro Nacional<sup>18</sup>, além de envolver complexidade, riscos legais e operacionais, absorvidos pelos entes federados.

Todas essas (de)formas, recém aprovadas, do sistema normativo brasileiro provocarão aumento exponencial da dívida pública e exigirão parcela cada vez mais relevante dos recursos orçamentários, impedindo a concretização de políticas públicas voltadas para a efetivação dos direitos humanos e sociais no Brasil, e em especial, as políticas públicas em favor das mulheres.

#### *4. O Sistema da Dívida e a questão de Gênero*

Na Europa e nos Estados Unidos, as políticas públicas direcionadas à questão de gênero foram fortemente afetadas pela crise financeira internacional iniciada em 2007. Na Grécia<sup>19</sup>, um dos países mais abalados por aquela crise, o aumento do desemprego foi mais acentuado para as mulheres. Comparando-se os dados de desocupação nos anos de 2008 e 2009, quando explodiu a crise econômica, de cada três pessoas que perderam seus empregos, duas eram mulheres. A diferença do grau de desemprego entre

---

<sup>17</sup> <https://auditoriacidade.org.br/conteudo/desvio-de-recursos-vira-modelo-de-negocios-securitizacao-e-rioprevidencia/>

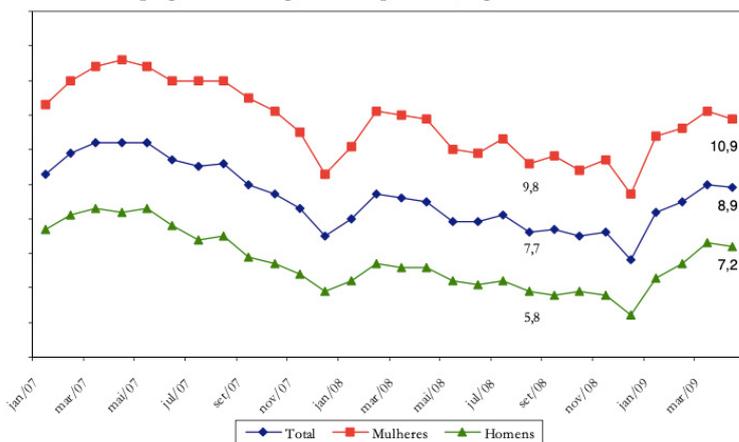
<sup>18</sup> Nesse sentido, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-09/tesouro-abre-consulta-publica-sobre-securitizacao-de-dividas>

<sup>19</sup> WOESTMAN, Louis. *The global economic crisis and gender relations: the Greek case*. Toronto: AWID, 2011.

os gêneros foi se agravando com o aprofundamento daquela crise que transferiu o passivo de bancos para os orçamentos públicos dos países europeus, levando ao fechamento de creches e abrigos para idosos, impondo principalmente às mulheres os cuidados de suas famílias.

A mencionada crise financeira dos *subprimes*, iniciada, em 2007, nos EUA e, em 2010, na Europa, afetou também o Brasil e as mulheres, como demonstra estudo elaborado por diversas organizações no âmbito do Observatório Brasil da Desigualdade de Gênero<sup>20</sup>. Segundo o Observatório, os primeiros sinais da crise internacional sobre o mercado de trabalho brasileiro manifestaram-se em outubro de 2008, momento em que ocorreu o aumento das taxas de desemprego em proporções superiores ao que se poderia atribuir à sazonalidade do período. O gráfico abaixo demonstra que nos meses posteriores à crise, de outubro/2008 a abril/2009, a proporção de trabalhadoras desempregadas subiu, quando em períodos anteriores a tendência verificada era inversa:

**Gráfico 1**  
Taxa de Desemprego das seis Regiões Metropolitanas, segundo sexo. 2007 a 2009



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE.

<sup>20</sup> <http://www.observatoriodegenero.gov.br/eixo/indicadores/publicacoes/boletim-impacto-da-crise-sobre-a-vida-das-mulheres/view>

O Observatório Brasil da Desigualdade de Gênero também relatou que, historicamente, as taxas de desemprego femininas são significativamente mais elevadas que as masculinas. Entretanto, no contexto de crise, as taxas de desemprego masculinas se elevaram mais, em termos relativos. Assim, nos meses imediatamente posteriores à crise percebeu-se um aumento da ordem de 24% na taxa de desemprego dos trabalhadores do sexo masculino, enquanto este valor foi 11,2% inferior para as trabalhadoras, verificando-se uma retração do processo, até então existente, de feminização do mercado de trabalho.

As sucessivas crises econômicas no Brasil (de 2008 e de 2014), que impuseram, como visto, a subtração de recursos pelo Sistema da Dívida, afetou fortemente também as políticas de proteção à mulher previstas na Lei Federal nº 11.340 de 2006, a chamada Lei Maria da Penha, cujo art. 39 diz:

Art. 39. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no limite de suas competências e nos termos das respectivas leis de diretrizes orçamentárias, poderão *estabelecer dotações orçamentárias específicas, em cada exercício financeiro, para a implementação das medidas estabelecidas nesta Lei.*

A Lei Maria da Penha prevê o estabelecimento de dotações orçamentárias específicas para a implementação de políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares, a fim de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Contudo, ilustrando a ausência de efetividade do referido texto legal, os dados do orçamento público, nos últimos 10 anos, em especial do Programa “Política para as Mulheres: Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência” do Governo Federal, comprovam que os valores efetivamente pagos para execução das políticas públicas em favor das mulheres foram muito inferiores do que os previstos, conforme tabela a seguir:

Programa “Política para as Mulheres:  
 Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência”  
 do Governo Federal - 2010 a 2019 - Valores previstos e pagos –  
 (R\$ milhões)<sup>21</sup>

Ano	Previsto <sup>2</sup> (A)	Pago (B)	B/A (%)
2010	108,74	41,09	38%
2011	118,54	20,21	17%
2012	94,93	21,68	23%
2013	176,35	31,43	18%
2014	194,42	53,56	28%
2015	240,69	49,16	20%
2016	132,32	40,32	30%
2017	96,54	34,75	36%
2018	103,90	24,57	24%
2019	48,23	27,50	57%
Total (2010-2019)	1.314,66	344,28	26%

Painel do Orçamento Federal (BRASIL/ME, 2020).

Notas: 1. Título referente ao nome originário do Programa de código 2016, que vigorou de 2012 a 2019. Em 2015, fora renomeado para “Políticas para as Mulheres: Promoção da Igualdade e Enfrentamento à Violência”. De 2010 a 2011 trataram-se dos programas 0156 (“Prevenção e Enfrentamento da Violência contra as Mulheres”) e 1433 (“Cidadania e Efetivação de Direitos das Mulheres”), com ações equivalentes. 2. Valor referente à Dotação Inicial nos registros do Painel do Orçamento Federal.

Em todos os anos analisados, a previsão de recursos foi irrisória, o que não coaduna com a necessidade de desenvolvimento de programas para proteção das mulheres brasileiras em razão dos altos índices de violência doméstica existentes. Além disso, na prática, o montante efetivamente realizado por todos os programas ficou muito inferior ao valor inicialmente previsto, conforme tabela detalhada constante do Anexo I deste artigo.

<sup>21</sup> Fonte: Painel do Orçamento Federal (BRASIL/ME, 2020). Disponível em: <[https://www1.siof.planejamento.gov.br/QvAJAXZfc/opedoc.htm?document=IAS/Execucao\\_Orcamentaria.qvw&host=QVS@pqlk04&anonymous=true&sheet=SH06](https://www1.siof.planejamento.gov.br/QvAJAXZfc/opedoc.htm?document=IAS/Execucao_Orcamentaria.qvw&host=QVS@pqlk04&anonymous=true&sheet=SH06)>. Acesso em 06/agosto/2020.

Os recursos gastos nos diversos programas de combate à violência contra as mulheres alcançaram apenas 26% dos poucos recursos destinados. O mais grave é que toda essa “sobra” não destinada, apesar das grandes necessidades, acaba configurando um “superávit financeiro” das respectivas rubricas orçamentárias e podem ter sido aproveitados para o pagamento de amortizações da dívida, tendo em vista o disposto na Lei Federal nº 11.943/2009<sup>22</sup>, que estabelece:

Art. 13. O excesso de arrecadação e o superávit financeiro das fontes de recursos existentes no Tesouro Nacional poderão ser destinados à amortização da dívida pública federal.

O referido dispositivo legal denuncia o flagrante privilégio do Sistema da Dívida no Brasil. Isso porque a própria legislação permite que os recursos não gastos em quaisquer rubricas orçamentárias possam ser destinados ao pagamento da dívida financeira, que nunca foi auditada, como determina a Constituição Cidadã de 1988.

Ao longo dos anos, o privilégio financeiro e a ausência de providências oficiais para enfrentamento do Sistema da Dívida vêm se agravando, apesar de constantes pressões da Auditoria Cidadã da Dívida e de importantes entidades da sociedade civil:

- em 2004, o Conselho Federal da OAB ajuizou Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF nº 59) junto ao Supremo Tribunal Federal, a fim de exigir o cumprimento da Constituição Federal (art. 26 do ADCT) e realização da auditoria da dívida;
- representações apresentadas ao Ministério Público Federal face às impressionantes descobertas da CPI da Dívida Pública concluída em 2010 na Câmara dos Deputados, até hoje, **não caminharam**;
- recente decisão<sup>23</sup> judicial (1ª instância da Justiça Federal) determinando a instalação de CPI no Congresso Nacional para

---

<sup>22</sup> Lei nº 11.943/2009, Art. 13, resultante da conversão da Medida Provisória nº 450.

<sup>23</sup> <https://auditoriacidadada.org.br/conteudo/sentenca-tipo-a-da-acao-civil-publica-ajuizada-pela-auditoria-cidada-e-demais-entidades-pelo-cumprimento-do-adct/?platform=hootsuite>

a realização da auditoria da dívida prevista na Constituição de 1988 foi contestada, no mesmo dia, e suspensa por recurso da Advocacia Geral da União e do Senado, que rejeitam a ideia da auditoria da dívida.

Todos esses mecanismos de geração de dívida pública, sem nenhum controle social, consolidam um projeto neoliberal de desconfiguração do Estado Social e Democrático desenhado na Constituição Cidadã de 1988, drenando o orçamento público em atendimento às demandas do mercado financeiro.

Esse modelo, como noticiado, impacta significativamente nas políticas públicas de promoção da igualdade, contra a violência e na criação de oportunidades de maior inserção social das mulheres, o que permite enquadrar o Sistema da Dívida como importante instrumento de precarização e reprodução das desigualdades, em todos os aspectos sociais e econômicos, para a mulher brasileira.

### *5. Que dívida é essa?*

O início do atual ciclo de endividamento brasileiro coincide com o golpe militar de 1964, a implantação do plano econômico que privilegiava a opção pelo endividamento público (PAEG) e a criação do Banco Central. O Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) cumpriu um papel central neste processo de aprofundamento do endividamento externo, na medida em que promoveu um conjunto de reformas estruturais, especialmente mudanças no sistema financeiro, cujo objetivo era facilitar a absorção de liquidez internacional por parte da economia brasileira.

A ditadura militar durou 21 anos (1964 -1985) no Brasil e, ao longo deste período, a dívida externa cresceu espantosamente, saltando de US\$3,2bi em 1964 para mais de US\$100bi em 1985. Este crescimento vertiginoso foi provocado, dentre outros fatores, pela política monetária dos EUA em 1979, quando Paul Volcker promoveu a elevação da taxa de juros a patamar superior a 18% a.a, iniciativa que gerou uma explosão das dívidas externas da América Latina.

Em 1988, a Constituição da República Federativa do Brasil determinou a necessidade de realização de auditoria da dívida, porém, até hoje esta determinação não foi cumprida<sup>24</sup>.

Principalmente depois do denominado Plano Brady de 1994, o endividamento público brasileiro que, até a década de 90, era principalmente externo, foi em grande parte transformado em dívida interna. Referido Plano converteu dívida externa contratual, suspeita de prescrição, em novos títulos da dívida externa que foram, em seguida, transformados em dívida interna e usados na compra de empresas estatais submetidas ao processo de privatização.

A Auditoria Cidadã da Dívida tem comprovado, ao longo dos anos, a geração de dívida pública sem contrapartida alguma ao país ou à sociedade, por meio de vários mecanismos, como a transformação de dívidas privadas (inclusive de bancos, a exemplo do PROER e PROES) em dívidas públicas, a prática de anatocismo, a contabilização de juros como se fosse amortização, a transferência de prejuízos do Banco Central para o Tesouro Nacional, dentre outros instrumentos. Até mesmo o Tribunal de Contas da União já declarou, em audiência pública realizada no Senado Federal, que a dívida não tem servido para investimentos no Brasil<sup>25</sup>.

Dentre os mecanismos que geram dívida pública sem contrapartida social, sobressai a remuneração da sobra de caixa dos bancos<sup>26</sup>, que tem gerado prejuízos econômicos, financeiros e patrimoniais ao país que chegam à escandalosa cifra de R\$ 1 trilhão, em 10 anos, e ainda interferem negativamente no funcionamento de toda a economia do país, prejudicando as políticas públicas para mulheres, como visto no gráfico acima que trata dos gastos contra a violência de gênero.

A aprovação da Emenda Constitucional nº 106/2020 pelo Congresso Nacional, em plena pandemia e com inconstitu-

---

<sup>24</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/artigo-auditoria-de-la-deuda-brasilena-30-anos-de-incumplimiento-de-la-constitucion-federal/>

<sup>25</sup> Depoimento do representante do TCU em audiência pública – Senado Federal <https://auditoriacidada.org.br/video/tcu-afirma-que-divida-nao-serviu-para-investimento-no-pais/>

<sup>26</sup> Artigo <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/extra-classe-banco-central-gasta-centenas-de-bilhoes-para-remunerar-sobra-de-caixa-dos-bancos/>

cionalidades flagrantes que foram questionadas junto ao STF (ADI nº 6417<sup>27</sup>), agravará ainda mais essa geração de dívida pública sem contrapartida. O art. 7º da referida emenda EC nº 106/2020 permite que o Banco Central adquira papel podre<sup>28</sup> de bancos e fundos financeiros – sem limite de valor e sem qualquer restrição, empacotados em cestas<sup>29</sup> – podendo destinar vários trilhões de reais para essas operações, às custas de geração de dívida pública!

Assim, em meio aos desafios sanitários, econômicos e sociais gerados pela pandemia da Covid-19, bem como pelo tumulto gerado pela crise política pela qual passa o Brasil, o privilégio do setor financeiro avança e atinge trilhões de reais. Em outros países<sup>30</sup>, como nos Estados Unidos da América do Norte, tem sido autorizada a compra de ativos privados de bancos, porém, a forma autorizada no Brasil é a mais escandalosa por dispensar alguns mecanismos de controle previstos nas legislações estrangeiras.

Adicionalmente, o esquema da “Securitização de Créditos Públicos”, implantado ilegalmente em vários entes federados há alguns anos, agora, em plena pandemia, foi incluído no PLP nº 39/2020, votado no Congresso Nacional de forma açodada e sem participação popular, dando origem à Lei Complementar nº 173/2020, que incluiu em seu texto a “*securitização no mercado doméstico de créditos denominados e referenciados em reais*”. O texto da LC nº 173/2020, normatizado de forma extremamente ampla, pode permitir que qualquer dívida dos entes federados seja objeto de securitização, assim como qualquer outro crédito denominado e referenciado em reais.

---

<sup>27</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/acao-direta-de-inconstitucionalidade-ec-107-art-7/>

<sup>28</sup> Títulos Podres, ou Junk Bonds, é o termo usado para relacionar títulos de dívida considerados como ativos financeiros de baixa qualidade, na medida em que existe uma boa chance de o emissor do papel não pagar os investidores que o adquiriram.

<sup>29</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/senado-foi-enganado-ec-106-autoriza-bc-comprar-qualquer-ativo-sem-limite/>

<sup>30</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/a-atuacao-do-fed-em-mercado-secundario-difere-da-dose-cavalar-aplicada-no-brasil-por-maria-lucia-fattorelli/>

Em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, uma CPI da Câmara Municipal<sup>31</sup> investigou as operações da empresa estatal criada para operar o esquema de securitização de créditos naquele município e comprovou graves danos aos cofres públicos. O acesso aos documentos possibilitado pela CPI da PBH Ativos S/A permitiu a elaboração de diagrama simplificado para facilitar a compreensão desse esquema:



<sup>31</sup> <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/relatorio-preliminar-especifico-de-auditoria-cidada-da-divida-no-2-2017/>

Um dos aspectos mais graves é o fato de que o pagamento da securitização se dá por fora do orçamento público, mediante a cessão do fluxo de arrecadação do ente federado, que perde o controle sobre suas receitas, tendo em vista que o desvio do fluxo se dá durante o percurso do dinheiro pela rede bancária.

Situação similar foi também implementada no Estado de Minas Gerais, por meio da Lei Estadual nº 23.477/2019, que autorizou a cessão direitos originados de créditos relacionados à comercialização de Nióbio e outros minérios na Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais – CODEMIG, bem como todos os direitos econômicos decorrentes das ações de emissão da CODEMIG, inclusive juros sobre o capital próprio e quaisquer outras distribuições devidas ao Estado, até o ano de 2032, em troca de apenas cerca de R\$5 bilhões. Semelhantes operações foram realizadas nos Estados de São Paulo (Companhia Paulista de Securitização – CPSEC), Paraná (Companhia Paranaense de Securitização – PRSEC S/A) e Goiás (Goiás Parcerias S/A), além dos Municípios de Porto Alegre (InvestPOA S/A), Salvador (Companhia de Desenvolvimento e Mobilização de Ativos de Salvador – CDMES) e Rio de Janeiro (Rio Oil Finance Trust).

Esse mecanismo da securitização foi verificado na auditoria da dívida grega, e vem demonstrando prejuízos às finanças públicas no mundo todo, pois só interessa às instituições financeiras que passam a se apropriar de parte da arrecadação tributária que sequer alcança os cofres públicos<sup>32</sup>, em montante muitas vezes maior do que o adiantamento inicial de recursos que o esquema possibilita, como uma isca para o enorme desfalque de recursos que virá em seguida e comprometerá drasticamente o orçamento público.

Ao contrário de significar ajuda, como diz a propaganda do Governo Federal, esse esquema representa um desfalque às contas públicas!

Somente as instituições financeiras (que agenciam o processo de securitização, cobram taxas enormes e acabam adquirindo a totalidade das debêntures emitidas nesse processo), ganham com

---

<sup>32</sup> <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/01/securitizacao-da-divida-proposta-desvia-impostos-para-especuladores-do-mercado-financeiro/>

esse negócio, que irá prejudicar a adoção de políticas públicas em benefício das gerações atuais e futuras em todos os entes federados comprometendo o fluxo de arrecadação dos respectivos entes de forma definitiva no processo de securitização.

Ao invés de oferecer as dívidas dos entes federados como um pacote de benefícios em um processo fraudulento de securitização, o Congresso Nacional deveria exigir da União o cumprimento de normas outras para socorrer estados e municípios. A União federal tem mantido mais de R\$ 4 trilhões em disponibilidades financeiras, por exemplo, em dezembro/2019 possuía, segundo dados oficiais: saldo de R\$ 1,4 trilhão na conta única do Tesouro Nacional<sup>33</sup>, mais de R\$ 1,7 trilhões em Reservas Internacionais<sup>34</sup>, e mais de R\$ 1 trilhão no caixa do Banco Central<sup>35</sup>.

Fato é que todos esses mecanismos de dívida pública têm prejudicado o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, na medida em que absorvem quantias cada vez mais relevantes dos recursos públicos, impedindo investimentos nas áreas sociais e prejudicando também a concretização de políticas públicas voltadas para a proteção das mulheres.

## *6. Considerações finais: qual é a saída? Auditoria da Dívida Pública*

O que seria necessário para romper com este modelo econômico que há décadas tem deteriorado as condições de vida do conjunto da população brasileira, inviabilizando o atendimento às necessidades sociais?

Uma primeira medida é a realização de uma auditoria da dívida no Brasil, como determina a Constituição da República de 1988. Em seguida, dar ampla divulgação à sociedade, que arca com os

---

<sup>33</sup> Fonte: [https://www.bcb.gov.br/content/estatisticas/docs\\_estatisticasfiscais/Notimp3.xlsx](https://www.bcb.gov.br/content/estatisticas/docs_estatisticasfiscais/Notimp3.xlsx) - Tabela 4 - Linha 44

<sup>34</sup> Fonte: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>, Série Temporal no 13621

<sup>35</sup> Fonte: <https://auditoriadada.org.br/conteudo/fonte-da-informacao-de-r-144-trilhao-no-caixa-do-tesouro-nacional-em-dez-2019/>

custos do Sistema da Dívida, sobre os perversos efeitos dos mecanismos de criação de dívida pública sem contrapartidas sociais, o que permitiria enfrentar as ilegalidades e ilegitimidades da dívida pública brasileira, como realizado recentemente pelo Equador.

O exemplo equatoriano foi um passo histórico para a América Latina. A partir da auditoria oficial que apontou relevantes indícios de ilegalidades no processo de endividamento público, os pagamentos foram suspensos e, após análises jurídicas que confirmaram a consistência do relatório de auditoria, foi tomada a decisão soberana de reconhecer somente cerca de 30% do valor da dívida existente, o que foi imediatamente acatado por mais de 95% dos detentores dos títulos da dívida equatoriana.

O Equador, na administração de Rafael Correa, incrementou também instrumentos de transparência pública para a aplicação de recursos na questão de gênero. Apenas no ano de 2012, estava previsto o investimento em um montante de US\$ 1,3 bilhões em políticas de igualdade de gênero, que compreendiam ações em educação, saúde, trabalho, renda, assistência, participação política e segurança<sup>36</sup>. Uma parte significativa desses recursos pôde ser aplicada nessas políticas em decorrência da liberação de pagamento da dívida ocorrida após a auditoria oficial da dívida equatoriana. Naquela época, tal montante investido pelo governo equatoriano equivalia a 100 vezes o gasto do governo brasileiro com programas semelhantes, apesar de a população brasileira ser mais de doze vezes maior e o PIB mais de 30 vezes superior. A auditoria oficial da dívida equatoriana possibilitou resgate efetivo de direitos sociais, como a recriação do sistema público de saúde, beneficiando especialmente as mulheres.

No Brasil, apesar de a auditoria da dívida estar prevista na Constituição de 1988, até 2020 não foi realizada de forma integral. Por isso, é preciso difundir a necessidade de realização da AUDITORIA DA DÍVIDA PÚBLICA, COM PARTICIPAÇÃO SOCIAL, pois a auditoria é instrumento fundamental para que o Estado possa enfrentar o problema do endividamento, possibilitando acesso à documentação completa que comprove as diversas ilegalidades e ilegitimidades do Sistema da Dívida, como

---

<sup>36</sup>A especificação das ações e os valores podem ser conferidos em: <http://bi.finanzas.gob.ec/ibmcognos/cgi-bin/cognos.cgi>.

evidenciado na recente experiência equatoriana, permitindo a revisão de contas e aumentando significativamente a destinação de recursos para as áreas sociais e para investimentos geradores de emprego e renda. A auditoria também servirá para demonstrar como a política econômica atual está estruturada para privilegiar o pagamento da dívida financeira, em detrimento do atendimento das necessidades sociais.

De 1995 a 2014 foram gerados no Brasil R\$ 1 trilhão de Superávit Primário, devido ao aumento da carga tributária e diversos cortes de investimentos sociais e, apesar disso, o estoque da dívida interna federal aumentou de R\$86 bilhões para quase R\$4 trilhões no mesmo período, e seguiu crescendo, principalmente devido aos mecanismos de política monetária do Banco Central.

A política de austeridade fiscal ganhou *status* constitucional com aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que estabeleceu teto para todas as despesas públicas com a manutenção do Estado e serviços prestados à população, porém, não limitou ou controlou os gastos com a dívida pública.

O modelo econômico praticado no Brasil tem colocado o país a serviço dos interesses do mercado, destinando grandes volumes de recursos, anualmente, para alimentar o Sistema da Dívida, acirrando cada vez mais o fosso social existente no país.

Os trabalhos da Auditoria Cidadã da Dívida têm demonstrado a responsabilidade da política monetária do Banco Central, que tem funcionado como uma correia de transmissão de dinheiro público para instituições financeiras.

Uma vez liberadas as amarras impostas pelo Sistema da Dívida, será possível aplicar as impressionantes riquezas do país no desenvolvimento socioeconômico, a começar pelo atendimento prioritário às urgentes necessidades do povo brasileiro em serviços de saúde, educação, moradia, segurança, assistência, emprego, enfim, vida digna, condizente com uma das maiores potências mundiais.

Por isso mesmo, não é extremado dizer que a auditoria da dívida pública brasileira, como efetivo instrumento de participação e controle social, contribuirá para o rompimento da histórica reprodução da desigualdade de gênero no país, na medida em que permitirá que os recursos públicos sejam redirecionados para a implementação de políticas públicas, inclusive as tão necessárias para garantir os direitos das mulheres em todos os âmbitos, e o combate

à toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

### Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Sarah. Estado Constitucional Social, (de)formas e neocolonização financeira, *in: Reformas ou deformas tributárias e financeiras: por que, para que, para quem e como?*, org. SCAFF, Fernando Facury, DERZI, Misabel de Abreu Machado, BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves, TORRES, Heleno Taveira. Belo Horizonte: Letramento, 2020.
- GARCIA, Maria F. Brasil tem 3º pior salário mínimo do mundo, aponta estudo. Observatório do Terceiro Setor, 2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-tem-o-3o-pior-salario-minimo-do-mundo-aponta-estudo/>. Acesso em: 10 de jul de 2020.
- OLIVEIRA, Élide Franco; SANTANA, Priscila Martins de O. Sistema da dívida e deterioração salarial no Brasil. Disponível em: <https://auditoriacidade.org.br/nucleo/artigo-sistema-da-divida-e-deterioracao-salarial-no-brasil/>. Acesso em: 01 de ago. de 2020.

### ANEXO I

Programa “Política para as Mulheres: Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência”<sup>1</sup> do Governo Federal - 2010 a 2019 - Valores previstos e pagos – (R\$)

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços Especializados de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	29,68	16,08	27,32	7,40	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Do- tação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
10UJ	Implantação do Sistema Nacional de Informações sobre a Violência contra a Mulher	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para Atendimento a Mulheres em Situação de Violência	2,16	0,55	1,80	0,72	0,00	0,00
8831	Central de Atendimento à Mulher	4,50	3,48	4,50	4,16	7,03	5,66
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos Humanos das Mulheres em Situação de Prisão	0,50	0,37	0,50	0,00	0,00	0,00
8932	Apoio a Iniciativas de Prevenção à Violência contra as Mulheres	3,34	1,81	2,80	0,43	2,80	1,08
8834	Apoio a Iniciativas de Referência nos Eixos Temáticos do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres	17,03	6,83	37,27	1,42	13,88	2,36

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8838	Apoio à Criação e ao Fortalecimento de Organismos de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher	3,50	1,79	3,85	0,55	4,48	1,14
8840	Funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	0,20	0,13	0,25	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo à Autonomia Econômica e ao Empreendedorismo das Mulheres	7,90	2,49	10,76	0,62	0,00	0,00
8844	Fortalecimento da Participação de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão	0,50	0,20	0,50	0,00	0,58	0,00
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00	37,07	7,13
210A	Promoção de Políticas de Igualdade e de Direitos das Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
210B	Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Do- tação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
6245	Produção e Divulgação de Informações, Estudos e Pesquisas sobre as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	2,45	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para o Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	2,90	0,00
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,80	0,15
8843	Incentivo a Políticas de Autonomia das Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	16,64	1,95
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres nas Regiões de Fronteira Seca	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
218B	Políticas de Igualdade e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Do- tação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
14XS	Implementação da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8400	Organização Produtiva de Trabalhadoras Rurais	14,03	0,54	13,77	2,03	0,00	0,00
8402	Documentação da Trabalhadora Rural	22,36	4,87	14,08	2,80	0,00	0,00
8835	Incorporação da Perspectiva de Gênero nas Políticas Educacionais e Culturais	1,80	1,00	0,15	0,00	1,30	0,08
8836	Formação de Profissionais da Educação em Conteúdos Não Discriminatórios	0,50	0,50	0,20	0,09	0,00	0,00
8837	Incorporação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos nas Políticas de Saúde	0,15	0,00	0,10	0,00	0,00	0,00
8842	Incentivo ao Trabalho Decente e à Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho	0,50	0,46	0,70	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2010		2011		2012	
		Dotação Inicial	Pago	Do- tação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2000	Políticas Culturais de Incentivo à Igualdade de Gênero	0,00	0,00	0,00	0,00	0,50	0,42
4641	Publicidade de Utilidade Pública	0,00	0,00	0,00	0,00	4,50	1,72
TOTAL		108,74	41,09	118,54	20,21	94,93	21,68

Código da Ação	Título da Ação	2013		2014		2015	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços Especializados de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
10UJ	Implantação do Sistema Nacional de Informações sobre a Violência contra a Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para Atendimento a Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8831	Central de Atendimento à Mulher	8,00	4,21	11,18	5,00	11,18	12,72

Código da Ação	Título da Ação	2013		2014		2015	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos Humanos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8932	Apoio a Iniciativas de Prevenção à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8834	Apoio a Iniciativas de Referência nos Eixos Temáticos do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8838	Apoio à Criação e ao Fortalecimento de Organismos de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8840	Funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo à Autonomia Econômica e ao Empreendedorismo das Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2013		2014		2015	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8844	Fortalecimento da Participação de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
210A	Promoção de Políticas de Igualdade e de Direitos das Mulheres	38,49	4,72	21,04	6,89	64,15	2,90
210B	Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	108,92	16,05	101,70	16,67	60,76	16,72
6245	Produção e Divulgação de Informações, Estudos e Pesquisas sobre as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para o Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2013		2014		2015	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8843	Incentivo a Políticas de Autonomia das Mulheres	16,44	2,98	17,44	4,19	14,90	0,78
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira	0,00	0,00	28,10	7,08	79,70	16,03
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres nas Regiões de Fronteira Seca	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
218B	Políticas de Igualdade e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
14XS	Implementação da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8400	Organização Produtiva de Trabalhadoras Rurais	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8402	Documentação da Trabalhadora Rural	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8835	Incorporação da Perspectiva de Gênero nas Políticas Educacionais e Culturais	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2013		2014		2015	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8836	Formação de Profissionais da Educação em Conteúdos Não Discriminatórios	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8837	Incorporação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos nas Políticas de Saúde	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8842	Incentivo ao Trabalho Decente e à Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
2000	Políticas Culturais de Incentivo à Igualdade de Gênero	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
4641	Publicidade de Utilidade Pública	4,50	3,47	14,96	13,73	10,00	0,00
TOTAL		176,35	31,43	194,42	53,56	240,69	49,16

Código da Ação	Título da Ação	2016		2017	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços Especializados de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2016		2017	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
10UJ	Implantação do Sistema Nacional de Informações sobre a Violência contra a Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para Atendimento a Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00
8831	Central de Atendimento à Mulher	26,56	28,64	36,18	28,77
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos Humanos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00
8932	Apoio a Iniciativas de Prevenção à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8834	Apoio a Iniciativas de Referência nos Eixos Temáticos do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8838	Apoio à Criação e ao Fortalecimento de Organismos de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00
8840	Funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	0,00	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo à Autonomia Econômica e ao Empreendedorismo das Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2016		2017	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8844	Fortalecimento da Participação de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão	0,00	0,00	0,00	0,00
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00
210A	Promoção de Políticas de Igualdade e de Direitos das Mulheres	17,96	4,12	13,82	0,98
210B	Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	56,49	4,14	16,86	4,44
6245	Produção e Divulgação de Informações, Estudos e Pesquisas sobre as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para o Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo a Políticas de Autonomia das Mulheres	10,72	2,26	5,40	0,55
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2016		2017	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres nas Regiões de Fronteira Seca	15,16	1,15	19,40	0,00
218B	Políticas de Igualdade e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
14XS	Implementação da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8400	Organização Produtiva de Trabalhadoras Rurais	0,00	0,00	0,00	0,00
8402	Documentação da Trabalhadora Rural	0,00	0,00	0,00	0,00
8835	Incorporação da Perspectiva de Gênero nas Políticas Educacionais e Culturais	0,00	0,00	0,00	0,00
8836	Formação de Profissionais da Educação em Conteúdos Não Discriminatórios	0,00	0,00	0,00	0,00
8837	Incorporação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos nas Políticas de Saúde	0,00	0,00	0,00	0,00
8842	Incentivo ao Trabalho Decente e à Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2016		2017	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2000	Políticas Culturais de Incentivo à Igualdade de Gênero	0,00	0,00	0,00	0,00
4641	Publicidade de Utilidade Pública	5,43	0,00	4,89	0,00
TOTAL		132,32	40,32	96,54	34,75

Código da Ação	Título da Ação	2018		2019	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços Especializados de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00
10UJ	Implantação do Sistema Nacional de Informações sobre a Violência contra a Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00
6812	Capacitação de Profissionais para Atendimento a Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00
8831	Central de Atendimento à Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos Humanos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00
8932	Apoio a Iniciativas de Prevenção à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2018		2019	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8834	Apoio a Iniciativas de Referência nos Eixos Temáticos do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8838	Apoio à Criação e ao Fortalecimento de Organismos de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher	0,00	0,00	0,00	0,00
8840	Funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	0,00	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo à Autonomia Econômica e ao Empreendedorismo das Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8844	Fortalecimento da Participação de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão	0,00	0,00	0,00	0,00
2C52	Ampliação e Consolidação da Rede de Serviços de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	0,00	0,00	0,00	0,00
210A	Promoção de Políticas de Igualdade e de Direitos das Mulheres	17,96	4,12	13,82	0,98
210B	Atendimento às Mulheres em Situação de Violência	56,49	4,14	16,86	4,44
6245	Produção e Divulgação de Informações, Estudos e Pesquisas sobre as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2018		2019	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
6812	Capacitação de Profissionais para o Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8833	Apoio a Iniciativas de Fortalecimento dos Direitos das Mulheres em Situação de Prisão	0,00	0,00	0,00	0,00
8843	Incentivo a Políticas de Autonomia das Mulheres	10,72	2,26	5,40	0,55
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira	0,00	0,00	0,00	0,00
14XS	Construção da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres nas Regiões de Fronteira Seca	26,85	1,33	13,64	0,00
218B	Políticas de Igualdade e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres	77,05	23,25	34,59	27,50
14XS	Implementação da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres	0,00	0,00	0,00	0,00
8400	Organização Produtiva de Trabalhadoras Rurais	0,00	0,00	0,00	0,00
8402	Documentação da Trabalhadora Rural	0,00	0,00	0,00	0,00
8835	Incorporação da Perspectiva de Gênero nas Políticas Educacionais e Culturais	0,00	0,00	0,00	0,00

Código da Ação	Título da Ação	2018		2019	
		Dotação Inicial	Pago	Dotação Inicial	Pago
8836	Formação de Profissionais da Educação em Conteúdos Não Discriminatórios	0,00	0,00	0,00	0,00
8837	Incorporação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos nas Políticas de Saúde	0,00	0,00	0,00	0,00
8842	Incentivo ao Trabalho Decente e à Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho	0,00	0,00	0,00	0,00
2000	Políticas Culturais de Incentivo à Igualdade de Gênero	0,00	0,00	0,00	0,00
4641	Publicidade de Utilidade Pública	5,43	0,00	4,89	0,00
TOTAL		103,90	24,57	48,23	27,50

Fonte: Elaboração deste levantamento: Auditoria Cidadã da Dívida, Rodrigo Ávila e Rafael Muller. Painel do Orçamento Federal (BRASIL/ME, 2020). Disponível em: <[https://www1.siof.planejamento.gov.br/QvAJAXZfc/opedoc.htm?document=IAS/Execucao\\_Orcamentaria.qvw&host=QVS@pqlk04&anonymos=true&sheet=SH06](https://www1.siof.planejamento.gov.br/QvAJAXZfc/opedoc.htm?document=IAS/Execucao_Orcamentaria.qvw&host=QVS@pqlk04&anonymos=true&sheet=SH06)>. Acesso em 6 ago 2020.

Notas: 1. Título referente ao nome originário do Programa de código 2016, que vigorou de 2012 a 2019. Em 2015, fora renomeado para “Políticas para as Mulheres: Promoção da Igualdade e Enfrentamento à Violência”. De 2010 a 2011 trataram-se dos programas 0156 (“Prevenção e Enfrentamento da Violência contra as Mulheres”) e 1433 (“Cidadania e Efetivação de Direitos das Mulheres”), com ações equivalentes. 2. Valor referente à Dotação Inicial nos registros do Painel do Orçamento Federal.

# Dívida Pública e Feminização da Pobreza

*Lúisa Santos Paulo  
Sarah Campos*

**Resumo:** Em um contexto de feminização da pobreza, que se reproduziu intensamente na fase do capitalismo industrial, estruturado nas relações de trabalho pautadas na desigualdade entre homens e mulheres, a vulnerabilidade feminina, no domínio do capitalismo financeiro, apenas de agrava. Na era dos estados endividados, as decisões políticas passam a ser substituídas, em grande parte, pela força dos mercados financeiros internacionais. Esse artigo sustenta que a superação da histórica dívida para com as mulheres, ainda mais desafiadora em uma época em que os recursos públicos são drenados por mecanismos de endividamento sem contrapartidas sociais e que afetam de maneira desproporcional as mulheres mais despossuídas, exige não somente a implementação de políticas públicas atentas às questões de gênero, mas também o rompimento de dogmas culturais. **Palavras-chave:** dívida pública; financeirização; economia; tributação; pobreza; mulheres.

## *1. Introdução*

Refletir sobre a histórica dívida pública para com as mulheres não deixa de ser instigante e desafiador. Isso porque a estrutura patriarcal das sociedades, especialmente da brasileira, cria mecanismos de estruturação normativa que relega as mulheres a posições sociais e de poder desvantajosas. Nesse sentido, também no campo da efetivação dos direitos não apenas individuais, mas também sociais femininos, a dívida para com as mulheres exige, como afirma a socióloga Marlise Matos (MATOS, 2015), mecanismos e sistemas de responsabilização institucional sensíveis às questões de gênero e receptivos aos processos continuados de empoderamento das mulheres.

Isso é particularmente preocupante em um contexto de feminização da pobreza. O Banco Mundial, analisando dados sobre pobreza em 89 países (incluindo o Brasil), em 2018, revelou que a cada 100 homens entre 25 e 34 anos de idade vivendo em lares pobres, existem 122 mulheres na mesma situação (BOUDET, 2018). Embora seja difícil mensurar a despossessão material, esforços de agências internacionais pelo desenvolvimento são categóricos em afirmar que existe um caráter sexista na deprivação. A intersecção de elementos identitários como a raça, gênero e a sexualidade influenciam diretamente em como essas pessoas são sujeitas ao sistema, e como a opressão vai agir em sua situação particular.

Dessa forma, se as mulheres estão em condição de vulnerabilidade na tessitura social, em razão da dívida histórica do sistema patriarcal, que se reproduziu intensamente na fase do capitalismo industrial, estruturado nas relações de trabalho pautadas na desigualdade entre homens e mulheres, no domínio do capitalismo financeiro, a situação das mulheres não é diferente.

Na era dos estados endividados, as decisões políticas passam a ser substituídas, em grande parte, pela força dos mercados financeiros internacionais. Como adverte Streeck, o respeito à soberania estatal “fica a depender do bom comportamento de um país em relação aos mercados financeiros globais e às organizações internacionais ou do cumprimento das regras que estes estabelecem” (STREECK, 2013, p. 145).

Nesse sentido, a superação da histórica dívida não apenas dos homens, mas da sociedade, para com as mulheres, torna-se ainda mais desafiadora em uma época em que os recursos públicos são drenados por mecanismos de endividamento sem contrapartidas sociais, exigindo o rompimento de dogmas não apenas culturais, mas também a implementação de políticas públicas atentas às questões de gênero.

## *2. Financeirização da economia e a reprodução das desigualdades de gênero*

É inegável que situação da mulher obteve importantes melhorias ao longo dos anos, em especial no século XX. Com o movimento sufragista, ao fim do século XIX, desencadeando

a chamada primeira onda do feminismo, a opressão de gênero e a subjugação feminina foram gradativamente se tornando uma questão central no desenvolvimento do Estado moderno, implicando em mudanças efetivas que forneceram importantes vitórias à mulher - como, por exemplo, o direito ao voto, ao uso do anticoncepcional, ao divórcio e à propriedade.

Isso não significa dizer, contudo, que a questão feminina está resolvida. A emergência e consolidação do movimento feminista ao longo do século XX, tanto nas ruas quanto na academia, iniciou um processo de descortinar os mecanismos pelos quais se opera a sujeição das mulheres, mas nem de longe conseguiu destruí-los em sua totalidade. É nesse sentido que Beauvoir (BEAUVOIR, 2009, p. 21) escreve que a condição da mulher enquanto membro do seu sexo configura na atualidade um pesado *handicap*; ainda quando lhe são reconhecidos direitos abstratos, a sua situação concreta implica na impossibilidade de se aproveitar totalmente deles.

Isso porque a mera garantia abstrata de direitos pelo Estado se mostrou insuficiente para resolver questões sociais, especialmente as de gênero. Mais do que *sujeitos* de direitos, as minorias, inclusive o seguimento feminino, necessitam de ações afirmativas por parte do Estado, por meio de políticas públicas, para realização e efetivação de direitos previstos nas normas jurídicas.

Ocorre que, na era da modernidade líquida (BAUMAN, 2001, p. 172), com a fluidez das estruturas industriais e a transformação das relações de trabalho, em que investimentos, capitais, pessoas e empresas de centenas de países se relacionam diretamente, se deslocam, se afetam e se misturam, as estruturas internacionais de poder consolidadas, daí incluída a desigualdade de gênero imbricada nas corporações, ficam muito mais difíceis de serem enfrentadas. Isso porque as demandas sociais, que estão ainda atreladas a representatividade local, perdem força no sistema global, que não tem nenhum compromisso com projetos das sociedades nacionais.

Como as políticas públicas para a promoção de igualdade e de oportunidade para as mulheres dependem de recursos públicos para serem concretamente implementadas, a liquidez da modernidade, que permite que o capital desate os laços com a soberania estatal, faz com que esses recursos voem, flutuem, e desaguem nos mercados financeiros, por meio dos diversos mecanismos de geração de dívida pública sem contrapartidas sociais.

Importante pontuar que o próprio sistema financeiro, em seu âmago, é muito desigual na perspectiva também do gênero. Em 2018, o Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>1</sup> analisou como o acesso ao sistema financeiro (como crédito e contas bancárias) e a ascensão profissional das mulheres nas instituições financeiras fomentaria a estabilidade do sistema bancário e estimularia o crescimento econômico. Segundo o FMI, em 2016, as mulheres representavam, em média, apenas 40% dos depositantes e mutuários dos bancos. Constatou-se, também, que essa estatística é muito variada entre as regiões e os países. Por exemplo, as mulheres somavam 51% dos mutuários no Brasil, em comparação com apenas 8% no Paquistão.

Assim como no caso dos usuários de serviços financeiros, o FMI verificou importantes diferenças regionais da presença feminina em cargos de liderança no setor bancário. Os países da África Subsaariana apresentaram o maior número de executivas bancárias, e a América Latina e o Caribe, o menor. No geral, as mulheres ocupavam menos de 2% dos cargos na diretoria executiva das instituições financeiras e menos de 20% dos postos nos conselhos de administração. A proporção de mulheres nas diretorias dos órgãos de supervisão bancária também era baixa: apenas 17%, em média, em 2015.

Apesar dessa disparidade no acesso das mulheres a posições de liderança no sistema financeiro, o FMI também concluiu que bancos com maior participação de mulheres no conselho de administração tinham mais reservas de capital, uma proporção menor de empréstimos improdutivos e mais resistência ao estresse. Segundo o FMI, a maior estabilidade observada quando existe mais participação das mulheres, provavelmente se devia aos efeitos benéficos da maior diversidade de opiniões nos conselhos, bem como a práticas de recrutamento e de seleção que levariam à contratação de mulheres mais qualificadas ou mais experientes do que os homens.

Não apenas a estrutura do sistema financeiro, mas também a financeirização da própria economia global favorece a reprodução

---

<sup>1</sup> Fonte: FMI. Disponível em <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2018/09/19/blog-women-in-finance>. Acesso em 17.8.2020.

das desigualdades, inclusive as identitárias. E se considerarmos o dado concreto brasileiro de que a parcela mais pobre da população é composta por mulheres, a ausência de iguais oportunidades e de acesso à renda feminina é ainda mais agravada.

De acordo com a *Overseas Development Institute* (ODI), a população mundial em idade economicamente ativa está igualmente dividida entre homens e mulheres. Contudo, para cada três homens em postos assalariados, há apenas duas mulheres na mesma situação. Para cada quatro homens a frente de negócios, há apenas uma mulher na mesma posição.<sup>2</sup> Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em média, mulheres ganham 23% a menos do que os homens.<sup>3</sup> Em países em desenvolvimento na África, na Ásia e no Pacífico, mulheres trabalham, por semana, em torno de 12 a 13 horas a mais do que os homens. No entanto, com frequência, suas contribuições não são valorizadas nem remuneradas.<sup>4</sup> Ainda, conforme análise da UNESCO, mulheres representam dois terços dos 750 milhões de adultos sem habilidades básicas de leitura e escrita. No mundo, existem mais meninas do que meninos fora da escola. Cerca de 16 milhões de garotas passarão a vida inteira sem frequentar a sala de aula.<sup>5</sup> Conforme relatório do Fórum Econômico Mundial, no atual ritmo, serão necessários mais de 200 anos para alcançar a igualdade salarial entre homens e mulheres.

No Brasil, segundo Estudo de Estatísticas de Gênero do IBGE<sup>6</sup>, as mulheres trabalham em média três horas por semana a mais do que os homens (somando-se trabalho remunerado, atividades domésticas e cuidados com outras pessoas), mas ganham apenas dois terços (76%) do

---

<sup>2</sup> Fonte: Overseas Development Institute (ODI). Disponível em: <https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/resource-documents/11427.pdf>. Acesso em 17.8.2020.

<sup>3</sup> Fonte: Organização Internacional do Trabalho – OIT. Disponível em: [http://www.ilo.org/gender/Informationresources/Publications/WCMS\\_457317/lang--en/index.htm](http://www.ilo.org/gender/Informationresources/Publications/WCMS_457317/lang--en/index.htm). Acesso em 17.8.2020.

<sup>4</sup> Fonte: FIDA. Disponível em: <https://www.ifad.org/documents/10180/5bcb54e2-96d1-4e95-932b-d7ad9761f972>. Acesso em 17.8.2020.

<sup>5</sup> Fonte: Unesco. Disponível em <https://en.unesco.org/themes/education-and-gender-equality>. Acesso em 17.8.2020.

<sup>6</sup> Fonte IBGE. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-,2,3,128&ind=4721>. Acesso em 17.8.2020.

rendimento deles. Nas ocupações que exigem nível superior completo ou mais, a diferença salarial é ainda maior: as mulheres recebiam 63,4% do rendimento dos homens em 2016, dado mais recente disponível.

Esse contexto, de um estado capturado pelos interesses de uma minoria, e, ao mesmo tempo, tendo o desafio de atender as demandas de uma grande massa populacional com cada vez menos acesso à renda, inclusive de implementação de políticas públicas de promoção de igualdade de gênero, torna cada vez mais difícil a superação da histórica dívida para com as mulheres. Esse quadro agrava-se ao se considerar que o Estado, que deveria implementar políticas públicas para superar as desigualdades de gênero, é um estado endividado, dependente do financiamento por parte do mercado.

Os estados endividados contraíram dívidas para substituir os tributos que não conseguiram cobrar das empresas, ou não quiseram ou puderam cobrar dos seus cidadãos, sobretudo dos mais abastados, que, no contexto do neoliberalismo, são cada vez menos tributados (STREECK, 2013, p. 150).

A empresa multinacional de contabilidade UHY mediu a carga tributária suportada por trabalhadores considerados como de renda “baixa” e renda “alta” (faixas de 25 mil, 250 mil e 1,5 milhões de dólares por ano). No comparativo de 30 países, em 2019, o Brasil demonstrou as piores performances na tributação das altas rendas, de acordo com os parâmetros internacionais adotados. Enquanto a média de tributação das altas rendas pelos países que integram o G7 é de 47,9%, o Brasil tributa a mesma faixa de rendimento em apenas 27,5%, estando na 27ª posição do ranking.<sup>7</sup>

De acordo com estudo da Receita Federal do Brasil, no comparativo por base de incidência, o Brasil tributa menos a base “renda” que os países da OCDE, enquanto, em relação a base “bens e serviços”, cobra, em média, mais.<sup>8</sup>

Algumas considerações podem ser feitas a partir dessa constatação. Em primeiro lugar, a tributação sobre o consumo ignora as peculiaridades de renda e incide igualmente entre mulheres

---

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.uhy.com/wp-content/uploads/UHY-International-in-depth-study-on-income-taxes.Report-2019.pdf>

<sup>8</sup> Fonte: <http://receita.economia.gov.br/dados/receitadata/estudos-e-tributarios-e-aduaneiros/estudos-e-estatisticas/carga-tributaria-no-brasil/carga-tributaria-2017.pdf>

ricas e pobres, fazendo com que pessoas pobres, proporcionalmente, arquem com a maior parte do valor pago a título de impostos (AFONSO et al, 2013). Para além disso, a ausência de seletividade do sistema tributário brasileiro e da sua consequente penalização das marginalidades, dificulta a superação dessa realidade.

Nesse contexto, para além do impacto da financeirização da economia sobre as mulheres, necessário também analisar o quanto a tributação regressiva brasileira afeta negativamente a parcela feminina da população.

### *3. Tributação regressiva e feminização da pobreza*

Há muito se entende, mesmo entre os autores mais dogmáticos, que o sistema tributário do Brasil é indiretamente regressivo<sup>9</sup> - ou seja, tem como mote principal a tributação sobre o consumo, feita de maneira indireta e que onera a parcela mais pobre da população, que acaba por pagar proporcionalmente mais do que as camadas mais ricas. Em outras palavras, é o sistema que “*implica menor carga tributária para os bens e serviços de consumo das faixas de maior renda*” (STF, RE nº 562045/RS, 2018)<sup>10</sup>, e isso faz com que os pobres sejam os maiores responsáveis pela arrecadação brasileira.

---

<sup>9</sup> Conforme nos ensina Piketty, podemos compreender por “progressivo” um sistema que aplica uma tributação mais alta para os mais ricos e mais baixa para os pobres. Lado outro, um sistema “regressivo” é caracterizado quando a tributação diminui para os mais ricos, seja por evasão ou elisão fiscal, ou pela previsão normativa da regressividade, como o caso do *Poll Tax* implementado no Reino Unido por Margaret Thatcher, em 1989. O sistema tributário Brasileiro é regressivo pelas duas razões apontadas por Piketty. De um lado, a evasão fiscal gera um rombo na arrecadação de um valor estimado em 27,6%, implicando em uma perda de R\$ 571,5 bilhões, evasão essa que, a princípio, é exercida em sua maioria por pessoas com alta renda. Por outro, a própria estruturação da matriz tributária brasileira é regressiva, com um enfoque maior na arrecadação sobre consumo do que por renda. Cf. PIKETTY, Thomas. *O Capital no Século XXI*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014.

<sup>10</sup> BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Recurso Extraordinário nº 562045/RS. Relatores: Min. Ricardo Lewandowski e Min. Cármen Lúcia, Tribunal Pleno. Diário da Justiça Eletrônico. Brasília, 2013. Voto do Min. Eros Grau. p.35. Disponível em: <<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=630039>>. Acesso em: 05.8.2020.

Nesse sentido, a posição de marginalidade das mulheres no Brasil e no sistema tributário brasileiro, e a indiferença da tributação a seu suplício, acaba por se tornar mais uma camada de opressão - sutil, mas tão perversa quanto outras violências de gênero.

Se a maior parte da carga tributária brasileira pesa sobre o consumo, cumpre então analisar quem consome, o que consome, e como se tributam os seus gastos. Representando 66% do mercado de consumo (PETTERLE e MALETTA, 2010), a fama de “consumismo” creditada às mulheres parece ter um fundo de verdade - elas de fato consomem mais. Contudo, é importante analisar os dados a fundo antes de dar credibilidade a generalizações sexistas, que se prestam a diminuir e legitimar a opressão da mulher. Se sob o discurso da futilidade de seus gastos é que se justifica a oneração exagerada de bens consumidos em sua maioria por mulheres, seria de se esperar que bens considerados de primeira necessidade fossem conseqüentemente menos onerados pelo Estado, e que o perfil de consumo das mulheres não contemplasse tais bens. Para verificarmos essas hipóteses, precisamos entender, em primeiro lugar, traçar o perfil econômico da mulher brasileira.

De acordo com PINHEIRO e FONTOURA (2007), as mulheres gastam mais em educação, saúde, cuidados pessoais, roupas (em especial de criança, acessórios, brinquedos, comunicações, artigos para o lar e outras despesas, como bancos, cartórios, díizimos, filantropia, etc). Lado outro, os homens gastam mais em transporte, alimentação fora de casa, jogos e apostas, fumo, outros imóveis, além de despesas com operações financeiras. Isso quer dizer que a proporção do orçamento das famílias chefiadas por mulheres que é comprometida com itens básicos é maior do que aquelas chefiadas por homens:

TABELA 6

**Brasil: proporção do orçamento destinada a itens de despesa básicos, segundo sexo do chefe – 2002-2003**

(Em %)

	Famílias chefiadas por homens	Famílias chefiadas por mulheres
Grupo 1 – habitação + alimentação + saúde	50,4	56,0
Grupo 2 – transporte + vestuário + educação	17,6	16,3
Percentual de comprometimento do orçamento com itens básicos	68,0	72,3

Fonte: IBGE/POF de 2002-2003. Elaboração: Ipea/Disoc.

**Tabela. Proporção do orçamento destinada a itens de despesa básicos, segundo sexo do chefe - 2002-2003<sup>11</sup>**

<sup>11</sup> Fonte: PINHEIRO e FONTOURA, 2007

De acordo com a tabela acima, as famílias chefiadas por mulheres gastam, em média, mais do que as famílias chefiadas por homens. A primeira conclusão é, portanto, a diferença substantiva entre o comprometimento do orçamento familiar com consumo - mulheres comprometem 80,7% de seu orçamento, sendo 72,3% com bens básicos, enquanto os homens comprometem 72,3% com consumo, sendo 68% com bens básicos. As mulheres gastam mais em alimentação e habitação, enquanto os homens tem um gasto expressivo em aumento do ativo, que é a compra de bens para construção de um patrimônio. O comprometimento da renda feminina com consumo de itens básicos se torna um grande entrave à possibilidade de sua realização de ativo, o que repercute diretamente na sua habilidade de construir uma espécie de colchão de segurança para sua família no futuro. Encontram dificuldade, por exemplo, para adquirir imóveis, realizar investimentos, poupar dinheiro, entre outros. Essa realidade se torna mais complexa quando se percebe que existe ainda uma grande disparidade entre os rendimentos médios dos homens e mulheres chefes de família, em especial nas regiões mais pobres do país.

Não é forçoso concluir, em suma, que as mulheres chefes de família gastam mais do que os homens chefes de família, e o fazem em prol de seus dependentes. Assim, resta um último questionamento: quem são as mulheres chefes de família?

Em 2015, estima-se que 42,3% das famílias fossem compostas de casais com filhos, 16,3% de apenas mulheres com filhos e 2,2% de apenas homens com filhos. Entre as mulheres que chefiam famílias (ou seja, são as responsáveis principais pelo sustento de seus familiares), 40,4% são a única provedora de seu lar (IBGE, 2015), sem dividir as responsabilidades financeiras com um parceiro ou parceira.

No que diz respeito à renda, 90,5% das mulheres que chefiam famílias vivem com até 3 salários mínimos por pessoa, sendo 56,6% com a renda de até 1 salário mínimo por pessoa e 33,6% com a renda de 1 a 3 salários mínimos por pessoa. Quando desagregamos esses dados por cor/raça, percebe-se o seguinte panorama: 84,2% das mulheres chefes de família brancas vivem com até 3 salários mínimos por pessoa, sendo 42,5% com até 1 salário mínimo e 41,7% de 1 a 3 salários mínimos (IBGE, 2015). Por outro lado, 95,5% das mulheres chefes de família negras vivem com até 3 salários, sendo 67,7% até 1 salário e 27,8% de 1 a 3 salários. Por

fim, entre as mulheres que chefiam famílias de casais com filhos, 40,9% são brancas e 59,1% são negras, ao passo que as mulheres que chefiam sozinha a família são 41,2% brancas e 59,8% negras (IBGE, 2015).

Assim, os dados permitem configurar a *mulher média* brasileira como uma mulher chefe de família, majoritariamente negra, vivendo com até 3 salários mínimos e que compromete 80% de sua renda com o consumo - justamente o mais tributado pelo Estado brasileiro. Ao comprar um gás de cozinha, por exemplo, uma mulher paga 34,04% de imposto. Um batom, 51%. Roupas normais (não contando casacos e roupas de frio), 34,67% de imposto. Um achocolatado para crianças, 38,06%. Açúcar, 32,33%, arroz, 15,34%, feijão, 15,34% e fubá 25,28%. Absorvente higiênico, recebe 34,48% de imposto. Um amaciante, 34,30% e o sabão em pó, 40,80%. A fralda descartável sofre a incidência de 54,75% de tributos, a água 37,88% e medicamentos de uso humano 33,87% (SINPROFAZ, 2017).

Em um contexto em que 1% da população detém 25% do PIB e é, contudo, a parcela menos tributada (SOUZA, 2016), não é difícil perceber ou inferir que a mulher média brasileira trabalha para sustentar a si e ao Estado brasileiro.

Ademais, se analisada a divisão do trabalho de cuidado e, ainda, o consumo necessário para a consecução desse trabalho, se torna ainda mais evidente que as tarefas do trabalho reprodutivo exigem um gasto que é suportado, em sua grande maioria, por mulheres. Cumpre ressaltar: é majoritariamente do trabalho e do consumo de mulheres pobres que vem o financiamento do Estado brasileiro, e não, como costuma se afirmar, das classes mais abastadas ou do empresariado.

A seletividade do sistema tributário, portanto, parece delinear-se em uma seletividade às avessas, em que se tributa mais pesadamente itens inelásticos - ou seja, aqueles produtos e serviços que não podem ser substituídos por itens de igual equivalência e cujo aumento dos preços força o consumidor a gastar mais dinheiro para adquiri-los - e consumidos pela população de baixa renda. Isso, aliado ao panorama de comprometimento maior da renda por parte dos mais pobres, gera uma situação calamitosa, onde os pobres comprometem quase 50% da sua renda para pagamento de tributos (IPEA, 2009).

Ademais, para complementar a injustiça fiscal concretizada por um sistema tributário construído contra a parcela mais pobre e feminina da população brasileira, é a destinação dada aos recursos arrecadados a título de tributos. Como exemplo, cita-se a política fiscal do Governo Federal, que destina quase 50% de seu orçamento para amortização e pagamento de juros e encargos da dívida pública, conforme estudos realizados pela Associação pela Auditoria Cidadã da Dívida:



**Figura.** Orçamento federal executado e pago em 2019.<sup>12</sup>

Grande parte do dinheiro arrecadado da parcela mais pobre e feminina da população é utilizado, portanto, para remunerar o capital investido pelos mais ricos (que inclusive têm acesso ao mercado de capitais), diminuindo as possibilidades de investimentos

<sup>12</sup> FATORELLI, Maria Lúcia. *Orçamento Federal (Fiscal e Seguridade Social) Executado (Pago) em 2019*. Auditoria Cidadã da Dívida, 2020. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/explicacao/>. Acesso em 19.8.2020.

sociais que, por sua vez, têm um incrível potencial emancipatório. A matriz tributária brasileira se torna, por conseguinte, um “Robin Hood às avessas”.

A marginalização de sujeitos pelo direito tributário não é por acaso. Muito pelo contrário, advindo de um sistema tributário calcado em perspectivas ditatoriais e em políticas econômicas defasadas, não é estranho pensar que essa exclusão seja ferramenta de dominação. A mulher é construída social e juridicamente para uma vida mais precária, cujo sofrimento e dor são menos importantes e, por esse motivo, despossuída de voz, razão e defesa, mas também despossuída economicamente.

Por ser excluída das regras determinadas por quem detém o poder normativo, considerando um parlamento brasileiro<sup>13</sup> composto por 85% de homens e 15% de mulheres, em 2019<sup>14</sup>, a mulher não consegue se integrar, e, por conseguinte, se insurgir contra a estrutura desigual de poder. Mais além e de maneira mais cruel, o sujeito mulher não somente é excluído da proteção do direito tributário, como o seu silenciamento é aproveitado para lucrar sobre a sua opressão.

Nesse sentido, considerando que a pobreza, no Brasil, é feminina, necessário, para além de melhor regular a atuação do sistema financeiro, não permitindo a ultrajante apropriação dos recursos públicos pelo mercado financeiro que, como visto no tópico anterior, no seu âmago, é predominantemente masculino, também alterar o modelo de tributação que recai mais fortemente sobre a parcela feminina da população.

#### *4. Conclusão*

A globalização, o rompimento das barreiras territoriais e a financeirização da economia impõem novos desafios para o Estado,

---

<sup>13</sup> Apesar de as mulheres brasileiras representarem 51,7% da população, 52,5% do eleitorado, e 44,17% dos filiados a partidos políticos no Brasil, elas não ultrapassam 15% das eleitas nas duas Casas Legislativas do Congresso Nacional.

<sup>14</sup> Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/03/07/minoria-no-congresso-mulheres-lutam-por-mais-participacao>. Acesso em 4.8.2020.

especialmente quanto às exigências de superação da histórica dívida – social, cultural e política – para com as mulheres.

Em uma época em que o Estado está cada vez mais enfraquecido, submetido aos ditames do mercado internacional, as comunidades locais, que, bem ou mal, já vinham alcançando algum protagonismo na conquista de vários direitos para as mulheres, se veem diante de uma nova estrutura mundial de poder, que, além de drenar recursos públicos das economias nacionais por meio de mecanismos de criação de dívida pública sem contrapartidas sociais, impõe a reprodução das desigualdades de gênero.

No seu âmbito interno, o sistema financeiro não permite uma política de iguais oportunidades de acesso ao crédito e às contas bancárias por homens e mulheres, sendo que apenas 40% dos depositantes e mutuários dos bancos são mulheres. Além disso, as possibilidades de ascensão profissional feminina nessas estruturas de poder são cerceadas, já que, como visto, as mulheres ocupam apenas 2% dos cargos na diretoria executiva e menos de 20% nos conselhos de administração das instituições financeiras.

Também quanto às suas externalidades, o mercado financeiro impede a implementação de políticas públicas essenciais para superação das desigualdades de gênero, na medida em que, por meio dos mecanismos de geração de dívida, drena os orçamentos públicos que são consumidos pelo pagamento de amortizações e juros de uma dívida pública que sequer é submetida a um efetivo controle social.

As receitas utilizadas para o pagamento da dívida pública, por sua vez, resultam dos recursos advindos da tributação de uma população, cada vez mais, empobrecida e feminina. O modelo tributário brasileiro, que predominantemente recai sobre o consumo, faz com que as mulheres, especialmente as pobres e negras, suportem mais o ônus da tributação e recebam menos contrapartidas do mesmo Estado capturado pelas forças do mercado de capitais.

Os mercados financeiros, além de consumirem os orçamentos públicos, também dominam as estruturas de poder, e, conseqüentemente, os ordenamentos normativos, em um grande jogo de chantagem internacional para a flexibilização das legislações locais<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Como descreve Alain Supiot (2010, p.170), “la práctica de las banderas de conveniencia se difunde así por tierra firme, en forma de una *law shopping* que

Nesse sentido, o poderoso mercado internacional de normas, integrado por parlamentos majoritariamente masculinos, permite a consolidação de um sistema financeiro altamente desregulamentado, bem como produtor de leis que pouco tributam a renda, especialmente a derivada das aplicações bancárias.

Com cerca de apenas 15%<sup>16</sup> de representação de mulheres no parlamento, nos últimos anos, tem ocorrido relevantes (de)formas do ordenamento constitucional brasileiro.<sup>17</sup> A exemplo da Emenda Constitucional nº 95 de 2016, que impôs limite para as despesas ordinárias, ou seja, para os investimentos nas áreas da educação, saúde, cultura, infraestrutura, dentre outras, mas, no entanto, não limitou as despesas financeiras, garantindo maior percentual de recursos para pagamento da dívida pública. Não menos importante, a Emenda Constitucional nº 106 de 2020, que autorizou o Banco Central a adquirir papéis financeiros no mercado secundário, inclusive os de alto risco, sem nenhum limite, injetando mais de 1 trilhão de reais no setor financeiro em plena pandemia provocada pela Covid-19.

Tudo isso demonstra que a liquidação da dívida para com as mulheres, em uma era de alta captura financeira das economias, dependerá, também, do enfrentamento da dívida do mercado

---

trata a los derechos nacionales como productos que compiten en un mercado internacional de normas”.

<sup>16</sup> Para QUINTELA, DIAS e FONSECA (2019), “apesar de a legislação brasileira contemplar cotas de gênero desde 1995 e dos visíveis esforços nacionais em estimular a participação política feminina mediante a definição de regras referentes às listas de candidaturas, ao tempo de propaganda de cada partido e à distribuição dos fundos partidário e de eleitoral financiamento de campanha, ainda não será no pleito municipal que se aproxima, em 2020, ao que tudo indica, que superaremos o lamentável déficit de representatividade política das mulheres. Até então, na exata proporção dos seus números na população e no eleitorado, não encontramos uma forma efetiva de incluir as mulheres nas arenas oficiais de decisão”. (QUINTELA, DIAS e FONSECA, 2020, p. 61)

<sup>17</sup> Para melhor análise das recentes (de)formas do ordenamento jurídico constitucional brasileiro, ler CAMPOS, Sarah. Estado Constitucional Social, (de)formas e neocolonização financeira, in: *Reformas ou deformas tributárias e financeiras: por que, para que, para quem e como?*, org. SCAFF, Fernando Facury, DERZI, Misabel de Abreu Machado, BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves, TORRES, Heleno Taveira. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

financeiro para com a própria sociedade produtiva. E, nesse específico propósito, imprescindível que se considere a perspectiva feminista para superação, não só da estrutura de opressão contra as mulheres em todos os setores da vida, mas também das amarras que subjugam o Estado ao mercado financeiro.

Como defendem Levit e Verchick (2016), o mundo como conhecemos foi moldado por homens – especialmente por homens brancos – e, portanto, a maioria das leis ao longo da história reproduzem a visão do masculino. Assim, não é demais defender que as soluções masculinas, que permitiram a consolidação desse estado de coisas que não beneficiam as pessoas, mas o mercado, precisam ser repensadas. Uma visão mais feminina da política, da economia, do direito e da gestão pública se faz necessária.

### *Referências bibliográficas*

- AFONSO, José Roberto Rodrigues, et al. *Avaliação da estrutura e do desempenho do sistema tributário Brasileiro: Livro branco da tributação Brasileira*. Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2013. Disponível em <<http://www.iadb.org/wmsfiles/products/publications/documents/37434330.pdf>> Acesso em: 4.8.2020.
- CAMPOS, Sarah. Estado Constitucional Social, (de)formas e neocolonização financeira, in: *Reformas ou deformas tributárias e financeiras: por que, para que, para quem e como?*, org. SCAFF, Fernando Facury, DERZI, Misabel de Abreu Machado, BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves, TORRES, Heleno Taveira. Belo Horizonte: Letramento, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOUDET, Ana Maria Munhoz, et al. *Gender Differences in Poverty and Household Composition through the Life-cycle: A global perspective*. World Bank, 2018. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/135731520343670750/pdf/WPS8360.pdf>. Acesso em 28/06/2018. Acesso em: 4.8.2020.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FATORELLI, Maria Lúcia. *Orçamento Federal (Fiscal e Seguridade Social) Executado (Pago) em 2019*. Auditoria Cidadã da Dívida, 2020.

Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/explicacao/>. Acesso em 19.8.2020.

- LEVIT, Nancy, et al. Feminist Legal Theories. In: *Feminist Legal Theory (Second Edition): A Primer*, New York: NYU Press, 2016, pp. 11–40.
- MATOS, Marlise. Democracia, sistema político brasileiro e a exclusão das mulheres: a urgência em se aprofundar estratégias de descolonização e despatriarcalização do Estado. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Brasília, DF, ano 5, v. 7, p. 24, 2015.
- QUINTELA, Débora Françolin; DIAS, Joelson Costa; FONSECA, Marcelli de Cássia Pereira da. Democracia paritária e as duas metades da laranja: das cotas de candidatura à paridade de assentos, in: *Revista Populos*, nº 7, 2019.2, Salvador, 2019.
- PETTERLE, Andiará; MALETTA, Bruno. *Poderosas consumidoras: o que quer e pensa a nova mulher brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Rede de Mulheres, 2010.
- PINHEIRO, Luana Simões; FOUNTOURA, Natália de Oliveira. Perfil das Despesas e dos Rendimentos das Famílias Brasileiras sob a Perspectiva de Gênero. In: *Gasto e Consumo das Famílias Brasileiras Contemporâneas*. Vol. 2. SILVEIRA, Fernando Gaiger, et al (org). Brasília: IPEA, 2007.
- PIKETTY, Thomas. *O Capital no Século XXI*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014.
- SINPROFAZ. *Sonegação no Brasil: Uma estimativa do desvio da arrecadação do exercício de 2016*. Disponível em: <http://www.quantocustaobrasil.com.br/artigos/sonegacao-no-brasil-uma-estimativa-do-desvio-da-arrecadacao-do-exercicio-de-2016>. Acesso em 26.6.2018
- SOUZA, Pedro Herculano Guimarães Ferreira de. *A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília: Brasília.
- STREECK, Wolfgang. *Tempo comprado. A crise adiada do capitalismo democrático*. Coimbra: Conjuntura Actual Editora, 2013.
- SUPIOT, Alain. Perspectiva jurídica de la crisis económica de 2008. *Revista Internacional del Trabajo*, vol. 129, n. 2, 2010, p. 165-177.

# Dívida pública e justiça intergeracional: Desafio para as Instituições Jurídicas

*Larissa Gabrielle Braga e Silva*

**Resumo:** O presente artigo é fruto do refletir e da busca por conhecer a temática da dívida pública. Ao longo da pesquisa constatou-se que há grande necessidade do aprimoramento dos estudos e das pesquisas relativas ao tema da dívida pública, sobretudo, quando se vislumbra o contexto jurídico que se relaciona ao Direito Financeiro e as respostas para a problemática da dívida pública por parte da comunidade jurídica, sem se descurar, logicamente, que a questão não se mostra hermética, ao contrário, direciona-se a um agir conjunto institucional, político, econômico e social na busca pela equânime distribuição da riqueza e na persecução das finalidades públicas que visam a conquista do bem-estar social, que, indiscutivelmente, perpassam pelo orçamento. Na perspectiva da justiça intergeracional é preciso considerar a dimensão coletiva de todo agir, seja no âmbito privado ou público, no que concerne na tomada de decisões prudentes para que não haja o sacrifício de gerações ocasionado pela falta de controle dos gastos públicos. No que se refere às instituições jurídicas, importante pensar a respeito da segurança jurídica enquanto valor de decidibilidade de investimentos no tocante ao conjunto legal e normativo prévio que possa consagrar credibilidade quando da gestão dos conflitos envoltos aos adimplementos e inadimplementos das dívidas. Constata-se que no cenário da dívida interna há um arcabouço normativo, mas há grande dificuldade de sua implementação, já no âmbito externo, há um vazio legislativo e jurisprudencial hegemônico que seja capaz de conferir segurança de forma consolidada para fazer frente às inúmeras questões referentes à temática da dívida pública. O papel do ensino jurídico, das universidades, no que se refere à pesquisa e à extensão, é aqui também pensado como possibilidade de estruturação, educação e formação com o escopo de buscar soluções aos problemas da dívida, o que só terá efetividade se o ensino jurídico se consolidar de forma

interdisciplinar. Utilizou-se do método dedutivo de pesquisa bibliográfica exploratória.

*Palavras-chave:* dívida pública; justiça intergeracional; instituições jurídicas; segurança jurídica.

## 1. Introdução

O presente artigo é fruto do refletir e da busca por conhecer a temática da dívida pública. Ao longo da pesquisa constatou-se que há grande necessidade do aprimoramento dos estudos e das pesquisas relativas ao tema da dívida pública, sobretudo, quando se vislumbra o contexto jurídico que se relaciona ao Direito Financeiro e as respostas para a problemática da dívida pública por parte da comunidade jurídica, sem se descurar, logicamente, que a questão não se mostra hermética, ao contrário, direciona-se a um agir conjunto institucional, político, econômico e social na busca pela equânime distribuição da riqueza e na persecução das finalidades públicas que visam a conquista do bem-estar social, que, indiscutivelmente, perpassam pelo orçamento.

Na perspectiva da justiça intergeracional é preciso considerar a dimensão coletiva de todo agir, seja no âmbito privado ou público, no que concerne na tomada de decisões prudentes para que não haja o sacrifício de gerações ocasionado pela falta de controle dos gastos públicos. No que se refere às instituições jurídicas, importante pensar a respeito da segurança jurídica enquanto valor de decidibilidade de investimentos no tocante ao conjunto legal e normativo prévio que possa consagrar credibilidade quando da gestão dos conflitos envoltos aos adimplementos e inadimplementos das dívidas.

Constata-se que no cenário da dívida interna há um arcabouço normativo, mas há grande dificuldade de sua implementação, já no âmbito externo, há um vazio legislativo e jurisprudencial hegemônico que seja capaz de conferir segurança de forma consolidada para fazer frente às inúmeras questões referentes à temática da dívida pública.

O papel do ensino jurídico, das universidades, no que se refere à pesquisa e à extensão, é aqui também pensado como possibilidade de estruturação, educação e formação com o escopo de buscar soluções aos problemas da dívida, o que só terá efetividade se o

ensino jurídico se consolidar de forma interdisciplinar. Utilizou-se do método dedutivo de pesquisa bibliográfica exploratória.

## *2. Conhecendo a dívida pública*

O conceito de dívida pública perpassa pela noção de déficit fiscal que ocorre quando há mais gastos do que receitas, perfazendo, assim, um resultado fiscal negativo. Tais déficits são superados quando o ente público emite dinheiro ou mediante financiamento de terceiros com a tomada de crédito. Existem critérios para se apurar o resultado fiscal, que se organizam pelos critérios denominados “acima da linha” e “abaixo da linha”.

No critério acima da linha há subtração da despesa com a receita e pelo critério abaixo da linha há aferição do resultado fiscal pela variação da dívida pública pelas instituições financeiras.

Cesar Araújo Seijas de Andrade esclarece as especificidades sobre o critério acima da linha:

Pelo critério “acima da linha”, é possível calcular (em caso de resultado negativo) o déficit nominal, o déficit operacional e o déficit primário. O déficit nominal refere-se ao resultado negativo decorrente do confronto do total das despesas e das receitas do ente público. Trata-se do conceito mais utilizado internacionalmente, pois facilita a comparação entre os resultados de diferentes países. Os efeitos da inflação, porém, causam distorções na apuração do déficit nominal, na medida em que a correção monetária do valor da dívida – especialmente em situações de alta inflação, como na década de 1980 no Brasil – afasta o déficit nominal do déficit considerado real. Assim, os analistas também passaram a utilizar o conceito de déficit operacional, que se refere ao déficit nominal diminuído da parcela correspondente à atualização monetária da dívida<sup>9</sup>. No cálculo do déficit operacional, exclui-se “do cálculo do pagamento dos juros nominais da dívida pública os efeitos da correção monetária”. Por conta disso, o método é adequado para calcular o déficit público em economias com inflação elevada. Outra forma de se medir o resultado fiscal negativo é pelo déficit primário, no qual se incluem todas as receitas, mas, no que tange às despesas, exclui-se o pagamento de juros. De acordo com a lição de Fernando Rezende<sup>13</sup>, o déficit primário “exclui do déficit nominal o pagamento dos juros e das amortizações da dívida pública, entre outras despesas e receitas financeiras”. (ANDRADE, 2012, p.13).

A razão de se considerar tais critérios influencia o administrador público na escolha da arrecadação de determinados tributos e na decisão de quais serão os gastos. Já o critério abaixo da linha mede o resultado fiscal pela variação da dívida pública perante as instituições financeiras, é utilizado porque, se o cotejo de receitas e despesas é diferente da variação da dívida pública perante as instituições financeiras, um exemplo de resultado fiscal calculado pelo critério “abaixo da linha” é o divulgado pelo Banco Central por meio das “Necessidades de Financiamento do Setor Público” – NFSP. As NFSP podem ser conceituadas como o resultado ou déficit nominal, correspondente à variação nominal dos saldos da dívida interna líquida, acrescida dos fluxos externos efetivos, convertidos para reais pela taxa média de câmbio de compra. (ANDRADE, 2012).

Conforme a Secretaria do Tesouro Nacional, as necessidades de financiamento representam “o montante de recursos que o Setor Público não financeiro necessita captar junto ao setor financeiro interno e/ou externo, além de suas receitas fiscais, para fazer face aos seus dispêndios”. (ANDRADE, 2012).

Por dívida pública entende-se “o conjunto de obrigações de natureza financeira assumidas pelo Poder Público, contraída mediante a celebração de operações de crédito” (CONTI, 1988).

Harada (2002) entende que a “dívida pública nada mais é de que o volume de recursos financeiros obtidos por um ente político, dentro de um determinado período, sob condição de devolver, em geral, acrescido de juros, e dentro de certo prazo preestabelecido”. Assim, a dívida pública constitui-se do conjunto de obrigações decorrentes das operações de crédito, e o endividamento ao processo de contratar tais operações.

Para parte da doutrina, da lavra de Aliomar Baleeiro e Régis Fernandes de Oliveira, a dívida pública é composta pelos empréstimos contraídos no mercado interno ou externo, a emissão de títulos ao público ou a concessão de garantias. Dessa forma, a dívida pública corresponderia somente aos débitos assumidos de forma voluntária. Tal entendimento não apresenta unanimidade, considerando a legislação complementar, que inclui por meio da Lei de Responsabilidade Fiscal a dívida administrativa no cômputo da dívida pública, assim afirma Andrade:

Sem prejuízo do entendimento doutrinário acima exposto, de acordo com o qual a dívida pública abrangeria somente os

créditos concedidos de forma voluntária, pode-se concluir que o legislador complementar positivou no ordenamento um conceito de dívida consolidada que abrange também os créditos concedidos de forma involuntária. Isso porque, para efeito de cálculo dos limites da dívida consolidada, também serão computados, entre outros, os precatórios vencidos e não pagos durante a execução do orçamento a que se referirem (LRF, art. 30, § 7º). Além disso, a LRF busca evitar que o ente público se financie por meio de fontes “informais”, equiparando a operações de crédito determinadas operações (como a antecipação da receita de tributos cujo fato gerador não tenha ocorrido etc.), as quais são vedadas, resguardadas as exceções. (ANDRADE, 2012, p.29).

A dívida pública apresenta classificações, neste trabalho abordaremos em gerais linhas, acerca da dívida interna, externa, dívida federal, estadual e municipal, dívida fundada ou consolidada e dívida fluante e dívida mobiliária.

Não há consenso na doutrina acerca das conceituações das dívidas interna e externa. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dispõe que caberá à lei complementar estabelecer os critérios de classificação da dívida pública em externa ou interna, por força do artigo 163, II da CR/88, não cabendo tal desiderato ao senado federal. A este cabe, todavia, o estabelecimento das condições e dos limites das operações de crédito. Entretanto, não há lei complementar que inaugurasse a conceituação e o regime jurídico específico das referidas dívidas.

A secretaria do tesouro nacional apresenta conceitos diferentes para a dívida pública externa, ora traduzindo seu sentido para os compromissos assumidos por entidades publicas que geram a obrigação de pagamento do principal e acessórios, ora exprime seu sentido nos compromissos assumidos perante credores estrangeiros, além também de mencionar as obrigações assumidas em moedas estrangeiras.

Já a resolução 43 de 2001 do Senado Federal traz o conceito de dívida externa fixando-o no domicílio do credor. Se o credor estiver domiciliado no País, a operação é interna, se ele estiver no exterior, tratar-se-á de operação de crédito externo. O Banco Central também considera este critério.

Na dicção de Sérgio Assoni Filho e Regis Fernandes de Oliveira o local do pagamento deve ser o fator determinante para se classificar a dívida externa ou em interna.

E a problemática de sua definição, especificamente no território do Direito Internacional, ainda apresenta outros contornos, Gabriel Loretto Lochagin denuncia que:

a análise jurídica do problema da dívida pública, particularmente quanto à sua dimensão externa, seria necessariamente incompleta caso se pretendesse vinculada a uma e uma só ordem jurídica, fosse ela nacional ou internacional. Uma das principais características da dimensão jurídica da dívida pública é a multiplicidade de instituições atuantes e de setores jurídicos envolvidos. Isto exige a abordagem pluridimensional a que se refere Carreau, de forma a “ignorar as fronteiras artificiais entre os diversos ramos do direito”. (LOCHAGIN, 2017, p.28).

LOCHAGIN (2017, p. 42) leciona que no âmbito do Direito Internacional preferiu-se determinar a distinção conforme a origem dos recursos que acorreram ao financiamento do Estado. Por outras palavras, o local de emissão foi o critério relevante, independentemente da posterior transferência dos direitos contra o Estado para nacionais, no caso de dívida emitida no exterior, ou para estrangeiros, no caso de dívida emitida no mercado doméstico.

Adotar os critérios para identificação de dívidas internas e externas pelo local de emissão permitiria identificar a lei aplicável à operação de crédito, qualificando-a como externa se regida pela lei estrangeira, ou interna se regida pela lei nacional. O problema se deslocaria das preocupações econômicas com a transferência da poupança interna para o exterior e com os riscos cambiais e se traduziria em termos eminentemente jurídicos. (LOCHAGIN, 2017, p 44).

Talvez a contribuição dos critérios adotados pelo Direito Internacional para diferenciar as dívidas internas e externas utilizando-se do critério do local de sua emissão seria uma diretriz para a até então ausente lei complementar brasileira a qual por força constitucional cabe a sua definição e seus regimes jurídicos próprios.

A dívida será federal se contratada pela União, estadual se contratada pelos Estados e municipal se contratada pelos Municípios. Tal classificação se mostra importante uma vez que sua contratação deve ser sempre autorizada em legislação específica, e os limites e condições de operações de crédito devem estar previstos em resoluções do Senado Federal.

Há também divergências nos critérios diferenciadores das dívidas consolidadas e flutuantes. Há conceitos que adotam o critério

do prazo de duração, sendo que se a amortização for por longo prazo, a dívida é considerada consolidada, se for de curto prazo, é considerada fluante.

Mas, outra parte da doutrina, adota o critério da finalidade da dívida. Se ela for contraída para fazer frente às despesas da tesouraria é considerada dívida fluante, se contraída por longo prazo e para investimentos rentáveis e duráveis é considerada dívida consolidada.

Amaral (2007, p. 36) esclarece que “a dívida consolidada destinar-se-ia a investimentos, ao passo que a dívida fluante serviria para sanear necessidades momentâneas de caixa”.

A Lei de Responsabilidade Fiscal Brasileira no tocante à dívida consolidada ou fluante será constituída pelas:

- as obrigações financeiras do ente da Federação, assumidas em virtude de leis, contratos, convênios ou tratados e da realização de operações de crédito, para amortização em prazo superior a doze meses (LRF, art. 29, I);
- a emissão de títulos de responsabilidade do Banco Central do Brasil (LRF, art. 29, § 2º);
- as operações de crédito de prazo inferior a doze meses cujas receitas tenham constado do orçamento (LRF, art. 29, § 3º); e
- os precatórios judiciais não pagos durante a execução do orçamento em que houverem sido incluídos (LRF, art. 30, § 7º). Já a dívida fluante abrange as operações de crédito de duração inferior a 12 meses, cujas receitas não tenham constado do orçamento, como as operações de crédito por antecipação de receita orçamentária. (AMARAL, 2007, p. 39).

A dívida mobiliária será perfectibilizada pelos títulos emitidos pela União, Estados e Municípios. Sujeitam-se a limites e condições específicas a cargo do Congresso Nacional, conforme inteligência do artigo 48, inciso XIV da CR/88.

No âmbito do Direito Internacional, a dívida se refere “àquela emitida em mercados internacionais e regida sob a lei estrangeira, ao passo que o termo dívida externa, mais tradicional, continua a ser mais frequentemente usado para se referir à dívida emitida no exterior para não residentes. (LOCHAGIN, 2017, p.45). Importante é a identificação do que seja dívida pública, diferenciando-a da dívida administrativa:

Há, no entanto, encargos ao Estado que não se destinam à satisfação de suas atividades-fim, mas à provisão de meios; visam, portanto, a conferir ao Estado capacidade financeira de exercício

de suas funções, por meio da obtenção de crédito. Esta é a dívida financeira propriamente, que consiste em instrumento de obtenção de crédito<sup>36</sup> e cujo exercício não decorre imediatamente da autorização constitucional conferida ao exercício da função administrativa, mas depende de autorização legislativa específica conferida pelo órgão legislativo. É a dívida financeira, que requer autorização específica, que se identifica com o conceito de dívida pública como tomada de crédito pelo Estado, ao passo que a dívida administrativa não poderia ser descrita como tal. (LOCHAGIN, 2017, p.37).

No âmbito da dívida pública no cenário Internacional há outras classificações que merecem ser esclarecidas para se atingir a finalidade de conhecer a dívida pública em linhas gerais, como aqui se pretende.

A dívida pública internacional pode ser conceituada como toda obrigação financeira do Estado conforme ao direito internacional e assumida perante outros Estados, organizações internacionais e outros sujeitos de direito internacional. Em um conceito subjetivo, a dívida pública pode ser definida como a dívida do Estado.

A dívida internacional classificada quanto aos credores pode ser definida como a que é assumida pelo Estado e por todas as suas manifestações institucionais. Em relação aos credores será classificada em dívida multilateral, dívida bilateral, dívida sindicada dívida mobiliária.

A dívida multilateral é assumida perante organizações internacionais, sejam globais ou regionais. LOCHAGIN (2017) esclarece que os Estados eram tipicamente junto com os bancos os atores que se envolviam predominantemente em empréstimos, mas a maior necessidade de financiamento internacional e a crescente interdependência entre os Estados promoveu a ampliação da categoria de credores para outros sujeitos, entre os quais, as organizações internacionais.

A dívida bilateral é aquela em que o Estado assume junto a outros Estados, será dívida bilateral também aquela obtida pelo Estado perante um ente interno de outro Estado, como por exemplo o seu banco central.

Tanto a dívida bilateral como a multilateral perpassam não somente pelas volições econômicas, mas apresentam viés fortemente político. O que “não significa que estejam ausentes interesses de

retorno financeiro, mas apenas que estes não são sempre determinantes [...] os credores públicos têm a sua disposição instrumental político para garantir o pagamento dos compromissos assumidos”. (LOCHAGIN, 2017, p. 48).

A emissão de títulos públicos internacionais compõe a chamada dívida mobiliária internacional que representa na atualidade a principal fonte de obtenção de crédito pelo Estado. Sua vantagem é que são negociáveis, têm maiores prazos e menos restrições em suas cláusulas contratuais. E as fragilidades constituem-se no rápido desinvestimento quando das circunstâncias de dificuldade do pagamento e na ausência de uma relação de longo prazo entre credores e devedores.

A dívida mobiliária internacional apresenta uma questão muito específica e importante, que é a ausência de uma instituição específica para dirimir conflitos. Assim observa Lochagin:

Ao contrário dos outros casos, porém, a dívida mobiliária não conta com uma instituição específica destinada a dirimir os conflitos que decorrem da interrupção ou da redefinição dos termos de pagamento. Este é um dos pontos mais frágeis da atual arquitetura financeira internacional da dívida pública, por ser a dívida em títulos a parcela mais numerosa, diversificada e complexa da dívida pública internacional; é na dívida em títulos que os problemas de coordenação dos interesses ficam mais evidentes. (ROCHAGIN, 2017, p. 51).

E neste mesmo conceito é possível aferir que as lacunas no que se refere às garantias internacionais à dívida pública, principalmente a mobiliária, mesmo havendo previsão de garantias pessoais e reais, é fragilizada pela ausência de previsão segura dos mecanismos de resolução dos litígios na hipótese de suspensão dos pagamentos da dívida.

No que tange a natureza jurídica da dívida não há também consenso na doutrina, há apontamentos que a definem priorizando o *jus imperi* do Estado, outras, a colocam nesta relação jurídica como ente contratante, destituído de qualquer primazia em razão de sua constituição de ente público. Mas a importância da maturação deste conceito é a sua própria consequência que indicará os mecanismos jurídicos aptos a serem aplicados em casos de conflitos advindos pelo inadimplemento das obrigações assumidas. Veja-se:

As divergências sobre a natureza jurídica dos empréstimos públicos colocam em relevo, neste âmbito, as funções do Direito

e a própria inclusão da dívida pública como elemento material do sistema jurídico. No entanto, quer se afaste o propósito de ações institucionais ao afirmar as características políticas da decisão de pagar a dívida, que se entendam aplicáveis normas que disciplinem os negócios jurídicos de forma mais irrestrita ou mais matizada, são muitas as questões sobre o inadimplemento da dívida pública que ficam sem resposta nesta etapa das discussões. De um lado, as teorias que apontam para a soberania do Estado eliminam a necessidade de outras considerações institucionais porque tomam os métodos de solução de conflitos como eminentemente políticos, insubordinados a considerações normativas. De outra parte, as idéias contratuais, quaisquer que sejam sua extensão, não oferecem respostas suficientes para diversas perguntas fundamentais sobre a inexecução da dívida pública, como a lei aplicável, a incidência de normas internas ou internacionais, a superposição de competências, os instrumentos de solução de controvérsias, os meios de defesa dos credores e, sobretudo, a relação das soluções jurídicas com os critérios políticos e econômicos envolvidos, os quais, se não são exclusivos como pretenderiam outras doutrinas, não podem ser ignorados. A ausência dessa exploração mais minuciosa da regulação jurídica do inadimplemento da dívida pública rende considerações genéricas e anacrônicas sobre natureza jurídica a um debate necessariamente fútil, ou, ao menos, pendente de maior aprofundamento. (ROCHAGIN, 2017, p. 67-68).

Dessa forma, o problema apresentado é a ausência de consistência dos conceitos e a previsibilidade de normas jurídicas no tocante ao descumprimento dos pactos, necessita-se, assim, da consolidação de um regime jurídico robusto a ser aplicado nas questões que envolvem a dívida pública.

Mas afinal, qual é a importância da dívida pública? A dívida pública é um importante instrumento de política financeira para o Estado bem como um mecanismo de gestão destes recursos. Os empréstimos servem à antecipação de arrecadação tributária e para o sustento de investimento de longo prazo. “Por meio do empréstimo público, o Estado obtém dinheiro e assume a obrigação de pagar juros durante o período de tempo em que permanecer com os recursos, que deverão ser restituídos ao final do prazo estipulado com o credor”. (ANDRADE, 2007, p.42).

A necessidade dos empréstimos se assenta no financiamento de despesas com bens públicos e serviços que irão promover o cresci-

mento econômico e o bem-estar social. “O endividamento, que consiste no processo dinâmico de obtenção de recursos financeiros creditícios, com o objetivo de suplementar as receitas necessárias ao cumprimento dos fins do Estado, é um importante instrumento para a gestão dos recursos públicos e tem papel fundamental na condução da política financeira dos entes federados”. (ANDRADE, 2007, p. 43).

A finalidade do empréstimo público se assenta também na preservação da continuidade das políticas públicas e no financiamento de despesas que beneficiarão as gerações futuras, uma vez, que existem encargos equitativos no sentido de que podem ser distribuídos ao longo das várias gerações. A grande questão é o risco da produção de externalidades negativas consoante um endividamento público que onere as gerações futuras, mas que não as beneficie de forma igualmente proporcional. Aponta ANDRADE (2007, p.44) “a reflexão jurídica sobre a matéria, no entanto, é escassa, embora seja indispensável que as gerações futuras não sejam privadas de políticas públicas por falta de recursos”.

A grande questão da dívida pública é a normatividade jurídica que a envolve, seja pela carência de normas, seja pela hipótese de existência de um conjunto normativo que restringirá a assunção de dívidas o que pode comprometer o crescimento econômico e condições de vida digna das presentes e futuras gerações. Sobre a questão da justiça Intergeracional buscaremos refletir nas linhas que se seguem.

### *3. Reflexões históricas da dívida pública brasileira*

Neste capítulo será tratada a evolução histórica da dívida pública e como os fatores sociais, culturais e políticos influenciaram na flutuação de seus índices<sup>1</sup>. A análise se inicia com o Brasil Colônia e com os primeiros eventos financeiros dos quais se tem conhecimento: Nos séculos XVI e XVII, era comum nas sociedades

---

<sup>1</sup> Neste tópico foi utilizada como referência bibliográfica o livro *Dívida Pública: a experiência brasileira* / Anderson Caputo Silva, Lena Oliveira de Carvalho, Otavio Ladeira de Medeiros (organizadores). – Brasília: Secretaria do Tesouro Nacional: Banco Mundial, 2009. 502 p. Capítulo 1 Origem e história da dívida pública no Brasil até 1963- Anderson Caputo Silva. Capítulo 2 História da dívida pública no Brasil: de 1964 até os dias atuais. Guilherme Binato Villela Pedras.

– colônias e colonizadoras – que os empréstimos concedidos em favor da pessoa do governante, se confundissem com os empréstimos do governo; deste modo, até esta data não se tinha registro fiel das movimentações financeiras das instituições governamentais. Somente em 1778 (quase dois séculos e meio após o início da colonização), sob as ordens do Vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza (o 4º Conde de Figueró) iniciaram-se a escrituração das finanças da Colônia, constatando-se que o registro de débito mais antigo era em 1761 e à época totalizava 100 contos e ao final da apuração em 1780 o rombo às contas públicas alcançou 1200 contos.

As primeiras dívidas foram justificadas pelos gastos bélicos, fornecimentos de alimentos, salários às tropas e até dinheiro que o governo, sob promessa formal de devolução, se valeu em tempos de guerra. Tal promessa de restituição só foi – parcialmente – cumprida em 1799, à mando de Dom João VI, quitando as dívidas apuradas por meio da emissão de apólices que vencessem juros de 5%. Tal transação financeira, atrelada ao Tesouro Nacional de Portugal, marca o início da dívida de Portugal no Brasil.

Percebendo que a partir desta transação, as relações jurídicas se tornariam mais complexas, a Colônia – ainda que organizada internamente de maneira bem primitiva – expediu os primeiros diplomas legais que objetivavam a regulamentação das políticas monetárias: A Carta Régia de 1800, em linhas gerais, tratou de classificar dívidas em legais e ilegais; já no século XIX, o Alvará de 1810 classificou como “antigas” todas as dívidas datadas até 1797; e no ano seguinte, o Decreto de 1811 estabeleceu um mecanismo estruturado – na medida do possível à época – para amortização destas dívidas.

A partir de 1808, a instalação da Corte portuguesa no Brasil, foi o fato histórico que marcou uma das mais graves evoluções da dívida pública no Brasil. Na intenção de “modernizar a colônia para atender aos anseios da corte”, os grandes investimentos em infraestrutura, abertura dos portos, criação do primeiro Banco do Brasil e na implantação do papel-moeda não foram acompanhados por significativos avanços produtivos, deste modo tais investimentos só poderiam ser sustentados por empréstimos de grande monta.

Historicamente, se observa que a criação do Banco do Brasil está intimamente ligada à necessidade de a Coroa levantar o numerário que carecia para financiar os gastos públicos crescentes:

entre 1810 e 1828 foram emitidos aproximadamente 29 milhões de réis, causando crítica insolvabilidade nas finanças da colônia. A situação se agravou com a partida de D. João VI que levou consigo a maior parte das alfaías e das joias da Coroa que eram garantidoras dos empréstimos contraídos pelo governo; além disso, a corte também levava ouro e prata, esvaziando os cofres da fazenda. Uma comissão nomeada pelo príncipe Dom Pedro I para apurar as Dívidas de Dom João VI, constataram que somente seu passivo totalizava aproximadamente 10 milhões de réis.

Ainda com todos os rombos causados pela passagem da corte pelo Brasil, a partir da segunda década do Século XIX, os cofres públicos tiveram de lidar com outros problemas internos que impactaram exponencialmente as finanças do império recém-formado: em 1822, para financiar a independência da província do Rio de Janeiro, foi autorizado um empréstimo no valor de 400 mil réis a serem pagos no prazo de dez anos e sob os juros de 6%. Somaram-se as dívidas deixadas pelo status colônia com às demandas naturais para a consolidação de um país em seus primeiros anos de independência, formando um contexto desafiador.

A fim de lidar com este novo contexto político-social, a década que marcou o início da independência institucionalizou a dívida interna, ampliou os mecanismos e instrumentos de financiamento e realizou as operações de reestruturação de dívida. Dom Pedro I, pelo seu histórico amor à pátria, conduziu as finanças do Império de maneira exemplar e o século XIX foi marcado por um Brasil referência no enfrentamento da dívida interna e externa pelo sucesso de emitir títulos e consistentemente honrar seus compromissos externos, ainda que em montantes elevados.

Em 1825, o então rei do Brasil, instaurou uma comissão para promover a apuração e a institucionalização da dívida pública interna no Brasil, a fim de desvinculá-la do caráter de dívida pessoal do governante. Com o sucesso desta comissão, foi outorgado em 1827, o diploma legal que vigeu por 140 anos (até a criação do Banco Central do Brasil). A bem estruturada Lei, dividida em 75 artigos, reconheceu como dívidas passadas as contraídas até 1826; estabeleceu regras para inscrição de todas as dívidas reconhecidas, via registro no GRANDE LIVRO DA DÍVIDA DO BRASIL e - no caso das províncias - no LIVRO AUXILIAR DO GRANDE LIVRO; “fundou” a dívida pública, com o montante inicial de 12 mil contos

de réis; e criou o primeiro órgão responsável pela administração da dívida pública interna e externa – A CAIXA DE AMORTIZAÇÃO –, independente do tesouro Público, instituindo seus procedimentos de controle, prestação de contas e transparência na gestão do órgão. Tal órgão foi responsável pela seguinte apuração:

PERÍODO	EMISSÃO	RESGATE	SALDO
1827	12.000	-	12.000
1828 – 1840	23.500	3.800	31.700
1841-1860	32.000	-	63.700
1861-1880	340.000	-	403.700
1881-1889	46.000	11.300	435.500

Fonte: Leis do Império Do Brasil – Rio de Janeiro: Tipographia Nacional (reproduzida de Leão [2003])

Em análise crítico-histórica, é possível verificar que entre os anos 1827 e 1839, quando estouravam por todo império, movimentos de independência provincial, as emissões se deram basicamente para cobertura de déficits e despesas com pacificação de províncias. Devido aos gastos expressivos com tais movimentos, a partir de 1839 surgiu-se a necessidade de suspender o resgate de títulos em circulação para contenção do rombo nas contas públicas. Ainda com as medidas de contenção, no ano seguinte os deságios passaram a ser de 35% e, apesar dos terríveis números, as emissões nesse período alcançaram 32 mil contos de réis justificadas por motivos fúteis tais como, o pagamento do dote e até do enxoval da princesa de Joinville.

Devido a participação em mais uma guerra, o Império brasileiro se viu na necessidade de emitir 340 mil contos de réis entre os anos de 1861 e 1880, dentre os quais 80% foram emitidos para cobrir as despesas do embate e déficits dele decorrentes. A década de 80, destaca-se por uma expressiva operação de administração de passivo, com o pagamento de juros da dívida interna, alcançando, em 1884, 21% da receita orçamentária.

A Lei 3.229 de 1884, possibilitou àqueles que quisessem reduzir os juros de seus títulos, pudessem fazê-lo no importe de 6% a.a

para 5% a.a sem maiores dificuldades burocráticas. Os primeiros resultados foram observados em 1886, quando esta política proporcionou uma economia anual de juros de 3300 contos de réis.

Ao fim do período imperial, as diversas políticas implantadas surtiram grande efeito no controle de finanças. Entretanto, pelas diversas revoluções que se deram no mesmo período somadas ao elevado custo de se garantir enquanto nação independente fizeram com que os números finais não se apresentassem tão satisfatórios: a dívida interna no período era de 435 mil contos de réis, contra uma dívida externa de 270 mil contos de réis. Entre outros fatores, a dívida externa alcançou tamanho número pelo fato de que o Brasil, por força da Convenção Secreta Adicional ao Tratado de 1825, assumiu responsabilidade pelo empréstimo contratado por Portugal em 1823, no valor de £ 1.400.000. Assim como se observou na evolução da dívida interna, a dívida externa também guarda extrema dependência com os fatos históricos do império: entre 1822 e 1850, no período em que buscou se estabelecer enquanto nação independente, os gastos se deram de maneira repressiva; enquanto nas décadas subsequentes, no período de construção do império, os gastos em infraestrutura e evolução tecnológica se davam de maneira profilática. Cabe destacar o empréstimo de 1865, marcante pelo seu elevado volume (£ 6.963.600) para financiar “serviços extraordinários do Império”, principalmente aqueles decorrentes da Guerra do Paraguai.

No último ano do Império, em uma favorável situação das finanças, tendo o Visconde de Ouro Preto como ministro da Fazenda, o governo lançou uma operação monetária totalizando £ 19.837.000. Nesta, converteu-se débitos antigos com juros de 5% por um novo e único empréstimo com juros de 4% e prazos mais dilatados (56 anos).

Neste marco da história da dívida pública faz-se mister ressaltar a extensão das consequências desta operação, pois em um período sabidamente pré-revolucionário, em uma acertada decisão de desinchar o Tesouro Nacional, comprometeram-se as finanças durante um período superior a meio século, fato nitidamente afrontoso ao Direito Transgeracional aqui tratado. Findo o período imperial, os relatos da dívida pública no período republicano são fortemente ligados aos eventos sociais que acontecem – principalmente – no século XX.

Ainda sob a tutela da Caixa de Administração, a gestão da dívida pública gozou de estabilidade, ajudada pela – inesperada,

porém benéfica - dificuldade de financiamento interno e externo. O grande entrave encontrado pela República na administração das dívidas herdadas pelo império, se dava na medida em que as políticas que congelaram os resgates dos títulos em circulação e a grande fragmentação em diversos instrumentos de prazos e taxas variadas, fizeram com que tais papéis perdessem a credibilidade e se tornassem extremamente burocráticos quando da sua transferência.

Tais fatos dificultavam a negociação e a liquidez da dívida interna. Em resposta, o primeiro ministro da Fazenda da República do Brasil, tentou regularizar tal situação instituindo a emissão de títulos ao portador, entretanto sua saída após dois anos de mandato terminou também com esta política. Mesmo com nova regulamentação deste tipo de título em 1903, só se popularizou e ganhou credibilidade a partir de 1917.

No ano de 1902, a política de Consolidação trocou quase todos os títulos em circulação na nação: 529.750 contos de réis que renderiam 5% a.a. Entretanto, a consolidação não surtiu muito efeito, pois nos 50 anos seguintes, 145 autorizações de emissão de títulos foram expedidas sem a menor formalização, variando, por exemplo, na taxa de juros – de 3% a 7%. Estes 145 novos empréstimos se deram para cobrir déficits orçamentários; recolhimento de papel-moeda; financiamento de obras específicas; aquisição de ativos fixos e empresas; e pagamento de empréstimos compulsórios.

Nos anos que se seguiram, cabe ressaltar especialmente a política de obrigações de guerra, a partir de 1942 que influenciaram a evolução do estoque da Dívida Interna Fundada, sendo responsável pelo crescimento de 100% da emissão de títulos públicos entre 1942 e 1949. Tal percentagem se manteve estável até o final de 1963, mantendo a taxa de crescimento em 1% a.a.

Após anos seguidos sem pagar os juros e resgatar novos títulos em circulação, a inflação que era concomitante (e girava entre 5% e 7%), gerou rendimentos reais negativos e reduziu a demanda por esses títulos. Deste modo, em meados da década de 50, a estagnação da emissão voluntária de títulos públicos tornava mais complicado o financiamento dos déficits orçamentários. A falta de crédito público e a incapacidade do governo em aumentar a carga tributária, obrigaram o Estado a financiar quase todos seus débitos via emissão de moeda, o que causou grande aumento no risco de inflação.

Em 1956, uma nova consolidação se deu por meio da Lei de Reestruturação do Serviço da Dívida Interna Federal. À época existiam cerca de 130 tipos de títulos, com impressões diversas e prazos longos. A Consolidação estabeleceu prazos de resgate escalonados por graus e estabelecendo para cada, novos prazos mínimos de amortização (21, 32, 36 e 68 anos). Desta vez, houve grande resposta negativa do mercado financeiro, considerando os novos prazos “longos a ponto de causar insegurança jurídica quanto ao seu cumprimento”.

Em 1962, diante de toda instabilidade política vivida, uma nova e mais completa consolidação foi instaurada. Nesta oportunidade, foram lançados os Títulos de Recuperação Financeira para unificar a dívida Interna da União, e a partir de então a dívida pública era formada apenas por tais títulos, pelas Obrigações de Reparelhamento Econômico e pelos comprovantes de empréstimos compulsórios que futuramente seriam trocados por títulos.

Ainda neste mesmo ano, uma nova política de resgate revolucionou a forma de liquidação dos títulos públicos. Em resposta a falta de credibilidade estatal e a insegurança político-social vivida, permitiu-se aos credores de títulos públicos optarem por resgatá-los a partir do exercício seguinte ao de sua emissão, em vinte prestações anuais iguais, cada uma equivalente a 5% do valor nominal do título, rompendo com um paradigma vigente desde 1827.

A partir de 1964, com a mudança no regime político-organizacional do Estado Brasileiro, novas estruturas organizacionais e novos sistemas de acompanhamento econômico foram instituídos. O primeiro presidente, Castello Branco, tentou montar - pela primeira vez - um mercado de títulos públicos de forma estruturada, visando gerar um padrão de desenvolvimento sustentável para o país. Em 1965, com a criação do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), objetivou-se reduzir as taxas de inflação herdada dos anos anteriores por meio de política monetária restritiva e ajuste fiscal. Deste modo, o PAEG empregou forças para: estimular a poupança individual; obter recursos para cobrir déficits da união; e para criar um mercado voluntário para os títulos públicos.

Tais políticas movimentaram o legislativo para a regulamentação de um novo sistema econômico brasileiro. A lei 4.357 de 1964, criou a correção monetária enquanto a lei 4.595 do mesmo ano, instituindo a reforma bancária, criou o Banco Central e o

Conselho Monetário Nacional, em resposta a taxa de inflação de 30% que era herdada dos primeiros anos da década de 60. A principal medida tomada por estes órgãos foi a instituição da correção monetária a fim de evitar perdas significantes advindas da crescente inflação. Tal instituto possibilitou a criação de um instrumento padronizado de dívida pública: A Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional (ORTN). Todas estas medidas, apesar de prestarem à apuração de um quantum mais fiel da dívida pública, não obtiveram sucesso para sua contenção. Em 1965, a Dívida Pública representava cerca de 0,5% do PIB, quatro anos mais tarde este percentual totalizava 4% do PIB.

Somente em 1970, através da Resolução 150 do CMN – Conselho Monetário Nacional, com a criação da LTN (Letra do Tesouro Nacional) para fins de política monetária, o impacto no mercado de títulos públicos pode ser sentido no país. A partir deste marco, iniciou-se a emissão regular de títulos prefixados, inaugurando também a colocação deste em leilões. Em dois anos regulares de funcionamento no Brasil, as letras deixaram de representar 5% do estoque da dívida e ao final de 1972 já representavam 33,6% e continuaram a crescer.

O início da década de 80 foi marcada por um agravamento econômico com a eclosão do segundo choque do petróleo de 1979. Neste momento, a taxa da inflação atingiu números nunca vistos chegando a ultrapassar a barreira dos três dígitos. Os historiadores denominaram tal época como “década perdida”. Como as previsões eram de alta da inflação, os investidores optaram pelos ORTN, fazendo com que se iniciasse o processo de redução do prazo dos títulos pré-fixados. Deste modo, a saída encontrada à época foi reduzir o prazo dos títulos em mercado e colocar instrumentos pós-fixados no mercado financeiro. Ainda que tenha sido observado superávit no balanço de pagamentos em 1981, em agosto de 82, o México decretou moratória de sua dívida externa, agravando a crise no Brasil.

Nesse ano, o déficit no balanço de pagamentos chegou a US\$ 8,8 bilhões, maior montante da história até então. Tais números fizeram com que se tornasse inevitável o acionamento do FMI: US\$ 3 bilhões foram negociados como empréstimos-ponte para que fosse possível fechar o balanço de pagamentos. Nos anos que se seguiram, o Programa para o Setor Externo, parte da estratégia de negociação com o FMI, mudou completamente o comportamento econômico

do país, pois para se cumprir os compromissos externos foi necessária uma grande elevação das exportações em detrimento do consumo interno no país, influenciando inclusive a taxa cambial do período.

Os anos finais da Ditadura, apresentaram um crescimento mais acentuado no país, percentualmente: 5,4% em 1984 e 7,8% em 1985. Entretanto, ainda assim o déficit público não foi controlado e a insistente alta da inflação culminou numa necessária política monetária restritiva. A alteração mais latente deste cenário se deu na medida em que em 1983, o prazo médio dos títulos negociados era de 31,2 meses enquanto em 1985, este prazo foi reduzido para 10,4 meses.

O que aqui cabe ressaltar, é que tal redução só foi possível pois reduziu-se exponencialmente o estoque de dívida. Deste modo, ainda que reduzindo o prazo médio, não foi gerada percepção de insolvência por parte dos demandantes de títulos públicos. Por óbvio, com todas as mudanças estruturais que se deram na política brasileira, as mudanças econômicas e financeiras viriam em consequência. O ano de 1986, portanto, representou um marco fundamental no viés institucional da administração da dívida pública brasileira.

As medidas visaram maior controle fiscal, onde existia maior brecha de perdas operacionais no mercado de títulos. Extinguiu-se, por exemplo, a Conta Movimento, responsável para o suprimento dos desequilíbrios de fundos do Banco do Brasil pelo Banco Central; e decidiu-se pela criação da Secretaria do Tesouro Nacional (Decreto Nº 92.452/86) visando a centralização dos gastos públicos e por consequência, seu controle mais efetivo. Tal alteração, ensejada pela precária situação fiscal herdada pelos tempos da Ditadura, fez com que passasse a ser nítida a distinção institucional entre política monetária e política de dívida pública e desde então, o Ministério da Fazenda tornou-se responsável pela administração da Dívida Pública. Segue texto explícito da Portaria MF nº 430, de 1987:

“[...] efetuar o controle físico/financeiro da dívida emitida [...] determinar os títulos e os volumes das Ofertas Públicas, inclusive elaborando e publicando os editais, em estreito relacionamento com o Banco Central do Brasil [...] e [...] administrar o limite de colocação de títulos no mercado.”

Nesta mesma legislatura, viu-se necessária a separação das competências da autoridade monetária e fiscal, e através do Decreto-Lei nº 2.376/87, estabeleceu-se as medidas de controle sobre a dívida pública, limitando que só seria tolerada sua elevação se para cobrir

o déficit no Orçamento Geral da União, mediante autorização legislativa. Nota-se, portanto, que o desprendimento do autoritarismo vivido nas décadas anteriores, foi vivido inclusive nas políticas monetárias e fiscais. A participação do Legislativo, além de representar maior controle quantitativo das medidas que afetavam diretamente a dívida pública – e por consequência a economia –, evidenciava também uma maior preocupação social quanto as políticas adotadas pelo governo.

Em 28 de fevereiro de 1986, após diversas tentativas frustradas de combate à inflação, o governo – em uma manobra “heterodoxa” – lançou o Plano Cruzado, congelando preços, decretando fim da correção monetária e reduzindo as taxas reais de juros. Tais medidas, somadas a necessidade de reduzir os déficits fiscais, levaram o Banco Central a absorver as novas emissões de dívida, manobra que foi respaldada pelos diplomas legais emitidos no ano seguinte. Entretanto, após o insucesso do Plano, dois anos mais tarde a promulgação da Constituição de 1988 trouxe ainda mais restrições ao Banco Central. Com o novo diploma, o Banco Central só poderia adquirir títulos diretamente do Tesouro Nacional em quantia equivalente ao que possuía em sua carteira.

Tal medida traçava linhas ainda mais claras na divisão entre autoridade monetária e autoridade fiscal. Anos mais tarde, com a assunção da Lei de Responsabilidade Fiscal em 2000, restringiu-se ainda mais a atuação do Banco Central limitando suas colocações à taxa média do leilão realizado, no dia, em mercado. Esta regulamentação vale até os dias de hoje. Após diversos debates entre os, então separados em sua competência, Banco Central e Ministério da Fazenda, decidiu-se em fevereiro de 1987, a promoção da moratória da dívida externa e a suspensão do pagamento de juros sobre as dívidas de médio e longo prazo, sob o fundamento de que a questão do endividamento externo não era exclusivamente econômica, mas também política.

Não logrando sucesso na tentativa, inclusive após a troca da equipe econômica do governo, em setembro de 1988, foi assinado acordo em que era decretado o fim da moratória; a recepção de dinheiro novo (US\$ 5,2 bilhões); o reescalonamento de obrigações de médio e longo prazo; a manutenção das linhas de crédito; e a troca de US\$ 1,05 bilhão de dívida antiga por títulos (o chamado *Brazil Investment Bond Exchange Agreement*).

No início dos anos 90, o primeiro presidente eleito, já recebeu a faixa presidencial com um crítico endividamento público e com um estoque de títulos em mercado representando 15% do PIB, sendo a dívida pública composta por LFTs de prazos médios de apenas 5 meses. Para além, a inflação já se encontrava em 1000% ao ano, e o déficit primário havia atingido 1% do PIB no ano anterior. Sob o pretexto de que “situações drásticas requeriam medidas drásticas” o Plano Collor, instituído no ano da posse, determinou o congelamento de 80% dos ativos financeiros do país, causando impactos sem precedentes na dívida pública. Tais medidas, somadas ao superávit de 4% do PIB obtido no primeiro ano do governo, resultaram em uma queda histórica no estoque da dívida em poder do público: 82,5% em 1990.

Ao longo dos anos da década de 90, com a inflação não parando de crescer e as taxas de crescimento da economia continuando sem sinais de recuperação, o país apresentou um crescimento médio real negativo de 1,3% ao ano. Em tentativa de contenção, foi lançado mais um plano “heterodoxo”: o Plano Real de 1994, que apesar de se assemelhar ao Plano Collor em seus objetivos, desenvolveu-se, porém, de maneira mais branda, mantendo inclusive elevadas as taxas reais de juros.

Desta vez, pela abordagem não tão agressiva ao mercado interno, o país voltou a viver taxas de inflação em níveis razoáveis e em queda. Entretanto, em contra ponto à inflação, a partir daquele ano a dívida passou a apresentar forte elevação pelos devidos fatores: uma taxa real de juros média extremamente elevada devido a política monetária rígida; o pequeno superávit primário, que se apresentava negativo para alguns entes do governo; e a elucidação de diversos passivos que antes eram disfarçados, através das novas políticas de transparência das contas públicas.

Em números líquidos, a Dívida Pública neste período cresceu em média, à taxa de 24,8% a.a. A crise do México, portanto, foi grande empecilho para o acesso do Brasil ao mercado norte-americano. Entretanto, a mencionada flexibilidade na administração do passivo externo possibilitou o alcance a outros mercados, mais precisamente o mercado japonês em junho de 1995. Tal emissão foi tão bem recepcionada pelo Japão que o planejamento inicial de Y\$ 20 bilhões foi aumentado em quatro vezes, sem que os custos da operação fossem afetados. Logo após, no mesmo ano, outra emissão

– agora em marcos alemães – possibilitaram a entrada das emissões brasileiras em solo europeu, perfazendo no primeiro ano um total de aproximadamente US\$ 1,7 bilhão, beirando o limite autorizado pelo Senado Federal à época.

A segunda metade dos anos 90 foi marcada por fortes turbulências na economia internacional, deste modo, ainda que houvesse sucesso na estabilização econômica interna, emergiu a necessidade de mudança nas estratégias de endividamento ao longo dos anos. Ao longo deste período, a participação das Letras do Tesouro Nacional (LTNs), que se encontravam em 1% ao final de 1994, subiram para 27% em 1996. O objetivo era voltar a emitir títulos indexados a índices de preços (IGP-M), reforçando o alongamento da dívida pública e aproveitando uma elevada demanda potencial representada pelos fundos de pensão.

Este movimento é notado até os dias atuais, observando-se um esforço para melhorar o perfil da dívida federal interna, aumentando seus prazos ou buscando melhor qualidade na composição destas (reduzindo a participação de títulos indexados à taxa de câmbio e à SELIC). Somente após estas políticas, o Brasil conseguiu alcançar o mercado de dólares (mais líquido e com possibilidade de emissão em maiores volumes), com títulos de até cinco anos.

A partir de 2003, com a mudança do cenário político e ideológico nacional, houve uma melhora na percepção dos investidores quanto ao rumo da economia, tendo em vista as novas políticas de responsabilidade fiscal, monetária e cambial. Em números, ao final de 2002, a percentagem de títulos indexados à taxa Selic na dívida interna era de 60,8% enquanto os prefixados representavam apenas 2,2%, os títulos cambiais por sua vez, não ultrapassavam 23%.

A partir deste período, a administração da dívida passou a variar as práticas adotadas e a concentração de vencimentos em datas específicas, foi um modo encontrado pelo governo de aumentar a liquidez dos instrumentos. Deste modo, reduzia-se o número de vencimentos enquanto aumentava-se o volume emitido para cada um deles. Três anos mais tarde, o governo avançaria mais na política de estimular o alongamento e a prefixação da dívida instituindo a isenção de Imposto de Renda sobre ganhos de capital para investidores estrangeiros. Tendo em vista a redução expressiva da necessidade de financiamento externo pela redução da dívida e a forte entrada de dólares no

mercado nacional, o país deixa de ser dependente das emissões externas como fonte de financiamento.

A partir de 2006, foram realizados diversos pagamentos antecipados da dívida mobiliária federal, totalizando US\$ 35,7 bilhões. Em 2007, escorado na demanda dos investidores estrangeiros, o Tesouro Nacional emitiu seu primeiro título prefixado com prazo de dez anos, A NTN-F 2007, marcando historicamente a gestão da dívida pública.

Neste marco histórico, nos encontramos fortemente com a tese levantada neste artigo: em uma análise comportamental do mercado e confiando nos bons resultados trazidos nas últimas políticas públicas do governo, comprometeu-se o orçamento e o balanço dos cofres públicos por um prazo de dez anos, prazo superior – inclusive – ao mandato do presidente que o instituiu.

No ano seguinte, um agravamento intenso na crise do mercado internacional e com títulos a vencerem em nove anos, o governo se viu na necessidade de adotar políticas mais conservadoras para absorver a composição da dívida, almejando não adicionar volatilidade ao mercado. Com a liquidez de mercado reduzida pelo cenário internacional sem precedentes, as recompras aconteceram em menores volumes, totalizando somente U\$ 1,5 bilhão, mas continuando a servirem de estratégia para retirar instrumentos menos líquidos e trocá-los por títulos referenciados, servindo como melhor referência para a curva externa.

Cabe ressaltar que, numa análise microeconômica, até esta data era cultural no mercado de investimento e na sociedade em geral a afeição por títulos de indexação diária, fruto do histórico de inflação elevada e flutuante. As políticas da segunda metade dos anos 2000, buscaram justamente romper com este paradigma e alterar a composição da dívida interna a fim de reduzir as taxas de juros. Deste modo, a dívida pública passou a ser vista como fonte eficiente de canalização de recursos para investimentos públicos e referência para emissões de títulos privados.

Analisando por períodos, nota-se que a medida em que o país passou a se relacionar com o mercado internacional, aumentou tanto sua dependência para com ele. Em alguns governos, tal dependência perdeu forças e a autonomia financeira e econômica pode ser observada na valorização da moeda nacional frente às demais. Internamente, aprendendo com os erros do passado, ao passar dos

anos, fortalecendo o mercado interno e criando instituições mais sólidas e independentes quanto às suas competências, o Brasil soube lidar melhor com os rombos nas contas da nação; e externamente, caminha a passos lentos para aprender com os mesmos erros.

O grande cerne das políticas de gestão da dívida está em como administrá-la sem comprometer a estabilidade macroeconômica. É latente que consonante a esta busca, seja colocado em voga também a sustentabilidade das políticas econômicas, que ao invés de serem usadas como moeda de troca política, devem visar o bem-comum despedido de vaidades partidárias e viés ideológico.

#### *4. Justiça intergeracional*

A filosofia vem trazer a essência dos conceitos de justiça e de justiça intergeracional. Suas contribuições se assentam em questionamentos que conduzem a um refletir acerca da responsabilidade de ações e sobre seus efeitos e alcances no tempo e na vida no futuro.

Hans Jonas em sua obra *Princípio da Responsabilidade* denuncia a crise da finitude dos recursos naturais e o colapso da vida futura quando as ações do presente não se preocupam com a sustentabilidade dos próximos que virão a existir. Talvez o leitor esteja se perguntando acerca da associação destas ideias com o tema da dívida pública, e eles se relacionam de forma muito intimista. Paulo Modesto citando o referido autor aduz:

É mérito de Hans Jonas ter advertido para o significativo aumento da influência do homem sobre os ecossistemas e sua capacidade atual para produzir resíduos deletérios para as futuras gerações em escala temporal sem paralelo. Exemplo disso é a durabilidade do plutônio produzido para abastecer centrais nucleares. A Alemanha, segundo Tremmel, possui em suas plantas de energia nuclear 118 toneladas de Plutônio (PU-239), cujo tempo de meia-vida é de 24.110 anos. Estima-se que um 1 grama (g) de plutônio pode permanecer ativo como resíduo por 310.608 anos, sendo que 1 g é suficiente para ser letal a um ser humano. Se considerarmos que a história escrita da humanidade é de apenas 10.000 anos de idade, o fardo que as atuais gerações estão colocando sobre os ombros das gerações futuras é evidente e supera em escala toda a história do homem até este momento. (MODESTO, 2016).

Pensar nas próximas gerações e na promoção do acesso aos direitos fundamentais requer um custeio possibilitador do ponto de vista material, de investimentos, de tomadas de decisões financeiras que se pretendam responsáveis. O que pressupõe uma atuação conjunta dos agentes políticos, econômicos, sociais e jurídicos com o objetivo de se promover dignidade em seus termos mais abrangentes.

A tomada de decisões remete a um agir ético, guiado por finalidades não egoísticas, mas altruísticas com fulcro em vocações constitucionais assentadas em normas e valores de equidade intergeracional. O que se busca, assim, é justiça entre as gerações. Justiça aqui concebida como a noção mais simples de dar a cada um o que lhe seja devido com promoção de justiça entre gerações. E para a consecução desta finalidade há de se pensar em sustentabilidade financeira. Dessa forma, a exigência de justiça intergeracional conduz a sustentabilidade a dois campos de atividade, a ecologia e as finanças (sustentabilidade ecológica e sustentabilidade financeira). (MODESTO, 2016). Importante perceber que o tema da justiça intergeracional não é um tema restrito às questões ambientais, mas envolve temas multifacetários, dentre eles o da dívida pública:

A justiça intergeracional não se restringe à questão ambiental, mas envolve outras dimensões da vida pública. Segundo Tremmel, já no século XIX, Thomas Jefferson considerava a dívida pública nacional um problema de ética intergeracional. Métodos de contabilidade geracional estão sendo desenvolvidos para determinar encargos das futuras gerações em diferentes aspectos da vida coletiva. O interesse sobre a temática cresce e aumenta o número de estudos sobre a situação dos mais jovens, cuja expectativa é a de que viverão no futuro situação mais gravosa do que a vivida por seus pais hoje. Esses jovens são chamados de “boomerang generation”, “génération précarité”, “Generation Praktikum”. (MODESTO, 2016) (grifos nossos).

Parte dos pensadores não admitem que as futuras gerações possam titularizar direitos sob a justificativa de que não teriam identidade previamente conhecida, afirmando, assim, que futuras pessoas não têm direitos. Mas Paulo Modesto estudando o livro *Theory of Intergenerational Justice* de autoria de Joerg Tremmel concebe a justiça intergeracional independente do problema da identidade:

No entanto, para os problemas intergeracionais habituais, como guerras, proteção do ambiente ou da dívida pública é irrelevante

a identidade futura de indivíduos específicos. A geração futura ou sucessiva é percebida com unidade, composta necessariamente por indivíduos, independentemente de suas identidades. No exemplo dado por Gosseries, se alguém polui o meio ambiente com seu carro, o prejudicado não é apenas a própria filha do motorista, mas todos os seus amigos e a população circundante. Se alguém derrama lixo tóxico em um rio que abastece com água potável a cidade, prejudicará as crianças, eventualmente até crianças de gerações futuras; se o filho do poluidor é afetado, o problema da não-identidade é aplicável, mas isso não autoriza o prejuízo para todas as demais crianças, razão pela qual o comportamento do homem é imoral em face dos membros das atuais e futuras gerações. (MODESTO, 2016).

Ainda concebe a justiça intergeracional em diversos aspectos e planos:

As denominadas “éticas remotas” (“remote ethics”) foram acusadas de imprecisão. Os limites entre as éticas inter e intrageracionais, por exemplo, dependeriam da definição em cada autor para os termos geração e justiça geracional. Em algumas teorias a justiça intergeracional pode abranger tanto a justiça entre a presente e a futura geração (gerações intertemporais) quanto a justiça entre o jovem e o velho (gerações temporais), inclusive dentro da família. É certo que justiça intergeracional não é concebível entre pessoas da mesma idade, mas conforme a orientação pode alcançar gerações superpostas, que convivem no mesmo horizonte temporal, ou gerações sucessivas, sem acesso ao mesmo tempo cronológico. No plano espacial, a justiça intergeracional pode ser concebida em escala global, nacional ou regional. (MODESTO, 2016).

Lado outro, John Rawls ao tratar do tema da justiça a concebe na perspectiva da igualdade de oportunidades, aspecto este não cabível de negociações. Críticos, todavia, afirmarão que estaria ausente em sua teoria o empenho da proteção ambiental, reduzindo-se aos aspectos decisórios negociais e políticos. Assim aponta Modesto (2016):

Finalmente, o estudo lida com a questão da aplicação de critérios de justiça em contexto intergeracional e indaga: como o bem-estar pode ser distribuído entre as gerações de uma forma justa? Três concepções adotadas em contextos intrageracionais de justiça foram examinadas quanto à sua aplicabilidade ao contexto intergeracional: justiça como imparcialidade, justiça como igualdade e justiça como reciprocidade. O fio condutor inicial

da análise é a aplicação do recurso à “posição original” de John Rawls, com o seu “véu da ignorância”, considerado um modelo frutífero para reconstruir decisões imparciais na justiça, pois “cria uma situação de escolha, não de negociação” (D’Agostino), em “contexto de escassez moderada”, sem pressupor o altruísmo, e identifica um ponto de vista universalizável a ser escolhido. [...] Tremmel reconhece que na *A Theory of Justice*, publicado em 1971, John Rawls apresentou uma das primeiras abordagens modernas sobre a questão da justiça intergeracional. O famoso parágrafo 44, do segundo capítulo da segunda parte do seu livro de Rawls, relativo ao “problema da justiça entre gerações” e à necessidade de cada geração assegurar uma “poupança” para as gerações seguintes causou uma ampla repercussão entre os especialistas. Mas Tremmel critica o fato de Rawls não levar em conta uma eventual perda de bem-estar das novas gerações devido à destruição ecológica e concentrar o dever mais importante de cada geração apenas em criar e preservar instituições garantidoras das liberdades fundamentais, segundo o princípio da poupança. Critica também mudanças no emprego do termo geração e a perspectiva dos participantes do processo deliberativo de Rawls. Sem embargo, Tremmel considera viável traduzir o modelo da justiça como imparcialidade para o contexto intergeracional.

Em um esforço reflexivo é possível depreender que o que se necessita alcançar é a igualdade do acesso aos bens e também a igualdade de oportunidades. O que diz respeito à temática da dívida pública. A dívida pública funciona como instrumento de organização dos recursos públicos para adimplir com necessidade urgentes ou para o custeio de despesas que beneficiarão outras gerações. E desta gestão dependerá a preservação da continuidade das políticas públicas. ANDRADE (2007, p. 43-44) ensina que:

Há determinados gastos públicos cujos encargos podem ser equitativamente distribuídos ao longo de várias gerações é o caso de investimentos ou despesas de capital, que, por corresponderem à aquisição de um ativo ao patrimônio público, podem gerar recursos, utilidade e benefícios para gerações futuras. O endividamento é, assim, um importante instrumento para se distribuir adequadamente no tempo os encargos relativos a tais gastos e fazer com que concorram para a despesa pública todos aqueles que dela irão se beneficiar.

A equidade entre as gerações significará que as despesas e empréstimos públicos não deverão sobrecarregar as gerações fu-

turas. Sabe-se que os recursos públicos são esgotáveis e que sua ausência pode colocar em xeque o desenvolvimento humano, comprometendo a população menos favorecida. Andrade faz um importante alerta:

As despesas públicas tendem a beneficiar as gerações atuais mais do que as gerações futuras, pois as decisões políticas visam a um período estreito a fim de se concretizarem. Porém, é necessário que as gerações atuais preservem recursos para as gerações futuras, por meio de uma gestão fiscal responsável, pautada pelo equilíbrio orçamentário. (ANDRADE, 2007, p. 45).

O que se espera, então, é que haja correspondência entre os benefícios intergeracionais e responsabilidades intergeracionais sobre o pagamento da dívida. Para tanto, deve-se priorizar o bom uso da dívida para realização de despesas que vão gerar benefícios para as gerações futuras, com a amortização dos encargos durante o tempo em que os gastos gerarem benefícios e utilidades para os cidadãos. Na dicção de Modesto:

Na política e no direito, com clareza nova, não decidimos apenas para os que estão vivos. Decidimos para uma comunidade intergeracional, o que deve ser considerado no controle de constitucionalidade das normas legais. Leis que promovam endividamento excessivo das próximas gerações, autorizem o esgotamento de recursos naturais ou adotem decisões irreversíveis devem ser submetidas a parâmetros rigorosos de proporcionalidade. (MODESTO, 2016).

No ordenamento jurídico brasileiro há positivação da chamada “regra de ouro” que preconiza que as operações de crédito devem destinar-se a financiar despesas de capital, expressa no artigo 167, III da Constituição de 1988. Trata-se da constitucionalização da equidade entre gerações e o uso da dívida pública.

### *5. As instituições jurídicas na busca da segurança e estabilidade*

As instituições jurídicas apresentam forte papel no que tange ao controle da dívida pública. Tal controle pode ser pensado na perspectiva da estruturação das normas que têm o condão de limitar

os gastos, mas que consentaneamente permitirão um investimento e manutenção das políticas públicas.

De outro lado, se se necessita de um arcabouço normativo claro, coeso, que gere estabilidade e segurança é preciso que a formação dos juristas seja adequada no que toca ao Direito financeiro, bem como o empenho de haver uma formação interdisciplinar teórica e prática que seja capaz de inserir o discente no campo da aplicabilidade da contabilidade financeira e da profundidade do Direito Financeiro. Sobre controle por meio das normas jurídicas adverte Andrade acerca de seus desafios:

O controle por meio de normas jurídicas lida com pelo menos três desafios: (i) em primeiro lugar, as normas não podem meramente proibir os entes subnacionais de contrair dívida. Em vez disso, as normas devem ser de tal forma que os entes subnacionais tenham acesso a recursos creditícios para financiar seus projetos. O mais importante é que sejam estipulados limites para o endividamento dos entes subnacionais; (ii) em segundo lugar, as normas devem conferir previsibilidade, clareza e confiança às obrigações dos entes subnacionais, encorajando possíveis prestamistas. O arquétipo normativo precisa ser bem formulado, abrangente, consistente e de fácil compreensão; (iii) em terceiro lugar, as normas devem reduzir o risco do endividamento imprudente ao coibir excessos e ao fornecer instruções sobre como os entes subnacionais podem lidar com crises fiscais. As normas jurídicas desta estirpe podem, v.g., estabelecer limites globais para o montante da dívida dos entes subnacionais, fixar metas de resultado fiscal, determinar que as operações de crédito somente sejam realizadas para fins específicos, fixar limites para a taxa de juros de novas operações de crédito ou proibir operações que impliquem grandes riscos macroeconômicos. Tais medidas podem ser adotadas de forma isolada ou combinada. (ANDRADE, 2012, p. 76).

Quando estudamos os currículos e as matrizes conteudistas dos cursos superiores de formação de bacharéis em Direito, constata-se a restrita presença da cadeira de direito econômico, de direito financeiro e a completa ausência do estudo das disciplinas de contabilidade financeira.

Maurício Conte em artigo intitulado “Devo, não nego: o Direito Financeiro e o dilema da dívida pública” denuncia a própria dívida que o direito financeiro tem com o estudo e a pesquisa com a temática da dívida pública.

Em uma outra perspectiva, importante considerar que como visto ao longo da trajetória histórica da dívida pública brasileira, os mais significativos gastos ocorreram em períodos de guerra e para pacificação de povos e territórios. No baluarte do Direito dos tempos contemporâneos, imperioso pensar nas soluções pacíficas dos conflitos, no esforço e empenho do poder judiciário e da comunidade de juristas como um todo para incentivar a composição dos litígios por meio de métodos adequados que priorizem os meios conciliatórios, a mediação, a arbitragem, e as negociações.

Tal cenário pode vir a contribuir para a conquista da estabilidade e segurança jurídica, sem se descuidar, pois, da adequada gestão dos processos judiciais com a conquista da resolução integral das lides e com o alcance da celeridade processual. Este cenário pode vir a atrair investidores pela rápida e eficaz resolução das lides.

Do ponto de vista ainda do poder judiciário, a questão dos precedentes também é determinante para criar um cenário de confiança e estabilidade para dirimir conflitos atinentes a dívida, tais como o inadimplemento uma vez que no contexto de insolvência da dívida os tribunais decidem como guiar a reestruturação da dívida, inclusive quando e como a insolvência do ente subnacional se aplica, bem como as prioridades para alocação dos ativos para os credores habilitados. Como a quitação da dívida é altamente complexa, o procedimento judicial tem a vantagem de neutralizar pressões políticas durante a reestruturação. (ANDRADE, 2012).

Conclui-se que não serão apenas as instituições jurídicas as responsáveis por criar um cenário de segurança, confiança e estabilidade, mas que elas apresentam papel de grande relevância tanto para o cenário interno como para o internacional, haja vista inexistirem mecanismos jurídicos prévios e claros para o deslinde de lides relacionadas à dívida.

Como bem acrescenta e arremata Cesar Araújo Seijas de Andrade (2012) o controle por meio de normas jurídicas deve vir acompanhado por padrões claros e uniformes de contabilidade pública, por definições abrangentes das operações que compõem a dívida, pela inviabilização de operações realizadas fora do orçamento e pela instituição de moderno sistema informatizado de dados, capaz de fornecer informações imediatas e atualizadas de todas as fases da dívida facilitando, assim, a fiscalização e o controle.

## 6. *Considerações finais*

A temática da dívida pública exige dos juristas uma especial atenção, sobretudo, quando se constatarem as dificuldades de sua conceituação e um vazio normativo do Direito Financeiro acerca das questões envoltas ao tema.

A própria história denuncia que desde os primórdios da Independência do Brasil de Portugal, o crédito fora utilizado para a estruturação da res publica. Ocorre que a qualidade do gasto nem sempre se reverberou para as finalidades públicas, ocorrendo o uso do crédito para assunção de dívidas da própria coroa portuguesa e para despesas que visavam cobrir os luxos e despesas individuais dos monarcas.

O crédito deve representar um instrumento de consolidação e construção de riquezas a médio e longo prazo e se consolidar como forma de investimento, e não para suprir despesas correntes, o que, infelizmente, vem sendo aplicado. Os investimentos devem servir para a geração de emprego e renda, sobretudo, em tempos de recessão econômica.

Como explicitado no presente estudo, a temática da dívida envolve temas diversos e exige a participação colaborativa dos diversos setores e instituições. Mas, especificamente, no que toca às instituições jurídicas tem-se que sua contribuição pode gerar positivos frutos na gestão e estruturação da dívida. É sabido que quanto mais se produz um cenário jurídico de certeza e segurança jurídica, maior confiabilidade terão os investidores quando da decisão de investimentos em determinada localidade. Em outras palavras, imperioso afirmar que com insegurança jurídica há verdadeiro óbice aos investimentos.

Quando refletimos sobre segurança jurídica e pensamos as instituições capazes de a assegurar, se pensa no poder judiciário, sim. As cortes da justiça terão grande e importante papel para a uniformização das jurisprudências, na aplicação adequada e responsável dos precedentes, na gestão e condução dos processos a fim de se efetivar os princípios da celeridade processual e efetividade do processo.

Neste contexto, não se pode descurar da responsabilidade do poder judiciário ao incentivar e promover a resolução dos conflitos de forma a contemplar a conciliação, mediação, e demais negociações, prestigiando os acordos. Todas estas providências tendem

a colaborar para o controle das incertezas, com vistas a fomentar maior credibilidade a atrair maiores e melhores investimentos.

Em outro viés, ainda refletindo acerca das instituições jurídicas, é preciso pensar a matriz curricular dos cursos de graduação em direito que minimizam a presença do direito econômico, em sua maioria, a apenas uma cadeira em todo o curso, o que contribui para a ausência de conhecimento da normatividade afeta à dívida pública, e consequentemente, no aprimoramento e evolução dos apontamentos doutrinários acerca do tema.

Há também que se pensar na formação dos juristas não de forma hermética, mas colaborativa, interdisciplinar e conectada com as demais ciências e com a realidade globalizada. Tal fato, também contribui para a geração de incertezas jurídicas e comprometem o sistema de estruturação da dívida.

A busca para a resolução dos problemas de investimentos, ausência dos pagamentos, condições do crédito, perpassa, neste momento, pela superação da crise que se generalizou. De forma positiva e esperançosa, as crises, como já ensinaram os gregos, devem servir para o despertar para o melhor, para o crescimento, para as correções. Não se pode sacrificar gerações de forma gratuita, sem que haja responsabilidade no gasto e prudente utilização do crédito. O momento concita colaboração, sendo assim, cada instituição deve cumprir o seu papel.

A contribuição da filosofia ao tema, nos brinda com os sentidos e significados da justiça intergeracional exorta os setores sociais, em sua totalidade, a entregar para as futuras gerações condições possíveis de se viver bem. Talvez seja este o aspecto mais peculiar, e por isso, mais precioso da dívida, entender sua real função, que é de possibilitar condições materiais realizáveis de condições existenciais suficientes para que todos os seres possam viver com dignidade.

### *Referências Bibliográficas*

ANDRADE, Cesar Augusto Seijas de. **O Controle do Endividamento Público e a Autonomia dos entes da federação**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – FDUSP São Paulo – 2012.

- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 446p.
- CONSANI, Cristina Foroni; XAVIER, Yanko Marcius de Alencar. **Considerações a respeito da relação entre justiça intergeracional, democracia e sustentabilidade**.
- CONTI, José Maurício. **Direito financeiro na Constituição de 1988**. São Paulo: Oliveira Mendes, 1998.
- CONTI, Maurício. **Devo, não nego: o Direito Financeiro e o dilema da dívida pública**. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2017-out-17/contas-vista-devo-nao-nego-direito-financeiro-dilema-divida-publica#\\_ftn14](https://www.conjur.com.br/2017-out-17/contas-vista-devo-nao-nego-direito-financeiro-dilema-divida-publica#_ftn14). Acesso em: Jul.2020.
- HARADA, Kiyoshi. **Responsabilidade fiscal**. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.
- LOCHAGIN, Gabriel Loretto. **Elementos jurídicos da reestruturação internacional da dívida pública [livro eletrônico]** São Paulo : Blucher, 2017.
- MODESTO, Paulo. **Uma Introdução à Teoria da Justiça Intergeracional e o Direito**. ANO 2016 n. 281. (BA). Disponível em: <http://www.direitodoestado.com.br/colunistas/paulo-modesto/uma-introducao-a-teoria-da-justica-intergeracional-e-o-direito>. Acesso: Jul.2020.
- OLIVEIRA, Regis Fernandes de. **Responsabilidade fiscal**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2ª ed., 2002.
- SILVA, Anderson Caputo; CARVALHO, Lena Oliveira de; MEDEIROS, Otavio Ladeira de. (organizadores) **Dívida Pública: a experiência brasileira**. Brasília: Secretaria do Tesouro Nacional: Banco Mundial, 2009. 502 p.

# Vossa Excelência, uma mulher negra: interseccionalidade entre raça e gênero na magistratura brasileira<sup>1</sup>

*Adriana Avelar Alves*

**Resumo:** O presente trabalho propõe-se a pensar a questão racial na magistratura brasileira, em seus sentidos sociais e políticos, por meio do panorama da composição do Poder Judiciário, através do Censo realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que em sua primeira edição em 2014 constatou que apenas 15,6% do quadro de magistrados (as) era composto por negros (as) – pretos (as) e pardos (as) – e na segunda edição no ano de 2018, este percentual elevou-se para 18,1%, demonstrando que o retrato geral ainda revela um Poder Judiciário majoritariamente branco (e masculino), mesmo após a implementação da ação afirmativa de reserva de vaga para candidatos (as) negros (as) no concurso para magistratura no ano de 2015. Pensar todas as questões que evidenciam o racismo estrutural presentes nesse espaço de poder, constitui-se um desafio quando da análise do pluralismo no judiciário como uma aposta – e não propriamente uma solução— que conte com uma maior participação principalmente de mulheres negras, mais subrepresentadas nesse espaço, de modo que se viabilizem caminhos para mitigar a desigualdade racial na Justiça brasileira. A metodologia utilizada será a apresentação de um panorama quantitativo, através de dados secundários do Censo do Poder Judiciário, por ser uma base prévia de informações sobre a magistratura brasileira, no que tange à raça, gênero, classe, entre outros dados, que são fundamentais para a composição da pesquisa, para que se reflita, sem ambiguidades, este universo de

---

<sup>1</sup> Este artigo é um desdobramento da pesquisa que foi desenvolvida na dissertação de mestrado: Onde estão os (as) juízes (as) negros (as) no Brasil? Recorte racial na magistratura brasileira: perspectivas sociais e políticas, apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ciências Jurídicas e Sociais, no ano de 2019.

forma real. Ainda, a interseccionalidade constitui-se importante paradigma de pesquisa sobre a magistratura brasileira, de modo a compreender como a questão racial atravessa o exercício do cargo no cotidiano das juízas negras. Sem a pretensão de exaurir os caminhos que podem levar à reflexão da temática, pretende-se trazer elementos para pensar a condição da magistrada negra que expliquem o porquê de haver uma desigualdade racial ainda tão expressiva nesses espaços de poder.

*Palavras-chave:* Censo do Poder Judiciário. Magistratura. Interseccionalidade.

## 1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo a análise interseccional sobre a magistratura no Brasil, em seus sentidos sociais e políticos, evidenciando como a questão racial atravessa o acesso ao cargo para mulheres negras.

O interesse pela temática advém de duas principais questões: a primeira em razão dos dados censitários do Poder Judiciário brasileiro dos anos de 2014 e 2018 revelarem o baixo percentual de magistrados (as) negros (as) que fazem parte dos Tribunais do país, bem como em razão dos Encontros Nacionais de Juízas e Juizes Negros, realizados nos anos de 2017, 2018 e 2019 na cidade de Brasília<sup>2</sup>, como interessante campo de pesquisa para compreender essa manifestação por reconhecimento e visibilidade protagonizada por esses juizes e juízas.

Dada a invisibilização da questão racial na literatura clássica jurídica sobre magistratura no Brasil, é preciso marcar esse lugar de existência e desnaturalizar esse espaço de “uma cor só”, que se

---

<sup>2</sup> Os encontros nacionais de juízas e juizes negros representaram um importante espaço não apenas para dar visibilidade à questão racial no Poder Judiciário brasileiro, mas principalmente, para reivindicar – através de vozes negras – que esse sistema assumira um compromisso na luta antirracismo, que promova a paridade de participação de pessoas negras em seus quadros, que garanta um acesso igualitário na promoção interna privilegiando a questão de raça e gênero, ou seja, que haja efetivamente o fomento de uma política para tornar a magistratura um lugar plural.

pretende neutro e universal. Para tanto, optou-se por iniciar com a apresentação dos dados do Censo do Poder Judiciário, realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), nos anos de 2014 e 2018, como apresentação de um retrato geral dos Tribunais brasileiro. O primeiro Censo foi um material produzido, cujo resultado final foram 213 páginas, e a informação crucial para este trabalho foi a constatação de que apenas 15,6% do quadro de magistrados (as) é composto por negros (as) – pretos e pardos. O Censo de 2018, que conta com 33 páginas, mais sucinto que o precedente, disponibilizado de forma eletrônica no sítio do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), trouxe que o número de juízes e juízas negros (as) apresentou uma elevação para 18,1%. Em 2018, as magistradas negras têm seu percentual alterado para 6,5%, enquanto o de magistrados negros passou para 11,5%, ficando ainda – apesar do crescimento – aquém do que se espera em termos de composição plural, em relação à sociedade brasileira composta majoritariamente por pessoas negras, de acordo com os levantamentos estatísticos oficiais do país.

Após a apresentação dos dois Censos, inicia-se a análise comparativa relativa à gênero e raça entre os dois anos de levantamento de dados sociodemográficos sobre os juízes e juízas brasileiros (as), para que, posteriormente, possa ser feita uma análise geral e que os novos (ou não) contornos institucionais possam ser identificados nos Tribunais do país.

Além da apresentação dos dados, e no que foi possível realizar o cruzamento entre os anos, recorreu-se ao marco teórico importante que pudesse explicar as informações coletadas: interseccionalidade entre raça e gênero. A escolha por esse paradigma de análise foi necessária como recurso de reflexão sobre as estruturas que mantêm o número de juízas negras inferior até mesmo em comparação a juízes negros, não atingindo sequer o percentual de dez por cento de participação.

Sem compreender por meio da teoria que explica que as mulheres que sofrem mais de um tipo de discriminação – como é o caso das mulheres negras - não estão simplesmente sujeitas ao mero somatório dos produtos negativos de cada sistema opressor no qual estão inseridas e experimentam seus efeitos - ignorando a interação complexa que existe entre cada – não se realiza a explicação do referido fenômeno na realidade concreta.

## *2. Juízas e Juizes negros: retrato do Poder Judiciário brasileiro*

Para uma melhor análise da questão de gênero e raça na magistratura brasileira, necessária apresentação de um retrato geral, por meio da análise comparativa entre os Censos do Poder Judiciário realizados nos anos de 2014 e 2018, buscando uma reflexão sobre como as desigualdades de raça e gênero se entrecruzam no Poder Judiciário, evidenciando em números como essa estrutura de poder ainda é fortemente marcada por um modelo de composição homogêneo, que se traduz na tradição de ocupação por homens brancos: conceber raça, gênero, sexo, idade e classe como categorias articuladas implica, assim, um esforço de desnaturalizá-las e contextualizá-las, recusando correlações rígidas e fixas entre características físicas, de um lado, e atributos morais e intelectuais, de outro (SCHWARCZ, 2012, p. 22).

Os dados dos Censos do Conselho Nacional de Justiça apresentam os contornos institucionais da magistratura brasileira, e trazem como principal mudança a gradativa participação de mulheres, cujos índices não têm sofrido declínio. Em 2014 a presença de juízas foi de 35,9%, e no ano de 2018 este percentual sobe para 38%. Ainda que estes números estejam aquém do desejado em termos de paridade e representatividade, a perspectiva de cada vez mais a presença de juízas ser crescente nos quadros do Poder Judiciário brasileiro é uma realidade cada vez mais concreta:

(...) importa considerar que a juvenilização e a feminização da magistratura não derivam de uma política explícita do poder judiciário, constituindo antes, uma consequência das transformações ocorridas no sistema educacional e no mercado de trabalho. De resto, a necessária expansão do Poder Judiciário numa sociedade que se democratiza, tende a conferir maior expressividade numérica a essas tendências. (WERNECK VIANNA ET AL, 1997, p. 70).

Ser magistrado (a) é experimentado como uma existência pública, em uma organização de elite: uma alta posição, que traz recompensas, como poder, autoridade, deferência e autonomia profissional (BONELLI, 2010, p. 277), e logo, ocupar um espaço de poder como o cargo exige, certamente será algo negado às mulheres: a mulher-magistrada é um sujeito interessantíssimo, pois ela é oprimida por sua condição feminina e empoderada por sua profissão, de

forma a poder transitar em diversos gradientes de agência e de relevância social, simultaneamente, inclusive (CAMPOS, 2015, p. 52).

No entanto, no que tange à cor/raça dos (as) magistrados (as), a realidade de crescimento de participação de pessoas negras não apresenta a mesma elevação quando se trata do processo de mulheres brancas. No ano de 2014, o número de juízas e juizes brancos (as) correspondeu ao total de 82,80%. Já no ano de 2018, este percentual tem um pequeno decréscimo para 80,3%. Em relação aos magistrados negros e negras, o primeiro Censo registrou o total de 15,6%, enquanto o de 2018 apresentou uma elevação para 18,1%. No período de quatro anos, o número de magistrados (as) brancos (as) sofreu uma pequena queda de 2,5% e o de negros (as) elevou-se em 2,5%. Ou seja, estatisticamente o número de juizes (as) brancos (as) diminuiu pouco e o de negros (as) subiu pouco.

Fazendo a divisão entre sexo e cor/raça apresentada acima, o número de juízas brancas representou o percentual 30,8%, enquanto o de juízas negras que compõem a magistratura brasileira foi de apenas 5,1%. Em 2018, a situação para as magistradas negras tem seu percentual alterado para 6,5%, enquanto o de magistradas brancas passou para 31,5%. Em 2014, o total de juizes negros representou 10,5% e o de brancos 53,6%. Já em 2018, os magistrados negros alcançaram o percentual de 11,5% e os brancos totalizaram 49,5%.

Os dados evidenciam que juizes e juízas negros<sup>3</sup> (as) têm percentual de crescimento que não ultrapassa a faixa de 1,4% de

---

<sup>3</sup> Importante destacar que este trabalho irá se ater à categoria negro, agrupando do pardo ao preto, conforme classificação oficial adotada no Brasil e no Censo do Poder Judiciário. Conforme leciona D'Adesky (2006, pp. 60-61), observa-se que a multiplicação de categorias relacionadas com a cor da pele, o formato de rosto e a textura dos cabelos é um fenômeno comum em sociedades multirraciais [...] mas também, pode corresponder às vezes a um desejo de hierarquizar os outros numa escala racial cromática. Entende-se por essas razões que restringir a compreensão do racismo a um simples fenômeno de pigmentação é muito pouco. Também, do ponto de vista da luta antirracista, não é relevante dividir as categorias em preto, pardo, mulato, negro, como se fossem categorias excludentes. É um falso problema, pois todos sofrem os efeitos, em grau variado, da discriminação subjacente demonstrada por inúmeros estudos universitários, dados estatísticos governamentais. Todos são vulneráveis a passíveis privações na forma de menor esperança de vida e desigualdade de oportunidades, mas também de danos psicológicos, o que contribui a restringir o grau de participação da vida social, política, econômica e cultural do país.

participação nos quadros da magistratura brasileira, ficando aquém do que se deseja e espera em termos de pluralidade e diversidade na composição dos quadros da magistratura. Além do destaque ao racismo estrutural que sedimenta as relações nesse espaço de poder e que se constitui em um processo histórico, político e social que elabora ferramentas para que pessoas negras sejam sistematicamente discriminadas em razão da cor de sua pele, evidencia-se o papel da branquitude na manutenção desse status quo:

como um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade. Branquitude como preservação de hierarquias raciais, como pacto entre iguais, que encontra um território particularmente fecundo nas organizações, as quais são essencialmente reprodutoras e conservadoras (BENTO, 2002, p. 07).

Diante da evidência clara que as juízas negras nesse processo permanecem com percentual de crescimento muito abaixo ao das juízas brancas<sup>4</sup>, sequer alcançando o patamar de dez por cento de participação, é preciso discutir como a interseccionalidade<sup>5</sup> “traduz as várias formas como raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências” das mulheres negras, conforme esclarece Crenshaw (2002, p. 177). É assim urgente, propor, pensar e questionar conjuntamente o conjunto de dominações e opressões para combater sua reprodução.

Para entender a como raça e gênero se entrecruzam, é preciso compreender que:

As mulheres que sofrem mais de um tipo de discriminação não estão sujeitas à simples soma das consequências negativas de

---

<sup>4</sup> No contexto brasileiro, a ausência de uma reflexão que articule as relações raciais e de gênero em diversos espaços [...] tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os sujeitos. O silêncio sobre os impactos destas questões contribui para que as diferenças sejam entendidas como desigualdades naturais. (OLIVEIRA; CAMARGO, 2013, p. 5)

<sup>5</sup> O entendimento do pensamento de Kimberlé Crenshaw, Audre Lord, Sueli Carneiro e outras, diz que não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, mas sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se interrelacionam e onde elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos. (BERTH, 2018, p. 82)

cada sistema de opressão no qual se inserem, pois isso significaria ignorar a interação complexa que existe entre eles. Por exemplo, a mulher negra<sup>6</sup> não é suscetível apenas ao machismo e ao racismo que atingem mulheres brancas e homens negros, respectivamente. Na realidade, a sua identidade de gênero faz com que ela esteja sujeita a formas e intensidades de subordinação por raça que homens negros desconhecem. Por outro lado, a sua identidade de raça a faz sofrer manifestações específicas ou acentuadas de discriminação de gênero que, em geral, são ignoradas por mulheres brancas (RESENDE, 2017, p. 10)

A interseccionalidade<sup>7</sup> entre raça e gênero aqui invocada é para que se compreenda como os mais variados desdobramentos do racismo nas instituições do Poder Judiciário como um todo, criam as lacunas que não permitem que as mulheres negras possam ter o mesmo acesso que as mulheres brancas ou homens negros nesse espaço, conforme evidenciado nos dados trazidos, sendo uma importante chave analítica na medida em que a interseccionalidade “impede reducionismos da política de identidade, elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos das colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais” (AKOTIRENE, 2018, p. 54).

---

<sup>6</sup> A mulher negra sofre comumente tríplice discriminação: ser mulher, negra e pobre. O racismo, a pobreza e o sexismo (conjunto de ações e ideias que privilegiam indivíduos de determinado gênero e orientação sexual e discriminam os que não têm esses atributos) são mais agudos nas mais jovens. As mulheres são as principais prejudicadas pelas políticas macroeconômicas neoliberais, pois têm poucas chances de competir no mercado de trabalho em virtude de passar boa parte do tempo ocupadas em serviços não remunerados e serem as principais cuidadoras da família (GIFFIN; DANTAS-BERGER, 2007).

<sup>7</sup> O termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. É o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do direito moderno discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação (AKOTIRENE, 2018, p. 54).

### *3. Ela tá falando que é juíza<sup>8</sup>: efeitos e materialidades do lugar de magistrada negra*

Como explicar o persistente abismo profissional existente entre as mulheres negras em relação às pessoas brancas, no que tange ao alcance de cargos de prestígio social e econômico, tal qual é o da magistratura? Racismo e sexismo sedimentam as estruturas que colocam a mulher negra em um lugar de subalternidade e submissão, que lhes seria “próprio do ser”:

A representação social das mulheres negras está pautada em estereótipos racistas que atravessam séculos. Amalgamada desde o período da escravidão, a mulher negra é sempre vista como um objeto, sujeito sem humanidade, lasciva, amoral, com baixa capacidade intelectual, que faz dela vulnerável à violência e à violação dos direitos. Frequentemente, os processos de discriminação contra as mulheres negras, reduzem toda a sua experiência de vida ao fracasso pessoal (mérito). A sua identidade racial passa a ser compreendida negativamente, a partir da incorporação de signos e significados racistas<sup>9</sup> (XAVIER, 2015, p. 38).

A ocupação desses espaços de poder por uma mulher negra ainda é vista com muita desconfiança por parte da sociedade, mas principalmente pelos sujeitos que fazem parte do Sistema de Justiça

---

<sup>8</sup> O título deste item foi inspirado um diálogo narrado por uma juíza negra a mim em um evento do Encontro Nacional de Juízas e Juizes Negros (ENAJUN): *“uma vez, ao entrar no Tribunal, fui barrada por uma funcionária da portaria que insistia na apresentação da minha funcional de juíza para entrar no local. Expliquei que ninguém tem o hábito de andar com a funcional até mesmo por questão de segurança, que outros juizes passaram e não apresentaram, e mesmo assim, a funcionária falou que sem ela não entraria. Ao chegar ao lugar do impasse, o responsável pela equipe perguntou o que estava acontecendo e a funcionária olhou para ela e disse: ela tá falando que é juíza”.*

<sup>9</sup> Ao estudarmos as mulheres negras e as contranarrativas que colocam em pauta na cultura de massa e na mídia, é importante considerar que se trata de um contingente invisibilizado ou cercado por estereótipos em todas as regiões do mundo, e não apenas no Brasil. Esta representação insuficiente ou desfavorável se dá a partir dos interesses e necessidades envolvidos nas disputas de poder entre diferentes segmentos sociais, onde têm primazia a população branca e o sexo masculino. Ou seja, a inferiorização das mulheres negras se desenvolve a partir de um contexto onde assumem relevância características biológicas como cor da pele e sexo, que vão embasar sistemas de hierarquização social definidos como racismo e sexismo (WERNECK, 2007, p. 2).

como um todo: advogados (as), serventuários (as), funcionários (as) terceirizados (as), conferem às essas mulheres um tratamento de total descrédito, muitas vezes questionando se de fato são juízas. Por isso, que para além do lugar de juízas, estas mulheres ocupam um lugar de resistência<sup>10</sup>:

A resistência da mulher negra é uma forma de nós nos protegermos de toda a violência que as nossas mulheres no passado sofreram, e a qual nós estamos – à nossa maneira, principalmente, que o Brasil está, que o Rio está... a violência em cima da mulher negra, em cima da periferia, da mulher do gueto, do morro – e essa violência é mais contundente, mais forte, mais violenta. Infelizmente, nós, que somos mulheres negras, somos vistas à parte pela sociedade. Nós não temos coração, nós não temos ventre. Nós somos qualquer coisa para a sociedade. Então, através disso, nós temos que estar a todo tempo lutando. Nós temos que nos unir para trazer esse empoderamento para nós, para chegarmos ao que queremos (YEMONJÁ, 2015, p. 84).

A ascensão e mobilidade política, social e econômica das mulheres negras ocorre de forma mais demorada do que a dos homens negros e das mulheres brancas, conforme observamos em apenas uma fonte de coleta de dados que foi o Censo do Poder Judiciário, realizado nos anos de 2014 e 2018, restando claro que raça e gênero se entrecruzam nas instituições do Sistema de Justiça, não privilegiando principalmente, essas mulheres:

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2003, p. 121).

---

<sup>10</sup> As mulheres negras ao longo da história do Brasil são protagonistas de diversas formas de resistência que vão desde a manutenção do núcleo familiar no período escravista às ações políticas na atualidade, que buscam a melhoria das condições de vida da comunidade negra, como foi verificada na organização da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, que aconteceu em Brasília, em 18 de novembro de 2015 (LEMONS, 2015, p. 125).

A exigência que o Poder Judiciário enfrentasse as questões raciais e de gênero que se apresentam no âmbito de suas instituições veio por meio da Associação de Juízes Federal do Brasil (Ajufe) que enviou um pedido de providências ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), sobre a urgência de levantamento de dados sobre o quantitativo de magistradas negras e em qual jurisdição se daria o exercício profissional, informações até então inexistentes no país, situação que permaneceu sem resposta até a divulgação dos Censos, pois já não era mais possível ignorar não só o que já era perceptível no *ethos* do Judiciário, ou seja, a ausência de mulheres negras nos bancos decisórios, mas sobretudo, permanecer sem os dados que pudessem pressionar, fundamentar e exigir uma mudança institucional.

Na luta pelo reconhecimento do racismo como obstáculo para o acesso pelas mulheres negras à cargos de poder como o de juíza, Sueli Carneiro (2011, p. 32) nos lembra que:

(...) em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas.

Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra todas as formas de opressão de raça e gênero vem possibilitando novos horizontes para uma ação política que se conceba antirracista e feminista, agregando novos saberes com nítidos ganhos para toda a sociedade brasileira:

Acredito que nessa década, as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, brigaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço da questão da mulher brasileira hoje. Foi sua temática a que mais cresceu politicamente no movimento de mulheres do Brasil, integrando, espera-se que definitivamente, a questão racial no movimento de mulheres. O que impulsiona essa luta é a crença “na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os

valores expressos pela luta antirracista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos”. Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade (CARNEIRO, 2004, p. 35).

Sendo assim, a transversalidade das questões étnico-raciais necessita ser posta em prática, mormente porque há ainda uma profunda resistência por parte dos diversos segmentos sociais em assumir uma dívida histórica com as mulheres negras:

É mister, então, desfragmentar o mito da democracia racial (ou como diria Lélia Gonzalez (1988), o racismo disfarçado ou por denegação) essencialmente através da erradicação das desigualdades étnicas. Isto tudo afeta a maneira como estas atuam na sociedade, mostrando-se, conseqüentemente, indispensável romper com a memória escravagista, em que negros e negras eram considerados “coisas” destinadas a servir, enfrentando as manifestações de preconceito étnico-racial [...] Somente a partir de tais transformações histórico-culturais, será possível desnaturalizar a representação dos papéis sociais tradicionalmente associados às mulheres negras, o que se traduzirá, ao depois, em igualdade em todas as ambiências. (CAMARGO; D’OLIVEIRA, 2013, p. 09)

É inegável a importância da discussão sobre a interseccionalidade quando da análise das instituições do Sistema de Justiça brasileiro, e também pelo espaço que vem ocupando nas pesquisas sobre gênero. Esse reconhecimento é fundamental para a compreensão que determinadas formas de opressão andam entrelaçadas com tantas outras violações de direitos, encontrando nesse conceito a expressão teórica que explica como funcionam os arranjos sociais e institucionais - aportados no racismo e sexismo - que excluem e marginalizam as mulheres negras de cargos de poder como o da magistratura.

#### *4. Considerações Finais*

Ao orientar-se através do paradigma da interseccionalidade, pretende-se desenvolver um debate que possibilite que estas mulhe-

res negras tenham suas trajetórias narradas para além das matrizes epistêmicas pautadas no olhar colonial sobre elas.

A escolha pela teoria interseccional se dá em razão que as determinações de raça e classe por sua vez acarretam em diferenças de status social e econômico, o que implica dizer que o processo de socialização de mulheres num país estruturado e sedimentado por tais marcadores sociais de diferenças, não pode ser analisado a partir de uma ideia uniformizadora. Embora se saiba que todas as mulheres são atravessadas por processos de opressão, não há que se falar em uma opressão comum<sup>11</sup>. Do contrário, a gramática política de uma luta verdadeiramente feminista<sup>12</sup> deve surgir, sobretudo, a partir do aprofundamento da compreensão e reflexão sobre as cisões sociais, políticas e econômicas que individualizam as mulheres por meio de suas vivências concretas. Ou seja, por meio de sua socialização enquanto mulheres de classe e raça determinadas<sup>13</sup>.

Dessa forma, todo o esforço até aqui realizado, direciona-se para o desenvolvimento de uma concepção interseccional da condição da magistrada negra. Patrícia Hill Collins (2000) entende que, para se ter uma dimensão melhor das múltiplas formas pelas quais mulheres negras se inserem na sociedade, é preciso analisar o papel desempenhado por elas na totalidade de suas existências: através das estruturas familiares, mercado de trabalho, em sua comunidade local. Ainda, que é primordial elaborar metodologias capazes

---

<sup>11</sup> Ressalta-se que o objetivo em questão não é hierarquizar as opressões. É, sobretudo, analisar que na heterogeneidade de opressões conectas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento está interceptado pelas estruturas. (AKOTIRENE, 2018, p. 46)

<sup>12</sup> A experiência de vida típica da posição social da mulher negra é tomada por bell hooks como motor de uma possível transformação inclusive da teoria feminista: “é essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia” (hooks, 2015, p. 208).

<sup>13</sup> Carneiro e Santos (1985), ao localizar a situação da mulher negra, estabelecem que para as mulheres negras existe uma dupla militância, em que a interseção de raça, gênero e classe como forma específica de opressão deve ser considerada em sua totalidade [...] para o combate ao sexismo e ao racismo, como elementos estruturantes na definição de um projeto de uma sociedade justa e igualitária (RIBEIRO, 1995, p. 451).

de compreender as condições – complexas e multidimensionais – de opressão das mulheres negras<sup>14</sup>.

Pensando nesse movimento que essas mulheres negras ba-  
charéis em Direito fizeram para ocupar esse espaço de poder que é  
o Judiciário, exercendo um cargo público que no Brasil possui um  
elevado status econômico e social, este artigo convida a caminhar  
na compreensão que:

mulheres em situações sociais ou posicionalidades específicas,  
definidas tanto pelas intersecções dos marcadores de diferenciação  
em um determinado contexto, quanto pela estruturação dos  
sistemas de opressão que ali se imbricam, põem em marcha os  
processos de racialização, sexualização, etc., que irão demarcar as  
suas vivências (SARDENBERG, 2015, p.86).

E, também, que é inadiável o comprometimento na promoção  
de políticas públicas e institucionais que possam reparar a histórica  
ausência das mulheres negras desse espaço de poder, e isso só será  
possível viabilizando medidas que possam mitigar a desigualdade  
de participação e representação. Um dos caminhos possíveis são as  
políticas de ações afirmativas, que “resultam de decisões do Estado,  
com o objetivo de estabelecer igualdade de oportunidades, remediar  
situações de desigualdade oriundas do passado e que permanecem  
vivas no presente” (D’ADESKY, 2018, p. 48). Ainda, são “medi-  
das concretas destinadas a assegurar igualdade de oportunidades  
e garantia de exercício de direitos fundamentais a grupos sociais  
historicamente oprimidos, agindo diretamente sobre o sistema de  
privilégios existentes” (PIRES; LIMA, 2014, p. 20), como foi possível  
observar no Poder Judiciário brasileiro, com uma composição majoi-  
ritariamente masculina e branca. E, embora o Conselho Nacional  
de Justiça (CNJ) tenha editado a Resolução nº 203 - que reserva ao

---

<sup>14</sup> (...) há, nas sociedades marcadas pelo racismo e sexismo, uma matriz de dominação  
que se caracteriza por opressões que se intersectam. Neste sentido, um modelo de “soma  
de opressões”, comumente acionado para afirmar que mulheres negras sofrem dupla  
ou tripla discriminação, é incapaz de compreender estas interconexões entre formas  
distintas de opressão se sobrepõem e se influenciam mutuamente. Há que se ter em  
mente, que gênero, raça e classe social são sistemas distintos de opressão subjacentes  
à única estrutura de dominação. Uma mera comparação entre sistemas de opressão é  
contraproducente, pois corre-se o risco de hierarquizar formas de opressão que são, em  
última análise, completamente imbricadas umas às outras (COLLINS, 2000, p.277).

menos 20% das vagas no Judiciário para candidatos (as) negros (as), em cumprimento ao estabelecido no Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), bem como ao disposto na Lei Federal nº 12.990/2014, que define até 2024 a reserva aos negros de 20% das vagas oferecidas em concursos públicos – e a Resolução nº 336 – que dispõe sobre a promoção de cotas raciais nos programas de estágio dos órgãos do Poder Judiciário nacional – ainda é preciso tornar efetivo o preenchimento dessas vagas, oportunizando meios e subsídios necessários que permitam que as pessoas negras tenham condições de concorrer materialmente nas seleções para as altas carreiras do Judiciário.

Não menos importante, as ações afirmativas são valiosas ferramentas para superação de dois aportes teóricos que legitimaram e justificaram ao longo dos anos a existência das desigualdades na sociedade e na representação plural nos espaços, que são a meritocracia e a democracia racial, elementos fundantes de manutenção de privilégio e poder - principalmente nos quadros do Poder Judiciário brasileiro – visando desconstruir esses ideais para que tenhamos medidas eficazes e promotoras de igualdade de oportunidades.

Assim, este artigo é apenas um possível passo no estudo sobre a questão racial na magistratura brasileira, com o intuito de dar visibilidade para a temática, evidenciando a baixa ocupação nos bancos decisórios dos Tribunais por mulheres negras, e principalmente, como tentativa de retirar a “culpa” pela baixa ocupação desse espaço à população negra, e atribuir ao Estado e suas instituições, a responsabilidade no efetivo cumprimento de políticas públicas que possam mitigar as desigualdades raciais e possam promover um verdadeiro combate a todas as formas de racismo e sexismo que estruturam as relações sociais no país, pois a luta antirracismo exige uma mudança em todos os paradigmas que regem as relações sociais, mas também uma transformação do Sistema de Justiça como um todo.

### *Referências Bibliográficas*

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 144 p.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.**

- Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Iray Carone. 2002. 169p.: Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 162 p.
- BONELLI, Maria da Glória. Profissionalismo e diferença de gênero na magistratura paulista. *Civitas*, v. 10, n. 2, 2010, p. 270-292.
- CAMPOS, Veridiana P. Parayba. **A chegada das Meritíssimas: um estudo sobre as relações entre agência individual, ocupação feminina de um espaço de poder e mudança social.** Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Silke Weber. 2015. 274 p.: Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 ago. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.** New York: Routledge, 2000.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 10, n. 1, 2002. p. 171-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.
- D'ADESKY, Jacques. **Antirracismo, Liberdade e Reconhecimento.** Rio de Janeiro: Daudt, 2006, 119 p.
- D'ADESKY, Jacques. **Percursos para o Reconhecimento, Igualdade e Respeito.** Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2018. 184 p.
- D'OLIVEIRA, Mariane Camargo; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **A interseccionalidade entre gênero e raça para a construção étnico-identitária das mulheres negras.** In: Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10; 16 a 20 de setembro; Florianópolis, Brasil. Florianópolis; 2013. p. 1-11. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383766811\\_ARQUIVO\\_AdalbertoFerdnandoInocencio.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383766811_ARQUIVO_AdalbertoFerdnandoInocencio.pdf). Acesso em: 15 set. 2020.
- GIFFIN, K.; DANTAS-BERGER, S. M. **Violência de gênero e sociedade de risco: uma abordagem relacional.** In: TAQUETTE, S. R. (Org.). *Violência contra a mulher adolescente/jovem.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007, p. 55-60.

- hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2015, n.16, pp.193-210. ISSN 0103-3352. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 15 set. 2020.
- LEMONS, Rosalia O. **Mulheres negras: resistência e ação política.** In: I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes, 2016, Rio de Janeiro. Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024). Brasília: Brado Negro, 2015. p. 125.
- LIMA, Kamila Sousa; PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. **As ações afirmativas de corte étnico-racial pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (2002-2013).** *O Social em Questão - Ano XVII - nº 32 - 2014*, pp. 19-38.
- RESENDE, Amanda Martinho. **Opressão de gênero e a ausência de um olhar interseccional na busca de solução jurídicas.** Orientadora: Thula Rafaela de Oliveira Pires. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.
- RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileiras: de Bertiooga e Beijing.** *Revista Estudos Feministas.* N 02, 1995, p. 446-457.
- SARDENBERG, Cecília M. B. **Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais.** Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades. [online]. 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p56. Acesso em: 15 set. 2020.
- SCHWARCZ, Lília Moritz **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- WERNECK, Jurema. **O samba segundo as lalodês: Mulheres negras e cultura midiática.** Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Liv Rebecca Sovik. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação). UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- WERNECK VIANNA, Luiz; CARVALHO, Maria Alice Rezende de; MELO, Manuel Palácios Cunha; BURGOS, Marcelo Baumann. **Corpo e alma da magistratura brasileira.** Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- XAVIER, Lúcia. **Racismo, Corpo, Saúde e Representação.** In: I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes, 2016, Rio de Janeiro. Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024). Brasília: Brado Negro, 2015, p. 83-102.
- YEMONJÁ, Mãe Beata. **Ancestralidade, memória e luta.** In: I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes, 2016, Rio de Janeiro. Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024). Brasília: Brado Negro, 2015, p. 83-102.

PARTE III  
Feminismo y política  
Feminismo e política

*“Si vosotros quereis ser libres, con mucha más razón nosotras,  
doblemente esclavas de la sociedad y del hombre, ya se acabó aquello  
de" Anarquía y Libertad " y las mujeres a fregar. ¡Salud!!”*  
(La Voz de La Mujer, 1896)

*“Mas mesmo assim  
Ainda guardo o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito  
De algum antepassado da cor  
A minha carne negra já está cansada de ser presa  
De viver debaixo do papel preto de lixo”*  
(Elza Soares)

# Ideología, hegemonía y comunidad: la rebelión de las mujeres como una lucha incesante entre la política y lo político

*Mónica Fernández Braga*

*Resumen:* En el presente artículo pretendemos dialogar sobre ideología y hegemonía. Hasta ahí no hay ninguna novedad discursiva. Tampoco es novedoso que el diálogo se lleve a cabo desde la palabra de algunas mujeres. De este modo, lo que buscamos visibilizar desde la voz de algunas mujeres, tales como: Segato, Davis, Mouffe y Federici, es algo así como un tipo de filosofía política *transmoderna*. Lo anterior no quita que en varios pasajes del artículo se pueda leer la voz de algunos hombres: Gramsci, Kusch, Dussel, Castro Gómez, etc. Buscamos dialogar sobre la importancia que tiene la voz de mujeres, hombres y cualquier integrante de la comunidad política de nuestra América, en las luchas políticas para combatir este mundo globalizado: colonial y capitalista, además de patriarcal.

*Palabras-chave:* censo do poder judiciário; magistratura; interseccionalidade.

## *1. Introducción*

Las producciones académicas y también las militantes, realizadas cada vez con más fuerza por mujeres en el campo del feminismo en general y el decolonial en particular, son proporcionales a la potencialidad discursiva patriarcal vislumbrada tanto en la esfera pública como en la privada. Este resurgir del espíritu de dominación patriarcal se presenta como más punzante cuando esas mentalidades violentas surgen de los discursos de las propias mujeres. En el presente artículo pretendemos dialogar sobre ideología y hegemonía. Hasta ahí no hay ninguna novedad discursiva. Tampoco es novedoso que el diálogo se lleve a cabo desde la palabra de algunas mujeres. De este modo, lo que buscamos visibilizar desde la voz de

algunas mujeres, tales como: Segato, Davis, Mouffe y Federici, es algo así como un tipo de filosofía política *transmoderna*. Lo anterior no quita que en varios pasajes del artículo se pueda leer la voz de algunos hombres: Gramsci, Kusch, Dussel, Castro Gómez, etc. Lo que hay en común es que el presente diálogo pretende ser un recurso crítico hacia el campo de lo político como diálogo surgido desde y en el seno de la sociedad civil. En ese marco, dialogaremos sintéticamente sobre los conceptos de hegemonía, ideología, sociedad política y sociedad civil y comunidad. También discurriremos sobre algunos conceptos básicos desarrollados por mujeres feministas. En suma, buscamos dialogar sobre la importancia que tiene la voz de mujeres, hombres y cualquier integrante de la comunidad política de nuestra América, en las luchas políticas para convativir este mundo globalizado: colonial y capitalista, además de patriarcal.

## 2. *Algunas transformaciones y divergencias conceptuales en torno a la política y lo político*

Está claro que ni en el mundo de la vida ni en la academia, resulta posible hablar de cualquier tópico en cualquier momento. La proliferación discursiva de las luchas feministas antihegemónicas de las últimas décadas, muestran una serie de transformaciones conceptuales significativas, que no siempre son visualizadas en el mundo circundante de la *sociedad civil*. Es cierto que las marchas de mujeres, sobre todo de esos grupos feministas cuyo símbolo es el pañuelo verde<sup>1</sup>, ha explotado en los últimos años, pero no es menos cierto que la vida cotidiana sigue atada a la mentalidad patriarcal. Desde una mujer dedicada al cuidado de su familia, hasta una alta funcionaria del poder judicial, seguimos visualizado esa siniestra mirada machista, que cada vez parece ponerse más violenta.

Sin deseos de emitir una práctica discursiva reduccionista, vamos a considerar que las luchas feministas son como batallas que

---

<sup>1</sup> En honor a la lucha histórica de Madres de Plaza de Mayo, cuyo símbolo identitario es el pañuelo blanco, un grupo de mujeres argentinas adoptó esa misma estrategia, pero ahora utilizando un pañuelo verde para luchar por el derecho a decidir qué hacer con su propio cuerpo.

se dan en el campo de *lo político*, pensado éste como una arena de antagonismos que operan en el seno de la *sociedad civil* más que en el correspondiente a la *sociedad política*. En este contexto, dado que es claro que pensamos el papel del Estado desde algunas premisas gramscianas, ¿qué conceptos de hegemonía y de ideología estamos queriendo exaltar? ¿qué rol juega *la política* global en las formaciones discursivas que operan en torno a los factores epistemológicos? En este apartado intentaremos un sintético recorrido en torno a las transformaciones discursivas vislumbradas en torno al concepto de *sociedad civil*, como arena de antagonismos propios del campo de *lo político* (pensado como espacio igualitario donde surge el diálogo o se da el momento de disenso instituyente), en el que se juegan también las metamorfosis de los conceptos de ideología y hegemonía; y en la próxima sección, recurriremos al diálogo epistemológico, a partir de las voces de distintas mujeres.

Hay un texto que resulta revelador para dialogar sobre las transformaciones conceptuales que se fueron dando alrededor del concepto de hegemonía. Más allá de la importancia teórica de este texto, es fundamental considerar que fue escrito desde la voz de una mujer y un hombre. Se trata de Chantal Mouffe y Ernesto Laclau (*Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia*, 2004 [1985]). Este memorable texto, inicia su recorrido dialogando sobre la genealogía del concepto de hegemonía, es decir, caracterizándolo como una grieta o contingencia que es necesario superar, sobre todo, con el propósito de dialogar sobre el retorno de la disputa política. Desde este recorrido genealógico, la crítica está dirigida a la fetichización del sujeto crítico, como si éste necesariamente estuviese identificado únicamente en la lucha de clase. El punto es que, este tipo de reduccionismo crítico al que nos hemos acostumbrado a escuchar desde Marx, parece estar invisibilizando toda posible lucha política en general y feminista en particular. Es cierto que uno de los problemas básicos de la desigualdad social es el capitalismo salvaje desde las concepciones políticas del mundo neoliberal, pero reducir el antagonismo político a la lucha de clases, es un círculo vicioso que fetichiza fundamentalmente esa vieja guerra contra las mujeres y cualquier otro género u orientación sexual, etnia, raza o religión, que opere por fuera del ideario del hombre blanco, con patrimonio y cristiano, para comprar su libertad civil y de consumo.

Desde lo anterior, diremos que hegemonía se puede decir de múltiples maneras, aunque ella siempre estará identificada con un tipo de ideología particular. Dicho de otro modo, la hegemonía no es solo la dominación de una clase social sobre otra a partir de factores económicos, sino que es un conjunto de reglas culturales aceptada por la sociedad civil en comunión con la sociedad política. Esto está claro en la mayoría de las teorías de corte crítico: desde la Escuela de Fráncfort hasta el posestructuralismo. Lo que no está tan claro es que la ideología hegemónica de cada bloque histórico, siempre oculta otras batallas que se dan en el seno de los antagonismos que tensionan el mundo de *lo político*. Este fue el mayor descubrimiento de Gramsci, esa mirada transformada sobre la necesidad casi ontológica de contar con un conjunto de ideas o ideología que permita la emergencia de un nuevo bloque histórico hasta convertirse en una nueva hegemonía. No obstante, el principal problema de la teoría gramsciana<sup>2</sup> es su perspectiva epocal y heredera de la matriz marxista, es decir, esa ideología que reduce la vida humana al factor económico de la existencia.

El otro punto muy criticable de la mirada de Gramsci es que la nueva hegemonía, necesariamente está obligada a tomar el poder político. Decimos criticable puesto que, de ese modo, el mundo de la discusión política queda arado a la ideología de esa nueva hegemonía, erradicando los antagonismos propios del espíritu de *lo político*. Esto lo vio muy bien Mouffe<sup>3</sup>, para quien el antagonismo político es inevitable para mantener una política democrática radical. Dicho de modo distinto, para esta autora, la búsqueda de consenso político es un error fatal para las instituciones democráticas. Tanto es así, que esas ansias por dejar atrás las grietas ideológicas son muy peligrosas para el mantenimiento de la democracia real,

---

<sup>2</sup> Hemos trabajado la perspectiva de Gramsci en otro lado. Se puede consultar, entre otros artículos, Fernández, M. (2018). La Declaración Universal de Derechos Humanos: una lectura pedagógica insurgente . En A. M. (Editores), *Pedagogía y Didáctica de la Declaración Universal de los Derechos Humanos a setenta años de su promulgación (1948-2018)* (págs. 156-173). Santiago de Chile: UNESCO Chile.

<sup>3</sup> Es casi imposible citar un único texto de Chantal Mouffe, entre otros textos, se puede ver: (2000). *La paradoja democrática. el peligro del consenso en la política contemporánea*. Buenos Aires: gedisa. Mouffe, C. (2016 [1999]). *El retorno de lo político. Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical*. Barcelona: Paidós.

puesto que pueden dar lugar al surgimiento de los peores fascismos. Lo que queda demostrado ante las nuevas batallas entabladas por el violento surgimiento del neoliberalismo, sobre todo, en países del llamado Tercer Mundo, dentro de los que está incluida Nuestra América. Dice la autora que:

La desaparición de la oposición entre totalitarismo y democracia, que había servido como principal frontera política para discriminar entre amigo y enemigo, puede conducir a una profunda desestabilización de las sociedades occidentales. En efecto, afecta al sentido mismo de la democracia, pues la identidad de esta dependía en gran parte de la diferencia que se había establecido respecto del otro que la negaba. Por tanto, es urgente redefinir la identidad democrática y eso no puede hacerse sino a través del establecimiento de una nueva frontera política (El retorno de lo político. Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical, 2016 [1999], pág. 12)

En este sentido, para Mouffe, una democracia radical es aquella que deja libre los antagonismos de *lo político*, es decir, los pluralismos propios de las diversas ideologías. Es que, desde la mirada de Mouffe, las sociedades adquieren formas democráticas a través de la articulación de las relaciones de poder. Por tanto, lejos de buscar medios para construir un poder político unívoco, como sería el caso de la dictadura del proletariado y también del neoliberalismo, la política democrática necesita multiplicar los espacios dialógicos abiertos a las tensiones (*agonística*) generadas por las múltiples relaciones de poder que giran en torno al mundo de *lo político*. Ahora bien, ¿qué es una política agonista? Es aquella relación de fuerzas o luchas de poder con sus resistencias, en las que «la dimensión antagónica está siempre presente, ya que lo que está en juego es una lucha entre proyectos hegemónicos opuestos que nunca pueden ser reconciliados de manera racional y en la cual, uno de ellos debe ser necesariamente derrotado» (Agonística. Pensar el mundo políticamente, 2014, pág. 27). Con lo cual, esa dimensión antagónica es lo más originario de la discusión democrática, puesto que es como la vida o espíritu de *lo político*. De este modo, la agonística es el modo propiamente dicho de pensar políticamente, porque es allí donde está el poder real, es decir, el sector de la *potentia* (lo instituyente). En el caso de *la política*, eso que Gramsci llama *sociedad política*, es decir, la *potestas*, diremos que este sería el lugar de lo instituido: una especie de ar-

monía o acuerdo social que no tiene por qué mezclarse con el espacio dialógico de discusión que operaría en el seno de la *sociedad civil*.

De algún modo, la perspectiva teórica de Mouffe es similar a la de Rancière<sup>4</sup>. Para este autor, *la política* es eso que Mouffe llama el mundo de *lo político*, es decir, el sector donde se juegan las luchas instituyentes. El otro sector, es decir, el mundo de lo instituido representado por la *potestas*, es lo que el filósofo francés llama *la policía*. De este modo, todo lo instituido desde el mundo de la sociedad política, ocupa el lugar de vigilancia normativa, vestido de *policía*. Es que, *lo político* «es el encuentro de dos procesos heterogéneos» (Rancière, *Política, policía, democracia*, 2006 [1998], pág. 17). Se trata, entonces, de dos procesos distintos, aunque vinculados entre sí: gobierno e igualdad. En el primer caso hablamos de un sector que se ocupa de organizar a la comunidad y su consentimiento, es decir, la sociedad política o gubernamental, que este filósofo llama, *reunión de comunidad por jerarquías* (leyes, normas, etc.); en el segundo caso, se trata de la emancipación: «juego de prácticas guiadas por la presunción de igualdad de cualquiera con cualquiera y de la preocupación por verificarla» (Rancière, *Política, policía, democracia*, 2006 [1998], pág. 17). De este modo, lo político es un encuentro problemático, donde se encuentran dos procesos vinculados entre sí: el mundo policial (sociedad política) y el mundo de la emancipación o *la política* (sociedad civil). Es cierto que Rancière solo habla de *ley de policía* y *ley de igualdad*, y por eso, lo político es el lugar donde dialogamos sobre el tratamiento de un daño. Rancière lo dice del siguiente modo: «Distinguiremos, entonces, la política, la policía y lo político. Lo político será el terreno del encuentro entre la política y la policía en el tratamiento de un daño» (*Política, policía, democracia*, 2006 [1998], pág. 18).

De lo anterior diremos que la filosofía política, más que un territorio filosófico, pretende visualizar un encuentro polémico que no tiene fundamento propio. Una polémica que trata sobre el reparto de los bienes materiales y simbólicos. Es que la política (Rancière) o lo político (Mouffe), nunca será el lugar del consenso, sino que, para

---

<sup>4</sup> Aquí también resulta complejo citar un único texto, se puede consultar entre otros: Ranciere, J. (2012). *El descuerdo. Política y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión.

seguir siendo un diálogo igualitario, siempre estará atada a la discusión, a la tensión, al disenso, al desacuerdo. Así, la igualdad, como *condición no política de la política*, aparece en ese juego litigioso que se instituye en las diversas comunidades políticas dialogantes. Al parecer, solo viendo el litigio encarado por cada grupo real particular, esa micro comunidad que toma la palabra para dar a conocer su propia identidad (las mujeres, las etnias, las poblaciones originarias, las diversas razas, las distintas orientaciones sexuales, las poblaciones migrantes, etc.), podremos continuar dialogando sobre el reparto de aquellos grupos que aún no recibieron su parte. Aquí también es importante visualizar que, al interior de cada uno de estos grupos siempre habrá disensos, porque ese es el espíritu de la democracia: dialogar en condiciones de igualdad de base, antes que sus derechos reclamos pasen a ser parte del sector de la policía (sociedad política, institución, leyes, normas, etc.) porque es en este espacio donde encontramos el peligroso consenso. Rancière lo dice así:

Recapitemos: la política existe allí donde la cuenta de las partes y fracciones de la sociedad es perturbada por la inscripción de una parte de los sin parte. Comienza cuando la igualdad de cualquiera con cualquiera se inscribe como libertad del pueblo. Esta libertad del pueblo es una propiedad vacía, una propiedad impropia por la cual aquellos que no son nada postulan su colectivo como idéntico al todo de la comunidad. La política existe mientras haya formas de subjetivación singulares que renueven las formas de inscripción primera de la identidad entre el todo de la comunidad y la nada que la separa de sí misma, es decir de la mera cuenta de sus partes. La política deja de ser allí donde esta separación ya no se produce, donde el todo de la comunidad se reduce sin cesar a la suma de sus partes. (El desacuerdo. Política y filosofía, 2012, pág. 153)

De algún modo, de lo que nos hablan tanto Rancière como Mouffe, es algo así como la necesidad de destacar el lugar significativo que tenemos que dar a los diálogos igualitarios entre las distintas comunidades afectadas. Comunidades con una identidad particular que aún no han obtenido su parte en el reparto o cuyos derechos todavía no han alcanzado el estatus de institución o han logrado formar parte de los acuerdos de la política gubernamental o sociedad política. Acá surgen dos conceptos sobre los cuales necesitamos seguir dialogando: *la sociedad civil y la comunidad*, puesto que desde Gramsci hasta nuestros días, mucho se ha argumentado sobre el concepto de *sociedad civil*. En el caso del concepto de comunidad,

dialogaremos sintéticamente con Esposito, para finalizar con una mínima crítica hacia su perspectiva eurocéntrica

### 3. *Sobre la sociedad civil y la comunidad*

Desde los orígenes del contractualismo moderno, podemos decir que lo civil hace mención al lugar de poder que se otorga a la esfera gubernamental entendida como el Estado. No obstante, tal como lo han visto autores como Bobbio (Estado, gobierno y sociedad. Por una teoría general de la política, 1985), se trata de un concepto complejo. A esa complejidad conceptual, podríamos agregar que se trata de una noción cargada de connotaciones ideológicas y epocales. El solo hecho de hablar de diversas acepciones, tal como lo hace este autor, parece denotar una caracterización ideológica o, por lo menos, subjetivado. En ese contexto, el recorrido técnico que hace Bobbio en el texto mencionado, es bien interesante, puesto que señala una serie de diversas determinaciones que se fueron otorgando al concepto. Desde hablar de un tipo de relaciones no reguladas por el Estado, hasta señalar que lo civil hace lugar a lo civilizatorio, hay variedad de autores y orientaciones ideológicas que se pueden verificar en dicho texto de Bobbio. En este recorrido cuyo capítulo culmina con Maquiavelo y Gramsci, el autor describe la interpretación marxista, la hegeliana y la iusnaturalista, hasta llegar a aquella noción británica que vincula lo civil a la civilidad. Lo curioso es que, en este camino genealógico, el autor se desconecta de los factores de la política y también de lo político.

Sin conversar demasiado sobre la perspectiva de Gramsci, como recurso imprescindible para pensar los nexos entre la sociedad civil el Estado, en este capítulo, Bobbio parece querer ocupar el lugar de Pilatos, al desligarse de la sociedad civil para hablar de la sociedad como lugar de lo social *a secas*; puesto que, luego de realizar un recorrido conceptual con diversidad ideológica sobre el concepto de sociedad civil, finaliza diciendo que: «Bajo este espect[r]o, la sociedad y el Estado fungen como dos momentos necesarios, separados pero contiguos, diferentes pero interdependientes del sistema social en su complejidad y en toda su articulación» (Bobbio, 1985, pág. 67). Lo que nos estaría faltando entonces, es ponernos de algún lado de la línea, es decir, en algún lugar ideológico, porque

es fundamental para dialogar sobre *lo político* (Mouffe) o *la política* (Rancière) que corresponde a cualquier sociedad civil. Aquí es donde consideramos que, cuando alguien teoriza sobre el Estado sin mencionar a la *sociedad civil* como lugar del disenso (insurgente, instituyente, litigioso, etc.), se produce un ocultamiento del lugar propiamente dicho del poder político originario: la *potentia*. Invisibilizar el lugar de poder de la *potentia* en base a la búsqueda de una armonía utópica que pone al sector de la *potestas* como lugar exclusivo para la deliberación política, es lo mismo que decir que el Estado es el espacio de dominación jerárquica *per se*.

En ese marco, últimamente se ha estado dialogando mucho sobre la comunidad, pero ¿de qué hablamos cuando decimos comunidad? ¿Qué tiene que ver el concepto de *comunidad* en todo este embrollo sobre *lo político* y *la política*? Si buscamos el significado etimológico<sup>5</sup> de la palabra *comunidad*, encontramos que viene del latín *communitas*: cualidad de lo común. Esta cualidad también hace referencia a quienes viven juntos o cuyas acciones se rigen por las mismas reglas. Sus componentes léxicos son: el prefijo *con*, que nos habla de lo global; *munus*, que refiere al cargo, al deber, a la ocupación y el sufijo *dad*, que indica la cualidad de algo. La RAE<sup>6</sup> brinda tres acepciones: 1) remite al conjunto de personas de un barrio, villa, pueblo, ciudad, región o país; 2) conjunto de personas que poseen características o intereses comunes, y 3) conjunto de naciones unidas por símbolos, políticas o identidades comunes. Como era de suponer, las diversas acepciones que propone la RAE se vinculan con su significado etimológico. Hasta aquí, todo estaría resuelto. No obstante, el tema no es tan sencillo, porque cuando queremos dialogar sobre la genealogía de la palabra *comunidad*, la cosa se complejiza.

Roberto Esposito, filósofo italiano contemporáneo, hace décadas que teoriza sobre dicha genealogía. Podría decirse que lo que su problematización busca es, de algún modo, superar el concepto de biopolítica acuñado por Foucault. En este camino, y para lo que aquí nos ocupa, nos interesa dialogar con su texto dedicado fundamental-

---

<sup>5</sup> Diccionario etimológico: [www.etimologías.dechile.net](http://www.etimologías.dechile.net). Consultado el 5 de agosto de 2020.

<sup>6</sup> Diccionario de la Real Academia Española: [www.rae.es](http://www.rae.es). Consultado el 5 de agosto de 2020

mente a la noción de Comunidad (*Communitas*. Origen y destino de la comunidad, 2012 [1998]). En este libro<sup>7</sup>, el autor piensa la comunidad desde un punto de vista genealógico, aunque advirtiendo que «la comunidad no puede traducirse al léxico filosófico-político más que a costa de una insostenible distorsión» (2012 [1998], pág. 21). En este camino, Esposito señala que, en cualquier lengua neolatina, lo que caracteriza etimológicamente al término *comunidad* es esa referencia a esa cosa que nos resulta *común* en general, es decir, que le pertenece a cualquiera. De ese modo, lo común es algo público, y por eso nunca será algo propio. Aquí es donde el autor inicia una aventura genealógica para invitarnos a pensar la *comunidad*.

Ahora bien, por lo menos en esta obra, poco habla de los clásicos antiguos, pero arremete contra la perspectiva moderna de Hobbes y Rousseau, obviamente, contraponiendo esas dos miradas. En un paso posterior, dialoga con Kant, para adicionar a la visión política, el condimento ético. Curiosamente, o estratégicamente porque al dialogar con el individualismo de la perspectiva moderna llega al punto de aniquilar lo comunitario<sup>8</sup>, cierra el ensayo de la mano de Heidegger. Es cierto, la perspectiva del ser-en-el mundo es existencialista, por lo que parecería que perdemos el punto de vista político. No obstante, es justo aquí donde podríamos hablar del elemento ontológico que hace ser a toda comunidad. En este andar por los caminos del *Dasein*, Esposito dice, el *Dasein* (en su constitución plural, es decir, ese ser perdido en el mundo de todo el mundo), «es precisamente el *ser* de la comunidad» (2012 [1998], pág. 155). Es que «la existencia sólo puede conjugarse en primera persona plural: nosotros somos» (Esposito, 2012 [1998], pág. 157). Justo por esto, Heidegger no usa la palabra humanidad, sino recurre al ser-con. Así, parece que la comunidad es un algo de cualquiera que ocupe un espacio común, y de nadie al mismo tiempo.

Lo anterior nos deja como una estela de invisibilización respecto de otras miradas en torno a la noción de comunidad. nos referimos a

---

<sup>7</sup> También puede consultarse, entre otros textos del mismo autor, *Comunidad, inmunidad y biopolítica* (Esposito, 2009), aunque en este caso es más adecuado para comprender la biopolítica más allá de Foucault.

<sup>8</sup> Aquí es donde aparece, aunque tematizado, la protección y la negación de la vida, el concepto de *inmunitas*, un tipo de inmunización comunitaria que pretende superar la noción de biopolítica foucaultiana.

las más originarias, aquellas que no están contaminadas, o que lo están en menor medida, por las hermenéuticas eurocéntricas. El trabajo de Esposito es altamente significativo, pero no deja de ser una interpretación de tipo eurocéntrica. Aquí es donde se estaría invisibilizando otras filosofías, esos modos de saber más originarios, que podrían otorgarnos una perspectiva más plural o, si se quiere, pluriversal (Dussel, *El método analéctico y la filosofía latinoamericana*, 1973). Cuando decimos plural, nos referimos tanto a las perspectivas descoloniales (Quijano, Dussel, Kusch, Mariátegui, Rodríguez, Santos, entre otras miradas contra hegemónicas), como a las eurocéntricas. En este sentido, si a las tematizaciones de Esposito le sumamos la perspectiva de Quijano (*Colonialidad y modernidad/racionalidad*, 1992), podríamos visibilizar el poder que circunda a las teorías de corte eurocéntrico. Con Dussel (*El método analéctico y la filosofía latinoamericana*, 1973), podríamos encontrar caminos hermenéuticos más pluriversales para pensar las comunidades. Lo mismo si dialogamos sobre la comunidad desde el marxismo propuesto por Mariátegui (*La tarea americana*, 2010), donde la cosmología de las poblaciones originarias, muestra que el factor económico, por sí solo, no hace a la comunidad, sino que lo importante es la armonía con la tierra. Algo similar ocurre con la obra de Kusch<sup>9</sup>, quien descubre una metodología antropológica americana, en el marco de sus tareas de campo en poblaciones originarias del altiplano boliviano. El caso de Rodríguez (*Inventamos o erramos*, 2008) es bien interesante para pensar la comunidad desde una mirada política de la educación nuestroamericana. Dejamos para el final la mención a Santos, porque la obra nos brinda un panorama epistemológico, que es justo el tópico que dialogaremos en el próximo apartado.

#### 4. *Algunos conceptos epistemológicos y metodológicos ¿feministas?*

Parece un sinsentido que en pleno siglo XXI tengamos que seguir dialogando sobre el concepto de *epistemología*. No obstante,

---

<sup>9</sup>Hemos trabajado la obra de Kusch en otros artículos, véase, entre otros (Fernández, *Construcción de la ciudadanía con perspectiva en derechos humanos: un aporte sudamericano desde la metodología geocultural de Rodolfo Kusch*, 2017)

hay que tener presente que esta es otra de las batallas que los feminismos en particular, y otros grupos a quienes se les ha venido negando su saber, vienen librando en las últimas décadas. Todos sabemos que si decimos *episteme* hacemos alusión al saber de la ciencia. Pero, también sabemos que hay múltiples modos de decir *epistemología*, sobre todo, si recurrimos a diversos libros de Santos (Descolonizar el saber, reinventar el poder, 2010). Desde su concepto de *epistemologías del sur*, lo que busca el autor es visibilizar otros modos de conocimiento (Fernández, La Declaración Universal de Derechos Humanos: una lectura pedagógica insurgente, 2018). En ese camino, Santos no niega el saber de corte eurocéntrico (Europa del Norte y EEUU), sino que pretende conciliar ese paradigma del norte global con otras formas de conocimiento más originarias y populares. Esa búsqueda contra hegemónica en torno al conocimiento que encara Santos, tiene un cercano parecido a las perspectivas epistemológicas y metodológicas de los feminismos insurgentes.

Sin desconocer los aportes realizados por las corrientes contra hegemónicas de otras latitudes del sur global, nos interesa dialogar someramente, sobre algunos aportes surgidos desde nuestra América, sobre todo, aquellos que tematizan sobre la genealogía del *patriarcado*. Esto no implica negar los significativos descubrimientos de feministas negras, que instalaron la vertiente de la *interseccionalidad* (Crenshaw, 1995) para analizar cómo se potencian las discriminaciones hacia las mujeres, según su clase social, ocupación, lugar de nacimiento, etnia, raza, etc. Como ocurre con la mayoría de las palabras que utilizamos, existen múltiples formas de comprender el concepto de *patriarcado*. Lo que todas esas teorizaciones ¿feministas? tienen en común, es que la dominación hacia las mujeres, y hacia cualquier otro modo de orientación sexual, es una de las empresas de tipo fascista, junto con el colonialismo y el capitalismo. ¿Por qué fascismos?, es que esas tres categorías (de Sousa Santos, Hacia una concepción integral de los derechos humanos, 2002) atentan violentamente contra toda forma de ser en el mundo que se aparte de la caracterización dominante masculina, es decir, eurocéntricas. Este es el caso de la noción de Lugones: la *colonialidad del género*<sup>10</sup>. En este mismo sentido, las

---

<sup>10</sup> Citada por Mendoza (La colonialidad del género y poder: De la postcolonialidad a la decolonialidad, 2019)

múltiples teorías feministas, coinciden en señalar que estamos frente a una lucha anclada en una discusión política, que nunca podremos frenar esas formas de resistencia, puesto que corremos el riesgo de perder esa batalla por la libertad (Davis, 2017). Asimismo, hay acuerdo en señalar que «la imposición del sistema de género europeo, tuvo efectos profundos sobre las relaciones entre hombres y mujeres en la Colonia, pues desató fuerzas letales contra las mujeres indígenas, las esclavas africanas y las mestizas pobres» (Mendoza, 2019, pág. 64).

En ese camino, hay autoras que identifican significativas diferencias en las relaciones de poder entre hombre y mujeres del período prehispánico. Este es el caso de Aura Cumes (Cosmovisión maya y patriarcado: una aproximación en clave crítica, 2017), quien realiza una hermenéutica de *Popol Wuj* o *Libro de consejos*, según la traducción castellana. Lo que le interesa a la autora es analizar y reconstruir las relaciones entre hombres y mujeres en la cosmovisión maya, a través del concepto de *winaq*. Palabra que, según Cumes, indica *gente o persona*, y que está lejos de decir *hombre*, tal como lo hiciera la antigua traducción castellana. Cumes señala que, si bien el hombre maya ocupaba lugares de poder gubernamental, fundamentalmente, desde los aspectos vinculados a hacer la guerra por territorios, las mujeres mayas podían disponer de su cuerpo, vida, trabajo, diálogo y poder político (que también incluía la posibilidad de ocupar filas en la empresa guerrera), etc. Es que la estructura de esa sociedad basaba su organización en un sistema de relaciones de complementariedad<sup>11</sup>. Sin embargo, tras la conquista territorial de nuestra América, «El patriarcado colonial despojó sistemáticamente a las familias indígenas y a los pueblos mismos mientras instauraba un estilo de vida, en donde no era posible la paridad entre hombres y mujeres» (Cumes, 2017, págs. 81-82).

Con todo, y aunque hay mucho material al respecto, la paridad de género en las cosmovisiones de las poblaciones originarias ha sido tematizada en los años setenta del siglo pasado, por Rodolfo Kusch<sup>12</sup>. Su obra nos deja una estructura metodológica particular

---

<sup>11</sup> Esto también lo narra Rigoberta Menchú en la mayoría de sus discursos.

<sup>12</sup> La obra de Rodolfo Kusch es amplia, aunque recurrentemente compara las formas de pensar popular e indígena, con la tradición eurocéntrica. Estas comparaciones buscan destacar el saber de la América Profunda, como conjunto de saberes negados.

(Kusch, Esbozo de una antropología filosófica americana, 1978), en la que no hay un sujeto de conocimiento y un objeto de estudio, sino más bien la participación de dos sujetos: quien investiga y quien hace de informante. En la mayoría de sus libros se encuentran anécdotas sobre sus investigaciones, muy significativas para visibilizar las lógicas de pensamiento ancestral. Lo que aquí nos interesa destacar es su caracterización de los cinco signos de Viracocha, que hacen a la cosmología andina: maestro, riqueza, *Tunupa* (algo así como un demiurgo, que representa la vinculación entre Viracocha y el mundo, dado que éste no puede crearse solo), círculo y dualidad. Entre estos signos, nos interesa particularmente el que hace a la *dualidad* entre hombre y mujer. Se trata del tercer signo, es que «Viracocha, en tanto inteligencia pura, enseñanza y magisterio divino, tenía otra característica muy importante a la cual, en cierta manera, se subordinaba. Consistía ella en que Viracocha era a la vez *varón y mujer*<sup>13</sup>» (Kusch, América profunda, 1962, pág. 30). La *dualidad* también refiere a abuelos y abuelas, y a la bisexualidad de Viracocha. Estas interpretaciones se corresponden con el análisis del manuscrito (algo así como una fórmula ritual escrita en quechua) del indio Joan Santa Cruz Pachacuti, donde se visualiza el esbozo del altar de Coricancha del Cuzco.

Segato (Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos, 2010), sostiene acertadamente que el patriarcado es una de las estructuras elementales de la violencia, y pone al Estado como responsable de esos crímenes. No obstante, la autora también considera que se trata de una categoría ancestral, es decir, propia de las comunidades originarias, y basa su tesis en la idea de que hubo patriarcados de baja identidad (los ancestrales), y otros más radicales (los de la conquista). No obstante, desde una interpretación basada en las cosmologías originarias de nuestra América, aquí vamos a considerar que el patriarcado, lejos de ser una regularidad en las mentalidades de las poblaciones originarias, es un modo de dominación ideado durante la modernidad eurocéntrica. En efecto, el invento de la acusación de brujería como modalidad de condena hacia el modo de curar, es decir, de ejercer un tipo de medicina de

---

<sup>13</sup> El destacado corresponde al original

las mujeres medievales, es la tesis central de Federici (*Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*, 2015). Así, en el camino hacia la reconfiguración del orden social medieval del feudalismo, cuando ya se presagiaba la nueva era capitalista, se emprende la batalla contra los populares grupos heréticos y también hacia las mujeres. La autora lo dice así:

Realizar una lectura de la “transición” desde el punto de vista de la lucha anti-feudal de la Edad Media, nos ayuda también a reconstruir las dinámicas sociales que subyacían en el fondo de los cercamientos ingleses y de la Conquista de América; nos ayudan, sobre todo, a desenterrar algunas de las razones porque en los siglos XVI y XVII el exterminio de “brujas” y la extensión del control estatal a cualquier aspecto de la reproducción, se convirtieron en la piedras angulares de la acumulación originaria (Federici, 2015, pág. 37)

Es cierto, la tesis de la *guerra contra las mujeres* (Segato, 2017) puede comprenderse como la primera estructura de la violencia, puesto que remite a un tipo de dominación patriarcal basada en un mandato específico: *la violación* (Segato, *Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*, 2010). Se trata de una conflagración de género puesto que, aunque principalmente destruye los cuerpos de las mujeres, también ataca a cualquier otra orientación sexual que se presente por fuera del modelo masculino eurocéntrico. La otra apuesta muy interesante de Segato (2018) son las *contra-pedagogías de la crueldad*. Según dice la autora, se trata de: «actos y prácticas que enseñan, habitúan y programan a los sujetos a transmutar lo vivo y su vitalidad en cosas» (2018, pág. 11).

En suma, el patriarcado es una empresa de dominación de tipo fascista, junto con el colonialismo y el capitalismo. No obstante, parecería quedar claro que es necesario revisar las cosmovisiones o mitos de origen de las poblaciones originarias, puesto que la mayoría de ellas están basadas en una relación de complementariedad entre hombres, mujeres, niños, niñas y otras orientaciones sexuales, aunque es cierto que estos modos de ver el mundo se fueron contaminando de la mano del conquistador, con las hegemonías patriarcales de la colonialidad en todas sus versiones: *poder, género, saber y ser*. Versiones de la colonialidad que afectan a hombres y mujeres, y a cualquier integrante de cualquier sociedad, porque en el fondo, la

colonialidad trata sobre guerras políticas, económicas, sociales y culturales, nacidas desde esa empresa que Dussel (16 tesis de economía política. Interpretación filosófica, 2014) llama: *ego conquiro*.

### 5. *A modo de telón o cierre abierto*

La vida en general y la vida de la academia en particular, sigue atada al proyecto del *ego conquiro*. Es que la estructura de la Universidad, en todos sus aspectos, y aún con el extenso caudal crítico de las últimas décadas, continúa siendo una organización eurocéntrica. Desde los planes de estudio, hasta las estructuras de la gestión, la Universidad del siglo XXI sigue atada a todas las versiones del colonialismo: *género* (dominación masculina), *poder* (política y economía), *saber* (epistemología) y *ser* (subjetividades). De este modo, llamemos como llamemos al proyecto pedagógico, entendido como eje de dominación global eurocéntrica, que nace con la modernidad ilustrada gracias a la empresa de la conquista, es claro que estamos frente a un proyecto epistémico que ha atravesado los modos de comprender el mundo desde miradas culturales, económicas y políticas. Proyecto de dominación global o imperial, si se quiere tecnológico, que es preciso seguir reconstruyendo, discutiendo y desarmando. No hay modo de comprender los fascismos de la colonialidad, el patriarcado y el capitalismo, sin diagramar proyectos de vida pluriversales.

Desde este lugar, diremos que no existe una tal *deuda de los hombres para con las mujeres*, porque el patriarcado es un tipo de fascismo que atenta contra la vida de mujeres y hombres de cualquier etnia, raza, posición social o intelectual, ideología política, orientación sexual, etc. Desde aquí es que nos parece adecuado señalar que el patriarcado basa su organización en una pedagogía cruel, que se estructura en un proyecto político que no es nuestroamericano, sino que pertenece a los imperios eurocéntricos. Por ello, tal como señala Mignolo «tomar en serio la pluriversalidad, y no solo enunciarla, es saber y poder pensar, vivir y hacer de una manera otra. Esto es lo que intentamos hacer y espero lo estemos haciendo» (Des/colonizar la universidad, 2015, pág. 12).

En este marco, tanto las perspectivas destructivas hacia lo político que proponen autores como Žižek, como las miradas libe-

radoras que propone Dussel, son criticables (Castro Gómez, 2015). En el primer caso, desde una interpretación lacaniana de la política del siglo XXI, apuesta a una defensa a ultranza de la ideología de izquierda, que nos enseña que ya no hay sujeto de la revolución. En ese camino, Žižek inicia un nuevo fascismo: el de una nueva izquierda que aplaste todo indicio del proyecto capitalista, por considerar que el problema político de la hegemonía, nace de una falla en el proceso de subjetivación que surge de un vacío ontológico en la constitución de cualquier sujeto. En el otro caso, su mirada sobre el *mandar obedeciendo* como un compromiso de la *potestas* (instituciones políticas), puede concluir en otro fascismo, el de la *potentia* (voluntad originaria de la comunidad o voluntad popular). Es que para Dussel, lo primordial es lograr que la *potentia* se transforme en *potestas*, es decir, que el Estado se constituya a partir de dos mecanismos políticos: la hegemonía y la delegación, anclados en estrictos criterios normativos (Castro Gómez, 2015, pág. 347). En este sentido, la propuesta de Dussel, aunque situada en nuestra América, es similar a la de Gramsci, quien apuesta a que el proletariado llegue a ocupar el poder Estatal, a partir de la construcción de una nueva hegemonía: la del bloque histórico de la ideología de las clases populares. Es que, para Dussel «la universalidad de la política *no es en sí misma política* sino que depende de la ética, es decir, que vienen marcada por el cumplimiento de unos principios universales que no dependen de la política real» (Castro Gómez, 2015, pág. 349)<sup>14</sup>

Lo que proponemos es inventar-instalar una pedagogía insurgente que nos permita desterrar la crueldad pedagógica que ha caracterizado históricamente a la esfera educativa. Es que, tanto el patriarcado, como el colonialismo y el capitalismo, son empresas imperialistas que precisan deconstruirse o destruirse. Derribar esas estructuras fascistas, no implica exterminarlas mediante la imposición de una nueva hegemonía, porque el espíritu de lo político (Mouffe) o de la política (Rancière), son espacios de diálogo necesarios para evitar los fascismos (totalitarismos) sean estos de izquierda o de derecha. En ese sentido, la dinámica ético-política que proponen las epistemologías del sur parecen ser constructos pluriversales, puesto que no pretenden derribar lo existente, sino que buscan integrar lo ancestral,

---

<sup>14</sup> El destacado corresponde al original.

con lo moderno y con lo actual. Esto sería como pensar varias comunidades implicadas entre sí, sin necesidad de negar a ninguna. Cómo pensar los medios para arribar a esa pluricomunidad, es decir, esa es una apuesta ético-política que implica la participación activa de todas, todos y *todes*. Este es el punto donde tendríamos que volver al principio de este artículo, pare repensar los factores epistemológicos, junto con los políticos, económicos y culturales, esto es, pensar lo pluriversal, si se quiere, desde la propuesta *analéctica* de Dussel (Fernández, *Inteligencia Sentiente: ¿Una teoría sobre la enseñabilidad de los derechos humanos?*, 2019): un lugar de diálogo en el que todos los pensamientos sean escuchados y dialogados, un contexto en el que nos dejemos interpelar por la voz de la otredad.

### *Referencias bibliográficas*

- BOBBIO, N. (1985). *Estado, gobierno y sociedad. Por una teoría general de la política*. México: Fondo de Cultura Económica.
- CASTRO GÓMEZ, S. (2015). *Revoluciones sin sujeto. Salvoj Žižek y la crítica del historicismo posmoderno*. Ciudad de México: Akal.
- CRENSHAW, K. (1995). Cartografiando los márgenes. interseccionalidad, políticas identitarias, y violencia contra las mujeres de color. En *Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada* (págs. 87-122). s/d: s/d.
- CUMES, A. (2017). Cosmovisión maya y patriarcado: una aproximación en clave crítica. En K. (. Ochoa Muñoz, *Miradas en torno al problema colonial. Pensamiento anticolonial y feminismos descoloniales en los sures globales* (págs. 73-90). México: Akal.
- DAVIS, Á. (2017). *La libertad es una batalla constante*. Madrid: Capitán Swing.
- DE SOUSA SANTOS, B. (2002). Hacia una concepción integral de los derechos humanos. *El otro derecho - N°28*, 59-84.
- DE SOUSA SANTOS, B. (2010). *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montevideo: TRILCE.
- DE SOUSA SANTOS, B. (2011). Epistemología del sur. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, 17-39.
- DUSSEL, E. (1973). El método analéctico y la filosofía latinoamericana. *Nuevo Mundo Tomo 3 N°1 Enero-Junio*, 116-135.

- DUSSEL, E. (2014). *16 tesis de economía política. Interpretación filosófica*. México Ciudad: Siglo XXI.
- ESPOSITO, R. (2009). *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Barcelona: Herder.
- ESPOSITO, R. (2012 [1998]). *Communitas. Origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- FEDERICI, S. (2015). *Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*. Buenos Aires: Tinta y limón.
- FERNÁNDEZ, M. (2017). Construcción de la ciudadanía con perspectiva en derechos humanos: un aporte sudamericano desde la metodología geocultural de Rodolfo Kusch. *IXTLI: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 145-164.
- FERNÁNDEZ, M. (2018). La Declaración Universal de Derechos Humanos: una lectura pedagógica insurgente . En A. M. (Editores), *Pedagogía y Didáctica de la Declaración Universal de los Derechos Humanos a setenta años de su promulgación (1948-2018)* (págs. 156-173). Santiago de Chile: UNESCO Chile.
- FERNÁNDEZ, M. (2019). *Inteligencia Sentiente: ¿Una teoría sobre la enseñabilidad de los derechos humanos?* Buenos Aires: Dunken.
- KUSCH, R. (1962). *América profunda*. Buenos Aires: Hachette.
- KUSCH, R. (1978). *Esbozo de una antropología filosófica americana*. Buenos Aires: Castañeda.
- LACLAU, E. Y. (2004 [1985]). *Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- MARIÁTEGUI, J. C. (2010). *La tarea americana*. Buenos Aires: Prometeo.
- MENDOZA, B. (2019). La colonialidad del género y poder: De la postcolonialidad a la decolonialidad. En K. (. Ochoa Mu{oz, *Miradas en torno al problema colonial. Pensamiento anticolonial y feminismos decoloniales en los sures globales* (págs. 35-72). México: Akal.
- MOUFFE, C. (2000). *La paradoja democrática. el peligro del consenso en la política contemporánea*. Buenos Aires: gedisa.
- MOUFFE, C. (2014). *Agonística. Pensar el mundo políticamente*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- MOUFFE, C. (2016 [1999]). *El retorno de lo político. Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical*. Barcelona: Pídots.
- PALERMO, Z. (. (2015). *Des/colonizar la universidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.

- QUIJANO, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena (Volumen 13 N° 29)*, 11-20.
- QUIJANO, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En E. (. Ladner, *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (págs. 201-246). Buenos Aires: CLACSO/UNESCO.
- RANCIÈRE, J. (2006 [1998]). *Política, policía, democracia*. Santiago de Chile: LOM.
- RANCIÈRE, J. (2012 [2006]). *El odio a la democracia*. Madrid: Amorrortu.
- RANCIERE, J. (2012). *El descuerdo. Política y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- RODRÍGUEZ, S. (2008). *Inventamos o erramos*. Caracas: Monteavila.
- SEGATO, R. (2010). *Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. buenos Aires: prometeo.
- SEGATO, R. (2017). *La guerra contra las mujeres*. Madrid: traficantes de sueños - tinta y limón.
- SEGATO, R. (2018). *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: prometeo.

# Las Feministas estamos tomando el Cielo por Asalto

*Yesica Yanina Leyes Navarro  
Seyla Jacqueline Riera Bauer*

**Resumen:** El presente trabajo pretende aportar al debate sobre el Movimiento Feminista como el Sujeto revolucionario del momento actual, entendiendo que nos encontramos transitando una crisis orgánica del capital, escenario que abre una oportunidad a las clases subalternas de dar el “Asalto al Cielo”. Finalmente, se proponen líneas de acción para seguir construyendo un feminismo revolucionario, negro, decolonial, antipatriarcal hacia una sociedad justa y de iguales.

**Palabras Claves:** Sujeto revolucionario, revolución, feminismo, crisis orgánica, capitalismo, Materialismo Histórico Dialéctico.

## *1. Introducción*

Asistimos a una crisis orgánica del sistema capitalista, marcada por profundas transformaciones en todos los ámbitos de la realidad social. El desarrollo de las fuerzas productivas y la acumulación de la riqueza socialmente producida en magnitudes nunca observadas, marcan la significación histórica de la coyuntura que transitamos.

La necesidad de analizar estas transformaciones a través del método del materialismo histórico dialéctico supone una de las principales tareas de las organizaciones revolucionarias, que nos permita el diseño de una estrategia para la liberación de las clases históricamente explotadas.

Bajo esta perspectiva, el presente trabajo es producto del debate colectivo teórico-práctico de compañeras feministas y tiene por objetivo aportar a la discusión sobre el análisis de la situación actual,

el estudio de las condiciones objetivas y subjetivas que establecen en este momento histórico que el feminismo se asuma como el sujeto de la revolución de las clases subalternas.

Poder ver más allá de los acontecimientos sociales que la ciencia burguesa nos presenta como aislados, constituye hoy un factor fundamental para su transformación y para la construcción de una sociedad de iguales.

Convencidos de predisponer nuestras cuerpos y nuestras mentes para la batalla convertiremos, como plantea Marx (2008), las armas de la crítica, en la crítica de las armas, y atacaremos de raíz el problema que nos concierne.

## *2. El mundo en el que nos encontramos dando las luchas*

El desarrollo de las contradicciones al interior del sistema capitalista ha llegado a expresar las condiciones para afirmar que nos encontramos transitando un momento de crisis orgánica<sup>1</sup>, con la posibilidad de desarrollo de una nueva fase del sistema, a la que se denomina Digitalización de la Economía del capitalismo financiero transnacional, o según Dowbor (2018), la era del capital improductivo. Desde la crisis financiera del 2008, las élites dominantes de las redes financieras corporativas fueron invirtiendo miles de millones de dólares en la digitalización absoluta del capitalismo, siendo unas de las vías donde coloca el excedente de su capital acumulado en un concentrado sistema financiero (Caciabue, 2019).

Como el gran objetivo del sistema es la apropiación de riquezas, y que para ello es necesario achicar los tiempos sociales de producción, se aceleró el proceso denominado 4° Revolución Industrial o Tecnológica, basado en la digitalización de la economía, con la incorporación de internet de las cosas, inteligencia artificial,

---

<sup>1</sup> Crisis Orgánica: es una resultante de la reproducción ampliada con cambio en la composición orgánica de los capitales. Esto genera una relajación de los vínculos entre la estructura y superestructura, una inestabilidad del sistema desde lo económico, político y social. Genera una ruptura en el escenario de hegemonía (Gramsci, 2004).

robotización-automatización, bio y nanotecnología, big data, 5G, impresoras 3D, etc., que están generando una transformación radical de la sociedad (Giménez, 2019).

Los cambios en la estructura económica se acompañan de cambios en la superestructura social, haciendo aparecer nuevas personificaciones sociales que disputan en los nuevos escenarios. Se observa así la conformación de una nueva Aristocracia Financiera<sup>2</sup> Global y Tecnológica, que utiliza la virtualidad como una nueva forma de mediación de las relaciones sociales de producción. Es esta aristocracia la que vimos enriquecerse exponencialmente con la irrupción de la pandemia del COVID-19, fenómeno mundial que aceleró las transformaciones económicas y las formas de relacionarnos en la vida cotidiana a través de la virtualidad. “En un mundo donde las grandes empresas tecnológicas que lo controlan y desarrollan la tecnología, nos permiten navegar desde nuestra casa. El virus, en tres meses, nos condujo a adoptar procesos que hubieran necesitado 15 años” (Illouz en Febbro, 2020).

### *3. Cambios económicos y condiciones objetivas para el feminismo*

El sistema comenzó a modificar los procesos de producción anteriores, para lograr imponer tiempos sociales de producción cada vez más reducidos. Dichas modificaciones estructurales están generando una *superproducción de la mercancía fuerza de trabajo* (Giménez, 2020).

En primer lugar, vemos que la reproducción de la mercancía fuerza de trabajo, supone la producción de la clase trabajadora en su conjunto, como clase expropiada de los medios de producción. Por lo tanto, se encuentra obligada a vender su fuerza de trabajo. El proceso de esta venta toma la forma T (fuerza de trabajo)-D (dinero)-M (mercancía). Retomando a Marx:

---

<sup>2</sup> La aristocracia financiera es la capa de la burguesía financiera con la capacidad monopólica de control de la riqueza, de ejercicio de poder social y material sobre el resto de la oligarquía financiera (surgida genéricamente de la fusión del capital bancario e industrial) y el resto de la sociedad, con la meta de afianzar su hegemonía económica, política e ideológico-cultural (Asborno, 1993 en Giménez, 2019).

*“D – T es la compra de la fuerza de trabajo por el capitalista y la venta de la fuerza de trabajo –aquí, podemos decir la venta del trabajo, puesto que se presupone la forma del salario– por el obrero que la aporta. Lo que es para el comprador  $D - M (= D - T)$  es aquí, como en toda compra, para el vendedor (para el obrero)  $T - D (= M - D)$ , la venta de su fuerza de trabajo. Es la primera fase de la circulación o primera metamorfosis de la mercancía (libro I, cap. III, 2 a) [pp. 64 ss. ]; es, por parte del vendedor del trabajo, la conversión de su mercancía en la forma–dinero. El dinero así obtenido lo va invirtiendo el obrero, poco a poco, en una suma de mercancías destinadas a satisfacer sus necesidades, en artículos de consumo. Por tanto, la circulación global de su mercancía reviste la fórmula  $T - D - M$ ; es decir, en primer lugar  $T - D (= M - D)$  y en segundo lugar  $D - M$ ; o sea, la forma general de la circulación simple de mercancías  $M - D - M$ , en la que el dinero figura como simple medio transitorio de circulación, como mero intermediario en el cambio de una mercancía por otra”. Es en este proceso donde se contempla la producción y reproducción de la mano de obra como condición fundamental para el sostenimiento del sistema capitalista. (Marx, 1885, p. 23)*

El objetivo del Capital es la apropiación de plusvalía<sup>3</sup> social. Para aumentar el proceso de acumulación capitalista, se debe aumentar de manera progresiva la productividad del trabajo y disminuir los tiempos sociales de producción. Esto trae consigo la necesidad de una mayor inversión en capital constante<sup>4</sup> (en adelante Kc), que en capital variable<sup>5</sup> (en adelante Kv), con sus respectivos cambios en la composición orgánica. El resultado de este proceso es una disminución progresiva de la proporción invertida en Kv con respecto a la de Kc, y con esto, la disminución relativa de la fuerza de trabajo puesta en funcionamiento para una determinada magnitud de medios de producción. Es a partir de este proceso que se observa la formación de una población obrera sobrante.

<sup>3</sup> Plusvalía: Tiempo de trabajo presente NO remunerado. Diferencia del costo de la producción de valor, y la suma de valor producida (Marx, 1983).

<sup>4</sup> Capital Constante: es el tiempo de trabajo pasado. Son los elementos materiales que intervienen en el proceso producción. Pueden ser fijos (se consumen parcialmente en el ciclo productivo, ej: máquinas), o circulantes (se consumen completos, ej: materias primas) (Marx, 1983).

<sup>5</sup> Capital Variable: Tiempo de trabajo presente. Son los elementos subjetivos que intervienen en el proceso productivo. Les obreros. (Marx, 1983).

Como evidencia de esto, el número de trabajadores que quedan sin posibilidad de incorporarse al proceso productivo ha alcanzado proporciones elevadas. Según la OIT (2020), la fuerza de trabajo a nivel mundial que se encuentra ocupada hoy es de 3.300 millones de personas, de las cuales 2.000 millones corresponden a trabajo informal y 1.300 millones se encuentran en relación de dependencia, lo que equivale al 61% de la población activa mundial. Si se comparan estos datos con los aproximadamente 8.000 millones de personas que constituyen la población mundial total, es notoria la magnitud del ejército de reserva que el capital ha construido.

Ante esta situación, el capital necesita accionar para seguir asegurando la maximización de sus ganancias a costa de la clase trabajadora, ya que la única mercancía que genera valor es la fuerza de trabajo. Para cumplir dicho objetivo, el capital encuentra como una de las principales salidas, la *restricción de la función de reproducción de la fuerza de trabajo*, como mecanismo de ampliación de la explotación del capital (Giménez, 2020).

Mediante diferentes mecanismos, el capitalista intenta reducir el valor de la fuerza de trabajo, por lo que la media de los salarios percibidos por la totalidad de la clase trabajadora tiende siempre a la mínima. Como ya hemos planteado, el objetivo fundamental del capital es la producción de plusvalía y la acumulación de riqueza socialmente producida, por lo que permanentemente pretende la reducción del salario y por ende, el aumento de la tasa de explotación sobre los trabajadores.

A través de la comparación de la relación entre los costos de los medios de vida (canasta básica familiar) y de los salarios, es posible establecer una tendencia en la disminución de la renta que perciben los trabajadores, que en gran parte podría explicarse por la restricción de la función de reproducción de la fuerza de trabajo. El salario alcanzaría entonces solo para garantizar la conservación del trabajador o la trabajadora individual y no para su reproducción.

En este sentido, el Informe Mundial sobre Salarios 2018/19 de la OIT, un estudio realizado en 136 países constata que en términos reales (ajustados a la inflación) el crecimiento se desaceleró: pasó de 2,4% en 2016 a 1,8% en 2017. En los países avanzados del G20, el crecimiento real del salario disminuyó de 0,9% en 2016 a 0,4% en 2017.

Por lo tanto, en la fase actual, el capital, por la inversión en tecnología, ya no necesita la reproducción masiva de la mercancía fuer-

za de trabajo, ampliando el ejército de reserva por un lado, y aumentando el nivel de explotación -extracción de plusvalía- de quienes trabajan, por el otro. Entonces, sobran trabajadores, y a su vez, les que quedan son más explotados que cualquier otro de fases anteriores. La capacidad del capital de reemplazar la fuerza de trabajo por otros mecanismos, desata la crisis de las relaciones de producción constituidas en la producción y reproducción de la mano de obra.

Un fenómeno que demuestra este proceso es la disminución de la tasa de natalidad a nivel global. La procreación como mecanismo de reposición de la fuerza de trabajo ha perdido relevancia. Teniendo en cuenta como tasa de Natalidad a los nacidos vivos en un año (por cada 1.000 personas), en 1963 se alcanzó un pico máximo de 36,05 nacimientos. La tasa ha ido descendiendo con el correr de los años, como consecuencia de los cambios de paradigmas productivos, llegando a 2018 con un total de 18,17 nacidos vivos, es decir, una reducción aproximada del 50% (Informe Banco Mundial, 2020).

De esta manera, toda la estructura social erigida para la producción de la mano de obra entra en crisis con el desarrollo de las fuerzas productivas; parte fundamental de esa estructura social es *la familia*. Tal como plantea Engels (1884) la familia burguesa es la célula del sistema, la cual es históricamente determinada. Señala que la familia monogámica se funda en el predominio del hombre; su fin expreso es el de procrear hijos cuya paternidad sea indiscutible, y que los mismos, en calidad de herederos directos, han de entrar un día en posesión de los bienes de su padre. En otras palabras, y como plantea Federici (2015), la familia se convierte en un pequeño centro de reproducción para la fuerza de trabajo. Aquí la mujer adquiere el rol de reproductora, donde es la “obrero” encargada de reproducir la mano de obra, donde su vientre es el capital constante, y el hombre es el capitalista burgués que ejerce la dominación sobre ella, considerada como su propiedad privada.

Se genera así una división social del trabajo en el núcleo familiar, donde el varón es quien debe traer el “pan” al hogar, y la mujer de garantizar la reproducción de la especie, las condiciones en el hogar, la educación de los hijos. Es así que de esta manera nuestro trabajo queda invisibilizado y es llamado “amor”. Esta división del trabajo en el sistema hace que las mujeres dependamos económicamente del hombre, lo que a su vez trae consecuencias perversas en la forma en que se relacionan hombres y mujeres, dentro y fuera de

la familia; es aquí donde podemos situar el origen de la violencia que sufrimos las mujeres (Federici, 2015).

En la actualidad, es posible observar que entra en crisis el rol de la mujer, como *productora y reproductora* de mano de obra, comenzamos a profundizar los cuestionamientos sobre el rol históricamente asignado al interior del hogar, y a su vez, se puede percibir la descomposición de la familia como célula reproductiva del sistema. Del mismo modo, se ven profundamente afectadas las instituciones educativas, que disciplinan la fuerza laboral de acuerdo a las necesidades del capital.

Las mujeres hemos sido históricamente sometidas a una doble explotación en el sistema capitalista: primero, al interior de la familia como reproductora de la fuerza de trabajo y desarrollando los trabajos de cuidados, sin remuneración alguna (se podría decir que, en un momento industrial anterior, el salario del obrero, debía ser también para garantizar la subsistencia y reproducción de mano de obra, es decir, la familia); y segundo, al ser introducida al proceso de producción fuera del hogar, donde realizamos el mismo trabajo que los varones pero no percibimos el mismo salario.

Por lo tanto, las mujeres además de ser trabajadoras asalariadas, llevamos adelante el trabajo al interior del hogar, no reconocido como tal, y por lo tanto no remunerado. Esta condición trae como consecuencia una mayor probabilidad de dedicarse a actividades de baja productividad, quedando relegadas al sector informal, con menores probabilidades de acceso al trabajo formal que los varones. Según el informe de la OIT (2019), las mujeres cobran un 25% menos que los varones. A la mujer se le dificulta aún más conseguir trabajo y la estadística es clara: la tasa de ocupación de los varones es del 64% contra el 44% de las mujeres. Incorporando el análisis dentro de América Latina, las mujeres ganan 17% menos ingresos por hora que los varones y pese al aumento de su participación laboral “las brechas de género constituyen una de las formas de desigualdad”.

Además, con la digitalización de la economía, se abre la puerta a *una tercera categoría de explotación*, donde la mujer no solo debe realizar las dos funciones antes expuestas, sino que también debe incorporarse en nuevas formas de trabajo, de manera remota, a través de plataformas virtuales o de redes sociales, donde deben tener empleos simultáneos para poder sobrevivir, en donde los dispositivos móviles pasan a ser los nuevos medios de producción.

El capital hoy opera sobre el capital constante de la fuerza de trabajo, es decir, el *cuero* de la mujer ya que somos quienes desarrollamos la función de producción y reproducción de la fuerza de trabajo, siendo el segmento más oprimido de la clase trabajadora.

#### *4. El Movimiento Feminista como Sujeto Revolucionario*

El desarrollo anterior, constituye la base de lo que denominamos las condiciones materiales históricas que nos permiten afirmar que el feminismo, la mujer proletaria, posee las condiciones para constituirse como sujeto revolucionario, con capacidad para transformar el sistema y romper con el orden establecido.

Según Balvé (1991), de la relación social fundamental (capital-trabajo), emerge el sujeto histórico (clase obrera) y de la contradicción principal, emerge el sujeto revolucionario, el cual es específico para cada formación histórica, económica y social. En relación al sujeto revolucionario, afirma:

Es aquel segmento de la clase obrera capaz de acaudillar al resto de los segmentos, dándole cohesión, dirección y permanencia al proceso de formación de la clase obrera como clase social y que se postula como clase dirigente en una alianza de clase favorable a su interés estratégico. (Balvé, 1991, p. 29)

El movimiento feminista, en su composición heterogénea, demuestra en sus luchas su capacidad de transformar y romper con el statu quo. Este aspecto es observable también en la capacidad de incorporar los intereses de otros segmentos a través de sus iniciativas.

El movimiento feminista hoy se constituye como la fracción con capacidad de acaudillar a otras fracciones de la sociedad, cuestionando las bases mismas de las injusticias generales. Lo vemos en sus consignas, en sus formas organizativas y en sus valores; que no son nuevos, sino que son producto de cientos de años de historia pero que se reconfiguran en base a las condiciones de la etapa histórica que acontece.

Vemos en su programa múltiples posicionamientos: en contra del Patriarcado como sistema opresor; por la eliminación de la violencia machista; denuncias y visibilización de la lucha por los casos de femicidios que, en el caso particular de Argentina, desde el inicio

del 2020 al 3 de agosto del mismo año, se han contabilizado 178 casos de femicidios (Observatorio Ahora Que Si Nos Ven, 2020); por el derecho a la interrupción voluntaria del embarazo; por la igualdad salarial entre el hombre y la mujer; por la participación política de la mujer. También una fracción del movimiento se pronuncia anticapitalista y antimperalista, lo cual evidencia la claridad sobre la caracterización del enemigo, ya que el sistema es la base estructural de la opresión de la mujer proletaria.

En estos últimos años hemos podido ver su capacidad de organización y movilización masiva. Por citar algunos ejemplos en Argentina, la marcha de “Ni una menos” (2015), el primer paro a Mauricio Macri en Argentina (2016), el #MiraComoNosPonemos y #YoTeCreoHermana, dando a luz una etapa de denuncias y escraches públicos por situaciones de violencia sexual (2017), el Primer Paro Internacional de Mujeres (2017), la performance “El violador eres tú”, que surge desde Chile – y se reproduce en múltiples países a lo largo del mundo – (2019), la Marcha del 8M en Chile (2020). Como así también las masivas movilizaciones en Argentina y el mundo exigiendo el derecho a la interrupción legal y voluntaria del embarazo, que pinta de verdes las calles con miles y miles de pañuelos, símbolo de lucha histórica de nuestras Abuelas y Madres de Plaza de Mayo.

Hoy podemos observar que el paro es uno de los principales métodos de lucha del movimiento feminista, lo cual es un indicio de que las mujeres en el mundo nos reconocemos como trabajadoras, como parte de la clase oprimida y asumimos la iniciativa. El movimiento feminista está siendo el único que tiene la capacidad de manifestarse a nivel mundial, coincidiendo en las consignas y universalizando la lucha. A su vez, podemos destacar como las luchas que surgen en nuestros territorios locales luego adquieren impacto global ya que utilizamos las redes sociales como medios para encontrarnos, generar organización y construir poder.

Desde los feminismos hemos construido redes de organización con características que resultan flexibles y superadoras de las formas tradicionales. Por ejemplo, hace años existen redes de acompañamiento para realizar la interrupción voluntaria del embarazo, la cual se lleva cabo de manera clandestina, como así también redes de acompañamiento a víctimas de violencia. Esto supone formas de organización basadas en las nuevas relaciones sociales mediadas por la sororidad como valor, que viene a ser la base de los lazos que desar-

rollamos al interior de los feminismos, que se materializa en la acción de sentirnos hermanadas en la lucha contra las desigualdades.

La sororidad irrumpe en el lenguaje, revoluciona para poder nombrar una dimensión de las relaciones que están fuera del sistema. Es un término que va más allá del debate lingüístico y supone un salto del feminismo más teórico -*sisterhood* es una palabra nacida desde el feminismo estadounidense de los 70, o sororité, su equivalente francés- a una consigna que se expande y hacen propia millones de mujeres en el mundo (Sen, 2016). El sentimiento de hermandad entre mujeres no es un fin en sí mismo, sino un medio para lograr la transformación social. Es una dimensión ética, política y práctica del feminismo actual, desde donde eliminar todas las formas históricas de opresión (Lagarde en Sen, 2016). Es conciencia de pertenecer al colectivo, a la clase oprimida, es el tejido que sostiene la organización y nos enlaza para la lucha.

La desobediencia es otro indicador que se observa y que es una referencia al incumplimiento de cierta relación social, desplazándola por el establecimiento de otra diferente. Como ejemplo de esto vemos cuestionamientos y ataques a las instituciones tradicionales: familia, Estado, educación, gremios, partidos políticos, justicia, iglesia, organizaciones sociales, estereotipos de mujer, y todo lo que represente una autoridad, poniendo en cuestión los privilegios del hombre y el sistema en general. En este sentido se pueden observar fracciones más radicalizadas que otras.

Como mencionamos anteriormente, la composición del movimiento es heterogénea en cuanto a los intereses representados en su interior. Encontramos trabajadoras sindicalizadas, jóvenes que participan de organizaciones tradicionales, ONG's, movimientos sociales. Muchas se perciben y definen como autoconvocadas, cuyo espacio de militancia es el territorio virtual, es decir, se organizan y son organizadas en las redes sociales, y contribuyen a la realización de poder en la calle. Aquí también incorporamos a las diversidades. Cada una de las fracciones que constituyen ese movimiento posee intereses particulares y formas de organizaciones muy distintas, pero que logran confluir en las consignas centrales.

Desafíos en la construcción de feminismos revolucionarios.

A lo largo de la historia de la lucha de clases el capital ha intentado cooptar al movimiento feminista, usurpando y adueñándose de sus banderas de luchas históricas. Hoy nos encontramos nue-

vamente con esta disputa, donde las diversas corrientes al interior del mismo luchan por imponer su visión (su fin), poniendo de manifiesto cómo se expresa la contradicción principal. Es por ello que se hace necesario, tal como plantea Abril García Mur (2019), disputar el sentido de los feminismos como parte trascendental de la tarea de interpelar a las masas.

Marín (2009) plantea que el carácter revolucionario no puede estar “supeditado espontáneamente a la direccionalidad del proceso mismo de los enfrentamientos, pues inicialmente, la conducción de la lucha de clases, de sus enfrentamientos, está en el campo de la lucha dominante”. Y es justamente allí donde se nos plantea el desafío de la disputa por la construcción del movimiento, donde el capital claramente busca imponer su interés. De esto se desprende que es posible identificar expresiones reformistas y revolucionarias.

Resulta fundamental comprender entonces que el feminismo será revolucionario o no será. Debemos seguir construyendo un movimiento feminista plural, popular, negro, decolonial, proletario; que reivindique las luchas históricas de las mujeres, de las diversidades y de los pueblos oprimidos. Que rompa con lo establecido, atacando de raíz la propiedad privada del hombre sobre la mujer, y, por lo tanto, la familia como célula reproductora del sistema. En este proceso, debemos seguir solidarizándonos e incorporándonos a las luchas de nuestros pueblos, como demuestran todos los días los movimientos indigenistas de mujeres en Bolivia, Ecuador, Colombia, el movimiento de mujeres chilenas, argentinas, palestinas, mexicanas y tantas otras mujeres alrededor del mundo. Todes, desde diferentes rincones del planeta, luchamos contra el sistema capitalista y patriarcal, como razón última de nuestra opresión histórica.

Es necesario profundizar la organización y la lucha para construir una sociedad socialista, antipatriarcal, descolonizada, anticapitalista, feminista; una sociedad donde prime lo común sin divisiones de género, raza, ni clase. Es aquí que nos preguntamos entonces: ¿Cómo construir poder popular desde el feminismo revolucionario? ¿Cómo puede éste tomar la iniciativa en la acción y ganar en la disputa de sentido frente al feminismo burgués cooptado por el capital? ¿Dónde construimos el poder? ¿Desde qué prácticas? ¿Qué necesitamos develar para destruir el sentido común y las prácticas comunes que construye el sistema capitalista y patriarcal a diario en nuestras cuerpas, en los más variados territorios,

en el ámbito de la economía y de la política, en la esfera del trabajo y al interior del hogar? ¿Cómo el feminismo revolucionario puede integrarse en un programa de lucha general aportando a la causa de todos los desposeídos?

Para poder dar algunas respuestas a estos interrogantes, planteamos la necesidad de la construcción y profundización de redes globales de organización y sororidad que nos permitan consolidar el Movimiento Feminista con iniciativa Revolucionaria del pueblo. Resulta fundamental profundizar los debates en las organizaciones, y aprehender de las experiencias feministas en nuestra región y en el mundo entero. Estas experiencias y prácticas de las mujeres como protagonistas en la construcción de poder popular, cuestionando toda estructura y orden establecido, nos empujan a repreguntarnos acerca de la tarea histórica que enfrentan las grandes mayorías excluidas.

Consideramos que dentro del Movimiento Feminista popular y revolucionario enfrentamos tres grandes tareas a seguir profundizando:

**a) Elaboración de teoría revolucionaria para la liberación:** los feminismos vienen aportando a este fin hace años por lo cual se hace necesario continuar este camino, enlazar la relación pueblo y ciencia, construir teoría revolucionaria para diseñar análisis de situación acertados y que no dejen margen de error al diseño de la estrategia para la batalla definitiva. Es necesario construir teoría revolucionaria que sea instrumento-herramienta para la transformación social en favor de la clase trabajadora. Basándonos en el planteo de Lenin, dar la batalla de ideas, campo de la Lucha Teórica<sup>6</sup>, disputando el sentido común que todos los días nos imponen los dueños del mundo porque “sin teoría revolucionaria no hay práctica revolucionaria” (Lenin, 2013).

**b) Formación y profundización de las discusiones desde los feminismos:** se basa en la necesidad de que el conocimiento profundice la disposición de nuestras cuerpos a la lucha, continuar preparándonos material y moralmente para conducir las batallas

---

<sup>6</sup>Lucha Teórica: “El problema que se debate, y el territorio que se intenta conquistar consiste en el establecimiento de una conducción de carácter revolucionario sobre el proletariado, y en buscar el desarrollo la capacidad de acaudillar al resto del pueblo en la lucha política contra el régimen” (Marin, 2009).

hacia la victoria, para tomar las decisiones adecuadas que nos acerquen cada vez más a un mundo sin opresiones. Nuestra formación debe implicar la dialéctica entre la teoría y la práctica, con una matriz científica y feminista anclada a los valores revolucionarios del Socialismo.

c) **Universalización de la lucha y construcción de poder glocal:** buscar alternativas a las nuevas condiciones de dominación que nos impone el capital, defendiendo las nuevas formas de organización comunitarias locales, irradiando globalmente, avanzando en la conformación territorial de una resiliencia glocal, incorporando el territorio virtual como ámbito de producción y acumulación de poder para realizar esa fuerza en las calles y en todos los ámbitos de lucha. Es decir, tener la capacidad de construir fuerza territorial con impacto global, articulador, transformador, asentado sobre una red de redes de cooperación. La unidad local territorial, la irradiación global-universal-en red, la conciencia política social sin negar las particularidades sociohistóricas, son el camino para la construcción de un proyecto de las grandes mayorías unidas y universalizadas (Giménez, 2018).

## 5. Conclusiones

A partir de la descripción desarrollada en el presente escrito, podemos concluir, por un lado, que el mundo está cambiando de manera irreversible y no podemos dar batalla desde viejas recetas en el campo del Pueblo. Y por otro, que el movimiento feminista se constituye en el sujeto revolucionario con capacidad de contener al resto de las fracciones y dar la lucha por la transformación del sistema. Por lo tanto, de nuestra capacidad de organización y lucha depende el destino de la humanidad. Retomando a Lazzaro (2019), debemos proponernos el sueño de que ¡Vamos a Vencer!. Frente al fatalismo del futuro que nos muestran, oponemos nuestra capacidad de reflexión, nuestra conciencia histórica, nuestra iniciativa, nuestros valores y la convicción de que la victoria de las grandes mayorías oprimidas es objetivamente posible. Anteponer la vida a tanta muerte, la voluntad de lucha al miedo impuesto, la solidaridad al aislamiento social, lo humano a lo artificial, la sororidad al egoísmo. Y es por todo ello que *“las Feministas estamos tomando el Cielo por Asalto”*.

## Referencias Bibliográficas

- BALVÉ, Beba. *Clase social, sujeto y proceso social*. CICSO. Buenos Aires, Argentina, 2007. 50 páginas.
- Banco Mundial. *Tasa de natalidad, nacidos vivos en un año (por cada 1.000 personas)*. Disponible en: <https://datos.bancomundial.org/indicador/SP.DYN.CBRT.IN>. Fecha del último acceso: 1/8/2020
- CACIABUE, Matias. *Geopolítica del capitalismo contemporáneo y la puja entre proyectos estratégicos. En Más allá de los monstruos*. Río Cuarto. Editorial UniRio, 2019. Disponible en: <http://www.unirioeditora.com.ar/producto/mas-alla-los-monstruos/>
- DOWBOR, Ladislau. *La Era del capitalismo improductivo*. Sao Pablo, Brasil: Autonomia Literária & Outras Palavras, 2018. 173 páginas.
- ENGELS, Friedrich. *El Origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*. Buenos Aires, Argentina: Acercándonos Ediciones, 2006. 126 páginas.
- FEBBRO, Eduardo. (9 de agosto de 2020). *Eva Illouz: “sin pacto social sanitario no es posible gestionar a los ciudadanos”*. Página 12. Disponible en: <https://www.pagina12.com.ar/283863-eva-illouz-sin-un-pacto-social-sanitario-no-es-posible-gesti>. Fecha del último acceso: 10/8/2020.
- FEDERICI, Silvia. (21 de julio de 2020). *Desinformémonos*. {Conferencia}. Disponible en: <https://desinformemonos.org/esta-crisis-nos-demuestra-cuanta-miseria-lleva-en-si-el-capitalismo-silvia-federici/>. Fecha del último acceso: 25/7/2020.
- FEDERICI, Silvia. (25 de julio de 2015). *La Revolución Feminista Inacabada*. {Conferencia} Segundo Diplomado Internacional de Estudios de las Mujeres, Feminismos y Descolonización. España. Disponible en: [https://www.youtube.com/watch?v=X\\_9oFUgSgtU](https://www.youtube.com/watch?v=X_9oFUgSgtU). Fecha del último acceso: 1/8/2020.
- GARCÍA MUR, Abril. *De una América Latina Feminista a los feminismos latinoamericanos* en Caciabue, M. y Arkonada, K. (comps.) *Más allá de los monstruos. Entre lo viejo que no termina de morir y lo nuevo que no termina de nacer*. Río Cuarto, Argentina: UniRio Editora, 2019. 524 páginas.
- GIMÉNEZ, Maria Paula. *Reflexiones sobre el nuevo escenario argentino* en Caciabue, M. y Arkonada, K. (comps.) *Más allá de los monstruos. Entre lo viejo que no termina de morir y lo nuevo que no termina de nacer*. Río Cuarto, Argentina: UniRio Editora, 2019. 524 páginas.
- GIMÉNEZ, Maria Paula. (26 de marzo de 2018). *Las grandes mayorías unidas y universalizadas o divididas y dominadas*. Portal web

- NODAL. Disponible en: <https://www.nodal.am/2018/03/las-grandes-mayorias-unidas-universalizadas-divididas-dominadas-paula-gimenez/>. Fecha del último acceso: 25/7/2020.
- GIMÉNEZ, María Paula. (4 de mayo de 2020). *Un 1° de Mayo (muy) diferente, un mundo en guerra mediado por la virtualidad*. Portal Web NODAL. Disponible en: <https://www.nodal.am/2020/05/un-1o-de-mayo-muy-diferente-un-mundo-en-guerramediado-por-la-virtualidad-por-paula-gimenez/>. Fecha del último acceso: 20/7/2020.
- GRAMSCI, Antonio. *Antología*. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI Editores, 2004. 544 páginas.
- LAZZARO, Claudia. *Género con clases: feminismo y clase obrera en Caciabue*, M. y Arkonada, K. (comps.) *Más allá de los monstruos. Entre lo viejo que no termina de morir y lo nuevo que no termina de nacer*. Río Cuarto, Argentina: UniRio Editora, 2019. 524 páginas.
- LENIN, Vladimir. *Qué hacer. Obras Selectas*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones IPS, 2013. 1184 páginas.
- MARÍN, Juan Carlos. *La noción de polaridad en los procesos de formación y realización de poder*. CICSO. Buenos Aires. Argentina: Ediciones Picaso, 2009. 101 páginas.
- MARÍN, Juan Carlos. *Acerca del Origen del poder. Ruptura y Propiedad*. Cicso. Buenos Aires. Argentina, 1984. 39 páginas. Disponible en: [http://theomai.unq.edu.ar/conflictos\\_sociales/Marin,%20Juan%20Carlos\\_Ruptura%20y%20propiedad%20\(Cuaderno%20CICSO%2010\).pdf](http://theomai.unq.edu.ar/conflictos_sociales/Marin,%20Juan%20Carlos_Ruptura%20y%20propiedad%20(Cuaderno%20CICSO%2010).pdf)
- MARX, Carlos. *El Capital*. Tomo I. Editorial Cartago. México, 1983. 551 páginas.
- MARX, Carlos. *El Capital*. Tomo II. Editorial Librodot. México, 1885. 440 páginas.
- MARX, Carlos. *Contribución a la crítica de la economía política*. Novena Edición. Siglo XXI Editores. México, 2008. 220 páginas.
- Observatorio Ahora Que Sí Nos Ven {@ahoraquesinosvenok}. (2020, 3 de agosto). *178 femicidios en 2020*. Instagram. Disponible en: <https://www.instagram.com/p/CDblZd2geqZ/?igshid=19tzhm33tfawe>. Fecha del último ingreso: 10/8/2020.
- Organización Internacional del Trabajo. *Descripción del indicador: productividad laboral*. Disponible en: <https://ilostat.ilo.org/es/resources/methods/description-labour-productivity/>. Fecha del último acceso: 10/08/2020.
- Organización Internacional del Trabajo (29 de abril de 2020). *OIT: La pérdida de empleo se dispara, y casi la mitad de la población activa mundial podría llegar a perder los medios de vida*. Disponible

en: [https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_743056/lang--es/index.htm](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_743056/lang--es/index.htm) Fecha del último acceso: 5/8/2020.

SEN, Cristina. (18 de diciembre de 2016). *Sororidad, la nueva fraternidad entre mujeres*. La Vanguardia. Disponible en: <https://www.lavanguardia.com/vida/20161218/412698467802/sororidad-la-nueva-fraternidad-entre-mujeres.html>. Fecha del último acceso: 28/06/2020.

# A política para o macho: uma crítica feminista ao sistema eleitoral e sua política afirmativa de promoção da representatividade do gênero feminino

*Adriana Campos Silva  
Sabrina de Paula Braga*

**Resumo:** Buscou-se, no presente trabalho, fazer uma análise crítica à legislação eleitoral, no tocante à suas políticas de promoção da representatividade do gênero feminino na política, partindo do paradigma das teorias feministas ou feminismo e, especialmente, à luz da obra *O Poder do Macho*, de Heleieth Safioti.

**Palavras-chave:** Feminismo. Teoria Crítica. Política. Representatividade. Gênero. Cotas.

## *1. Introdução*

A sub-representatividade feminina na política é uma realidade incômoda não somente para os países economicamente subdesenvolvidos como o Brasil. Estados Unidos, Japão e Canadá, de acordo com o Interparliamentary Union<sup>1</sup>, contam com apenas 19,5%, 10,1%, 27% de mulheres em seus parlamentos, respectivamente.

Tais dados comprovam que a igualdade de gênero não está diretamente associada ao desenvolvimento econômico, pois, segundo argumenta Heleieth Safioti, do ponto de vista social nada acontece automaticamente e o que predomina nos países capitalistas altamente industrializados é a preservação da inferioridade da mulher. A autora sustenta que

Se o raciocínio fosse correto, deveria haver igualdade social entre homens e mulheres nos Estados Unidos, país mais desenvolvido do mundo capitalista. Entretanto, as norte-americanas sofrem

---

<sup>1</sup> <http://archive.ipu.org/wmn-e/classif.htm>, em 15 de maio de 2018.

toda sorte de discriminações, desde salários muito inferiores aos masculinos, dificuldades para fazer carreira, falta de equipamentos de uso coletivo, como creches, até a violência mais atroz por parte dos homens (SAFIOTI, 1987, p. 28)

Nancy Fraser (2003, p. 21, 22) demonstra que, por força do androcentrismo, é negado às mulheres a totalidade de direitos e proteções próprios da cidadania, o que requer a aplicação de remédios de reconhecimento e mudanças, não somente na estrutura econômica, mas na ordem do status frente à sociedade contemporânea.

No Brasil, apesar da previsão legal de ações afirmativas no sentido de promover a representação feminina nos poderes legislativos, o que se percebe é que a norma não é efetiva quanto ao seu propósito.

As Leis nº 9.504/97 e 9.096/95 possuem dispositivos tímidos de promoção da representatividade do gênero feminino, pouco ou nada eficazes, numa sociedade cuja cultura é moldada por um pensamento patriarcal. Segundo bell hooks “a maioria de nós aprendeu as atitudes patriarcais em nossa de família de origem, e elas geralmente foram ensinadas a nós por nossas mães. Estas atitudes foram reforçadas nas escolas e nas instituições religiosas”.

Esse modelo patriarcal se reproduz também nas instâncias de poder, especialmente nas representativas. O objetivo deste artigo é desenvolver uma crítica à legislação eleitoral no que diz respeito às políticas afirmativas cuja finalidade é a inserção do gênero feminino nos poderes legislativos em níveis municipal, estadual e federal.

## *2. Mudar para deixar tudo como está*

Em 1995 foi promulgada a Lei nº 9.100 (BRASIL, 1995), a qual estabeleceu que os partidos políticos ou coligações deveriam apresentar o percentual mínimo de 20% (vinte por cento) de candidatas do sexo feminino, referindo-se tal percentual às candidaturas deferidas. Em 1997, com a promulgação da Lei nº 9.504 (BRASIL, 1997), o percentual de reserva para candidaturas de cada sexo passou a ser de 30% (trinta por cento) no mínimo e 70% (setenta por cento) no máximo, mas referindo-se às candidaturas

apresentadas e não às deferidas, ficando demonstrado que, apesar do aumento do percentual mínimo de candidaturas de cada sexo, a legislação retrocedeu, à medida em que abriu a possibilidade para a apresentação de candidaturas femininas que, ainda que não atendessem aos requisitos legais, permitiriam o deferimento do Demonstrativo de Regularidade dos Atos Partidários (DRAP)<sup>2</sup>.

Em 2009, com a promulgação da Lei nº 12.034 (BRASIL, 2009), foi alterada a redação do parágrafo 3º do artigo 10 da Lei nº 9.504/97 e, no lugar de reservar o mínimo de 30% das vagas para candidaturas de um dos sexos, os partidos ou coligações estavam, então, obrigados a preencher tais vagas. Surgia, daí, a imposição aos partidos para a apresentação do mínimo de 30% de candidaturas femininas, já que nos dias atuais mulheres ainda são minoria dentre os filiados e na composição das chapas proporcionais. Apesar da previsão expressa de uma política de cotas por gênero, as mudanças no panorama nacional, no que diz respeito à representatividade feminina na política, são muito tímidas.

Segundo dados do IDEA International<sup>3</sup>, apenas 11% dos assentos na Câmara dos Deputados são ocupados por mulheres. Os dados estatísticos apresentados pelo Tribunal Superior Eleitoral<sup>4</sup>, a respeito das eleições de 2014 e 2016, indicam que das 1.035 vagas em assembleias legislativas do Brasil, apenas 114 (11%) foram

---

<sup>2</sup> O pedido de registro provoca a instauração de um processo de registro de candidatura. É complexa a natureza desse processo, podendo ser desdobrado em pelo menos duas dimensões. Embora diversas e autônomas, tais dimensões são complementares e se encontram inter-relacionadas. A primeira dimensão é materializada no DRAP, podendo ser compreendida como um processo principal - também chamado de "processo raiz" ou geral. Esse processo é dotado de numeração própria. Seu objeto consiste em propiciar a análise de atos e situações pressupostos pelo registro de candidatura, tais como regularidade da agremiação e dos atos por ela praticados com vistas à disputa eleitoral. Nele são debatidos temas, como a situação jurídica do partido na circunscrição do pleito, validade da convenção, deliberação sobre a formação de coligação. O deferimento do registro do DRAP abre o caminho para a apreciação individualizada dos pedidos de registro dos pré-candidatos. (GOMES, José Jairo. *Direito Eleitoral*. 10ª ed. São Paulo: Editora Atlas, p. 281)

<sup>3</sup> <http://www.idea.int/data-tools/data/gender-quotas/country-view/68/35>. Último acesso em 20 de junho de 2018.

<sup>4</sup> <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-2016/resultados>. Último acesso em 20 de junho de 2018.

preenchidas por mulheres e, na disputa pelas 57.856 cadeiras das câmaras de vereadores do país, apenas 1820 mulheres (3%) obtiveram êxito. Esses números sugerem a inadequação da atual política de cotas de gênero na promoção da representatividade feminina na política, em especial, no poder legislativo.

A Lei das Eleições vem passando por sistemáticas alterações desde a sua promulgação, e cada uma dessas mudanças recebe o nome de reforma ou “minirreforma” eleitoral. Apesar das constantes mudanças do Direito Eleitoral, algo que parece ser pétreo na legislação é o lugar que a mulher ocupa nesse sistema. Desde 1997, a Lei foi alterada quatro vezes e nenhuma dessas alterações se prestou a significativamente garantir ao gênero feminino uma política afirmativa que de fato alterasse o quadro de sub-representatividade (também) política na qual o país se encontra.

E não havia de ser diferente. Se a Câmara dos Deputados, possui apenas 11% de mulheres em sua composição e o Senado 16%, as mulheres detentoras desses mandatos não têm força quantitativa para propor e verem aprovados projetos que apresentem políticas afirmativas reais e eficazes de promoção do gênero feminino no poder político formal e institucionalizado. “Os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo” (SAFIOTI, p. 47). Essa condição, mais que fruto de políticas ineficazes de promoção de gênero, refletem o domínio do gênero masculino. Se esse domínio dá-se em várias esferas de nossa convivência e existência, observa-se, segundo Heleieth Safioti, que um nível extremamente significativo deste fenômeno diz respeito ao poder político.

O patriarcado, como sistema político-social, aprofunda essa dominação enquanto naturaliza não somente a superioridade masculina bem como seu direito de dominação e governo sobre os fracos. bell hooks aponta que “na Igreja [os homens] aprenderam que Deus criou o homem para governar o mundo e tudo que existe nele, e que o trabalho das mulheres é de ajudá-los a cumprir estas tarefas, a obedecer e sempre assumir um papel subordinado em relação ao homem poderoso”. Para tanto, basta reservar a elas 30% das vagas de candidaturas e seu papel sagrado de cooperação estará sendo executado.

Estando o pensamento ocidental estruturado em torno de dualismos, inclusive sexualizados, as mulheres são identificadas

como “o irracional, o passivo, o sentimento, a emoção, a natureza, a sensibilidade, o subjetivo, o concreto, o particular” (OLSEN, 2009, p. 137-138). Safioti ressalta que a família também trabalha para a perpetuação dessas crenças e do poder masculino e adulto, fazendo com que homens e mulheres sigam uma “receita” do que é ser de um ou outro gênero. A autora afirma que não só os homens têm medo de serem considerados menos ou “não machos” como “as mulheres temem ser tomadas como pouco femininas, incapazes de conservar o ‘amor’ do companheiro, se se revelarem empreendedoras, dinâmicas, bem-sucedidas” (1987, p. 39).

bell hooks afirma que

O pensamento patriarcal molda os valores da nossa cultura. Nós somos socializados nesse sistema, tanto mulheres quanto homens. A maioria de nós aprendeu as atitudes patriarcais em nossa família de origem, e eles geralmente foram ensinados a nós por nossas mães. Estas atitudes foram reforçadas nas escolas e nas instituições religiosas. (HOOKS, *The will to change: Men Masculinity and Love*)

A mulher política não se ajusta ao molde no qual foi talhada e tolhida, e a legislação eleitoral brasileira apenas reforça o estereótipo quando lhe relega ao plano de co-adjuvante, na medida em que cria uma política afirmativa ineficaz de promoção da participação do gênero feminino.

Em 2017, a mais recente alteração da Lei nº 9.504/97 foi aprovada, por meio da Lei nº 13.488 e, o que se viu, foi um retrocesso nas políticas afirmativas relativas à representatividade do gênero feminino, como vemos a seguir.

Em 2013, quando incluído na Lei nº 9.504/97 pela Lei nº 12.891 de 2013, o artigo 93-A tinha a seguinte redação:

Art. 93-A. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no período compreendido entre 1º de março e 30 de junho dos anos eleitorais, em tempo igual ao disposto no art. 93<sup>5</sup> desta Lei,

---

<sup>5</sup> Art. 93. O Tribunal Superior Eleitoral poderá, nos anos eleitorais, requisitar das emissoras de rádio e televisão, no período de um mês antes do início da propaganda eleitoral a que se refere o art. 36 e nos três dias anteriores à data do pleito, até dez minutos diários, contínuos ou não, que poderão ser somados e usados em dias espaçados, para a divulgação de comunicados, boletins e instruções ao eleitorado. (Redação dada pela Lei nº 13.165, de 2015)

poderá promover propaganda institucional, em rádio e televisão, **destinada a incentivar a igualdade de gênero e a participação feminina na política.** (Incluído pela Lei nº 12.891, de 2013)  
(Grifo nosso)

Em 2015, a Lei 9.504/97 foi alterada, sendo que o tempo de Rádio e TV diário destinado para a incentivar a igualdade de gênero e a participação feminina diminuiu de dez para cinco minutos, podendo os partidos políticos também utilizar esse tempo para esclarecer os cidadãos sobre as regras e funcionamento do sistema eleitoral brasileiro. Ou seja: além de diminuir o tempo reservado para que os partidos incentivassem a igualdade de gênero e a participação política feminina, este tempo ainda poderia ser dividido para tratar do esclarecimento do cidadão, conforme passou a prever a redação do artigo 93-A:

Art. 93-A. O Tribunal Superior Eleitoral, no período compreendido entre 1o de abril e 30 de julho dos anos eleitorais, promoverá, em até cinco minutos diários, contínuos ou não, requisitados às emissoras de rádio e televisão, propaganda institucional, em rádio e televisão, **destinada a incentivar a participação feminina na política, bem como a esclarecer os cidadãos sobre as regras e o funcionamento do sistema eleitoral brasileiro.** (Redação dada pela Lei nº 13.165, de 2015) (grifo nosso)

Em 2017 um novo golpe também sobre o tempo de Rádio e TV para a promoção da participação feminina na política: a Lei nº 13.488/2017 novamente alterou a redação do artigo 93-A, incluindo entre os temas que podem ser tratados, questões relevantes e importantíssimas como a participação dos jovens e da comunidade negra na política, sem, no entanto, aumentar o tempo de Rádio e TV para esses debates. Desta forma, o tema da participação feminina na política, que primeiramente contava com 10 minutos de tempo para seu incentivo por meio da propaganda partidária de Rádio e TV, agora conta com menos de cinco, posto que deve ser dividido com outros temas.

Art. 93-A. O Tribunal Superior Eleitoral, no período compreendido entre 1o de abril e 30 de julho dos anos eleitorais, promoverá, em até cinco minutos diários, contínuos ou não, requisitados às emissoras de rádio e televisão, propaganda institucional, em rádio e televisão, **destinada a incentivar a**

participação feminina, dos jovens e da comunidade negra na política, bem como a esclarecer os cidadãos sobre as regras e o funcionamento do sistema eleitoral brasileiro. (Redação dada pela Lei nº 13.488, de 2017) (grifo nosso)

Importante frisar que não se discute aqui a relevância de temas como o incentivo da participação dos jovens e da comunidade negra na política. No entanto, o que se percebe é que ao contrário de ampliar o tempo diário para o debate e incentivo da participação de negros, mulheres e jovens, o que o Poder Legislativo fez foi diminuir, ao longo dos anos, o tempo de Rádio e TV. Fica então bastante claro que, no lugar de uma política afirmativa, foi feita uma reforma da legislação na tentativa de agradar os setores que anseiam por representatividade, mas que, na prática, não tem força para mudar o estado das coisas.

### *3. O capital na mão do macho*

Um grande entrave ao aumento da representatividade feminina na política é a questão do financiamento de campanha. Os recursos financeiros são fundamentais para a realização de várias tarefas afeitas à campanha eleitoral e sem eles torna-se hercúleo o trabalho de divulgação de ideias e projetos das candidatas.

As mulheres não dispõem do mesmo poder econômico que os homens, tampouco apoio financeiro partidário para sustentarem suas campanhas. Além do fato de estarem historicamente alijadas da política, enfrentam dificuldades relativas ao conhecimento limitado da máquina eleitoral e das formas de captação de recursos. Julie Ballington e Muriel Kahane (p. 402) informam que, segundo pesquisa da União Interparlamentar, do ano de 2009, a falta de recursos financeiros foi um dos fatores que mais dificultou a entrada das mulheres na política. Conforme relatou Teresa Sacchet (p.171)

Pesquisas relativas ao tópico do financiamento eleitoral, no Brasil e no mundo, identificam uma alta correlação entre esta variável e o sucesso eleitoral. No Brasil, em 2010, essa correlação para o cargo de deputado federal foi de 0,78 para as mulheres e de 0,62 para os homens; enquanto para a posição de deputado estadual foi de 0,82 para as mulheres e de 0,68 para os homens.

Segundo Ballington e Kahane pesquisa da ONU Mulheres, realizada em 2013 “observou que a captação de recursos foi dificultada pela divisão de gênero do trabalho e pelos estereótipos negativos das mulheres” (p. 402).

Dentre esses estereótipos, podemos destacar a inferioridade feminina e o fato de que o espaço doméstico é naturalmente destinado à mulher. Safioti sustenta que é através da educação que seres humanos se tornam homens e mulheres, destacando a construção social da identidade. A socióloga ressalta a capacidade humana de naturalizar os processos socioculturais, como o de se afirmar que “é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público (...)”.

Pierre Bourdieu também percorre o tema a partir do que ele chama de “uma espécie de experiência de laboratório”, ao tratar a análise etnográfica da sociedade dos berberes de Cabília (2012, p. 14). A diferença anatômica entre homem e mulher se torna o fundamento ou, justificativa natural, da diferença socialmente construída entre gêneros e da divisão social do trabalho (p. 20). Em Cabília, tomar a palavra publicamente é monopólio do homem e a mulher deve se manter afastada dos lugares públicos e renunciar ao uso público do rosto e da palavra (BOURDIEU, 2012, p. 27).

Tomadas como incapazes de ocupar o espaço público, é um grande desafio para as mulheres arrecadar recursos, junto à esfera privada, para financiamento de suas campanhas, afinal os doadores, por força dos estereótipos ditos acima, não dão credibilidade a uma campanha que já nasceu “perdida”, porquanto executada por alguém que julgam naturalmente incompetente para a atividade política.

Outra fonte de financiamento cujo acesso é bastante restrito para a maioria das candidatas do gênero feminino é o auto-financiamento. As mulheres, quando inseridas no mercado formal de trabalho, em geral ganham menos que os homens. A possibilidade de trabalhar é condicionada pela execução das “obrigações domésticas”, o que, ou as impede de trabalhar fora ou resulta na dupla jornada (Christine Delphy, 2015, p. 116).

Sua situação econômica inferior também é fruto da parcela desproporcional de trabalho doméstico e de cuidados que executam, fazendo com que dediquem mais horas semanais a essas atividades

(se comparadas aos homens), conseqüentemente ganhando menos e dispondo de menos recursos para o financiamento de suas campanhas.

Além disso, elas podem temer que os custos do financiamento político repercutam no orçamento familiar, prejudicando as necessidades da família, à qual deve se dedicar incondicionalmente, de acordo com a construção social na qual foi formada. Julie Balington e Muriel Kahane acentuam que

As posições socioeconômicas mais baixas das mulheres na maioria dos países significa que elas podem carecer de independência econômica para aspirar uma carreira política. Papéis de socialização de gênero, que colocam os homens como os “provedores familiares”, significam que os homens estão mais acostumados a captar recursos para seu próprio uso, enquanto as mulheres têm sido relegadas à esfera privada. (p. 403)

No tocante ao financiamento como instrumento de promoção e êxito das campanhas femininas, a legislação eleitoral não foge ao roteiro: colabora pouco e “pro forma”. A Lei nº 9.504 de 1997 não possui qualquer dispositivo com conteúdo que se refira a políticas afirmativas correspondentes ao financiamento de campanhas de candidatas. A Lei 13.473 de 2017, que criou o Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) não cuidou de reservar qualquer percentual, por menor que fosse, para destinação exclusiva às mulheres, ou qualquer outra minoria sub-representada no campo da política formal.

A Lei dos Partidos Políticos quando promulgada, em 1995, também não continha norma que previsse qualquer apoio financeiro às candidaturas femininas. Em 2009, veio a primeira alteração, com a inclusão do inciso V do artigo 44, destinando, no mínimo, 5% (cinco por cento) do Fundo Partidário “para a criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres”. No caso de descumprimento da regra do inciso V, o Partido estaria obrigado a acrescer o percentual destinado a este fim em 2,5%, nos termos do parágrafo 5º do mesmo artigo 44.

Em 2015, a chamada minirreforma, estabelecida pela Lei nº 13.165 de 2015, trouxe novas alterações à sistemática da promoção das candidaturas femininas, por meio de destinação de recursos financeiros, tais como a possibilidade de os partidos constituírem uma espécie de poupança para o financiamento das candidaturas

de mulheres<sup>6</sup>, e alteração da redação do inciso V e do parágrafo 5º, ambos do artigo 44 da Lei nº 9.096/95. Os legisladores emendaram, remendaram, mas mantiveram em farrapos a questão da destinação de parcela do Fundo Partidário à promoção da participação política do gênero feminino. Apesar de o parágrafo 5º aumentar de 2,5% para 12,5% o percentual de destinação, em caso de não aplicação de recursos na promoção da participação política feminina, prevista no inciso V, foi mantido o percentual mínimo de 5%. A mudança na regra das cotas sem o correspondente aporte financeiro a tais candidaturas reforça a ideia de que a reforma foi um grande engodo, enquanto política afirmativa. Como afirmam as teóricas do feminismo pós-moderno, “as leis não são objetivas ou imparciais - elas são elaboradas a partir de preconceitos políticos, de modo que a confiança nas leis e nas formas tradicionais de praticar a lei podem reforçar as desigualdades” (Nancy Levit e Robert R.M. Verchick, p. 37)<sup>7</sup>.

#### *4. O aceno da mudança*

Em 15 de março de 2018 o Supremo Tribunal Federal decidiu por maioria de votos que a distribuição do Fundo Partidário destinado ao financiamento das candidaturas de mulheres deve ser feita na proporção das candidaturas de ambos os gêneros, ou seja, deve respeitar o patamar mínimo de 30% (trinta por cento). O Supremo decidiu, ainda, que o limite temporal de três eleições, para aplicação da regra inserta no artigo 9º da Lei nº 13.165 de 2015 é inconstitucional, uma vez que a política afirmativa de distribuição do fundo partidário para o financiamento de campanhas eleitorais

---

<sup>6</sup> Lei nº 13.165 de 2015. Art. 9º Nas três eleições que se seguirem à publicação desta Lei, os partidos reservarão, em contas bancárias específicas para este fim, no mínimo 5% (cinco por cento) e no máximo 15% (quinze por cento) do montante do Fundo Partidário destinado ao financiamento das campanhas eleitorais para aplicação nas campanhas de suas candidatas, incluídos nesse valor os recursos a que se refere o inciso V do art. 44 da Lei no 9.096, de 19 de setembro de 1995.

<sup>7</sup> No original: “Laws are not objective or impartial – they are crafted from political biases, so reliance on laws, and on traditional ways of practicing law, can reinforce inequalities”.

direcionadas às candidaturas femininas deve perdurar enquanto houver necessidade de composição mínima dessas candidaturas.

Decisão: O Tribunal, por maioria e nos termos do voto do Relator, julgou procedente a ação direta para: i) declarar a inconstitucionalidade da expressão “três”, contida no art. 9º da Lei 13.165/2015, eliminando o limite temporal até agora fixado; ii) dar interpretação conforme à Constituição ao art. 9º da Lei 13.165/2015 de modo a (a) equiparar o patamar legal mínimo de candidaturas femininas (hoje o do art. 10, § 3º, da Lei 9.504/1997, isto é, ao menos 30% de cidadãs), ao mínimo de recursos do Fundo Partidário a lhes serem destinados, que deve ser interpretado como também de 30% do montante do Fundo alocado a cada partido, para as eleições majoritárias e proporcionais, e (b) fixar que, havendo percentual mais elevado de candidaturas femininas, o mínimo de recursos globais do partido destinados a campanhas lhe seja alocado na mesma proporção; iii) declarar a inconstitucionalidade, por arrastamento, do § 5º-A e do § 7º do art. 44 da Lei 9.096/1995. (Supremo Tribunal Federal, ADI 5617. Relator: Ministro Luiz Edson Fachin. DJ: 23/03/2018. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?numero=5617&classe=ADI&origem=AP&recurso=0&tipoJulgamento=M>>)A Ação Direta de Inconstitucionalidade foi proposta pela Procuradoria Geral da República, sob o argumento de que a então redação do artigo 9º da Lei nº 13.165/2015 contrariava o princípio fundamental da igualdade, não protegia o pluralismo político, além de falhar quanto a um dos objetivos do Estado Brasileiro, qual seja o de “construir uma sociedade livre, justa e solidária” (BRASIL, 1988).

Após a decisão do Supremo, Senadoras e Deputadas propuseram a Consulta nº 0600252 junto ao Tribunal Superior Eleitoral, questionando se a decisão do STF proferida nos autos da ADI nº 5617 seria aplicável para a distribuição do Fundo Especial de Financiamento de Campanha, previsto nos artigos 16-C e 16-D da Lei nº 9.504/1997, e para a distribuição do tempo de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão.

A Ministra relatora, Rosa Weber, entendeu ser aplicável a mesma diretriz hermenêutica da decisão do Supremo Tribunal Federal, pelo quê concluiu

Nesse contexto, se a distribuição do Fundo Partidário deve resguardar a efetividade do disposto no art. 10, § 3º, da Lei nº 9.504/97, no sentido de viabilizar o percentual mínimo de 30% de candidaturas

por gênero, consoante decidiu a Suprema Corte ao julgamento da ADI 5617, a mesma ratio projeta-se ao exame da aplicação dos recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) – cuja vocação é, exclusivamente, o custeio das eleições – que há de seguir a mesma diretriz. (Tribunal Superior Eleitoral, Cta nº 0600252-18.2018.6.00.0000. Relatora: Ministra Rosa Weber)

No tocante aos demais quesitos, a relatora salientou que o tempo de propaganda eleitoral gratuita no rádio e televisão também deve observar os percentuais mínimos de candidatura por gênero e que, no caso de aumento no percentual de candidaturas femininas, impõe-se o acréscimo de recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha e do tempo de propaganda na mesma proporção. O voto foi acompanhado pelos demais ministros do TSE que responderam afirmativamente a consulta por unanimidade.

### *5. Considerações finais*

Nas palavras de Nancy Levit e Robert Verchick (2016, p. 15) todas as estudiosas e estudiosos do feminismo legal “ênfatizam o ponto bastante óbvio (mas não dito) de que quase todas as leis públicas na história da civilização existente foram escritas por homens”<sup>8</sup>. As Leis Eleitorais não fogem à regra e trazem o complemento cruel de que foram escritas também PARA os homens. Do início ao fim mantém os privilégios do macho como ser político e tratam o gênero feminino como mero coadjuvante no papel representativo.

As políticas afirmativas, trazidas pela legislação, se mostram ineficazes porquanto não promovem a igualdade de condições para a disputa eleitoral, mantendo a sub-representatividade feminina nos poderes legislativos. O pequeno número de mulheres presentes na Câmara dos Deputados, Senado, Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores reflete-se no dia a dia de todas e todos, uma vez que as Leis que compõem nosso ordenamento basicamente correspondem

---

<sup>8</sup> No original: “All feminist legal scholars emphasize the rather obvious (but unspoken) point that nearly all public laws in the history of existing civilization were written by men”.

aos interesses e ponto de vista dos autores de seus projetos e dos parlamentares votantes, uma massa majoritariamente composta por homens. É importante uma crítica feminista para que se traga à tona e se demonstre a importância de implementação de políticas públicas e afirmativas para a promoção da representatividade feminina nos poderes legislativos.

### *Referencias Bibliográficas*

- CAMPOS SILVA, Adriana; MORAIS, Ricardo. M. O. ETERNO RETORNO E A PERFEIÇÃO INSTITUCIONAL EM MAQUIAVEL. REVISTA QUAESTIO IURIS, v. 11, p. 2359-2381, 2018.
- CAMPOS SILVA, Adriana (Org.) ; BARCELOS, J. R. (Org.); PEREIRA, C. (Org.) ; MERINO, A. G. (Org.) ; MAYOS, G. (Org.) ; SANTOS, G. (Org.) ; BERTTONI, I. (Org.) ; RAMOS, M. M. (Org.) ; REPOLES, M. F. S. (Org.) ; ZANITELLI, L. M. (Org.) . Law and vulnerability | Derecho y vulnerabilidad | Direito e vulnerabilidade. - ed., 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. *Diário Oficial da União*, 5 out. de 1988. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 27 de agosto de 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.100 de 29 de setembro de 1995. Estabelece normas para a realização das eleições municipais de 3 de outubro de 1996, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 02 out. 1995. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9100.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9100.htm)>. Acesso em 27 de agosto de 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.504 de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. *Diário Oficial da União*, 1º out. 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9504.htm)>. Acesso em 27 de agosto de 2017.
- BRASIL. Lei nº 12.304 de 02 de agosto de 2010. Autoriza o Poder Executivo a criar a empresa pública denominada Empresa Brasileira de Administração de Petróleo e Gás Natural S.A. - Pré-Sal Petróleo S.A. (PPSA) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*,

- 03 de ago. 2010. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12304.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12304.htm)>. Acesso em 27 de agosto de 2017.
- BRASIL. Lei nº 13.165 de 29 de setembro de 2017. Altera as Leis nos 9.504, de 30 de setembro de 1997, 9.096, de 19 de setembro de 1995, e 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral, para reduzir os custos das campanhas eleitorais, simplificar a administração dos Partidos Políticos e incentivar a participação feminina. *Diário Oficial da União*, 29 set. 2015. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13165.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13165.htm)>. Acesso em 27 de agosto de 2017.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação direta de inconstitucionalidade nº 5617/DF – Distrito Federal. Relator: Ministro Edson Fachin. Disponível em: < <http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=5080398>>. Acesso em 25 de junho de 2016.
- DELPHY, Christine. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 17. Brasília, maio-agosto de 2015, pp. 99-119.
- FRASER, Nancy; HONETH, Axel. *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. London: Verso, 2013, 196 p.
- HOOKS, bell. *The Will to Change: Men, Masculinity, and Love*. Washington Square Press, 2004. Arquivo Kindle.
- IDEA – International Institute for Democracy and Electoral Assistance. *Gender Quotas Database: Brasil*. Stockholm, 2013. Disponível em: < <http://www.idea.int/data-tools/data/gender-quotas/country-view/68/35>>. Acesso em 31 de agosto de 2017.
- LEVIT, Nancy; VERCHICK, Robert R. M. *Feminist Legal Theory: A primer*. New York and London: New York University Press, 2016, 304 p.
- SAFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Estatísticas Eleitorais 2014: Estatísticas de Resultados*. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-candidaturas-2014/estatisticas-eleitorais-2014-resultados>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Estatísticas Eleitorais 2016: Resultados*. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-2016/resultados>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.
- UNION, Inter-Parliamentary. *Women in national parliaments*. 2017. Disponível em: < <http://www.ipu.org/wmn-e/classif.htm>>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

# De los derechos a la libertad: la discursividad neoliberal

*Gabriela Martínez Leiranes*

**Resumen:** En el Uruguay, el gobierno del Frente Amplio instaló un discurso basado en lo que denominó agenda de derechos, cuya lógica se basa en el reconocimiento, promoción y fortalecimiento de demandas que diversos sectores de la sociedad reclaman como necesidades que deben ser atendidas por el Estado. Sin embargo, actualmente la coalición que accedió al gobierno, impone un discurso que resalta la libertad individual como formación discursiva que discute, desplaza y sustituye a la agenda de derechos al despojar al Estado de la responsabilidad hacia los sujetos y poner acento en el individualismo. Este artículo se plantea analizar, desde la perspectiva de género, el discurso del gobierno de derecha sobre los Derechos Humanos, su relación con el neoliberalismo al construir implícitamente una falsa dicotomía entre agenda de derechos y libertad individual. Asimismo, se propone discutir sobre la noción de sujeto, en términos políticos e ideológicos que subyace en esa formación discursiva.

**Palabras-chave:** feminismo; teoría crítica; política; representatividad; género; cotas.

## *1. Introducción*

Durante 15 años gobernó, en el Uruguay, el Frente Amplio (FA), partido de izquierda que nace en 1971 como coalición y movimiento, producto de los conflictos sociales y la necesidad de hacer frente a la oleada autoritaria que hacía unos años se estaba instalando en el continente. Este partido asume el gobierno en el 2005<sup>1</sup>, en el marco

---

<sup>1</sup> El primer presidente electo por el FA es el Dr. Tabaré Vázquez, en el 2010 José “Pepe” Mujica y en el 2015 nuevamente el Dr. Tabaré Vázquez.

de una crisis económica que expone a la población más vulnerable a una situación de insatisfacción de las necesidades básicas y el descontento de las clases populares.

A partir de la llegada al gobierno, el FA -aunque se profundiza en el mandato de José Mujica- se inaugura una formación discursiva que pone el centro en las reivindicaciones de aquellos grupos que han sido vulnerados en sus derechos, grupos postergados e invisibilizados en nombre del imaginario uruguayo de homogeneidad cultural, sin conflictos mayores y con una impronta europea en su composición antropológica. A estos procesos se le denominó “agenda de derechos”. Este concepto puso en voz pública a sectores de la sociedad que habían sido excluidos de los Derechos Humanos de las primeras generaciones. Es decir, los derechos civiles, políticos, sociales, económicos y culturales que cumplen la formalidad de la igualdad ante la ley, pero en los hechos, su ejercicio se restringe a un grupo privilegiado.

Algunos de esos derechos que conforman esta agenda son: negociación colectiva en materia salarial y condiciones de trabajo, ley de libertad sindical (17.940), ley de limitación de la jornada de trabajo doméstico (18.065) y el trabajo rural (18.441), creación del Ministerio de Desarrollo Social, planes sociales de atención a personas en situación de vulnerabilidad, un/a niño/a una computadora (Plan Ceibal), ley de violencia hacia las mujeres basada en género (19.580), ley del matrimonio igualitario (19.075), ley que reconoce el derecho a la adopción de familias diversas (18.590), la ley integral para personas trans (19.684), las políticas afirmativas para personas con discapacidad, afrodescendientes y trans (LEYES: 18.651, 19.122, 19.684), ley de despenalización de la interrupción voluntaria del embarazo (18.987), descentralización de la educación terciaria y creación de la Universidad Tecnológica (UTECH) en el interior del país, universalización de la asistencia médica con la creación del Sistema Nacional Integrado de Salud (18.211), ley de creación del Sistema Integrado de Cuidados (19.353), entre otros.

La noción de agenda de derechos permite reconocer a los sectores de la sociedad sistemáticamente olvidados o postergados por las políticas públicas al fortalecer la condición de sujeto de derecho en dignidad e integralidad.

Sin embargo, la agenda de derechos no fue suficiente para la ciudadanía y en el año 2019 la derecha ganó las elecciones en el

Uruguay. La derecha liberal, la conservadora y la más reaccionaria, conformaron una coalición de diversos orígenes, con el objetivo de quitar del gobierno al FA. Los fundamentos versan sobre la responsabilidad del FA de haber hundido al país en un déficit fiscal insostenible, el castigo que padecieron las clases medias a través de la aplicación de impuestos, la imposición de la “ideología de género”<sup>2</sup> y el más eficaz de todos los argumentos: el miedo por la inseguridad pública, la ineficiencia para resolverlo y la necesidad de aprobar medidas más represivas y endurecer los castigos.

Con el triunfo de la coalición de derecha se transformó la estrategia discursiva sobre los Derechos Humanos -recurriendo a viejas recetas- en una forma de decir que, impone a la libertad individual como signifiante y guía fundamental de la acción política del gobierno.

El presente artículo busca analizar los discursos del gobierno de derecha en el desplazamiento de la noción de agenda de derechos por la libertad individual y de sujetos de derecho por el de gente, en fin, una imposición discursiva neoliberal.

## *2. Agenda de derechos vs libertad individual*

Los Derechos Humanos se construyen en discursos con contenido político, histórico y jurídico. Son producto de luchas sostenidas por diferentes grupos organizados que exigieron a los Estados y grupos de poder, el reconocimiento de determinadas prerrogativas que tienen como finalidad la dignidad humana.

Por su historicidad implican cierto grado de contingencia, esto es, en la medida que constituyen una conquista, también son vulnerables a su pérdida. Al surgir por el conflicto y desde los conflictos, nada hace pensar que no puedan ser interpelados por

---

<sup>2</sup> Este movimiento conservador propone la crítica a la perspectiva de género a partir de determinados supuestos que sitúan a la familia tradicional, occidental y cristiana y al hombre como centro de poder; a las mujeres en cambio, se las asocia a roles domésticos y subordinados. Si bien esta postura es global, en el Uruguay tiene el peso de la secularización estatal y ha sido fundamento sostenido para vetar las guías de educación sexual en la enseñanza, al sostener que es una “ideología” transgrede la laicidad como principio constitutivo de la educación pública.

grupos dominantes, capaces de elaborar algún tipo de estrategias que permitan poner en el banquillo de los acusados los derechos que se han protegido. Entonces, el triunfo de los derechos es momentáneo, su continuidad y garantía queda en la observación atenta y sostenida de la sociedad civil<sup>3</sup> y la significación social de su finalidad. Prueba de ello son las dictaduras latinoamericanas que se impusieron desde la década del 60 en gran parte del continente, con el apoyo de civiles que cooperaron, legitimaron y gobernaron con los militares.

Santos (2014) mantiene una visión crítica frente al discurso único de los Derechos Humanos, entiende que hay un sentido común de los Derechos Humanos que crea ciertos espejismos. Uno de los espejismos es teleológico, cuya implicancia es una lectura lineal de la historia que no permite reconocer la “contingencia” de las sensibilidades que vencieron en ese contexto y lo que en un momento fue para dominar puede resignificarse en herramienta para emancipar. Otro de los espejismos que reconoce Santos (2014) es el “monolitismo”, esto es considerar la gramática de los Derechos Humanos como única, sin conflictos a la interna o en las concepciones teóricas que los justifican. En los medios de comunicación el abordaje de las noticias sobre las muertes por asesinato, dan cuenta que hay vidas que se significan con mayor valor que otras, así un femicidio puede ser titulado por la prensa como “murió una mujer”, o el asesinato por parte de la policía como “delincuente fue abatido”, ambos se presentan como una forma de amortiguar el impacto de la violencia homicida del patriarcado o del abuso policial.

En la formación discursiva<sup>4</sup> del gobierno del FA, la agenda de derechos conformó una lógica de reconocimientos, promoción y fortalecimiento de demandas que diversos sectores de la sociedad reclaman como necesidades que deben ser atendidas por el Estado. Esta agenda es programática es decir constituye una serie de exigencias que se plantea como proyecto político cuya finalidad es la equidad y la justicia social.

---

<sup>3</sup> En términos gramscianos.

<sup>4</sup> Por formación discursiva se entiende la configuración ideológica en un contexto histórico determinado (ORLANDI, 2009).

En palabras de Graña<sup>5</sup> (2019) la agenda de derechos es producto de la lucha:

surge como un grito de dignidad frente a la patologización, el desprecio y la discriminación (...) es el reconocimiento de la existencia de desigualdades reales y concretas (...) del racismo como fruto podrido de la trata esclavista, de la desigualdad entre varones y mujeres, del odio y la persecución al diferente.

La noción de agenda de derechos fue y es debatida, inclusive dentro del FA. Una de las razones, es la expresión de los sectores conservadores y reaccionarios en cuanto crearon una serie de argumentos que la vincularon casi en exclusividad con la denominada “ideología de género”. El diario El País, publicación afín al Partido Nacional, editorializó sistemáticamente sobre las políticas frenteamplistas, los sindicatos y colectivos que exigen derechos, expone sobre la enfermedad ética que define la agenda de derechos:

Las sociedades son organismos vivientes, crecen o se encogen, se enferman y se sanan. (...) Esta “agenda de derechos” de la que hablamos tiene una clara connotación de permisividad recogida de un estado de ánimo o estado de consciencia que ya existe en la sociedad uruguaya. Esa es la cuestión. Es a ese estado de consciencia que deben atender los ciudadanos preocupados por la salud ética de nuestra sociedad. (POSADAS, 23/07/2017)

La patologización de algunos de estos derechos, configuraron una formación discursiva en torno a lo normal/anormal, la potestad de decidir sobre sus hijos<sup>6</sup> y construcción del temor al aniquilamiento de la familia o mejor aún de la familia tradicional. Esta forma de producir un discurso asociando la agenda de derechos al género, contribuyó con un descontento sobre los reconocimientos en las acciones afirmativas, al exponer que los derechos no eran para todos, sino que amparaba a un pequeño sector de privilegiados (trans y afrodescendientes). La creación de un chivo expiatorio sobre la perspectiva de género contribuyó a que ciertos grupos tuvieran reacciones adversas sobre la agenda de derechos y a los debates permanentes sobre su legitimidad.

---

<sup>5</sup> Director de Promoción Sociocultural del Ministerio de desarrollo social, en el último gobierno del FA.

<sup>6</sup> Se genero cierta réplica del movimiento peruano “Con mis hijos no te metas”.

En consecuencia, los derechos son un campo de disputas en espacios públicos de lucha entre diferentes grupos dominantes y quienes exigen reconocimiento, garantías y cumplimiento. Reclaman del Estado una presencia permanente y regulación mediadora, no solo por la formalidad de lo jurídico sino en la construcción de políticas que hagan efectiva la búsqueda de un proyecto de dignidad.

El 1º de Marzo del 2020, asume el Dr. Luis Lacalle Pou y desde el discurso de asunción se impone como categórico la noción de libertad, la centralidad de su exposición pone acento en el individuo y en las libertades individuales. En ese sentido, Harvey (2007) señala que “los fundadores del pensamiento neoliberal tomaron el ideal político de la dignidad y de la libertad individual, como pilar fundamental que consideraron ‘los valores centrales de la civilización’” (p. 11).

El lenguaje que construye el neoliberalismo no ofrece dificultades para su comprensión, desde la perspectiva política habla desde el sentido común, el de la “gente”, al decir de Rebellato (2008) un lenguaje simplificador con pretensiones de universalidad y moderno. Con una modalidad cotidiana en ocasiones simplificadora, que se impone como cercana, hasta afectiva, pues ¿quién no se conmueve cuando le hablan de libertad? Al respecto Harvey (2007) expone:

Para que cualquier forma de pensamiento se convierta en dominante, tiene que presentarse un aparato conceptual que sea sugerente para nuestras intuiciones, nuestros instintos, nuestros valores y nuestros deseos así como también para las posibilidades inherentes al mundo social que habitamos. Si esto se logra, este aparato conceptual se injerta de tal modo en el sentido común que pasa a ser asumido como algo dado y no cuestionable. (p. 11).

El discurso de asunción de Lacalle Pou (2020a) marca el inicio de una nueva forma de decir, su particularidad es que carece de contextualidad histórica, si bien el origen político del presidente, es uno de los partidos fundacionales<sup>7</sup> – creado en 1836, casi con el Estado uruguayo –, este discurso inaugural desestima los aspectos históricos que contribuyeron a crear la identidad nacional, y la

---

<sup>7</sup> Partido Blanco, posteriormente también denominado Nacional.

identidad de su propio partido. Hace referencia brevemente a las tradiciones democráticas, en especial a la pos dictadura, la continuidad de los diversos gobiernos, pero con la notable omisión del concepto de dictadura. Entre otras razones, porque en los acuerdos de la coalición que triunfó en las elecciones existen sectores civiles, militares y militaristas que reivindican la necesidad del golpe de estado de 1973, la lucha contra la subversión comunista y condenan explícitamente la justicia sobre los asesinos, torturadores y secuestradores de ese período<sup>8</sup>. Al no realizar menciones a aspectos institucionales que han construido el Estado o las bases históricas de la ciudadanía, al ser un texto sin contexto se puede comprender en cualquier momento y lugar.

Esta intervención inicial del presidente, inaugura una forma discursiva de imponer un modelo sobre los Derechos Humanos, sobre la relación política y económica entre los sujetos y el Estado. Entre otras cuestiones se sustituye la noción política de la ciudadanía o eventualmente el pueblo, por la noción de gente: “en la democracia, a los gobernantes los elige, los exige y los cambia la gente” (LACALLE POU, 2020).

Esta sustitución de idea de pueblo por la de gente, parecería no ser ingenua. A fines de la década del '50, Burdeau (1959) se pregunta si por democracia se entiende la definición clásica de gobierno del pueblo, por el pueblo, ¿qué es el pueblo? El autor sostiene que cada momento histórico define qué entiende por pueblo. Por ejemplo, en la revolución francesa el pueblo estaba formado por la burguesía, por los ciudadanos en términos restringidos, su conformación, entiende Burdeau (1959) es un sujeto “abstracto, intemporal y universal (...)” (p.31), por tanto, es una categoría aplicable a todo tiempo y lugar porque carece de historia, de contextualidad y de necesidades materiales. Por otro lado, el pueblo de la democracia social, aquella que rompe con la democracia formal -cuya visión de ciudadanía es reductible al sufragio periódico-, se define a partir de las necesidades históricas que lo explican, la ciudadanía se reconoce como situada. Abandona así, la universalidad de la uniformidad

---

<sup>8</sup> El ex Gral Guido Manini Ríos, actual senador intervino en la cámara y expresó: “¿Hasta cuándo seguirá actuando este tipo de venganza? (...) ¿Hasta cuándo se seguirá procesando a militares octogenarios por hechos ocurridos hace 50 años?” (LA DIARIA, 14/04/20)

burguesa por la del pueblo trabajador, es decir no solo al votante sino al que participa activamente en los asuntos públicos.

Por su parte, Dussel (2018) entiende que la noción de pueblo es un concepto político más que económico, a diferencia de la clase, cuyo origen es económico. De hecho, el pueblo es anterior a la clase, porque esta se desarrolla en un determinado modo de producción. Para el autor, desde la perspectiva gramsciana, el pueblo es el “bloque social de los oprimidos”, en contraposición al “bloque de poder”, que representa la clase dominante. Por tanto, el pueblo, como concepto político, incluye a la clase obrera, pero no se agota en ella, también son parte de él, los campesinos, indígenas, los excluidos y aquellos que por razones culturales el bloque de poder margina.

A diferencia del pueblo, la noción de gente no permite reconocerse como sujeto de derecho, ni resistir ni luchar. Es una abstracción difusa históricamente, sin pasado, sin presente y por qué no, sin futuro. La gente carece de identidad contextual, sin lugar definible en la estructura social. La gente es una masa uniforme que no entiende de desigualdades, ni opresión, ni espacios de decisión. Su significado se acerca al de consumidor (“elige”, “exige” y “cambia”) y se aleja de la ciudadanía y/o del pueblo.

Parte de la estrategia neoliberal es despojar de politicidad las decisiones económicas y también políticas, con aparente neutralidad y vaciamientos de sentidos ideológicos a los ejercicios de poder. Así la noción de gente aparece como aséptica, inocua y aglutinante. La gente son todos y no es nadie; no tiene clase social, no ocupa un lugar en la estructura productiva ni tiene intereses. La posición neutral de la gente despoja de las necesidades del pueblo de la ciudadanía situada que expresa Burdeau (1959) o de su condición de oprimido (DUSSEL, 2018).

Por su parte la noción de gente es universalista y homogeneizadora, no tiene género ni etnicidad. Puede ser argentina, iraní o tunecina, no interesa su procedencia porque constituye una abstracción. Al descontextualizar históricamente su discurso, la política y las decisiones políticas no son cuestiones de interés de la gente que “elige”, “exige” y “cambia” a un partido para gobernar o a un producto en una góndola de supermercado.

En la definición de democracia y quienes la construyen, Lacalle Pou (2020a) hace una enumeración cuyo orden denota una cierta jerarquización que resulta fundamental para entender la noción

de gente, a saber: “quienes votan cada 5 años”, “los militantes políticos y sociales”, “los profesionales de la comunicación”, “los docentes”, “los intelectuales y agentes culturales”, “quienes trabajan, quienes emprenden, quienes producen, quienes comercian”, “los funcionarios públicos”, “los policías”. La gente solo es considerada tal en tanto que individuo, no constituye ningún colectivo u organización social y/o política, aún los militantes son despojados de sus grupos de interés o partido político. La gente es la que vota, expresión regular de las democracias formales, pero que no necesariamente involucra políticamente a quien lo hace.

En este discurso la noción de derecho, es sustituida por la libertad individual. Sostiene Lacalle Pou (2020a) “estamos convencidos que si al final del periodo, los uruguayos son más libres habremos hecho bien las cosas”. Apelando a esta afirmación, quienes viven en Uruguay no son del todo libres, por el contrario, existen mecanismos que cercenan la libertad. La pregunta es entonces, ¿qué es lo que hace menos libres a los uruguayos? Una posible respuesta es el Estado, por acción o por omisión.

Para Harvey (2007) el neoliberalismo es:

una teoría de prácticas político-económicas que afirma que la mejor manera de promover el bienestar del ser humano, consiste en no restringir el libre desarrollo de las capacidades y de las libertades empresariales del individuo, dentro de un marco institucional caracterizado por derechos de propiedad privada, fuertes mercados libres y libertad de comercio. (p. 6)

En las concepciones neoliberales el Estado regulador es demonizado, su intervención en la vida económica no hace más que poner frenos a la libertad del individuo, a la libre competencia y a las posibilidades de desarrollo individual (ANDERSON, 2003). El Estado uruguayo es intervencionista, no sólo por contar con empresas públicas de servicios y productivas<sup>9</sup>, sino también por el diseño de políticas públicas, la regulación de las relaciones laborales a través de los Consejos de Salario, órgano tripartito (trabajadores,

---

<sup>9</sup> Desde la década del 90 la ciudadanía ha intervenido con referéndum (recurso contra las leyes) que impugnaron normas legislativas privatizadoras e iniciativa popular para modificar la constitución en busca de la estatización del suministro de agua potable.

empresarios y el Estado), creado por ley 10.449 de 1943, entre otros aspectos de las relaciones entre los sujetos de derecho y el Estado.

Según Harvey (2007) en el pensamiento neoliberal, el Estado tiene como finalidad la creación del mercado donde no lo hay. En el Uruguay una estrategia discursiva al respecto, es construir la idea de crisis, ineficiencia o incapacidad del Estado de gestionar por omisión o corrupción -el término “derroche” ha sido empleado en todo las instancias posibles para referir al gobierno del FA- tanto de las empresas públicas (de suministro de energía, petrolera, telecomunicaciones, transporte etc.) pero con acento en la educación pública, a la que responsabilizan de la desigualdad social y de ser gobernada por los sindicatos docentes.

Al finalizar el discurso de asunción, Lacalle Pou (2020a) expresa:

Permítanme entonces, invitarlos a trabajar por la libertad en todas sus formas. La libertad de poder vivir en paz. La libertad de poder elegir un trabajo digno. La libertad de poder darle un techo a la familia. La libertad de perseguir los sueños personales porque se cuenta con las herramientas para hacerlo. La libertad de expresar las ideas de cada uno sin temor a ser hostigados por los que piensan distinto. La libertad de crear, de innovar, de emprender y tender a la excelencia. La libertad de criticar al gobierno cuando se lo merezca. La libertad de buscar la felicidad de cada uno de nosotros por los caminos que cada uno elija.

La formación discursiva del gobierno de Lacalle Pou exalta la libertad individual, al punto de considerar derechos como libertades. El presidente manifiesta que “el trabajo digno” y el “techo” son libertades en vez de derechos, los entiende entonces, desde otro lugar en relación a la responsabilidad del Estado y de quienes ven vulnerada su dignidad. En consecuencia, expresa una transformación simbólica e ideológica frente a la agenda de derechos. Las personas no son consideradas sujetos de derecho sino como sujeto de libertad, lo que modifica sustancialmente el abordaje político de las necesidades y la dignidad en el marco de los Derechos Humanos.

Las libertades constituyen posibilidades de hacer, de elegir, de decidir. Los derechos exigen al Estado una acción reguladora, rol activo en la garantía y en diseño de políticas públicas que permitan hacer efectivo aquello que la formalidad jurídica reconoce. Sin

embargo, esos derechos en términos de libertad depositan en el sujeto la responsabilidad de su concreción. La libertad de “poder elegir un trabajo digno”, coloca en la voluntad de quien elige toda la carga de su no elección. Se parte de la idea que el mercado por sí mismo regula las relaciones económicas, pero también sociales y políticas. En ese sentido, al ser la dignidad del trabajo una elección que queda circunscripta a lo personal, el mercado ofrece y el sujeto opta. La desigualdad no es un problema, sino que la dignidad se elige, o eventualmente se compra.

En esta formación discursiva la libertad se entiende individual, es el “dejar hacer, dejar pasar” como principio constitutivo del liberalismo, especialmente en relación al mercado, sin embargo, en los Derechos Humanos no es posible dejar hacer ni dejar pasar. Porque “el trabajo digno” o “el techo” se garantizan cuando el Estado media o se involucra en el mercado, al regularizar, por ejemplo, las relaciones laborales y la seguridad social como forma de evitar abusos de poder en la efectivización de la dignidad del trabajo. El sujeto de la libertad o lo que es lo mismo, la gente, es profundamente individualista, sus logros son personales, y su trayecto social es construido en función de méritos personales, en palabras del presidente: “la libertad de crear, de innovar, de emprender y tender a la excelencia”.

La libertad de mercado se expresa también en la propuesta sobre el emprendedurismo, parte constitutiva de los aspectos ideológicos que incorpora el neoliberalismo para la desregularización laboral. En efecto, construir la idea de ser su propio empresario, sin horarios, sin tener que rendir cuentas, pero desprotegido en la seguridad social, sin licencias, seguros por desempleo, aguinaldo, entre otros, deja al sujeto de derecho en un estado de vulnerabilidad sin protección ni garantías.

La relación entre sujeto de la libertad y el mercado es indisoluble, cualquier limitación o intervención estatal restringe la creatividad y la innovación. En consecuencia, el sujeto de derecho se contrapone al sujeto de la libertad, no en su sentido jurídico sino como constructos políticos e ideológicos, pues bajo esta perspectiva son conceptos sustituibles o reemplazables uno con respecto al otro. Por lo menos en esta formación discursiva. El primero se asocia a la intervención estatal, a la mediación y decisión en asuntos donde puede existir relaciones de poder y desprotección,

el segundo, es asociable al “dejar hacer, dejar pasar” y por tanto la prescindencia del Estado es lo que le permite su existencia. En las lógicas neoliberales, el sujeto de la libertad es la gente, la homogenización del consumidor, aun en la democracia.

A pesar que la libertad es un Derechos Humanos, producto de las luchas burguesas y resignificadas por las clases populares, lo cierto es que los Derechos Humanos son mucho más que la libertad. En este contexto de producción discursiva, la libertad se transforma en un elemento restrictivo de la agenda de derechos porque solo atiende una parte de ellos, dejando de lado las condiciones materiales de dignidad que permiten hacer efectivas las libertades.

Algunos ejemplos que dan cuenta sobre la agenda de derechos son las políticas afirmativas con respecto a algunos colectivos, entre ellos los afrodescendientes, las personas trans y las personas que cuentan con alguna discapacidad. En particular, la ley Integral para Personas Trans (19.684)<sup>10</sup> reconoce el derecho a la identidad de género y a la reparación para aquellas personas que por esta condición fueron víctimas del terrorismo de Estado, por la persecución y la transgresión de sus derechos, durante la dictadura cívico-militar. Esta ley reconoce la posibilidad que varias personas pudieran tener un ingreso al final de sus días, especialmente porque esa población vio cercenado su derecho al trabajo y/o a la formalidad del mismo. La condición para el cobro de la reparación está supeditada a no tener otro tipo de prestaciones, por tanto, sin este ingreso se condena a la pobreza de quienes parten de una desigualdad inicial<sup>11</sup>. Esa reparación económica tuvo algunas voces en contra con muchas horas en los medios de comunicación. ¿La libertad individual puede dar respuesta a las desigualdades que viven las personas trans? ¿cómo es posible garantizar “la libertad de vivir en paz” sin la satisfacción de las necesidades? ¿cómo se puede efectivizar este derecho sin un Estado presente, que se involucre en las políticas sociales?

---

<sup>10</sup> A esta ley se le interpuso el recurso de referéndum, promovido por un grupo religioso conservador perteneciente al Partido Nacional, es decir el partido que hoy gobierna. La ciudadanía no habilitó el recurso.

<sup>11</sup> “Las mujeres trans en Uruguay tienen un promedio de vida entre 35 y 40 años, esto tiene que ver con la desafiliación de las instituciones en el acceso a derechos” (PINI, 2019)

El género parece constituir un potente argumento, porque interpela al hombre blanco de clase media, en su poder y sus ámbitos de decisión. Desde la postura interseccional<sup>12</sup>, la lógica que sustenta los ataques sistemáticos a la perspectiva de género atraviesa varias dimensiones, en tanto existe una relación subyacente entre el género, la clase y la raza. Así la agenda de derechos favorece a los sectores de la sociedad que se encuentran en situaciones de desigualdad social, como es el caso de la ley de la despenalización de la interrupción voluntaria del embarazo, que permite que mujeres de clases populares tengan atención que garantice su decisión en un marco de seguridad sanitaria. Anteriormente, en la clandestinidad, solo las mujeres en condiciones económicas favorables podían afrontar los costos de clínicas que aseguraran las condiciones adecuadas para realizar el aborto. Por tanto, impugnar la perspectiva de género es ocultar las luchas interseccionales y la diversidad de los derechos reconocidos que permiten acceder a otros derechos, como el de la libertad (también colectiva), porque contribuyen a generar condiciones materiales propicias para ello.

Al comienzo de la declaración de emergencia sanitaria, ante la celebración de un nuevo aniversario de un hito de la Independencia Nacional, Lacalle Pou (2020b) expresó el siguiente mensaje:

Obviamente si la libertad está basada en el concepto de la libertad económica, de poder subsistir, de poder trabajar, de poder sustentarse y mantenerse. Hoy estamos ante esa aparente dicotomía entre la salud y economía; y es allí donde hemos tratado de trabajar, sobre el concepto de libertad, adecuarlo a los tiempos modernos, a esa nueva normalidad que vamos a tener que vivir y que siga siendo nuestro faro, nuestra meta la libertad individual y obviamente el bien común.

Con estas afirmaciones, Lacalle Pou da por laudado un conflicto que él lo hace explícito: la tensión entre lo económico y la salud. Desde su formación discursiva, ambos son libertades. Nuevamente manifiesta otro derecho en términos de libertad. La salud está sujeta a la voluntad individual, por ello todo lo

---

<sup>12</sup> Concepto que emerge del feminismo afro cuya importancia política está en evidenciar la relación entre raza, género y clase (CRENSHAW, 1991), desatender cualquiera de estas dimensiones mantiene las desigualdades, que en el capitalismo son estructurales.

que le suceda al individuo sobre su integridad queda bajo su absoluta responsabilidad. Si la salud es libertad y no derecho es posible de ser negociada en el mercado, tiene un valor y puede cotizarse según el tipo de asistencia que se pueda contratar. Sin embargo, si la salud es un derecho se convierte en asunto público y obliga al Estado a tomar medida para garantizar el acceso a una salud pública como prestación de calidad. Haber laudado la tensión entre economía y salud con la declaración de libertad, despojándose de toda prescripción estatal, sólo profundiza el conflicto en el espacio social.

Según Rebellato (2008) “el neoliberalismo (...) nos ha conducido a un mundo donde la competencia y el mercado se han transformado en los productores de nuevos significados y en constructores de nuevas subjetividades” (p. 21). Los aspectos simbólicos que se entrelazan ponen a los derechos en lenguaje de libertad individual y culpabiliza al sujeto por no tenerla o no responsabilizarse de ella.

Este énfasis en la libertad individual sobre los derechos es acompañado con acciones concretas y desvelos explícitos. Parte de las promesas electorales se concretaron en un proyecto de ley que ingresó al Poder Legislativo con declaratoria de urgente consideración<sup>13</sup> (19.889) que, si bien no conservó la propuesta original con un poco más de 500 artículos, los principios que la inspiraban se mantuvieron: modificaciones en el sistema penal con la creación de nuevas figuras jurídicas como la presunción de legítima defensa para la policía, la tipificación de los “piquetes”, la desregulación del cobro de salarios a través de la bancarización (obligación que permitió controles más precisos a la formalización del trabajo, con los derechos que ello genera sobre la seguridad social), la desregularización bancaria de transacciones de gran monto, inclusión de la educación privada al sistema de educación, el gobierno de la enseñanza pasa de un órgano colegiado a una dirección y le quita la representación docente -de elección directa-

---

<sup>13</sup> La declaración de urgencia de un proyecto de ley es una potestad exclusiva del Poder Ejecutivo, está previsto en el artículo 168 de la Constitución. Este es un mecanismo de control del presidente y sus ministros hacia el Poder Legislativo, en tanto tiene previsto plazos de aprobación que, si se cumplen sin pronunciamiento parlamentario, queda ratificado el enviado por el Ejecutivo.

de la enseñanza primaria y media, entre otras cuestiones que se separan e interpelan ideológicamente la agenda de derechos.

En el neoliberalismo sostiene un doble supuesto sobre el Estado que, en apariencia son contradictorios: por un lado, la prescindencia estatal porque limita la libertad individual, para ello crean la noción de ineficacia de lo público y lo pesado de la carga impositiva<sup>14</sup>, pero por otro lado se le exige al Estado una presencia activa en la función punitiva, en el uso de la violencia hacia toda manifestación contraria a la propiedad privada y a la libertad individual. El discurso que pone al miedo (incluso a la pérdida de la familia tradicional y el patriarcado) y la inseguridad frente al otro como centro, permite justificar la aplicación de políticas represivas, especialmente aplicables a las manifestaciones de resistencia y hacia las clases populares. El discurso sobre la inseguridad, la necesidad de profundizar las penas y la represión, la aprobación de la ley con declaratoria de urgente consideración sobre el significante de libertad individual y la sustitución del sujeto de derecho por la gente se acercan a un marco político que se aleja a pasos firmes de la agenda de derechos.

### *3. Conclusión*

Una de las disputas ideológica del neoliberalismo es en el campo de los Derechos Humanos, al imponer una estrategia discursiva que resalta la libertad individual como eje simbólico fundamental, hecho que hace muy difícil su contraargumento. Sin embargo, tras esa libertad se recogen los pedazos que deja la desigualdad, que supone libres a quienes están bajo la vulneración del capitalismo.

---

<sup>14</sup>La organización Un solo Uruguay, integrada por agro exportadores y productores rurales con gran capital, en una de las proclamas leída en un acto público, realizado después de las elecciones, le marcan el rumbo al nuevo presidente y le advierten: “Los sectores productores no quieren más solidaridad obligatoria. Llegó el momento de que el tan necesario ajuste fiscal lo haga el Estado a través de la reducción del gasto. Estamos proponiendo un cambio necesario, achicar el costo país, ese que nos impide ser competitivos y ahorca a la empresa, al trabajador y a la familia” (UN SOLO URUGUAY, 2020)

En este marco se dirimen posiciones diferentes sobre cuál es el papel del Estado frente a los derechos de los sujetos. Si bien no existen tensiones entre libertad y derechos, el neoliberalismo, las construye, en nombre de un bien mayor: la libertad individual. Produce un discurso vacío, despojado de contenido político, aunque paradójicamente político. La apuesta a la libertad individual intenta romper con la agenda de derechos y reemplaza al sujeto de derecho por la noción de gente. El intento de vaciar de contenido político y de reconocimiento ha permitido poner en cuestión a derechos establecidos en el marco legal y profundizar el contexto de punición con el velo de la exaltación de la libertad individual.

Desde esta lógica, los aspectos simbólicos que involucran la noción de gente como el destinatario del discurso y en sustitución de los significantes pueblo y/o ciudadanía, contribuyen al despojo de toda politicidad del sujeto de derecho y lo pone en situación de vulneración.

La discursividad sobre el género como campo de tensiones, esgrimido por los sectores conservadores, conjuntamente con el miedo a la inseguridad, fueron potentes al poner en cuestión la agenda de derechos. El ataque sistemático a la perspectiva de género a través de la noción de ideología de género, significa la lucha por imponer un modelo que destaca la familia tradicional, patriarcal como valor absoluto e intransigente. Es parte de la disputa argumentativa que coyunturalmente ha sido funcional al neoliberalismo para imponer la lógica de la libertad individual sobre la agenda de derechos.

Desandar estas formaciones discursivas no es un camino fácil, especialmente cuando los sujetos de derechos, los que conforman el bloque social de los oprimidos, al decir de Dussel, se apropian de esta enunciación. Desafiar estas construcciones simbólicas parece ser parte sustantiva en la lucha por la dignidad.

### *Referências bibliográficas*

ANDERSON, Perry. Neoliberalismo: un balance provisorio. En: La trama del Neoliberalismo. Mercado, Crisis y exclusión social. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

- BURDEAU, George. La democracia. Barcelona: Ediciones Ariel, 1959.
- CRENSHAW, Kimberlé. Cartografiando los márgenes Interseccionalidad, políticas identitarias, y violencia contralas mujeres de color. Originalmente publicado en Stanford Law Review, 43 (6), 1.241-1.299 (87-122). 1991. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4836857>
- DUSSEL, Enrique. Entrevista Destacada/Enrique Dussel: El pueblo es el actor colectivo de la transformación histórica. Disponible en: <http://revistadefrente.cl/enrique-dussel-el-pueblo-es-el-actor-colectivo-de-la-transformacion-historica/> . Fecha del último acceso: 26/07/20
- GRANÑA, Federico. Director de Mides respondió a Mujica y sus expresiones sobre la agenda de derechos. En: Montevideo Portal. 20/12/20. Disponible en: <https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Director-de-Mides-respondio-a-Mujica-y-sus-expresiones-sobre-la-agenda-de-derechos-uc739088> Fecha del último acceso: 28/07/20.
- HARVEY, David. Breve historia del Neoliberalismo. Madrid: Akal, 2007.
- LACALLE POU, Luis. Discurso de asunción ante la Asamblea General del Poder Legislativo. 1º de marzo de 2020a. Audio disponible en: <https://www.presidencia.gub.uy/sala-de-medios/audios/audios-completos/discurso-asuncion-asamblea-general-presidente-republica-luis-lacalle-pou-01-marzo>. Fecha del último acceso: 20/5/20.
- LACALLE POU., Luis. Mensaje a la población en el marco de la conmemoración de la Cruzada Libertadora. En: El País. Montevideo. 19 de abril de 2020. Disponible en: <https://www.elpais.com.uy/amp/informacion/politica/lacalle-pou-rindio-homenaje-treinta-tres-orientales-soriano.html>. Fecha del último acceso: 20/5/20.
- MANINI RÍOS, Guido. Discurso en la Cámara de Senadores. En: La Diaria. 10/07/20. Disponible en: <https://ladiaria.com.uy/politica/articulo/2020/4/manini-rios-defendio-en-el-parlamento-a-militares-retirados-procesados-por-delitos-cometidos-en-la-dictadura/>
- ORLANDI, Eni. Análise de discurso. Princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.
- PINI, Marcela. Entrevista. En Montevideo Portal, 21/07/19. Disponible en: <https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Marcela-Pini-activista-trans-la-ley-no-da-privilegios-garantiza-el-acceso-a-derechos-uc724808>. Fecha del último acceso: 19/07/20.
- POSADAS, Juan Martín. Agenda de Derechos. En: El País. 23/07/17. Disponible en: <https://www.elpais.com.uy/opinion/juan-martin-posadas/agenda-derechos.html> Fecha del último acceso: 19/07/20.
- REBELLATO, José Luis. Ética de la liberación. Montevideo: Editorial Nordan, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Derechos Humanos, democracia y desarrollo. Bogotá: Centro de Estudios de Derecho, Justicia y Sociedad, Dejusticia, 2014.

UN SOLO URUGUAY. En: Montevideo Portal. 23/01/20. Montevideo. Disponible en: <https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Un-Solo-Uruguay--Los-productores-no-quieren-mas-solidaridad-obligatoria-uc742090>. Fecha del último acceso 27/07/20.

## *Normativa*

URUGUAY. Constitución de la República. 02/02/1967. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/constitucion/1967-1967>. Fecha del último acceso: 31/07/20.

URUGUAY. Poder Legislativo. Ley 10.449. 12/11/1943; Ley 17.940. 02/01/2006; Ley 18.065. 27/10/2006. Ley 18.211. 05/12/2007; Ley 441. 24/12/2008; Ley 18.590. 18/09/2009; Ley 18.651. 19/02/2010; Ley 18.987. 22/10/2012; Ley 19.075. 03/05/2013; Ley 19.122. 21/08/2013; Ley 19.172. 20/12/2013; Ley 19353. 27/11/2015; Ley 19.580. 22/12/2017; Ley 19.684. 26/10/2018; Ley 19.889. 9/07/2020. Disponibles en: <https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes>. Fecha de último acceso: 31/07/2020.

PARTE III  
Feminismo y política  
Feminismo e política

*“Lo que hizo el trabajo de la mujer especialmente atractivo para los capitalistas no solo era su precio más bajo, sino también la mayor sumisión de la mujer”*  
(Clara Zetkin).

*“El sustento me lo gano y es mío donde quiera que sea, que yo tengo una mano que sabe trabajar y un cerebro que es sano”.*  
(Alfonsina Storni)

*“Antigamente o que oprimia o homem era a palavra calvário;  
hoje é salário.”*  
(Carolina Maria de Jesus)

# Salarios para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados: hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas

*Xochitl Citlali Ponce Basaldua  
Rosangela Lizette Santana Belmont*

**Resumen:** El artículo hace una revisión desde la teoría marxista y feminista de los procesos de trabajo, evidenciando que el trabajo doméstico, sexual y de cuidados es una piedra angular en el desarrollo del capitalismo al representar la base de la reproducción de la fuerza de trabajo y no tener una remuneración. Se muestra, cómo dichos trabajos, en la estructura patriarcal son adjudicados a las mujeres y nos obligan a desempeñarlos sin retribuciones, siendo una de las formas más violentas de explotación. La carga laboral y el peso de las políticas económicas neoliberales en el siglo XXI impactan de manera acentuada sobre las mujeres y sus cuerpos, con dobles o triples jornadas y con poca o nula remuneración. Por ello, la necesidad de enarbolar luchas por salarios dignos para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados, lo que de manera coadyuvante reivindicamos como una revolución cero, una perspectiva política dirigida al inicio de cambios indispensables en las relaciones capitalistas y frente al patriarcado, y el camino hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas.

**Palabras clave:** Proceso de trabajo capitalista. Trabajo doméstico, sexual y de cuidados. Revolución cero

## *1. Introducción*

El siguiente artículo presenta, en primer instancia, una revisión teórica sobre el papel que juega el trabajo doméstico, el trabajo sexual y de cuidados en el capitalismo. Se pone de relieve el papel de las mujeres como cimiento para la reproducción de la fuerza de trabajo, la reproducción social y la del sistema en su conjunto, considerando que ninguna de las actividades para estos fines, es remunerada, haciendo, entonces, necesaria

la reivindicación política de una lucha por salarios dignos y suficientes para estos trabajos. El trabajo reproductivo, asignado a las mujeres como natural y asociado a un rol de feminidad, ha sido edificado por el capital bajo el discurso del trabajo por amor, negándole así la posibilidad de establecer un valor económico, que se traduzca en un salario. Por ello, en lo siguiente, presentamos una perspectiva política de cambio hacia procesos de trabajo dignos feministas no capitalistas, desentrañando desde las categorías marxistas y feministas las formas que reviste la explotación laboral, doméstica, sexual y del aprovechamiento de los cuidados como base de un sistema capitalista y patriarcal, en la especificidad del patrón de acumulación flexible.

Bajo esta perspectiva, observamos que la visibilización de los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados, así como el hecho de que ninguno sea remunerado, es una necesidad para comprender la dominación y explotación a las que son sometidas las mujeres, especialmente porque se ha dejado ver en la esfera productiva que las relaciones de trabajo con el capital, y a través del Estado en su etapa neoliberal, son ejercidas mediante políticas de flexibilización que promueven una mayor inseguridad, trabajos a domicilio y abren la oportunidad para que las mujeres sean presas de una mayor violencia que deriva en el incremento de feminicidios.

El capitalismo ha generado en sincronía con el orden patriarcal, una de las más terribles explotaciones, la de las mujeres remitidas en los hogares y la cocina, desvalorizando la base del trabajo que le permite al capital contar con una fuerza de trabajo disciplinada y dispuesta, por eso mismo, reafirmamos que una importante lucha de las mujeres está en reconocer este trabajo reproductivo que se tiene en los hogares y en el cuidado, con un salario para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados, que le permita a las mujeres cambiar las relaciones sociales frente al capital y frente al patriarcado. Silvia Federeci nos dice que el salario para el trabajo doméstico, es la revolución cero, es decir, el inicio de una transformación necesaria, por eso este artículo, tiene el fin de retomar estos argumentos y plantear la necesidad de remuneraciones dignas para nosotras las mujeres, y manifestar la deuda histórica que nos han heredado como un camino hacia procesos de trabajo feministas no capitalistas.

## *2. El proceso de trabajo desde nuestra perspectiva*

La discusión planteada por los economistas clásicos sobre el valor de las mercancías ha sido crucial para entender desde dónde inicia el ciclo de acumulación capitalista y las formas para hacer esto dentro del capitalismo. Marx planteó la diferencia fundamental entre el trabajo necesario para la producción de las mercancías, tiempo de trabajo excedente, y la compra de la fuerza de trabajo, que constituyen un capital adelantado. El principal argumento sobre el que descansa el cuestionamiento al pago que restituye a la fuerza de trabajo, el salario del obrero, es que, dicha remuneración nunca ha sido suficiente ni siquiera para la reproducción del obrero por sí mismo, en este sentido, tampoco alcanza para la reproducción de su familia. Pero existe en medio de esta afirmación un elemento que va a cambiar en mucho, el planteamiento marxiano, y es que el trabajo doméstico, el trabajo sexual y de cuidados desde los inicios del capitalismo ha sido el pilar de la reproducción de la fuerza de trabajo y éste no es remunerado en ninguna de sus formas.

Esto implica que el tiempo de trabajo socialmente necesario (TTSN) para cubrir las necesidades de reproducción del obrero no es ni siquiera el mínimo, porque no se ha contabilizado el trabajo que realiza la ama de casa, como obrera sin pago, para restituir la fuerza de trabajo del obrero. La jornada de trabajo únicamente considera las horas que el obrero tarda en fabricar las mercancías y la media de cada uno de los trabajadores dependiendo de sus capacidades, para ver el TTSN, pero se invisibiliza aquí la jornada de trabajo que de manera paralela lleva la obrera del hogar en la hechura de los alimentos, las labores de limpieza, enseñanza y demás ocupaciones propias para la reproducción de toda la familia.

El trabajo necesario, el salario y el valor de la fuerza de trabajo, tal y como Marx lo ha definido, expresan el trabajo social medio necesario para la mera reproducción de la fuerza de trabajo individual, pero no suficiente para la conservación y la reproducción de la clase obrera. La verdadera relación que existe en esta fase entre trabajo necesario, salario y valor de la fuerza de trabajo, por un lado, y la misma fuerza de trabajo por otro, es la que tiende al límite de la fuerza de trabajo individual (Fortunati, 2019:160).

Bajo esta aseveración, el obrero se convierte en el instrumento mediante el cual el capital consigue adueñarse del trabajo

doméstico, sexual y de cuidados, a través de la forma con el intercambio de la fuerza de trabajo como capacidad de producción, pero sin intercambiar con la fuerza de trabajo como capacidad de reproducción. El salario ya no es sólo expresión del poder de coacción que liga al capital y a la clase obrera asalariada, sino que también se vuelve expresión del dominio capitalista y de la disciplina sobre el trabajo no directamente asalariado, antes que nada, sobre el trabajo doméstico, sexual y de cuidados. Y, por lo tanto, también se convierte en el envoltorio de la explotación de la obrera del hogar.

Este tema recientemente se ha reeditado por la afluencia del movimiento feminista y porque se ha hecho también la crítica al patriarcado del salario (Federici) que implica un redimensionamiento del poder opresor del salario sobre los obreros y principalmente sobre las mujeres que siguen siendo parte de la reproducción de la sociedad capitalista en la medida de que su familia se encuentra despojada de los medios de subsistencia. La clase trabajadora y la satisfacción de sus necesidades, así como su propia reproducción queda en manos del capital (subsunción real del proceso de trabajo por el capital), el capital transforma los procesos de trabajo en función de la generación creciente de ganancias, de la extracción cada vez mayor de trabajo no pagado y principalmente en los países subdesarrollados en la apropiación de parte del trabajo necesario que reproduce al trabajador (sobreexplotación).

En estas condiciones opera y se reproduce también el orden patriarcal, generando junto al capitalismo un conflicto siempre latente, la lucha de clases y la desigualdad entre hombres y mujeres, una clase viviendo de la otra, un sistema de opresión y explotación del capital a las y los obreros y un sistema de opresión hacia la mujer, un sistema violento que arrebató a unos su tiempo de vida, y que restringe a otros a no poder satisfacer sus necesidades, un sistema que se funda en el trabajo no pagado y en el trabajo no remunerado. El salario que se paga a las mujeres por su actividad productiva simplemente constituye una doble explotación porque se expropia el valor creado en el proceso de producción de mercancías y el que destina a la reproducción de su familia porque no ha sido retribuido, ni expresado como parte del proceso.

Efectivamente, si seguimos la línea de pensamiento de Marx, el trabajo realizado en el hogar incrementa el valor de la fuerza

de trabajo en la medida que le proporciona, tanto los alimentos y satisfactores básicos para su producción fisiológica, como lo que concierne a la producción de su capacidad como fuerza productiva, es decir, la capacitación, educación y saberes indispensables para competir en el mercado de trabajo, los obreros no se hacen solos y las obreras del hogar no son retribuidas, ni representan el valor que están creando diariamente. En lo siguiente se tratará de mostrar cómo en la actualidad las formas que reviste el proceso de trabajo sometido al desarrollo del capitalismo constituyen una deuda histórica hacia las mujeres, el salario para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados, no solo es una demanda, sino una perspectiva política que abre un campo de batalla, que comienza con las mujeres pero sienta bases para una lucha económica, social, política, contra la clase y género dominantes.

### *3. El Estado y su política “macromachista”*

El elemento que opera para mantener este status quo, este “equilibrio” en el desarrollo del capitalismo, ha sido el Estado, a través del marco jurídico, de la política económica y las políticas públicas, del sometimiento y uso de los sindicatos, de políticas educativas conservadoras, del aparato ideológico y represivo. A su vez los capitalistas, preservan estas condiciones y las agudizan a través de los contratos laborales (donde se desfavorece a las mujeres), la subcontratación y el trabajo a domicilio, la disciplina y la formación de una identidad pseudoempresarial para la clase trabajadora. Dicha identidad promueve la idea de que a mayor trabajo mejores condiciones de vida, el trabajo se vuelve una lucha competitiva por la superación personal, es aquello que permite acceder al gran cúmulo de mercancías que representa un “estatus de vida”; el trabajo debe ser la máxima aspiración individual, donde se implementan los roles de género.

En la actualidad, el proceso de trabajo es organizando a través de la división social y sexual, de los procesos de especialización, de los roles de género, del discurso de la productividad y la competitividad como sinónimos de crecimiento y de mejores condiciones de vida; se articula a través políticas económicas, sociales o públicas, que por lo regular se encuentran limitadas

a los requerimientos de los empresarios más ricos del mundo, de las organizaciones comerciales y de la financierización económica. A través de todo ello, se ha implementado un sistema de disciplina y obediencia, donde las mujeres deben ser el sinónimo de abnegación en la entrega de su trabajo, y encargarse de crear las siguientes generaciones de fuerza de trabajo. Por esto, el capitalismo favorece al patriarcado, que ya existía desde otras formaciones sociales. En el sistema capitalista y patriarcal, existen condiciones extenuantes de trabajo, jornadas laborales llevadas al límite, intensificación de los procesos de trabajo, trabajos sin condiciones mínimas de seguridad, trabajos que llevan a enfermedades terminales, trabajos que cuando nos venden el concepto de competitividad, se traducen en la pérdida de las prestaciones sociales.

Las actuales políticas económicas son una muestra indiscutible de la atrocidad del capitalismo, especialmente con las mujeres, en la denominada política económica neoliberal o patrón de acumulación flexible, se ha privilegiado el consumo, dejando de lado el sentido más humano, la mercantilización de la vida nunca fue más fuerte, dominada por procesos crecientes de centralización y concentración de capital, ha implicado una distribución del ingreso cada vez más polarizada y regresiva, esto tiene un gran impacto porque articula no solo base de la producción, sino la reproducción de la sociedad, y esta al estar bajo el orden del patriarcado ha mercantilizado cada vez más a la mujer y su cuerpo, y se reflejado en una violencia creciente sobre ella.

Esta evolución de la articulación del proceso de trabajo en el sistema capitalista y patriarcal, opera a favor de la acumulación de capital y de una pequeña élite, que ha llevado a la desaparición del estado de bienestar social, y ha traído la flexibilidad laboral, los bajos salarios, las dobles o triples jornadas laborales para las mujeres<sup>1</sup>, el incremento del trabajo no remunerado, el

---

<sup>1</sup> Tres factores principalmente han provocado el alargamiento de la jornada laboral de las mujeres y el aumento de trabajo en el hogar. Primero, que las mujeres han actuado como parachoques de la globalización económica, compensando con su trabajo el deterioro de las condiciones económicas producido por la liberalización de la economía mundial y el incremento en desinversión social acometido por los

incremento del desempleo, es decir, en los últimos años han crecido las relaciones de desventaja de la clase trabajadora frente al capital, generándose un escenario nada favorecedor para la clase trabajadora, y en especial para las mujeres. El endeudamiento, el estrés, la exclusión social, la inseguridad y la violencia, la enfermedad o muerte, la precariedad y la pauperización, son factores que se yuxtaponen para las mujeres, ya que, mientras no se reciba ningún tipo de pago por los procesos de trabajo doméstico, sexual o de cuidados, el capital y el Estado podrán mantenerse como hasta ahora, con políticas económicas que invisibilizan, corrompen y menosprecian, además de asesinar diariamente con su ideal de mujeres trabajadoras y buenas madres de familia, se jactan de atender la oleada creciente de feminicidios y no cubren ni aseguran ninguna necesidad, ni demanda real, así que las mujeres lo hacen a través de su trabajo no remunerado, a través del consumo de su propio ser.

#### *4. Factores yuxtapuestos que someten los procesos de trabajo de las mujeres*

El proceso de trabajo sometido al capital en el siglo XXI, es marcado por la informalidad, el subempleo y la precariedad, que llevan al incremento de la pobreza y la desigualdad, en ese escenario, es donde debemos situar la participación de la mujer en el empleo remunerado y en el trabajo que realizan en la reproducción y que no tiene una remuneración. Respecto al empleo remunerado podemos afirmar que en todos los indicadores laborales las mujeres se encuentran en desventaja: el ingreso del trabajo de las mujeres en todas las categorías de ocupación en 2008 equivale a 69% del respectivo ingreso de los hombres. Entre los asalariados, las

---

Estados... El segundo factor que ha devuelto la centralidad al trabajo doméstico en el hogar ha sido la expansión del «trabajo en casa» debido parcialmente a la descentralización de la producción industrial y la expansión del trabajo informal... Por último, el aumento en el empleo femenino fuera del hogar y la reestructuración de la reproducción no han eliminado las jerarquías laborales de género. Pese al aumento del desempleo masculino, las mujeres todavía ganan solo una fracción de lo que ganan los hombres (Federeci, 2013).

diferencias son menores, y las mujeres perciben en promedio 85% de lo que perciben los hombres, además de enfrentarse a los llamados techos de cristal, pisos pegajosos, paredes de cristal, escaleras rotas.<sup>2</sup>

Las mujeres son las que ocupan mayormente trabajos en el sector informal y de carácter precario. Respecto a los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados se asume que a la mujer le corresponde y por lo tanto, no son remunerados, ni se contabilizan en las cuentas nacionales, de modo que, el mercado laboral obliga a las mujeres a cumplir dobles o triples jornadas de trabajo sin que ello sea reflejado en el crecimiento, producción y reproducción del sistema económico en su conjunto. “En lo tocante a nosotras, no nos ofrecen solo el «derecho a trabajar» (esto se lo ofrecen a todos los trabajadores) sino que nos ofrecen el derecho a trabajar más, el derecho a estar más explotadas” (Federeci, 2018). Si bien, en un inicio la participación de las mujeres en el mercado laboral pudo ser la necesidad de complementar el ingreso de la familia, o el sustituir al esposo muerto, hoy día la presencia de las mujeres en el mercado de trabajo es cada vez mayor trayendo tasas de crecimiento mucho más altas que en los hombres, aunque estos ocupan aun el mayor porcentaje en el mercado. La participación mayor de las mujeres puede explicarse en parte por mayor educación, menos cantidad de hijos, así como una tasa mayor de divorcios que las convierten en jefas del hogar.

En el siglo XXI se sigue relegando a la mujer al campo de lo “privado” en el hogar, en la reproducción de la familia<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> “Techo de cristal” explica por qué las mujeres que cuentan con cierto nivel de educación y experiencia no crecen en sus ámbitos de trabajo a la par que los varones, barreras invisibles que impiden que las mujeres asciendan a puestos jerárquicos y de decisión. “pisos pegajosos” hace referencia al proceso mediante el cual las mujeres tienden a quedar “estancadas” en los puestos de trabajo de menor calificación (informales, de medio tiempo, salarios bajos). “paredes de cristal” se refiere al hecho de que es posible identificar fácilmente ciertas ocupaciones con predominio masculino (como la construcción) mientras que ciertos sectores y actividades se encuentran fuertemente feminizados (como el trabajo doméstico), habiendo poca movilidad entre unos y otros. “escaleras rotas” dan cuenta de las interrupciones en las trayectorias laborales.

<sup>3</sup> La familia nuclear como base del sistema capitalista ha sido el eje de la explotación en los hogares, esa explotación que poco es reconocida, y que con su trabajo sustenta una gran parte de la producción y reproducción de la economía y del

sometiéndola, a un arduo y desgastante trabajo, valorizándola a través de sus cualidades para el cuidado, el orden, la limpieza, el saber cocinar, planchar, lavar, haciéndolas sentir realizadas y orgullosas, poniendo tal esmero, que muchas veces se olvidan de ellas mismas, y manteniéndolas tan agotadas, como para pensar, crear y criticar. A las mujeres se nos ha educado, para mantener un hogar, ser fieles, y tener hijos, una mujer que esté fuera de este constructo social es ampliamente cuestionada, mas aquella que se niega a reproducir la especie, es impensable una mujer que no esté dispuesta a cumplir su deber como madre. El rol de la mujer se ha sujetado entonces a mantener la reproducción de la sociedad, de un sistema capitalista y patriarcal que acaba día a día con ella.

Cuando la mujer entra en el mercado laboral, se le sigue asignando esos roles de género, que la llevan muchas de las veces a una extensión del trabajo doméstico, sexual y de cuidados en el mercado laboral, los trabajos para las mujeres están marcados por su rol de cuidadoras, son las enfermeras, las educadoras, las cocineras, las sirvientas, su trabajo debe ser una extensión de su “feminidad”, a pesar de ser el 51% de la población, la gran mayoría no ocupan altos cargos o puestos. Al asociar a la mujer con los trabajos del hogar, y al considerar estos de bajo valor, esto se traslada a los salarios en el mercado de trabajo, las mujeres en los hechos ganan menos que los hombres. De este modo, el trabajo reproductivo, de carácter doméstico y de cuidados, se ha constituido como un trabajo de “naturaleza femenina”, es decir, se ha construido socialmente, la idea de que la mujer por amor, realiza todo ese trabajo muchas de las veces sin pago otras como trabajadoras domésticas remuneradas, y no solo que lo realiza, sino que le corresponde, que es parte primordial de su realización y de su ser.

---

sistema mismo. Ahora bien, este trabajo que pretende mantenerse en la esfera de lo privado, como algo ajeno a la economía, a la política, a la productividad y a las grandes decisiones que alteran el orden mundial, y sobre todo fuera de las relaciones del capital, es un trabajo que constituye la base de la reproducción de la fuerza de trabajo, es un trabajo de reproducción, y siendo así, lo privado es político, lo privado atañe a toda la sociedad, porque de este tipo de trabajo nos hemos servido todos.

## *5. Un proceso de trabajo feminista y un salario digno como principio del fin*

Hasta aquí, hemos explicado las diferencias entre los procesos de trabajo enajenados y sometidos a las necesidades capitalistas, por encima de las mujeres en particular, y de la humanidad en general. Del mismo modo que las luchas feministas han enarbolado una batalla por los salarios para el trabajo doméstico, sexual y de cuidados, en tiempos de la acumulación flexible sigue siendo indispensable reivindicar estas demandas como una estrategia política que nos permita continuar con una lucha mucho mejor organizada.

Los capitalistas han ganado, no solo a partir del trabajo no pagado, en la jornada de trabajo reconocida a través del salario, sino también a partir de la explotación más ardua, intensiva, y poco recompensada, del trabajo doméstico, sexual y de cuidados no remunerado. Cada uno de ellos son procesos de trabajo para la reproducción, tanto de la fuerza de trabajo, como de la sociedad misma, intensificados con la mundialización y la acumulación flexible, los procesos de trabajo enajenados y sometidos al capital han sido impuestos a hombres y mujeres, pero quienes experimentan cada vez más una mayor violencia y asesinatos por su género, son las mujeres, y todo ello a expensas de mantener un orden patriarcal. En los cuerpos, mentes y emociones de las mujeres, se ha edificado un sistema altamente violento principalmente para aquellas que lo sostienen. Esto significa, que los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados indispensables para la reproducción social (mantenimiento de la vivienda, transformación de alimentos, recluimiento en la cocina, actividades de educación y distracción, mantener relaciones sexuales, etc.), representan para las mujeres una lista infinita de labores dentro del hogar, dentro de la familia, dentro de la sociedad que les consume la vida y el espíritu. “Es importante reconocer que cuando hablamos de trabajo doméstico no estamos hablando de un empleo como cualquier otro, sino que nos ocupa la manipulación más perversa y la violencia más sutil que el capitalismo ha perpetrado nunca contra cualquier segmento de la clase obrera” (Federeci, 2013).

Este trabajo ha sido invisibilizado por el capital, porque es un trabajo que le retribuye ampliamente y que no tiene que ser pagado,

este trabajo es desvalorizado moralmente, y minimizado bajo el título de ama de casa, el capital y el patriarcado han construido y romantizado esta explotación, este trabajo no remunerado, como actividades propias del hogar y propias de las mujeres, de tal manera que la mayoría de los hombres no las cuestionan porque también se han servido de ellas, y porque a la vez sus ingresos no les permite obtener una reducción de sus jornadas de trabajo.

“Esta explotación ha resultado ser todavía más efectiva puesto que la falta de remuneración la oculta: en lo que a las mujeres se refiere, su trabajo aparece como un servicio personal externo al capital «cosa de mujeres» que no nos requiere mucho esfuerzo” (Federeci, 2013).

El visibilizar, reivindicar, y establecer la necesidad de un salario para los procesos de trabajo doméstico<sup>4</sup>, sexual y de cuidado, es parte importante para empezar a transformar la realidad social, dado que a pesar de que las mujeres han incrementado su actividad en el mercado laboral, ha implicado no dejar de lado el rol que les impone la sociedad como cuidadoras, las mujeres desempeñan su labor como asalariadas, para continuar su labor en casas con el trabajo doméstico, no pagado, en el cuidado de los hijos, lo que las lleva a cubrir no una jornada, a veces ni dos, sino hasta triple jornada de trabajo. Visibilizar la necesidad de una remuneración o un salario digno para los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados es entender que este trabajo de reproducción, tiene un valor altamente importante, y que no le corresponde “por naturaleza o amor” a las mujeres, es entender de qué se trata de cambiar las bases de las relaciones entre hombres y mujeres, entre la lucha de las mujeres con el capital y el orden patriarcal.

A lo largo del continente la tasa de participación económica de la mujer es de 54% comparada con 79% de los hombres. En México, las diferencias en las tasas de participación respectivas

---

<sup>4</sup> “El trabajo doméstico es mucho más que la limpieza de la casa. Es servir a los que ganan el salario, física, emocional y sexualmente, tenerlos listos para el trabajo día tras día. Es la crianza y cuidado de nuestros hijos – los futuros trabajadores – cuidándoles desde el día de su nacimiento y durante sus años escolares, asegurándonos de que ellos también actúen de la manera que se espera bajo el capitalismo producimos ni más ni menos que el producto más precioso que puede aparecer en el mercado capitalista: la fuerza de trabajo” (Federeci, 2013).

entre hombres y mujeres exceden los 30 puntos porcentuales (Espino, 2011). La producción no remunerada dentro del hogar en términos económicos se estima que aproximadamente representa 20% del PIB en México. En contraste, dentro del hogar las mujeres concentran las actividades domésticas al encargarse de la mayoría de las tareas de “reproducción” social, las labores de cuidado infantil, de enfermos, así como del mantenimiento del hogar (Espino, 2011). En general, a lo largo de la región, las mujeres se responsabilizan de dos tercios del total de la carga de trabajo dentro de la casa, mientras que los hombres del tercio restante.

“No reconocer el valor económico del trabajo no remunerado equivale a considerar como “no productoras”, “inactivas”, “no ocupadas” y fuera del ciclo económico a las personas que dedican su tiempo al cuidado de otros sin percibir por ello remuneración. Más allá de consideraciones de justicia en el *reconocimiento* de las contribuciones a la producción, hay que subrayar que la invisibilidad de esos aportes afecta adversamente a la justicia de la *distribución de recursos, beneficios y compensaciones* derivados de esa producción.” (Gómez, 2008)

En el capitalismo el trabajo se valora y se le reconoce a través de su remuneración, el salario permite luchar por mejores condiciones laborales, da derecho a la huelga, permite acceso a prestaciones sociales y establece horarios que limitan las jornadas laborales. A su vez, la reclusión de la mujer a la “cocina” a lo privado, se le da el atributo de “natural” de una expresión de amor y hasta de obligación, se esconde su función como trabajo y su valor en la contribución del desarrollo de la sociedad.

Al no considerarse un trabajo digno de remuneración, ni de reconocimiento social, el capital y el patriarcado someten a la mujer a lo “más bajo” de la cadena de la producción y reproducción del sistema, en ese sentido el salario del trabajo doméstico, sexual y de cuidados, es el principio del fin de las relaciones hasta ahora establecidas, es una condición necesaria de la lucha feminista, que permita generar mejores condiciones laborales para la mujer, que empiece a cambiar los roles en el trabajo, y que el capital empiece a pagar y valorar todo el trabajo del que se ha apropiado de la forma más ruin.

El salario como principio cambiaría la posición de la mujer ante la naturalización de la feminización de del trabajo doméstico,

sexual y de cuidados, y sería el principio de un proceso de trabajo feminista que transforme las relaciones sociales y patriarcales.

“...las implicaciones revolucionarias de la demanda del salario doméstico. Es la demanda por la que termina nuestra naturaleza y comienza nuestra lucha porque el simple hecho de reclamar un salario para el trabajo doméstico significa rechazar este trabajo como expresión de nuestra naturaleza y, a partir de ahí, rechazar precisamente el rol que el capital ha diseñado para nosotras... la exigencia de un salario para el trabajo doméstico es una demanda revolucionaria no porque por sí misma pueda destruir el capitalismo sino porque fuerza al capital a reestructurar las relaciones sociales en términos más favorables para nosotras y consecuentemente más favorables a la unidad de clase” (Federeci, 2013).

Cuando nos referimos al principio del fin, afirmamos que se trata del fin del capitalismo, que la lucha por salarios dignos implica una visibilización de un grave problema que sostiene a la base material de la vida, no solo del sistema económico predominante, sino de lo que entendemos por la vida misma, y en ese sentido pensamos que es un principio el poder gozar de tiempo libre, porque no podemos dejarnos enganchar por la sociedad consumista, ya que cada peso que gastamos en mercancías no lo compramos con dinero, sino con el tiempo de nuestra vida que gastamos para obtener ese dinero. Podemos ser libres en la medida en que seamos dueñas de nuestro tiempo, para hacer lo que nos venga en gana, a cada quien su motivación, pero hay que tener tiempo libre disponible no solo para satisfacer las necesidades materiales, porque entonces seguiríamos en el reino de la necesidad, hay que tener tiempo libre para vivir fuera de ese reino, sin que el trabajo sea un yugo más, y logremos promover- practicar procesos de trabajo en los que nuestra principal retribución sea para la vida, no para la reproducción de una economía, sino de nuestras propias vidas. Liberar los procesos de trabajo sometidos al capitalismo es liberarnos a nosotras mismas, con procesos de trabajo que nos hagan sentir vivas, que nos permitan procrear, amar y saber que nuestra labor como dadoras de vida ha dejado de ser trastocada, sometida, violada y dominada por los patriarcas que son el lastre de una nueva sociedad, no capitalista, no machista y no patriarcal. El trabajo no tiene porqué mantenerse en la esfera de la necesidad sino reivindicarlo como procesos de trabajo por y para la vida, solo

nosotras podemos transformar esta sociedad y regresarle a nuestra madre tierra, esa deuda histórica que los hombres nos han relegado, la fertilidad y la creatividad.

## *6. Conclusiones*

Al inicio de nuestro escrito, mencionamos que la fuerza de trabajo es la principal mercancía del capitalismo, ya que su compra venta, le permite, apropiarse al capitalista del plusvalor, pero para que esta funcione y se reproduzca se le debe pagar a su valor medido por el tiempo de trabajo socialmente necesario (TTSN), que teóricamente es aquello que le permite obtener, vivienda, alimentos, transporte, educación, distracción, etc., pero detrás de esto, están los procesos de trabajo para la reproducción, es decir, el tiempo restante es utilizado para mantener limpia una vivienda, para preparar alimentos, para lavar ropa y trastes, para cuidar de los hijos e hijas, para mantener relaciones sexuales, para una lista que a veces parece infinita de labores dentro del hogar, dentro de la familia.

Todos y cada uno de los procesos de trabajo encaminados a la reproducción de la fuerza de trabajo, de la sociedad y del sistema en su conjunto, no reciben una remuneración y a su vez son apropiados por el capital. Nosotras nombramos a estos, procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados, como procesos invisibilizados que recaen principalmente sobre las mujeres, al haber sido naturalizados a modo del rol que debe cumplir una mujer, la cual lo ejerce para su realización y como forma de amor, este concepto se extrapola al mercado laboral, asumiéndole cargas de índole similar. Cuando la mujer entra al mercado laboral, y se le asignan labores “acordes” a su género, estas mismas por estar desvalorizadas en el mercado y en la sociedad, son receptoras de menores salarios, y a su vez se espera que continúen con sus actividades dentro del hogar pero ahora de una forma no remunerada, generándoles, dobles o triples jornadas de trabajo.

El salario representa la forma de dominación del trabajo sobre el capital, pero también esconde la relación de dominación y opresión sobre las relaciones no remuneradas, en ese sentido los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados no remunerados, se esconden como si estuvieran fuera de las relaciones del capital, no obstante, constituyen una de las formas más violentas

de explotación, por lo que la teoría feminista marxista que es anticapitalista y anti patriarcal, enarbola la lucha para establecer un salario digno a estos procesos de trabajo.

Por su parte, el que las mujeres puedan acceder al mercado laboral, a cargos públicos, a cargos gerenciales, no puede ser el fin mismo, de la lucha de las mujeres, porque debemos entender que bajo el capital cualquier relación salarial, es una relación de explotación, y no se trata de salir de la explotación del hogar para entrar a la explotación del patrón, por eso la remuneración para los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados tiene el carácter de una lucha política, que tiene como primer fin visibilizar, valorar y asumir dichos procesos de trabajo como una lucha por y para la vida. Empezar a asumir que las mujeres debemos acceder a mejores y dignas condiciones humanas, la lucha y necesidad de visibilizar los procesos de trabajo doméstico, sexual y de cuidados, así como la asignación de un salario, son procesos que tienen un trasfondo histórico y revolucionario al punto que busca cambiar el estatus quo de la sociedad capitalista patriarcal, que si bien no implican el fin de la explotación, si una camino para el cambio de la relación entre hombres y mujeres, y la relación de ventaja que tiene el capital.

En ese sentido la lucha por un salario para el trabajo, domestico, sexual y de cuidados, desde la perspectiva feminista es una lucha política, económica y social, y una deuda histórica hacia las mujeres, que tiene como fin ser la revolución cero, el principio del fin de las relaciones capitalistas patriarcales y conducirnos a procesos de trabajo feministas, procesos de trabajo dignos por y para la vida.

### *Referencias bibliográficas*

- DALLA COSTA, M. Y JAMES, S., 1971. El poder de la mujer y la subversión de la comunidad. México. Ed. Siglo XXI, 19 p. Recuperado de: <https://patagonialibertaria.files.wordpress.com/2014/10/mariarosa-dalla-costa-las-mujeres-y-la-subversion-de-la-comunidad-1971.pdf>
- ESPINO, A., 2011. Trabajo y género: un viejo tema, ¿nuevas miradas?. *Nueva Sociedad*, Issue 232.

- FEDERECI, S., 2013. *Revolución en punto cero, Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas*. Primera ed. Madrid, España: Traficantes de Sueños.
- FEDERECI, S., 2018. *El patriarcado del salario. Críticas feministas al marxismo*. Primera ed. Madrid, España.: Traficante de sueños.
- FORTUNATI, L., 2019, El Arcano de la Reproducción. Amas de casa, prostitutas, obreros y capital, Traficantes de sueños, Madrid.
- GÓMEZ, E., 2008. La valoración del trabajo no remunerado: una estrategia clave para la política de igualdad de género. En: *La economía invisible y las desigualdades de género. La importancia de medir y valorar el trabajo no remunerado*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud, pp. 3-21.
- HARVEY, D., 1990. *La condición de la posmodernidad*. Unica edición en español ed. Buenos Aires : Amorrortu editores.
- LAGARDE, M., 2012. Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas, locas. Ed. Universidad Nacional Autónoma de México. 620 p.
- MARX, K., 1867. El capital. Crítica de la Economía Política. Vol. 1. Traducción: Wenceslao Roces. Ed. Fondo de Cultura Económica (1971). México. 769 p.
- MIES, M., 2018, Patriarcado y acumulación a escala mundial, Traficantes de sueños, Madrid.
- NAPOLEONI, C., 1979, El enigma del valor; Nos obliga a recomenzar desde el principio, en Debate sobre la teoría marxista del valor, Pasado y Presente 82, México.
- NEGRI A., 1997, Valor y deseo. El Rodaballo, n 6/7, otoño-invierno, Buenos Aires.
- PÉREZ, A., 2014. Subversión feminista en la economía. Sobre el conflicto capital vida. Ed. Traficantes de sueños. Madrid. 336 p
- RIGAT-PFLAUM, M., 2008. Gender mainstreaming: un enfoque para la igualdad de género. *NUEVA SOCIEDAD*, Issue 218.

# As desigualdades no mercado de trabalho: apontamentos sobre o hiato salarial entre mulheres e homens

*Nathalia Lipovetsky*

*Aurélia Neves*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir o hiato salarial entre homens e mulheres com base em dados disponibilizados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) com enfoque em suas principais características, variáveis e propostas de soluções. Com esse intuito, é essencial tratar da interseccionalidade, do trabalho doméstico remunerado e não remunerado, do impacto metodológico na produção dos dados e suas consequências para a tomada de decisão nas políticas públicas. A disparidade de gênero nos salários é o principal indicador para atingir o objetivo de salários iguais por trabalhos de igual valor (*equal pay for work of equal value*) e é parte de um contexto mais amplo das múltiplas variáveis que compõem a desigualdade social entre mulheres e homens. A tomada de decisão em políticas públicas que busca o trabalho decente precisa observar o perfil de cada grupo para promover programas que contemplem não apenas o acesso ao trabalho, mas o acesso ao trabalho com salários adequados e que promovam a emancipação das pessoas.

**Palavras-chave:** proceso de trabajo capitalista; trabajo doméstico, sexual y de cuidados; revolución cero.

## *1. Introdução*

A dívida histórica dos homens com as mulheres pode ser identificada em muitos aspectos diferentes que não apenas aqueles contabilizáveis monetariamente. Violência física e psicológica, exclusão social e política, falta de acesso à educação formal, discriminação no mercado de trabalho, associação exclusiva às tarefas de cuidado... No entanto, existe um aspecto específico

dessa dívida que pode ser monetizado e que se interliga com todos os demais aspectos das relações sociais de gênero em que homens e mulheres estão engajados e que, historicamente, até o momento, se caracterizam pela opressão masculina estrutural em todos os níveis de existência humana que experimentamos: o hiato salarial.

O hiato salarial entre mulheres e homens é um daqueles fenômenos com diversas explicações<sup>1</sup> possíveis, evidenciado por dados coletados no mundo todo, para o qual muitas soluções já foram propostas, mas que persiste em existir e, o que é pior, é frequentemente negado e apontado como “mera coincidência”.

Dentre as metas estabelecidas na Agenda 2030 da ONU está o de *equal pay for work of equal value*, ou seja, salários iguais para trabalhos de igual valor. Essa é uma das metas do oitavo dos objetivos para o desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, denominado trabalho decente e crescimento econômico. (ONU, 2015)

O hiato salarial entre homens e mulheres desperta a preocupação da Organização Mundial do Trabalho (OIT). Na série *Panorama Temático Laboral* (OIT, 2019) um número inteiro foi dedicado à situação da mulher no mundo do trabalho, com enfoque específico para os desafios que predominam no Caribe e América Latina, com destaque importante para a questão do hiato salarial causado por discriminação de gênero. Os dados apresentados pela OIT sobre o mercado de trabalho para as mulheres na América Latina e no Caribe demonstram que essas desigualdades e desvantagens que recaem sobre a força de trabalho feminina têm suas bases numa série de estereótipos, preconceitos e discriminações culturais.

O presente trabalho aborda o tema a partir dos dados fornecidos pela OIT, sobretudo, com o objetivo de discutir o hiato salarial existente entre homens e mulheres, suas principais características, fatores e soluções. Para tanto, faz-se necessário discutir temas como a interseccionalidade, o trabalho doméstico

---

<sup>1</sup> O acesso feminino ao mercado de trabalho remunerado é mais restrito que o masculino em muitos países por uma série de motivos, como diferença no tempo de educação formal / qualificação profissional; a concentração feminina em setores que usualmente já apresentam salários menores; a necessidade de buscar trabalho remunerado em tempo parcial para conciliar as responsabilidades domésticas e da maternidade; a discriminação salarial entre homens e mulheres que executam trabalhos de igual valor. (ILO [OIT], 2018)

remunerado e não remunerado, as diferenças metodológicas para a produção de estatísticas e seu impacto na elaboração de políticas públicas visando a diminuir e eliminar o hiato salarial.

## *2. Hiato salarial e interseccionalidade*

O hiato de salários verificável entre homens e mulheres é o principal indicador a respeito do progresso da meta de salários iguais para trabalhos de igual valor. Assim como todo tipo de desigualdade, essa diferença salarial faz parte de um contexto mais amplo e influenciado por múltiplas variáveis de desigualdades socialmente colocadas entre mulheres e homens. (ILO [OIT], 2018)

Está entendido que enquanto uma simples medição do hiato salarial de gênero se presta a atrair a atenção do público em geral e dos elaboradores de políticas públicas para o problema da desigualdade salarial entre mulheres e homens, esse ainda é um indicador imperfeito de desigualdade, que necessita ser mais profundamente analisado e refinado para que possa subsidiar a elaboração de políticas públicas. (Grimshaw and Rubery, 2015 *apud* ILO [OIT], 2018).<sup>2</sup>

A OIT destaca tendências entre a população feminina da América Latina e Caribe no cenário atual apontando que i) a diferença de escolaridade se reverteu em favor das mulheres: na média, elas têm maior grau de escolaridade que os homens; ii) existe uma tendência clara de que as mulheres tenham menos filhos e que tenham o primeiro filho mais tarde que anteriormente; iii) há a tendência de aumento do número de famílias monoparentais, principalmente as que tem uma mulher como chefe (OIT, 2019).

Nesse cenário, por cada hora trabalhada, as mulheres ganham cerca de 19% a menos que os homens, tendo a mesma idade e a mesma escolaridade como base de comparação, na região da América Latina e Caribe. As condições desfavoráveis para as

---

<sup>2</sup> No original: it is understood that while a simple measure of the gender pay gap serves to attract the attention of the general public and policy-makers to the problem of unequal pay between women and men, it remains a very imperfect indicator of inequality, needing to be further analysed and refined if it is to adequately inform policy-making. (Grimshaw and Rubery, 2015 *apud* ILO [OIT], 2018).

mulheres no mercado de trabalho ainda se mantêm quanto a outros fatores: a participação feminina é pouco mais de dois terços da masculina no mercado de trabalho, o desemprego feminino é maior que o masculino, prevalece o preconceito de gênero quanto à entrada de mulheres em determinadas profissões, cargos e ocupações e as mulheres são afetadas desproporcionalmente no que tange ao não cumprimento da regra do salário mínimo. Adicionalmente, as mulheres têm taxas mais altas que os homens entre aqueles trabalhadores que atuam no “trabalho independente” e no “autoemprego”, características que fazem com que as trabalhadoras sejam mais vulneráveis economicamente, sem direitos trabalhistas garantidos e sem previdência social para a velhice.

O hiato salarial sozinho se mostra como um indicador insuficiente tanto porque a abordagem dos dados por si só já pode ser inconsistente, a depender das escolhas metodológicas feitas, quanto porque a diferença salarial identificada é um sintoma para o qual há diversas causas que se combinam em maior ou menor grau nos casos concretos e que são parte do *combo* a que uma mulher pode estar sujeita. Por isso é tão importante trazermos à discussão o conceito de interseccionalidade, que pode ser resumido como um “sistema de opressão interligado”, que surge a partir das críticas e observações do movimento das feministas negras dirigidos ao feminismo branco, que não as contemplava, e ao movimento antirracista, que também não as contemplava por focar no homem negro. O que a interseccionalidade propõe é que racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado sejam considerados e analisados conjuntamente, como fatores que se sobrepõem atingindo a mulher negra de diversas maneiras simultâneas. (AKOTIRENE, 2019)

Segundo Kimberlé Crenshaw a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2019, p. 19)

Uma visão interseccional nos permite observar a realidade mostrada pelos dados considerando que as experiências da mulher são diferentes das do homem e que as experiências da mulher branca e da mulher negra também serão diferentes entre si e que as

experiências da mulher branca pobre serão diferentes das da mulher negra pobre. As combinações possíveis são muitas, pois além dos exemplos usados com homem/mulher, branco/negro, rico/pobre, temos que considerar que as experiências sociais individuais também se influenciam ou até se determinam por fatores como autoidentificação de gênero, orientação sexual, deficiências físicas ou mentais, estado civil, filhos, idade, região habitada etc. E considerar, ainda, que nenhum desses fatores será necessariamente binário, ou seja, constituem um espectro dentro do qual a pessoa está posicionada e que combinado com sua situação em todos os outros espectros em que essa mesma pessoa existe, resultam na identidade única de um ser que terá que lidar com as reações da sociedade quanto à pessoa que é.

No Brasil a mulher negra está no topo da lista das piores ocupações. Em se tratando de relações precárias de trabalho, essa é a situação de 39,1% das mulheres negras ocupadas, seguida pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (27,0%) e homens brancos (20,6%) (IPEA, 2016)

Em 2014, 14% das brasileiras ocupadas eram trabalhadoras domésticas, um total de 5,9 milhões. A diferença racial é marcante: 17,7% das mulheres negras eram trabalhadoras domésticas, ainda a principal ocupação entre elas –, ao passo que, entre as brancas, 10% estavam no emprego doméstico, que há décadas não constitui o setor de atividade econômica que mais emprega brancas, ficando atrás do comércio e da indústria (IPEA, 2016)

A mulher negra está, também, na base do sistema remuneratório. Em 2014, as mulheres ultrapassaram pela primeira vez o patamar de 70% da renda masculina; dez anos antes essa proporção era de 63%. No entanto, as mulheres negras ainda não alcançaram 40% da renda dos homens brancos. (IPEA, 2016)

Quando falamos, portanto, de diferenças salariais entre homens e mulheres, é importante especificar quais homens e quais mulheres, em que situação, em que país, em que tipo de ocupação, com qual nível de escolaridade, qualificação e treinamento etc. Considerando que essas informações devem ser empregadas na elaboração de políticas públicas visando a remediar os problemas identificados, sem a inclusão das especificidades estatísticas os objetivos a serem alcançados pelas políticas públicas ficariam desvirtuados.

### *3. Trabalho doméstico e mercado de trabalho*

Dentre os motivos apontados para a existência dos hiatos salariais, o principal acaba sendo, na maioria das vezes, a distribuição das tarefas domésticas e de cuidado com crianças e outras pessoas do arranjo familiar que exijam atenção diferenciada. Essa desproporção se coloca como um fardo pesado a ser carregado pelas mulheres, pois suas horas totais semanais de trabalho acabam somando um número muito mais alto que as dos homens. Como fator que agrava a distância entre os salários de mulheres e homens há, ainda, a escolha que muitas mulheres fazem de trabalhar apenas meio horário<sup>3</sup> (especialmente no caso de economias desenvolvidas) ou a falta de opção que leva muitas mulheres a trabalhar na informalidade em busca de mais flexibilidade (especialmente no caso de economias em desenvolvimento). (ILO [OIT], 2018)

Por isso, uma das metas dos ODS da Agenda 2030 da ONU trata justamente da valorização do trabalho doméstico:

5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais (ONU, 2015)

A desvalorização do trabalho doméstico tem raízes não apenas no fato de que é tradicionalmente um trabalho cuja obrigação de realizar é feminina, mas também por ser considerado um trabalho para cuja realização não é exigido alto grau de habilidade, treinamento ou técnica específica. Tem-se, inclusive, que, em vários países, esse tipo de trabalho é realizado por grupos étnicos ou sociais, como as mulheres negras, no Brasil, assim como na África do Sul ou as castas inferiores na Índia, segmentos estigmatizados e marginalizados socialmente (OELZ; RANI, 2015).

Existe uma relação estreita entre o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho doméstico remunerado. Em consequência da divisão desigual das tarefas domésticas e da desvalorização

---

<sup>3</sup> Apesar de ainda ser majoritariamente caracterizado por mulheres, o trabalho em horário parcial tem se tornado menos feminilizado em países de alta renda, particularmente os nórdicos. (GERECKE, 2013)

do trabalho doméstico, cria-se uma situação em que o trabalho doméstico contribui para o hiato salarial quando a mulher é obrigada a trabalhar menos horas ou na informalidade ou até mesmo a deixar de trabalhar por ser a principal ou única responsável pelas tarefas domésticas e de cuidado, e também contribui quando as trabalhadoras domésticas são desfavorecidas em relação aos seus direitos, garantias, remuneração.

Entre trabalhadores domésticos é bastante alta a informalidade quanto ao vínculo empregatício, assim como são baixos os índices de escolaridade. É muito comum ao redor do mundo não ser obrigatório para esses trabalhadores nem mesmo o salário mínimo normalmente pago aos demais. São necessárias intervenções estatais no sentido de políticas públicas que garantam não apenas o salário mínimo para os trabalhadores domésticos, mas também melhores condições de vida e de trabalho e a garantia de pagamento igual para trabalhos iguais.

Adicionalmente a essas características mencionadas, trabalhadores domésticos também sofrem com a falta de entidades que façam representação e negociação coletiva em seu favor, mantendo o baixo poder de negociação individual, poucas possibilidades de melhoria para as gerações futuras e o *status* social vulnerável (OELZ; RANI, 2015).

Nesse cenário, bastante comum ao redor do mundo, são necessárias estratégias governamentais por meio de políticas públicas voltadas para garantir o cumprimento de uma legislação básica que promova a proteção social e a melhoria da qualidade de vida de trabalhadores domésticos. A questão fundamental que surge não é apenas estabelecer leis que garantam o salário mínimo e outras proteções sociais aos trabalhadores domésticos, mas principalmente que, existindo tais leis e regulamentações, elas sejam cumpridas (OELZ; RANI, 2015).

A renda proveniente de trabalhadoras domésticas é extremamente importante para a manutenção de muitos lares ao redor do mundo. Melhorar as condições econômicas e sociais em que vivem as trabalhadoras domésticas é reduzir a desigualdade. Propiciar melhores salários para as trabalhadoras domésticas, assim como a melhoria em seus níveis educacionais, significa garantir acesso a melhor qualidade de vida e serviços para esses lares. A garantia do cumprimento das regulamentações acerca

dos direitos de trabalhadores domésticos, principalmente por meio da formalização dos vínculos empregatícios e do salário mínimo, é a base fundamental para atingir esses objetivos. Nesse sentido, a OIT (2015) confia na importância de fiscalização, transparência, informação e *enforcement* para que os empregadores cumpram, de fato, as regras que garantem direitos aos trabalhadores e trabalhadoras domésticas.

#### *4. Abordagens estatísticas e elaboração de políticas públicas*

O hiato entre salários de mulheres e homens pode ser medido de forma bruta ou ajustada. No entanto, em sua forma bruta as características individuais como senioridade, educação, horas trabalhadas, tipo de contrato, dentre outras, não são refletidas. Além disso, fatores contextuais mais amplos como ocupação, setor, tamanho da empresa, região, sindicalização, também desaparecem. O que a forma bruta de medida alcança demonstrar são apenas as diferenças médias na economia como um todo. (GERECKE, 2013)

Trabalhando com dados brutos sobre as diferenças salariais, é possível usar dois tipos de medidas. Uma é a partir do cálculo da média salarial por hora ou mensal. Outra forma de medir é encontrar a mediana, ou seja, o valor localizado no meio exato da distribuição salarial feminina e comparar com a mediana da distribuição salarial masculina e que também pode ser calculada a partir de valores salariais por hora ou por mês. Assim, os dois métodos de cálculos combinados com as possibilidades de usar dados por hora ou por mês resultam em quatro combinações diferentes que apresentarão também resultados finais diferentes entre si. O resultado encontrado para a média salarial por hora indica uma diferença em torno de 16% entre homens e mulheres no mundo, enquanto para a comparação entre as medianas mensais resulta em uma diferença salarial de 22% entre homens e mulheres. (ILO [OIT], 2018)

Homens e mulheres concentram-se em diferentes setores de ocupação, fazendo com que haja uma super representação feminina em serviços no campo social e masculina nas engenharias e trabalhos manuais pesados. As mulheres que são mães estão sub-representadas no mundo do trabalho e em especial em trabalhos de tempo integral,

além de estarem sub representadas em posições de poder. Por outro lado, estão super representadas dentre pessoas que recebem baixos salários (na maioria dos países) e dentre pessoas pobres, com destaque para as taxas especialmente altas de pobreza dentre mulheres mais velhas. Na maioria dos países desenvolvidos as mulheres, especialmente as mais velhas, correm maior risco que os homens de serem pobres ou socialmente excluídas. (GERECKE, 2013)

A existência de nichos em que se concentram características parecidas, ou seja, uma distribuição desigual dos dados na curva de salários, leva a distorções. Quando a participação feminina no mercado é por si só pequena e/ou quando as mulheres formam um nicho que se concentra apenas em torno de um número específico (e geralmente baixo) de horas trabalhadas, essas irregularidades de distribuição causam distorções que tornam a aplicação dos levantamentos muito limitado para a elaboração de políticas públicas. (ILO [OIT], 2018)

O método adotado pela Organização Internacional do Trabalho é o de sopesamento de fatores, que elimina os efeitos compostos oriundos da existência dos nichos ao agrupar tanto homens quanto mulheres em subgrupos de características homogêneas e dentro de cada subgrupo calcula a diferença salarial. A partir dos dados de cada subgrupo é construída uma média ponderada para chegar ao resultado final. Usando este método é possível observar que em países de renda alta a diferença salarial entre homens e mulheres é maior no topo que na base (efeito do chamado *glass ceiling* ou teto de vidro), enquanto para países de baixa e média renda a relação se inverte e a diferença salarial é maior na base que no topo (efeito do chamado *sticky floor* ou chão grudento). É importante observar que a proporção de mulheres na base é maior e, portanto, essas estimativas são ainda mais significativas. (ILO [OIT], 2018)

Quando considerados os componentes<sup>4</sup> explicáveis e inexplicáveis, os gráficos mostram que categorias que requerem pouco ou nenhum treinamento ou qualificação são mais ocupadas

---

<sup>4</sup> Componentes explicáveis são aqueles que se evidenciam pelas diferenças de atribuições do mercado de trabalho ou características de atribuições de capital humano, características da função ou do ambiente de trabalho. Inexplicáveis são os componentes que não se relacionam com essas características e que confirmam a existência do hiato salarial. (ILO [OIT], 2018)

por mulheres em quase todos os países analisados do que aquelas categorias que se encontram no topo, como chefias corporativas e cargos de CEO. Na Finlândia, por exemplo, apenas 20% dos cargos de CEO são ocupados por mulheres, enquanto, por outro lado, cerca de 70% dos empregos de baixa complexidade são ocupados por mulheres. Esse é um exemplo da chamada segregação vertical, em que vemos homens concentrados no topo e mulheres concentradas na base da pirâmide de ocupações. (ILO [OIT], 2018)

A segregação pode ocorrer dentre ocupações diferentes, a chamada segregação horizontal, ou ao longo da pirâmide de carreiras dentro de uma mesma ocupação, a chamada segregação vertical. A segregação horizontal não é neutra, pois alguns tipos de ocupação implicam melhores salários, *status*, tipo de salário (GERECKE, 2013)

O retorno dos investimentos individuais em educação ou qualificação para as mulheres são menores que para os homens, o que pode traduzir tanto uma discriminação no ambiente de trabalho quanto a segregação horizontal, que seria a situação em que mulheres e homens recebem tarefas de trabalho diferentes dentro de uma mesma categoria de ocupação. (ILO [OIT], 2018)

Muitos estudos apontam que a participação feminina no mercado de trabalho e o aumento dos anos de educação formal das mulheres aumentou consideravelmente nas últimas décadas em vários países, mas isso não necessariamente se traduz em igualdade salarial, servindo, no máximo, para reduzir um pouco a distância entre os salários. (ILO [OIT], 2018)

Homens e mulheres não formam grupos homogêneos e diametralmente opostos. Apesar da desigualdade no mercado de trabalho, é importante reconhecer a diversidade da realidade e questionar quais homens e quais mulheres se afetam pelas decisões tomadas e soluções apresentadas. As políticas públicas de enfrentamento à desigualdade de gênero no mercado de trabalho precisam ser embasadas em informações confiáveis a respeito de para quem e de porque essas desigualdades existem. Por isso são tão relevantes os recortes feitos em grupos segundo idade, renda, horas trabalhadas, região habitada, tipo de contrato, tanto para mulheres quanto para homens, para subsidiar a elaboração de políticas públicas que se pretendam eficazes. (GERECKE, 2013)

A análise dos dados precisa ter profundidade e considerar tanto as especificidades dos grupos e internas a cada grupo, como o panorama geral também, pois, por exemplo, a diminuição do hiato salarial pode significar não que as mulheres estejam recebendo mais, mas, antes, que a economia vai mal como um todo e os homens estão recebendo menos. A busca por igualdade deve se nivelar, portanto, por cima e não por baixo. (GERECKE, 2013)

### *5. Por um mundo do trabalho decente*

A OIT em sua publicação *Mujeres en el mundo del trabajo*, de 2019, já citada anteriormente, elenca uma série de medidas que tocam em diversos fatores sociais, culturais, políticos e econômicos no sentido de melhorar a vida e a participação das mulheres no mundo do trabalho. Tais medidas são bastante abrangentes e tratam a questão da necessidade de mudar e melhorar a educação escolar, assim como fomentar o hábito da educação continuada durante toda a vida da trabalhadora, além de incentivar que as mulheres busquem carreiras nas áreas de Ciência e Tecnologia e de Exatas, nas quais a participação feminina é tradicionalmente menor.

A OIT também chama atenção para os benefícios que equilibrar melhor a vida familiar e do trabalho podem ter na vida das mulheres, principalmente por meio de maior flexibilidade no trabalho. Além disso, equiparar os direitos e aumentar a flexibilidade no trabalho para os homens, teria impacto positivo na vida das mulheres, porque permitiria que eles pudessem participar de maneira mais ativa da vida familiar e dos trabalhos domésticos. Essa flexibilidade pode ser em relação aos horários de trabalho ou ainda acerca da possibilidade de trabalho remoto (OIT, 2019).

A OIT reconhece que a repartição dos trabalhos domésticos entre homens e mulheres, assim como o predomínio de gênero em determinadas carreiras e outros preconceitos culturais e cognitivos demandam atenção, empenho e esforço contínuo para que sejam desfeitos. Desse modo, o reconhecimento da existência desses preconceitos e vieses, a transparência e o uso de quotas em cargos e carreiras, pode ser importante instrumento para melhorar a participação feminina. Políticas públicas sociais voltadas para cuidados com as pessoas mais vulneráveis, educação, alimentação,

seguridade social em geral e saúde são importantes para diminuir o fardo que normalmente recai sobre as mulheres, principalmente nas áreas rurais (OIT, 2019).

A OIT considera fundamental o apoio para as profissionais que precisarem passar por transições no mercado de trabalho em função das mudanças tecnológicas e incentivar boas práticas nos novos nichos que surgem, como o das *startups* e aplicativos, impedindo que preconceitos e discriminação de gênero possam ser reproduzidos pelos algoritmos (OIT, 2019).

Os pontos sugeridos pela OIT são abrangentes, enfocando mudanças educacionais, culturais, sociais e padrões de comportamento até mesmo nos novos mercados de trabalho que surgem com o uso da tecnologia. São transformações que exigem a participação das empresas e dos governos e que representam um grande desafio para toda a sociedade. O mais importante, porém, é o reconhecimento dos problemas e injustiças de gênero no mercado de trabalho e a disposição para vencê-los.

O fato de as mulheres estarem trabalhando cada vez mais não significa que estão economicamente empoderadas ou independentes, pois nem sempre trabalho é sinônimo de trabalho decente. Na verdade, para a maior parte dos casos, mulheres estão envolvidas em relações de trabalho precárias, não formalizadas e subempregos. (GERECKE, 2013)

É de fundamental importância ter em mente que o objetivo deve ser o trabalho *decente* e não meramente o acesso ao trabalho. Para a mulher e para o homem também. Mas em se tratando de teorias feministas e busca de empoderamento e autossuficiência feminina é necessário destacar que “trabalhar por salários baixos não [vai libertar as] mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina.” As estatísticas e os relatos de experiências de mulheres individuais confirmam que apenas empregos com remunerações melhores e horários mais flexíveis são realmente capazes de proporcionar liberdade à trabalhadora. (HOOKS, 2018)

O risco do empobrecimento feminino, especialmente na velhice, é o hiato salarial levado às últimas consequências e deve ser encarado como um problema sério a ser enfrentado pelas políticas públicas. As mudanças necessárias devem abranger, para mulheres e homens, possibilidades de trabalho decente e emancipador, que promova a autossuficiência econômica e permita que a convivência

familiar se mantenha em arranjos fundamentados no afeto, e não na necessidade econômica.

Para viver plenamente e bem, para trabalhar em algo que aumenta a autoestima e o autorrespeito, recebendo um salário digno, precisaremos de programas de trabalho compartilhado. Professores e prestadores de serviço em todas as áreas precisarão ter salários melhores. Mulheres e homens que quiserem ficar em casa e cuidar das crianças deveriam ter salário subsidiado pelo Estado, assim como programas de educação em casa que proporcionarão oportunidade de terminar o ensino médio e se dedicar a uma graduação à distância. (HOOKS, 2018, p. 86)

## *6. Conclusão*

Segundo as informações levantadas pela OIT as mulheres recebem, em média, sem considerar cálculos dos subgrupos específicos e as peculiaridades de cada um deles, cerca de 20% a menos que os homens. Contrariamente ao que essa informação pode fazer parecer, as mulheres nas últimas décadas têm se dedicado mais aos estudos e à qualificação profissional que os homens. A maternidade constitui para a mulher um fator de instabilidade no emprego e de perdas salariais, enquanto a paternidade consagra na carreira do homem um novo degrau de solidez e estabilidade na carreira, próprios de um homem maduro e responsável, provedor de família. No ambiente doméstico as tarefas de cuidados ficam majoritária ou exclusivamente a cargo da mulher, gerando o efeito da dupla jornada ou implicando numa redução de horas trabalhadas ou na busca de empregos menos formais que permitam jornadas mais flexíveis para a mulher. Consequentemente, há perdas salariais. Na maioria dos países, inclusive os países desenvolvidos, as mulheres, especialmente as mais velhas, correm maior risco que os homens de serem pobres ou socialmente excluídas. Mesmo na juventude, o grupo das pessoas pobres tem mais representantes mulheres que homens.

A elaboração de políticas públicas para o mundo do trabalho decente deve observar todas as especificidades dos perfis de grupos existentes em cada país e visar à promoção de pacotes sociais que contemplem não apenas o acesso ao trabalho, mas o acesso ao trabalho com qualificação e remuneração adequadas, suficientes e

emancipatórias. Que as mães tenham a possibilidade de trabalhar sem que a existência de suas filhas e filhos se torne um fardo e um fator de diminuição de seu valor laboral. Que proporcione medidas de incentivo feminino a carreiras em que elas são pouco representadas e também medidas rigorosas contra a discriminação e o preconceito.

O acesso das mulheres a salários deve ser equivalente ao dos homens, na lógica do *equal pay for equal value*, mas sem descuidar da fiscalização e do monitoramento dos resultados alcançados. Na discussão a respeito de se privilegiar a igualdade de oportunidades ou a igualdade de resultados, um dos argumentos a favor de se considerar a relevância da desigualdade de resultados é o impacto provocado na geração seguinte, alterando, assim, a igualdade de oportunidades e fechando o ciclo como prova de que não basta dar a todas as pessoas igualdade no ponto de partida – o que por si só já é uma ficção. (ATKINSON, 2015)

A meta 10.3 do ODS 10 da Agenda 2030 trata desse tema, propondo “Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito” (ONU, 2015), o que toca profundamente no tema do hiato salarial. Embora o ODS 10 seja sobre “reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles” e a questão exija uma discussão profunda quanto à desigualdade de patrimônio e desigualdade de renda (PIKETTY, 2014), políticas públicas voltadas à redução e eliminação do hiato salarial desenhadas segundo a inteligência da meta 10.3 terão um importante papel em preservar as chances de que a geração seguinte tenha, de fato, igualdade de oportunidades, por meio da redução das desigualdades de resultados.

### *Referências Bibliográficas*

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ATKINSON, Anthony. **Desigualdade** – O que pode ser feito? Trad. Elisa Câmara. São Paulo: LeYa, 2015.

- BRASIL. IPEA. **Nota técnica n. 24. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014.** Brasília, 2016.
- GERECKE, Megan. **A policy mix for gender equality?** Lessons from high-income countries. Geneva: International Institute for Labour Studies, 2013.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 2018.
- ILO [OIT]. **Global Wage Report 2018/19: What lies behind gender pay gaps.** Geneva: ILO, 2018.
- OELZ, Martin; RANI, Uma. **Domestic work, wages, and gender equality: lessons from developing countries.** International Labour Office, Research Department. Geneva: ILO, 2015.
- OIT. **Panorama Laboral Temático 5: Mujeres en el mundo del trabajo. Retos pendientes hacia una efectiva equidad en América Latina y el Caribe.** Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2019. 200 p.
- ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Último acesso em 15 mai 2020.
- PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI.** Trad. Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

# La plusvalía del trabajo no remunerado: La doble explotación que sufren las mujeres, por ser obreras y por ser mujeres

*Angela Colman Collado*

*Natalia Franco*

*Rebeca Oliveira*

**Resumen:** En este artículo intentaremos desarrollar y analizar la desigualdad de género en el mercado laboral de América Latina, con problematización sobre el trabajo remunerado y el trabajo no remunerado de Uruguay y Brasil.

**Palabras claves:** género; desigualdad; trabajo remunerado y no remunerado.

## *1. Introducción*

Es necesario observar y analizar la posición que las mujeres y los varones ocupan en la reproducción social de la vida humana. Esto implica: las tareas domésticas y de cuidados en el hogar; si queremos entender con la lógica que opera el funcionamiento del mercado laboral y el lugar que mujeres y varones ocupan en él. Donde se valoran de distinta manera, quedando subordinada la esfera de reproducción social sobre la esfera de reproducción mercantil, jerarquizando de esta manera a los sujetos que la ocupan.

Esto se debe al conocido llamado “contrato sexual”, el cual es derivado de la división sexual del trabajo que ha sido construido por la sociedad a lo largo de la historia donde el varón es “proveedor” de bienes y la mujer “ama de casa” dedicada a las tareas de reproducción y cuidado.

Si bien en Latinoamérica y en Uruguay se pueden ver algunos avances en materia de género, siguen existiendo desigualdades muy acentuadas en la actualidad, principalmente en el rol que ocupamos las mujeres tanto en el ámbito productivo como reproductivo y doméstico. Siendo mayormente las encargadas de las tareas de

reproducción y del hogar, teniendo la misma carga horaria en sus trabajos que los varones.

Somos nosotras quienes destinamos más horas de nuestro tiempo a estos cuidados, dejando de lado muchas veces nuestros intereses personales por la carencia de dicho tiempo. Otra de las desigualdades provocadas por la brecha de género quita posibilidad de priorizar su trabajo remunerado, pocas veces podemos aceptar horas extras debido a su falta de tiempo.

Es necesario señalar lo poco frecuente que las mujeres alcanzamos puestos jerárquicos, de poder o toma de decisiones. Frecuentemente son los varones quienes tienen más tiempo para generar lazos sociales, al no tener una carga de responsabilidad familiar y doméstica. Esta falta de tiempo crea otra desigualdad de género y atribuye a que haya imposibilidades para lograr una formación intelectual y profesional, consiguiendo así los puestos más delegados de la sociedad.

Ser mujer o varón es un constructo social. En este sentido, las desigualdades de género son el resultado de un proceso de socialización que somete a las mujeres a una posición de subordinación en relación a los varones y, en consecuencia, las mujeres no tenemos el mismo acceso y control de los recursos, lo que conduce a la desigualdad de oportunidades en las más variadas esferas de la vida, como en los ámbitos sociales, económicos, políticos y culturales.

Una de las principales consecuencias de la división sexual del trabajo es la naturalización de las actividades relacionadas con el cuidado de personas dependientes como responsabilidades exclusivamente femeninas. Esto pone a las mujeres en desventaja en relación con los varones en el mercado laboral, en la participación política, en la educación, etc.

En ese sentido, debe haber una redistribución de la carga de cuidados de forma equitativa entre mujeres y varones y entre familia, Estado, mercado y comunidad. “Pero, actualmente en Uruguay, así como otros países de América Latina, con respecto a la distribución del cuidado, aún existe una gran carga de los mismos que asumen las familias y particularmente las mujeres de las familias, porque es muy reducido el margen de responsabilidad compartida con el Estado, mercado y comunidad.” (Batthyány et al, 2014).

## 2. ¿Quién se encarga de las tareas domésticas de cuidado?

Cuando examinamos el promedio de horas semanales dedicadas al trabajo doméstico. En promedio, las mujeres dedican 26,2 hs. semanales mientras que los varones dedican 13,5 hs. semanales. Lo anterior se ve reflejado al mirar la grafica “Tareas de cuidados”, donde la tasa de participación de las mujeres en dichas tareas es de 79,7, a diferencia de los varones es de 58,8:

Promedio de horas semanales dedicadas a las actividades que componen el trabajo doméstico en el hogar, por sexo:

		Año
Cuidado infantil	Sexo	2013
Cuidado infantil (niños/as de 0 a 12 años)	Varones	59,2
	Mujeres	80,0
	Diferencias Mujeres y Varones	20,8
Cuidado de personas con discapacidad	Varones	49,7
	Mujeres	79,9
	Diferencias Mujeres y Varones	30,2
Cuidado de mayores de 65 años	Varones	
	Mujeres	
	Diferencias Mujeres y Varones	
Total trabajo de cuidado	Varones	58,8
	Mujeres	79,7
	Diferencias Mujeres y Varones	20,9

	Diferencias Mujeres y Varones	0,2
Cría de animales y cultivo para consumo del hogar	Varones	6,3
	Mujeres	3,9
	Diferencias Mujeres y Varones	-2,4
Mantenimiento de la vivienda	Varones	9,9
	Mujeres	6,7
	Diferencias Mujeres y Varones	-3,2
Gestiones externas	Varones	4,8
	Mujeres	4,9
	Diferencias Mujeres y Varones	0,1
Total trabajo doméstico familiar	Varones	13,5
	Mujeres	26,7
	Diferencias Mujeres y Varones	13,2

Fuente INE, Observatorio social de INMUJERES.

Tasa de participación en el trabajo de cuidados de personas dependientes en el total de hogares con presencia de personas dependientes, por sexo. Definición: Para varones y mujeres se calcula: Número de personas que realizan trabajo de cuidados/Número de personas de 14 años de edad o más en hogares con presencia de personas dependientes\*100

Actividades que componen al trabajo domestico	Sexo	Año
		2013
Alimentación	Varones	7,0
	Mujeres	12,1
	Diferencias Mujeres y Varones	5,0
Limpieza de la vivienda y cuidado de mascotas	Varones	7,2
	Mujeres	12,4
	Diferencias Mujeres y Varones	5,2
Limpieza y cuidado de la ropa	Varones	3,5
	Mujeres	5,3
	Diferencias Mujeres y Varones	1,8
Compras	Varones	4,9
	Mujeres	5,0

Fuente INE, Observatorio social de INMUJERES.

Con estos datos podemos ver los datos objetivos que refleja la encuesta continua de hogar que hemos sido y seguimos siendo las mujeres quienes somos las responsables de la reproducción social de la vida. Históricamente nos han impuesto la idea de que las mujeres somos quienes debemos estar destinadas a este rol, dejándonos relegadas solamente al ámbito doméstico, provocado por la división sexual del trabajo que ha construido nuestra sociedad. La tipificación social que estructura qué es lo femenino y qué es lo masculino, forjada por los medios de comunicación, discurso políticos, tradiciones culturales; si bien gracias a la lucha y reivindicaciones de los movimientos y organizaciones feministas se han logrado avanzar en la deconstrucción de estos discursos y avanzar en la agenda de derechos, cuando observamos en la actualidad la realidad de los hogares persiste esta desigualdad.

Para que se confirme una mayor equidad en este sentido, las transformaciones deben darse sobre todo a nivel inter-doméstico, en una redistribución del trabajo y responsabilidades domésticas más equitativas; pero también una mayor igualdad en el tiempo destinado a trabajo remunerado y no remunerado entre varones y mujeres.

Se puede observar de esta manera que la vinculación de los cuidados de niñas y niños y personas en situación de dependencia con la desigualdad de género se da ya que estos cuidados están fuertemente asociados a las mujeres, son ellas quienes “normalmente” se encargan de los mismos. En el caso de las que trabajan de forma no remunerada, ocupan la mayor parte de su tiempo a los cuidados domésticos y de reproducción, mientras que las que trabajan de forma remunerada y pagan por dichos cuidados, los mismos también son realizados por mujeres ya que estas tareas están feminizadas y difícilmente se ven realizadas por varones.

Sabemos que las mujeres en estas últimas décadas hemos logrado conquistar e insertarnos en el mercado laboral, Pero ¿esto se ha logrado de una forma de igualdad con respecto a los varones?

Si verificamos algunos datos que arroja la Encuesta Continua de Hogares de 2018 (ECH)<sup>1</sup> podemos ver que dentro de los activos

---

<sup>1</sup> La Encuesta Continua de Hogares (ECH) es una encuesta cross-section (datos de corte transversal). Los hogares seleccionados en la muestra de la ECH son

(personas que trabajan o buscan activamente trabajo) los hombres tienen un mayor porcentaje (70,7 %) que las mujeres (54,9%), como podemos ver a continuación:

Sexo	Año	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
	Hombres		72,2	73,9	73,2	73,8	72,9	74,4	73,2	73,9	74,3	73,0	72,3	71,6
Mujeres		50,8	52,7	53,4	53,9	53,7	55,6	55,4	54,4	55,9	55,4	55,3	55,0	54,9
Total		60,7	62,5	62,5	63,1	62,7	64,5	63,8	63,6	64,7	63,7	63,4	62,9	62,4

Fuente: INE, Observatorio Social de INMUJERES.

En cuanto a los datos de desocupación, para el mismo año, los varones tienen un promedio de 6,9 % mientras que el de las mujeres se eleva a 10,1 %.

**Proporción de varones y mujeres que buscan trabajo y no tienen, en relación a toda la población económicamente activa, según sexo. Definición: Para cada sexo se calcula: Tasa de desempleo=(Personas desocupadas/PEA)\*100 PEA=Población Económicamente Activa.**

Sexo	Año	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
	Varones		8,1	6,6	5,4	5,2	5,0	4,5	4,6	5,0	5,1	6,4	6,5	6,6
Mujeres		14,0	12,4	10,4	9,8	9,0	7,7	7,9	8,2	8,3	8,9	9,4	9,5	10,1
Total		10,8	9,2	7,7	7,3	6,8	6,0	6,1	6,5	6,6	7,5	7,8	7,9	8,3

Fuente: INE, Observatorio social de INMUJERES.

Cuando vemos la brecha entre hombres y mujeres desocupadas según el quintil de ingresos, podemos observar que en el quintil 1 (Población de menores ingresos) la diferencia es casi el doble de mujeres desempleadas en relación a los varones, también se logra

---

entrevistados una única vez en el año.) Es realizada de forma ininterrumpida por el Instituto Nacional de Estadística (INE) desde el año 1968. La ECH brinda los indicadores oficiales del mercado laboral (actividad, empleo y desempleo) y de ingresos de los hogares y las personas con periodicidad mensual, trimestral, semestral y anual. Es también utilizada para estimar la proporción de hogares y personas por debajo de la línea de pobreza y de indigencia de forma anual. Además constituye la base de estudios de variadas temáticas, entre ellas: salud, educación, condiciones de la vivienda. (INE, 2018)

ver que dicha diferencia se mantiene en el quintil 5 (población de mayores ingresos), pero la brecha se acorta de manera considerable. El mayor porcentaje de desocupadas se encuentra entre los sectores más pobres, lo que podemos decir, es que las mismas no pueden acceder al mercado laboral ya que uno de los factores que influyen es no tener los recursos para costear los servicios de cuidados que le permitan permanecer en el trabajo:

**Proporción de varones y mujeres que buscan empleo y no tienen, en relación a la población económicamente activa, según quintiles de ingreso. Definición: Para cada sexo y quintil de ingreso se calcula: Tasa de desempleo=(Personas desocupadas/PEA)\*100 PEA=Población Económicamente Activa**

Sexo	Quintiles	Año															
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018			
Varones	Quintil 1	15,0	12,3	9,9	10,6	10,6	9,1	8,6	10,3	10,4	13,0	11,9	11,9	13,1			
	Quintil 2	10,0	8,6	7,3	6,5	6,5	5,5	5,6	6,1	6,6	8,5	7,8	7,3	8,9			
	Quintil 3	8,0	6,4	5,1	5,0	4,7	4,1	4,6	4,6	5,0	6,1	5,6	5,3	6,9			
	Quintil 4	5,6	4,7	4,3	4,0	3,9	3,4	3,5	3,6	3,3	4,4	3,4	3,6	4,6			
	Quintil 5	4,1	3,6	3,1	3,1	2,5	2,3	2,5	2,4	2,2	2,6	2,0	3,1	3,0			
	Total	8,1	6,6	5,4	5,2	5,0	4,5	4,6	5,0	5,1	6,4	6,5	6,6	6,9			
Mujeres	Quintil 1	32,7	29,3	25,8	25,3	23,9	20,1	19,9	21,4	21,8	23,5	21,3	21,7	23,7			
	Quintil 2	20,0	18,1	16,5	14,0	12,2	10,3	11,4	11,3	12,0	12,8	10,5	9,6	14,5			
	Quintil 3	12,9	12,5	8,8	9,5	8,5	6,8	6,9	7,0	6,8	7,3	6,3	6,6	9,1			
	Quintil 4	8,7	7,3	6,0	6,3	5,4	4,6	4,4	4,3	4,8	4,4	3,9	3,9	5,5			
	Quintil 5	4,8	4,4	4,2	3,8	3,5	2,6	2,7	3,1	2,5	2,7	2,6	2,8	3,5			
	Total	14,0	12,4	10,4	9,8	9,0	7,7	7,9	8,2	8,3	8,9	9,4	9,5	10,1			
Total	Quintil 1	22,3	19,6	16,8	16,9	16,3	13,8	13,6	15,1	15,4	17,6	16,0	16,3	17,8			
	Quintil 2	14,3	12,7	11,4	9,8	9,0	7,6	8,2	8,4	9,0	10,5	9,1	8,3	11,4			
	Quintil 3	10,2	9,1	6,8	7,0	6,4	5,4	5,6	5,7	5,9	6,7	6,0	5,9	7,9			
	Quintil 4	7,1	5,9	5,1	5,1	4,6	4,0	3,9	3,9	4,0	4,4	3,6	3,8	5,0			
	Quintil 5	4,4	3,9	3,6	3,4	3,0	2,5	2,6	2,7	2,3	2,7	2,3	3,0	3,2			
	Total	10,8	9,2	7,7	7,3	6,8	6,0	6,1	6,5	6,6	7,5	7,8	7,9	8,3			

Fuente: INE, Observatorio social de INMUJERES.

De esta manera podemos observar que existe una mayor inserción en el mercado laboral por parte de los varones respecto a las mujeres en Uruguay. Esta brecha se profundiza en la población más vulnerable.

Tanto como plantea Jelin, E. (1998), como Batthyány, K. (2015), la inserción de la mujer en el mercado laboral se da en altos porcentajes de una forma segregada “horizontal” ya que se

concentran en algunas ramas de actividad como lo es comercios y servicios, así también en cuidados. (servicio doméstico, enseñanza, enfermería, atención al cliente, etc). Y no por ejemplo en la toma de decisiones, lo que implica una segregación “vertical” los cuales son ocupados por varones.

### 3. *¿Cómo le sirve esto al sistema capitalista y patriarcal?*

Carrasco, C. (2014), plantea que vivimos en un sistema donde se parte de una economía que apunta solamente al beneficio económico individual y no se tiene en cuenta desde un cuidado de la vida, desde la humanidad. La economía como disciplina maneja una perspectiva que no incluye el sexo/género en su análisis fuera de lo que son los límites del mercado, evitando toda responsabilidad sobre las condiciones de vida de la población como si éstas se moviesen por caminos paralelos a la economía.

Consideramos que los aspectos del mercado de trabajo más resistentes al cambio viéndolo desde una perspectiva de género feminista es la incorporación formal del trabajo doméstico en el mercado con derechos y siendo remunerados como corresponde.

Por lo tanto, siguiendo con Carrasco, C. (2014), se debe poder cambiar el referente social, cambiando la perspectiva de dónde partimos desde el mercado con su único objetivo: el lucro. Yéndonos hacia el trabajo de cuidados: tener como objetivo la vida humana.

Esto es lo que más resiste al cambio como se menciona anteriormente, principalmente porque al sistema capitalista y patriarcal en el que vivimos no le sirve.

Desde el punto de vista económico que las mujeres hagamos el trabajo doméstico y de cuidados, sirve al sistema en tanto que los procesos capitalistas continúan y avanzan, los costos de estos se corren cada vez más al ámbito doméstico mientras quienes lo asumen mayormente somos las mujeres. De esta forma los empresarios capitalistas pagan una fuerza de trabajo por debajo de lo que deberían y se ve como la producción capitalista sólo se sostiene por millones de horas de trabajo hecho “*desde los hogares para cuidar y reproducir*”.

“El trabajo doméstico hace que las mujeres estemos en desventaja en el mercado, y el trabajo doméstico además pierde valor por el hecho de ser mujeres quienes lo hacemos. Porque en esta sociedad patriarcal lo que está poco valorado es ser mujer.”

Como plantea Batthyány, K. (2015) la estructura y el funcionamiento del mercado laboral están dispuestos para un tipo de trabajador, donde no se tienen en cuenta las horas que se deben dedicar a las tareas domésticas y de cuidado. Están diseñados para un trabajador sin familia y con dedicación exclusivamente a la tarea de reproducción mercantil, por eso es resistente al cambio. Dado que desde siempre:

“el sistema capitalista reconoce una visión masculina y sola por eso considera el trabajo de mercado. Se puede considerar como atraso la conformación de la familia cuando la mujer ingresa al mercado de trabajo y por esto costó tanto que se aceptara” (Maubrigades, S., 2017).

Al mercado también le conviene el sistema patriarcal y capitalista dado que la mano de obra femenina es más barata, esto se da porque las mujeres tienen menos tiempo para insertarse en el mercado laboral. Sumándole que muchas veces comienzan a trabajar sin haber podido terminar sus estudios o siquiera haberlos empezado, como la sociedad demanda.

#### *4. Conclusión*

Si bien en los últimos años se incrementó la participación de la mujer en el ámbito público laboral, podemos observar que desempeñamos en mayor medida en sectores de actividad que tienen que ver con “ser mujer”: empleadas domésticas, trabajos de limpieza, costura, cuidado de niños, ancianos o personas dependientes, producción de comida, etc. En el caso de mujeres con mayor educación se desempeñan en docencia, enfermería, asistentes o secretarías.

Como conclusión, podemos observar que las mujeres hemos logrado conquistar e insertarnos al mercado laboral, pero ello ha sido de una manera desigual con respecto a los varones, somos quienes tenemos porcentajes de desempleos más altos, una vez

insertas en el mercado, son los varones quienes siguen ocupando los puestos de jerarquía y de poder, siendo nosotras quienes nos ocupamos de los trabajos remunerados destinados a cuidados y servicios, siendo una mera prolongación del trabajo doméstico hacia el mundo del trabajo. También podemos señalar que aquellas mujeres que se encuentran en situación de pobreza, tienen además un porcentaje de desempleo más alto, esto puede deberse al no contar con los recursos para poder suplir las tareas de cuidado domésticos. Esto trae aparejado otro problema, cuando las mujeres logramos romper con el llamado “techo de cristal” y logramos llegar a trabajos calificados en lugares de direcciones o de poder, siempre existe otra mujer que “barre los vidrios que logramos romper” ya que como expusimos, somos las mujeres que en el mercado laboral nos ocupamos de los trabajos de servicios y cuidados para que otras compañeras puedan acceder esos lugares.

Por ello es necesario, continuar el camino de lucha que tantas compañeras han transitado para lograr los avances que hemos adquirido en materia de derechos, y que el principio que nos guíe sea de emancipación y de igualdad, teniendo presente que, como mujeres trabajadoras, este sistema nos oprime y nos explota doblemente, por nuestra condición de trabajadoras y de mujer. Por ello debemos entender que, aunque avancemos y muchas compañeras logren, después de un camino de seguro costo y largo, ocupar lugares mejores remunerados y de jerarquía, tenemos que tener presente y que la lucha no puede acabar allí porque hay otras compañeras que se están encargando de las tareas de cuidado y reproducción. Para lograr una sociedad equitativa, donde las mujeres y varones tengamos las mismas oportunidades en el mercado laboral, debe existir una redistribución de las tareas domésticas en el seno de los hogares, dándole el lugar y visibilidad al trabajo no remunerado. Debemos luchar como dice Federici, S. por el salario para el trabajo doméstico, y así romper con la lógica del capital, el cual se beneficia, ahorrando los costos de reproducción social, delegando al ámbito privado y más aún sobre de nuestro trabajo.

“La demanda del salario doméstico es un claro rechazo a aceptar nuestro trabajo como un destino biológico, condición necesaria-este rechazo- para empezar a rebelarnos contra él”. (Federici, S, 2018, p. 42).

## 5. *La fuerza de trabajo femenino en el mercado laboral de Brasil*

En la transición de las grandes etapas históricas, la organización del trabajo femenino siempre estuvieron presentes en los diversos modelos de sociedad. Mientras que en las antiguas civilizaciones, la fuerza de trabajo de la mujer, era representada a través de la división sexual, donde ellas ocupaban gran parte de las actividades domésticas. En los otros períodos históricos, esos mismos rasgos se conservaron, a pesar de los diferentes contextos socio-políticos y de las nuevas relaciones sociales establecidas. En las últimas décadas, el protagonismo femenino se ha convertido en una herramienta histórica, para reivindicar cambios institucionales en sus derechos laborales y marcar presencia en los diferentes espacios de poder.

A maioria das mulheres sempre trabalhou. Sua trajetória no mundo do trabalho não teve início no pós-guerra, nem na década de 1970. Os primeiros dados oficiais de que dispunham indicam que, em 1872, representavam 45,5% da força de trabalho. Naquela época, de acordo com uma pesquisa realizada por Brumer (1988) com base no Censo Demográfico de 1872, as mulheres trabalhavam predominantemente na agricultura (35%), em serviços de utensílios domésticos (33%) ou em serviços de costura autônomos (vinte%). Após 1920, o número de participação econômica ativa (EAP) das mulheres diminuiu (IPEA, 2014: 592)

En las tendencias comparadas a los países latino- americanos, fue en las últimas décadas del siglo XX que el perfil de acceso de las mujeres brasileñas a la educación y al trabajo remunerado se alteraron significativamente. Entre 1970 y el inicio del siglo siguiente, el porcentaje de mujeres económicamente activas pasó de 18,5% para cerca de 55%, tiendo alcanzado un techo de 59% en 20052.

Lo que llama atención, es la evolución de los datos históricos sobre la educación de las mujeres, donde representó un mayor acceso a la escolarización, significando mayoría entre las tasas de matriculación y desempeño escolar se comparadas a de los hombres. “Apesar disso, a diferença entre o rendimento médio das mulheres

---

<sup>2</sup> Biroli, F. (2018) *Gênero e Desigualdade limites da democracia no Brasil*, pp. 21, São Paulo, Ed. Boitempo.

e dos homens permanece em torno de 25%, e a profissionalização não garantiu acesso igualitário ás diferentes ocupações (BIROLI, 2018:21).

De hecho, hay mucho que se discutir sobre la inserción de las mujeres en el mercado laboral, en términos cuantitativos y cualitativos, sobretudo cuando la gran parte de la fuerza de trabajo femenina es representada en las ocupaciones informales, o por el predominio del trabajo doméstico, lo que queda evidente un rasgo histórico estructural, mantenido y conservado por siglos. En el caso brasileño, su pasado histórico colonial de esclavitud, marcó la conformación del mercado laboral, a partir también de la inserción del elemento estructural raça. Para concretar ese punto, algunos estudios sobre Género y desigualdad, contrastan esas informaciones, resaltando avances y conquistas históricas por parte de las mujeres. Por ejemplo, el trabajo de Pinheiro et al (2014), intitulado por: *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*, refuerza esa problematización, a partir de la base de datos sobre las mujeres negras y blancas, en el contexto del trabajo doméstico remunerado en el Brasil.

Según los datos oficiales presentados, en 2014, 14% de las brasileñas ocupadas eran trabajadoras domésticas, un total de 5,9 millones. La diferencia racial se expresa por 17,7% de las mujeres negras, representando las trabajadoras domésticas y siendo el principal puesto de ocupación entre ellas. Apenas 10% de las mujeres blancas se encontraban en esa misma ocupación, mientras que en los sectores industriales y comercio había una mayor concentración de las mujeres blancas<sup>3</sup>.

Cabe mencionar que de 2004 a 2014, la coyuntura económica y política del país estaba más favorable a las organizaciones de los actores sociales, lo que resultó por parte del gobierno en mantener programas de políticas públicas para atender a los varios segmentos sociales de trabajadores. En 2013, fue aprobada la enmienda constitucional que amplió para las trabajadoras domésticas algunos derechos conquistados por el conjunto

---

<sup>3</sup> Ver gráfico 7, *Proporção de trabalhadoras domésticas entre as mulheres ocupadas de 10 anos ou mais de idade, segundo cor/raça. Brasil, 2004 a 2014*. Pinheiro et al (2016) *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*, pp. 15, Nota técnica Ipea, Brasília.

de los movimientos sociales urbanos de 1988 y garantizó la posibilidad de insertar la reglamentación sobre la remuneración del trabajo doméstico<sup>4</sup>. En la comparación de esos avances de 2004 a 2014, Pinheiro et al (2016), señala la brecha existente entre la posibilidad de formalización del salario mínimo para las trabajadoras domésticas y la gran cantidad de mujeres expuestas a situaciones de explotación y precarización del trabajo.

En una nueva base de datos, con actualizados de 2016 y 2018, Pinheiro et al (2019), resalta que uno de los mayores rasgos del trabajo doméstico está en la persistencia de la informalidad, eso es significativo cuando comparado a los avances de protección de esa categoría. Por ejemplo, como fue observado, a pesar de 2013, la proporción de las trabajadoras con cartera de trabajo firmadas, ingieren patamares mayores que 30%, a partir de 2016 es posible verificar una reducción en esos números, llegando hasta 2018 con patamares inferiores a 30%, apenas 28,6%, lo que evidencia una reducción en la proporción de trabajadoras que contaban con la cartera de trabajo firmada.

## *6. Síntesis*

A partir de las observaciones extraídas para esta discusión, se percibe una tendencia persistente por décadas sobre el tipo de ocupación de las mujeres en el mercado laboral, representado por la figura de los servicios domésticos y “heredados” por la división sexual del trabajo, lo que evidencia un rasgo estructural de la inserción desigual de las mujeres en la sociedad. Por otro lado, las grandes conquistas históricas de los movimientos feministas y colectivos de las mujeres negras, han posicionado y representado cada vez más los intereses clasistas del conjunto de mujeres en el mundo. En el caso brasileño, podemos destacar, la aprobación de la enmienda constitucional de 2013, que amplió garantías de derechos para las trabajadoras domésticas, un ejemplo de parte de las conquistas en el campo de la representación femenina.

Entre 2004 y 2014, a pesar de las conquistas representadas

---

<sup>4</sup> La Ley complementaria (LC) no 150/2015, fruto de las reivindicaciones de los movimientos de trabajadoras, que garantiza el contrato formal al trabajo doméstico.

por la valoración del salario mínimo, para varias categorías de trabajadores en el Brasil, resultado de las políticas de distribución de renta, los rendimientos se muestran aún insuficientes y desiguales para el conjunto de grupos de las mujeres blancas y negras. Según los datos presentados, las mujeres negras, son mayoritariamente las que más representan las actividades domésticas.

Por fin, a pesar de los avances ocurridos en Brasil, en los últimos años sobre ese tema, los números confirman que perduran la desvalorización y precarización de esa categoría laboral, reflejada en los niveles de formalización y renta (Pinheiro et. al 2019). Así que, en su gran mayoría, las mujeres se sitúan en condiciones de trabajos precarizados o informales, con bajos salarios, sin ascenso a cargos directivos o ejecutivos, lo que siempre configuró un gran desafío para los movimientos sociales feministas.

### *Referências Bibliográficas*

- ANDRADE, T. *Mulheres no mercado de trabalho: Onde nasce a desigualdade?* Brasília, Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, estudo técnico, 2016, p.1-72. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016\\_12416\\_mulheres-no-mercado-de-trabalho\\_tania-andrade](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade).
- BATTHYÁNY, K., Genta, N., & Perrota, V. (2015). *Trabajo no remunerado y cuidados. Primeros resultados de la Encuesta de Uso del Tiempo 2013*. En Boado, Marcelo (Coord.) *El Uruguay desde la sociología 13*. Montevideo: Doble Clic Editoras.
- BIROLI, F. *Gênero e Desigualdade limites da democracia no Brasil*, São Paulo, Ed. Boitempo. 2018.
- BRASIL. *Lei Complementar no 150, de 1 de junho de 2015*. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis no 8.212, de 24 de julho de 1991, no 8.213, de 24 de julho de 1991, e no 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3o da Lei no 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei no 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei no 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei no 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 2 jun. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp150.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm)
- CARRASCO, C. (2014). *La economía feminista: ruptura teórica y*

propuesta política. Con voz propia. La economía feminista como apuesta teórica y política.

INE Encuesta Continua de Hogares, Observatorio social de INMUJERES. <http://www.ine.gub.uy/encuesta-continua-de-hogares1>.

JELIN, E. (1998), del libro Pan y Afectos Cap. 1 “La autoridad patriarcal y los procesos de individuación, Cap. 2. La separación entre casa y trabajo y Cap. 5 Lo público y lo privado.

MAUBRIGADES, S. (2017) En Las mujeres en el mercado de trabajo en América Latina durante el siglo XX: un análisis comparado de la tasa de actividad, sus factores explicativos y su impacto en la brecha salarial. Capítulo 2. Tesis de doctorado. Universidad de la República (Uruguay).

FEDERICI, S. (2018). “El patriarcado del salario: Críticas feministas al marxismo”. Cap 1.

PINHEIRO, Luana Simões et al. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, nota técnica n.24, 2016, p3-28. Disponível em: [http://www.mtps.gov.br/images/Documentos/Noticias/Mulher\\_e\\_trabalho\\_marco\\_2016.pdf](http://www.mtps.gov.br/images/Documentos/Noticias/Mulher_e_trabalho_marco_2016.pdf).

PINHEIRO, Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: Reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, texto de discussão, 2019, p3-43. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td\\_2528.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf).

# Nós, mulheres: entre trabalhos, lutas e tensões

Carolina Pereira Lins Mesquita  
Carla Appollinario de Castro

*“(...) que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes”. (BEAUVOIR, sem data)*

**Resumo:** O trabalho da mulher não é tema novo na literatura socioantropológica e jurídica. Contudo, ainda resta um longo caminho para que a inserção das mulheres no mercado de trabalho ocorra em igualdade de condições com os homens. Não se trata somente de questões contratuais trabalhistas propriamente ditas. Para que isto ocorra, pressupõe-se uma justa repartição de tarefas também na esfera extracontratual, na unidade familiar, além de uma revolução cultural profunda quanto aos papéis sociais que recaem sobre nós no que concerne à sexualidade, à reprodução e ao cuidado da espécie humana. Mas não é só. Além da ausência de justa repartição do trabalho reprodutivo, persiste, ainda, no contexto de sociedades patriarcais, racistas, sexistas e capitalistas, problemas estruturais da violência sexual contra a mulher e a “cultura do estupro feminino”, como mais uma forma de dominação. Deste modo e neste *paper*, o nosso objetivo é refletir nós, mulheres, nossas lutas, entre as tensões entre esfera pública e a privada, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, regulação e dívida histórico-social.

**Palavras-chave:** mulher; trabalho produtivo e reprodutivo; violência sexual (estupro).

## 1. Introdução

O trabalho da mulher não é tema novo na literatura socioantropológica e jurídica. Contudo, ainda resta um longo caminho para que a inserção das mulheres no mercado de trabalho ocorra em igualdade de condições com os homens. Não se trata somente de questões contratuais trabalhistas propriamente ditas (*e.g.*, diferenças salariais, acesso a posições hierárquicas superiores,

coibição de práticas de assédio sexual e moral). Para que isto ocorra, pressupõe-se uma justa repartição de tarefas também na esfera extracontratual, na unidade familiar, além de uma revolução cultural profunda quanto aos papéis sociais que sobre nós recaem no que concerne à sexualidade, à reprodução e ao cuidado da espécie humana.

Mas não é só. Além da ausência de justa repartição do trabalho reprodutivo, persiste, ainda, no contexto de sociedades patriarcais, racistas, sexistas e capitalistas, problemas estruturais da violência sexual contra a mulher e da “cultura do estupro feminino”, como mais uma forma de dominação.

Deste modo e neste *paper*, o nosso objetivo é refletir nós, mulheres, nossas lutas, entre as tensões entre esfera pública e a privada, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, regulação e dívida histórico-social.

Como o presente articula estas diversas tensões, enquanto mecanismo de sensibilizar os possíveis leitores para a necessidade de reflexão sobre as diversas formas de abuso e violência por nós experimentadas, esclarecemos que assumimos a retórica não apenas feminista, mas também feminina, por entendermos que o uso hegemônico do gênero masculino na linguagem reforça a estigmatização da mulher como um ser inferior ao homem (TORRES, 1980). Assim, portanto, a ótica e a linguagem adotadas em todo o texto será a partir da perspectiva das mulheres.

Também é importante esclarecer que adotaremos, ao longo de todo o texto, a primeira pessoa do plural, uma vez que a reflexão resulta do esforço de duas mulheres brancas. Desse modo, o enfoque racial será adotado apenas quando a elaboração argumentativa assim o permitir, a partir do lugar de pesquisadoras de trabalho e gênero, mas também das consequências da desigualdade social que marca a nossa inserção em sociedade, o que resulta em um compromisso irrenunciável com as companheiras, trabalhadoras pretas, assumido sob a forma de luta antirracista.

## *2. O trabalho feminino: olhares a partir da regulação, do trabalho produtivo e do trabalho reprodutivo*

No plano normativo internacional, existem dois perfis históricos de regulação do trabalho da mulher pela Organização

Internacional do Trabalho (OIT). O primeiro, de caráter tutelar, articula-se em duas direções: i) à mulher no ciclo gravídico-puerperal (Convenções 3, 103 e 183) e ii) à imposição de restrições ao trabalho destas, por exemplo, proibindo ou restringindo-os em atividades insalubres, perigosas, penosas, em jornadas noturnas e em regime de horas extras (Convenções 4, 41 e 89). O segundo perfil, com feição isonômica, confere às mulheres igualdade de remuneração, de oportunidade e de tratamento com os homens no trabalho (Convenções 100 e 101).

Como se infere do Protocolo 90 e da Convenção 171 da OIT, bem como da revisão de algumas convenções internacionais,<sup>1</sup> é possível apontar uma tendência de se reduzir o rigor das normas internacionais de proteção à mulher, com exceção daquelas relativas ao estado gravídico-puerperal, privilegiando as de caráter isonômico (BARROS, 2005, p. 1024).

Esta mudança acompanha a formalização pela OIT, em 1999, do conceito de trabalho decente, entendido como “um trabalho produtivo e de qualidade, exercido em condições de liberdade, *equidade* e segurança e capaz de garantir uma vida digna” (OIT, 2011). Neste sentido, a igualdade de gênero e raça passa a ser uma dimensão estratégica do trabalho decente (OIT, 2011, p. 6), acompanhando as diretrizes da Declaração Universal dos Direitos dos Homens (1948).

No mesmo mote, historicamente no Brasil, ao tema trabalho da mulher atribuem-se os dois citados enfoques normativos, tendo como divisor de águas a promulgação da Constituição da República de 1988, graças ao advento da concepção de igualdade entre todos (art. 3º, 5º, *caput*, I, CF/88), a vedação de discriminação por razão de sexo e a alteração do paradigma da sociedade conjugal, na qual direitos e deveres passam a ser exercidos na mesma medida pelo homem e pela mulher (art. 226, § 5º, CF/88).

Segundo Lopes:

A Constituição de 1988, ao estabelecer pela primeira vez que os deveres e responsabilidades decorrentes da sociedade conjugal cabem igualmente a ambos os cônjuges, marcou a mudança de paradigma do Direito do Trabalho que, antes, destinava-se a

---

<sup>1</sup> Como exemplos, citamos a revisão da Convenção nº 3 pela Convenção nº 103; a da Convenção nº 4 pela nº 41 e desta pela Convenção 89, todas da OIT.

proteger o lugar da mulher no lar e agora se destina a garantir a possibilidade efetiva de trabalhar (LOPES, 2006, p. 405).

A Constituição de 1988 apresenta, assim, nova concepção da igualdade entre homens e mulheres, na medida em que prescreve um sistema de mecanismos vedatórios de discriminação, inclusive quanto à questão de gênero e no contexto das relações de trabalho, destacando-se preceitos de isonomia e de não discriminação quanto ao gênero e à raça.

Observamos, pela leitura dos incisos XX e XXX do artigo 7º Constitucional, que é possível a adoção de medidas temporárias diferenciadas, desde que para corrigir as distorções que afetam a formação profissional, o acesso ao emprego e as condições gerais de trabalho da mulher (cf. parágrafo único, art. 373-A, da CLT), jamais no sentido de restringi-lo. Considerando, ainda, como de ordem pública a adoção de medidas de proteção ao trabalho das mulheres (cf. art. 377, da CLT).

Estas mudanças normativas acompanham o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro como uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país desde os anos 70, especialmente no meio urbano, e que não mostra nenhuma tendência a retroceder, apesar das sucessivas crises econômicas vivenciadas no país a partir dos anos 80 (BRUSCHINI, 1994, p. 179).

Várias são as razões do ingresso acentuado das mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos 70. Bruschini (1994, p. 179 e seg.) arrola como fatores: i) a necessidade econômica, intensificada pela deteriorização dos salários reais dos trabalhadores homens; ii) a elevação das expectativas de consumo; iii) a crescente urbanização; iv) a aceleração da industrialização; v) a difusão de movimentos feministas; v) a expansão da escolaridade e vi) o acesso das mulheres às universidades.

Anteriormente à Carta de 1988, prevalecia na ordem jurídica a ideologia patriarcal que a impregnava com a nítida preferência do homem ante a mulher, objetivando o confinamento desta no *locus* familiar, o resguardo do mercado de trabalho aos homens e a manutenção de estrutura familiar chefiada pelo varão.

Sob as vestes de “proteção ao trabalho da mulher”, alicerçada em justificativas fundadas em diferenças de ordem biológica, em essência, as normas impingiam a restrição do nosso acesso

ao mercado de trabalho, sobretudo pelo conjunto normativo específico a nós direcionado que proibia práticas laborais que são danosas na mesma medida aos homens e as mulheres (*e.g.*, labor noturno, em jornadas suplementares, em condições insalubres e perigosas).

Destituída de qualquer fundamentação diversa da de ordem moral ou biológica inerente à condição da mulher de progenitora, a distinção de tratamento normativo justabalhista aos homens e às mulheres perpetrava discriminação ilegítima, legitimadora de divisão injusta das responsabilidades e do trabalho no lar.

Condições dignas, salubres e satisfatórias de trabalho devem ser direcionadas a qualquer pessoa, independentemente de gênero. Por esta razão, as normas alusivas ao trabalho do menor foram sendo revistas no sentido de intensificação da tutela, e àquelas atinentes ao da mulher, no sentido de adaptá-las às novas necessidades econômico-sociais e, em última análise, para acelerar a conquista da igualdade no emprego ou profissão.

Se até a Constituição de 1988, “proteger” o trabalho da mulher significava perpetrar a discriminação desta no mercado de trabalho, tutelando, em verdade, uma estrutura patriarcal, questiona-se: como desenvolver uma normatividade promocional do trabalho da mulher, não apenas em termos de garantias e direitos, mas no sentido de imprimir, por meio do direito, uma transformação sócio-cultural?

Pensamos que o caminho possa ser a utilização do direito não só como mecanismo de manutenção do *status quo*, mas como instrumento de luta e transformação social, mediante previsões que fomentem a inclusão do homem no trabalho reprodutivo e relacionado ao cuidado, isto é, em âmbito social mais amplo e numa esfera extracontratual (MESQUITA, 2020). Como exemplos, podemos citar: i) previsões de licenças parentais compartilhadas a exemplo de alguns Países europeus e da América Latina (ao invés de licenças compartimentadas de maternidade e/ou paternidade); ii) implementação de medidas que contribuam para o fortalecimento de uma cultura institucional em torno da igualdade de gênero e que coíbam práticas de assédio moral e sexual; iii) previsões de direitos para que homens acompanhem as mulheres em todos os exames pré-natal e participem de reuniões escolares, com abono de faltas; iv) estabilidades provisórias no emprego não restritas à mulher,

mas decorrente do fato gerador “gestação/adoção”; v) previsões de direitos para aqueles envolvidos com cuidados de pessoas com deficiência e/ou idosos. Isto é claro, acrescido de políticas públicas estatais que desonerem as mulheres de seu histórico papel de cuidadoras de crianças, idosos, enfermos e pessoas com deficiência.

Assim, preceitos relativos à igualdade de gênero não se restringiriam ao plano teórico-normativo e contratual trabalhista, mas teriam a potencialidade de se expandir pelas diversas relações sociais, rumo a uma igualdade material entre sujeitos e como uma forma de pôr fim a um ciclo histórico de violência simbólica e física contra a mulher.

Conforme pesquisa de longa duração desenvolvida por Araújo *et. al.* no Brasil:

Em 2003, 34% dos homens declararam que não dedicam nenhuma hora para os afazeres domésticos durante a semana; entre as mulheres o percentual era apenas 5,3%. Em média, homens dedicavam 11,4 horas e mulheres 35,6 horas por semana. Em 2016, o percentual dos homens que não se ocupam em absoluto das tarefas domésticas cai para 10%; no caso das mulheres ele é 0%. Em média, os homens passaram a dedicar 12,7 horas semanais e as mulheres 29,3. Embora a diferença de horas gastas seja menor, e essa queda, importante, trata-se, ainda, de distância considerável (em 2003 um total de 24,2 horas separavam as médias de trabalho doméstico de mulheres e homens; em 2016, esse diferencial passou a ser de 16,6h). (ARAÚJO *et. al.*, 2018, p. 29).

De toda forma, neste processo de inclusão masculina no trabalho reprodutivo compartilhado (não como mera “ajuda” ou “auxílio”), reflexão outra não poderia deixar de ser feita: a da terceirização do trabalho doméstico à outra mulher. Conforme Araújo *et. al.* (2018, p. 16), entre aqueles que dispõem de recursos econômicos, arranjos de compartilhamento das tarefas relativas ao trabalho com o lar centram-se na “contratação de outra mulher em situação de desvantagem socioeconômica (pobres, negras, imigrantes), reproduzindo um sistema cristalizado e hierarquizado de gênero, cor e classe ao qual se misturam intimidade, afeto e emoções”.

Infelizmente, setores conservadores vêm exercendo pressão e performances de intolerância contra conquistas de gênero, inclusive, quanto a direitos sexuais e reprodutivos, que fomos conquistando desde a redemocratização do País (PEREIRA, 2018).

Mais atual do que nunca a epígrafe utilizada neste texto: “(...) basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes”. (BEAUVOIR, sem data).

### *3. Cultura do estupro feminino: olhares a partir do enraizamento do fenômeno na economia e na sociedade*

Nossa reflexão não se debruça sobre o estudo detalhado dos índices de estupros cometidos contra as mulheres no Brasil, embora esta seja uma variável importante para a compreensão da dimensão do problema. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019, p. 114), divulgado em setembro de 2019, o Brasil alcançou o recorde de violência sexual em 2018. Foram, ao todo, 66.000 (sessenta e seis mil) vítimas de estupro naquele ano, isto é, o maior índice desde que o estudo começou a ser realizado em 2007. Entre as vítimas, a maioria (53,8%) era composta por meninas de até 13 anos de idade. Isso corresponde a uma média de quatro estupros de meninas até essa idade por hora no país. A média nacional é de 180 estupros por dias em nosso território. De cada dez estupros, oito foram praticados contra meninas e mulheres e dois contra meninos e homens. O perfil racial e étnico das mulheres vítimas também chama bastante atenção, pois a maioria (50,9%) é composta por mulheres negras (pretas e pardas).

Embora bastante significativos, os dados disponíveis, registrados pelas polícias nos estados brasileiros e no Sistema Único de Saúde, podem ser expressivos de apenas 10% do total, como alerta a Agência Patrícia Galvão:

Certamente, as duas bases de informações possuem uma grande subnotificação e não dão conta da dimensão do problema, tendo em vista o tabu engendrado pela ideologia patriarcal, que faz com que as vítimas, em sua grande maioria, não reportem a qualquer autoridade o crime sofrido (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, s.d.).

Assim, ainda de acordo com a Agência, ao incorporar pela primeira vez a análise sobre violência sexual contra meninas e

mulheres, pesquisas como o Atlas da Violência, elaborado pelo Ipea/FBSP, em 2018, podem revelar que:

(...) os dados, que já são alarmantes, não dão a verdadeira dimensão desta grave violência no Brasil. Com base em estudos internacionais, o Atlas considera que apenas de 10% a 15% dos casos são reportados – o que elevaria para 300 mil a 500 mil o número de estupros cometidos no Brasil a cada ano. (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, s.d.).

Diante da tendência de manutenção da violência sexual contra a mulher como um problema estrutural, como pode ser afirmado diante de índices tão elevados de incidência, é preciso se lançar à reflexão acerca do problema central, consistente na naturalização dessa forma de violência acompanhada de responsabilização da vítima, que decorre do processo de enraizamento do fenômeno na cultura da sociedade e do seu reflexo em nossa economia, sobretudo, a partir das dinâmicas verificadas na esfera da produção, da organização do trabalho e da promoção de renda das mulheres.

A expressão “cultura do estupro” passou a ser utilizada pela corrente americana do feminismo, a partir da década de 1970, para descrever um ambiente no qual o estupro é frequente, ao mesmo tempo em que a violência sexual nele presumida “(...) é normalizada e justificada na mídia e na cultura popular<sup>2</sup>” e “(...) perpetuada através do uso de linguagem misógina, da objetificação do corpo das mulheres e da glamourização da violência sexual, criando assim uma sociedade que desconsidera os direitos e a segurança das mulheres<sup>3</sup>”, segundo o Centro das Mulheres da Universidade Marshall (MARSHALL UNIVERSITY’S WOMEN’S CENTER, sem data).

O verbete disponibilizado pelo Centro das Mulheres, em seu endereço eletrônico, destinado a revelar as múltiplas nuances da cultura de estupro, apresenta diversos exemplos:

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. No original: “(...) is normalized and excused in the media and popular culture” (CENTRO DAS MULHERES DA UNIVERSIDADE MARSHALL, sem data).

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original: “(...) is perpetuated through the use of misogynistic language, the objectification of women’s bodies, and the glamorization of sexual violence, thereby creating a society that disregards women’s rights and safety” (MARSHALL UNIVERSITY’S WOMEN’S CENTER, sem data).

TABELA 1 – Exemplos de condutas e práticas típicas da cultura do estupro<sup>4</sup>

Culpar a vítima (“Ela pediu!”)
Agressão sexual trivial (“Meninos serão meninos!”)
Piadas sexualmente explícitas
Tolerância ao assédio sexual
Inflar estatísticas de relatórios de estupro falso
Examinar publicamente o vestuário, o estado mental, os motivos e a história da vítima
Violência de gênero gratuita no cinema e na televisão
Definindo “masculinidade” como dominante e sexualmente agressiva
Definir “feminilidade” como submissa e sexualmente passiva
Pressão sobre os homens para “marcar”
Pressão sobre as mulheres para não parecerem “frias”
Supondo que apenas mulheres promíscuas sejam estupradas
Supondo que homens não sejam estuprados ou que apenas homens “fracos” sejam estuprados
Recusando-se a levar a sério as acusações de estupro
Ensinar as mulheres a evitar serem estupradas em vez de ensinar os homens a não estuprar

FONTE: (MARSHALL UNIVERSITY’S WOMEN’S CENTER, sem data).

A partir das condutas acima descritas, apresentadas em caráter exemplificativo, é possível perceber o quanto a prática do estupro encontra-se, realmente, interiorizada na cultura da nossa sociedade, uma vez que ela é amplamente compartilhada por alguns indivíduos (agressores) e naturalizada por outros (mídia e cultura popular).

<sup>4</sup> Tradução nossa. No original: “Examples of Rape Culture: Blaming the victim (“She asked for it!”); Trivializing sexual assault (“Boys will be boys!”); Sexually explicit jokes; Tolerance of sexual harassment; Inflating false rape report statistics; Publicly scrutinizing a victim’s dress, mental state, motives, and history; Gratuitous gendered violence in movies and television; Defining “manhood” as dominant and sexually aggressive; Defining “womanhood” as submissive and sexually passive; Pressure on men to “score”; Pressure on women to not appear “cold”; Assuming only promiscuous women get raped; Assuming that men don’t get raped or that only “weak” men get raped; Refusing to take rape accusations seriously; Teaching women to avoid getting raped instead of teaching men not to rape” (MARSHALL UNIVERSITY’S WOMEN’S CENTER, sem data).

Outra porta de entrada para a compreensão do problema, pode ser a pesquisa realizada pelo IPEA, que apresenta os resultados que orientam o Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre o tema tolerância social à violência contra as mulheres, ou seja, o primeiro levantamento realizado pelo IPEA (ABRIL/2014) com as opiniões e representações (percepções) da sociedade brasileira sobre temas como o sexismo e a violência contra as mulheres.

Dois aspectos, em especial, chamam a atenção nesta pesquisa. O primeiro, quando 65% dos entrevistados concordaram, total ou parcialmente, que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. E o segundo diz respeito aos 58,5% dos entrevistados que concordaram, total ou parcialmente, que “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros” (IPEA, ABRIL/2014).

Diante da surpresa provocada pelos resultados – não para, nós, mulheres – o tema alcançou o centro do debate político à época e não demorou muito até que a metodologia utilizada na pesquisa e o relatório final fossem bastante criticados por alguns setores, especialmente, da mídia conservadora, como por exemplo, por Felipe Moura Brasil, em seu blog na Revista Veja (Publicado em 28/03/2014 e atualizado em 15/02/2017).

O principal ponto da crítica se concentrou na fração da sociedade entrevistada, composta, em sua maioria (66,5%), por mulheres (IPEA, ABRIL/2014; VEJA. Blog do Felipe Moura Brasil, publicado em 28/03/2014 e atualizado em 15/02/2017). O que os seus críticos deixaram de observar foi justamente o objeto da pesquisa, que se debruçou a apreensão das percepções (representações) da sociedade sobre sexismo e violência contra as mulheres e ninguém melhor do que as próprias vítimas para revelarem as diversas formas de abuso e violência que atravessam a sua existência, desde a mais tenra idade até a fase madura.

Independentemente das divergências de cunho metodológico, o saldo do levantamento foi positivo à medida que colocou o problema (a cultura do estupro) e todos os seus impactos e desafios no cerne do debate público, o que faz emergir a importância de estudos e textos que discutam esse tema, uma vez que os abusos e as diversas formas de violências praticadas contra as mulheres não foram superadas, pelo contrário, têm se revelado em crescente ascensão.

Uma vez caracterizado o problema, trata-se, agora, de buscarmos suas raízes em nosso desenvolvimento social e econômico. Isso porque temos, como ponto de partida, o fato de vivermos em uma sociedade que é, além de patriarcal, racista e capitalista. Estes são aspectos também enfatizados por Solyszko, ao declarar, em entrevista, que “essas três dimensões de dominação e de opressão vão permitir que as vidas e os corpos das mulheres sejam explorados, mercantilizados, coisificados e, inclusive, agredidos, mutilados, estuprados e assassinados” (MOREIRA, 2016).

Para compreendermos de que forma a violência contra a mulher é intrínseca a nossa formação social e econômica, a primeira chave de análise a ser destacada é a do patriarcado, que adquiriu diversos sentidos desde o início de sua utilização, por volta do final do século XIX, mas que assumiu a feição que conhecemos, atualmente, de dominação masculina a partir da subordinação ou sujeição das mulheres, desde o fim do século XX, junto com as discussões realizadas na “segunda onda” do feminismo, a partir dos anos 1970, no Ocidente (DELPHY, 2009, p. 173).

A dominação masculina não se restringe à esfera física, bastante presente nos estupros, manifestada a partir da ideia de domínio sobre o corpo da mulher e sobre o direito de deixá-la viver ou fazê-la morrer (FOUCAULT, 2000), mas também sobre as dimensões subjetivas da existência feminina. Essa dupla dominação, objetiva (concreta) e subjetiva (existencial), tem fundamento na reprodução social (a forma como se desenvolvem nossas interações sociais) e na divisão sexual do trabalho.

A divisão sexual do trabalho, por sua vez, diz respeito à atribuição de papéis sociais e produtivos distintos a homens e mulheres e às formas como cada um deles se insere na atividade produtiva e, dela, alcança sua subsistência e inserção social.

Para Daniela Kergoat e Helena Hirata, a sociologia das feministas materialistas francesas ajuda a compreender os fenômenos que caracterizam a exploração desigual pelo trabalho, entre homens e mulheres, sendo possível destacar três, em especial: i) a separação (divisão) e hierarquização das tarefas e funções entre homens e mulheres; ii) a atribuição das responsabilidades domésticas e do dever de cuidado exclusivamente às mulheres (total ou parcialmente); e iii) o acúmulo de todas essas atividades representativas do trabalho doméstico não remunerado com o

trabalho remunerado (KERGOAT; HIRATA, 2007). A mesma lógica pode ser adotada para compreender a divisão do trabalho com base nos marcadores sociais da raça e da etnia que determinam lugares, posições e direitos que podem ou não ser acessíveis aos negros (pretos e pardos).

O modelo patriarcal, pautado, ainda, pela divisão sexual e racial do trabalho, foi constante em nosso desenvolvimento econômico e social e, mais recentemente, diante de um cenário marcado por graves crises econômicas, acentuada desfiliação social e acelerada pauperização, não é mera coincidência que tenham sido experimentados aumentos consideráveis nos índices de abusos e violências contra as mulheres. Isso porque a cada vez que avançamos na esfera pública, no sentido de ampliarmos nosso rol de direitos e de recusarmos todas as formas de exploração e dominação, os homens – já socialmente habituados com outra hierarquização social – reagem, seja por meio da violência indireta, que pode ser apresentar sob a forma de críticas quando expressões dessa dinâmica são lançadas no debate público (como foi o caso da pesquisa de percepção social da violência), seja por meio da violência direta (abuso, agressões e estupro).

Nesse sentido, tão importante quanto reconhecer a desigualdade que marca nossas inserções no mercado de trabalho (e os ganhos que, dele, é possível obtermos) e na vida social é perceber que essa exploração desigual estabelece relações de poder desiguais entre homens e mulheres, no ambiente privado e também no público.

#### *4. Considerações finais*

Desde a luta pela existência e pela vida (das trabalhadoras negras escravizadas), passando pela luta pelo voto até a mobilização mais recente por representação política, foi uma longa trajetória de reivindicações pelo direito de existir, de ser e de alcançar melhores condições de vida pelo acesso aos direitos econômicos e sociais. No final dos anos 1960, a distinção no padrão de reprodução do capital, materializada ora como divisão sexual do trabalho, ora como divisão racial do trabalho, foi percebida não apenas como consequência indesejável do processo de acumulação, mas como

inerente e útil à sua própria lógica de funcionamento. Temas como o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho reprodutivo da mulher, distinções no mercado de trabalho (em especial, as salariais que são mais visíveis) passaram a ocupar o centro do debate público ao lado da luta pela liberdade sexual e autonomia do corpo.

A história dos feminismos é a narrativa de muitas mobilizações e reivindicações em torno da vida, da autonomia existencial e da conquista de direitos que promovam maior bem estar econômico e social.

Parte dessa trajetória foi descrita na primeira parte do presente artigo, que procura fornecer ao leitor uma reconstrução dos sentidos da luta e das demandas por proteção social, sobretudo, na esfera laboral, que explicita melhor a exploração e a dominação desiguais pelo viés econômico.

Na segunda parte da pesquisa, procuramos problematizar a cultura do estupro e como ela se manifesta em todas as esferas da nossa vida social, tensionando a exploração/dominação da mulher a partir da reprodução do capital. É por isso que devemos considerá-lo, tal como ele se apresenta, em realidade, como capitalismo patriarcal, racista, sexista e misógino. A superação de suas consequências, inclusive, as mais violentas às mulheres, passa pela compreensão do quanto as diversas formas de violências constituem a própria reprodução do capital, garantindo, inclusive, sua manutenção.

Como o nosso objetivo consistia em articular as conquistas de espaços e de direitos pelas mulheres com a violência contida nesse mesmo processo de luta, esperamos ter problematizado que, ao contrário do que sustentam algumas formulações de senso comum, essa violência, consubstanciada no direito de deixar viver ou fazer morrer, precisa ser desnaturalizada e compreendida nos exatos termos de sua funcionalidade à reprodução social e do capital.

Terminamos a escrita da nossa contribuição no contexto da pandemia da COVID-19, experimentada em escala global, de forma inédita para a nossa geração. Todos os indicadores de gênero revelam acentuação do número de casos de violência doméstica e familiar, estupros, desemprego, sobrecarga mental, aumento de tarefas domésticas e cuidados com mais pessoas da família para as mulheres diante de desafios inimagináveis decorrentes do vírus.

Mas, se, por um lado, o acirramento de todas essas formas de violência revelam o quanto ainda estamos distantes de uma vida

livre de toda e qualquer forma de exploração/dominação, por outro lado, ao lançar luz a processos e dinâmicas propositalmente obscurecidas no bojo da reprodução do capital e no acesso a direitos, é uma excelente oportunidade para colocarmos no centro do debate público nossa inserção social tão desigual que, agora, não mais pode ser negada ou naturalizada. Sempre fomos vanguarda nas lutas por moradia, condições dignas de vida e de existência. No exato momento em que emerge no horizonte uma crise econômica que sugere ser a maior, mais duradoura e com o maior número de vítimas pós-pandemia, é que os feminismos podem servir como instrumentos anti-sistêmicos da desigualdade e da exclusão sociais, capazes de promover a superação do nosso histórico estado de mal estar social. Por isso, há braços na luta, companheiras!

### *Referências Bibliográficas*

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. “Estupros no Brasil: dados disponíveis podem representar apenas 10% do total”. *Dossiê Violência contra as mulheres em dados*. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/estupros-no-brasil/>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- ARAÚJO, Clara; *et. al.* “Evolução das percepções de gênero, trabalho e família no Brasil: 2003-2016”. In: ARAÚJO, Clara; *et. al.* (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil do Século XXI: mudanças e permanências*. Rio de Janeiro: 2018, p. 1-71.
- BARROS, Alice Monteiro de. *A mulher e o direito do trabalho*. São Paulo, LTr Editora, 1995.
- BEAUVOIR, Simone. In: GUICHARD, Alexandra. *Les 15 meilleures citations féministes de Simone de Beauvoir*. Disponível em: <<http://www.cosmopolitan.fr/les-15-meilleures-citations-feministes-de-simone-de-beauvoir,1961708.asp>>. Acesso em 10 mar. 2019.
- BRUSCHINI, Cristina. “O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes”. In: *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1994, p. 178-199.
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2019, p. 173-183.

- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Ano 13, 2019. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: Curso no Collège de France (1975 - 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). “Tolerância social à violência contra as mulheres”. *Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)*. Retificado em 04 de abril de 2014. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2014.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP) (Orgs.). *Atlas da violência 2019*. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/carla/Downloads/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](file:///C:/Users/carla/Downloads/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 595-609. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- MARSHALL UNIVERSITY’S WOMEN’S CENTER. *Rape Culture*. Disponível em: <<https://www.marshall.edu/wcenter/sexual-assault/rape-culture/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- MESQUITA, Carolina Pereira Lins. “Ideais entre memórias, fronteiras e eixos: notas sobre o I Congresso Internacional Interdisciplinar Direito e Economia”. VASCONCELLOS, Antônio Gomes de; SOSA, Ramiro Chimuris (Org). *Direito e Economia*. Itália: 2020 [no prelo].
- LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. “Direito do Trabalho da mulher: da proteção à promoção”. *Cadernos Pagu* [online]. 2006, n. 26, PP. 405-430. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398.pdf> Acesso em 28 Jul. 2020.
- MOREIRA, Isabela. “6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro”. *Psicologias do Brasil*. 15 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/6-coisas-que-voce-precisa-entender-sobre-cultura-do-estupro/>>. Acesso em: 18 dez. 2016.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS; *Negociação de cláusulas relativas à equidade de gênero e raça 2007-2009*. 1v. Brasília: OIT, 2011.

- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. “Judith Butler e a pomba-gira”. In: *Cadernos Pagu* [Debate quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil]. 2018, p. 185-304.
- TORRES, Isaura Maria Gama. *Sexismo na linguagem*: Reflexo de uma ideologia machista. 1980. 212f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1980.
- VEJA. “A culpa do estupro não é da mulher, mas a da confusão é da pesquisa do IPEA! Essa, sim, merece ser “atacada!””. *Blog do Felipe Moura Brasil*. Publicado em 28/03/2014 e atualizado em 15/02/2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/a-culpa-do-estupro-nao-e-da-mulher-mas-a-da-confusao-e-da-pesquisa-do-ipea-essa-sim-merece-ser-8220-atacada-8221/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

PARTE V

Feminismo y violencia

Feminismo e violência

*“Querías igualdad, decir lo que piensas y te tildaron de caprichosa  
Paradigma patriarcal nos mata y dispone que seamos vistas como cosas  
Uruguay natural con violencia de macho naturalizada  
Yorugua bondadoso muerte a tu cliché y que la bruja sea  
inmortalizada  
Seguro la mataron por puta, seguro la pollera era corta  
Seguro lo buscó y calentó la muy zorra no podía esperarse otra cosa  
El sistema defiende y sostiene asesinos aunque no lo diga  
No quiere cambiar no conoce otra cosa y qué importa mi vida.  
Somos las nietas de todas las brujas que nunca pudieron quemar”*  
(Eli Almic)

*“Em todos os lugares do mundo,  
Mulheres sofrem com seres sujos  
Que utilizam da força quando não só, até em grupos!  
Praticando sessões de estupros que ficam sem justiça.  
(...)  
Até quando teremos que suportar?  
Mãos querendo nos apalpar?”*  
(Mel Duarte)

# Existirmos, a que será que se destina?

## Cultura do estupro: a naturalização da violência contra as mulheres na mídia

*Marcella Furtado de Magalhães Gomes*

**Resumo:** O artigo analisa a cultura do estupro e suas características sob a perspectiva de gênero, do patriarcado e das mais variadas formas de violência praticadas contra o sexo feminino, com especial enfoque no crime de estupro. Analisar-se-á, ainda, as circunstâncias concernentes à normalização da violência, à objetificação da mulher na mídia e à culpabilização da vítima.

**Palavras-chave:** gênero; patriarcado; violência; mulher; cultura do estupro; mídia.

### *1. Introdução*

Essa semana o Brasil todo se chocou com o caso da menina de dez anos grávida do tio. A criança, que era estuprada pelo tio desde os seis anos de idade, ainda teve que lidar com diversas outras violências, como a divulgação de seus dados pela bolsonarista Sara Winter, com a negativa de médicos para fazer o aborto legal e com a manifestação de religiosos na porta do hospital onde se encontrava internada para a realização do procedimento.

Poderíamos nos tranquilizar se soubéssemos que essa é uma situação excepcional. Quimeras. Da mesma maneira que a ascensão do extremismo de direita no Brasil alavancada pela eleição do presidente Jair Bolsonaro contribuiu para a reação violenta contra a interrupção da gravidez da menina de 10 anos, ela vem contribuindo para a elevação dos números da violência de gênero contra a mulher no país.

Dados de um levantamento do Datafolha em fevereiro de 2019, encomendado pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), para avaliar o impacto da violência contra as

mulheres no Brasil, mostram que não há lugar seguro no Brasil para as mulheres.

Esses dados revelaram que nos 12 meses anteriores à pesquisa 1,6 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio.

Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda.

Segundo o Instituto Patrícia Galvão, mulheres são as principais vítimas de ameaça e constrangimento ilegal e o companheiro ou o ex são os principais autores.

Também segundo esse mesmo Instituto, 97% das mulheres já foram vítimas de assédio em meios de transporte.

O número de estupro cresceu no país de 2016 a 2017, passando de 54.968 para 60.018 casos registrados, um aumento de 8,4% em um ano. Fonte: 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2018).

A maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa. 33,8% dos casos de violência sexual contra crianças tiveram caráter de repetição. O dado em relação às adolescentes é ainda pior: 39,7%.

Entre 2011 e 2017, foram registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, 184.524 casos de violência sexual contra crianças (31,5%) e adolescentes (45%). Segundo o levantamento, que inclui como violência sexual os casos de assédio, estupro, pornografia infantil e exploração sexual, 74,2% das vítimas eram do sexo feminino e 25,8% eram do sexo masculino. A maioria dos casos ocorre em residências e os familiares aparecem como os principais agressores de crianças na somatória de casos praticados por pais, mães, padrastos, madrastas e irmãos. Entre as crianças do sexo feminino, 74,7% das notificações apresentam o envolvimento de um autor e, em 81,6% dos casos, o agressor era do sexo masculino. Quadro semelhante é apresentado pelas adolescentes: em 79,7% dos casos a violência sexual foi perpetrada por um autor, e em 92,8% o autor era do sexo masculino. Fonte: Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes, 2011 a 2017 (SINAN/MS, 2018).

O Brasil tem posição de destaque no ranking de países com alto índice de violência de gênero contra as mulheres, aparecendo em quinto lugar num total de 83 nações. De 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres por questões de gênero cresceu 21%, atingindo a marca, em 2013, de 13 homicídios femininos por dia no país. É necessário ressaltar que 50,3% dos assassinatos de mulheres no Brasil foram cometidos por familiares, sendo 33,2% praticados por parceiros ou ex-parceiros da vítima (Instituto Patrícia Galvão, 2017). De acordo com estudo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), a cada dez feminicídios registrados em 23 países da região em 2018, quatro ocorreram no Brasil. Naquele ano, pelo menos 3.287 mulheres foram assassinadas, das quais 1206 no Brasil (<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/femicidio-ou-femicidio>)<sup>1</sup>. E isso levando em conta a subnotificação dos casos de violência e a errônea classificação dos sistemas de justiça dos casos de feminicídio. Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgada em fevereiro deste ano, mostra que só 10% das mulheres que foram vítimas de alguma violência procuraram a delegacia (<http://www.forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>)<sup>2</sup>.

## *2. Desenvolvimento*

A persistência da violência contra as mulheres, mesmo nos países europeus mais igualitários, demonstra como os padrões

---

<sup>1</sup> O Atlas da Violência 2019, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontou uma possível relação entre machismo e racismo: a taxa de assassinatos de mulheres negras cresceu 15,4% na década encerrada em 2016. Ao todo, a média nacional, no período, foi de 4,5 assassinatos a cada 100 mil mulheres, sendo que a de mulheres negras foi de 5,3 e a de mulheres não negras foi de 3,1 (<http://www.forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>). Boaventura de Sousa Santos já havia deixado muito claro que a dominação em nosso tempo tem três cabeças: capitalismo, colonialismo e patriarcado.

<sup>2</sup> As principais causas da subnotificação são a demora e a ineficiência dos sistemas institucionais de justiça, bem como seu despreparo para lidar com a violência contra as mulheres, o medo e a dependência econômica das mulheres em relação aos agressores (<http://www.forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>).

patriarcais ainda resistem em nossas culturas. Demonstra, ainda, a ineficácia das ferramentas jurídicas comumente utilizadas para combatê-la.

As teorias sociológicas feministas cunharam o conceito de patriarcado ou falocracia para questionar como se (re)produzem os significados e as representações das normas regulatórias de gênero nas culturas<sup>3</sup>.

Segundo Segato, o patriarcado é a ‘estrutura inconsciente que impulsiona as afeições e distribui valores entre os personagens da cena social’. É, ao mesmo tempo norma e projeto de autorreprodução, pois representa o poder em sua forma fundacional e permanente, a estrutura política mais arcaica da humanidade, ‘o pilar, o cimento e a pedagogia de todo o poder’. Todas as desigualdades existentes na sociedade são transformações da matriz heterossexual constitutiva da ordem patriarcal (2016, p. 23<sup>4</sup>).

Não é possível representar homens e mulheres, por si sós, como se significassem uma divisão natural, única e previsível dos sexos. A sociedade nunca existe em um vazio neutro e sem cargas. É exagerando a diferença entre dentro e fora, por cima e por baixo, masculino e feminino, com e contra, que se cria uma aparência de ordem.

Corpo e sociedade se comunicam, servindo como base para a criação de sistemas simbólicos de classificação, produzindo uma aparência de ordem. O corpo como meio de expressão, ao mesmo tempo em que (re)cria um sistema social, é, mais ou menos, restrito pelas demandas do próprio sistema social.

Susan Okin explicita que nas sociedades contemporâneas:

... as relações de subordinação direta de uma mulher específica a um homem específico, que eram características do patriarcado histórico, foram substituídas em grande medida, por formas coletivizadas de dominação. São estruturas impessoais que

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, conferir: FERGUSON, Kathy E. Patriarchy. In: TIERNEY, Helen. *Women's studies encyclopedia*, V. II. Santa Barbara, California: Greenwood Publishing, 1999; LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. Oxford, England: Oxford University Press, 1986; MALTI-DOUGLAS, Fedwa. *Encyclopedia of Sex and Gender*. Detroit: Macmillan, 2007.

<sup>4</sup> SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

distribuem vantagens e oportunidades, em prejuízo do gênero feminino (1989, p. 138-1395).

Dessa forma, falocracia e patriarcado trazem à tona as dinâmicas sociais cotidianas governadas, muitas vezes e de muitas maneiras, pelas desigualdades de gênero e por micro-contextos de legitimação de um poder do homem sobre a vida e os corpos das mulheres, o que permite que as formas normativas de violência de gênero contra as mulheres continuem impunes (Kleinman, 2000, 227<sup>6</sup>).

Por meio do conceito de violência simbólica, Bourdieu queria chamar a atenção para as relações opacas de poder. Estas relações sustentam formas de dominação não só dentro das instituições jurídicas e políticas formais, mas também nas relações e esferas da vida fora das arenas regulares do poder e da política (Topper, 2001, 42).

Para Bourdieu, as relações de gênero são o caso paradigmático do operar da violência simbólica (Bourdieu, 2011, 167). Em sua obra, a violência simbólica denota mais do que uma forma de violência operando simbolicamente, ela é “a violência que é exercida sobre um agente social com a sua cumplicidade” (2011, 169).

Como Richard Jenkins assinala, a violência simbólica é a imposição de sistemas de simbolismo e significado sobre os grupos ou classes de tal forma que eles são experimentados como legítimos. Esta legitimidade obscurece as relações de poder, o que permite tais imposições sejam bem sucedidas (1992, p. 104).

O conceito de violência simbólica aplicado às relações de gênero revela a violência invisível, escondida nos significados compartilhados das práticas sociais e que promove a diferenciação das mulheres.

O termo cultura do estupro surgiu na década de 1970, cunhado pelo movimento feminista norte-americano, para conceituar um ambiente em que se naturaliza a violência sexual contra a mulher, com base nas desigualdades de gênero, a partir da articulação de representações sociais misóginas. Apesar de sua conceituação ser

---

<sup>5</sup> OKIN, Susan Moller. *Justice, gender and the family*. New York: Basic Books, 1989.

<sup>6</sup> KLEINMAN, Arthur. *The Violences of Everyday Life: The Multiple Forms and Dynamics of Social Violence*. In: DAS, Veena; KLEINMAN, Arthur; RAMPHELE, Mamphela; REYNOLDS, Pamela. *Violence and Subjectivity*. Berkeley: University of California Press, 2000.

recente, a cultura do estupro é antiga e, no mundo ocidental, está profundamente enraizada na tradição judaico-cristã e sua recusa ao prazer, em especial o feminino. A construção social, moral e jurídica da castidade feminina e do direito masculino sobre o corpo da mulher continuou a ser engendrada e garantida, seja pelo afastamento ou diminuição do estupro de prostituta, ou pela condenação do comportamento sexual da mulher solteira ou pelo dever conjugal da mulher casada<sup>7</sup>.

Nesse sentido, a cultura do estupro é a ideia socialmente aceita a) de um pertencimento do corpo da mulher ao homem, inclusive violentamente, b) de que o homem tem um certo 'direito' de recorrer à força para se satisfazer sexualmente c) de que a mulher é objeto de satisfação do desejo masculino.

A cultura do estupro é construída discursivamente no universo machista, que perpassa valores de dominação sobre as mulheres e as transformam em mero objeto de desejo.

A violência de gênero é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. Como subproduto do patriarcalismo, a cultura do machismo, disseminada muitas vezes de forma implícita ou sub-reptícia, coloca a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, dentre elas o estupro (CERQUEIRA; COELHO, 2014, p. 2).

Neste artigo, gostaria de salientar o papel que a mídia desempenha na disseminação da cultura do estupro e na banalização da violência contra as mulheres. É inegável o papel da mídia na manutenção das estruturas sociais.

A normalização da violência encontra-se inserida na cultura do estupro e consiste em taxar como usual e comum as condutas sexuais afrontosas à dignidade da mulher, sob a perspectiva de que esta pertence ao homem, assim como seu corpo.

O contexto da desigualdade de gênero, da tolerância à violência e da obstrução da liberdade sexual da mulher, é essencial para a

---

<sup>7</sup> Para saber mais sobre isso, vale a pena conferir: LIMA, Lana Lage da Gama. **Cultura do Estupro, Representações de Gênero e Direito**. In: *Linguagem e Direito*, Vol. 4(2), 2017, p. 7-18. SOUSA, Renata Floriano de. **Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres**. In: *Revista Estudos Feministas*, vol.25 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2017 On-line version ISSN 1806-9584.

permanência do patriarcado no poder e para a vigência da cultura de estupro. Nesse diapasão, promove-se uma inversão de valores, contemplando a violência como sexy e a sexualidade da mulher, por sua vez, como ultrajante (FLETCHER, 2010, p. 1, tradução nossa). Em razão disso, a população feminina é dividida em dois grupos: as santas, dignas de respeito, ou as prostitutas, sexualmente ativas (LANA et al., 2016, p. 78-79).

No entanto, mesmo que aquelas mulheres consideradas dignas são representadas como seres sexualizados em propagandas midiáticas e são associadas a objetos, cujo enfoque primordial são os atributos; fragmentando, assim, a sua integridade (CRUZ, 2008, p. 7).

É importante destacar que nem todas as mulheres experimentam o machismo da mesma maneira. Claramente, uma das lições mais importantes da teoria feminista ao longo dos últimos vinte anos tem sido a de que a experiência de discriminação das mulheres, e de fato da própria identidade, é fortemente determinada por diferenças de classe, status econômico, idade, sexualidade, religião, raça e nação. Como bem explicitou Crenshaw: “As mulheres negras não enfrentam o sexismo para além do racismo, mas o sexismo no contexto do racismo; assim, elas não suportam um encargo adicional que as mulheres brancas não suportam, mas suportam uma carga completamente diferente daquela suportada por mulheres brancas (1993, p. 1245).

A Global Media Monitoring Project de 2020 fez uma investigação sobre a propaganda de televisão realizada ao longo de vinte e cinco anos na África, Australásia, Europa, América Latina e América do Norte e encontrou padrões claros de estereótipos de gênero em todas as regiões. Por exemplo, as mulheres são normalmente consideravelmente mais jovens do que os homens, e os homens são tipicamente mostrados como mais assertivos e bem informados do que as mulheres.

Em seu documentário, *Killing us softly*, Jean Kilbourne diz que a pressão da mídia sobre as mulheres é pior do que nunca (<https://www.youtube.com/watch?v=MQ3ESVKighs>). Como ela diz: “A pressão sobre as mulheres para serem jovens e magras e caberem em um padrão de beleza injusto e irreal é mais intensa do que nunca. Além disso, hoje em dia o Photoshop possibilita a geração de criaturas arrepiantes e nos diz que elas representam o modelo de beleza das mulheres. A imagem é impossível para todos, mas

especialmente para as mulheres negras que são consideradas bonitas apenas na medida em que se parecem com o ideal branco. A pele clara, cabelos lisos, características caucasianas, olhos redondos. A imagem não é real. É artificial, é construída, é impossível. Mas nós as mulheres e as meninas reais medimo-nos contra ela todos os dias. “

Os dados Associação Médica Brasileira mostram que, em 2015:

- 47% das meninas da 5ª série ao 3º ano relataram que querem perder peso por causa de fotos de revistas.
- 69% das meninas da 5ª série ao 3º ano informaram que fotos de revistas influenciaram a sua ideia de um corpo perfeito.
- 42% das meninas da 1ª à 3ª série gostariam de ser mais magras.
- 81% das meninas de 10 anos de idade têm medo de serem gordas.

Esta questão não se limita a problemas de autoestima. Quando as mulheres são objetivadas, há sempre a ameaça de violência física. As conclusões de vários estudos têm demonstrado as maneiras pelas quais o conteúdo de mídia reforça a violência contra as mulheres (Laguna, 2004; Diez, 2002).

Paradoxalmente, a cultura do estupro costuma descrever o estupro como algo exógeno e excepcional. Um fato estranho à vida social, praticado por um monstro e provocado pela vítima.

Em seu estudo sobre a cobertura midiática de crimes, Vincent F. Sacco observou que a contextualização do crime ajuda o público a determinar quais situações eles deveriam ver como problemas urgentes (1995).

Pode-se inferir, assim, que a mídia desempenha um papel inestimável na construção das agendas políticas: cobrindo regularmente determinados tipos de crime (ou não), os jornalistas podem influenciar a percepção do público de quanto “real” esse problema é. Normalmente, nota Sacco, histórias sobre crimes individuais são notícias atraentes para os jornalistas, fornecendo narrativas familiares e dramáticas sobre vilões e vítimas, em uma série de eventos fácil de entender. Crimes que eram considerados “problemas pessoais” são levados para a arena pública e permitem que o público responsabilize as instituições por sua solução, o que é muito atraente para os leitores (1995).

No entanto, a natureza individualizada do jornalismo do crime pode ter o efeito de limitar a compreensão contextual e sistemática de certos crimes.

Em particular, a teoria dos “criminosos desviantes” defendida pelos meios mais populares de comunicação não explicita ou explica a persistência, abrangência e sistematicidade de certos comportamentos. Esse tipo de mídia constrói a ideia de ações esporádicas e fortuitas de «um louco» e ignora os fatores estruturais de muitas atividades criminosas.

Como resultado desse tipo de narrativa, crimes que envolvem violência contra as mulheres são descritos como incidentes isolados e dramáticos e não como parte da subjugação sistêmica da população de mulheres e meninas por uma sociedade inteira.

Tomemos, por exemplo, o quadro que a mídia descreve sobre a violência doméstica. Construções feministas de violência doméstica enfatizam o papel de gênero e do poder em relações abusivas. A primeira grande estratégia do discurso patriarcal da mídia é reformular o problema como “violência humana.”

E, embora os meios de comunicação digam que a violência doméstica não se destaca especificamente da violência humana em geral, e afirme que homens e mulheres são igualmente violentos, mesmo que estatística e historicamente sejam as mulheres a esmagadora maioria dos sistematicamente prejudicados nas relações íntimas, quando se trata de discutir a responsabilidade pelo abuso, o enfoque da mídia é o da culpabilização das mulheres. Assim, embora a violência não tenha gênero, a culpa tem, como diz Nancy Berns (2001). Retirando o gênero do problema, e o recolocando na responsabilização, a mídia desvia a atenção do público na questão da violência doméstica para longe da responsabilidade dos homens e dos fatores culturais e estruturais que oprimem as mulheres e legitimam a violência.

Isso também pode ser percebido na cobertura da mídia sobre casos de estupro.

A mídia nacional tende a cobrir apenas alguns estupros estereotipados das centenas de milhares que ocorrem a cada ano e, particularmente, realça os estupros com um ou mais atributos sensacionalistas, como: vitimização interracial (particularmente quando o estuprador é negro e sua vítima branca), o estupro cometido por estranhos, o estupro coletivo, ou outras características que são, de fato, muito raras no contexto dos crimes sexuais.

Os meios de comunicação tendem a relatar casos individuais, caracterizados por circunstâncias particularmente violentas ou grotescas, porque eles são mais “palatáveis” para os consumidores, na medida em que sugerem que o estupro é algo esporádico e cometido por “alguns homens doentes” ao invés de uma epidemia cotidiana de violência contra as mulheres.

Ao descrever estupradores como “monstros” e estupros como histórias de horror improváveis, o papel das vítimas torna-se, de fato, periférico na história. Eram simplesmente mulheres que estavam no lugar errado e na hora errada, sujeitas aos caprichos de um maníaco. Ao invés de mulheres que estão cotidianamente sujeitas a um sistema que as discrimina persistentemente. As vítimas são ou culpadas por seus estupros ou removidas da consideração social quase inteiramente. Estupros são apenas incidentes isolados e explicados pela sociopatologia.

Isso quando a violência contra as mulheres recebe a cobertura da mídia. O estigma associado ao estupro e a “falta de disposição institucional para dar crédito aos relatos das vítimas” contribuem para que as estatísticas subestimem o problema e para que a mídia o ignore.

A socióloga e jornalista Marian Meyers observou que, se uma vítima do sexo feminino não tem as características que podem inocentá-la do estupro, ou por ser criança ou muito velha, ela vai muito provavelmente ser representada na mídia como tendo sido de alguma forma responsável por seu estupro (1997). Porque ela estava usando drogas, ou tinha bebido, ou se arriscou e não agiu com a devida cautela, ou estava envolvida em atividades questionáveis, ou trabalhava ou exibia comportamentos não condizentes com o papel tradicional da mulher.”

Este tipo de caracterização aplica-se também aos pobres. Quando um pobre é morto, a família prontamente declara que ele era um “trabalhador” ou que ele estava no lugar errado, na hora errada “. Como a jornalista Eliane Brum disse: “Eles matam lentamente, como balas em câmera lenta, e penetram os corpos, liquefazendo o interior e corroendo os órgãos. Dia após dia, após dia, após dia. A linguagem também mata. As palavras silenciam os mortos além da morte. E eles também calam os vivos, mesmo quando eles pensam gritar (EL País, 30 de outubro de 2017).”

A autora Helen Benedict lista sete fatores que levam a vítima a ser culpada pela cobertura da mídia sobre o estupro: 1) Se a vítima

conhece o agressor, 2) se nenhuma arma é usada, 3) se ela é da mesma etnia que ele, 4) se ela é da mesma classe que ele, 5) se ela é jovem, 6) se ela é “bonita”, 7) se ela de alguma forma desvia-se do papel feminino tradicional de estar em casa com a família (1992, p. 19).

Além disso, a culpabilização da vítima permite que as pessoas se diferenciem das potenciais vítimas de estupro, identificadas por comportamentos e ações que elas “nunca fariam.”

A culpabilização da vítima na imprensa também serve como uma espécie de aviso para outras mulheres: a cobertura que define as vítimas como mulheres que têm comportamentos inadequados sugere que o estupro é o seu castigo.

Esse tipo de cobertura normalmente ecoa um ou mais dos seguintes “mitos sobre o estupro”, novamente definidos por Helen Benedict: 1) O estupro é apenas sexo, 2) o estuprador é motivado pela luxúria, o estuprador é pervertido ou louco, 3) o agressor é geralmente negro ou de classe baixa, 4) as mulheres provocam / pedem para serem estupradas, 5) as mulheres merecem ser estupradas, 6) apenas mulheres “soltas” são vítimas de estupro, 7) um ataque sexual mancha a vítima, 8) o estupro é uma punição de atos passados da mulher (1992, p. 21).

Assim, coloca-se em pauta o adestramento da sexualidade feminina para que, ao invés de considerar o criminoso como culpado, indagar-se profundamente a vida da mulher, visando à exclusão de culpabilidade daquele.

### 3. Conclusão

A violência é alimentada por uma cultura legitimadora e esse governo de *fake news* e de reforço ao patriarcado é a prova disso. No governo Bolsonaro, o poço não tem fundo. Dados estatísticos do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública relativos ao ano de 2018 apontam que, na contramão das quedas dos demais crimes violentos, como homicídios e latrocínios, os crimes de ódio cresceram enormemente. As denúncias de racismo aumentaram 20,6% e os assassinatos contra LGBT's cresceram 10,1%. Os estupros também atingiram o recorde de 66.041 vítimas. Desde 2011, esse crime vinha se mantendo na taxa de 47.460 casos por ano. Do golpe institucional de 2016 pra cá, o número de vítimas

de estupro aumentou em quase 50%. 81,8% das vítimas de estupro são mulheres, sendo que 63,8% dos casos são contra vulneráveis ou crianças menores de 14 anos, sendo que em 75,9% o agressor é parente ou conhecido da vítima e o abuso ocorreu dentro do próprio lar.

### *Referências Bibliográficas*

- BENEDICT, Helen. **Virgin or Vamp: How the Press Covers Sex Crimes**. Oxford University Press. 1992.
- CRUZ, Sabrina Uzêdada. **A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4., 2008, Salvador. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- BERNS, Nancy. **Degendering the problem and gendering the blame**. Political Discourse on Women and Violence. Gender and Society, Vol. 15, No. 2 (Apr., 2001), pp. 262-281. Acessado em: <http://www.traviswarrington.com/wp-content/uploads/2011/01/Degendering-the-Problem-and-Gendering-the-Blame-Political-Discourse-on-Women-and-Violence-2001.pdf>.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde** (versão preliminar). Brasília, n. 11, mar. 2014. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnicadiest11.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf).
- CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. In: *Stanford Law Review*. Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299. Disponível em: [https://is.muni.cz/el/fss/jaro2016/SPR470/um/62039368/Crenshaw\\_1991.pdf](https://is.muni.cz/el/fss/jaro2016/SPR470/um/62039368/Crenshaw_1991.pdf)
- CUKLANZ, L., **Rape on prime time: Television, masculinity and sexual violence**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.2000.
- DÍEZ, P. **Representación de género en los informativos de radio y television**. Madrid: Instituto de la Mujer. 2002.
- FLETCHER, Pamela R. **Dismantling Rape Culture around the World: A Social Justice Imperative**. Forum on Public Policy: Minnesota,

- v. 2010, n. 4, p. 1-14, dez. 2010. Disponível em:<<http://forumonpublicpolicy.com/vol2010.no4/archive.vol2010.no4/fletcher.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Feminicídio: #InvisibilidadeMata**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017. Disponível em pdf: [https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2017/03/LivroFeminicidio\\_InvisibilidadeMata.pdf](https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2017/03/LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf)
- JENKINS, Richard. **Pierre Bourdieu**. New York: Routledge, 1992.
- KILBOURNE, Jean. **Killing us softly**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MQ3ESVKighs>.
- LAGUNA, T. **Violencia doméstica y medios de comunicación: un espejo de la justicia**. Encuentros “violência doméstica”. Spain: Consejo General del Poder Judicial. pp.318-331. 2004.
- LANA, B. et al. **≠MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- MEYERS, Marian. **News Coverage of Violence Against Women: Engendering Blame**. SAGE Publications. 1997.
- SACCO, Vincent F. **Media Constructions of Crime**. Annals of the American Academy of Political Science, 39. pp. 141-154. May 1995.
- SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia, ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. Buenos Aires: Universidad Federal de Quilmas, 2003.

# Feminicidio<sup>1</sup> en territorio de violencias múltiples e históricamente racializados

*Rosa Icela Ojeda Rivera*  
*Frida V. Hernández Ojeda*  
*Aleyda A. Hernández Ojeda*

**Resumen:** El artículo se ocupa de los feminicidios perpetrados en el municipio de Ayutla de los Libres en el Estado de Guerrero, ubicado al sur de México. Se trata de un estudio cuanti-cualitativo que abarca de enero de 2005 al mes de agosto de 2020, en un municipio que es habitado por los pueblos indios, nahua, mee'phaa, nuu saavi y afrodescendiente. El enfoque del trabajo incorpora la perspectiva de género, el interculturalismo y la interseccionalidad para hacer visibles las múltiples opresiones que sufren las mujeres indígenas, junto a las de género, asimismo agrega el contexto histórico caracterizado por inestabilidad política y la presencia de larga data de diversas violencias, desde las institucionales por acción y omisión, la presencia de grupos criminales vinculados al narcotráfico, la de las empresas vinculadas al extractivismo de los recursos naturales de dicha zona y los efectos de todas las violencia sobre la vida de las niñas y mujeres. Al final a manera de recuento se analiza las características más frecuentes en los feminicidios cometidos en el entorno del municipio de Ayutla de los Libres, así como la actuación e inacción de autoridades de los tres niveles además de la falta de políticas que de manera efectiva garanticen los derechos humanos de niñas y mujeres indígenas y afrodescendientes.

**Palabras clave:** Feminicidios racializados; Pueblos originarios.

---

<sup>1</sup> En este trabajo nos adscribimos al feminicidio como forma de violencia extrema contra las mujeres, igual a asesinato por razones de género y no al sentido lato del concepto teórico elaborado por Diana Russel y Jill Radford (2006) “como el conjunto de hechos violentos contra las mujeres que, en ocasiones, culmina con el homicidio de niñas y mujeres y el asesinato misógino por parte de hombres”. El feminicidio en el estado de Guerrero se tipificó como delito en diciembre de 2010. A la fecha Guerrero es de las entidades donde menos se integran carpetas de investigación por este delito, de las entidades con mayor impunidad.

## 1. Introducción

Este ensayo aborda el feminicidio en un territorio históricamente violento y de persistencia política inestable,<sup>2</sup> el estado de Guerrero, definido por Bartra (1996) como una entidad “bronca” e “ingobernable”, a manera de contexto general para luego fijar la atención en el municipio de Ayutla de los Libres, asiento de los pueblos originarios, meé phaa y nuu saavi, y con presencia poco visibilizada de afrodescendientes. En el municipio de Ayutla sus habitantes lograron recientemente, en 2018, el derecho a elegir su Consejo Municipal Comunitario mediante el sistema de usos y costumbres.

El estado de Guerrero es paradigmático para el estudio de las violencias, incluida la violencia de género, ya era paradigmático antes del proceso de transición iniciado en 1977, y los es después de ella y la alternancia política del 2000. Guerrero tiene una extensión territorial de 64, 281 km<sup>2</sup> y de acuerdo al censo de 2015, tiene 3, 533 251 habitantes. En el territorio de Guerrero se cultiva la mayor cantidad de amapola. Actualmente actúan 20 grupos criminales, que son escisión de tres grupos<sup>3</sup> que actuaban en la región antes de la “guerra contra el narcotráfico” declarada por el presidente Felipe Calderón en 2006. El estado de Guerrero ha

---

<sup>2</sup> La “persistencia política inestable” (Morlino, 2009, 7), existe “Sí el régimen presenta desorden civil, oposiciones fuertes, problemas cruciales sin resolver y sobre todo si dentro de la coalición dominante hay conflictos sobre los modos de resolver las fracturas fundamentales y, además, los mismos actores políticos disponen de recursos coercitivos y una influencia apenas suficiente para mantener al régimen”. En el estado de Guerrero se produjo la intromisión del poder político central a través de la desaparición de poderes, de 1891 a 1975 Guerrero fue la entidad federativa con mayor número de declaraciones de desaparición de poderes, hasta en 7 ocasiones, otro elemento significativo fue que, durante, parte del siglo XX y XXI, de 1911 a 2011 solo siete gobernadores lograron culminar el período, para el que fueron electos, más como excepción que como regla. (Oropeza, 1992 y Rodríguez 1992, citados en Ojeda, 2020).

<sup>3</sup> En México en 2010 los cárteles de la criminalidad identificados eran, el cártel de Tijuana, el de los Beltrán Leyva, el cártel de Sinaloa, el cártel de Juárez, La Familia Michoacana, el cártel del Golfo, y los Zetas (Stratfort). En Guerrero para 2006 se disputaban el territorio los cárteles del pacífico y del Golfo.

llegado a tener hasta un tercio de los efectivos militares operando en su territorio, con un coincidente aumento en la violación a los Derechos Humanos, desaparición de personas y el séptimo lugar nacional en fosas clandestinas y restos humanos no identificados. En su territorio operan más de 20,000 “civiles en armas”, entre policías Comunitarias y grupos de autodefensa, justificados en las altas tasas de inseguridad, impunidad, corrupción, falta de acceso a la justicia y colusión de autoridades.

De acuerdo al índice de impunidad, Guerrero posee la segunda tasa de homicidios más alta del país, 71 por cada 100 mil habitantes. Guerrero tiene un porcentaje muy alto de cifra negra o delitos no denunciados, el 97.48% superior a la cifra nacional que es de 93%. El índice de impunidad relaciona el alto porcentaje de delitos no denunciados con una alta desconfianza en las instituciones de seguridad y justicia y una baja cultura de la denuncia.

Guerrero está ubicado en el tercer lugar en la cadena de impunidad. De las 23, 934 carpetas de investigación integradas durante 2017, un año clasificado como muy violento, porque la escalada de violencia alcanzó niveles máximos históricos, (solo después de 2011), de 3,544 carpetas de investigación sólo el 14% pasaron al proceso de causa penal, el 11% obtuvo sentencia y únicamente el 10% de las sentencias fueron condenatorias.

Guerrero es reconocido también como una entidad feminicida, actualmente tiene Alerta de Violencia de Género en 8 de sus municipios, uno de ellos es Ayutla de los Libres. A pesar de ello, durante 2017, se redujo el número de Agencias del Ministerio Público, en 2016 existían 2.2 agencias del Ministerio Público por cada 100 mil habitantes, durante 2017, a pesar de las recomendaciones de la Alerta de Violencia de Género bajó a 1.6. La media nacional es de 3.5. En cuanto al personal de la Fiscalía, cuenta con 73 elementos por cada 100 mil habitantes, por debajo de la media nacional que es de 79. En el índice de impunidad se afirma que el bajo porcentaje de investigación de los delitos es un problema de eficiencia. De 2011 a abril de 2018 el Tribunal Superior de Justicia informó “haber resuelto” 53 casos de feminicidios equivalente al 86.6%<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Información proporcionada por la Juez Penal en el marco del Conversatorio sobre

## *2. Teorías y enfoques en el presente trabajo. Género, cambio político, interseccionalidad y decolonialidad*

Este trabajo trata de los feminicidios racializados en el estado de Guerrero, México, en él se documentan los feminicidios perpetrados de enero de 2005 a agosto de 2020<sup>5</sup> en el territorio del municipio de Ayutla de los Libres, habitado por los pueblos originarios, me'phaa o tlapanecas y ñu saavi o mixtecos y afrodescendientes poco visibilizados, sobre información recopilada y sistematizada por el Observatorio de Violencia Contra las Mujeres Hanna Arendt (OVICOM).

Se trata de un estudio cualitativo y exploratorio, que incorpora elementos de la teoría del cambio político democrático y de la teoría de género, así como el enfoque de la interseccionalidad en tanto es útil para mostrar que en los espacios geográficos habitados por los pueblos originarios, las desigualdades para las mujeres son multidimensionales, por lo tanto mayores que en otras regiones de la misma entidad.

El enfoque interseccional fue construido para visibilizar diferencias que tienen que ver con el sexo, la diversidad sexual, etnia o raza, nivel socioeconómico, edad y discapacidad y, para mostrar como la intersección de dos o más marcadores produce exclusiones mayores y también invisibilización. La perspectiva de la interseccionalidad se desarrolló durante la década de 1960's y 1970's en el marco de dos movimientos sociales de gran relevancia en los

---

buenas prácticas, organizado por el Tribunal Superior de Justicia. El 19 de abril de 2018.

<sup>5</sup> Muchos de los trabajos que estudian la violencia en México toman como punto de referencia el mes de diciembre de 2006 que coincide con el inicio de un operativo del gobierno federal contra el crimen organizado en el estado de Michoacán, en el estado de Guerrero el aumento de asesinatos en general y de las mujeres es particular repuntó en 2005 coincidiendo con la confrontación entre el cártel del Golfo y del Pacífico (Ojeda, 2006: 76), además el primer informe de violencia feminicida en Guerrero abarcó de enero de 1994 a diciembre de 2004, por lo que el punto de inicio del siguiente estudio de la violencia feminicida abarcó de enero de 2005 a diciembre de 2015 (Ojeda, 2018).

Estados Unidos: la lucha de las mujeres negras del Power Black, que se propusieron reflexionar sobre la intersección de las opresiones de género, raza y clase, (Davis 1981) y la de las feministas chicanas que incorporaron al género, elementos étnico raciales, nacionales, lingüísticos y de clase (Anzaldúa 1987).

En México la reflexión y el registro de los asesinatos de las mujeres trabajadoras de las maquiladoras en Ciudad Juárez, Chihuahua, produjo una gran cantidad de trabajos académicos y periodísticos que unieron al análisis de los feminicidios la consideración de los espacios geográficos en los que ocurrieron, la actividad laboral de las víctimas, su genotipo, condición económica y social. Entre otros muchos trabajos podemos citar los de Wright, (1999); Monárrez, (2000); Fregoso, (2003); Galeana, (2003); Palacios, (2003); Gaspar, (2004); Baéz, (2005); Belasteguigoita, (2005) y Estevez, (2017).

La perspectiva interseccional, particularmente la aportada por las feministas chicanas incorporó el decolonialismo, que es una mirada crítica, indispensable para comprender las profundas desigualdades sociales que afectan de forma especial a los pueblos originarios de América y que generalmente son presentadas como fallas estructurales, cuando en realidad sus características provienen de los procesos de colonización que estuvieron marcados por la depredación de las culturas originarias, saqueo, exterminio y violencia sexual contra sus mujeres.

El enfoque decolonial nos permite advertir que en los territorios colonizados la violencia es expresiva sin que haya dejado de ser usada históricamente como mecanismo de homogenización, aculturación y/o transculturación, lo que a hecho posible la promoción de significados y valores occidentales que han influido en la emergencia forzada de “identidades indígenas, resignificadas y sobrevivientes, racializadas” (Maylei, Blackwell, Et al. 2009: 1).

La decolonialidad es una propuesta teórica, metodológica y a su vez un movimiento social, desarrollados en América Latina (Abya Yala)<sup>6</sup>, cómo teoría y metodología, propone analizar la realidad social desde una visión endógena latinoamericana, reconociendo

---

<sup>6</sup> Nombre consensuado por diversas poblaciones originarias de América Latina para reivindicar la visión endógena de las poblaciones que habitan dicha geografía.

dicha realidad como resultado del proceso de colonización<sup>7</sup> y del colonialismo<sup>8</sup> europeo del siglo XV, lo que evita a su vez analizar la realidad desde una perspectiva eurocéntrica al considerarla colonial, hegemónica, exógena e impuesta. Suele desarrollarse a través de una teoría crítica y radical de los estudios étnicos, frecuentemente desde un enfoque histórico hermenéutico, centrado en la interpretación de las realidades que genera el colonialismo y la colonialidad en los estudios sociales.

La teoría decolonial, reconoce que tanto el proceso de colonización como el colonialismo producen asimetría y hegemonía que favorece a colonizadores sobre colonizados, quienes llevaron e impusieron su cultura<sup>9</sup>, política, economía e idea de civilización en territorios extranjeros, a menudo de manera directa a través del uso de la violencia extrema. Posteriormente a estos procesos y sistemas político económicos, le sigue un proceso de descolonización, entendido como la independencia política formal de las colonias.

A pesar de los procesos de descolonización política, los efectos del colonialismo prevalecen hasta nuestros días, a esto se le denomina colonialidad, que puede ser definida como la prevalencia de asimetría y hegemonía política, económica, cultural, y civilizatoria, que continua favoreciendo a los ex colonizadores sobre los ex colonizados, suele implantarse a través de diversas técnicas psicológicas<sup>10</sup>, existenciales, económicas, políticas e incluso militares de dominación a través de determinaciones exógenas, con la diferencia de que al no ser tan explícita, muchas veces suele pasar desapercibida e incluso suele ser reproducida voluntariamente por los ex colonizados:

---

<sup>7</sup> Proceso de ocupación y determinación externa de territorios, pueblos, economías y culturas por parte de un poder conquistador que usa medidas militares, políticas, económicas, culturales, religiosas y étnicas (Josef Estermann, 2014, p.6)

<sup>8</sup> Sistema político, económico y cultural, y/o ideología que defiende que un estado extranjero domine y explote un territorio ajeno, a menudo dicho territorio es proclamado por quien coloniza “su colonia” (EcuRed, 2013, p. 1) o ideología que justifica y busca legitimar el orden asimétrico y hegemónico establecido por el poder colonial (Josef Estermann, 2014, p.7)

<sup>9</sup> Lengua, religión, leyes, moral, etc.

<sup>10</sup> A través de Jerarquizar diferencias culturales, políticas y económicas y civilizatoria

En sentido económico y político, la “colonialidad” es el reflejo de la dominación del sector extractivo, productivo, comercial y financiero de los estados y sectores “neo-colonizados” (“Sur”) por parte de los países industrializados (“Norte”), lo que lleva a la dependencia y del “desarrollo del sub-desarrollo”, la subalternidad y marginalidad de las “neo-colonias” frente al dominio de los imperios dominadores. (Josef Estermann, 2014, p.8)

Incorporar la decolonialidad nos permite reconocer la prevalencia de relaciones sociales, culturales, políticas, civilizatorias y económicas asimétricas, así como hegemonías político económicas, que no finalizaron con los procesos de independencia formal de las colonias, por el contrario, siguieron exacerbándose sutilmente ya no a través de la ocupación política y militar, sino a través de una imposición económica y una ocupación simbólica que define, alinea y jerarquiza.

### *3. Guerrero una entidad feminicida*

El Plan Estatal de Desarrollo 2016-2021, reconoce que Guerrero ocupa los primeros lugares en cifra negra con un 97% de delitos no denunciados y una alta tasas de impunidad ya que más del 95% de los homicidios dolosos que ocurren en el estado no reciben castigo.<sup>11</sup> Estas preocupantes cifras son confirmadas en el estudio denominado “*Índice estatal de desempeño de las procuradurías y fiscalías 2019*”, a través del cual da a conocer que el porcentaje de delitos no denunciados en el estado de Guerrero es del 96.8%, por lo que considera a esta entidad como la de mayor cifra negra de todo el país, el mismo estudio señaló que el 98.2% de los homicidios dolosos quedan impunes por lo cual Guerrero ocupa el tercer lugar a nivel nacional.

De acuerdo a los estudios realizados por las instituciones oficiales (CONGRESO DE LA UNIÓN, SEGOB, INMUJERES, ONU MUJERES MÉXICO) sobre el feminicidio en México, el estado de Guerrero es reconocido como una de las 5 entidades más peligrosos para las mujeres en México, debido a que, al menos desde

---

<sup>11</sup> Plan Estatal de Desarrollo del Estado de Guerrero 2016-2021. Página 26.

1994 que se ha llevado seguimiento del problema, se encuentra entre los primeros lugares con mayor número de asesinatos de mujeres. Durante los años 1987, 1998, 2006, 2007, ocupó el primer lugar. En 2004 el cuarto. Tercer lugar en 2008 y 2009. Segundo lugar en 2011 y 2012. Primer lugar nuevamente durante 2013, 2014, y 2015. Segundo lugar de nuevo en 2016 y 2017. Cuarto lugar en 2018, pero para este año el número de homicidios violentos de mujeres con presunción de feminicidios fue mayor. (INMUJERES, ONU MUJERES MEXICO Y SEGOB, 2017, p. 23 -24).

Para 2019 el fiscal del estado de Guerrero (FGEG) reportó al Secretariado Ejecutivo del Sistema Nacional para la Seguridad Pública (SESNSP) 16 feminicidios lo que colocó a la entidad en el número 20, pero sumados los 16 feminicidios que reportó la Fiscalía a los 174 homicidios dolosos de mujeres son 190, en un comparativo en el mismo año la CDMEX con dos tercios más de habitantes que el estado de Guerrero, 8,558,842 registró 196 mujeres asesinadas. En la Ciudad de México el 35% de todos los asesinatos dolosos de mujeres perpetrados en 2019 fueron tipificados como feminicidio, en Guerrero solo el 8% de los asesinatos violentos de mujeres fueron tipificados como feminicidio. (SEGOB, 2019).

Para 2010 el número de mujeres asesinadas y desconocidas por primera vez llegó a 20, de forma coincidente el INEGI consideró que para este año el 72.5% de los asesinatos ocurridos en Guerrero estuvieron vinculados al crimen organizado, lo que significó que el aumento de asesinatos de mujeres se dio en un contexto de aumento de asesinatos vinculados a grupos delincuenciales.

Cuadro de letalidad para mujeres y niñas por entidad entre 2015 y abril de 2020, se perpetraron 16 777 feminicidios. En 10 entidades ocurrió el 65% de los asesinatos de mujeres

Entidad	letalidad
México	12.3%
<b>Guerrero</b>	<b>7.3%</b>
Guanajuato	7.2%
Bja California	6.5%
Chihuahua	6.1%
Jalisco	5.9%
Veracruz	5.8%

Fuente: Guillén 2020 citado en Ojeda 2020

#### 4. *Violencias contextuales del feminicidio en Guerrero y Ayutla*

Una larga tradición autoritaria. Violencia estatal o de arriba

La larga tradición no democrática del régimen de presidencialismo autoritario y partido hegemónico vigente en México por más de 70 años, se expresó de diversas maneras, una de ellas fue el estado de excepción<sup>12</sup> denominado guerra sucia o guerra de baja intensidad, que abarcó desde los años 1960 hasta 1982.<sup>13</sup> En esa etapa los habitantes de Guerrero vivenciaron las acciones de represión policiaco-militar dirigidas al exterminio de los movimientos de disidentes y opositores. Se trató de una guerra no declarada legalmente, también llamada guerra sucia<sup>14</sup>, guerra de baja intensidad o guerra secreta (Mayo, 1980, Hipólito, 1982, Hiraes, 1982 y Montemayor, 1991).<sup>15</sup>

Por tanto, la violencia recurrente y de más larga data en el estado de Guerrero ha sido la violencia estatal o “de arriba”, presente antes del proceso democratizador que inició con la reforma político-electoral de 1977, y también después del proceso democratizador y la alternancia política ocurrida en 2005 en Guerrero. Antes del

---

<sup>12</sup> Para Agamben (2004) el estado de excepción tiene su antecedente en el estado nazi, su estructura jurídico-política “hizo posible que pasara lo que allí pasó. Lo que permitió el horror. Los nazis no hicieron más que servirse de una figura jurídica, -el estado de excepción-, para crea un espacio en el que todo estaba permitido, donde no había delitos porque no existían leyes y lo más grave es que este se esté convirtiendo en modelo generalizado.

<sup>13</sup> hasta la desaparición de la brigada blanca y la disolución de la Dirección Federal de Seguridad, acciones previas a la emisión de Ley de Amnistía de ese año” (García, 2020). La periodización realizada por Gustavo Hiraes (1982) va de 1970 a 1978 de lo que llama “guerra secreta”

<sup>14</sup> Para investigar la “guerra sucia” en el estado de Guerrero en 2006 se formó una “Comisión de la verdad” integrada por los comisionados Hilda Navarrete Gorjón, Pilar Noriega García, José Enrique González Ruiz, Apolinar Arquímedes Morales Carranza, quienes rindieron su Informe Final de Actividades en 2014.

<sup>15</sup> Los métodos de tortura, desaparición y ejecución de personas durante ese período se extendieron a familiares de militantes, opositores, guerrilleros, sospechosos y personas que habitaban las zonas de conflicto como la Costa y la Sierra de Guerrero con un saldo de entre 348 y 567 personas desaparecidas (Oikion y García, 2006).

proceso democratizador como guerra sucia o de baja intensidad, luego del proceso democratizador, como criminalización de la protesta social y el encarcelamiento de los líderes de los movimientos sociales, ambas son parte del déficit de legitimidad de la incipiente democracia en la entidad.

## Militarización

Desde mediados de los años setenta la presencia de las fuerzas militares ejerciendo funciones policíacas, en el estado de Guerrero se ha justificado históricamente para combatir a la delincuencia organizada vinculada al narcotráfico y para el combate a la violencia política rebelde, guerrilla, por tanto en esta entidad se ha concentrado un número de militares superior al de otras entidades del país, tanto que es probable que a la fecha sea la única entidad en la que subsisten los retenes militares, reducto de la época de guerra sucia, este es un factor que no puede dejar de tomarse en cuenta porque se asocia con una persistente violación de los derechos humanos, hostigamiento a comunidades organizadas y violación sexual a mujeres indígenas de la región de la Montaña, “En el año 2000 la Secretaría de la Defensa Nacional envió 3 mil militares a Guerrero para combatir el narcotráfico, para 2005 en Guerrero se encontraba una sexta parte de los efectivos militares asignados al combate al narcotráfico en México (Sipaz, en Ojeda, 2006: 77).

En el municipio de Ayutla de los Libres la violencia de arriba ha sido ejercido de forma recurrente por parte de miembros del ejército y de la policía federal y estatal, un artículo publicado con motivo de los 21 años de la matanza de El Charco lo resume del siguiente modo, “El municipio de Ayutla de los Libres, ...ha sido blanco de asesinatos, masacres, represalias, persecuciones, esterilizaciones y violaciones a mujeres indígenas, desaparición de seis estudiantes normalistas, secuestro de líderes comunitarios” (Guerrero, 2018).

Un acontecimiento notable en el municipio de Ayutla fue la matanza de “El Charco”, (Ñuú yozó xoo), una comunidad de 500 personas del pueblo nuu saavi o mixteco, ocurrida el 7 de junio de 1998, en la comunidad ubicada a 35 kilómetros de la cabecera municipal. El día del asalto por parte del ejército fueron asesinadas 11 personas, 5 resultaron heridas y 22 fueron detenidas, acusadas y procesadas por los delitos de rebelión y sedición, vinculadas al

grupo guerrillero Ejército Revolucionario del Pueblo insurgente (ERPI).<sup>16</sup> “Los responsables de la matanza fueron miembros del 58 batallón de infantería destacados en el municipio aledaño de Cruz Grande, al mando del General Juan Manuel Oropeza Guernica, comandante de la 27 Zona Militar. (Delgado y Díaz, 2014).

En este territorio de guerra no declarada legalmente se han producido de forma recurrente violaciones a los derechos humanos, ahí mismo mujeres y niñas siguen siendo víctimas de todo tipo de violencias además del recrudecimiento de la violencia familiar y comunitaria, a la que se suma la violencia institucional y la estructural a falta de recursos ni políticas públicas que atiendan de forma eficiente las muertes maternas, los abusos sexuales en población infantil, y el feminicidio, surgieron como violencia de respuesta a la impunidad y falta de justicia grupos autodenominados de autodefensa armada y las policías comunitarias en funciones de seguridad autonómica, que justifican su actuación como respuesta a la violencia estructural, materializada en profunda injusticia social, abusos y violaciones a los derechos humanos, violencias que se han constituido en prácticas sistemáticas que han generado un profundo sentido de indefensión y desamparo en la región.

Sin pretensión de exhaustividad, más bien a manera de ejemplo como contexto del feminicidio racializado mencionamos entre las formas de violencia de arriba o estatal la tortura sexual infligida por miembros del ejército mexicano en el año 2002, contra las mujeres indígenas, Valentina Rosendo e Inés Fernández Ortega, quienes solo después de un largo proceso y mediante la sentencia contra el gobierno mexicano por parte de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CoIDH) les fue posible obtener en 2018 sanción para los militares responsables.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Una separación del grupo guerrillero, Ejército del Pueblo Revolucionario (EPR), concluida en 1998, otras escisiones del EPR ocurrieron entre 1999 y 2001, entre las que destacan la tendencia Democrática Revolucionaria (TDR) Las Fuerzas Armadas Revolucionarias del Pueblo, el Ejército Villista Revolucionario del Pueblo y el Comando Clandestino Revolucionario de los Pobres-Comando Justiciera 28 de junio. (Silva, 2013)

<sup>17</sup> Las mujeres indígenas Inés Fernández Ortega y Valentina Rosendo Cantú del municipio de Ayutla y de Acatepec, respectivamente, en 2002 fueron víctimas de tortura sexual perpetrada por miembros del ejército. En 2010 ambas mujeres (Inés

## 5. *Violencias por acción y omisión estatal*

### Narcotráfico y siembra de droga

El estado de Guerrero es el productor número uno de amapola, representa el 60 por ciento de la producción mexicana (PGR). En 2005 en Acapulco se registraron “ejecuciones” públicas por la disputa de la plaza entre bandas de narcotraficantes entre el cártel del Golfo y del Pacífico, entre las personas asesinadas estuvo el jefe de la policía ministerial y un ex procurador. El Secretario General de Gobierno declaró que se trató de ejecuciones vinculadas a cárteles de la droga que operan en diferentes entidades del país y que se disputan la plaza de Guerrero, por lo que el ejecutivo estatal solicitó a la federación la implementación del programa México Seguro.

Guerrero es actualmente el estado en el que coexisten en disputa más grupos criminales vinculados al narcotráfico y a otras formas de delincuencia organizada, de acuerdo a un informe de la Procuraduría General de la República (PGR), en Guerrero operan cinco de las grandes organizaciones de narcotraficantes y 21 grupos más pequeños, es además el mayor productor de amapola en México. El municipio de Ayutla de los Libres se ubica en la Región de la Costa Chica del estado de Guerrero, región identificada como espacio de actuación de 4 de los 18 grupos criminales que actúan en Guerrero, Beltrán Leyva, Añorve, Carrillo y Marín (Flores, 2018).

### Violencias derivadas de la actividad de empresas extractivistas

En el Estado de Guerrero hay doce regiones mineras<sup>18</sup>, la entidad se encuentra entre los cinco estados con mayor

---

y Valentina) obtuvieron sentencia en su favor por parte de la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CoIDH) contra el Estado Mexicano y el ejército. Valentina Rosendo Cantú con el apoyo y asesoría del Centro de Derechos Humanos de la Montaña, Tlachinollan, ganó en julio de 2018 la primera sentencia en el fuero civil por violación y tortura sexual contra los militares (Tlachinollan, 2018).

<sup>18</sup> Las doce Regiones mineras del estado de Guerrero son las siguientes, 1) Coyuca-Zirándaro, 2) Cutzamala, 3) Tlapehuala, 4) San Miguel Totolapan, 5) Arcelia-Teloloapan, 6) La Unión, 7) Papanoa, 8) Buena Vista de Cuéllar, 9) Mezcala, 10) Mochitlán-Quechultenango, 11) La Montaña y 12) La Dicha en el municipio de Ayutla.

producción de oro en México y ocupa el noveno lugar en valor de producción minera nacional. En su territorio hay 705 concesiones vigentes que abarcan el equivalente a 20.5 por ciento del total de la superficie del estado y, sin embargo, Guerrero está entre las entidades del país con mayores índices de pobreza. (Warnholtz, 2017:25), las comunidades están incomunicadas sin centros de salud ni medicamentos, las mujeres y la niñas son las principales víctimas de la defunción por enfermedades que no son mortales por naturaleza, algunas de ellas derivadas de la técnica de explotación a cielo abierto y por la contaminación de los mantos friáticos.

La minera “La dicha”, esta ubicada en el municipio de Ayutla, es una de las doce regiones mineras del estado de Guerrero, de acuerdo al documento *Panorama Minero del Estado de Guerrero*, de la Secretaría de Economía, Subsecretaría de Minería, en 2009 en las comunidades de Colotepec, Los Tepetates, El Salto y Chacalinitla se descubrieron cuatro minas con yacimientos de vetas de oro, mercurio, cobre, Hierro, wolframio y zinc.<sup>19</sup> En 2010, un año después de haber sido localizado la zona minera de Ayutla, la Policía Comunitaria inició en ese municipio la campaña “a corazón abierto, defendamos la madre tierra”, para advertir a la población tanto de las graves consecuencias de la técnica de extracción de minerales a cielo abierto, así como de las violaciones a los derechos humanos y la ausencia de consulta a los pueblos originarios (Mercado, 2014).

El Centro de Derechos Humanos en la Montaña y Costa Chica, Tlachinollan, la Policía Comunitaria de Ayutla y la población en general han organizado acciones para intentar frenar a las empresas mineras, al hacerlo se han enfrentado a la criminalización, amenazas, intimidación y encarcelamiento y a cooptación de algunos líderes por medio del otorgamiento de recursos (Mercado, 2014). Otro problema es que en los espacios geográficos donde las empresas mineras se han establecido, la delincuencia organizada dedicada a la siembra, tráfico, venta

---

<sup>19</sup> El valor de la producción minera estatal durante el periodo enero-diciembre de 2017 ascendió a 18,700,367,153 millones de pesos participando con el 6.93 % del valor total nacional. (Panorama Minero del Estado de Guerrero).

de drogas, extorsión, secuestro, homicidio y feminicidios ha aumentado también su actividad (Tlachinollan, 2019).<sup>20</sup>

La Red Mexicana de Afectados por la Minería (REMA) han advertido que son las mineras las principales causantes de los desplazamientos forzados, hay una relación directa entre los lugares de actividad de las empresas mineras extranjeras más activas minas y los desplazamientos de poblaciones enteras como ocurre en la Media Luna, Los Filos, Corazón de las Tinieblas, El Tibor, Aurea Sur, Ana Paula, Vianey - Guerrero, Papanoa 1 y 2, La Florida, entre otras. También coincide con los lugares en donde existe un mayor número de ejecuciones extrajudiciales y desapariciones,<sup>21</sup> ejemplo de ello son Cocula, San Miguel Totolapan, Arcelia, Coyuca de Catalán, Petatlán, La Unión, Iguala, Zihuatanejo, Tecpan, Chilpancingo y Acapulco, mencionan además que en esos lugares no se hace denuncia por temor a la existencia de complicidad entre las empresas transnacionales, delincuencia y la corrupción oficial (REMA, 2016). En ese mismo lugar, la “Media Luna” de 2017 a 2020 el Centro de

---

<sup>20</sup> Líderes que fueron privados de la vida por la delincuencia: Cirino Plácido Valerio, fundador de la Policía Comunitaria de San Luis Acatlán, Guerrero. Manuel Alejandro Gutiérrez, fundador y coordinador del Comité de enlace del grupo de la policía comunitaria de Huamuxtitlán, se desempeñaba como consejero regional, y de manera voluntaria fungía como comandante del grupo. El coordinador de la CRAC, Julián Cortés. El comandante regional de Xochihuehuetlán Javier Ake Cabrera. El comandante regional del Comité de Enlace de Huamuxtitlán, Antonio Ramírez Rincón. El profesor Domingo España, supervisor de la zona 204 de las escuelas primeras bilingües y comandante del grupo de la Policía Comunitaria en Xochihuehuetlán. El 27 de enero en el poblado de Zoyapexco, se registró un enfrentamiento armado entre miembros de la Policía Comunitaria de la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias de los Pueblos Fundadores (CRAC-PF) y presuntos delincuentes del grupo delictivo “Los Ardillos” con un saldo de 12 personas fallecidas. “Lamentablemente esta lucha tenaz de los ciudadanos y ciudadanas que de forma cotidiana enfrentan los embates del crimen organizado, ha causado varias bajas entre los grupos de la policía comunitaria” (Tlachinollan, 2019).

<sup>21</sup> En el caso específico del proyecto minero Media Luna, asentado en el Río Balsas, propiedad de la empresa canadiense Torex Gold Resources, 170 familias fueron desplazadas de las comunidades Real del Limón del municipio de Cocula y la Fundición, los trabajadores de la mina que eran pobladores de esas comunidades el 3 de setiembre de 2014 protestaron por las condiciones del trabajo, esa misma madrugada llegaron cinco camionetas sin placas, con 7 u 8 personas cada camioneta, vestidos de negro, y se llevaron a dos de los líderes (Mercado, 2014).

Información sobre Empresas y Derechos Humanos, Business & Human Rights, Resource Centre, registró los asesinatos de cuatro defensores de derechos laborales vinculados laboralmente a la mina.<sup>22</sup>

La actividad de la minera violenta la vida de las mujeres desde la etapa de la exploración hasta cuando termina la vida útil de las minas, altera el medio ambiente en donde se desarrollan, masculiniza los espacios, ya que se contrata a hombres en su mayoría, refuerza el patriarcado, las despoja de su forma de vida, sobreexplota su fuerza de trabajo, aumenta los niveles de violencia familiar, la explotación sexual y la trata de niñas y mujeres, afecta su salud con embarazos de alto riesgo y cáncer de útero. Hay temas poco explorados en el caso de Guerrero, como desaparición de mujeres y asesinatos vinculados a la trata de personas para el comercio sexual, como ya se ha logrado documentar en países del continente donde se han establecido las mismas mineras también con las que se han desarrollado las redes de trata de personas -en realidad de niñas de entre 13 y 14 años- estas redes operan en el perímetro de las minas para ofertar servicios sexuales a los trabajadores.

“Hay un fuerte vínculo entre la minería ilegal y la explotación sexual. Siempre que hay grandes migraciones de hombres a una zona, hay una gran demanda de servicios sexuales que a menudo genera tráfico sexual”, (Wagner, 2016).

Pero incluso cuando la minería se agota, el impacto en la salud es tan grave que los miembros de la familia se encuentran con diversas enfermedades, mismas que tendrán que atender las mujeres, como en el caso de el Valle de Siria Honduras donde opera la empresa minera canadiense GoldCorp (Barón, 2013) misma minera que opera en Guerrero por lo que no podemos perder de vista esta previsión, la tierra la cual queda inservible para cultivo u otra actividad, la contaminación de los mantos acuíferos y del suelo con sustancias como el mercurio y el cianuro, el aire por micro-partículas de sustancias tóxicas que respiran tanto animales como seres humanos, la destrucción de zonas arqueológicas que representan la

---

<sup>22</sup> Los defensores de derechos laborales asesinados de forma violenta son Víctor y Marcelino Sahuanitla Peña, en 2017, Quintín Salgado en 2018, Oscar Hernández Romero en 2019 y Oscar Ontiveros Martínez en 2020, vinculado a un paro laboral en diciembre de 2017.

historia e identidad de las comunidades, el daño a la biodiversidad. Se ha encontrado arsénico en los lácteos y cadmio en el maíz. En cuanto a los daños en la salud de la población: las afecciones en la piel, ojos, vías respiratorias y oídos, problemas gastrointestinales y partos prematuros, el incremento de las defunciones por “causas desconocidas” como son dolores de cabeza, dolores de garganta, la alopecia, la pérdida auditiva, las alteraciones del sueño, las enfermedades nerviosas, los problemas óseos o musculares, la presencia de metales pesados como plomo en la sangre, incluso de niñas y niños, como ya se ha visto en la mina los Filos en Carrizalillo del municipio de Eduardo Neri en Guerrero (Mijangos, 2013).

El Centro de Derechos Humanos Tlachinollan, (2016, p. 6) refiere que el Gobierno Federal otorgó 38 concesiones por 50 años para que diversas empresas realicen actividades de exploración y explotación minera en la Región de la Montaña, sin tomar en cuenta los derechos de los pueblos indígenas nahua, mee'phaa y nuu saavi. Los títulos entregados en esta región corresponden a cerca de 200,000 hectáreas y actualmente se encuentran en la fase de exploración.

Para convencer a la población de dejar operar a las empresas mineras se les ha ofertado generación de empleos y mejora en la calidad de vida (Secretaría de Economía Federal, 2020) sin embargo pese a que en el período de 2010 a 2013 las concesiones aumentaron de forma importante<sup>23</sup> (Senado de la República, 2013),

---

<sup>23</sup> En el proyecto de decreto que expide una nueva Ley Minera, presentado por las senadoras Dolores Padiema Luna, Layda Sansores San Román y el senador Alejandro Encinas Rodríguez, la que contiene proyecto de decreto que expide una nueva Ley Minera y que en su formulación han participado diversos movimientos anti gran minería tóxica como la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias (CRAC) de Guerrero, quienes han dado una fuerte lucha contra la instalación de la minería tóxica en sus territorios, y de acuerdo a la investigación de la revista Contralínea con información del Sistema Integral de Administración Minera (SIAM), había más de 31 mil concesiones mineras para empresas transnacionales registradas al final del sexenio anterior al del presidente Felipe Calderón y en los dos últimos años de su gobierno la cifra se incrementó alrededor de 5 mil autorizaciones para explorar los recursos minerales del país, como el oro y la plata. Las tierras que acaparan las concesiones son 39 millones 743 mil 690 hectáreas en poder de 301 compañías. Esto implica que las empresas de la industria extractiva tienen en su poder casi un cuarto del territorio nacional, que podría ser explotado hasta por más de 50 años.

y el valor de la producción minera estatal durante el periodo enero-diciembre de 2017 ascendió a 18,700,367,153 millones de pesos, el porcentaje de población en situación de pobreza de esas regiones aumentó del 67.6 al 69.7% (Luna, 2014).

### Violencia de Civiles en armas denominados grupos de auto-defensa, la UPOEG

La Unión de Pueblos y Organizaciones de Guerrero (UPOEG),<sup>24</sup> surgió luego de un proceso de escisión de las CRAC de los Pueblos Fundadores en 2013, a partir de entonces se definió como grupo de autodefensa para la seguridad y justicia ciudadana, forma parte de los 20 grupos civiles armados que operan en 40 de los 81 municipios que componen el estado de Guerrero. Los municipios en los que la UPOEG tiene su mayor influencia son Ayutla, Tecoanapa, San Marcos, Florencio Villareal, Cuauhtepic, Copala, Azoyú, Marquelia, San Luis Acatlán y algunas comunidades de Cuajinicuilapa (Warnholtz, 2017: 25). La organización de este grupo surgió luego de la desaparición y asesinato de Guadalupe Quiñones Carvajal, comisario de la comunidad San Juan del reparo, del municipio de Juan R. Escudero, quien fue asesinado a balazos por un grupo de crimen organizado en venganza por haber presentado una denuncia por los delitos de extorsión y secuestro.

### Violencia política rebelde, las guerrillas

Otro factor de violencia en la región es la presencia de tres grupos guerrilleros, el Ejército Popular Revolucionario (epr), el Ejército Revolucionario del Pueblo Insurgente (erpi) y las Fuerzas

---

<sup>24</sup>Fundada en octubre de 2010 como grupos de autodefensa que luego se constituyeron en Sistema de Seguridad Ciudadana, de policía comunitaria a policía ciudadana (o grupo de autodefensa como ocurrió en el municipio de Ayutla) que significó su ruptura con la CRAC. En un inicio de su actuación se organizaron contra el cobro excesivo de las tarifas de luz, por la construcción de caminos en zonas de alta marginación y por el financiamiento de proyectos para el desarrollo, su líder es Bruno Plácido Valerio, ex coordinador de la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias (CRAC) (Agustín, 2014). A Bruno Plácido se le ubica como colaborador del gobierno estatal y protector del corredor Petaquillas-Xaltianguis, lo que sería el espacio de circulación de droga de parte de los Ardillos y el Cartel del Sur (Cervantes, 2017).

Armadas Revolucionarias-Liberación del Pueblo (far-lp), que hace tiempo no realizan operativos militares, pero no por eso no dejan de ser grupos armados (Warnholtz, 2017:22), que además pueden hallarse en el desarrollo de una estrategia guerrillera llamada “acumulación de fuerzas”.

## Respuestas violentas ante la impunidad y la violencia criminal, la Policía Comunitaria

La Policía Comunitaria se organizó en la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias de la Costa -Montaña de Guerrero (PC-CRAC),<sup>25</sup> en sus orígenes fueron ignorados por las autoridades estatales, pero luego que empezaron a desarrollar funciones de seguridad, las instancias estatales buscaron integrarlos a su estructura jurídica, con una visión integracionista de resultados fallidos. Muy probablemente ahora, la defensa de la existencia de un sistema normativo alterno se vea más fortalecido con el primer gobierno municipal comunitario en Ayutla.

Las policías comunitarias organizadas en las CRAC, a diferencia de otros “grupos de civiles en armas”, tienen legitimidad social y pueden tener reconocimiento legal al amparo de la corriente de pensamiento ubicada en la Crítica Jurídica<sup>26</sup> que dio origen

---

<sup>25</sup> La Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias (CRAC), surgió en 1995 y poco a poco ha construido su influencia en un número mayo de municipios de la Región de la Montaña y Costa Chica del Estado de Guerrero. Inició en la Región de la Costa Chica, Tecoanapa, Ayutla, San Marcos y Marquelia, a partir de enero de 2013 también en los municipios de Ayutla, Florencio Villareal y Cuauhtepec (Cervantes, 2017).

<sup>26</sup> Las propuestas críticas en el derecho se gestaron a finales de la década de los sesenta, a través de la influencia de juristas europeos de ideas provenientes del economicismo jurídico soviético –Stucka, Pashukanis–, de la relectura gramsciana de la teoría marxista hecha por el grupo de Althusser, de la teoría frankfurtiana y de las tesis arqueológicas de Foucault sobre el poder. En esa misma década sus ecos retumbaron en América Latina. Así, encontramos diversas voces: en Argentina, con Carlos Cárcova, Ricardo Entelman, Alicia Ruiz y Enrique Marí, entre otros; pero también en México con Jesús Antonio de la Torre, Arturo Berumen y Oscar Correas principalmente; en Chile con las contribuciones de Eduardo Novoa Monreal entre otros; en Brasil son de destacar los trabajos de Luis Alberto Warat, Luis Fernando Coelho, y Carlos Wolkmer; y en Colombia, la crítica jurídica se vio

entre otros enfoques al Pluralista que busca desmitificar la legalidad dogmática tradicional e incorporar los análisis sociopolíticos del fenómeno jurídico (Melgarito, 2015: 22). El enfoque pluralista reconoce la existencia de normas jurídicas de los grupos sociales como sistemas jurídicos diferentes, desde esta corriente de pensamiento jurídico crítico las policías comunitarias agrupadas en las CRAC serían consideradas parte de una jurisdicción indígena, previa creación de mecanismos de regulación, validación y coordinación con los otros sistemas jurídicos (Morales, 2009: 133), ya que actúan en funciones de seguridad subsidiaria y en colaboran con las instituciones de investigación de los delitos, además de estar articulados al sistema de seguridad e integrar funciones de procuración y administración de justicia (Mendoza, 2018).

### Respuestas pacíficas ante la violencia estatal

A partir de 1972 inició la etapa de lucha de la [zona] mixteca del municipio de Ayutla de los Libres, cuyo antecedente se caracteriza por una aguda explotación económica de los acaparadores locales y cacicazgos, discriminación social y exclusión política, que en su conjunto han impedido el libre ejercicio de la democracia municipal y forma de gobierno tradicional. La Misión de la Santa Cruz, labor pastoral de la iglesia con catequistas vincualdos a la teología de la liberación pastoral surgió y con su actividad marcó un parteaguas en la historia social...su estrategia consistió en reestablecer los mecanismos de control en la toma de decisiones por los pueblos mixteco y tlapaneco para construir estructuras y bases socioeconómicas comunitarias, proyectadas con recursos regionales y fundados en sus intereses étnicos (Tapia, Gutiérrez, 2001:137 y 138 citado en Gausenns, 2018: 89), un punto de inflexión relevante fue la conmemoración de los 500 años de resistencia indígena.

### Conformación de organizaciones sociales para la defensa de los pueblos meé pha y nuu saavi, la OPIM y OFPM

---

nutrida por las investigaciones del grupo de juristas del Instituto Latinoamericano de Servicios Legales Alternativos (ILSA). (Melgarito, 2015: 28)

En el municipio de Ayutla luego de la matanza de El Charco en 1998, en 2000 las comunidades decidieron formar la Organización de Pueblos Mixtecos y Tlapanecos (OIPMT), para la protección de los pueblos originarios meé phaa y nu saavi. En 2001 la OIPMT dio nacimiento a dos organizaciones, una para cada pueblo originario, la Organización para el Futuro del Pueblo Mixteca (OFPM) y la Organización del Pueblo Indígena meé pha (OPIM). La OPIM inicio su formación en 2001 y la formalizo en 2002 después del ataque de los militares a las Mujeres indígenas Valentina Rosendo e Inés Fernández Ortega.<sup>27</sup> La Organización del Pueblo indígena meé pha (OPIM) es liderado por Obtilia Eugenio Manuel<sup>28</sup> quien además es integrante del Consejo Municipal Comunitario de Ayutla de los Libres y fue promotora de esta nueva forma de elección en el municipio.

Elección del Consejo Municipal Comunitario<sup>29</sup> mediante Usos y Costumbres en el que se encuentran representados los pueblos indígenas mee phaa y nuu saavi y afroestizos<sup>30</sup>

De todas las demarcaciones municipales que han elegido sus autoridades conforme sistemas normativos internos en México, también conocidos como “usos y costumbres”, Ayutla es el más

---

<sup>27</sup> La pareja que lidera esta organización fue hostigada y desaparecida en el mes de febrero de 2019, ahora mismo viven fuera del territorio estatal, Obtilia Eugenio Manuel e Hilario Cornelio Castro.

<sup>28</sup> En el CLXIX aniversario de la fundación del estado de Guerrero en 2018, Obtilia recibió el premio al mérito civil indígena Cuauhtémoc, por la promoción y defensa de los Derechos Indígenas.

<sup>29</sup> El nuevo Consejo Comunitario de Ayutla está integrado por cuatro hombres y dos mujeres. Los hombres son dos indígenas del pueblo ñu saavi o (mixteco), Longino Julio Hernández y su suplente Juan Ceballos Morales, vinculados a la CRAC. Dos hombres me'phaa (tlapanecos), Isidro Remigio Cantú, y su suplente Raymundo Nava Ventura, de la UPOEG; las mujeres, Patricia Ramírez Bazán, afrodescendiente, con ascendencia de Cuajinicuilapa, del municipio de la Costa Chica, nacida en el poblado del Mesón del municipio de Ayutla, integrante de la Red de Mujeres Guerreras Afroamericanas y su suplente Sara Olivera Tomás.

<sup>30</sup> Porcentaje de población según auto-adscripción indígena y afrodescendientes en el municipio de Ayutla, de 69, 716 que es la población total 54.01% es indígena y 11.97% afrodescendiente. (Warnholtz, 2017)

grande en términos de territorio y población, tiene una extensión de 735.4 km. 146 localidades y 62,690<sup>31</sup> habitantes de los cuales 31, 984 son mujeres. 15,530 habitan su cabecera municipal. Ayutla es uno de los 81 municipios que conforman el estado de Guerrero, se haya ubicado en la región de la Costa Chica y por primera vez sus habitantes participaron por medio de asambleas populares en cada comunidad y en la parte final del proceso, en la asamblea popular de la cabecera municipal de donde surgió su “Consejo Municipal Comunitario”.

En el caso de Ayutla de los Libres en el Estado de Guerrero la actuación de los organismos electorales y jurisdiccionales locales fue contraria a los derechos de los pueblos indígenas y sus sistemas normativos internos a pesar del reconocimiento en la Constitución y de la existencia de la Ley 701 del estado de Guerrero, a eso se debió que el proceso tardó dos años entre solicitudes, trámites, juicios, recursos, consultas, hasta que el Congreso del Estado libre y soberano de Guerrero, determinó las fechas de elección e instalación de las autoridades municipales electas por usos y costumbres en el municipio de Ayutla de los Libres. (Ojeda, 2019)

Un precedente indispensable fue la resolución emitida por la Sala Regional Ciudad de México del Tribunal Electoral del Poder Judicial de la Federación (TEPJF) en el expediente SCM-JDC-402/2018 que vinculó al organismo electoral del estado de Guerrero para realizar acciones afirmativas que garanticen los derechos político-electorales de los pueblos y comunidades indígenas, en consecuencia luego de efectuadas las elecciones conforme a los sistemas normativos internos la Ley 483 de Instituciones y procedimientos Electorales del Estado de Guerrero, fue reformada el 31 de agosto de 2018, para dotar al Instituto Electoral de Participación Ciudadana de atribuciones que le permitan atender las solicitudes relacionadas con los pueblos y comunidades indígenas para el ejercicio de sus derechos a la autonomía y libre determinación (Ojeda, 2019).

---

<sup>31</sup> La fuente de la población total, población femenina, grado de marginación y población en pobreza extrema corresponden al Catálogo de localidades de la Secretaría de Desarrollo Social (SEDESOL). Las cifras de población corresponden al último censo de población, realizado en 2010. Recuperado de <http://www.microrregiones.gob.mx/catloc/LocdeMun.aspx?tipo=clave&campo=loc&ent=12&mun=020>

## 6. *Violencia de género contra las mujeres indígenas*

En México mediante un largo proceso que inició con la reforma constitucional de 1992,<sup>32</sup> los pueblos originarios ganaron el reconocimiento de su derecho a gobernarse y elegir a sus autoridades mediante el sistema de usos y costumbre.<sup>33</sup> Sin embargo algunos derechos individuales, como el derecho de las mujeres a -vivir una vida libre de violencia- es prácticamente desconocido, y lo es no sólo por provenir de un sistema jurídico diverso, sino también y sobre todo por la naturalización y pervivencia de una cultura en el que ser mujer está asociado con abnegación, resistencia al dolor, sufrimiento y silencio, elementos de la cultura mariana de larga data en México,<sup>34</sup> “María de Guadalupe, ha sido el modelo de conducta tradicionalmente impuesto ... sobre todo a las mujeres” (Pastor, 2010), en las zonas rurales donde habitan los pueblos originarios la persistencia de esta cultura es mayor y más arraigada todavía.

Algunos de los aportes del movimiento feminista al proceso de cambio político en México fue la incorporación en la legislación político-electoral del derecho de las mujeres a la representación política,

---

<sup>32</sup> La reforma constitucional de 1992 estableció en su artículo 4º. Que “el Ayuntamiento designará a un comisario para cada uno de los organismos descentralizados que llegue a crear y establecer las normas para contar con una adecuada información sobre el funcionamiento de dichos organismos”. El gobierno de Oaxaca llevó a cabo una reforma mucho más avanzada, además de incluir los derechos de los pueblos indígenas en su Constitución, modificó 12 de sus leyes locales y elaboró una Ley especial sobre la materia, en 1995 y en 1997 reformó su Código Electoral para dar reconocimiento jurídico a los gobiernos de los municipios electos por usos y costumbres como instituciones legítimas.

<sup>33</sup> En México el reconocimiento de los derechos colectivos de los pueblos indígenas fueron incluidos en la reforma constitucional de 1992, aunque se trató de una reforma de escaso impacto, tuvo como antecedente y fundamento, la consulta promovida en 1988 por la Organización internacional del Trabajo (OIT), respecto de la revisión del Convenio 107, relativa a poblaciones indígenas y tribales que en 1989 el Convenio 169 “Relativo a pueblos indígenas y Tribales en Países Independientes” (Gómez, 1995 en López, 2006: 71).

<sup>34</sup> En los dos siglos transcurridos desde la Independencia, la consideración de la naturaleza inferior de las mujeres, su situación subalterna y el reclamo social de su sacrificio, presentes en la moral católica, han conservado muchos de sus elementos estructurales, aunque en forma secularizada.

este derecho se extendió, aunque de distintas formas, modalidades y ritmos a algunas estructuras de los pueblos originarios por la actividad de mujeres indígenas que iniciaron procesos organizativos comprometidos en el impulso y defensa de sus derechos, desde los espacios institucionales de justicia dentro y fuera de sus comunidades (Sierra, 5, 2009), este ha sido un proceso lento y complejo que no puede generalizarse. En el proceso de hacer valer los derechos de las mujeres indígenas ellas, las primeras en llegar a esos espacios de poder se han enfrentado a resistencia de sus compañeros de organización, pero también a la fuerza de las inercias culturales que les impiden legitimar los derechos de las mujeres al interior de sus comunidades (Sánchez Néstor, 2005), sigue habiendo prácticas que están en contraposición con los derechos humanos de las mujeres indígenas.

“Hay usos y costumbres con los que las mujeres nos están de acuerdo y de los que se les acusa por incumplimiento, por lo que ellas proponen como alternativa a los usos y costumbres el respeto a sus derechos humanos” (Martínez en Chávez, 2012, )

En el caso del estado de Guerrero las mujeres accedieron a ser parte de la policía comunitaria,<sup>35</sup> organizada en la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias (CRAC) que como mencionamos supra, opera en la Región de la Costa Chica y Montaña, 10 años después de que las policías comunitarias se constituyeron.<sup>36</sup> En 2006 en el marco de la celebración de sus primeros 10 años, a reclamo y exigencia de las mujeres, la asamblea votó y aprobó su incorporación como parte del reconocimiento de su participación desde el inicio de las acciones en defensa de los pueblos originarios.

“En el año 2005, en el décimo aniversario de la CRAC, celebrado en Pueblo Hidalgo, se instaló por primera vez la mesa de discusión de mujeres. Estuvimos trabajando seis mujeres tlapanecas y

---

<sup>35</sup>La Policía Comunitaria tiene funciones de “seguridad subsidiaria y de colaboración con las instituciones de investigación de los delitos, articula el sistema de seguridad e integra funciones de procuración y administración de justicia por medio de procesos de resocialización, que denominan reeducación” (Mendoza, 2018).

<sup>36</sup>El sistema de seguridad y justicia comunitaria se constituyó en Guerrero en 1995 en la comunidad de Santa Cruz del Rincón, en el pueblo nuu saavi de San Luís Acatlán, (Tlachinollan), otras fuentes mencionan que la primera policía comunitaria se creó en 1995 en el municipio de Xochistlahuaca.

mixtecas, y una compañera de Ayutla. Discutimos allí sobre las mujeres y sus derechos. Tuvimos un resolutivo y la Asamblea General aprobó que se formara la Comisión de Seguimiento de Mujeres. Los hombres dijeron que sí, que tuviéramos nuestra Comisión, que era muy interesante. Ese, como siempre, era el discurso de los hombres, pero en la realidad era otra cosa” (Martínez, 2012, 236)

Tiempo después que las mujeres accedieron a las estructuras de las policías comunitarias, pudieron expresar la lo que fue su experiencia, ellas experimentaron una exigencia y mayor sobrevigilancia de parte de los hombres con quienes compartían estructuras, críticas y severidad en las sanciones impuestas por errores en su actuación (Silva, 2012, 242).

“...Con respecto a las destituciones de mis tres compañeras, creo que es muy complejo entenderlo, la Asamblea tiene que escuchar a las partes, para que pueda tener un panorama completo y saber qué pasó y en qué hubo errores. Ellas fueron compañeras importantes dentro del sistema de la Policía Comunitaria, pero después de eso las compañeras ya no querían venir a las reuniones. Una de ellas dijo que jamás regresaría a la Asamblea General, las otras recién ahora se están acercando de nuevo a las reuniones regionales. Yo entonces empecé a ir nuevamente a las reuniones.” (Martínez, 2012: 239)

En todos los casos de violencia de género y en particular sobre el tipo penal de feminicidio, su atención sanción, prevención y erradicación, se incluyó en el Código Penal desde el mes de diciembre de 2010, ahora es una de las entidades que menos avances reporta la investigación del delito, por el alto grado de impunidad, inacción de las autoridades, corrupción y falta de acceso a la justicia. En los municipios donde actúa la policía comunitaria, se abre un interregno, entre el sistema de justicia penal tradicional y el de usos y costumbres, en esos espacios geográficos es “la familia agraviada” quien decide a que autoridad recurrir, a la policía comunitaria o a los agentes del sistema penal tradicional

“...cuando el MP está atendiendo un caso, la Policía Comunitaria no interviene y al revés. Ya se sabe que no puede ser juzgada una persona dos veces por el mismo delito. Si mi comunidad pertenece a la Comunitaria yo no debo poner mi denuncia en el Ministerio Público”. En el Ministerio Público y en los juzgados no hay agilidad, no hay traductores, los secretarios de los juzgados

asientan lo que quieren en la declaración a pesar que los acusados no hayan declarado nada por no saber español, si es despues de las dos de la tarde es imposible levantar una denuncia porque se acabó el turno” (Martínez en Chávez, 2012).

la decisión, aparentemente “libre”, para recurrir a una u otra instancia en busca de justicia en el caso de un feminicidio, en el área rural donde habitan los pueblos originarios, por la lejanía geográfica de la agencia investigadora del fuero común, en la cabecera municipal de Ayutla, la falta de medios de transporte y de recursos económicos de las víctimas y sus familias para costear los traslados, los limitados horarios de oficina y la falta de traductores en la lengua de la víctima o denunciante, lo que hace que por *default* quede en el ámbito de la autoridad comunitaria la investigación de los delitos, incluido el feminicidio, en un entorno en el que muchas conductas violentas están naturalizadas como parte de la vida cotidiana y en la familia.

En el caso del feminicidio, delito incorporado de forma relativamente reciente en los códigos penales del país como delito autónomo, requiere de formas especializadas para su investigación, en general se investiga poco y mal, escasamente se aplican los protocolos elaborados para el efecto, lo que da como resultado una gran impunidad y nos pone ante una problemática real, el ejercicio del derecho de las mujeres indígenas a una vida libre de violencia y la incorporación de ese derecho al sistema de justicia de los pueblos originarios.<sup>37</sup>

En Guerrero debido a “razones económicas, de distancia y factores como corrupción e impunidad, las víctimas no denuncian e incluso, los feminicidios no son reportados ante la autoridad, pues no se exigen ni acta de defunción ni permisos para sepultar a las personas y entonces, las familias sepultan a sus mujeres asesinadas, y ellas pasan a formar parte de las estadísticas de mujeres muertas ‘por muerte natural’ sin dar parte a la autoridad, por lo que, obviamente, no se apertura una carpeta de investigación y esto ha generado una cifra oculta sobre los feminicidios que ocurren en algunas comunidades (Grupo de Trabajo para la Alerta de Violencia de Género y Feminicidio), Bonfil, 2017, 220.

---

<sup>37</sup> Una constante en los asesinatos de mujeres en general, es la brutalidad y la impunidad que los acompañan. Estos crímenes constituyen la negación del derecho a la vida y han sido reconocidos como feminicidios (Bonfil, 2017, 217).

Ilustra la dinámica a la que nos hemos referido el testimonio de un representante nuu saavi al Consejo Municipal Comunitario de Ayutla en reunión de capacitación en 2018,

“Un hombre que hace violencia a su familia va a proceso de reeducación, queda aislado hasta que él mismo considera que cambio su conducta y que no volverá a ejercer violencia”

Este caso permite ver como es el mismo hombre maltratador quien determina el tiempo de su proceso de reeducación y cuando debe terminar su castigo, la mujer agraviada no tiene voz más que para la denuncia inicial, tampoco hay un seguimiento posterior del caso porque no existe un conocimiento de la dinámica de la violencia de género y como cuando no se detiene puede terminar en feminicidio.

En las comunidades de los pueblos originarios puede tomarse como una aportación a la democracia y procesos de paz el uso de mecanismos de mediación y conciliación entre las partes, pero ninguna de ambas está permitida para el caso de violencia contra las mujeres.

El Comité de expertas del Mecanismo de Seguimiento de la Convención de Belem Do Pará, (MESECVI) recomendó a los Estados que ratificaron la Convención de Belem Do Pará,<sup>38</sup> eliminar la mediación y conciliación y en general todas las formas de solución de asuntos de violencia de género fuera del espacio judicial “porque no existen condiciones de igualdad para participar en una negociación equitativa. La medicación incrementa el peligro y obstaculiza el acceso a la justicia de las víctimas. Además, envía un mensaje de impunidad, permisividad y tolerancia hacia la violencia contra las mujeres” (MESECVI).

“En las comunidades indígenas las personas que imparten justicia: delegados o agentes comunales, comisariados, síndicos o autoridades tradicionales, forman parte de la misma comunidad y no tienen formación específica para ejercer su cargo, con lo cual el tratamiento de casos de violencia generalmente procede mediante la conciliación y, en muchos casos, únicamente se reconocen como

---

<sup>38</sup> La convención de Belem Do Pará aprobada en 1995 por la Organización de Estados Americanos fue ratificada por México en 1998. Es definida como uno de los principales instrumentos de Derechos Humanos de las Mujeres, dirigido a aplicar una acción concertada para prevenir, sancionar y eliminar la violencia contra las mujeres basado en su género.

delitos de violencia contra mujeres, la violencia física o sexual lo que limita las posibilidades de sanción a los agresores.” (Bonfil, 2017, 79).

El reconocimiento de los derechos colectivos de los pueblos indios enriquece y fortalece la democracia, incorpora formas de democracia directa, asamblearia, realiza un ejercicio de gobierno cara a cara, realiza consulta para realizar la inversión en obra pública, promueve la rendición de cuentas, pero no ha incorporado a su sistema de justicia los derechos de las mujeres, su derecho a una vida libre de violencia y el compromiso con la prevención y erradicación del feminicidio.

“Yo no estoy muy de acuerdo con la reconciliación en caso de mujeres golpeadas, pero muchas veces son las mismas mujeres las que quieren la reconciliación. A veces te enfrentas con el marido y con la familia, vienen todos a reclamar. Lo que tú haces es lograr que estén el hombre y la mujer solos. Ellos son los que van a hablar, los demás son testigos. Tú no haces nada, vas a firmar los acuerdos después, ellos van a decidir cómo resolver. Luego se dicen cuáles son los acuerdos y si estamos atorados, les decimos que salgan un momento para determinar cómo cerramos ese capítulo” (Martínez, 2012, 239)

Como han puesto de manifiesto las precursoras en hacer visible la violencia de género en contra de las mujeres indígenas, es necesario partir de un diagnóstico específico e integral, enfocado a la violencia contra las mujeres indígenas en sus comunidades, que sea el punto de partida para el diseño de políticas públicas específicas, partiendo de un enfoque de derechos humanos, interculturalidad y perspectiva de género, ya que las mujeres indígenas son las más vulnerabilizadas “en un sistema de múltiples estructuras de opresión que operan simultáneamente potenciando las desventajas, exclusiones y desigualdades” (Bonfil et al, 2017: ). La violencia de género contra mujeres de zonas indígenas es poco visibilizada y menos todavía documentada, son casi inexistentes los registros estadísticos de feminicidio y pertenencia étnica.

La violencia de género es un problema importante en los pueblos indígenas ... agravado por la falta de atención y cobertura institucionales; por la naturalización de las relaciones violentas y por la falta de mecanismos propios para responder a esta problemática en las estructuras de autoridad y gobierno indígena. Las mujeres indígenas enfrentan condiciones de exclusión y

obstaculización al ejercicio de sus derechos, dentro y fuera de sus sistemas normativos, por ser integrantes de pueblos subordinados y culturalmente diferenciados; debido a su condición de pobreza y marginación; y por motivos de género. (Bonfil, 2017, 44).

El estudio realizado por OXFAM MÉXICO indica que existen tres categorías en donde las desigualdades de las mujeres indígenas son más acentuadas que la de los hombres indígenas: 1) Educación, 2) Ocupación Laboral y 3) Riqueza material. Otras causas son que a las mujeres indígenas les dificultan más acceder a mejores condiciones económicas, la primera y porcentualmente mayor es el hablar una lengua indígena, las mujeres que hablan alguna lengua tienen 84% más riesgo de verse excluidas del grupo económico más privilegiado, en comparación con otras mujeres que no hablan una lengua indígena, la segunda es la auto-ascripción, que representa un 31% más riesgo de verse excluidas en comparación con quienes se auto describen como mestizas o blancas, por último en la medida en que las mujeres reportan tonos más oscuros de piel, para las mujeres con tonos “morenos” el porcentaje de ser excluidas es de un 37% mayor a las de las mujeres con tonos “claros”, para el caso de las mujeres con tonos “oscuros” dicha brecha asciende a 58% más probabilidades de ser excluidas económicamente. En todos los casos las mujeres indígenas sufren de mayor exclusión económica que las mujeres mestizas o blancas (OXFAM MÉXICO, p.14).

En cuanto a la intersección de sexo y oportunidad de pertenecer al quintil superior de riqueza, las mujeres con tono de piel moreno u oscuro tienen 42% menos probabilidades y los hombres 28% menos, entre las personas negras y mulatas, las mujeres tienen 60% menos y los hombres 46% menos, entre quienes se definen como indígenas pero no hablan lengua indígena, las mujeres tienen 68% menos y los hombres 74% menos, las probabilidades para las personas hablantes de lengua indígena son 71% menores para las mujeres y 59% menores para los hombres. En general las mujeres indígenas sufren significativamente mayor discriminación económica que los hombres (OXFAM MÉXICO, p.16)

El estudio de OXFAM concluye que la desigualdad de oportunidades se acentúa cuando las personas poseen dos o más características étnico-raciales asociadas a los grupos étnicos que sufren mayor discriminación en México, indígenas y afrodescendientes, siendo aún mayores en el caso de las mujeres (OXFAM MÉXICO, 2019, p.18).

De acuerdo a los Indicadores socioeconómico de los Pueblos Indígenas de México 2015, que utiliza la tipología de municipios de acuerdo a la concentración de población indígena, Guerrero ocupa el séptimo lugar de las 32 entidades federativas con mayor número de municipios indígenas<sup>39</sup> concentrando el 5.7% de la población indígena nacional y el 19.3% de la población estatal con 388,113 personas indígenas. Los grupos indígenas con mayor presencia en dicha entidad son ; ñóm daa (amuzgos), nuu saavi (mixtecos) nahuas y mee' phaa (tlapanecos) (CDI, 2017,p.1)

En cuanto a edad la población indígena menor de 15 años es predominante, fluctúan entre el 36 y 43%, y la actividad o inserción de la fuerza de trabajo en el mercado, en zonas<sup>40</sup> de atracción de migrantes indígenas presenta una tasa de 60%, mientras que en zonas de origen indígena dicha tasa se reduce a 38%. En cuanto a salud, en Guerrero 8 de cada 10 personas que viven en hogares indígenas declaró estar afiliado a algún servicio de salud, de los cuales 9 de cada 10 lo están en el Seguro Popular.

De acuerdo con el Censo de Población y Vivienda realizado por INEGI en 2010, se registraron en Guerrero a 456 774 personas de 5 años y más hablantes de alguna lengua indígena, representando al menos el 15% de la población total del Estado, 14 de cada 100 que declararon hablar alguna lengua indígena no hablan español, en la siguiente gráfica se muestra el número de hablantes de lenguas indígenas en Guerrero en dicho censo:

<i>Lengua indígena</i>	<i>Número de hablantes (año 2010)</i>
Náhuatl	170 622
Lenguas Mixtecas	139 387
Tlapaneco	119 291
Amuzgo de Guerrero	45 799

INEGI. Censo de Población y Vivienda 2010.

<sup>39</sup> De los 81 municipios de Guerrero 17 municipios con 70% y más de población indígena, 6 con 40 a 69%, 9 municipios con presencia indígena y 49 municipios con población indígena dispersa.

<sup>40</sup> Baja California Sur, Nuevo León, Colima, Ciudad de México, Aguascalientes, Sinaloa y Baja California.

Guerrero es uno de los tres<sup>41</sup> estados de México con mayores niveles de fecundidad, siendo 2.4 el promedio de hijos nacidos vivos entre las mujeres en edad reproductiva, en contraste con otras entidades como Nuevo León y Ciudad de México en donde las mujeres indígenas tienen en promedio 1.5 y 1.4 hijos nacidos vivos, respectivamente. (CDI, 2017,p.1) En cuanto a muertes maternas, de acuerdo con la Comisión Nacional Epidemiológica a nivel nacional en 2017 la Razón de Mortalidad Materna (RMM) calculada era de 32.8 defunciones por cada 100 mil nacimientos estimados, mientras que Guerrero presentaba en 2016 53.9, de acuerdo con la Plataforma de análisis de Muerte Materna del Centro Nacional de Equidad de género en 2017 fue de 54.3, para 2018 dicha cifra se redujo a 29, siendo las causas más comunes a nivel nacional: hemorragia obstétrica (24.8%), enfermedad hipertensiva, edema y proteinuria en el embarazo, parto y puerperio (21.6%) y complicaciones del embarazo, parto y puerperio (6.7%).

En enero de 2020 la Secretaría de Asuntos Indígenas y comunidades afroamericanas (SAICA) y la Secretaría de Salud (SSA) del Estado de Guerrero reportaron que las muertes maternas<sup>42</sup> en zonas indígenas habían aumentado presentado 43 casos, cifra que casi duplicaba las muertes maternas registradas en 2018. (Beatriz García,2020,1)

En el municipio de Ayutla de los Libres<sup>43</sup> el promedio de hijos nacidos vivos de las mujeres, durante su etapa reproductiva, de los 15 a los 49 años de edad, es alto 2.5. La tasa de feminicidio también es alta, 58.5, por lo cual ocupa el octavo lugar estatal por incidencia, lo que le valió ser de los 8 municipios en los que la Comisión Nacional para Prevenir y Erradicar la Violencia contra las Mujeres (CONAVIM) de la Secretaría de Gobernación<sup>44</sup> declaró la Alerta de Violencia de

---

<sup>41</sup> Chiapas y Durango

<sup>42</sup> Número de casos por región: 9 La Montaña, 8 Centro, 5 Costa Chica, 4 Acapulco, 2 Norte, 1 Tierra Caliente, 0 Costa Grande.

<sup>43</sup> Ayutla es un municipio de marginación muy alta, el 56.26% de su población habita en condiciones de pobreza extrema.

<sup>44</sup> Guerrero ha sido una entidad paradigmática por la incidencia del feminicidio a nivel nacional. Ocupó el primer lugar durante los años 1987, 1998, 2006, 2007. Cuarto lugar en 2004. El tercer lugar en 2008, 2009. Segundo lugar en 2011 y 2012. Primer lugar en 2013, 2014, 2015. Segundo lugar en 2016 y 2017. Cuarto lugar en 2018, pero para este año el número de homicidios violentos de mujeres

Género en junio de 2017. Entre los años 2000 y 2004 los municipios donde se concentraron los homicidios de mujeres fueron en 4 de los 81, Acapulco, Chilapa, Ayutla de los Libres, y Ometepec. Muchos de los asesinatos de las mujeres ocurridos en las comunidades del municipio de Ayutla fueron perpetrados por el esposo, pero también por grupos de hombres armados y desconocidos (Ojeda, 2006, 119).

Trabajos de investigación periodística<sup>45</sup> como el de Sirenio (2015) han documentado que mujeres de las comunidades de Ayutla enferman de tuberculosis, y la padecen durante años antes de fallecer sin ser atendidas en el hospital general de Ayutla por falta de medicamentos, a esta realidad se suma la naturalización de los casamientos infantiles (antes de los 15 años) y como una de sus consecuencias la muerte materna, aunque el panorama poco a poco ha ido cambiando para las mujeres, en general siguen fuera de la toma de decisiones comunitarias como parte de las violencias estructurales que padecen y cuando acceden a los mecanismos de poder, no es de forma sostenida y enfrentan resistencias de sus compañeros, como se ha podido documentar de sus propias experiencias (Martínez, 2012, 236).

En el periodo 2005- 2015 tres municipios de la Región de la Costa Chica tuvieron mayor incidencia en feminicidio, Ometepec, San Marcos y Ayutla de los Libres. En ese período Ayutla ocupó el lugar número 12 respecto del total del estado.

---

con presunción de feminicidios fue mayor. Para 2019 reportaron 16 feminicidios lo que colocó a la entidad en el número 20, pero sumados los 16 feminicidios que reportó la Fiscalía a los 174 homicidios dolosos de mujeres son 190, en un comparativo en el mismo año la CDMEX con dos tercios más de habitantes que el estado de Guerrero, 8,558,842 registró 196 mujeres asesinadas. Mientras en la Ciudad de México el 35% de todos los asesinatos dolosos de mujeres perpetrados en 2019 fueron tipificados como feminicidio, en Guerrero solo el 8% de los asesinatos violentos de mujeres fueron tipificados como feminicidio. (Ojeda, 2020)

<sup>45</sup> Ilustra la situación de abandono de la población a pesar de la riqueza que se extrae de su territorio el caso de la niña Alicia, de la localidad la Concordia, pueblo ñuu saavi, a sus 6 años y con posible chikungunya, después de tres semanas con fiebre, al no encontrar ni al médico ni medicinas, fue llevada por su madre al Hospital de Ayutla, en un camino de terracería de dos horas, en donde no la pudieron salvar. Sólo por poner un ejemplo mencionamos el caso de la población de la comunidad de La Concordia, con 1018, habitantes, ocupa la posición número 13 más poblada del municipio, solo 22 personas han culminado su educación básica. Las mujeres y las niñas mueren de tuberculosos, sarampión y diarrea. (Sirenio, 2015).

## Feminicidios en Guerrero

Nombre del municipio	Período 2005-2015
Acapulco de Juárez	561
Chilpancingo de los Bravo	76
Iguala de la Independencia	62
José Azueta	44
Atoyac de Alvarez	36
Chilapa de Alvarez	36
Ometepec	31
Pungarabato	27
Tlapa de Comonfort	26
Coyuca de Benítez	25
Tecpan de Galeana	24
<b>Ayutla de los Libres</b>	<b>22</b>
Taxco de Alarcón	20
Teloloapan	19
Petatlán	19
Coyuca de Catalán	19
San Marcos	19

Tabla de feminicidios en Ayutla 2005-2020

Año	Comunidad	Edad	Medio utilizado	Responsable	Datos relevantes	Móvil
2005	Los repetates		Arma de fuego	Identificado	Abandono del cuerpo	n/s
	Ayutla		Arma blanca	Desconocido	“	n/s
	La Azozuca		Arma blanca	Identificado	“	n/s
2006	No hubo fuentes			Desconocido		n/s
2007	San José	44	Arma blanca y golpes	Identificado, esposo.	La procuraduría inició inv. QRR	Robo

Año	Comunidad	Edad	Medio utilizado	Responsable	Datos relevantes	Móvil
	El Zapote		Arma de fuego	Identificado		n/s
	El Mezón	35	Arma de fuego	Esposo		Celos
2008	El piñal	40	Machetazos	Desconocido	Abandono en la carretera	
	Cabecera		Puñaladas	esposo	prófugo	n/s
2009	Tepunte		Machetazos en el cuello	desconocido		
	Col. Arrazadero	43	golpes	Se sospecha del esposo		
	Palma	46	Arma de fuego, más de 15 disparos	Desconocido	Emboscada	
	El charquito		Armada de fuego	Desconocido		
2010 <sup>46</sup>	Ayutla		Arma de fuego	Grupo de hombres armados. Desconocidos	Tortura/ Empleada de centro nocturno	n/s <sup>47</sup>
	Ayutla		“	“	“	“
	Ayutla		“	“	“	“
	Tutepec	56	Arma de fuego	Un grupo de 7 hombres armados Desconocidos		<sup>48</sup>

<sup>46</sup> En 2010 Ayutla aportó el 3.3.% de los feminicidios en el estado, por arriba de Iguala.

<sup>47</sup> Fueron 3 mujeres asesinadas juntas, las hallaron semienterradas, de ocupación empleadas de centro nocturno. Le arrancaron los pies. Ojos vendados y pasamontañas.

<sup>48</sup> El grupo de hombres armados llegó a la fiesta que celebraba una clausura, pidieron un cable y a negárselos la asesinaron

Año	Comunidad	Edad	Medio utilizado	Responsable	Datos relevantes	Móvil
2011	La Concordia	17	Arma de fuego	Se sospecha del ex novio	Al salir de un baile con su novio	
2012	Ayutla	31	Arma de fuego	Desconocido	Fue asesinada con su concubino	
	Ayutla	11	Golpes y violación	Desconocido	Al ir a comprar útiles	
	Ayutla		Arma de fuego	Desconocido	Originaria de Arroyo Zapote	
2013						
2014	Ayutla	26	Veneno	Se sospecha de un familiar		
2015	Col. La Villa		Arma de fuego		Fue asesinada con su concubino	bienes
2016	Ayutla centro	25	Arma de fuego	Ataque por desconocidos		
2017						
2018						
2019	Cóyul	25	Arma de fuego	12 disparos desconocidos		bienes
	Ocotitlán Ejido el salto	49	Arma de fuego (madre)	Desconocidos		n/s
	Ocotitlán	8	Machete (hija)	Desconocidos		n/s
2020 <sup>49</sup>	Col. Úrsula	48	Arma de fuego	Desconocidos	Al ir al mercado	n/s
	Col. Lázaro Cárdenas	42	Arma de fuego	Desconocidos	En su domicilio	n/s
	Col. Benito Juárez	40	Arma de fuego	Desconocidos	Iba a su domicilio	n/s

<sup>49</sup> La información incluye hasta el mes de agosto de 2020.

## Fuentes consultadas

- Agustin, Rogelio (2014) “Los diez momentos clave de la UPOEG-SSC. *Milenio 2020*, Digital, 14 de enero de 2014. Disponible en <https://www.milenio.com/estados/los-diez-momentos-claves-de-la-upoeg-ssc>, consultado el 23 de agosto de 2020.
- Beatriz García, Enero 15 de 2020, En 2019 se duplicaron las muertes maternas en zonas indígenas, informan, *La Jornada*, publicado en la sección Sociedad y Justicia, p.1 recuperado el 12 de Agosto de 2020 de: <https://www.lajornadaguerrero.com.mx/index.php/sociedadjusticia/item/9848-en-2019-se-duplicaron-las-muertes-maternas-en-zonas-indigenas-informan>.
- Bonfil, Paloma, Natalia de Marinis, Bertha Patricia Rosete Xotlanihua y Raúl Martínez Navarro (2017). *Violencia contra las mujeres en zonas indígenas de México*. SEGOB. CONAVIM. CIESAS. México. Disponible en [https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/348121/Violencia\\_de\\_G\\_nero\\_Contra\\_Mujeres\\_en\\_Zonas\\_Indigenas\\_en\\_M\\_xico.pdf](https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/348121/Violencia_de_G_nero_Contra_Mujeres_en_Zonas_Indigenas_en_M_xico.pdf), consultado el 3 de septiembre de 2020.
- Business & Human Rights Resource Centre (2020) “Ejecutan a opositor a la minera “Media Luna en Cocula, Guerrero” 16 de mayo de 2020. Disponible en <https://www.business-humanrights.org/es/%C3%BAltimas-noticias/ejecutan-a-opositor-a-la-minera-media-luna-en-cocula-guerrero/>, consultado el 26 de agosto de 2020.
- Camacho, Sózimo. (2013) “Jacobó Silva: El nacimiento del ERPI”. *Revista Digital Contralínea*, Mayo 3 de 2013. Disponible en <https://www.contralinea.com.mx/archivo-revista/2013/05/03/jacobo-silva-el-nacimiento-del-erpi/>, consultado el 23 de agosto de 2020.
- CDI, Pueblos indígenas con mayor presencia en la entidad, recuperado el 11 de Agosto de 2020 de: [http://atlas.cdi.gob.mx/?page\\_id=7202](http://atlas.cdi.gob.mx/?page_id=7202)
- Cervantes Zacarías. (2017). “Los motivos oscuros de la UPOEG” *Semanario Político-Cultural Trincherá*, 19 a 25 de junio de 2017. Disponible en <https://www.trincherá-politicaycultura.com/PDF/Trincherá-879.pdf>, consultado el 23 de agosto de 2020.
- Chávez, Lourdes. (2012) “Transgreden algunos usos y costumbres los derechos de las mujeres, reconoce la CRAC.” Entrevista a Felicitas Martínez Solano, de la Coordinadora Regional de Autoridades Comunitarias (CRAC). *Diario el Sur*. Edición 6 de octubre de 2012. Archivo Digital, disponible en <https://suracapulco.mx/archivoelsur/archivos/45488>, consultado el 22 de agosto de 2020.
- Delgado, Álvaro y Leticia Díaz. (2014) “La masacre de El Charco, en Guerrero, antecedente de la tragedia de Iguala”, *Revista Proceso*,

- 16 de octubre de 2014. Disponible en <https://www.proceso.com.mx/384938/la-masacre-de-el-charco-en-guerrero-antecedente-de-la-tragedia-de-igualda>, consultada el 21 de agosto de 2020.
- Guerrero, Simitrio. “La masacre en el Charco, 21 años después” en *Suplemento Ojarasca del Diario la Jornada*. Disponible en <https://ojarasca.jornada.com.mx/2019/06/15/la-masacre-en-el-charco-21-anos-despues-4014.html>, consultado el 21 de agosto de 2020.
- Guillén, Tonatihu. (2020) “Homicidios y feminicidios en México, estadísticas del horror. Bloq invitado en la Revista Digital Animal Político. Junio de 2020. Disponible en <https://www.animalpolitico.com/blog-invitado/homicidios-y-feminicidios-en-mexico-estadisticas-del-horror/>. Consultado el 19 de junio de 2020.
- INALI, Comunicado a medios No. 003, ciudad de México, a 5 de febrero de 2019, recuperado el 11 de Agosto de 2020 de: <https://www.inali.gob.mx/es/comunicados/701-2019-02-08-15-22-50.html>
- INMUJERES, ONU MUJERES MÉXICO Y SEGOB. (2016) *La violencia feminicida en México. Aproximaciones y tendencias 1985-2016*. México 2016. Disponible en <https://www2.unwomen.org/medialfield%20office%20mexico/documentos/publicaciones/2017/10/violenciafeminicidamx%2007dic%20web.pdf?la=es&vs=5302>, consultado el 31 de agosto de 2020.
- Instituto Electoral y de Participación Ciudadana del Estado de Guerrero (IEPC Guerrero) (2018) *Memoria del Proceso Electivo por Sistemas Normativos Propios Ayutla de los Libres, Guerrero*.
- Irma Guadalupe Aguirre Pérez, Amuzgos de Guerrero, en Pueblos Indígenas de México Contemporáneo) CDI, 2007.55 p. México. Martínez, Felicitas y Paula Silva. (2012). “La experiencia de las mujeres en la Policía Comunitaria de Guerrero” Capítulo 10 en Hernández Aida y Andrew Canessa (Editores) *Género complementariedades y exclusiones en Mesoamérica y los Andes*. pp. 234-244. Abya Yala y Grupo internacional de Trabajo sobre Asuntos indígenas (IWGIA). Lima, Perú, disponible en [https://www.iwgia.org/images/publications/0572\\_Genero\\_complementariedades\\_y\\_exclusiones\\_en\\_Mesoamerica\\_y\\_los\\_Andes.pdf](https://www.iwgia.org/images/publications/0572_Genero_complementariedades_y_exclusiones_en_Mesoamerica_y_los_Andes.pdf), consultado el 6 de septiembre de 2020
- Maylei Blackwell, Rosalva Aída Hernández Castillo, Juan Herrera Morna Macleod, Renya Ramírez, Rachel Sieder, María Teresa Sierra y Shannon Speed. “Cruces de fronteras, identidades indígenas, género y justicia en las Américas” en Revista *Desacatos*, número 31. Sep-dic 2009. México. disponible en [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1607-050X2009000300002](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-050X2009000300002)
- Melgarito, Blanca Margarita (2009) Pluralismo jurídico: la realidad oculta. Análisis crítico semiológico de la relación estado-pueblos indígenas.

- Universidad Nacional Autónoma de México. CEIICH. México. Primera versión electrónica 2015. Disponible en [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/ceiich-unam/20170426031026/pdf\\_1266.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/ceiich-unam/20170426031026/pdf_1266.pdf), consultada el 24 de agosto de 2010.
- Morales, Joaquín. (2009) *Pluralismo jurídico en Guerrero*. Miguel Ángel Porrúa. México.
- Ojeda, Rosa Icela. (2006) *Violencia feminicida en Guerrero*. (Coordinadora). Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión. LIX Legislatura. Comisión Especial para Conocer y Dar Seguimiento a las Investigaciones Relacionadas con los Femicidios en la República Mexicana y a la Procuración de Justicia Vinculada. México.
- Ojeda, Rosa Icela. (2019) “Fortalecimiento de la calidad democrática a través de los sistemas normativos internos (usos y costumbres). Alternativa para la recuperación de legitimidad y reducción de la desafección ciudadana”, Ponencia presentada en el X Congreso Latinoamericano de Ciencia Política (ALACIP) en Coordinación con la Asociación Latinoamericana de Ciencias Políticas (AMÉCIP) en coordinación con el Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Monterrey (ITESM), realizado los días 31 de julio, 1, 2 y 3 de agosto de 2019 en la Ciudad de Monterrey, Nuevo León.
- Ojeda, Rosa Icela. (2020) *Femicidio en Guerrero. Rumbo al informe sombra de la CEDAW 2020*. Conversatorio virtual 10 de agosto de 2020.
- Pierre, Gaussens. (2018) “Antecedentes y surgimiento de la policía ciudadana de la UPOEG en Ayutla de los Libres” en Antonio Fuentes Díaz y Daniela Fini (Coordinadores) *Defender al pueblo, autodefensas y policías comunitarias en México*. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Ediciones del Lirio. México 2018. Disponible en [https://www.researchgate.net/publication/329032580\\_Antecedentes\\_y\\_surgimiento\\_de\\_la\\_Policia\\_Ciudadana\\_de\\_la\\_UPOEG\\_en\\_Ayutla\\_de\\_los\\_Libres](https://www.researchgate.net/publication/329032580_Antecedentes_y_surgimiento_de_la_Policia_Ciudadana_de_la_UPOEG_en_Ayutla_de_los_Libres), consultado el 24 de agosto de 2020.
- Rubí Alarcón, Rafael y Edgar Pavía (1998). *Historia General de Guerrero. vol. II. El dominio español. Era de los Habsburgo-Era de los Borbón*. INAH, México. Secretaría de Economía (2018) Subsecretaría de Minería. Servicio Geológico Mexicano. *Panorama Minero del Estado de Guerrero*. Coordinación Regional. Diciembre de 2018. México. Disponible en <http://www.sgm.gob.mx/pdfs/GUERRERO.pdf>, consultado el 25 de agosto de 2020.
- Sánchez, Martha. 2005. “Ser mujer indígena en México, una experiencia personal y colectiva, en el movimiento indígena en la última década”, en Sánchez Martha, Coordinadora, *La doble mirada. Voces e historias de mujeres indígenas y latinoamericanas*. UNIFEM e Instituto de

- Liderazgo Simone de Beauvoir. México. Sierra, María Teresa. (2009). “Las mujeres indígenas ante la justicia comunitaria”,
- Silva, Paula. (2012) “El trabajo de las promotoras de justicia: la relación con los hombres de la CRAC, las reacciones de las mujeres y los hombres de las comunidades”, en Capítulo 10 en Hernández Aida y Andrew Canessa (Editores) *Género complementariedades y exclusiones en Mesoamérica y los Andes*. pp. 234-244. Abya Yala y Grupo internacional de Trabajo sobre Asuntos indígenas (IWGIA). Lima, Perú, disponible en [https://www.iwgia.org/images/publications/0572\\_Genero\\_complementariedades\\_y\\_exclusiones\\_en\\_Mesoamerica\\_y\\_los\\_Andes.pdf](https://www.iwgia.org/images/publications/0572_Genero_complementariedades_y_exclusiones_en_Mesoamerica_y_los_Andes.pdf), consultado el 12 de septiembre de 2020.
- Pastor, Marialba. (2010) “El marianismo en México, una mirada a su larga duración”. *Revista Cuicuilco*. Volumen 17, número 48. Enero-junio 2010. UNAM. México. Disponible en [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-16592010000100013](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592010000100013), consultado el 8 de septiembre de 2020.
- Perspectivas desde la interculturalidad y los derechos. En Revista Desacatos, número 31, septiembre-diciembre de 2009. Pp. 73-88. Disponible en <https://cieras.repositorioinstitucional.mx/jspui/bitstream/1015/339/1/LAS%20MUJERES%20INDIGENAS%20ANTE.pdf>, consultada el 26 de agosto de 2020.
- Sirenio, Pioquinto Kau (2015). Indígenas de Ayutla, en el abandono y hostigados. Publicado el 3 de diciembre de 2015, en Americas Program, a new world for action and communication for social change. Disponible en <https://www.americas.org/es/indigenas-de-ayutla-en-el-abandono-y-hostigados/>. Consultado el 17 de agosto de 2020.
- Solís Patricia, Braulio Güémez Graniel, Lorenzo Holm Virginia, resumen ejecutivo de investigación “Por mi raza hablará la desigualdad” El impacto de las características étnico-raciales en la desigualdad de oportunidades en México. 2019, OXFAM. México, 22 p.
- Warnholtz, Margarita (2017) *Recuperar la dignidad. Historia de las Organización de Pueblos y Organizaciones del Estado de Guerrero, Movimiento por el Desarrollo y la Paz Social*. UNAM. Programa Universitario de Estudios de la Diversidad Cultural y la Interculturalidad. México. Disponible en [http://www.nacionmulticultural.unam.mx/portal/pdf/publicaciones\\_novedades\\_editoriales/libro\\_recuperar\\_dignidad.pdf](http://www.nacionmulticultural.unam.mx/portal/pdf/publicaciones_novedades_editoriales/libro_recuperar_dignidad.pdf), consultado el 25 de agosto de 2020.

# Feminicidios e Impunidad en Guerrero, México

*Frida Verenice Hernández Ojeda*

**Resumen:** El siguiente trabajo parte de una revisión de conceptos básicos para entender la violencia contra las mujeres, tales como el sistema sexo/género, los conceptos de femicidio y feminicidio, su evolución y diferencias, así mismo describe de manera cronológica los avances derivados de dichos conceptos en la legislación mexicana, y específicamente en el estado de Guerrero, México, estos últimos derivados de las lamentables cifras de feminicidio, visibilizados por el trabajo autogestivo de activistas e investigadoras de dicha entidad.

**Palabras clave:** femicidio, feminicidio, feminicidios en Guerrero.

Para poder comprender el concepto “feminicidio”, así como las diferencias con el concepto femicidio, es indispensable describir previamente algunos conceptos desarrollados desde las teorías feministas, empezando por la categoría interdisciplinaria<sup>1</sup> *género* (Verena Stolke, 2004: 77), que permite analizar las muertes violentas de mujeres, a través de las construcciones psico-socioculturales de la feminidad y la masculinidad. Así mismo, es indispensable esbozar

---

<sup>1</sup> En 1949 fue empleada por primera vez como constructo sociocultural del comportamiento de hombres y mujeres por la antropóloga social Margaret Mead (Margaret Mead, 1935 y 1949.), posteriormente en la década de los 50s fue retomada por teóricos psicoanalistas como Jacques Lacan (Ellie Ragland-Sullivan, 1982 págs. 6-20), y en la actualidad es utilizada tanto en teorías de antropólogas sociales como Rita Segato (2003) como por filósofas políticas como Judith Butler (1988 y 2006)

el **sistema sexo/género**<sup>2</sup> (Aguilar, 2008:12), que relaciona el género con la categoría sexo, entendida esta última, como las características biológicas entre los machos y hembras de la especie humana.

El sistema sexo/género entrelaza dichas categorías de análisis, dado que ambas se usan para adjudicar socioculturalmente roles y estatus opuestos entre hombres y mujeres. La mayoría de las sociedades alrededor del mundo adjudican a los hombres el rol y estatus de dominador superior, mientras que a las mujeres se les suele adjudicar los roles y estatus de dominadas inferiores, generando así un binarismo dicotómico altamente limitado y jerarquizado. Por lo que es necesario entender dicha dicotomía sexo/genérica como uno de los principales factores de violencia feminicida.

En cuanto a la **violencia contra las mujeres**, es definida como “cualquier acción o conducta, basada en su género, que cause muerte, daño o sufrimiento físico, sexual o psicológico a la mujer, tanto en el ámbito público como en el privado”, definición de la Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer mejor conocida como o Convención de Belem do Pará (OEA, 1994:1)

A través del análisis del sistema **sexo/género** y de la **violencia contra las mujeres**, en las muertes violentas de las mismas, se puede entender el concepto y la tipificación del **femicidio**, dado que este se fundamenta en las diferencias psico-socioculturales con que son concebidas las mujeres respecto a los hombres. Por otra parte, es necesario clarificar la diferencia entre homicidios dolosos y feminicidios, así como la evolución del concepto femicidio a feminicidio.

El concepto femicidio, es una adaptación del termino en ingles *femicide*, el cual se puede rastrear hasta el año 1801 cuando fue utilizado para diferenciar el asesinato de una mujer del asesinato de un hombre (Corry, 1801). En 1827 fue utilizado en las memorias de un asesino de mujeres en Glasgow para referirse al asesinato que había cometido (Macnish, W. 1827), pero no es hasta el año 1848, que aparece como un delito punible en Law Lexico de Wharton (Iribarne, 2016: 206)

---

<sup>2</sup> El sistema sexo/género es definido por primera vez por la antropóloga social Gayle Rubin en 1975 en “El tráfico de mujeres; notas sobre la economía del sexo”. (Rubin, 1986:95-145)

Durante el siglo XX, el concepto de femicidio fue desarrollado por las teorías feministas, que concebían la misoginia como principal causa del asesinato de mujeres (Russell, 2006: 75). Dicha acepción, fue utilizada por primera vez en 1976 por la socióloga y politóloga Diana Russell al testificar ante el Tribunal Internacional sobre Crímenes contra las Mujeres en Bruselas, pero no fue sino hasta 1990 que Jane Caputi, desde los estudios de género, conceptualizó el término y lo definió como: “el asesinato de mujeres por hombres motivados por el odio, desprecio, placer o sentido de posesión hacia las mujeres” (Russell y Caputi, 1990: 104).

El auge del término femicidio en la acepción que Russell le otorga, se utiliza para tipificar la masacre ejecutada por Marc Lépine en Montreal el 6 de Diciembre de 1989. Lépine protagonizó un asesinato múltiple dirigido específicamente contra mujeres universitarias, movilizadas por el odio a las feministas. Días después, en la Universidad de Ontario, aparece la inscripción “mata a las brujas feministas”, acontecimientos que validaron el término femicidio y lo posicionaron a partir de entonces (Russell, 1992: 15)

Para Diana Russell, el femicidio no es otra cosa más que el punto final de un continuum de terror contra las mujeres que incluye violencia verbal, física, sexual y explotación. Lo define como “la forma más extrema de terrorismo sexista, motivada por odio, desprecio, placer o sentimiento de propiedad sobre las mujeres, cometida por sus propios maridos, novios, padres, conocidos y desconocidos, quienes tienen en común una arraigada misoginia” (Diana Russell 1998: 13).

Es decir, el objetivo político de la conceptualización de femicidio, es poner de manifiesto el sustrato sexista y misógino de dichos crímenes, que suelen quedar ocultos cuando se utilizan términos neutrales como asesinatos u homicidio. Cabe aclarar, que el término femicidio, siguió siendo desarrollado teóricamente por Caputi y Russell, expandiéndolo a toda conducta que tenga como resultado la muerte de una mujer por acciones u omisiones misóginas, como por ejemplo la muerte materna por maternidad forzada, por prohibir el acceso a anticonceptivos o al aborto, o muertes por cirugías plásticas a las cuales las mujeres se someten para arribar a los estereotipos de belleza impuestos para las mujeres (Caputi y Russell, 1992: 15)

En 2001, Russell redefine el femicidio como “el asesinato de mujeres por hombres, por ser mujeres” (Russell, 2001: 76), no sólo

hace referencia a asesinatos por misoginia (odio a las mujeres) sino también por sexismo, es decir, asesinatos de hombres contra mujeres por sentir que tienen derecho o superioridad sobre ellas, motivados por placer, deseos sádicos o por entenderlas como propiedad (Russell, 2006: 77 y 78). Sigue reconociendo como femicidio encubierto, prácticas institucionales y sociales que puedan tener como resultado la muerte de las mujeres (Russell, 2006: 85).

Sin embargo, en México, la antropóloga social Marcela Lagarde y de los Ríos, retomando el concepto femicidio, acuñó el concepto **feminicidio**, que se diferencia principalmente por reconocer la violencia sistémica y la impunidad que se relacionan directamente con los asesinatos de mujeres por el simple hecho de ser mujeres. (Asamblea General 2006, A/61/122/Add.1, párr.84). De acuerdo a Lagarde, la agresión, el castigo o la venganza dañina son derechos de facto ejercidos sobre las mujeres por parte de los hombres, a quienes la sociedad y el Estado permiten, tanto para legitimar el sistema sexo/género, como para castigar a quienes rompen con el mismo. (Lagarde, 2004: 3)

Es importante puntualizar que además, en el caso específico de Latinoamérica, el vocablo feminicidio, busca poner de manifiesto las responsabilidades directas o indirectas de los actos u omisiones de los Estados ante dicha problemática (Toledo Vásquez Patsilí, 2009: 13)

“En castellano femicidio es una voz homóloga a homicidio y sólo significa homicidio de mujeres. Por eso, para diferenciarlo, preferí la voz feminicidio y denominar así al conjunto de violaciones a los derechos humanos de las mujeres que contienen los crímenes y las desapariciones de mujeres y que, éstos fuesen identificados como crímenes de lesa humanidad” (Lagarde, 2008: 216).

La importancia del término feminicidio, radica en que visibiliza el contexto cultural e institucional en el que las muertes violentas de mujeres se ejecutan, pone de manifiesto los diferentes tipos y modalidades de violencia que sufren específicamente las mujeres por el hecho de ser concebidas como tal, siendo la violencia feminicida la más grave de todas ellas.

“Identifico algo más que contribuye a que crímenes de este tipo se extiendan en el tiempo: es la inexistencia del Estado de derecho, en el cual se reproducen la violencia sin límite y los asesinatos sin castigo. Por eso, para diferenciar los términos, preferí la voz feminicidio para denominar así el conjunto de delitos de

lesa humanidad que contienen los crímenes, los secuestros y las desapariciones de niñas y mujeres en un cuadro de colapso institucional. Se trata de una fractura del estado de derecho que favorece la impunidad. El feminicidio es un crimen de Estado” (Lagarde, 2006: 20).

Posteriormente en 2006, la socióloga mexicana Julia Monárrez creó una tipología del feminicidio, distinguiendo entre;

- Feminicidio íntimo abarca todos los asesinatos de mujeres por algún miembro de su familia, los cuales subdivide en infantil y familiar de acuerdo a la edad de la víctima. A diferencia de Russell, la tipología de Monárrez, no especifica que la persona que cometa el feminicidio deba ser hombre. (Monárrez, 2006: 363)
- Feminicidio por actividades estigmatizadas son aquellos asesinatos de mujeres por dedicarse a actividades consideradas no propias de las mujeres o de mujeres malas, tales como prostitución, meseras en bares, bailarinas en centros nocturnos, etc. dotando a la persona asesina de permiso social para matarlas.
- Feminicidio sexual donde “los asesinos son motivados por impulsos sexuales sádicos y la víctima se convierte en un objeto sexual para los victimarios” en el cual pueden presentarse previamente formas de violencia contra las mujeres tales como secuestro, violación, tortura y mutilación (Monárrez, 2006: 375)

En términos jurídicos, la existencia de tipos penales específicos como el de feminicidio se justifica en la construcción de la *igualdad sustantiva*. En cuanto a cuestiones prácticas y de políticas públicas, la tipificación del feminicidio permite registrar información que puede ayudar a prevenir muertes violentas, y obliga a su vez a desnaturalizarlas. (Iribarne, 2006: 219)

México fue el primer país en el mundo en proponer la tipificación del feminicidio en 2004, sin embargo no se logró<sup>3</sup> ya que, la

---

<sup>3</sup> El primer país fue Costa Rica en 2007 a través de la ley Ley para la Penalización de la Violencia Contra las Mujeres. Guatemala en 2008 en la Ley Contra el Femicidio y Otras Formas de Violencia Contra la Mujer. En 2010 el Salvador

exigencia de tipificar este delito, respondía a complejidades sociales vinculadas a las constantes desapariciones y asesinatos de niñas y mujeres en Ciudad Juárez, Chihuahua, víctimas a las que el propio Estado tendía a culpabilizar públicamente, propiciando impunidad (Monárrez, 2006).

A pesar de las presiones de organismos internacionales<sup>4</sup> para tipificarlo desde 2006, apenas en 2007 en la Ley General de Acceso a una Vida Libre de Violencia para las Mujeres (LGAMVLV) se menciona la “violencia feminicida”<sup>5</sup> pero sigue sin tipificarse el feminicidio como delito. Una característica relevante de dicha ley es la elaboración de un mecanismo descrito en el artículo 25, para enfrentar y erradicar la violencia feminicida en un territorio determinado, denominada Alerta de Violencia de Género contra las Mujeres (AVGM), la cual obliga a las entidades federativas en donde se reconozca un gran número de casos de violencia feminicida, la implementación de protocolos de investigación sobre feminicidios, y programas para prevenir la violencia feminicida. La declaratoria de la AVGM, corresponde al gobierno federal, mismo que debe ser debidamente solicitada por sociedad civil acompañada de pruebas que demuestren la gravedad de la violencia feminicida.

---

en la Ley Especial Integral para una vida Libre de Violencia para las Mujeres. En 2010 en Chile que lo incorporó en su Código Penal como delito, en 2011 Perú lo incorporaría a su Código Penal, en 2012 Nicaragua a través de la Ley Integral contra la Violencia hacia las Mujeres (Garita, 2013: 48).

<sup>4</sup> En Agosto de 2006 el Comité para la Eliminación de Todas las Formas de Discriminación contra la Mujer (CEDAW) emitió observaciones tras su visita a México, entre las cuales instó al Estado mexicano a aprobar “la enmienda del Código Penal para tipificar el feminicidio como delito” (CEDAW/c/mex/co/6, párr.15.) En Diciembre de 2007 de nuevo se recomendó al Estado mexicano “estudiar a profundidad la conveniencia de tipificar el feminicidio” (OACNU, 2007, pág.44.) por último el Comité de Derechos Humanos recomendó al Estado mexicano la tipificación del delito de feminicidio en 2010, posterior a la sentencia de Campo Algodonero, (Toledo, 2013, pág. 19).

<sup>5</sup> LGAMVLV publicada en el diario oficial el 1 de febrero de 2007: Artículo 21. Violencia Feminicida: Es la forma extrema de violencia de género contra las mujeres, producto de la violación de sus derechos humanos, en los ámbitos público y privado, conformada por el conjunto de conductas misóginas que pueden conllevar impunidad social y del Estado y puede culminar en homicidio y otras formas de muerte violenta de mujeres.

A pesar de que la LGAMVLV comenzó a operar en el 2007, no fue hasta el año 2010 que Guerrero la implementa, convirtiéndose en el primer Estado de la República Mexicana en tipificar el delito de feminicidio en su Código Penal. Ésta entró en vigor en diciembre de 2010 y estipula que feminicidio es el delito que, por razones de género, prive de la vida a una mujer. Existen razones de género cuando ocurra cualquiera de los supuestos siguientes:

I. La víctima presente señales de violencia sexual de cualquier tipo; II. A la víctima se le hayan ocasionado lesiones o mutilaciones denigrantes o degradantes, previas o posteriores a la privación de la vida, así como actos de necrofilia; III. Existan antecedentes o datos de cualquier tipo de violencia, cometido en el ámbito familiar, laboral o escolar, cometido por el sujeto activo en contra de la víctima; IV. Existan datos o referencias que establezcan que hubo amenazas relacionadas con el hecho delictuoso, acoso o lesiones del sujeto activo en contra de la víctima; V. Haya existido entre el sujeto activo y la víctima una relación de familia, sentimental, afectiva o de confianza; VI. El cuerpo de la víctima sea expuesto, arrojado o exhibido en un lugar público, con el objeto de denigrarla, debido a su calidad de mujer; VII. La víctima haya sido incomunicada, cualquiera que sea el tiempo, previo a la privación de la vida.<sup>6</sup>

Es importante recalcar que la falta de criterios unificados respecto a la tipificación de feminicidio ha permitido por la vía de los hechos que los Estados, incluido el estado de Guerrero, no registren ni investiguen las muertes violentas de mujeres como feminicidios, a pesar de que El Modelo de Protocolo Latinoamericano de Investigación de las Muertes Violentas de Mujeres por Razones de Género (feminicidio/femicidio) lo aconseja desde 2014 (ONU Mujeres, 2014: 6)

En cuanto a los estudios sobre violencia feminicida en Guerrero, estos iniciaron en 2006 con el Estudio “Violencia Feminicida en Guerrero” elaborado para la LIX Legislatura de la Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión a cargo de la Comisión Especial para Conocer y dar Seguimiento a las Investigaciones Relacionadas con los Feminicidios en la República Mexicana y a la Procuración de Justicia Vinculada, dirigido por la coordinadora del Observa-

---

<sup>6</sup> Posteriormente fue tipificado en el Código Penal Federal en Abril de 2012 en el título Decimonoveno denominado Delitos contra la vida y la integridad corporal Capítulo V. Feminicidio (Reformada su denominación, D.O.F. 14 de junio de 2012)

torio de Violencia Contra Mujeres Hannah Arendt (OVICOM), dicho estudio pone al Estado de Guerrero en los primeros lugares de violencia extrema contra las mujeres (Cámara de disputados de la LIX legislatura, 2006)

Anteriormente, el Instituto Nacional de Geografía y Estadística (INEGI) había registrado de enero de 1994 a diciembre de 2004, 318 asesinatos violentos de mujeres, posteriormente se continúan los estudios de manera autogestivo por parte del OVICOM, que registró de enero de 2005 a diciembre de 2015, 1449 asesinatos violentos de mujeres, visibilizando un incremento del 400% de muertes violentas de mujeres sólo en 10 años, dicho estudio reporta también, una variante a partir del 2005, mientras que los asesinatos violentos de mujeres de 2004 y años anteriores eran perpetrados por familiares y conocidos en su mayoría, a partir de 2005 aumentó significativamente el número de cadáveres de mujeres abandonados en vía pública (Informe de homicidios violentos de mujeres, 2005-2015, OVICOM).

A pesar de que en 2014 El Modelo de Protocolo Latinoamericano de Investigación de las Muertes Violentas de Mujeres por Razones de Género (Feminicidio/femicidio) aconsejó “Aplicar las directrices del Modelo de Protocolo de manera sistemática frente a todos los casos de muertes violentas de mujeres, puesto que detrás de cada muerte puede existir un femicidio, aunque al inicio no haya sospecha de criminalidad” (ONU Mujeres, 2014: 6), hasta Junio de 2020 en Guerrero, siguen sin investigarse todas las muertes violentas de mujeres con dicho modelo de protocolo, a pesar de que el 21 de Junio de 2017 se declaró oficialmente la primera declaratoria de Alerta de Violencia de Género en 8<sup>7</sup> municipios del estado y que en junio de 2020 la Comisión Nacional para Prevenir y Erradicar la Violencia contra las Mujeres (CNAVIM) declaró en Guerrero la segunda AVGM por agravio comparado, después del haber realizado el diagnóstico para determinar si las acciones del gobierno de Guerrero fueron efectivas en el combate a la violencia feminicida, tras la primera declaratoria de AVGM.

Las omisiones por parte del gobierno del Estado de Guerrero para disminuir la violencia feminicida en la entidad, pasan por re-

---

<sup>7</sup> Acapulco, Ayutla de los Libres, Chilpancingo, Coyuca de Catalán, Iguala, Zihuatanejo, Ometepe y Tlapa.

sistirse a registrar, investigar y sancionar feminicidios en la entidad, más grave aún, es la reiterada revictimización por parte de la fiscalía de Guerrero, quienes insisten en filtrar información sobre la vida privada de las víctimas en lugar de centrar su investigación en el probable feminicida, incluso han usado públicamente el concepto jurídicamente inexistente de “crimen pasional”, para referirse a los feminicidios, lo que estigmatiza y responsabiliza a las víctimas, al mismo tiempo que justifica socialmente la conducta del agresor, dicha actitud hace aún más grave la crisis de impunidad que vive el estado, vulnerando el acceso a la justicia y garantías de derechos humanos a más del 51.9%<sup>8</sup> de la población guerrerense, las mujeres.

Cabe destacar, que a pesar de que Guerrero se presenta como un Estado pionero en legislar a favor de los derechos de las mujeres, siendo el primer Estado en México en tener una Secretaría de la Mujer, sigue estando entre los primeros estados con mayor violencia feminicida, al mismo tiempo las investigaciones sobre violencia feminicida en Guerrero no han sido realizadas por instituciones gubernamentales del estado, sino, han estado a cargo de la cámara de diputados federal y se le ha dado continuidad desde la academia con recursos propios de las investigadoras, estudios que en más de una ocasión han registrado un mayor número de muertes violentas de mujeres, que los reportados oficialmente por la fiscalía del Estado.

A diferencia de otras entidades federativas en donde las instituciones gubernamentales tienen una fuerte vinculación con organizaciones de la sociedad civil y académicas, a través de convenios de colaboración efectivos para avanzar en el diagnóstico de la violencia feminicida, en Guerrero no sólo existe una notable desvinculación, sino una reiterada confrontación de cifras oficiales con las reportadas desde los observatorios de violencia.

Otro punto de reflexión son las declaratorias de Alerta de Violencia de Género contra Mujeres en Guerrero, y la resistencia por parte de las autoridades a reconocer el problema, una de las principales críticas al diseño de la AVGM, es precisamente que la solicitud tiene que venir desde sociedad civil, quienes tienen que comprobar un número significativo de muertes violentas de mujeres, estudio que tiene que ser gestionado por la propia sociedad civil y no por

---

<sup>8</sup> Mujeres y Hombres en México INMUJERES 2018

el gobierno, quien posee la obligación y los recursos para realizarlo, pero quien reiteradamente se niega a reconocer feminicidios.

Reconocer la existencia de violencia feminicida y feminicidios en el Estado e Guerrero, si bien pueden tener un costo electoral, puede disminuir los feminicidios y mejorar la calidad de vida de más del 51.9% de su población al eliminar los riesgos de ser asesinadas. La importancia de que la clase gobernante entienda que estos instrumentos contribuyen sustancialmente a proteger la vida de sus ciudadanas y familias en general, proporciona beneficios a toda la sociedad guerrerense.

El resistirse a investigar todas las muertes violentas de mujeres como feminicidios, incrementa la crisis de impunidad al negarles el derecho de investigar sus muertes con el tipo penal género-específico que garantiza igualdad sustantiva e igualdad en acceso a la justicia, al mismo tiempo, al omitir investigar como feminicidio desde el inicio, se protege a los probables feminicidas, quienes al gozar de impunidad, pueden seguir asesinando, por lo que se demuestra tal y como lo plantea la antropóloga social Marcela Lagarde, en México, y específicamente en Guerrero, el papel del gobierno propicia el continuum de violencia contra las mujeres para legitimar el sistema sexo/género en donde las mujeres tienen que ser dominadas.

### *Referencias Bibliográficas*

- Aguilar García, Teresa, 1 de Septiembre de 2008, El sistema sexo-género en los movimientos feministas, *Amnis* [En línea], 8 | 2008, Publicado el, consultado el 22 julio 2019. URL :<http://journals.openedition.org/amnis/537> ; DOI : 10.4000/amnis.537
- Butler, Judith, Diciembre 1988 “Performative Acts and Gender Constitution: An Essay on Phenomenology and Feminist Theory”. *Theatre Journal*, Vol. 40, No. 4, The Johns Hopkins University Press, pp. 519-531
- Butler Judith, 2004 Undoing Gender Publicado en inglés, por Routledge, Nueva York Traducción “Deshacer el Género” por Patricia Soley-Beltran en 2006 para editorial Paidós.
- 2006, Violencia feminicida en Guerrero, Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión, LIX Legislatura; Comisión Especial para Conocer y dar Seguimiento a las Investigaciones Relacionadas con los

Feminicidios en la República Mexicana y a la Procuración de Justicia Vinculada, México.

- Ojeda Rivera Rosa Icela, *Feminicidios, violencia de género en contra de las mujeres de Guerrero: Enero 2005 a Diciembre 2015*, Publicado por la Universidad Autónoma de Guerrero, México ISBN: 978-607-9440-34-3
- Ojeda Rivera Rosa Icela, 2017, *Guerrero: Violencia política, violencia feminicida y proceso de declaratoria de Alerta de Violencia de Género*, Primer Congreso sobre Violencias de Género contra las Mujeres organizado por la Universidad Autónoma de México.
- Corry, J. 1801, *A Satirical view of London at the commencement of the nineteenth century*, Kearsley, Edinburgh.
- Ellie Ragland-Sullivan. 1982. Jacques Lacan: Feminism and the Problem of Gender Identity. *Revista SubStance*, 11, págs.. 6-20.
- Iribarne, Macarena. Octubre 2015 – Marzo 2016. Feminicidio (en México). *Eunomía. Revista en Cultura de la Legalidad*, 9, págs. 205-223. ISSN 2253-6655
- Gayle Rubin. Noviembre de 1986. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía del sexo. *Revista Nueva antropología social*, 030, 95-145 traducción de «The traffic in women : notes on the political economy of sex », REITER, R. (ed.). *Toward and Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975, pp. 157-210.
- Lagarde y De los Ríos, 14 de abril de 2005, Por la vida y la libertad de las mujeres, 1er Informe Sustantivo de actividades, Comisión Especial para Conocer y dar seguimiento a las Investigaciones Relacionadas con los Feminicidios en la República Mexicana y a la Procuración de Justicia Vinculada. LIX Legislatura Cámara de Diputados H. Congreso de la Unión.
- Lagarde y De los Ríos, Marcela, 2004 *Por la vida y la libertad de las mujeres: Fin al feminicidio Día V- Juárez*. México en: Russell, d. E. H. Y Harmes R. A., *Feminicidio: una perspectiva global*, México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 15- 42.
- Lagarde y De los Ríos, Marcela, 2008, “Antropología, feminismo y política: violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres” en: Bullen M. y Diez Mintegui. C., *Retos teóricos y nuevas prácticas*, San Sebastián, Ankulegi Antropologia Elkarte, pp. 209-240
- Macnish, W. 1827, *The Confessions of an Unexecuted Femicide*, WR M’Phun, Glasgow.
- Mead, Margaret, 1935, *Sexo y temperamento en tres sociedades primitivas*, New York: William Morrow & Co. Traducción al español 1973 por Francesc Fironella, Editorial Laia, Barcelona, España. 320 págs.

- Mead, Margaret, 1949, *Male and Female: a Study of the Sexes in a Changing World*. New York: William Morrow & Co. 447
- Monárrez Fragoso, J. 2006, "Las diversas representaciones del feminicidio y los asesinatos de mujeres en Ciudad Juárez, 1993-2005". En: MONÁRREZ FRAGOSO J., *Sistema Socioeconómico y Geo referencial sobre la Violencia de Género en Ciudad Juárez. Análisis de la Violencia de Género en Ciudad Juárez, Chihuahua: propuestas para su prevención, Chihuahua, Colegio de la Frontera Norte y Comisión Especial para prevenir y erradicar la violencia contra las mujeres en Ciudad Juárez.*
- Ojeda Rivera, Rosa Icela, 2015. *Feminicidios: Violencia de Género en contra de las Mujeres de Guerrero Enero 2005 a Diciembre 2015*. México: Observatorio de Violencia Contra Mujeres Hannah Arendt.
- OEA. 1994. *Convención Interamericana para prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra la mujer, Convención de Belém do Pará [Versión Adobe Reader]*. Belem do Pará, Brasil
- Russell, Diana y Caputi, Jane Septiembre/Octubre 1990, "Femicide." *Crimes against women: proceedings of the international tribuna* págs.104-108
- Russell, Diana 1998, "Femicide" en *Una perspectiva Global*, págs.13-14.
- Russell, Diana 2006, "Definición de feminicidio y conceptos relacionados" (trad.: G. Vega Zaragoza). En: Russell, D. E. H. Y Harmes R. A., *Feminicidio: una perspectiva global*, México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 73- 96.
- Segato, Rita 2003. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los Derechos Humanos*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial. 264 páginas.
- Toledo Vásquez, Patsilí, 2009, *Feminicidio*, publicado por la Oficina en México del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos (OACNUDH) México D.F 161 págs.
- Verena, Stolke. Agosto 2004. *La mujer es puro cuento:\* la cultura del género*. *Revista Estudios Feministas*, 12, 77-105.

#### Fuentes electrónicas

- Oficina de ONU Mujeres. (2014). *Modelo de Protocolo Latinoamericano de Investigación de las Muertes Violentas de Mujeres por Razones de Género*. 22 Julio 2019, de Entidad de las Naciones Unidas para la Igualdad de Género y el Empoderamiento de las Mujeres Sitio web: [www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/WRGS/ProtocoloLatinoamericanoDeInvestigacion.pdf](http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/WRGS/ProtocoloLatinoamericanoDeInvestigacion.pdf)

# Mujeres privadas de libertad en el Uruguay: acceso a la justicia

*Graciela Porta Sicardi*

**Resumen:** El presente trabajo tiene como finalidad constituir un aporte sobre la situación de las mujeres privadas de libertad en el Uruguay y visibilizar cómo la injusticia social se ve reflejada cuando las mujeres ingresan a prisión. El enfoque será el de Derechos Humanos, en especial el de acceso a la justicia, y se sustentará en los documentos de organismos especializados, así como en la experiencia personal de la autora en la defensa de los derechos civiles de las mujeres mayores de edad privadas de su libertad, como docente de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República del Uruguay.

**Palabras clave:** sistema penitenciario, mujeres, acceso a la justicia

## *1. Introducción*

En las últimas dos décadas el Uruguay ha realizado esfuerzos destacables adaptando la legislación interna al conjunto de normas internacionales, convencionales y consuetudinarias, universales y regionales en materia de DDHH, entre ellas las leyes relativas a la protección de la niñez, de las mujeres y de las personas privadas de libertad<sup>1</sup>. Este esfuerzo legislativo, se ha visto reforzado por

---

<sup>1</sup> Entre otras: Ley sobre Violencia Doméstica, N°17.514 del 02/07/2002, publicada en el Diario Oficial el 09/07/2002; Código de la Niñez y de la Adolescencia, Ley N°17.823 del 07/09/2004, publicada en el Diario Oficial el 14/09/2004; Ley de Humanización y modernización del sistema carcelario, N°18.897 del 14/09/2005 publicada en el Diario Oficial el 19/09/2005; Ley De Violencia hacia las mujeres basada en género, N°19580 del 22/12/17, publicada en el Diario Oficial el 9/01/2018.

políticas públicas tendientes a la efectivización de esos derechos legislativamente consagrados, políticas que han sido desarrolladas por los diferentes poderes del estado. No obstante, el escenario actual en el tema derechos humanos en nuestro país está muy por debajo de los estándares internacionales, estamos lejos de lograr el objetivo ya que existe todavía una masa importante de la población en situación de exclusión (Porta: 2011: 5)

Tomando en cuenta lo expresado, el tema elegido para nuestro trabajo – población de mujeres adultas en situación de encierro – ha sido en función de la alta vulnerabilidad de ese colectivo y las dificultades que las mismas tienen para acceder a la justicia, produciéndose así una desigualdad en la concreción de sus derechos. Las políticas de género implementadas en nuestro país no han logrado vencer las barreras culturales que colocan al hombre en lugar de privilegio. Esta dura realidad se repite y acrecienta cuando hablamos de las mujeres privadas de libertad por decisión judicial. En general, en América Latina y en Europa, las tasas de delincuencia femenina y como consecuencia el encierro, se ubican entre el 5 y el 10% de la población carcelaria total. El delito y la cárcel han sido siempre “cuestiones de hombres”. Este estado de cosas ha perjudicado a las féminas de la población carcelaria. En principio, el escaso número respecto de la población total podría haber constituido un factor positivo, en tanto el gasto- inversión no habría significado para los estados una erogación muy importante. No obstante, el problema se ha invisibilizado totalmente y como consecuencia de ello no han existido políticas integrales para afrontarlo. De ahí que los lugares de encierro femeninos se han tornado en meros depósitos de seres humanos sin proyectos de vida, de largas y ociosas horas intramuros, cuando no lugares de verdaderos tratos crueles e inhumanos. Por otro lado, como el delito y la cárcel estuvieron reservados a los hombres, las respuestas estuvieron pensadas siempre desde el ámbito masculino y siguiendo modelos masculinos. También, desde la academia la mirada ha estado centrada casi siempre en la delincuencia de los varones.

En un proceso lento y trabajoso las mujeres han ido conquistando espacios en la sociedad y la situación de las mujeres recluidas en centros penitenciarios comienza a hacerse un poquito más visible. A partir de los movimientos feministas, los estudios de género, algunas leyes y políticas aparecen con más frecuencia en las agendas de los países latinoamericanos y en la academia. Los

trabajos que parten de miradas diferentes como la antropología, la sociología, la filosofía, el trabajo social, entre otros, suelen resaltar cómo las desigualdades sociales y la discriminación que vive la mujer en la sociedad se potencian en situación de encierro ya que el modelo normativo- social se reproduce en la cárcel.

No obstante estos movimientos, hay muy escasos aportes especializados sobre el acceso a la justicia de las mujeres privadas de libertad. Es necesario en forma urgente la implementación de políticas públicas integrales que abarquen el quehacer de los diferentes actores para remover todos los obstáculos que hasta ahora se presentan en el acceso a la justicia.

Por último, y como cierre de esta introducción señalamos en las últimas décadas el trabajo desarrollado por organismos especializados en el tema, tanto públicos como privados.

En efecto, en el año 2003 se creó la figura del Comisionado Parlamentario<sup>2</sup> cuyo cometido principal es asesorar al Poder Legislativo de la nación sobre el cumplimiento de la normativa constitucional, legal o reglamentaria vigente y de los convenios internacionales ratificados por la República, referidos a la situación de personas privadas de libertad en virtud de proceso judicial y supervisar la actividad de los organismos encargados de la administración de los establecimientos carcelarios y de reinserción social del recluso o liberado. Los exhaustivos informes anuales producidos por el Comisionado, así como la calidad de la información en ellos contenida constituyeron insumos muy importantes para el análisis.

También en el año 2003, y dentro del marco de la extensión universitaria, docentes y estudiantes de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República, asumimos la defensa de los derechos civiles de las mujeres privadas de libertad<sup>3</sup>. Esta experiencia que

---

<sup>2</sup> La figura del Comisionado parlamentario se crea por Ley N°17.684 del 29/08/2003, publicada en el Diario Oficial el 18/09/2003. El primer Comisionado fue designado en el año 2005.

<sup>3</sup> El asesoramiento y la defensa en juicio son parte de la enseñanza-aprendizaje de los estudiantes del Consultorio Jurídico de la Facultad de Derecho. Se trata de una unidad curricular obligatoria dentro de la carrera de Abogacía de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República y último año de práctica profesional. El proyecto comienza en el año 1998 bajo la Dirección de Consultorio del Dr. Jorge

comenzamos con otros docentes nos permitió tener una vivencia directa de las principales preocupaciones que aquejan a la población carcelaria femenina a través de los relatos personales, de las causas judiciales promovidas, así como de las gestiones extrajudiciales realizadas y es, hasta la fecha, un aporte muy acotado de acceso a la justicia de mujeres privadas de libertad en Montevideo. En el año 2011, se comenzó una experiencia interdisciplinaria con la Facultad de Psicología, que ya estaba trabajando con otro proyecto en el establecimiento.

En el año 2006 se formó la “Mesa de mujeres privadas de libertad”<sup>4</sup> cuyo principal objetivo fue el de realizar un estudio sobre las condiciones de las mujeres privadas de libertad con el propósito de determinar el cumplimiento de la normativa nacional e internacional en la materia, en particular la observancia de los derechos humanos. Y, un año después, a principio de 2007 se crea la Comisión de Apoyo a la Educación en Cárceles con el fin de analizar las políticas y las prácticas educativas en contextos de encierro, a la luz de los principios establecidos por Unesco de “educación para todos y para toda la vida”

Por último, en el año 2008 se crea la Institución Nacional de Derechos Humanos<sup>5</sup>. Esta Institución tiene amplísimas competencias en materia de defensa, promoción y protección de los Derechos Humanos y está facultada para el cumplimiento de sus fines a concurrir a realizar inspecciones en diferentes lugares e ingresar, sin previo aviso a cualquier lugar de detención.

---

Luis Elizalde, y se institucionaliza con la concurrencia a los establecimientos de detención en el año 2003.

<sup>4</sup> integrada por el Comisionado parlamentario y por representantes del Ministerio del Interior y de Salud Pública, Consejo de Educación Secundaria, Patronato Nacional de Encarcelados y liberados, Servicio de Paz y Justicia, Instituto Nacional de la Mujer y la ONG Anima, Universidad de la República, entre otros. Constituyó un esfuerzo colectivo de organismos del estado y de organizaciones privadas de defensa de los derechos humanos, en tratar de aportar un diagnóstico y proyectar soluciones.

<sup>5</sup> La Institución Nacional de Derechos Humanos se crea por Ley N°18.446 del 24/12/2008, publicada en el Diario Oficial el 27/01/2009, pero inicia sus funciones recién en junio de 2012.

## *2. De las prácticas del castigo en Uruguay: breve reseña sobre la situación de las mujeres privadas de libertad*

Luego de la etapa colonial, signada por las instituciones reales españolas en estos territorios y consolidada la independencia, no fueron pocos los problemas que se plantearon a nivel de la justicia en el novel estado. A partir de la primera Constitución de nuestro país de 1830, el liberalismo político marcó el rumbo no siempre alcanzado- del modelo al que aspirar (González: 2011, p. 22). Luego de un periodo intermedio que ubicamos entre la primera Constitución –1830- hasta la promulgación del primer código- el Comercial de 1865- en que se siguió aplicando la legislación española, profusa, desordenada y caótica, era necesario “poner orden”. Los códigos vienen a cumplir ese designio. El modelo constitucional liberal se vio reforzado por la promulgación de los Códigos de fines del siglo XIX, entre los que encontramos el primer Código de Instrucción Criminal de 1879<sup>6</sup> y el primer Código Penal de la República de 1889<sup>7</sup>. De esta forma se construye el andamiaje que llevará a un sistema penal de reproche social frente al delito donde el encierro se muestra como única respuesta estatal para disciplinar a todos aquellos que subviertan el orden establecido, excepción hecha de la pena de muerte que fue derogada por ley en todo el territorio nacional en el 23 de setiembre de 1907. Los encargados de interpretar y aplicar esas normas fueron los integrantes de un sistema judicial, también incipiente en el nuevo estado. Pero para cumplir con

---

<sup>6</sup> Primer código relativo al procedimiento en materia criminal, promulgado el 1° de mayo de 1878 y rigió hasta la promulgación del Código de Procedimiento Penal que entró en vigor el 1° de enero de 1981. El 19 de diciembre de 2014 se promulgó un nuevo código del proceso penal por ley N°19 293, publicada en el Diario Oficial 9 de enero de 2015, que entró en vigor el 1° de noviembre de 2017, que consagra un sistema acusatorio y con algunas normas que refieren a garantías para las y los reclusos.

<sup>7</sup> La ley que crea el este código se sanciona el 18 de enero de 1889 prorrogándose su vigencia a julio del mismo año y va a regir hasta el 1° de agosto de 1934, en que entra en vigor un nuevo Código Penal que no ha sido derogado.

este objetivo era necesario crear otro andamiaje, esencialmente ligado a los primeros: el sistema carcelario. Al igual que las normas penales, el sistema carcelario o penitenciario uruguayo estuvo constituido por los recintos de reclusión de origen hispano hasta la inauguración de los primeros establecimientos carcelarios de la República (Grezzi:1995:19). La primera cárcel femenina construida en el Uruguay, más precisamente en Montevideo, fue la conocida como “Cárcel de Cabildo”. Previo a ese destino las mujeres se encontraban reclusas en los sótanos de la cárcel para hombres conocida como “Cárcel de Miguelete”. El 12 de noviembre de 1898 comienza a funcionar “Cabildo” bajo la dirección de las monjas de la Congregación del Buen Pastor hasta 1989 en que pasa a depender de la Dirección Nacional de Cárcels bajo la denominación de “Establecimiento Correccional y de Detención para Mujeres”. En él estarán las mujeres reclusas de Montevideo por más de una centuria.

Conforme al informe del Comisionado Parlamentario<sup>8</sup> la densidad del sistema carcelario en 2009 ascendía a 138%, siendo Cabildo uno de los lugares de mayor densidad, por encima del guarismo considerado crítico (120%). El crecimiento de la población carcelaria femenina se encontraba en el orden del 15% en el primer semestre de 2009, siendo mayor al crecimiento de la población masculina que estuvo en el orden del 8,5%. El total de la población femenina en ese año fue del 7.2 %, en tanto que en el 2006 ascendía al 5.6% de la población total en situación de encierro, denotando un crecimiento importante, en número y en porcentaje respecto de la población masculina.

El resto de la población carcelaria femenina se encontraba reclusa en los diferentes establecimientos distribuidos en el interior de la República que dependían de las Jefaturas de la Policía Departamentales y que no estaban bajo la órbita de la Dirección de Cárcels como sí lo estaba Cabildo <sup>9</sup>En el 2009

---

<sup>8</sup> Los informes anuales de los Comisionados se encuentran publicados en la página WEB del parlamento uruguayo: <https://parlamento.gub.uy/>

<sup>9</sup> El Uruguay es un país pequeño en territorio y población, que se encuentra dividido administrativamente en 19 departamentos. Su capital Montevideo, se encuentra en el departamento del mismo nombre, concentrándose en ella la mayoría de la población.

se producen algunos cambios en el sistema carcelario femenino de Montevideo. Para comprender los mismos, corresponde remontarse al año 2002 y hacer una breve referencia a un proyecto creado en ese año para atender la situación de pregreso de aproximadamente 100 jóvenes varones (de 18 a 34 años): el Centro Nacional de Rehabilitación (CNR), ubicado en las instalaciones de lo que en algún momento fue un Hospital Siquiátrico que llevaba el nombre de “Musto”, en un barrio bastante alejado, a 14 km del centro de la capital (Colón), que duró poco tiempo para el destino primigenio propuesto que era el de pacientes de corta estadía transformándose rápidamente en un nuevo hospital asilar (Casarotti:2000: 270). Cerrado como tal en 1996, fue utilizado como establecimiento penitenciario “sin rejas” para este colectivo de varones. La experiencia, aunque muy buena, o quizá precisamente por ello, no prosperó. El proyecto se fue debilitando por diversos factores, entre otros, por ausencia de recursos y de liderazgos que lo potenciaran.

Como consecuencia de la situación de hacinamiento de la Cárcel de Cabildo, la vetustez del edificio- cuyo peligro de derrumbe ya había sido denunciado-, el fracaso del proyecto del Centro Nacional de Rehabilitación anteriormente descrito, las autoridades del momento decidieron transformar las instalaciones que habían servido de base edilicia para el CNR como cárcel femenina. En principio, en el año 2009 se proyectó el traslado de parte de las reclusas que se concretó en el 2010. Con el cambio parecía dejarse atrás el hacinamiento de Cabildo, pero el nuevo lugar, construido para hospital siquiátrico y adaptado luego para lugar de reclusión de varones estaba lejos de los estándares considerados mínimos para la reclusión femenina. Desde el punto de vista de la ubicación dentro de la capital, al estar lejos del centro y con muy escaso transporte público de llegada al lugar restringió- por la vía de los hechos- la posibilidad de las visitas a las reclusas. En el año 2011 se produce el traslado total y definitivo de todas las reclusas, debiendo cumplir los varones el final de su condena en el edificio de Cabildo.

En el 2009, el informe del Comisionado daba cuenta de que había 607 mujeres reclusas, 32 niños conviviendo con sus madres (15 en cárceles departamentales y 17 en dependencias de la Dirección Nacional de Cárceles). Así mismo, el abuso de las

prisiones preventivas siempre fue una constante. En el mismo informe 2009, se señala “si no se rectifica la política criminal (en especial el empleo abusivo de la prisión preventiva) y no se concretan nuevas ampliaciones el 2011 y 2012, el país enfrentará problemas carcelarios de entidad.

En el comienzo del segundo semestre del 2016, el Comisionado realiza un informe respecto del Sector 5 del Centro Metropolitano Femenino N°5 (Colón), donde daba cuenta de la situación que se vivía en ese sector. En el mismo se encontraban y se encuentran las reclusas sancionadas, con aquellas que presentan algunas dificultades de convivencia y las recién ingresadas. En cuanto a la sanción el informe señalaba que está dada por el aislamiento, se acotan las visitas, no existe actividad de ningún tipo y las reclusas salen a un patio cerrado, por períodos cortos, la mayoría de las veces esposadas y con grilletes. La situación edilicia donde deben cumplir dicha sanción también es descrita en el informe: celdas en pésimas condiciones (muchas sin luz, mal saneamiento), sin agua caliente, con humedad y sin vidrios; los baños no tienen inodoros o no tienen cisternas, tampoco duchas, ni se cuenta con los elementos necesarios de higiene personal y del lugar. El horario de alimentación se encuentra desfasado ya que se entrega la cena a las 5 de la tarde y hasta cerca del mediodía no se vuelven a entregar alimentos. No existe ningún tipo de recreación, información, no hay radio ni TV. Como consecuencia se señala también que los cuadros de angustia y depresión son frecuentes, muchas veces provocados por la limitación de las visitas y la preocupación por sus hijos.

En el 2019 y teniendo presente las palabras vertidas en el informe por el Comisionado, la situación general de las mujeres privadas de libertad

Como bien lo describe Fernández (Fernández:1989::108) la cárcel constituye

Un modelo de institución total que aparta al interno de la sociedad; le detrae de su ámbito de libertad, como es de esencia en cualquier práctica segregativa, obligándole a transcurrir un período de su existencia en un lugar cerrado, en un espacio socialmente clausurado, de administración formal y subrayada burocratización, cuya característica totalizadora se simboliza en

el bloqueo rígido del intercambio social, en la imposibilidad de egreso al mundo comunitario en la drástica reducción a la vida intramural.

La “reducción a la vida intramural” tiene consecuencias sin importar el género. Se suprime la libertad ambulatoria con esa imposibilidad de egreso al mundo comunitario como señala Fernández. Ahora bien, la supresión del derecho a la libertad ambulatoria no debería suponer idéntica supresión o limitación de otras libertades y derechos fundamentales de las personas, salvo aquéllos que son inherentes a la pena, tampoco debería tornarse un cúmulo de castigos y por último no debería.

En ese sentido Garcé (2017: 97) hace una enumeración de aquellos derechos que, para él, quedarían vigentes entre los que nombra

(1)Derecho a la vida; (2) a no ser víctima de desaparición forzada; (3) a permanecer en lugares de detención oficialmente reconocidos y controlados; (4) a no ser sometidos a torturas o tratos crueles, inhumanos o degradantes; (5) al respeto de la dignidad humana; (6) a la integridad y seguridad personal; (7) a la salud y buena alimentación; (8) a participar de los beneficios de la vida cultural; ; (9) al trabajo; (10) a no ser sometidos a trabajo forzoso u obligatorio; (11) a la presunción de inocencia y al debido proceso; (12) a la no discriminación; (13) a la libertad de conciencia; (14) a la comunicación con el exterior en las condiciones establecidas por la ley; (15) al voto, en los casos que la ciudadanía no se encuentre suspendida; (16) a la ayuda post-penitenciaria; (17) a formular peticiones; (18) a la reparación en caso de prisión indebida; (19) en forma residual todos los derechos inherentes a la personalidad humana o que deriven de la forma republicana de gobierno (art 72 de la Constitución) y que no estén expresamente enumerados en la Sección II de la misma.

Y agrega

Entre los derechos limitados, además de la libertad ambulatoria, la privación de libertad afecta, por vía de consecuencia, el derecho a la libre expresión del pensamiento, el derecho de reunión y de asociación.

Entendemos que por vía de consecuencia la privación de la libertad afecta o limita ampliamente la mayoría de los derechos, algunos en mayor medida que otros, “la subrayada burocratización”

y la aplicación o mala aplicación de las normas penitenciarias hacen que las personas pierdan todo su ámbito de privacidad, de intimidad, de autonomía, pasando a convivir con personas que no conocen, con horarios impuestos de higiene, horas de sueño, alimentación, recreación, contacto con sus seres queridos, etc. La atención de la salud y alimentación son totalmente deficitarias y las autoridades no garantizan la vida, seguridad e integridad física de las personas reclusas como deberían hacerlo todo lo cual surge detallado de los informes anuales de los Comisionados parlamentarios.

Esta situación resulta mucho más gravosa y agobiante para las mujeres, porque no sólo las detrae de su ámbito de libertad, sino que el “bloqueo rígido del intercambio social”, reducido a visitas semanales o quincenales toma características muy especiales dado que muchas veces se torna inexistente, ya por decisión personal porque viven con mucha culpa su situación y no desean que sus familiares, sobre todo sus hijos las vean así “ prefiero que no vengan a verme encerrada”, o por la culpabilización e incompreensión del núcleo familiar “ lo hubiese pensado antes...”, por la lejanía del lugar de reclusión, por la revisión a que se ven sometidas las visitas “ no llevé más a mi nieta por la situación que la hacen pasar antes de entrar”. No obstante, se sabe que los recursos familiares como sostén para las mujeres son totalmente necesarios. En el año 2009 se produce la visita al Uruguay del Relator Especial de la ONU sobre tortura y otros tratos o penas crueles, inhumanas o degradantes y realizó un informe lapidario sobre las cárceles de nuestro país, dejando una serie de recomendaciones. En mayo del 2010 el gobierno declara “situación de emergencia de las instituciones de las personas privadas de libertad”. En ese contexto, y con el apoyo de Naciones Unidas, se diseñó e implementó un proyecto “Apoyo a la reforma de las instituciones par las personas privadas que se desarrolló en los años 2010-2012. El proyecto tuvo como propósito profundizar el proceso de reforma del sistema penitenciario, con énfasis en la situación de segmentos específicos de las personas privadas de libertad, entre ellos las mujeres. En 2012, se produce una segunda visita del Relator Especial de la ONU sobre Tortura y otros tratos o penas crueles, inhumanos o degradantes con el fin de dar seguimiento a lo recomendado.

Dentro de sus recomendaciones especiales respecto a las mujeres subrayó que debía ser reforzada la asistencia a ellas y sus familias para lograr una mejor reinserción e implementarse políticas públicas, dado que observó con preocupación las pocas visitas que recibían. Es muy notoria la angustia que significa para las madres privadas de libertad saber de la situación de los hijos fuera del establecimiento, en lo que respecta a su cuidado personal y a la subsistencia y no poder mantener un vínculo más natural con los mismos.

En el 2010 se produce un cambio significativo en la vida de algunas de las mujeres en situación de cárcel: la implementación por parte de las autoridades del Proyecto “El Molino”. Se trató de una experiencia superadora, una adaptación física pero también programática en la capital del Uruguay para el tratamiento de mujeres con hijos privadas de libertad. Se trató de encontrar y de hecho se hizo un lugar pequeño que, por sus propias dimensiones, aun contando con la seguridad necesaria se pareciese lo menos posible a una cárcel y lo más posible a un hogar. Es así que el Ministerio del Interior decide el traslado de las madres a una vieja casona arrendada en un barrio de Montevideo, Paso Molino, donde las reclusas y sus hijos comenzaron, por primera vez en muchos años, a gozar de cierta comodidad y privacidad (en un dormitorio con baño había dos reclusas y sus pequeños) de libertad interna, de higiene y alimentación apropiadas. El traslado estuvo acompañado de un interesantísimo plan integral en el que intervinieron muchas instituciones públicas y privadas e incluso los vecinos, a pesar de que en principio muchos se habían opuesto al traslado. Este plan abarcó casi todos los aspectos necesarios de apoyo, pero con una finalidad común, lograr un régimen de autogestión de la población carcelaria femenina con hijos que las preparara para el reingreso en sociedad. Se respiraba en el lugar un aire de cierta “libertad”. Esta experiencia, que debió ser imitada y repetida por su éxito, tuvo su fin en el 2016 vulnerando absolutamente los derechos de los niños y las madres que allí se encontraban. El traslado a la cárcel de Colón se hizo sin que se produjese una preparación para ese cambio, y muy a pesar de los pedidos de técnico y vecinos que se opusieron tenazmente al mismo. De esta forma se perdían entre otras muchas cosas, el contacto con

el barrio y con las instituciones que en él funcionaban como sostén social y afectivo para mujeres y niños.

### *3. Acceso a la justicia*

Para que exista un estado de derecho, debe asegurarse a las personas, un Poder Judicial, libre, independiente, capacitado, organizado, eficiente y eficaz. No obstante, ello no tendría ninguna significación ni valor si la mujer o el hombre, por determinadas circunstancias, no tiene su día ante el Tribunal ya que, para la debida protección procesal de los derechos fundamentales hay un tema insoslayable como el acceso a la justicia. Se trata éste de un derecho fundamental dentro del elenco de los consagrados en normas internacionales y en la mayoría de los textos constitucionales de los países, que consiste, básicamente, en que toda persona pueda ser oída, en condiciones de igualdad, por un tribunal competente a efectos de hacer valer sus derechos tanto en aspectos penales, civiles o de otra índole y a contar con un recurso rápido, eficaz cuando vea vulnerados sus derechos fundamentales

En este sentido se pronuncian la Declaración Universal de los Derechos Humanos en sus artículos 8 y 10<sup>10</sup>; el Pacto de Derechos Civiles y Políticos en su artículo 14<sup>11</sup>; en el ámbito interamericano La Convención Americana o pacto de San José de Costa Rica en sus arts. 8 y 25 <sup>12</sup>; en Europa el Convenio Europeo de derechos humanos arts. 6.1 y 13<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Adoptada y proclamada por la Asamblea General de la Organización de Naciones Unidas el día 10 de diciembre de 1948

<sup>11</sup> Adoptado por la Asamblea General de Naciones Unidas el 16 de diciembre de 1966; entró en vigor el 13 de marzo de 1976, fue incorporada a la normativa uruguaya por ley N°13.751 del 11/07/1969, publicada en el Diario Oficial el 01/08/1969.

<sup>12</sup> Adoptada en la Conferencia Especializada Interamericana de Derechos Humanos el 22 de noviembre de 1969; entró en vigor el 18 de julio de 1978, fue incorporada a la normativa uruguaya por ley N°15.785 del 10 de marzo de 1985, publicada en el Diario Oficial el 22/03/1985

<sup>13</sup> Adoptada por el Consejo de Europa el 4 de noviembre de 1950; entró en vigor el 3 de setiembre de 1953

En el ámbito interno, la Constitución uruguaya no contiene un artículo que refiera a la efectiva tutela o protección jurisdiccional como otras constituciones, a vía de ejemplo la mejicana, la española, la brasilera, pero sí consagra en su artículo 30 que: “Todo habitante tiene derecho de petición para ante todas y cualesquiera autoridades de la República” y en su artículo 332, consagra de forma genérica que “Los preceptos de la presente Constitución que reconocen derechos a los individuos, así como los que atribuyen facultades e imponen deberes a las autoridades públicas, no dejarán de aplicarse por falta de la reglamentación respectiva, sino que ésta será suplida, recurriendo a los fundamentos de leyes análogas, a los principios generales de derecho y a las doctrinas generalmente admitidas”.

Desde el punto de vista del Poder Judicial el Uruguay cuenta con tribunales que forman parte de un Poder Judicial independiente, en número aceptable, aunque debemos de considerar que los mismos se encuentran muchas veces alejados del justiciable sumado al centralismo de las instancias superiores cuyos tribunales se encuentran en la capital. Así mismo, desde 1986 el país cuenta con la regulación jurídica del recurso de amparo, acción tendiente a dar una garantía inmediata y eficaz, al mantenimiento de los derechos o libertades reconocidos constitucionalmente o a su restitución (reparación inmediata), salvo en el caso de procedencia concreta del recurso de habeas corpus.

Sobre este último nos detendremos un poco en su análisis ya que ha tenido, como garantía de los derechos fundamentales una nueva forma establecida en el nuevo Código Procesal penal con inmediata repercusión en temas relativos al sistema penitenciario uruguayo.

En efecto, el Código en su art. 351 refiere en primer lugar al “habeas corpus” tal como lo conocemos en sus orígenes y consagrado en nuestra Constitución en su art. Referido a la prisión indebida, pero agrega “el habeas corpus correctivo” que procede para corregir las situaciones de personas privadas de libertad cuando no se cumplen con las normas que establecen estándares mínimos. Los casos estarían dados cuando existen “torturas u otros tratamientos crueles o cuando existan “condiciones de reclusión violatorias de la dignidad de la persona humana”.

Esta modalidad del Habeas Corpus resulta fundamental a la hora de la protección de las personas privadas de libertad, en tanto resulta una herramienta que se presenta como muy eficaz para corregir situaciones violatorias de sus derechos fundamentales.

#### *4. Las experiencias de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República*

Tal como se refirió en la introducción de este trabajo, el Consultorio Jurídico de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República ha sido pionero en brindar los servicios jurídicos de asesoramiento y patrocinio en juicio a mujeres privadas de libertad. El proyecto tuvo como objetivo brindar el acceso a la justicia de ese colectivo. Comenzado en las postrimerías del siglo pasado-1998- continúa hasta la fecha desarrollándose, hoy en el único lugar donde se encuentran recluidas todas las mujeres en el Departamento de Montevideo.

Para fundamentar el mismo, se partió de la base de que existían otros obstáculos para el acceso a la justicia además del que el Consultorio consideraba hasta ese momento como esencial para la atención de los usuarios que era la falta de recursos económicos. A partir de los estudios coordinados por Mauro Cappelletti en 1970<sup>14</sup>, se abrió un panorama diferente respecto de los obstáculos que impedían el acceso a la justicia, estableciéndose nuevos aspectos no sólo jurídicos sino políticos, sociales, culturales, psicológicos. Reconociendo estas dificultades, se partió de la necesidad de acercar el servicio a la población femenina privada de libertad. Se consideraron sus desventajas, ser mujer, ser pobres en la mayoría, tener bajo nivel cultural y sobre todo estar privadas de un bien tan valioso como la libertad. Sabíamos que la defensa penal estaba cubierta pero que no había información y defensa de los temas civiles.

Muy lentamente la tarea de docentes y estudiantes del Consultorio Jurídico se fue afianzando hasta que en el 2003 se decidió la concurrencia semanal a la entonces cárcel de Cabildo. Se atendían unas 20 personas por mañana. De la experiencia recogida en tantos años, de la que participé en forma personal con el equipo de docentes, y de los datos que pudimos sistematizar en cinco años del 2006 al 2010<sup>15</sup> podemos extraer ciertas conclusiones. En

---

<sup>14</sup> Los resultados de la investigación fueron publicados en varios idiomas ver “El acceso a la justicia: la tendencia en el movimiento mundial para hacer efectivos los derechos. Fondo de Cultura Económica. México. 1996

<sup>15</sup> Los datos se encuentran publicados en “Colectivos en situación de vulnerabilidad y acceso a la justicia. Una experiencia multidisciplinaria” OEA-UDELAR- 2011

primer lugar, la mayoría de los temas tratados refirieron y tengo información que aún refieren al derecho de familia, y entre ellos la mayoría también a la situación de los hijos menores de edad. En el período que nos tocó actuar tuvimos muchas oportunidades, sobre todo en los acuerdos o convenios, de tratar con familiares de las personas reclusas reconstruyendo muchas de esas veces vínculos que se habían roto por la situación. Logramos visitas de los hijos que se encontraban a cargo de hermanas, abuelas, padres, en todo momento teniendo en cuenta el interés superior de los niños. Se logró la efectivización de muchos derechos fundamentales más allá del derecho del niño a mantener vínculos con su madre, el derecho a la identificación de las personas (reconocimientos, rectificaciones de partidas, tanto de las reclusas como el de sus hijos), el sustento económico de muchos niños, el estado civil de las personas.

Resultó también importante en esta experiencia los talleres de discusión sobre temas de derecho realizados con las internas, así como también con el personal técnico y no técnico de los establecimientos.

Se puede estimar la experiencia como exitosa si consideramos su permanencia en el tiempo y los resultados obtenidos. Aún queda mucho camino por andar, pero al “andar se hace camino”, como nos enseñó Machado.

Hace relativamente poco, el Consultorio intervino en un “habeas corpus correctivo” y logró una sentencia favorable pero el mismo estuvo dirigido a la situación de varones privados de libertad, aun cuando ello no deja de ser un antecedente interesante a tomar en cuenta para el futuro.<sup>16</sup>

## *5. A modo de conclusión*

Los derechos fundamentales de las personas han sido reconocidos por el Estado uruguayo en su legislación, tanto las normas constitucionales como las de los tratados internacionales incorporados a ella. El sistema judicial y los procesos

---

<sup>16</sup>El recurso fue presentado por la cátedra del Litigio Estratégico de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República.

correspondientes para hacer valer los derechos existen, pero el Estado aún no ha movilizad los obstáculos para el acceso a la justicia de todas las personas para que ellas puedan estar en situación de igualdad. Resulta necesario que las mujeres logremos la promoción de cambios legislativos, de políticas públicas y de mecanismos de efectivización de nuestros derechos que terminen con los estereotipos culturales existentes en nuestras sociedades.

Las buenas prácticas deben ser imitadas y deberemos crear otras que nos permitan alcanzar estos fines.

### *Referencias Bibliográficas*

- Garcé García y Santos, Álvaro “Historia del Derecho a castigar. Evolución del Ius Puniendi desde las sociedades primitivas a nuestros días”, Fundación de cultura universitaria, Uruguay, 2017
- González Laurino, Carolina “De las prácticas del castigo de la adolescencia en Uruguay en “Colectivos en situación de vulnerabilidad y acceso a la justicia. Una experiencia multidisciplinaria, OEA- Universidad de la República, Uruguay, 2011
- Fernández, Gonzalo, Derecho Penal y Derechos Humanos, Trilce, Montevideo, 1988
- Porta, Graciela “Colectivos en situación de vulnerabilidad y acceso a la justicia. Una experiencia multidisciplinaria 2010-2011, OEA- Universidad de la República, Uruguay, 2011



# Feminismo & Deuda Feminismo & Dívida

Organizadoras:

*Carolina Pereira Lins Mesquita*

*Juliana Teixeira Esteves*

*Nathalia Lipovetsky*



Las páginas de esta obra fueron concebidas y organizadas conjuntamente por mujeres vinculadas a la *Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública* (RICDP), un caleidoscopio lleno de vida, risas y llantos, silencios y gritos. Denuncia histórica de múltiples opresiones y explotación, basada en una violencia estructural patriarcal, sexista, racista e imperialista propia del capitalismo. Ante ello, las voces del colectivo de treinta y tres escritoras, de Argentina, Brasil, Italia, México y Uruguay, iluminan con su dignidad la noche oscura, intemporal y violenta del patriarcado. Ellas, relatan historias de luchas y resistencias, viven y dan vida, enseñan y aprenden, bailan y caminan hacia la construcción de un mundo libre de toda opresión. Luego de este mensaje fundante de una estética y ética femenina, lleno de vida y esperanzas, nadie podrá permanecer indiferente.

Red Internacional de Cátedras,  
Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública  
RICDP – [www.ricdp.org](http://www.ricdp.org)

As páginas deste trabalho foram concebidas e organizadas conjuntamente por mulheres ligadas à *Rede Internacional de Cátedras, Instituições e Personalidades sobre o Estudo da Dívida Pública* (RICDP), um caleidoscópico cheio de vida, risos e lágrimas, silêncios e gritos. Denúncia histórica de múltiplas opressões e exploração, baseada em uma violência estrutural patriarcal, sexista, racista e imperialista típica do capitalismo. Diante disso, as vozes do coletivo de trinta e três mulheres escritoras, da Argentina, Brasil, Itália, México e Uruguai, iluminam com sua dignidade a noite escura, atemporal e violenta do patriarcado. Elas contam histórias de luta e resistência, vivem e dão vida, ensinam e aprendem, dançam e caminham para a construção de um mundo livre de toda a opressão. Após esta mensagem fundamental de uma estética e ética feminina, cheia de vida e esperança, ninguém pode ficar indiferente.

Rede Internacional de Cátedras,  
Instituições e Personalidades sobre o Estudo da Dívida Pública  
RICDP – [www.ricdp.org](http://www.ricdp.org)

